



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL



MERYANE SOUSA OLIVEIRA

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL (1993-2020): UM
ESTUDO ACERCA DA RECEPÇÃO DE IDEIAS E DA PRODUÇÃO DE
MATERIAIS AO LONGO DE QUASE TRÊS DÉCADAS DE
IMPLANTAÇÃO DA ÁREA

TERESINA/PIAUÍ

2022

MERYANE SOUSA OLIVEIRA

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL (1993-2020): UM
ESTUDO ACERCA DA RECEPÇÃO DE IDEIAS E DA PRODUÇÃO DE
MATERIAIS AO LONGO DE QUASE TRÊS DÉCADAS DE
IMPLANTAÇÃO DA ÁREA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Piauí, como
requisito para a obtenção do grau de Doutor em
Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem
Linha de Pesquisa: Gramática e Léxico: descrição e
ensino
Orientador: Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos

TERESINA/PIAUI
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

O48h Oliveira, Meryane Sousa.
A historiografia linguística no Brasil (1993-2020) : um estudo acerca da recepção de ideias e da produção de materiais ao longo de quase três décadas de implantação da área / Meryane Sousa Oliveira. -- 2022.
362 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2022.
“Orientador: Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos”

1. Historiografia linguística. 2. Linguística. I. Anjos, Marcelo Alessandro Limeira dos. II. Título.

CDD 469.5

MERYANE SOUSA OLIVEIRA

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL (1993-2020): UM ESTUDO ACERCA
DA RECEPÇÃO DE IDEIAS E DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS AO LONGO DE
QUASE TRÊS DÉCADAS DE IMPLANTAÇÃO DA ÁREA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Piauí, como
requisito para a obtenção do grau de Doutor em
Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem
Linha de Pesquisa: Gramática e Léxico: descrição e
ensino
Orientador: Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos

Aprovado em 9 de novembro de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos - UFPI
(Orientador)

Profa. Dra. Maria Cristina Fernandes Salles Altman - USP
(Externo)

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI
(Externo)

Profa. Dra. Maraisa Lopes - UFPI

(Interno)

Prof. Dr. Francisco Alves Filho - UFPI

(Interno)

Dedico esta tese à minha família

AGRADECIMENTOS

Terminar esta tese levou muito tempo e muitos obstáculos tiveram que ser superados. As pessoas nomeadas a seguir foram imprescindíveis para que a pesquisa chegasse ao resultado que se apresenta.

Primeiramente, e não poderia ser diferente, agradeço a Deus pelo dom da vida e por todas as oportunidades a mim dadas por Ele. Nos momentos mais difíceis, foi a Ele a quem recorri e foi nEle que encontrei as respostas e a força para continuar minha caminhada.

Em segundo lugar, tenho que agradecer ao meu querido orientador (e amigo), o professor Dr. Marcelo dos Anjos. Agradeço por ser exemplo de professor e de ser humano (um dos mais gentis e justos que já tive oportunidade de conhecer e conviver). Agradeço pela sabedoria e pelas incontáveis oportunidades de aprendizado. Agradeço por, lá em 2012, o senhor ter acreditado em mim, acreditado que eu poderia chegar à pós-graduação e desde então ter me estimulado de todas as formas, além de sempre tentar tirar de mim o melhor. Sempre me lembrarei e guardarei suas palavras: “Meryane, trabalhe sério que os frutos vêm”. E os frutos vieram. Querido professor, só posso registrar o quando lhe sou grata e o quanto o senhor foi fundamental na minha vida acadêmica. Ao senhor, meu eterno muito obrigada!!

Agradeço à minha mãe (Rosimeire) e aos meus irmãos (Fernanda e Paulo) por todo o apoio e incentivo durante toda a minha caminhada acadêmica, mas principalmente durante os últimos anos, os quais foram bem difíceis para nós, mas que, apesar de todas as dificuldades, nos fortaleceram.

A toda a minha família, minhas avós, tios e tias, primos e primas, madrinha e à minha linda afilhada Camila, que inúmeras vezes me perguntou quando eu finalizaria a tese.

Agradeço à banca, inicialmente, na figura da professora Dra. Cristina Altman, que participou de todas as etapas de qualificação deste trabalho, contribuindo generosamente com sua experiência, além do cuidado e da leitura atenta visivelmente registrados em todos os comentários valiosos que contribuíram imensamente para a consolidação desta pesquisa. Além disso, gostaria de registrar toda a gentileza com que sempre me recebeu ou recebeu meus convites.

À professora Dra. Teresinha Queiroz, que compôs uma das etapas de qualificação desta tese e que grandemente contribuiu com seus comentários e indicações de leitura e pelas sugestões de acréscimos no texto. Registro, também, a gentileza de aceitar meus convites para a composição de minhas bancas desde o mestrado.

À professora Dra. Maraisa Lopes, que sempre se mostrou disposta a ajudar com as etapas da pesquisa, bem como pelos comentários valiosos nas etapas de qualificação desta tese. Agradeço, ainda, pelas palavras de incentivo e pelo aceite para a participação de todas as etapas de qualificação e defesa deste trabalho.

Ao professor Dr. Francisco Filho, pela aceitação do convite para compor a banca de defesa e por todos os ensinamentos enquanto meu professor na graduação e na pós-graduação.

A todos os amigos da universidade, da vida e do trabalho. Meu especial muito obrigada à Raimunda, amiga de todas as horas, de longas conversas e desabafos sobre a tese. Obrigada por todas as leituras, revisões e comentários destinados ao meu texto. À Gláucia, que tanto me ajudou com a aquisição das obras que compuseram os *corpora* desta pesquisa. À Dywilly, amiga tão querida, incentivadora dos meus estudos e sempre disponível para a leitura dos meus textos. Ao Rodrigo, pelas palavras de incentivo e conforto. À Láfity, pela presença e pelas conversas sobre o doutorado. Ao grupo Nupep.

Aos amigos, amigas e familiares que tanto entenderam as minhas ausências.

À Débora, amiga de trabalho tão querida, que, por meio das suas palavras e atitudes, demonstra seu carinho diário, respeito e admiração. Saiba que tudo é recíproco.

Ao Instituto Dom Barreto, na figura da professora Márcia Cristina, pelo apoio e incentivo.

Aos amigos que fiz na USP, que sempre me ajudaram quando precisei de livros, de alguma indicação etc., especialmente ao José Neto e à professora Olga Coelho, sempre dispostos a colaborar.

Agradeço a todos e todas que de alguma forma cruzaram meu caminho nesta jornada, mas que não foram nominalmente citados nestes breves agradecimentos.

RESUMO

Nesta pesquisa, buscou-se desenvolver um estudo sobre o momento de recepção de ideias, bem como da produção de materiais ligados à Historiografia Linguística (HL), considerando o período que vai desde a implementação do primeiro grupo de pesquisa em HL no Brasil, 1993, até o ano de 2020. O trabalho objetiva oferecer um panorama sobre o ‘estado da arte’ da disciplina, isto é, apresentar o que já se conhece sobre a HL a partir de pesquisas realizadas e de materiais produzidos. Para tanto, fez-se uma discussão sobre os fundamentos teórico-metodológicos que embasam a pesquisa, bem como foram feitas considerações acerca da epistemologia da ciência e das categorias de análise como *tradição de pesquisa* (SWIGGERS, 2010; LAUDAN, 2011 [1978]; ALONSO, 2012), *continuidade e descontinuidade* (KOERNER, 1989; 2014 [1995]), *tipo de retórica* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2015; 2019) e *influência* (KOERNER, 2014 [1987]; CAVALIERE, 2020), que auxiliaram na organização e interpretação dos dados da pesquisa. O levantamento contemplou pontos relevantes da produção historiográfica brasileira de modo que se pode chegar a algumas considerações. A narrativa construída favoreceu que se reconheça a HL como uma disciplina autêntica, autônoma e reconhecida pelas instituições e pelos pesquisadores brasileiros. Além disso, pode-se constatar já ser possível identificar uma *tradição de pesquisa* em HL brasileira. Com relação aos *grupos de especialidade* que se formaram no Brasil, as pesquisas demonstraram que eles não se configuraram por suas oposições, apesar de o curso de cada um deles ter sido marcado por características próprias dos líderes e das instituições onde se instalaram. A *retórica* adotada pelos pesquisadores e pelos grupos não se marcou como retóricas de rupturas entre os grupos ou com autores precursores da área, entretanto, algumas *descontinuidades* foram observadas quanto a um ou outro historiógrafo, principalmente, relacionadas aos quadros de trabalho. As *influências* puderam ser observadas entre pesquisadores e grupos de pesquisa. O mapeamento também destacou a presença da HL nas cinco regiões brasileiras, mas com diferenças numéricas significativas entre elas. Por fim, a pesquisa demonstrou que, embora o alvo maior de divulgação e de circulação da HL tenha sido nos programas de pós-graduação, a HL está ocupando, dada sua relevância, com o passar dos anos, mais espaço nas graduações das instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Produção brasileira; Recepção de ideias.

ABSTRACT

This research aimed at developing a study on both the moment of reception of ideas and the production of materials concerned with Linguistic Historiography (LH), considering the period ranging from the implementation of the first LH research group in Brazil, 1993, to the year 2020. This investigation proposes to offer an overview of the ‘state of the art’ of the discipline, that is, to present what is already known about LH based on previous research and materials produced. For this purpose, the study addressed discussions on the theoretical-methodological framework that supports the research and reflected on the epistemology of science and the categories of analysis such as *research tradition* (SWIGGERS, 2010; LAUDAN, 2011 [1978]; ALONSO, 2012), *continuity* and *discontinuity* (KOERNER, 1989; 2014 [1995]), *model of rhetoric* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2015; 2019), and *influence* (KOERNER, 2014 [1987]; CAVALIERE, 2020), which contributed to the organization and interpretation of research data. The survey comprised relevant points of Brazilian historiographic production that permitted drawing some considerations. The constructed narrative favored the recognition of LH as an authentic and autonomous discipline that is recognized by Brazilian institutions and researchers. Moreover, this reveals that it is already possible to identify a *research tradition* in Brazilian Linguistic Historiography. Regarding the *specialty groups* that were formed in Brazil, the studies revealed that they were not organized according to their divergences, although such groupings were marked by specific characteristics of their leaders and institutions where they operated. The *rhetoric* adopted by the researchers and groups was not marked as a rhetoric of rupture between groups or with precursors in the area. However, some *discontinuities*, mainly related to operational frameworks, were observed regarding one or other historiographer. The *influences* could be observed between researchers and research groups. The mapping process also highlighted the presence of LH in the five regions of Brazil, but with significant numerical differences between them. Finally, this research revealed that LH has been occupying, due to its relevance, over the years, more space in undergraduate programs in higher education institutions, although the graduate programs have been the main target of dissemination and circulation of LH.

Keywords: Linguistic Historiography; Brazilian production; Reception of ideas.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, une étude est développée à propos du moment de la réception des idées, ainsi que de la production de documents liés à l'Historiographie Linguistique (HL), en considérant la période dès l'implémentation du premier groupe de recherche en HL, au Brésil, en 1993, jusqu'à 2020. Le travail a le but d'offrir un panorama sur 'l'état de l'art' de la discipline, c'est-à-dire présenter ce qui est déjà connu sur l'HL par des recherches réalisées et des documents produits. Pour ça, une discussion a été faite sur les fondements théoriques et méthodologiques qui soutiennent la recherche, tout comme des considérations ont été faites à propos de l'épistémologie de la science et des catégories d'analyse, tels que *la tradition de recherche* (SWIGGERS, 2010; LAUDAN, 2011 [1978]; ALONSO, 2012), *la continuité et la discontinuité* (KOERNER, 1989; 2014 [1995]), *le type de rhétorique* (MURRAY, 1994; BATISTA, 2015; 2019) et *l'influence* (KOERNER, 2014 [1987]; CAVALIERE, 2020), qui ont aidé dans l'organisation et dans l'interprétation des données de la recherche. L'investigation a contemplé des points importants de la production historiographique brésilienne, afin d'arriver à quelques considérations. Le récit construit a favorisé reconnaître l'HL en tant qu'une discipline authentique, autonome et reconnue par les institutions et par les chercheurs brésiliens. En outre, il est possible remarquer une *tradition de recherche* en HL brésilienne. Concernant des *groupes spécialisés* qui ont été créés au Brésil, les recherches montrent qu'ils ne se configurent pas par leurs oppositions, malgré leurs chemins marqués par des caractéristiques personnelles de leurs dirigeants et de leurs institutions. La *rhétorique* adoptée par les chercheurs et par les groupes n'a pas été marquée comme rhétoriques de rupture entre les groupes ou avec les auteurs précédents de la discipline, néanmoins, quelques *discontinuités* ont été observées quant à tel ou tel historiographe, principalement, quand liées aux cadres de travail. Les *influences* ont pu être observées entre les chercheurs et les groupes de recherche. La cartographie aussi a également mis en évidence la présence de l'HL dans les cinq régions brésiliennes, mais avec des différences quantitatives importantes entre eux. Finalement, la recherche a montré que, même si la principale cible de divulgation et de diffusion de l'HL sont les programmes de master et de doctorat, l'HL, grâce à son importance, prend de plus en plus son espace aux licences dans les institutions des études supérieures.

Mots-clés: Historiographie Linguistique; Production brésilienne; Réception des idées.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro <i>historiografia, epihistoriografia e metahistoriografia</i>	37
Figura 2: Níveis <i>historiográficos</i>	38
Figura 3: Modelos de <i>descontinuidade vs. continuidade</i>	62
Figura 4: Grupos de pesquisa em HL	243
Figura 5: Redes de influências da USP	247
Figura 6: Redes de influências da PUC-SP e do Mackenzie.....	260
Figura 7: Redes de influências da UNESP	267
Figura 8: Redes de influências da UFRJ e UFPA	270
Figura 9: Redes de influências da UFF	272
Figura 10: Redes de influências da UFMG	275
Figura 11: Redes de influências da UFG.....	276
Figura 12: Redes de influências da UFPR.....	277
Figura 13: Redes de influências da UFPB.....	281
Figura 14: Redes de influências da UFPI.....	282

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Produção de Altman, de 1994 a 2020	80
Tabela 2: Produção de Coelho, de 1995 a 2020	83
Tabela 3: Produção de Leite, de 1993 a 2020	85
Tabela 4: Produção de Bastos, de 1997 a 2020	87
Tabela 5: Produção de Palma, de 1993 a 2020	89
Tabela 6: Produção de Hackerott, de 2002 a 2020	90
Tabela 7: Produção de Zanon, de 1998 a 2020.....	92
Tabela 8: Produção de Arakaki, de 2011 a 2020	93
Tabela 9: Produção de Casagrande, de 1998 a 2020	94
Tabela 10: Produção de Nascimento, de 1994 a 2020	96
Tabela 11: Produção de Beccari, de 2005 a 2020	97
Tabela 12: Produção de Portela, de 2000 a 2020	98
Tabela 13: Produção de Moraes, de 2010 a 2020.....	99
Tabela 14: Produção de Gimenes, de 2000 a 2020	100
Tabela 15: Produção de Silva, de 1993 a 2020.....	102
Tabela 16: Produção de Brito, de 1999 a 2020	105
Tabela 17: Produção de Hanna, de 1998 a 2020	106
Tabela 18: Produção de Batista, de 2002 a 2020	107
Tabela 19: Produção de Rosa, de 1994 a 2020	110
Tabela 20: Produção de Alfaro, de 1993 a 2020	111
Tabela 21: Produção de Monserrat, de 1993 a 2020	112
Tabela 22: Produção de Cavaliere, de 1994 a 2020	113
Tabela 23: Produção de Kaltner, de 2007 a 2020	115
Tabela 24: Produção de Vitral, de 1996 a 2020	117
Tabela 25: Produção de Milani, de 2004 a 2020	118
Tabela 26: Produção de Borges Neto, de 1993 a 2020.....	120
Tabela 27: Produção de Faraco, de 1993 a 2020.....	121
Tabela 28: Produção de Luna, de 1994 a 2020	122
Tabela 29: Produção de Iório, de 2003 a 2020	124
Tabela 30: Produção de Anjos, de 2006 a 2020	125
Tabela 31: Produção de Vieira, de 1999 a 2020.....	126

Tabela 32: Produção de Gueiros, de 2010 a 2020	127
Tabela 33: Produção de Poll, de 2005 a 2020	128
Tabela 34: Produção de Nogueira, de 1999 a 2020	129
Tabela 35: Produção de Barros, de 1993 a 2020	131
Tabela 36: Síntese do material analisado	132
Tabela 37: Região Sudeste/ PUC-SP	305
Tabela 38: Região Sudeste/ USP	306
Tabela 39: Região Centro-Oeste/ UFG	307
Tabela 40: Região Sudeste/ UFF-RJ	307
Tabela 41: Região Nordeste/ UFPI	307
Tabela 42: Região Nordeste/ UFPB	308
Tabela 43: Região Sudeste/ UNESP	308
Tabela 44: Região Sudeste/ UPM-SP	308
Tabela 45: Região Sul/ UNIVALI-SC	308
Tabela 46: Região Sul/ UFPR	308

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento dos pesquisadores brasileiros em HL	76
Quadro 2: Artigos publicados por Altman	82
Quadro 3: Artigos publicados por Coelho.....	84
Quadro 4: Artigos publicados por Leite	85
Quadro 5: Artigos publicados por Bastos.....	88
Quadro 6: Artigos publicados por Palma	90
Quadro 7: Artigos publicados por Hackerott.....	91
Quadro 8: Artigo publicado por Zanon	92
Quadro 9: Artigos publicados por Arakaki	94
Quadro 10: Artigos publicados por Casagrande.....	95
Quadro 11: Artigos publicados por Nascimento	96
Quadro 12: Artigos publicados por Beccari	98
Quadro 13: Artigos publicados por Portela	99
Quadro 14: Artigos publicados por Moraes	100
Quadro 15: Artigo publicado por Gimenes	101
Quadro 16: Artigos publicados por Silva	104
Quadro 17: Artigo publicado por Brito	106
Quadro 18: Artigo publicado por Hanna	107
Quadro 19: Artigos publicados por Batista	109
Quadro 20: Artigos publicados por Rosa	111
Quadro 21: Artigos publicados por Alfaro.....	112
Quadro 22: Artigo publicado por Monserrat	113
Quadro 23: Artigos publicados por Cavaliere	114
Quadro 24: Artigos publicados por Kaltner	116
Quadro 25: Artigo publicado por Vitral	117
Quadro 26: Artigos publicados por Milani.....	119
Quadro 27: Artigos publicados por Borges Neto	120
Quadro 28: Artigo publicado por Faraco.....	122
Quadro 29: Artigos publicados por Luna	123
Quadro 30: Artigos publicados por Iório.....	124
Quadro 31: Artigos publicados por Anjos.....	125

Quadro 32: Artigos publicados por Vieira	127
Quadro 33: Artigos publicados por Nogueira.....	130
Quadro 34: Artigos publicados por Barros.....	131
Quadro 35: Disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras	286
Quadro 36: Trabalhos orientados na graduação	291

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produção historiográfica por região do Brasil.....	132
Gráfico 2: Categorias mais usadas em artigos – USP	136
Gráfico 3: Categorias mais usadas em capítulos de livros – USP.....	136
Gráfico 4: Referência a autores precursores da HL em artigos – USP.....	141
Gráfico 5: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – USP	141
Gráfico 6: Definições/explicações da área da HL em artigos – USP	142
Gráfico 7: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – USP.....	143
Gráfico 8: Categorias mais usadas em artigos – PUC-SP	146
Gráfico 9: Categorias mais usadas em capítulos de livros – PUC-SP.....	147
Gráfico 10: Referência a autores precursores da HL em artigos – PUC/SP.....	154
Gráfico 11: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – PUC/SP	155
Gráfico 12: Definições/explicações da área da HL em artigos – PUC/SP	156
Gráfico 13: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – PUC/SP.....	156
Gráfico 14: Categorias mais usadas em artigos – UNESP	158
Gráfico 15: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNESP.....	159
Gráfico 16: Referência a autores precursores da HL em artigos – UNESP	161
Gráfico 17: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – UNESP.....	162
Gráfico 18: Definições/explicações da área da HL em artigos – UNESP.....	162
Gráfico 19: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – UNESP	163
Gráfico 20: Categorias mais usadas em artigos – IFSP.....	164
Gráfico 21: Definições/explicações da área da HL em artigos – IFSP	166
Gráfico 22: Categorias mais usadas em artigos – UNICID-SP.....	167
Gráfico 23: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNICID-SP.	167
Gráfico 24: Categorias mais usadas em artigos – UNINOVE-SP.....	169
Gráfico 25: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNINOVE-SP	169
Gráfico 26: Referência a autores precursores da HL em artigos – UNINOVE/SP.....	170
Gráfico 27: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – UNINOVE/SP	171
Gráfico 28: Definições/explicações da área da HL em artigos – UNINOVE/SP.....	171
Gráfico 29: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – UNINOVE/SP	172
Gráfico 30: Categorias mais usadas em artigos – Mackenzie	173

Gráfico 31: Categorias mais usadas em capítulos de livros – Mackenzie.....	173
Gráfico 32: Referência a autores precursores da HL em artigos – Mackenzie	176
Gráfico 33: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – Mackenzie...	176
Gráfico 34: Definições/explicações da área da HL em artigos – Mackenzie.....	177
Gráfico 35: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – Mackenzie	177
Gráfico 36: Categorias mais usadas em artigos - UFRJ	179
Gráfico 37: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UFRJ.....	179
Gráfico 38: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFRJ.....	183
Gráfico 39: Categorias mais usadas em artigos – UFF	184
Gráfico 40: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UFF.....	184
Gráfico 41: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFF	188
Gráfico 42: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFF.....	189
Gráfico 43: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFF.....	189
Gráfico 44: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UFF	190
Gráfico 45: Categorias mais usadas em artigos – UFMG	191
Gráfico 46: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFMG	192
Gráfico 47: Categorias mais usadas em artigos - UFG	193
Gráfico 48: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFG.....	195
Gráfico 49: Definições/explicações da área da HL em artigos – UFG	196
Gráfico 50: Categorias mais usadas em artigos - UFPR	197
Gráfico 51: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UFPR.....	197
Gráfico 52: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFPR.....	200
Gráfico 53: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFPR.....	201
Gráfico 54: Definições/explicações da área da HL em artigos – UFPR	201
Gráfico 55: Categorias mais usadas em artigos - UNIVALI/SC.....	202
Gráfico 56: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UNIVALI/SC	203
Gráfico 57: Referência a autores precursores da HL em artigos - UNIVALI/SC.....	205
Gráfico 58: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UNIVALI/SC	206
Gráfico 59: Definições/explicações da área da HL em artigos - UNIVALI/SC	207
Gráfico 60: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UNIVALI/SC..	207
Gráfico 61: Categorias mais usadas em artigos - UNICSUL	208
Gráfico 62: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNICSUL.....	208
Gráfico 63: Referência a autores precursores da HL em artigos - UNICSUL	210

Gráfico 64: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UNICSUL.....	210
Gráfico 65: Definições/explicações da área da HL em artigos - UNICSUL.....	211
Gráfico 66: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – UNICSUL.....	211
Gráfico 67: Categorias mais usadas em artigos - UFPI.....	213
Gráfico 68: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFPI	214
Gráfico 69: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFPI	215
Gráfico 70: Categorias mais usadas em artigos - UFPB	216
Gráfico 71: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UFPB.....	216
Gráfico 72: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFPB.....	220
Gráfico 73: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFPB	220
Gráfico 74: Definições/explicações da área da HL em artigos – UFPB	221
Gráfico 75: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UFPB.....	221
Gráfico 76: Categorias mais usadas em artigos - UEMA.....	223
Gráfico 77: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UEMA	223
Gráfico 78: Referência a autores precursores da HL em artigos - UEMA.....	226
Gráfico 79: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UEMA	226
Gráfico 80: Definições/explicações da área da HL em artigos - UEMA	227
Gráfico 81: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UEMA.....	227
Gráfico 82: Categorias mais usadas em artigos - UFPA	228
Gráfico 83: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UFPA.....	228
Gráfico 84: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFPA.....	231

LISTA DE MAPA

Mapa 1: Mapa do Brasil – quantidade de pesquisadores em HL por estado.....	232
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	19
1.1 Em busca de definições e limites para a HL.....	19
1.1.1 Verdade e objetividade na HL	24
1.2 Princípios da HL	26
1.3 Periodização e historiografia do tempo presente	30
1.4 Estatuto metodológico da HL	35
1.4.1 Eixo de investigação (<i>meta</i>) <i>metahistoriográfico</i>	37
1.5 A HL em interlocução com a História, com a Filosofia e com a Sociologia da ciência ...	41
1.5.1 A contribuição de Fleck, Kuhn, Hymes e Laudan para a HL.....	44
1.6 Historiografia analítica	56
1.6.1 Tradição de pesquisa	59
1.6.2 <i>Continuidade e descontinuidade</i>	61
1.6.3 Tipo de retórica	64
1.6.4 Influência	66
1.7 O método da História Serial e da História Quantitativa	68
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	71
2.1 Procedimento metodológico	71
CAPÍTULO 3 – SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> DA PESQUISA	76
3.1 A produção historiográfica brasileira	79
3.1.1 A produção acadêmica de Altman, de 1994 a 2020	79
3.1.2 A produção acadêmica de Coelho, de 1995 a 2020	82
3.1.3 A produção acadêmica de Leite, de 1993 a 2020	84
3.1.4 A produção acadêmica de Bastos, de 1997 a 2020	86

3.1.5 A produção acadêmica de Palma, de 1993 a 2020	89
3.1.6 A produção acadêmica de Hackerott, de 2002 a 2020	90
3.1.7 A produção acadêmica de Zanon, de 1998 a 2020	91
3.1.8 A produção acadêmica de Arakaki, de 2011 a 2020	92
3.1.9 A produção acadêmica de Casagrande, de 1998 a 2020.....	94
3.1.10 A produção acadêmica de Nascimento, de 1994 a 2020	95
3.1.11 A produção acadêmica de Beccari, de 2005 a 2020	97
3.1.12 A produção acadêmica de Portela, de 2000 a 2020	98
3.1.13 A produção acadêmica de Moraes, de 2010 a 2020	99
3.1.14 A produção acadêmica de Gimenes, de 2000 a 2020	100
3.1.15 A produção acadêmica de Silva, de 1993 a 2020	101
3.1.16 A produção acadêmica de Brito, de 1999 a 2020	104
3.1.17 A produção acadêmica de Hanna, de 1998 a 2020.....	106
3.1.18 A produção acadêmica de Batista, de 2002 a 2020	107
3.1.19 A produção acadêmica de Rosa, de 1994 a 2020	109
3.1.20 A produção acadêmica de Alfaro, de 1993 a 2020.....	111
3.1.21 A produção acadêmica de Monserrat, de 1993 a 2020.....	112
3.1.22 A produção acadêmica de Cavaliere, de 1994 a 2020.....	113
3.1.23 A produção acadêmica de Kaltner, de 2007 a 2020	115
3.1.24 A produção acadêmica de Vitral, de 1996 a 2020	117
3.1.25 A produção acadêmica de Milani, de 2004 a 2020.....	117
3.1.26 A produção acadêmica de Borges Neto, de 1993 a 2020	119
3.1.27 A produção acadêmica de Faraco, de 1993 a 2020	121
3.1.28 A produção acadêmica de Luna, de 1994 a 2020	122
3.1.29 A produção acadêmica de Iório, de 2003 a 2020	123
3.1.30 A produção acadêmica de Anjos, de 2006 a 2020.....	124
3.1.31 A produção acadêmica de Vieira, de 1999 a 2020	126
3.1.32 A produção acadêmica de Gueiros, de 2010 a 2020.....	127
3.1.33 A produção acadêmica de Poll, de 2005 a 2020.....	128
3.1.34 A produção acadêmica de Nogueira, de 1999 a 2020	128
3.1.35 A produção acadêmica de Barros, de 1993 a 2020.....	130
3.2 Síntese da quantidade total de materiais produzidos por historiógrafos brasileiros	131
3.3 Descrição dos dados por região do Brasil	132

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA ÁREA DA HL..... 134

4.1 Análise serial dos objetos investigados	134
4.1.1 Produção em HL da USP.....	135
4.1.2 Produção em HL da PUC-SP.....	146
4.1.3 Produção em HL da UNESP	158
4.1.4 Produção em HL do IFSP	164
4.1.5 Produção em HL da UNICID-SP	166
4.1.6 Produção em HL da UNINOVE-SP	168
4.1.7 Produção em HL do Mackenzie	172
4.1.8 Produção em HL da UFRJ.....	179
4.1.9 Produção em HL da UFF-RJ	184
4.1.10 Produção em HL da UFMG.....	191
4.1.11 Produção em HL da UFG	193
4.1.12 Produção em HL da UFPR	197
4.1.13 Produção em HL da UNIVALI-SC	202
4.1.14 Produção em HL da UNICSUL.....	208
4.1.15 Produção em HL da UFPI	212
4.1.16 Produção em HL da UFPB	215
4.1.17 Produção em HL da UEMASUL.....	222
4.1.18 Produção em HL da UFPA.....	228
4.2 Últimas anotações sobre a produção historiográfica brasileira	231

CAPÍTULO 5 – A RECEPÇÃO BRASILEIRA À HL 234

5.1 Os anos de 1990: a institucionalização e a recepção dos primeiros momentos da HL no Brasil.....	234
5.2 A formação de grupos de especialidade em HL.....	239
5.3 Redes de influências	244
5.4 Impacto da institucionalização da disciplina nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação.....	283
5.4.1 Mapeamento dos trabalhos orientados na graduação	289

5.4.2 Mapeamento dos trabalhos orientados na pós-graduação por região, universidade e temática.....	304
---	-----

CAPÍTULO 6 – PROPOSTA DE REVISÃO DAS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE LETRAS	310
--	------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	316
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	319
--------------------------	------------

REFERÊNCIAS DOS <i>CORPORA</i> ANALISADOS (ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVROS)	329
--	------------

INTRODUÇÃO

No Brasil, é significativa a quantidade de grupos de pesquisa e de trabalhos que inserem em suas produções a Historiografia Linguística (doravante, HL)¹ como base teórico-metodológica. Nesse sentido, o tema a ser desenvolvido nesta tese, que está vinculado ao *Grupo de Pesquisa Historiografia (da) Linguística: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas*, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq² e coordenado pelo Professor Doutor Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos, volta-se para a construção de uma narrativa historiográfica do momento de recepção das ideias e de produção de materiais ligados à HL no Brasil.

Considerando, pois, a relevância do ambiente universitário brasileiro das três últimas décadas, favorável ao desenvolvimento de pesquisas em HL, esta tese buscou conhecer em detalhes o *estado da arte* da disciplina, ou seja, nos próximos capítulos, será apresentado o que se conhece sobre a HL no Brasil a partir de pesquisas já realizadas e de materiais produzidos que adotam tal perspectiva.

Uma pesquisa que tenciona reconstruir historiograficamente o que se conhece sobre uma área enfrenta algumas dificuldades dada a quantidade de materiais e o volume de informações com os quais se vai travar contato, mas que, se bem utilizados, podem ajudar a entender a história de uma área de pesquisa, os caminhos que ela traçou durante seu desenvolvimento e, quem sabe, servir a futuros pesquisadores.

Levando em conta a relevância que a HL adquiriu nas últimas três décadas no Brasil, buscou-se, por meio dos capítulos que compõem esta tese, analisar como se deu o processo de institucionalização³ da HL nas universidades brasileiras, bem como os processos que auxiliaram no desenvolvimento e consolidação da disciplina, em um recorte de tempo que vai

¹ Nesta pesquisa, optou-se pela utilização de alguns termos representativos da área ora com iniciais minúsculas, ora iniciais maiúsculas. Buscou-se, para tanto, seguir os seguintes critérios: i) os termos que se referem a áreas ou a disciplinas como, por exemplo, “Historiografia Linguística”, “História”, “Filosofia”, “Sociologia” etc. foram usados com iniciais maiúsculas; ii) os termos que se referem à produção historiográfica em si como, por exemplo, “historiografia” ou ao pesquisador da área “historiógrafo” foram usados com iniciais minúsculas. No caso das expressões “História do Tempo Presente” e “historiografia do tempo presente”, optou-se pelo uso com iniciais minúsculas quando se relacionar ao relato em si mesmo da história que envolve, neste trabalho, o olhar do pesquisador para a atualidade que o cerca. O uso, nessas expressões, com iniciais maiúsculas foi utilizado quando se referir a um tipo de História.

² Endereço para acessar as informações sobre o grupo na Plataforma do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2196204928483826>.

³ Nesta tese, por institucionalização, entende-se o processo que atribui caráter institucional ou oficial a um estabelecimento de ensino ou a um grupo social. A discussão será mais aprofundada no capítulo 5.

desde a implantação do primeiro grupo de pesquisas na área da HL, em 1993, até o ano de 2020. Para tanto, alguns objetivos foram traçados no intuito de orientar a construção dessa narrativa:

- Organizar materiais informativos gerais sobre a área da HL, buscando obter uma visão panorâmica das fontes tomadas em conjunto;
- Promover uma análise da produção dos historiógrafos que compõem os *corpora* desta pesquisa;
- Identificar os processos de ordem pessoal, social, institucional etc. que caracterizaram a institucionalização da HL, buscando investigar como eles atuaram para que a implementação da disciplina ocorresse nas universidades brasileiras;
- Reconstruir o clima intelectual favorável à recepção de ideias, de teorias, de metodologias, da produção de materiais relacionados à HL e da formação de grupos de especialidade;
- Avaliar a recepção das primeiras ideias da HL no Brasil e dos materiais resultantes do desenvolvimento da área;
- Verificar possíveis redes de influências entre pesquisadores e instituições;
- Propor a inserção de uma disciplina relacionada à área da HL nas matrizes curriculares dos cursos de Letras do Brasil.

Isto posto, é importante considerar que a comunidade acadêmica brasileira, a partir de meados de 1980 e início de 1990, começou a experimentar um modelo de referencial teórico e metodológico que se diferenciava de outros panoramas de estudos já estabelecidos no país e é no decorrer de 1990, a partir da recepção e desenvolvimento desses “novos” métodos, que a HL promove a criação de um novo grupo de especialidade reconhecido pelos seus posicionamentos.

Diante do exposto, o que se pretende nesta tese é realizar um mapeamento historiográfico do período de recepção da HL e do momento posterior em que essas ideias iniciais sobre a área ganharam representatividade nas universidades brasileiras.

Ressalte-se aqui que, para além desta **Introdução**, a tese está assim organizada:

No capítulo 1, intitulado **Fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística**, buscou-se definir e estabelecer alguns limites para a área da HL. Neste capítulo, fez-se uma breve discussão sobre o surgimento e conceitualização da área da HL, seguida da apresentação das tarefas da disciplina e do historiógrafo, apresentando, também, considerações sobre pontos centrais que reforçam o entendimento da atividade historiográfica, como a *noção*

de verdade e a *objetividade* pretendida no labor historiográfico. Buscou-se apresentar a HL como disciplina institucionalizada e promotora de um trabalho que se projeta metodológica e epistemologicamente consciente. Além disso, foram discutidas questões relacionadas ao limite temporal delimitado para este trabalho, bem como questões concernentes à implicação dessa periodização para a caracterização de uma historiografia do tempo presente. Ainda neste capítulo, foram feitas considerações acerca da HL articulada à História, à Filosofia e à Sociologia da ciência e foram apresentadas as categorias de análise que auxiliaram a organização e interpretação dos dados da pesquisa. Por fim, foram abordadas algumas considerações sobre a metodologia da *História Serial* e da *História Quantitativa*.

No capítulo 2, intitulado **Metodologia da pesquisa**, foram explicitados os parâmetros metodológicos utilizados na pesquisa, de modo a evidenciar como a investigação foi conduzida.

No capítulo 3, intitulado **Seleção e apresentação dos corpora da pesquisa**, buscou-se fazer um mapeamento⁴ dos materiais que serviram de *corpora* a esta pesquisa, no caso, aqueles produzidos e publicados por pesquisadores brasileiros que operam com a HL como orientação de pesquisa e se reconhecem como historiógrafos da Linguística. Esse mapeamento foi feito a partir da catalogação da produção historiográfica brasileira, a qual se deu por meio do uso de tabelas, quadros, gráficos e da descrição dos dados encontrados até o momento.

No capítulo 4, intitulado **Análise da produção brasileira na área de HL**, fez-se um estudo de toda a produção em HL. Procedeu-se a uma análise individual da produção dos 35 pesquisadores, situando-os por instituição. As informações levantadas foram organizadas em gráficos e, em seguida, foi feito um cruzamento das informações dos pesquisadores, intentando, primeiramente, verificar possíveis influências ou relações existentes entre os historiógrafos de uma mesma instituição, para depois buscar identificar os grupos que se formaram nas universidades e, por meio da análise interna dos textos, artigos e capítulos de livros, verificar quais as categorias mais usadas pelos pesquisadores, quais os autores precursores da área mais citados e quais as definições ou explicações mais recorrentes nesses materiais. Foram apresentadas, ainda, algumas reflexões sobre a produção historiográfica brasileira.

No capítulo 5, intitulado **A recepção brasileira à HL**, fez-se um levantamento sobre a recepção das primeiras ideias relacionadas à HL e à institucionalização da área nas universidades brasileiras. Para tanto, foram discutidos aspectos importantes sobre a formação

⁴ O termo mapeamento é entendido como um recurso metodológico que, de acordo com Coelho, Nóbrega e Alves (2021), viabiliza “uma espécie de descrição inicial da documentação de pesquisa, que procura trazer à tona suas características mais básicas enquanto ‘reflexo (ou depósito) material’ (nas palavras de SWIGGERS, 2013, p. 42) do conhecimento linguístico produzido em determinadas circunstâncias ao longo do tempo” (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021, p. 15).

de grupos de especialidade em HL e sobre as redes de influências construídas entre pesquisadores e instituições. Refletiu-se, ainda, sobre o impacto que a institucionalização da disciplina promoveu nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação do país de modo que, para isso, foi realizado um mapeamento dos trabalhos orientados na graduação e um mapeamento dos trabalhos orientados na pós-graduação por região, universidade e temática.

No capítulo 6, intitulado **Proposta de revisão das matrizes curriculares dos cursos de Letras**, foram levantados alguns pontos importantes sobre a relevância que a HL adquiriu nas universidades nos últimos anos. Assim, neste capítulo, por meio da proposição de uma disciplina, concebe-se a ideia de que a HL passe a ocupar as discussões e as reflexões dos profissionais de Letras, ainda na etapa de graduação. Para tanto, foi elaborada uma ementa para uma disciplina introdutória em HL, optativa, com carga-horária específica, cujo objetivo é, além de tentar fortalecer os currículos, favorecer que os alunos tenham experiências com essa área do conhecimento, oferecendo ao futuro profissional de Letras uma ampla formação básica.

Nas **Considerações finais**, foram resumidos os resultados obtidos por meio das análises, além de terem sido ressaltados aspectos importantes relacionados à divulgação e circulação da HL nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação do país.

Nas seções de **Referências e de Referências dos corpora analisados (artigos e capítulos de livros)**, foram apresentadas as obras que serviram de base para as discussões e referências pontuais no texto.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

1.1 Em busca de definições e limites para a HL

A HL volta seu olhar para o modo como determinado conhecimento linguístico foi produzido e como se deu o seu desenvolvimento ao longo do tempo (ALTMAN, 1998). A HL é uma área de pesquisa que começou a se institucionalizar, na Europa, a partir da década de 1970, e que passou a contar com diversas sociedades científicas, associações, periódicos especializados e grupos de trabalho⁵, em diversos países do mundo (cf. ALTMAN, 2012; BATISTA, 2013; KOERNER, 2014 [1994⁶]; SWIGGERS 2004; 2009; 2013).

No Brasil, é a partir da década de 1990 que trabalhos que seguem as propostas da HL ou da História das Ideias Linguísticas (doravante, HIL) passam a compor a investigação nas universidades. Essas duas vertentes têm como principais divulgadores Ernst Frideryk Konrad Koerner (1939 - 2022), Pierre Swiggers (-)⁷ e Sylvain Auroux (1947 -). Os pesquisadores vinculados à HL seguem as propostas de Koerner e Swiggers, aqueles que se vinculam à HIL seguem as propostas de Auroux. No que diz respeito à HL, o interesse pelo desenvolvimento de uma prática historiográfica no Brasil evidenciou duas perspectivas: de um lado um projeto de produção de ideias, teorias e metodologias ligadas à área, figurando como líderes intelectuais e organizacionais (cf. MURRAY, 1994⁸) Konrad Koerner e Pierre Swiggers; do outro lado um

⁵ Como exemplos de periódicos especializados, de sociedades científicas e de grupos de trabalho na área da HL, Altman (2012) apresenta a seguinte listagem: “pioneiros *Historiographia Linguistica* (desde 1974) e *Histoire, Epistémologie, Langage* (desde 1979), os periódicos especializados: *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (desde 1991), a *Revista Argentina de Historiografía Lingüística* (desde 2009), além dos boletins publicados regularmente pelas sociedades científicas e grupos de trabalho: o da Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage, desde 1979; o da Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas, desde 1984, convertido em publicação periódica desde 2009, sob o título *Language and History*; o da North American Association for the History of the Language Sciences (NAAHoLS), desde 1987; o da Sociedad Española de Historiografía Lingüística, desde 1997; e, ainda, o da mais recentemente criada, em 1999, Sociedade Mexicana de Historiografía Lingüística” (ALTMAN, 2012, p. 19, grifos da autora). Ver também Batista (2013); Koerner (2014 [1994]) e Swiggers 2004; 2009; 2013, que apresentam, em seus textos, listas dessas associações, periódicos e grupos de trabalhos ligados à HL.

⁶ O artigo *Historiography of Linguistics* é datado de 1994. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Susana Fontes, no livro *Quatro décadas de Historiografia Lingüística: estudos selecionados* (2014). No caso de obras antigas e traduzidas, optou-se por citar a data da publicação da tradução de 2014, seguida do ano do texto original. Em casos análogos, foi adotada a mesma sistemática.

⁷ Apesar das várias buscas em *sites* oficiais, livros, artigos, e de consultas a professores com bastante experiência na área da HL, não foi possível localizar a informação sobre a data de nascimento de Pierre Swiggers.

⁸ A referência e as explicações sobre os termos propostos por Murray (1994) podem ser mais bem visualizados na seção 1.5.1 desta tese.

projeto de recepção dessas ideias, teorias e metodologias, sendo reconhecida como uma liderança organizacional e intelectual da área Altman.

Segundo Batista (2013), apresentam-se como os primeiros grupos na área a terem relevância nacional o CEDOCH (Centro de Documentação em Historiografia da Linguística) no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo; o Instituto de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientiae* dos cursos de Letras de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e o grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas.

Todavia, a UNICAMP, apesar de ser citada em vários trabalhos e livros como um centro de referência para divulgação das primeiras ideias relacionadas ao pensamento historiográfico, não se filia diretamente à HL, mas, sim, à HIL. O principal representante e produtor de ideias e teorias ligadas à HIL é Sylvain Auroux e os principais pesquisadores que receberam e divulgaram/divulgam essas ideias e teorias nessa instituição são: Claudia Regina Castellanos Pfeiffer, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, entre outros. Esta tese, por entender que se trata de áreas distintas, isto é, diferem-se tanto no que diz respeito ao quadro teórico quanto ao objeto de estudo, não contou como *corpus* trabalhos que se filiam à vertente da HIL.

Altman (1998), ao expor a ideia por trás do trabalho do historiógrafo da Linguística, afirma que o pesquisador nessa área deve realizar “uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (*história rerum gestarum*⁹) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo” (ALTMAN, 1998, p. 24). Ressalta-se, pois, o fato de que os trabalhos nessa área não devem ser entendidos como compilações de informações sobre as línguas ou a linguagem, mas, sim, como estudos que tomam o conhecimento linguístico, produzido em determinado momento e contexto, como seu objeto de estudo reflexão e interpretação. As crônicas, isto é, trabalhos que se voltam para a listagem de nomes, compilação de informações, datação de eventos relacionados a determinados conhecimentos sobre língua e linguagem, ou mesmo “testemunhos” que fornecem visões sobre determinados eventos, apesar do valor que podem vir a adquirir dentro dos estudos das ciências da linguagem, não são o fim, mas fontes para o trabalho do historiógrafo. Segundo Koerner (2014 [1995]¹⁰):

⁹ No *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, o termo *história rerum gestarum* é assim descrito: “o conhecimento de tais fatos ou a ciência que disciplina e dirige esse conhecimento” (ABBAGNANO, 2007, p. 502), ou seja, o termo *história*, nessa perspectiva, significa o conhecimento dos fatos ou a ciência que estuda os acontecimentos no tempo.

¹⁰ O artigo *Persistent Issues in Linguistic Historiography* é datado de 1995. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Altman, no livro *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados* (2014).

Devemos a Croce (1915) a distinção entre crônica e história. A primeira consiste em registrar meramente os acontecimentos do passado, sem oferecer qualquer tentativa de distinguir entre um acontecimento significativo e outro insignificante. É importante dar um passo mais além e procurar distinguir história de historiografia, parcialmente para tentar deixar claro o afastamento de trabalhos anteriores no campo que, muito frequentemente, tenderam a ser histórias partidárias, o que Butterfield (1931) chamou de ‘Whig histories’ (KOERNER, 2014 [1995], p. 46).

A tarefa da HL não se resume à listagem e/ou datação, mas a atividades efetivas de descrição e análise linguística (cf. ALTMAN, 1998).

Diante disso, ressalta-se o caráter investigativo que deve estar presente em uma narrativa historiográfica e não se deve confundi-la com uma narrativa interessada apenas em informações ou acontecimentos passados, exclusivamente por serem acontecimentos passados. Assim, nas palavras de Altman (1998):

Não se trata, pois, de incluir quaisquer fatos passados, só por serem passados. Com efeito, centenas de pessoas atravessaram o Rubicon no ano 49 a. C., mas só a passagem de César é que pode ser relacionada com o estabelecimento de uma nova ordem social e econômica no Império Romano. As demais pessoas que atravessaram o rio, nesta e em outras épocas, não trouxeram implicações semelhantes para o quadro de reflexão do historiador da Roma Antiga (o exemplo é de Schaff 1991:210) (ALTMAN, 1998, pp. 24-25).

Tendo esta discussão a finalidade de apresentar os objetivos fundamentais da HL, faz-se imperativo, ainda, explicitar a diferença existente entre *história* e *historiografia*, esclarecendo que se trata de estatutos e dimensões distintas, não sendo, portanto, a HL coextensiva à história da Linguística (cf. ALTMAN, 2012).

Avram Noam Chomsky (1928 -)¹¹, em texto publicado no ano de 1997, na revista D.E.L.T.A.¹², resultado de uma palestra proferida no Brasil no ano anterior, deixa claro seu posicionamento a respeito do que ele entende por historiografia padrão, à qual o linguista se reporta como uma disciplina que não se atém ao que, no seu ponto de vista, seria de fato

¹¹ Em evento *online* “I Workshop de Filosofia e História da Linguística”, organizado pela UFPR, no dia 13/11/2020, às 9:00 da manhã, Cristina Altman (USP), que compôs a Mesa-redonda 2, intitulada “Retrospectivas e perspectivas em historiografia da linguística”, juntamente com a professora Olga Coelho (USP), com a fala “Filosofia, Linguística e suas Historiografias”, apresenta inicialmente uma contextualização do momento de emergência da HL como disciplina acadêmica e, na ocasião, ao mencionar um exemplo para o que seria uma *História propagandística*, exibe a tradução de um trecho do texto de Chomsky, publicado na revista D.E.L.T.A., em 1997, que serve de mote para esta discussão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5muPj0HuxtC>. Acesso em: 22 dez. 2020.

¹² A revista DELTA - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada é publicada desde 1985 na PUC-SP. Informações disponíveis em: <https://revistas.pucsp.br/delta>. Acesso em: 16 mar. 2021.

importante em uma esfera que se pretende científica. Para o referido autor, o que realmente importa, em um trabalho que se julga científico, são as ideias em si e, por assumir essa posição, Chomsky (1997) minimiza a importância de fatores exteriores ao fato, como as influências, o contexto, o período em que determinado evento ocorreu etc. Ainda segundo o autor, essas informações, que não têm foco nas ideias em si, oferecem “uma versão enganosa” sobre o fato. Para ele, “Existem certas ideias que surgem e são alteradas e modificadas e, a menos que você olhe para essas ideias, você realmente não entende a História das Ideias” (CHOMSKY, 1997, p. 104, tradução nossa)¹³. À guisa de ilustração sobre essas concepções, faz-se oportuno reler as palavras do linguista estadunidense:

Estou interessado nas ideias. Não me importa como foi o café da manhã da pessoa que expressou as ideias ou o que ela leu e assim por diante, mas, sim, como as ideias se desenvolveram nas mais diversas tradições. Se você observar as ideias, encontrará uma continuidade relevante. Um dos problemas da história intelectual, na minha opinião, é que ela quase não se atém às ideias. Dá-se atenção a outras coisas, como ‘as influências’ e ‘quem falou com quem’ etc. Isso oferece uma versão enganosa de como as ideias se desenvolveram (CHOMSKY, 1997, p. 104, tradução nossa)¹⁴.

O ponto de vista exposto, ao levar em consideração apenas a essência do fato em si mesmo, desconsidera a relevância dos fatores extralinguísticos, tão caros à história das ciências da linguagem e à HL. Na sua linguística, Chomsky não considera a “performance” ou “desempenho” como elemento relevante para a análise linguística, de modo que seu objeto é uma competência cerebral, não uma língua “real”. Assim, o mundo das ideias chomskyano está no cérebro dos estudiosos, não no mundo “real” das escolas, livros, discussões entre estudiosos etc.¹⁵

Na contramão desse posicionamento, a HL se imprime como um campo de atuação que sobreleva a importância dos fatores intra e extralinguísticos, em favor de uma narrativa que os correlacione (cf. KOERNER, 1989). Koerner (1989), em texto intitulado *Models in Linguistic Historiography*, sumariza algumas ideias a fim de demarcar a importância dos estudos da história da Linguística para o próprio campo da Linguística. O autor propõe o estabelecimento

¹³ Ver texto original: “*There are certain ideas that come up, and get changed, and get modified, and, unless you look at those ideas, you don't really understand History of Ideas*” (CHOMSKY, 1997, p. 104).

¹⁴ Ver texto original: “*I'm looking at the ideas. I don't care what the person who expresses the ideas had for breakfast that morning, or read yesterday and so on, but rather how the ideas developed in many different traditions. If you look at the ideas, you find serious continuity. One of the problems of intellectual history in my opinion, although is called the History of Ideas, it often pays little attention to ideas. What it pays attention to is other things, like 'influences', and 'who spoke to whom', and so on and so forth. That often gives you a very misleading account of how ideas developed*” (CHOMSKY, 1997, p. 104).

¹⁵ Agradeço à professora Cristina Altman pela reflexão apresentada sobre o mundo das ideias chomskyano.

de uma metodologia para a HL, além de modelos para a compreensão dessa história. Sobressai, nessa discussão, o argumento de que as mudanças que ocorrem na Linguística acontecem correlatamente em outros campos do conhecimento, daí a importância de os modelos não considerarem apenas os fatores intralinguísticos. Desse modo, para Koerner:

[...] é uma observação comum que as disciplinas não operem no vácuo, mas dependam de uma sociedade que as apoie e de ideias (e, às vezes, ideologias) para sustentá-las. Nem é preciso dizer que o historiador da linguística sério teria que tentar rastrear e analisar esses fatores extralinguísticos (KOERNER, 1989, pp. 54-55, tradução nossa)¹⁶.

Sendo assim, o autor supracitado não intenta definir modelos prontos que devam ser aplicados na área da HL, mas busca deixar claro que o pesquisador precisa desenvolver uma metodologia que se adapte à natureza do trabalho e às demandas da HL e que, principalmente, seu trabalho deva levar em conta tanto os fatores internos quanto os externos, a fim de estabelecer uma narrativa historiográfica.

Uma atividade historiográfica se delinea, pois, por considerar dois parâmetros vistos como complementares, quais sejam: *parâmetros internos* e *externos* de pesquisa (cf. ALTMAN, 1998). A proposta deste trabalho se volta, então, para uma tentativa de correlacionar, na medida do possível, tais eixos de pesquisa.

Para Altman (1998), o trabalho historiográfico, ao focar na *dimensão interna*, volta-se para “a dimensão cognitiva do desenvolvimento da disciplina” (ALTMAN, 1998, p. 25). Desse modo, o enfoque *internalista* busca reconstruir os estudos sobre a linguagem por meio de análises, reformulações e práticas no tratamento das línguas. Já a dimensão externa volta-se para a “dimensão individual e social” (*op. cit.*, p. 25), interessando-se, para tanto, pelo aspecto social como parte de um processo histórico.

Dito de outra forma, pretende-se focar em aspectos que sobrelevem a *dimensão interna*, dado que foram analisadas perspectivas intelectivas do desenvolvimento da disciplina, e aspectos que sobrelevem a *dimensão externa*, haja vista que foram considerados aspectos individuais e sociais relacionados a essa área do conhecimento, visto que se pretende reconstruir historiograficamente momentos da história da HL brasileira.

¹⁶ Ver texto original: “[...] it is a common-place observation that disciplines do not operate in a vacuum but are dependente on a society that supports them and ideas (and, at time, ideologies) to sustain them. It goes without saying that the serious historian of linguistics would have to try to trace and to analyze these extra-linguistic factors” (KOERNER, 1989, p.55).

Swiggers (2004) menciona uma visão ainda difundida sobre os trabalhos no âmbito da HL, a concepção de que “a historiografia é, por si mesma, uma disciplina que subordina a sistematização e a exaustividade da informação”¹⁷ (SWIGGERS, 2004, p. 113, tradução nossa), isso porque se atribui, muitas vezes, um caráter “totalitário” à história e à historiografia de uma disciplina. Entretanto, essa seria uma visão muito reducionista e ilusória e, como diz o próprio autor, “nunca alcançável na prática para qualquer tipo de historiografia”¹⁸ (*op. cit.*, p. 113, tradução nossa). Essa discussão coloca tanto o objeto quanto o objetivo da HL no centro do debate, além da questão da “verdade” dos fatos históricos, posto que é próprio do trabalho científico definir e delimitar objetivamente seu campo de estudo.

Quanto à noção de *verdade* e considerando o estatuto científico inerente à HL, segue-se, no subtópico a seguir, uma reflexão a respeito da busca pela *verdade* e pela *objetividade* dos fatos na HL.

1.1.1 *Verdade e objetividade* na HL

Sobre a *objetividade* e a busca da *verdade* dos fatos históricos, Batista (2007) aponta que essa ideia é extremamente complexa por considerar que o estabelecimento de um fato a ser estudado pressupõe uma tomada de posição, que não é neutra, em razão de se operar com um recorte feito pelo próprio pesquisador, o que, a seu ver, elimina “a possibilidade de um olhar neutro, objetivo nesse sentido, de caracterizar algo como verdadeiro” (BATISTA, 2007, p. 15).

A noção de *verdade* sempre promoveu debates sobre sua natureza e concepção por parte de historiadores, filósofos e por aqueles que cultivam interesse pela ciência. Mas o que seria essa “verdade” tão ambicionada por quem faz ciência? O conhecimento histórico seria capaz de fornecer “verdades”? Seria possível chegar a tais respostas? Esses são alguns questionamentos que podem promover o desenvolvimento e a percepção sobre a própria História, principalmente no que diz respeito à correlação que existe entre o sujeito e seu objeto de investigação.

A relevância desse debate está, principalmente, no fato de que o conhecimento histórico é marcado por convicções, interesses e juízos de valor dos sujeitos envolvidos no processo. Reis (2000), nesse sentido, afirma que “todo conhecimento histórico é ao mesmo tempo uma

¹⁷ Ver texto original: “*la historiografía es, por sí misma, una disciplina que subordina la sistematización a la exhaustividad de la información*” (SWIGGERS, 2004, p. 113).

¹⁸ Ver texto original: “*nunca alcanzable en la práctica para cualquier tipo de historiografía*” (SWIGGERS, 2004, p. 113).

tomada de posição, um ponto de vista relativo e quer ser verdadeiro” (REIS, 2000, p. 327). A noção de *verdade*, para o autor, transcende o conhecimento histórico, uma vez que os sujeitos que a constroem assumem determinadas posições em relação a ela.

Para Bédarida (2006), a *verdade*, como componente histórico, precisa ser verificada dentro de um campo de aplicação:

Daí a necessidade de distinguir os níveis de verdade histórica, que comportam maior ou menor grau de aproximação e diferentes estágios de certeza, mas nos quais a mesma aspiração elevada deve sempre repercutir na consciência do historiador (BÉDARIDA, 2006, p. 224).

Bédarida (2006) considera, ainda, que a busca pela *verdade* na História deva ser a “regra de ouro de todo historiador digno desse nome” (BÉDARIDA, 2006, p. 222) e que, mesmo que o historiador/históriógrafo tenha consciência de que não consegue dominá-la, deve-se, pelo menos, tentar se aproximar dela. Nessa ótica, ao historiador/históriógrafo cabe também o papel de verificar suas asserções.

Eis que essa discussão pode valer-se, ainda, das palavras de Cavaliere (2013) quando ele afirma que “a verdade não mora em domicílio único nem tem endereço certo” (CAVALIERE, 2013, p. 375).

Esse *status* de “problema” levantado por essa discussão, especificamente sobre a *verdade* dos fatos, reforça a ideia de que a eleição de um material ou objeto de pesquisa, por si só, tem caráter subjetivo, visto que envolve escolha e seleção baseadas em critérios do historiógrafo. A *objetividade*, contudo, deve ser algo a ser perseguido sempre. Koerner (2014 [1995]), ao propor um quadro teórico-metodológico para a HL, sobreleva a importância da busca pela *objetividade* dos fatos, dado que tal comportamento por parte do historiógrafo o ajuda a “evitar armadilhas da investigação histórica que, frequentemente, é motivada por outros interesses que não os de repor a verdade” (KOERNER, 2014 [1995], p. 62). A proposta de Koerner, ao passo que reconhece a dificuldade do tratamento objetivo por parte do historiógrafo, também valida a atividade historiográfica, demonstrando que uma consciência teórico-metodológica ajuda o pesquisador a “manter os pés no chão” (*op. cit.*, p. 62). Assim, nas palavras de Koerner, “alguns relatos históricos são mais verdadeiros do que outros; o uso de dados históricos e de provas textuais para estabelecer uma interpretação particular de um documento tem alguma validade e não é simplesmente o resultado da fantasia de um historiador” (*op. cit.*, p. 62).

No que se refere às considerações sobre a *objetividade* que deve estar no horizonte de investigação do historiógrafo, esta pode ser apreendida se houver por parte do pesquisador um comprometimento metodológico, ao levar a cabo, por exemplo, um prognóstico cuidadoso sobre o *clima de opinião* da época, sobre o tratamento dado às fontes, sobre o uso de determinadas terminologias, sobre a avaliação de influências diretas explicitamente documentadas etc. Ainda com Koerner (2014 [1995]), “para um verdadeiro historiógrafo da linguística, tal falta de cuidado com a prova disponível é inaceitável, onde quer que estes argumentos sejam propostos” (KOERNER, 2014 [1995], p. 61).

A atividade ligada à HL, portanto, deve ser metodológica e epistemologicamente consciente (cf. KOERNER, 2014 [1994]), uma vez que não se refere a uma simples narração de acontecimentos passados ou mesmo acontecimentos relacionados ao tempo presente, antes toma esse passado/presente como parte constituinte da disciplina que deve se alicerçar em uma metodologia sistemática e bem delimitada, além de buscar uma reflexão sobre a própria teoria e seus fundamentos.

No tocante a esta tese, tais questões ganham relevância em face de sua busca não por uma verdade, mas por perspectivas que, a partir da interpretação do historiógrafo, apresentem dados concretos sobre os fatos históricos.

Feitas essas considerações iniciais, passa-se, no próximo tópico, à apresentação dos *princípios* gerais delineados para a HL, a fim de vislumbrar sua importância e sua pertinência para os estudos historiográficos e, conseqüentemente, para a proposição desta tese.

1.2 Princípios da HL

Na primeira parte deste estudo, fez-se uma breve discussão sobre o surgimento e conceitualização da área da HL contemporânea, seguida da apresentação das tarefas da disciplina e do historiógrafo, apresentando, nesse ínterim, considerações sobre pontos centrais que reforçam o entendimento da atividade historiográfica, como a noção de *verdade* e de *objetividade* pretendida no labor historiográfico. Ademais, buscou-se apresentar a HL como disciplina institucionalizada e promotora de um trabalho que se projeta metodológica e epistemologicamente consciente.

Isto posto, há que se mencionar os *princípios* propostos por Koerner (2014 [1994]), que visam a auxiliar o historiógrafo da Linguística a promover uma atividade científica metodologicamente bem fundamentada. Koerner (2014 [1994]) reporta-se a um texto escrito

por ele mesmo no ano de 1972 em que argumenta a favor do que ele denomina ser um quarto tipo de escrita sobre a história da Linguística, o qual passa a ser designado de “Historiografia Linguística” e é proposto por ele como diferente dos outros três tipos¹⁹ de escrita da história sobre a Linguística, os quais foram produzidos e, pode-se dizer, reproduzidos nos últimos 125 anos (cf. KOERNER, 2014 [1994]). Esse limite temporal, por sua vez, revela o decurso e a importância do desenvolvimento dos estudos nessa área. Contudo, é no texto de 1995 que Koerner discute, de forma mais detida, os *princípios* de investigação e os procedimentos que acredita serem fundamentais para uma boa prática historiográfica.

O autor reconhece que, desde os anos de 1980, os debates sobre a metodologia historiográfica, voltada para história da Linguística, ganharam bastante repercussão e, paralelamente a isso, a falta de guias que orientassem metodologicamente os trabalhos desenvolvidos na área motivou a elaboração de uma proposta, baseada em *princípios*, que acabou viabilizando a ascensão de termos mais amplamente aceitos na área, mas sem unanimidade, no que diz respeito ao sentido e à aplicabilidade. Koerner (2014 [1995]) propôs, então, três *princípios* que, segundo ele, auxiliam o historiógrafo e ajudam-no a evitar possíveis abusos da linguagem técnica, a saber: os *princípios* da *contextualização*, da *imanência* e da *adequação*. Segue uma síntese das ideias do autor:

1º O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram. Na verdade, o que Goethe chamou de *Geist der Zeiten* sempre deixou as suas marcas no pensamento linguístico. Por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta (considere-se a discussão sobre a ‘ordem natural’ da

¹⁹ Koerner (2014 [1994]) desenvolve tópicos, em seu texto, em que explica e exemplifica o que ele considera ser os quatro tipos de histórias da Linguística, quais sejam: as de primeiro tipo ou “compilação de histórias da linguística”, as quais o autor define como um quadro teórico que pode ser descrito como “a compilação de histórias que consideram a evolução da área como tendo decorrido de uma forma essencialmente unilinear, com os desenvolvimentos mais recentes a representarem um avanço relativamente a atividades anteriores” (KOERNER, 2014 [1994], p. 18), cujo melhor exemplo é a obra *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie* (1869), de Benfey; as de segundo tipo ou “histórias da linguística comemorativas ou propagandísticas”, que, segundo o autor, podem ser caracterizadas pela intenção de “lançar uma campanha para se opor a visões anteriormente apreciadas e a doutrinas ainda em vigor” (*op. cit.*, p. 20), cujo melhor exemplo é a obra *Cartesian linguistics* (1966), de Chomsky; as de terceiro tipo ou “histórias isoladas da linguística (*Problemgeschichte*)”, que “nem pretende defender um quadro específico ou ‘paradigma’, nem tenta apresentar um argumento a favor de uma revolução científica dentro da disciplina” (*op. cit.*, p. 21), para a qual o melhor exemplo é a obra *Sprachwissenschaft* (1955), de Arens e, por último, as de quarto tipo ou “historiografia linguística”, que “consistia na apresentação do nosso passado linguístico como uma parte integrante da própria disciplina e, ao mesmo tempo, como uma atividade fundada em princípios bem definidos, que pode competir, em termos de solidez do método e rigor de aplicação, com os da própria linguística” (*op. cit.*, p. 23), cujos representantes são Koerner (1972c), (1976) e Simone (1975).

organização sintática, na França do século XVIII, na qual o francês foi apresentado como uma língua superior às outras, e as aspirações de supremacia política da França no mesmo período). Esta primeira diretriz pode ser chamada de ‘princípio da contextualização’.

2º O próximo passo que o historiógrafo da linguística deveria dar consiste em tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico. É desnecessário dizer que se deve abstrair da sua própria formação linguística e dos compromissos atuais na linguística. O quadro geral da teoria a ser investigada, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. Esta consideração pode ser chamada de ‘princípio da imanência’.

3º Só depois de terem sido concisamente seguidos os dois primeiros princípios, de forma a que uma dada manifestação linguística tenha sido compreendida no seu contexto histórico original, o historiógrafo pode aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão. Talvez possamos chamar a este último passo de ‘princípio da adequação’ (KOERNER, 2014 [1995], pp. 58-59).

Em linhas gerais, para Koerner (2014 [1995]), os três *princípios* “deveriam ter uma aplicação muito mais ampla em historiografia linguística” (KOERNER, 2014 [1995], p. 58) pelo fato de que, ao cumpri-los, o historiógrafo da Linguística evitaria distorções de ideias e intenções dos autores do passado.

Especificamente, no que se refere ao princípio da *adequação*, há que se fazer uma ressalva, tendo em vista que seu uso se justifica quando o historiógrafo analisa textos mais afastados do *tempo presente* e, para manuseá-los, precisaria fazer aproximações modernas ao vocabulário de determinado material. Considerando, pois, os materiais que serviram como os *corpora* desta pesquisa, essa aproximação vocabular não foi necessária, posto que os documentos fazem parte ou foram produzidos na atualidade²⁰, logo, não convém empregar tal princípio.

²⁰ O termo *atualidade* ou *contemporaneidade*, nesta pesquisa, é entendido em relação ao tempo que circunda o momento de proposição desta tese. Agamben (2009) problematiza a ideia convencional sobre o termo *contemporâneo*, isto é, como sinônimo de momento presente. Para o autor não se pode confundir o *contemporâneo*, a *atualidade* com o *presente* ou, ainda, com a *instantaneidade*, nas suas palavras “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Em seu texto de 2009, que retoma uma lição inaugural do curso de Filosofia Teorética 2006 - 2007 junto à Faculdade de Arte e Design do IUAV de Veneza, o autor recupera as ideias de Nietzsche como uma primeira referência para a discussão e afirma que “Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa desconexão e numa dissociação” (*op. cit.*, p.58). O que se pode depreender de suas ideias, incluindo aí a referência a Nietzsche, é que a *atualidade* ou a *contemporaneidade* reivindica para si uma relação entre o tempo e aquele que se insere nele, entretanto, é preciso manter um posicionamento crítico de um em relação ao outro, já que é difícil se perceber imerso em um tempo e conseguir se posicionar em relação a ele. Assim, a *atualidade* ou a *contemporaneidade*, quando abordada nesta pesquisa, levou em consideração a relação indivíduo e tempo, buscando uma articulação entre eles.

Parece claro, então, a partir dos *princípios* propostos por Koerner, que a HL não pode ser estudada como se ela fosse independente de outros conhecimentos ou mesmo teorias. O primeiro princípio, o da *contextualização*, traz em seu cerne essa concepção e, como reforça Koerner (2014 [1995], p 49), seria “uma trivialidade dizer que a história da Linguística não pode ser estudada no vazio”. O que ocorre, na verdade, é uma relação de confluência entre os três *princípios* e, principalmente, entre o princípio da *contextualização* e a ideia de *clima de opinião* de determinada época. Sobre isso, Koerner (2014 [1995]) baseia sua argumentação em Carl Lotus Becker (1873-1945), ao afirmar que o conceito de *clima de opinião* é “particularmente útil para traçar a atmosfera de um dado período em que certas ideias floresceram, foram recebidas ou rejeitadas” (KOERNER, 2014 [1995], p. 50). Segundo Becker (1971 *apud* KOERNER, 2014 [1995]), o termo poderia ser exemplificado da seguinte maneira:

Se argumentos são aceitos ou não, depende menos da lógica que expressam do que do clima de opinião em que eles são sustentados. O que torna a argumentação de Dante ou a definição de São Tomás sem sentido para nós não é a má lógica ou falta de inteligência, mas o clima de opinião medieval – aquelas concepções instintivamente sustentadas, em sentido amplo, aquela *Weltanschauung*, ou visão de mundo – que impuseram a Dante ou a São Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica. Para compreender por que nós não conseguimos seguir facilmente Dante ou São Tomás é necessário entender (como pode ser) a natureza desse clima de opinião (BECKER 1971 *apud* KOERNER 2014 [1995], p. 50, tradução nossa)²¹.

A compreensão que envolve a noção de *clima de opinião* exposta na citação supra ganha notoriedade nos estudos em HL na medida em que auxilia o historiógrafo a melhor compreender o significado histórico dos materiais selecionados, tendo em vista que faz referência à atmosfera intelectual de um determinado período. Contudo, faz-se oportuno mencionar a advertência de Koerner (2014 [1995], p. 51):

Aqueles que trabalham na história da linguística terão certamente aprendido a ter em conta a observação de Becker, embora também tenham aprendido que não é apenas o clima de opinião de um período que deverá ser reconstruído, mas muitos outros fatores para que possamos obter uma compreensão mais fidedigna do contexto intelectual geral em que as teorias particulares se

²¹ Ver texto original: “Whether arguments command assent or not depends less upon the logic that conveys than upon the climate of opinion in which they are sustained. What renders Dante’s argument or St. Thomas’s definition meaningless to us is not bad logic or want of intelligence, but the medieval climate of opinion – those instinctively held conceptions, in the broad sense, that *Weltanschauung* or world pat tem – which imposed on Dante and St. Thomas a peculiar use of the intelligence and a special type of logic. To understand why we cannot easily follow Dante or St. Thomas it is necessary to understand (as well as may be) the nature of this climate of opinion” (BECKER, 1971 *apud* KOERNER, 2014 [1995], p. 50).

desenvolveram, então uma história amplamente definida de ideias que pode ser útil, mas que não será uma panaceia.

Cumprir mencionar, por fim, que a proposta desta tese se constrói fundamentalmente na tentativa de dar um tratamento cuidadoso a determinados aspectos considerados basilares para a HL, sendo um deles, a consideração de *parâmetros externos* de análise que abrangem, não só, mas principalmente, o *princípio da contextualização* e a percepção de um *clima de opinião* ou o *espírito da época*²² que circunda determinado período e agentes que estão envolvidos em um contexto social/político/histórico. Desse modo, a fim de evidenciar a pertinência de tal proposta e a conexão com os objetivos da pesquisa, foram empreendidas análises que valorizam os aspectos contextuais. Para a realização dessa etapa, pretende-se cumprir dois objetivos:

- Investigar os processos intelectuais que caracterizaram a institucionalização da HL no intuito de identificar como esses processos (de ordem pessoal, social e/ou institucional) atuaram na implementação da disciplina nas universidades brasileiras;
- Reconstruir, na medida do possível, o *clima intelectual* do início da década de 1990 favorável à recepção de ideias, teorias, metodologias etc., para a produção de materiais relacionados à HL e para a formação de grupos de especialidades.

O próximo tópico versará sobre o limite temporal delimitado para este trabalho, bem como sobre a implicação dessa periodização na caracterização de uma historiografia do tempo presente.

1.3 Periodização e historiografia do tempo presente

Um tópico importante em um trabalho que se propõe a ser uma pesquisa historiográfica diz respeito à *periodização*, isto é, à circunscrição de um intervalo de tempo que, para os fins desta tese, coincide com o recorte do tempo estabelecido como fio condutor da pesquisa. Le Goff (2015)²³, ao tratar do termo *periodização*, afirma que “indica uma ação humana sobre o

²² O termo “clima de opinião”, proposto por Carl Lotus Becker (1873-1945), tem na HL o termo correspondente “espírito da época”, tradução do termo em alemão *Zeitgeist*, usado para se referir, como afirma Altman (2021) baseada em Koerner (1984), ao “[...] ‘clima de opinião’ do momento em que o texto sob exame se insere, que se poderia definir, aproximadamente, como o que cada membro de cada geração deve ter aprendido por pertencer a tal ou qual época” (ALTMAN, 2021, p. 28).

²³ O livro “A história deve ser dividida em pedaços?”, cuja primeira edição data de 2015, foi a última obra produzida por Jacques Le Goff, falecido em 2014.

tempo e sublinha que seu recorte não é neutro” (LE GOFF, 2015, p. 12). Para o autor, recortar o tempo em períodos é algo necessário à História, visto que propicia a própria constituição de um objeto de reflexão para o historiador e “tem uma significação particular; em sua própria sucessão, na continuidade temporal ou, ao contrário, nas rupturas que essa sucessão evoca” (*op. cit.*, p. 12).

Em HL, um elemento importante para compor o quadro de trabalho do pesquisador da área é o componente metodológico, o qual favorece, dentre outras coisas, o estabelecimento de critérios relacionados à periodização, isto é, o historiógrafo demarca um período histórico que passará a ser entendido como uma unidade a ser considerada na análise. Entretanto, há de se ter plena consciência do uso da *periodização* na organização de um trabalho que explora esse tipo de dispositivo, visto que, por um lado, esse recurso pode auxiliar o historiador/historiógrafo²⁴ no controle ou no uso do tempo e, por outro, pode ocasionar possíveis problemas de julgamento do passado.

A questão da *periodização*, nessa perspectiva, ajuda os historiógrafos a buscarem novas maneiras de recortar o tempo e de pensar a relação passado, presente e futuro. Segundo Barros (2012), “o que faria de um historiador um historiador seria o fato de que ele estuda os homens imersos na temporalidade, vivendo o tempo, percebendo o tempo, produzindo o tempo” (BARROS, 2012, p. 183). Partindo desse ponto de vista, um historiador que estuda o passado pode também estudar o tempo presente.

No que diz respeito à História que toma como recorte o *tempo presente*, as reflexões estão inseridas em longa e já consolidada tradição de pesquisa. Um historiógrafo/historiador que se propõe a uma atividade que toma por objeto fatos recentes, como é o caso desta pesquisa, depara-se com uma realidade em que o fato estudado se encontra muito próximo do momento do acontecimento, o que, na visão de muitos, acaba por comprometer o distanciamento desejável que o pesquisador deve ter do seu objeto de análise.

A *História do Tempo Presente* tem promovido inovações teóricas e metodológicas no campo da produção historiográfica, todavia, trabalhos dessa lavra ainda causam certa

²⁴ Segundo Batista (2020), “o historiógrafo (termo a par de historiografia) é aquele pesquisador que descreve e interpreta a história. No entanto, não se pode ignorar o massivo uso do termo historiador para caracterizar essa figura intelectual. Em nossas reflexões, como é costume na HL, vamos manter a distinção entre história (conjunto de fatos e eventos) e historiografia (trabalho de construção de uma interpretação sobre fatos e eventos históricos). Assim, também como usual na HL, adotaremos o termo historiógrafo para aquele envolvido na atividade historiográfica. Antes de delinear especificamente o campo historiográfico em linguística, usaremos o par historiador/historiógrafo para referência ao pesquisador” (BATISTA, 2020, 32). Optou-se, nesta pesquisa, pela distinção proposta por Batista (2020).

resistência por parte de alguns membros da comunidade de historiadores, pois ainda é muito sólida a ideia de que o estudo da História deva se manter distante do tempo do acontecido.

Essa visão retrospectiva dos fatos consolida uma concepção sobre a História que a vê como indispensável para promovê-la como uma ciência com métodos e práticas de estudos próprios. A História, segundo esse ponto de vista, não poderia contar com testemunhos vivos, como bem destacam Delgado e Ferreira (2013) ao afirmarem que:

Acreditava-se que o trabalho do historiador só poderia começar verdadeiramente quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados. Para que os traços do passado pudessem ser interpretados, era necessário que tivessem sido arquivados. Os historiadores de profissão deveriam, portanto, rejeitar os estudos sobre o mundo contemporâneo, uma vez que nesse campo seria impossível garantir a objetividade dos estudos (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 22).

Nessa perspectiva, passado e presente são separados no intuito de preservar os verdadeiros historiadores daqueles que seriam tachados de “amadores”.

Tomando como ponto de partida essa ideia, vê-se, pois, que não é interesse da *História do Tempo Presente* ratificar tal distinção, pelo fato de sua matriz contar principalmente com a presença de testemunhos vivos.

Chartier (2006), no tocante à *História do Tempo Presente*, delimita bem esse campo de atuação quando apresenta os limites e os alcances dessa investigação histórica. A explicação é assim exposta:

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para os historiadores dos tempos consumados, o conhecimento histórico é sempre uma difícil operação de tradução, sempre uma tentativa paradoxal: manifestar sobre o modo de equivalência um afastamento irreduzível. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (CHARTIER, 2006, p. 216).

Importante destacar, com a citação, a ideia de que o historiador/histiógrafo do tempo presente, apesar das dificuldades que enfrenta por ter de lidar com materiais produzidos em um espaço/tempo relativamente curto, se considerados o momento de produção do material e a avaliação que se procede dele, poderia ser considerado o pesquisador “ideal”, caso isso fosse

possível, para dar um parecer sobre as fontes, isso porque a distância entre o investigador e seu objeto de estudo, no tempo, poderia acarretar certos equívocos de interpretação, dado que a fonte se encontra em um passado distante do pesquisador. Diante disso, a proximidade com o objeto de análise não seria um obstáculo ou mesmo um problema, pelo contrário, poderia promover um melhor entendimento da realidade estudada. Oportunas, ainda, são as palavras de Rémond (2006), quando afirma que “A história do tempo presente é um bom remédio contra a racionalização *a posteriori*, contra as ilusões de ótica que a distância e o afastamento podem gerar” (RÉMOND, 2006, p. 209).

A história do século XX é marcada por turbulências e mudanças significativas. Marcos históricos como as grandes guerras e o surgimento da Revolução Soviética, por exemplo, serviram de estímulo necessário para o desenvolvimento dos estudos relacionados ao *tempo presente*.

É no pós-guerra, especialmente na Alemanha e França, que esse novo campo da História se desenvolve de forma mais expressiva, apesar de muitos historiadores, nesse momento, não reconhecerem a legitimidade dos estudos do *tempo presente*, bem como sua incorporação como objeto da História. Conforme Ferreira (2000):

O estudo do século XX ganhou maior legitimidade na França a partir da Segunda Guerra, quando foi criado o Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, destinado a promover iniciativas na área de documentação e pesquisa sobre o tema. Nos anos seguintes esse interesse ampliou-se, levando os poderes públicos a tomar a decisão de criar no CNRS um laboratório que teria por objetivo estudar o tempo presente. Nascia assim em 1978, sob a liderança de François Bédarida, o Institut d' Histoire du Temps Présent em Paris (FERREIRA, 2000, pp. 9-10).

Esse tipo de História se baseia em princípios pautados na necessidade de estudos da história recente a fim de promover uma conexão entre o presente, o passado e o futuro. Passerini (2006) apresenta os estudos do *tempo presente* como uma “‘lacuna’ entre passado e futuro” (PASSERINI, 2006, p. 213). Assim, para a referida autora, o presente se apresenta como uma descontinuidade, isto é, o presente não é um *continuum*, mas, sim, o momento em que o pesquisador se encontra, tendo que se posicionar entre as narrativas passadas e as que estão por vir.

À Linguística também cabe discernir melhor em que consiste a *História do Tempo Presente*, tendo em vista que é interesse da área trabalhar em inter-relação com outras áreas de pesquisa como a História, a Sociologia, a Ciência Política, só para citar algumas.

Bastos e Palma (2008) tecem algumas considerações sobre a investigação de objetos contemporâneos relacionados à perspectiva linguística. Para as autoras, o historiógrafo do tempo presente deve “definir seu campo de investigação, seu método, as fontes disponíveis e as posições que assume frente à história da qual é participante” (BASTOS; PALMA, 2008, p. 15).

Koerner (2014 [2004])²⁵, por seu turno, ao reconhecer a natureza e o objeto de investigação da HL, não deixa de lado a importância das fontes orais e contemporâneas para esse estudo. O referido autor, ao tecer comentários sobre o que denomina de “revolução chomskyana”, admite a importância das *fontes orais* e do *tempo presente* na construção do saber sobre o passado, fato reforçado pela discussão que o autor faz sobre o uso de entrevistas e de troca de correspondências entre linguistas. Sobre isso, exemplifica Koerner (2014 [2004]):

Uma outra fonte, no que respeita à historiografia linguística contemporânea, ficou, até hoje, largamente inexplorada. Refiro-me às entrevistas diretas com pessoas que participaram nos eventos e, de uma forma mais geral, àquilo a que nos dias de hoje se denomina história oral (cf. Davis / O’Cain 1980, pelo primeiro empreendimento efetuado na linguística norte-americana). Murray (1980, 1994), um sociólogo, fez um uso extensivo das entrevistas bem como da correspondência com Chomsky e os seus colegas e com estudiosos que não seguiam ou se opunham às teorias transformacionais, enquanto Newmeyer (1980, 1986c) parece ter só comunicado com os simpatizantes e firmes defensores de uma só facção (KOERNER, 2014 [2004], p. 180).

Fica claro, pois, que a *História do Tempo Presente* tem seu lugar nos estudos históricos e historiográficos e que manifesta igualmente a aspiração à “verdade” tão cara ao trabalho do historiador/historiógrafo. Faz-se imperativo, ainda, esclarecer que a *História do Tempo Presente* não se trata de uma *História do instante* e, como afirma Rémond (2006), “é preciso denunciar a confusão entre uma história da proximidade e uma história da instantaneidade” (RÉMOND, 2006, p. 207). O *tempo presente* se trata, portanto, de um olhar do pesquisador para a atualidade que o cerca, buscando invocar a importância de determinado fato antes que a distância e o afastamento do tempo possam afastar o evento histórico de seu olhar.

Adverte-se, por fim, a pertinência da discussão proposta neste tópico dado que os argumentos são construídos de modo a acomodar a importância da demarcação de um limite temporal a ser definido, ao se propor um objeto de estudo, no caso desta tese o período de

²⁵ O artigo *Linguística e revolução: com especial referência à ‘revolução chomskyana’* é datado de 2004. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Maria Teresa Vieira da Silva, no livro *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados* (2014).

implantação do primeiro grupo de pesquisas na área da HL no Brasil, em 1993²⁶, até o ano de 2020, recorte temporal do trabalho. A delimitação desse período, especificamente o ano de 1993, não deve ser encarada como o marco inicial da HL no Brasil, isto é, não se pode afirmar que as reflexões ou discussões sobre a HL tiveram início somente a partir desse momento. Contudo, esse ano pode ser considerado como uma data que representa o momento em que um grupo de pesquisadores passa a se reconhecer e a produzir como um *grupo de especialidade*²⁷, designação de Murray (1994), nomeado de Historiografia Linguística ou Historiografia da Linguística no Brasil.

Ademais, sobleva-se a importância de que estudos dessa lavra passaram a ter na Historiografia, interessando, em particular, a esta tese pelo fato de as fontes contarem com textos mais próximos da atualidade, que versam sobre a recepção de teorias, da disciplina e de ideias relacionadas à HL extraídas, principalmente, de artigos, dissertações, teses, livros etc., todos produzidos e publicados entre os anos de 1993 - 2020.

No próximo tópico, serão abordadas questões metodológicas relacionadas à HL.

1.4 Estatuto metodológico da HL

Para a realização deste trabalho, lançamos mão de uma HL construída em torno, dentre outros aspectos, da ideia de uma disciplina que se pretende metodologicamente consciente. Para tanto, há que se considerar aparatos metodológicos que forneçam uma maior compreensão do fato a ser estudado. Swiggers (2004; 2009; 2010b; 2013) apresenta tarefas relacionadas ao trabalho historiográfico e as separa em três níveis: o nível *historiográfico*, o nível *epihistoriográfico* e o nível *metahistoriográfico*.

O nível *historiográfico*, segundo Swiggers (2004), compreende o processo de descrição e compreensão de objetos que constituem ou que servem de reflexão para a disciplina.

De modo geral, o termo *epihistoriografia*, segundo o autor supra, pode servir à área da Historiografia na medida em que se apresenta como uma ferramenta, cuja função é servir de apoio a uma atividade descritiva associada a uma atividade de interpretação, isto é, compreende um aparato metodológico que promove o desenvolvimento de metodologias mais conscientes,

²⁶ O ano de 1993 é considerado um “marco histórico” para a HL no Brasil, pois é o momento em que, como apresenta Swiggers (2018), ao listar alguns fatos e acontecimentos relacionados à carreira profissional de Altman, ocorre a “criação de um grupo de estudos sobre historiografia linguística na USP” (SWIGGERS, 2018, p. 22).

²⁷ Um *grupo de especialidade*, de acordo com Murray (1994), constitui-se como um grupo científico e academicamente organizado que se reconhece como um grupo que tem membros participantes de uma mesma comunidade de modo a atuar em torno de uma especialidade comum.

ao passo que envolve uma documentação biobibliográfica que pode incluir desde atividades de edição e tradução de textos, documentação sobre o perfil de indivíduos ou grupos (documentação prosopográfica), descrição de arquivos, obras etc., até a descrição bibliográfica de textos, autores etc. (SWIGGERS, 2004).

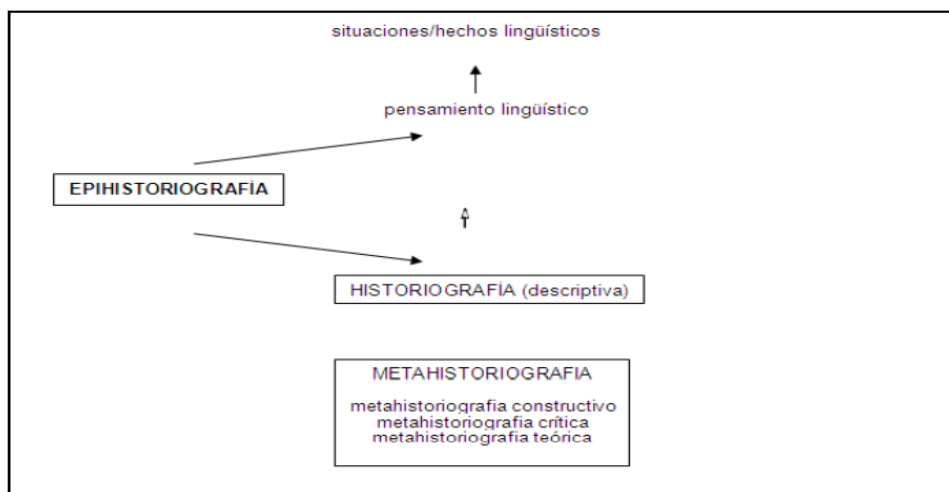
Seguindo, ainda, as diretrizes propostas por Swiggers (2004), no que diz respeito ao uso de ferramentas que ajudam o historiógrafo em sua relação com o objeto que pretende descrever, o autor afirma que “a historiografia descritiva não pode conceber-se sem um fundamento meta historiográfico” (SWIGGERS, 2004, p. 116), que se estabelece a partir da relação entre “o historiógrafo, seu objeto e a própria atividade historiográfica” (*op. cit.*, p. 116), ou seja, a atividade *metahistoriográfica* se constitui como uma tarefa que se pretende reflexiva sobre o trabalho historiográfico. Partindo dessa ideia, Swiggers (2004) propõe o abandono da HL como uma perspectiva absolutamente extensional, sendo mais apropriado admitir a ideia de uma historiografia reconstrutora de “conteúdos significativos”, de modo a considerar qualquer forma de conhecimento sobre língua e linguagem como um objeto potencialmente relevante à HL.

Ainda com o autor, é possível pensar em três principais tarefas da *metahistoriografia*, a saber: a tarefa *construtiva*, a tarefa *crítica* e a tarefa *metateórica*. Em Swiggers (2013), tem-se a sumarização dessas ideias, como é possível ver infra:

a tarefa construtiva (elaboração de um modelo historiográfico e construção de uma linguagem historiográfica), a tarefa crítica (avaliação de tipos de discurso historiográfico aliada à proposta de análise e apreciação das abordagens metodológicas e epistemológicas adotadas nos textos analisados), a tarefa metateórica ou “contemplativa” (reflexão sobre o objeto, o *status* da historiografia, sobre a justificação das formas de apresentação e sobre o que é um “fato” linguístico [*linguistic fact*] para o historiador) (SWIGGERS, 2013, p. 40).

A atividade historiográfica, portanto, erige-se como um empreendimento que pode ser pautado na elaboração de modelos, na avaliação de textos e/ou na reflexão do objeto em si. A seguir, tem-se a apresentação de um quadro, proposto por Swiggers (2004), sobre a atividade historiográfica:

Figura 1: Quadro *historiografia, epihistoriografia e metahistoriografia*



Fonte: Swiggers (2004, p. 115)

Swiggers, na figura acima, busca demonstrar a correlação existente entre o historiógrafo, o seu objeto de estudo e o contexto no qual está inserido, posto que a história da Linguística constitui o objeto da HL, a qual tem como alicerce uma documentação biobibliográfica ou *epihistoriográfica* e uma base teórica/epistemológica ou *metahistoriográfica*.

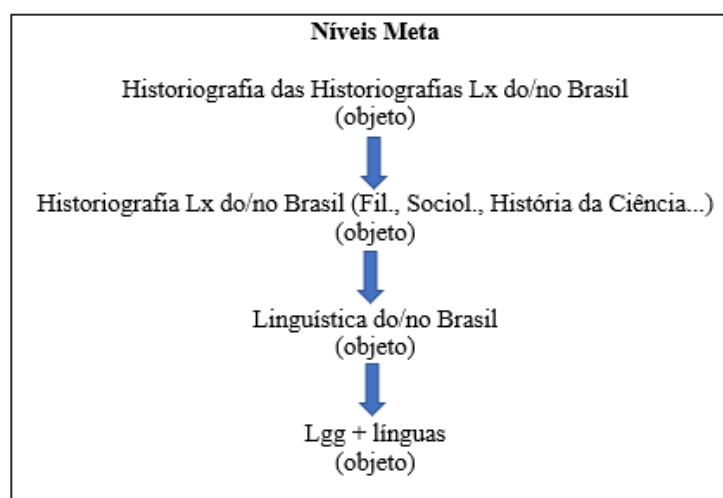
Diante disso, esta pesquisa buscou investigar, a partir de um suporte documental, compreendendo, portanto, o nível *epihistoriográfico*, atividades envolvidas no surgimento e consolidação da HL como disciplina institucionalizada no Brasil, o que levantou questões relacionadas à *dimensão externa*, anteriormente mencionada, que envolveu agentes, materiais, informações específicas sobre determinados pesquisadores da área da HL, bem como o *clima intelectual* da época no momento em que a disciplina se institucionalizou, como será possível ver no capítulo 4. O nível *metahistoriográfico* envolveu a sistematização e apresentação das abordagens teórico-metodológicas que contribuíram para a análise dos materiais analisados e o nível *historiográfico*, por sua vez, empreendeu uma atividade que entrecruzou o levantamento dos dados extraídos dos materiais de consulta e uma posterior reflexão e interpretação dos dados levantados na pesquisa, encontrando-se o último nível mais relacionado à *dimensão interna*.

Sendo a execução dessas etapas fator indispensável para a construção de uma historiografia metodologicamente consciente, passa-se a algumas considerações sobre o que aqui receberá a nomenclatura de *(meta) metahistoriografia*.

1.4.1 Eixo de investigação *(meta) metahistoriográfico*

Até o presente momento, as metodologias apresentadas, em sua maioria, são relacionadas a trabalhos que circunscrevem a Linguística como objeto de estudo, o que coloca em evidência, nesse caso, o plano *metahistoriográfico*, já delimitado no tópico anterior, em que há certa reflexão sobre o trabalho do historiógrafo, considerando, para tanto, a evolução do pensamento linguístico ao longo da história. Entretanto, neste tópico, busca-se delimitar, de modo mais objetivo, um modelo metodológico em que a reflexão se volte para a própria HL, tomada como objeto e eixo de investigação. No que toca à proposta de organização dos níveis *historiográfico*, *metahistórico* e *(meta) metahistoriográfico*, veja-se o esquema²⁸ que segue:

Figura 2: Níveis *historiográficos*



Fonte: Altman²⁹

Considerando a figura acima, o elemento Lgg + línguas se refere àquele que coincide com o estudo que tem por objeto a linguagem ou as línguas. Este poderia ser considerado o nível 1 do esquema supra, em razão de envolver o principal objeto de estudo da Linguística³⁰. Por sua vez, a Linguística, como ciência, ao se ocupar do objeto apresentado no nível 1 é

²⁸ O referido esquema foi apresentado por Cristina Altman, na etapa de qualificação do projeto de doutorado de Meryane Sousa Oliveira, proponente desta pesquisa. Na ocasião, dia 21/10/2020, às 15h, em uma sala virtual na plataforma RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa), a professora convidada, a fim de elucidar um tópico do projeto que estava sendo avaliado, projetou o *slide* que continha a imagem apresentada. O uso e reprodução do esquema, nesta tese, foram autorizados pela elaboradora do esquema.

²⁹ Ver nota 28.

³⁰ Remete-se o leitor desta tese ao *Curso de Linguística Geral*, obra em que Saussure define a língua como objeto passível de análise científica e de estudo da Linguística. Saussure esclarece: “O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 57).

considerada a partir de uma correlação “*meta-*”, isto é, a Linguística passa a ver seu objeto segundo um ângulo pelo qual se observa um fenômeno concreto e que é descrito em termos de sobreposição, ou seja, no sentido da pressuposição de um em relação ao outro.

Antes, porém, de prosseguir com a descrição do esquema, faz-se oportuno abrir um pequeno “parêntesis” para algumas explicações de ordem terminológica relacionadas à Linguística. Swiggers (2010a), em texto intitulado *Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminografie linguistiques*, propõe um quadro de reflexão sobre o problema que circunscreve a Linguística no que diz respeito a sua terminologia e a sua terminografia que, por sua vez, são relevantes para a compreensão da questão da *metalinguagem* da Linguística. O autor, ao definir alguns conceitos básicos, acaba por conceitualizar o que se entende por um “nível *meta-*” ou “*metanível*”. Nas palavras do autor:

O campo da terminologia - e sua contraparte - *grafia* - linguística (s) é um campo de complexidade teórica e metodológica formidável, e por pelo menos três razões:

(a) somos atraídos para a *cascata semiótica dos “metaníveis”*, uma vez que estamos lidando com uma metalinguagem (construída), que só pode ser descrita em termos de uma meta-metalinguagem (sobreposta), que por si mesma pressupõe uma meta-meta-metalinguagem (s) (que serve como uma estrutura construtiva/ avaliativa/ tradutória, etc.) [...] (SWIGGERS, 2010a, pp. 9-10, tradução e grifos nossos)³¹.

A distinção apresentada pelo autor deve ser posta em perspectiva entre um plano e outro, assim, haveria certa hierarquização entre os níveis, não no sentido de que um nível seja melhor que o outro, mas, sim, no sentido de que há um nível superior por pressuposição de que existam outros níveis, daí a ideia de “cascata” que sugere a representação de eventos em série, isto é, uma concepção impulsiona a existência de outra em um processo em que tais níveis se apresentam de modo interligados entre si.

Swiggers (2010a) reconhece a existência de termos como *metalinguagem*, *meta-metalinguagem* e *meta-meta-metalinguagem* e no que interessa, ainda, a essa discussão, especifica o conceito de *metalinguagem*:

³¹ Ver texto original: “*Le champ de la terminologie — et de son pendant - graphie — linguistique(s) est un terrain d’une complexité théorique et méthodologique redoutable, et cela pour au moins trois raisons: (a) on est entraîné dans la cascade sémiotique de «méta-niveaux», vu qu’on traite d’un métalangage (construit), 2 qui ne peut être décrit qu’en fonction d’un méta-métalangage (superposé), qui lui-même présuppose un (des) méta-méta-métalangage(s) (qui sert de cadre constructif/évaluatif/ translatif, etc.) [...]”* (SWIGGERS, 2010a, pp. 9-10).

metalinguagem: a terminologia e o vocabulário, estudados em relação ao seu campo de aplicabilidade e seu funcionamento sintático, que são implementados, no estudo de um campo de objetos específicos, por um autor, por uma escola, por uma (sub-) disciplina etc. (SWIGGERS, 2010a, pp. 12-13, tradução nossa e grifo do autor)³².

Para o autor, um dos problemas mais relevantes na definição de certos termos em qualquer área ou disciplina, sejam eles recebidos, herdados, criados etc., volta-se para dois pontos principais, quais sejam: o *status* de definição e a calibração dos termos. O primeiro ponto deve ser considerado extremamente importante por envolver a sistematização de uma terminologia que beneficia as ciências da linguagem, incluindo aí a Linguística e suas áreas de especialidades, visto que considera toda a complexidade que envolve a tradução de termos, a adequação de terminologias etc. O segundo ponto envolve o entendimento de que os termos técnicos, ao serem compartilhados com outras disciplinas, devem ser maleáveis e ajustáveis à determinada área no sentido de que podem, a depender do uso, provocar problemas conceituais ou empíricos, daí a importância da moderação ou, nos termos do autor, calibragem no uso.

Fechado o “parêntesis”, volta-se ao esquema, no ponto preciso em que se fazia a exposição dos *metaníveis*, ao correlacionar um objeto em relação ao outro. Retomando o quadro, pode-se afirmar que a Linguística, que ocupa o segundo nível, é “meta” em relação ao objeto língua. Em contrapartida, a HL (retratada no esquema como o terceiro nível), por se tratar de uma disciplina que “tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, ao longo do tempo” (ALTMAN, 1998, p. 25), dispõe da Linguística como seu objeto, ou seja, a HL é “meta” em relação ao objeto Linguística.

Em síntese, a pesquisa a ser desenvolvida nesta tese, ao propor a construção de uma narrativa historiográfica do momento de recepção das ideias e de produção de materiais ligados à HL no Brasil, acaba por colocar a própria HL no nível de um objeto, ou seja, ao propor a construção dessa narrativa em específico, passa-se a ter uma historiografia das historiografias produzidas por pesquisadores brasileiros, assim, tem-se uma estrutura sobreposta a outra em que sobressai um quarto nível “*meta metahistoriográfico*”.

Tendo em vista a discussão até aqui proposta e considerando ser um dos objetivos do trabalho a busca por apresentar os processos que ajudaram na definição do percurso metodológico para a narrativa historiográfica que se pretende construir, buscou-se na História,

³² Ver texto original: “*métalangage: la terminologie et le vocabulaire, étudiés en rapport avec leur champ d’applicabilité et leur fonctionnement syntaxique, qui sont mis en œuvre, dans l’étude d’un champ d’objets spécifiques, par un auteur, par une école, par une (sous-)discipline, etc.*” (SWIGGERS, 2010a, pp. 12-13).

na Filosofia e na Sociologia da ciência uma interlocução capaz de promover reflexões e elucidações sobre os procedimentos teóricos e metodológicos assumidos, na tentativa de estabelecer uma historiografia capaz de problematizar seu objeto.

1.5 A HL em interlocução com a História, com a Filosofia e com a Sociologia da ciência

O estabelecimento de um percurso historiográfico que seja teórica e metodologicamente consciente requer, antes, que se firme um diálogo com outras metadisciplinas como a História, a Filosofia e a Sociologia da ciência na busca por uma reflexão epistemológica que relacione uma teoria e seus princípios fundamentais à proposição de um caminho metodológico.

Um primeiro ponto a ser considerado nessa discussão é o fato de que a Linguística é aqui entendida como uma área de estudo e, conforme afirma Borges Neto (2008), “é uma área de estudos particularmente rica em problemas filosóficos” (BORGES NETO, 2008, p. 19), problemas que poderiam estar associados, dentre outras coisas, à definição de seu objeto de estudo (cf. BORGES NETO, 2008, p. 19). A História, a Filosofia e a Sociologia, por exemplo, também são consideradas áreas de estudos e, nesse sentido, o que há de comum entre elas é a busca por “padrões de cientificidade” (*op. cit.*, p. 2), isto é, busca-se o desenvolvimento de procedimentos e métodos capazes de fundamentar essas atividades.

Na perspectiva aqui assumida, intenta-se apresentar a HL em diálogo com outras metadisciplinas, a saber: História da ciência, a Filosofia da ciência e a Sociologia da ciência, tendo em vista que a HL não se preocupa apenas com o componente histórico, mas, também, com a problematização e reconstrução de eventos e com os contextos em que esses determinados conhecimentos foram produzidos. Para Borges Neto (2008), a Filosofia da ciência “é a aplicação de métodos filosóficos a problemas filosóficos que surgem no contexto dos estudos científicos” (BORGES NETO, 2008, p. 1), definição que permite, segundo o autor, problematizar, inclusive, a noção de “ciência”, distinguindo-a de outras formas de conhecimento. Ainda com o autor, a História da ciência “nos diz que mesmo as teorias mais bem confirmadas (como a teoria da gravitação de Newton) podem ser refutadas por novas evidências” (*op. cit.*, p. 6), ou seja, é uma “história ‘interna’ à ciência” (*op. cit.*, p. 20) que procura compreender os elementos filosóficos e epistemológicos que possibilitaram o desenvolvimento de determinadas teorias.

A Filosofia da ciência, nesse caso, passa a auxiliar o historiógrafo da linguística na medida em que propõe reflexões sobre a natureza, as etapas e os limites do conhecimento

humano, o que, articulado à proposição de métodos e à formação de uma corrente histórica, pode, inclusive, promover a problematização de um objeto a ser investigado.

Convém, porém, retomar uma discussão, cara à HL, que entrevê algumas possibilidades de se proceder em uma abordagem historiográfica, seja por considerar uma história de *rupturas e descontinuidades* ou de *acumulação e continuidades*.

Para Borges Neto (2012), a opção por uma historiografia que evidencie *continuidades* e/ou *descontinuidades* é de responsabilidade do pesquisador. O autor considera que o tratamento que o historiógrafo dá e o modo como encara o fluxo dos eventos, a partir da noção de *continuidade* e de *descontinuidade*, é uma das questões epistemológicas³³ fundamentais da HL. Faz-se oportuno, então, reproduzir as próprias palavras do autor:

Uma das questões epistemológicas centrais da HL reside na decisão (prévia e determinante) de como encarar o fluxo dos eventos: se numa linha, mais ou menos cronológica, de eventos que se acumulam ou numa sucessão de momentos de ruptura e transformação. Em outras palavras, se cabe ao historiógrafo acentuar as continuidades entre as teorias observadas ou se a ele cabe destacar os momentos de descontinuidade. Na HL, essa decisão é particularmente difícil, embora crucial (BORGES NETO, 2012, p. 88).

A partir do exposto, infere-se que uma das tarefas postas ao historiógrafo é a busca por um posicionamento epistemológico, cabendo a ele evidenciar que perspectiva adota diante do seu quadro de trabalho.

Para além desse modelo de *continuidade e descontinuidade*, Koerner (1989) apresenta mais quatro modelos que, na HL, podem ilustrar como o conhecimento científico pode vir a se desenvolver ao longo do tempo e como esses modelos podem ajudar na compreensão da história da Linguística, são eles: *modelo principal versus modelo secundário*; *modelo de balanço pendular*; *modelo de progresso relativo* e *modelo de influência extralinguística*³⁴, totalizando cinco referências.

O primeiro deles, *modelo principal versus modelo secundário*, reconhece a possibilidade de que mais de uma linha de pensamento possa existir em um determinado momento, sendo uma delas considerada “principal”, de maior relevância, e a outra ou “outras”

³³ O autor entende a epistemologia como uma “disciplina filosófica que procura entender como o conhecimento (em especial o conhecimento científico) pode ser obtido por meio de teorias sobre as coisas do mundo. Ou seja, é uma reflexão sistemática sobre as teorias científicas. E a epistemologia da Linguística, particularmente, é a reflexão sobre a natureza, os fundamentos e os métodos das teorias que buscam a obtenção de conhecimentos sobre as línguas humanas” (BORGES NETO, 2012, p. 88).

³⁴ Koerner (1989) apresenta os seguintes modelos: *Mainstream-vs.-Undercurrent Model*; *Pendulum-Swing Model*; *Discontinuity-vs.-Continuity Model*; *Relative-Progress Model* e *extra-linguistic influences*.

estaria/estariam em uma posição de menor destaque, ressalta-se, ainda, o fato de todas elas serem igualmente válidas. É um modelo que apresenta uma visão unidimensional com relação ao desenvolvimento da ciência e se contrapõe ao modelo de progressão por acumulação, em que o conhecimento é visto como algo acumulado no decorrer do tempo e progride exatamente por esse fator.

O segundo modelo, o de *balanço pendular*, como a própria ideia que a palavra “pêndulo” promove, de vaivém, reconhece o aspecto dinâmico do conhecimento, ou seja, uma corrente de estudos que, em determinado momento, é tida como principal, podendo, em outro, ser considerada secundária e vice-versa. Segundo o próprio autor, o modelo de *balanço pendular* “leva em conta o aspecto dinâmico na história de uma disciplina”³⁵ (KOERNER, 1989, p. 52, tradução nossa) e segue afirmando que tal modelo “parece ser necessário em reconhecimento da observação de que, dentro do desenvolvimento da linguística, por exemplo, uma alternância contínua entre abordagens contrastivas do assunto [...] deve ser considerada”³⁶ (*op. cit.*, p. 52, tradução nossa).

O terceiro modelo apresentado por Koerner (1989) é o já citado modelo de *continuidade e descontinuidade*, em que sobressai a ideia de que uma determinada corrente de estudo pode aparecer em uma posição principal e, em determinado momento, pode sofrer uma interrupção que dará lugar a outra corrente de estudo, a qual passaria, por sua vez, a ser a tendência principal. No entanto, aquela tradição que aparecia em uma posição principal e que havia sido transposta pela outra pode voltar a ser uma tendência dominante, daí a ideia de *continuidade e descontinuidade*.

O quarto modelo de *progresso relativo* leva em consideração o tipo de desenvolvimento proposto no modelo de balanço pendular, um conhecimento que vai e volta, entretanto, o modelo reconhece as mudanças que ocorrem no interior de cada abordagem, de modo que uma abordagem, por mais que retorne, nunca será igual ao que era antes, pois haveria sofrido mudanças próprias do campo.

O quinto e último modelo, o de *influência extralinguística*, entende que os fatores extralinguísticos, como o contexto, por exemplo, interferem e impactam na compreensão do desenvolvimento do conhecimento linguístico.

³⁵ Ver texto original: “to devise a model that takes into account the dynamic aspect in the history of a discipline” (KOERNER, 1989, p. 52).

³⁶ Ver texto original: “seems to be called for in recognition of the observation that, within the development of linguistics, for instance, a continuous alternation between contrastive approaches to the subject [...] is to be reckoned with” (KOERNER, 1989, p. 52).

Os modelos descritos por Koerner (1989) evidenciam a importância dos fatores intra e extralinguísticos quando se considera o desenvolvimento do conhecimento linguístico. É preciso, pois, considerar a complexidade de cada um deles. Koerner (1989) constrói esses modelos no intuito de oferecer orientações para a escrita da HL e, apesar de serem modelos imbricados entre si, cada abordagem apresenta sua particularidade, cabendo ao historiógrafo projetar seu objeto de estudo com base em um método mais produtivo para sua pesquisa em HL.

Vê-se que a proposição dos modelos ajuda o historiógrafo a refletir sobre alguns métodos relacionados à HL na tentativa de atingir determinados conhecimentos, porém, para a condução de uma historiografia crítica, é essencial que se faça uma discussão epistemológica mais acurada partindo da apresentação de determinados modelos e de seus proponentes.

No escopo de uma reflexão sobre a natureza e os fundamentos do conhecimento linguístico, destaca-se o nome de alguns estudiosos da ciência que, ao questionarem e buscarem explicações lógicas e racionais sobre o estatuto científico das disciplinas, acabaram por promover importantes discussões epistemológicas que se tornaram bastante produtivas para o trabalho historiográfico, entre eles, pode-se citar: Ludwik Fleck (1896 – 1961), Thomas Samuel Kuhn (1922 – 1996), Dell Hathaway Hymes (1927 – 2009) e Larry Laudan (1941 – 2022).

Nas linhas que seguem, pretende-se mostrar a essência do pensamento dos autores supramencionados, no intuito de dispor de uma discussão sobre questões epistemológicas que propiciam reflexões acerca de eventos e propostas relevantes para a HL.

1.5.1 A contribuição de Fleck, Kuhn, Hymes e Laudan

Um primeiro autor que se pode mencionar, cuja abordagem teórica acarreta contribuições para essa discussão de caráter mais sociológico e epistemológico é o médico polonês Ludwik Fleck (2010 [1935]).

Fleck publicou, em alemão, no ano de 1935, o livro intitulado *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, o qual só alcançaria um *status* mais representativo na década de 1960, quando Kuhn, em prefácio do livro *A estrutura das revoluções científicas*, cita o médico como um autor que o influenciou e que se configurava como um antecipador de muitas de suas ideias. A citação de Kuhn, apesar de breve, foi capaz de lançar o nome de Fleck para o público especializado da época, que consumiu suas ideias e o projetou nos círculos acadêmicos (cf. CONDÉ, 2012).

A carreira científica de Fleck ganha notoriedade na área da medicina, especificamente, na microbiologia. Contudo, suas ideias se notabilizaram ainda mais pela discussão teórica e epistemológica voltada para a História e para a Sociologia da ciência e, como já anteriormente mencionado, seu maior impulso se dá através da deferência de Kuhn, a qual cabe ser lembrada:

Esse é o tipo de exploração ao acaso que a Society of Fellows permite. Apenas através dela eu poderia ter encontrado a monografia quase desconhecida de Ludwik Fleck, *Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache* (Basileia, 1935), um ensaio que antecipa muitas de minhas próprias ideias. O trabalho de Fleck, juntamente a uma observação de outro Junior Fellow, Francis X. Sutton, fez-me compreender que essas ideias podiam necessitar de um estudo no âmbito da sociologia da comunidade científica. Embora os leitores encontrassem poucas referências a qualquer desses trabalhos ou conversas, devo a eles mais do que me seria possível reconstruir ou avaliar neste momento (KUHN, 2013 [1962], p. 51).

Aqui, é possível aproximar as ideias desses dois autores, mas é preciso lembrar que tais influências nunca foram explicitamente anunciadas, como fica evidente na fala de Kuhn, quando diz: “devo a eles mais do que me seria possível reconstruir ou avaliar neste momento” (KUHN, 2013 [1962], p. 51).

Notadamente sobre a obra que deu visibilidade a Fleck, é interessante observar que se refere a um estudo de caso da história da medicina sobre o desenvolvimento do conceito da sífilis e sua identificação diagnóstica pela reação sorológica de Wassermann, com a verificação da presença de anticorpos no soro sanguíneo de pacientes enfermos. Independentemente de se voltar para a área da medicina, é nesse livro que o autor contribui com uma reflexão sobre o caráter filosófico e sociológico acerca da natureza da atividade científica.

Um desafio que se coloca é imaginar como um médico microbiologista, em seu livro, traz reflexões de outra ordem e, mais ainda, como ele passa a compor o rol de estudiosos que marcaram o século XX por disseminar ideias epistemológicas da história da ciência. Sobre isso, Schäfer e Schnelle (2010), na introdução de *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, afirmam que Fleck nunca foi exclusivamente médico, o que, de certo modo, justificaria seu interesse por outras áreas. Assim declaram os autores:

Ele cresceu num ambiente que respeitava o erudito competente em sua área, mas que apreciava ainda mais o erudito com cultura universal, muito mais do que aquele que era apenas especialista. Desse modo, Fleck, para além de sua formação em medicina, dedicou-se também a outros estudos, sobretudo à filosofia. Nos anos vinte e trinta, dedicava suas horas de lazer à leitura de

textos de filosofia, sociologia e história da ciência (SCHÄFER; SCHNELLE, 2010, p. 10).

O espírito da época e o ambiente científico no qual o estudioso se encontrava favoreciam seu interesse por diversas áreas, o que era esperado dos intelectuais de sua época.

Suas ideias, resumidamente, tentam dar conta de como o conhecimento surge e se desenvolve, considerando, para tanto, que ele emerge das relações humanas e da interação que há entre a sociedade e a natureza. Para o autor, o conhecimento de uma época pode ser definido pelo seu *coletivo de pensamento e estilo de pensamento*.

Por *coletivo de pensamento* entende-se as informações compartilhadas entre os membros de um grupo que partilham as mesmas concepções e pensamentos e, por estarem inseridos em um mesmo contexto social, acabam sendo influenciados pelas mesmas ideias. Para Fleck:

Se definirmos o “coletivo de pensamento” como a *comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, temos em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento*. Assim o coletivo de pensamento representa o elo que faltava na relação que procuramos (FLECK, 2010 [1935], p. 82, grifos do autor).

A noção de *estilo de pensamento* volta-se, por seu turno, para o modo como cada integrante do grupo recebe e compreende as ideias propagadas pelo grupo no qual está inserido. Fleck o define da seguinte maneira:

Podemos, portanto, *definir o estilo de pensamento como percepção direcionada em conjunção com o processamento correspondente no plano mental e objetivo*. Esse estilo é marcado por características comuns dos problemas que interessam a um coletivo de pensamento; dos julgamentos, que considera como evidentes e dos métodos, que aplica como meios do conhecimento. É acompanhado, eventualmente, por um estilo técnico e literário do sistema do saber (FLECK, 2010 [1935], p. 149, grifos do autor).

A proposição desses dois conceitos revela que Fleck considera a natureza coletiva da pesquisa científica, que deve estar vinculada a uma sociedade, a uma situação histórica ou cultural. Por conta desse posicionamento, suas pesquisas excluem que, na história da ciência, haja lugar para o entendimento de que a produção de novos conhecimentos seja mérito de um único pesquisador, reforçando, portanto, que tal resultado se apresenta como esforço de vários indivíduos. Assim, nas palavras do autor: “o processo de conhecimento não é o processo

individual de uma ‘consciência em si’ teórica; é o resultado de uma atividade social, uma vez que o respectivo estado do saber ultrapassa os limites dados a um indivíduo” (FLECK, 2010 [1935], pp. 81-82).

Fehr (2012), sobre o pensamento de Fleck como atividade social, afirma que:

O pensamento nunca começa do zero, há sempre uma base, uma história prévia, há sempre outros lugares, outras instâncias, outros indivíduos dos quais provêm as noções utilizadas para formular o pensamento de alguém. Pensar, portanto, é uma atividade genuinamente coletiva que pressupõe troca (FEHR, 2012, p. 40).

De um ponto de vista fleckiano, a conexão entre os membros de um *coletivo de pensamento* só seria possível pelo *estilo de pensamento* compartilhado por eles. Nessa perspectiva, o pensamento seria uma atividade social por excelência, nunca individual.

O conhecimento deve ser visto como resultado de um processo coletivo que estabelece um “fato” constituído por diferentes *coletivos de pensamento*. O fato, em si, de acordo com Fleck, não seria algo fixo, independente da opinião subjetiva do pesquisador, visão tradicionalmente divulgada, mas algo que nasce, desenvolve-se e sobrevive enquanto a comunidade científica não decreta seu fim.

Diante do exposto, Fleck (2010 [1935]) entende que o conhecimento evolui de tal modo que promove constantes atualizações e modificações nas concepções vigentes. Desse modo, algumas ideias diretrizes se tornam dominantes, mas sempre com caráter temporário na evolução dos conhecimentos. Para o autor, um *estilo de pensamento* evolui para outro, de modo que não há espaço para a ideia de rupturas abruptas, de ideias radicalmente inovadoras. O passado, portanto, “continuará vivo” a partir das tradições legadas pelos *estilos de pensamento*, “nos conceitos herdados, nas abordagens de problemas, nas doutrinas das escolas, na vida cotidiana, na linguagem e nas instituições” (FLECK, 2010 [1935], p. 61).

Por fim, pela própria configuração do pensamento de Fleck (2010 [1935]), faz-se mister considerar as palavras de Condé (2012), ao comparar as concepções de Fleck e Kuhn. Nas palavras do autor:

Talvez a principal diferença seja que, para Kuhn, a ciência se desenvolve por rupturas radicais e descontinuidades, isto é, através de mudanças de paradigmas, sendo os diferentes paradigmas científicos incomensuráveis. Para Fleck, no entanto, ideias trafegam de diferentes modos entre estilos de pensamento criados pelos diferentes coletivos de pensamento. Existem diferenças ou mutações entre os estilos de pensamento, como caracteriza nosso autor, mas essas são mudanças muito mais gradativas do que radicais,

isto é, muito mais “evolutivas” do que “revolucionárias”, como afirmado por Kuhn (CONDÉ, 2012, p. 7).

O livro *A estrutura das Revoluções Científicas*, publicado no ano de 1962, cuja autoria é de Thomas Kuhn, para a história da ciência, é considerado um marco iniciador de um novo olhar para as etapas de evolução de uma ciência e de sua história. Muitos estudiosos reconhecem seu caráter divulgador principalmente de ideias sobre as transformações que ocorreram nos modelos científicos, no final do século XIX e decorrer no século XX.

O impacto do texto de Kuhn se deve ao fato de que, naquele momento, dava-se início a algumas reflexões acerca das ciências físicas e naturais. Suas ideias ganham força, ainda, porque em seus escritos a noção de “ruptura” passa, por exemplo, a adquirir o mesmo *status* de cientificidade que a noção de “continuidade” tinha, na discussão sobre a história da ciência.

Para Kuhn (2013 [1962]), a história tem um papel extremamente relevante no que diz respeito à imagem que é construída acerca da ciência em si. Sobre isso, o autor afirma que “se a história fosse vista como um repositório para algo mais do que anedotas ou cronologias, poderia produzir uma transformação decisiva na imagem da ciência que atualmente nos domina” (KUHN, 2013 [1962], p. 59). Evidencia-se com esse trecho a ideia de que a ciência, quando passa a considerar os registros históricos, deixa de ter uma visão unilateral, isto é, deixa de conceber a atividade científica a partir da noção de algo que se desenvolve por acumulação e passa a avaliar os eventos que a circundam e que promovem seu desenvolvimento. Kuhn apresenta-se como um estudioso bastante crítico no que se refere à ideia de um processo cumulativo na ciência, ideia que vigorava naquele momento, e chega a afirmar que: “talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais” (KUHN, 2013 [1962], p. 61).

As proposições de Kuhn a esse respeito geraram o que ele denomina de “revolução historiográfica no estudo da ciência” (*op. cit.*, p. 62), em que se passa a ter uma nova imagem da ciência e de suas implicações. Ainda considerando essa perspectiva, Kuhn nos fornece os termos “incomensurabilidade”, “revoluções científicas”, “ciência normal”, “paradigmas”, “anomalias” e “crise”, só para citar os mais representativos em sua obra.

De acordo com Kuhn (2013 [1962]), o desenvolvimento das ciências implica uma série de *rupturas* com etapas anteriores. Essas *rupturas* podem ser de teorias, de métodos, de seleção de problemas e de critérios de solução de problemas. Tal noção contrapõe-se à concepção cumulativa do conhecimento científico, já mencionada anteriormente. Na perspectiva kuhniana, as *rupturas* podem ser denominadas de *revoluções científicas*, isto é, “aqueles episódios de

desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 2013 [1962], p. 177) e dão origem ao que Kuhn denomina de *paradigmas*. Sobre o termo, o autor não chega exatamente a defini-lo. Masterman (1979), por exemplo, identifica cerca de vinte e um sentidos diferentes para o termo paradigma na obra de Kuhn.

Diante da complexidade conceitual do termo, optou-se, então, pela declaração de Kuhn na qual afirma que os paradigmas podem ser entendidos como “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (*op. cit.*, p. 53). Nesse sentido, um *paradigma* pode ser definido pelas regras, padrões e, também, pela retórica compartilhada por um grupo.

Outra discussão relevante na *Estrutura das Revoluções Científicas* é a noção de que a história das ciências progride de forma *revolucionária*. As *rupturas*, portanto, aconteceriam num percurso cíclico, ou seja, haveria a alternância de estágios, identificados por Kuhn como *estágios normais* e *estágios extraordinários* e todo esse processo resultaria na diversificação das ciências em *paradigmas*. Uma ciência só poderia ser considerada madura quando ultrapassasse o estágio denominado por Kuhn de *pré-paradigmático*.

Kuhn explica que, “após o período pré-paradigmático, a assimilação de todas as novas teorias e de quase todos os novos tipos de fenômenos exigiriam a destruição de um paradigma anterior e um conseqüente conflito entre escolas rivais de pensamento científico” (KUHN, 2013 [1962], p. 182). Nesse estágio, as teorias estariam disputando o prestígio e o apoio da comunidade.

Cumprir mencionar, ainda, que um *paradigma* identifica uma teoria, uma metodologia e uma retórica de um grupo que o utiliza. Uma *revolução* científica, por sua vez, só tem início quando o *paradigma* existente assume novas frentes a novas ideias e passa a ter novos posicionamentos teóricos e metodológicos, instalando um novo *paradigma* que questiona seu antecessor e que é capaz de promover novos posicionamentos teóricos e metodológicos. Para que o ciclo se efetive, é necessário que o surgimento desse novo *paradigma* também obtenha adesão da comunidade e que ambos sejam incomparáveis e *incomensuráveis*, um em relação ao outro, ou seja, que não exista comunicação ou interação entre eles e entre as teorias sucessivas.

As ideias de Kuhn suscitaram diversas discussões por parte de especialistas que, muitas vezes, questionaram não só suas proposições acerca do desenvolvimento da ciência, mas

também a aplicabilidade delas. As críticas mais contundentes ficaram a cargo de Hymes (1974) e Murray (1994).

O ponto central dos questionamentos de Hymes, com relação à obra de Kuhn, volta-se para a noção de *paradigma*. Hymes (1974) entende que essa deve ser uma discussão que merece destaque pela dimensão que as ideias de Kuhn, especialmente sobre essa noção, ganharam na cena contemporânea. Primeiramente, Hymes (1974) propõe a substituição do termo *paradigma* pelo termo *cinosura*, isso porque, de acordo com o autor, a perspectiva kuhniana considera que existe apenas um *paradigma* por vez e que ele deve ocupar uma posição central nos estudos. O autor busca demonstrar em seu texto, a partir de exemplos da própria Linguística, que é, sim, possível encontrar uma abordagem dominante convivendo com abordagens de menor destaque, por isso, ele chega a declarar que “o termo ‘paradigma’ é enganoso”³⁷ (HYMES, 1974, p. 9, tradução nossa).

Hymes afirma que “no caso da linguística, pelo menos, outras abordagens dominantes continuaram e, na verdade, por vezes, emergiram, contemporaneamente. Pode-se dizer que cada abordagem dominante era sucessivamente a cinosura de sua disciplina”³⁸ (HYMES, 1974, p. 10, tradução nossa). Uma *cinisura* equivaleria a uma abordagem dominante que, em determinados contextos, conviveria com outras abordagens de menor representatividade.

Além dessa controvérsia, Hymes também se coloca em oposição à noção de *incomensurabilidade* apontada por Kuhn. Para ele, a noção é incompleta, pois, no seu ponto de vista, as abordagens mantêm diálogo entre si. Diante disso, há que se mencionar, ainda, que sua proposta considera os fatores históricos e sociais e que a noção de *cinisuras* não exclui a coexistência de abordagens, nem tampouco exclui a noção de que coexista mais de uma abordagem considerada secundária.

A concepção que sobressai dessa reflexão de Hymes (1974) é a de sucessão de abordagens coocorrentes e não a de rupturas radicais com tradições anteriores.

Murray (1994), por sua vez, volta suas críticas para a noção kuhniana de *revolução científica*. O autor acredita que a noção deveria ser substituída por *retórica revolucionária*, isso porque parece estar imbricada, no último termo, a ideia de algo mais próximo da realidade.

Para Murray (*apud* Koerner 1989, p. 50), “novidade absoluta não é um critério realista, nem é uma vitória completa”. Evidencia-se, pois, no texto de Murray (1994), a imagem de que

³⁷ Ver texto original: “The term ‘paradigm’ is deceptive” (HYMES, 1974, p. 9).

³⁸ Ver texto original: “In the case of linguistics, at least, other approaches than the dominant ones continued, and indeed sometimes emerged, contemporaneously. One can say that each dominant approach was successively the cinisura of its discipline” (HYMES, 1974, p. 10).

nenhuma comunidade paradigmática seria totalmente inovadora, uma vez que a novidade absoluta de um *paradigma* não seria possível em um contexto realista.

As reflexões de Murray se baseiam nas ideias de maiores *descontinuidades* com grupos mais antigos de pesquisadores e não de *rupturas* ou *revoluções*, como atesta Kuhn. Segundo Murray (1994), algumas circunstâncias favoreceriam um grupo a romper com certas ideias que embasam trabalhos de grupos de pesquisadores mais antigos. Isso acarretaria, por parte do grupo, a escolha por um determinado tipo de retórica e, nas palavras do autor, “a escolha de retórica (entre uma retórica de revolução e uma de continuidade) depende da condição de elite, da idade profissional e do acesso ao reconhecimento dos participantes do grupo”³⁹ (MURRAY, 1994, p. 23, tradução nossa).

Essas três variáveis são apresentadas como elementos importantes na constituição e posterior reconhecimento do tipo de retórica adotada por certos grupos de cientistas.

A primeira delas, a *condição de elite*⁴⁰, conforme Murray (1994), refere-se aos grupos de especialistas que circulam nas grandes instituições. O autor não deixa de reconhecer, para tanto, a relevância dos grupos de pesquisadores que se encontram mais afastados dos grandes centros. Os dois grupos de especialistas (dos grandes centros e dos centros mais afastados) têm condições de adotar uma postura inovadora em suas pesquisas ou, nos termos de Murray, podem adotar uma *retórica revolucionária*. Murray, ao citar Becker (1970), traz à baila a discussão sobre que grupo seria mais propenso a adotar uma *retórica revolucionária*, e a ideia apresentada, a partir da referência em seu texto, é a de que os grupos mais “marginais”, ou seja, que não se encontram nos grandes centros, seriam mais propensos a adotar uma *retórica revolucionária*. Mas, como bem lembra o autor, essa é uma questão que deve ser relativizada.

A *idade profissional* é o elemento que distingue um estudante de um cientista experiente. O tempo de atuação em uma área de pesquisa é o fator preponderante na distinção entre um e outro.

A terceira variável que poderia favorecer determinada escolha de retórica por parte de um grupo seria o *acesso ao reconhecimento dos participantes do grupo*. Aqui o que prevalece é a imagem que os pesquisadores têm de si mesmos e o reconhecimento de sua relevância dentro

³⁹ Ver texto original: “*Choice of rhetoric (between a rhetoric of revolution and one of continuity) depends on the relative eliteness, professional age and access to recognition of group participants*” (MURRAY, 1994, p. 23).

⁴⁰ De acordo com Murray (1994), o termo *elite*, na sociologia da ciência, pode ser usado de quatro modos distintos, significando: “(1) elite no contexto socioeconômico, (2) treinamento nas instituições de maior prestígio, (3) localização de instituições de maior prestígio e (4) ‘especialidade de elite’, não um grupo revolucionário (MURRAY, p. 1994, p. 24, tradução nossa). O sentido de *elite* que se aplica a essa explicação está mais relacionado ao terceiro sentido.

da comunidade científica em que atuam. Tal percepção pode levar o pesquisador a adotar uma retórica revolucionária.

O segundo ponto importante no texto de Murray (1994) está relacionado à formação de *grupos de especialidades*, o que, para o autor, seria um requisito para o sucesso de uma teoria. Um grupo, portanto, precisa ser coerente e capaz de convencer sua comunidade científica. Murray (1994), baseado em Mullins e Griffith (1972), estabelece componentes que favoreceriam a consolidação de um grupo científico, dentre eles: boas ideias, liderança intelectual e liderança organizacional.

As *boas ideias* devem ser julgadas pelos cientistas como capazes de resolver problemas existentes ou como promovedoras de abertura de novas áreas de pesquisa. É preciso ter em mente que boas ideias não são elementos suficientes para garantir o sucesso de um grupo científico. Tal sucesso dependeria mais da boa formação do grupo do que da qualidade das ideias propostas, de acordo com o autor.

A *liderança intelectual* deve ser desempenhada pelos cientistas que buscam estabelecer o quadro de trabalho do grupo com a criação de programas, de trabalhos etc. Conforme Murray (1994), o trabalho do líder intelectual consistiria em

(1) estabelecer uma base conceitual para uma linha de pesquisa, (2) explicar as implicações na pesquisa das ‘boas ideias’, (3) aprovar e validar as pesquisas efetuadas por outros como competentes e relevantes para o quadro de trabalho definido. Geralmente, os líderes intelectuais também (4) produzem uma declaração do programa, especificando quais pesquisas devem ser feitas e como essas pesquisas se encaixam na teoria básica e/ou (5) produzem pesquisas que podem ser tomadas como exemplares, mostrando como uma pesquisa deveria ser feita⁴¹ (MURRAY, 1994, p. 22, tradução nossa).

A imagem associada ao líder intelectual é aquela do profissional capaz de conduzir e promover a produção científica. Já a *liderança organizacional* não está necessariamente relacionada à liderança intelectual, mas tem a função de viabilizar tempo, recursos e outros incentivos para a pesquisa e pode, inclusive, ser realizada por mais de um indivíduo.

Sobre as implicações que o modelo desenvolvido por Murray traz para as reflexões sobre a história da ciência, Altman (1998) afirma ser a mais significativa delas:

⁴¹ Ver texto original: “(1) laying a conceptual foundation for a line of research, (2) explaining the research implications of the ‘good ideas’, (3) approving and validating the work of others as competent, relevant and/or within the framework. Usually, intellectual leaders also (4) produce a program statement, specifying what research should be done and how such research fits into basic theory, and/or (5) produce exemplary research, showing how research should be done” (MURRAY, 1994, p. 22).

o ‘sucesso’ de paradigmas em competição, ou melhor, de programas de investigação concorrentes, dependendo tanto quanto, ou mais, de fatores externos, relativos ao grupo de especialidade que lhe dá sustentação, do que das qualidades intrínsecas da(s) teoria (s) que os constituem” (ALTMAN, 1998, p. 42).

Assim, a presença dos fatores apresentados, apesar de serem necessários, não são garantias para a formação dos grupos e, em contrapartida, o êxito das ideias propostas por um grupo depende não só de fatores internos e da qualidade das ideias em si, como também de quem as promove.

As concepções de Kuhn, como já vistas até agora, foram alvos de inúmeras críticas por parte de estudiosos de sua época e continuam a ser nos dias de hoje, entretanto, faz-se mister apresentar autores que revalidam os termos e os conceitos preconizados por Kuhn, a fim de verificar ainda mais a relevância de seus fundamentos para a aplicação de suas ideias à ciência.

Tais ideias parecem plausíveis, à primeira vista, a Koerner (1989), o qual acredita que conceitos como “paradigma”, “ciência normal”, “revolução” etc., todos propostos e discutidos por Kuhn, são úteis para o historiógrafo da Linguística (cf. KOERNER, 1989) e, nesse quesito, não concorda com certas críticas feitas ao trabalho de Kuhn, especificamente por acreditar que elas promovem uma imagem distorcida das ideias basilares do pensamento do autor. O posicionamento se torna mais perceptível quando Koerner (1989) adverte seu leitor, por meio de uma nota de rodapé, sobre a percepção de Percival, como se vê a seguir:

Para começar, em nenhum lugar em Kuhn pode ser encontrada a declaração de que o progresso de um campo científico se mostra em ‘saltos quânticos periódicos’ (Percival 1976:286). Mais importante, Kuhn nunca afirmou que uma revolução científica é ‘um evento provocado pela conquista impressionante de um ÚNICO gênio científico’ (ibid.) ou que ‘as revoluções são precipitadas por indivíduos ISOLADOS’ (p. 287; ênfase no original). Tal interpretação errada não se torna verdade pela repetição; cf. A afirmação de Percival (p. 286) de que o ‘papel do inovador solitário é essencial para a concepção de uma revolução científica de Kuhn’. (Em nota 11, p. 290, encontramos ainda uma outra referência a esta interpretação errônea.) Na verdade, Kuhn repetidamente fala da dificuldade de identificar uma descoberta particular com o nome de um indivíduo e de uma determinada data. Tampouco Kuhn pressiona o argumento (como Percival faz, pp. 291, 292); o fato de que alguns não aprovam a mudança não faz, na visão de Kuhn, invalidar a ocorrência de uma mudança de paradigma. Em suma, é difícil ver por que o argumento de Percival contra a aplicação dos conceitos e princípios de Kuhn à história da linguística deveria ter algum peso, uma vez que eles são de fato baseados em uma imagem distorcida das propostas de Kuhn. (O fato de que os historiadores da linguística não conseguem concordar sobre quando e onde ocorreu uma mudança de paradigma durante os últimos 150 anos ou mais [Percival, pp. 209-91] pode lançar uma luz sobre o lamentável estado da historiografia linguística, mas não pode ser tomado como uma indicação de

que as ideias de Kuhn se aplicam ‘na melhor das hipóteses vagamente’ a eventos na história da linguística, como Percival quer que acreditemos.)⁴² (KOERNER, 1989, p. 50, tradução nossa).

Na citação, Koerner (1989) faz uma contundente avaliação do texto de Percival em relação à obra de Kuhn, destacando os aspectos positivos para a história da ciência e, mais especificamente, da contribuição que ela pode oferecer à HL. Cumpre mencionar que ressalvas são feitas ao trabalho de Kuhn, mas são postas em evidência as contribuições para a área.

Laudan (2011 [1978]), por seu turno, também reconhece o valor da abordagem kuhniana, todavia, expõe os pontos que acredita serem os mais problemáticos em tal teoria.

Há muita coisa de valor na abordagem de Kuhn. Ele reconhece que as maxiteorias têm funções cognitivas e heurísticas diferentes das miniteorias. Ele foi, provavelmente, o primeiro pensador a ressaltar a tenacidade e a perseverança das teorias globais – mesmo quando desafiadas por sérias anomalias. Rejeitou corretamente o caráter cumulativo da ciência. A despeito de todas essas qualidades, o modelo kuhniano de progresso científico padece de dificuldades conceituais e empíricas sérias. Por exemplo, a explicação dada acerca dos paradigmas e de suas carreiras foi criticada por Shapere, que ressaltou o caráter obscuro e opaco do próprio paradigma, apontando incoerências no uso da noção. Feyerabend e outros sublinharam a incorreção histórica da estipulação kuhniana de que a “ciência normal” seja de algum modo típica ou normal [...] (LAUDAN, 2011 [1978], p. 104).

Para Laudan (2011 [1978]), uns dos principais objetivos da ciência seria a produção de teorias eficazes na solução de problemas ou, ainda, a produção de modelos científicos que ajudassem a resolver problemas científicos. Para isso, propõe um modelo alternativo de progresso científico ou tenta desenvolver a noção de *tradição de pesquisa*, diretriz orientadora de sua teoria, discussão que será mais bem desenvolvida no subtópico 1.6.1.

⁴² Ver texto original: “To begin with, nowhere in Kuhn can the statement be found that progress of a scientific field shows itself in ‘periodic quantum leaps’ (Percival 1976:286). More importantly, Kuhn has never claimed that a scientific revolution is an event brought about by the striking achievement of a SINGLE scientific genius’ (ibid.) or that ‘revolutions are precipitated by SINGLE individuals’ (p. 287; emphasis in the original). Such a misinterpretation does not become true by repetition; cf. Percival’s assertion (p. 286) that the ‘role of the lone innovator is essential to Kuhn’s conception of a scientific revolution’. (In note 11, p. 290, we find yet another reference to this erroneous interpretation.) In fact, Kuhn repeatedly speaks of the difficulty of identifying a particular discovery with the name of one individual and a given date. Nor did Kuhn press the argument (as Percival does, pp. 291-292); the fact that some do not approve of the change does not, in Kuhn’s view, invalidate the occurrence of a paradigm change. In short, it is difficult to see why Percival’s argument against the application of Kuhn’s concepts and principles to the history of linguistics should carry any weight since they are in fact based on a distorted picture of Kuhn’s proposals. (The fact that historians of linguistics cannot agree on when and where a paradigm change occurred during the past 150 or so years [Percival, pp. 209-91] may shed a light on the sorry state of linguistic historiography, but cannot be taken as an indication that Kuhn’s ideas apply ‘at best vacuously’ to events in the history of linguistics, as Percival wants us to believe)” (KOERNER, 1989, p. 50).

Toda essa discussão se torna relevante pelo destaque muitas vezes dado ao componente histórico ou contextual, nem sempre considerado nas discussões que envolvem o desenvolvimento do conhecimento científico, mas que aparece como elemento essencial em uma perspectiva historiográfica.

Uma vez que o estímulo para a discussão, neste tópico, é a apresentação de modelos relacionados à História, à Filosofia e à Sociologia da ciência e sua contribuição para o que posteriormente veio a se consagrar como HL, a discussão acima parece ser bastante produtiva por se tratar de um debate epistemológico que busca articular a ideia de desenvolvimento científico e a formação de métodos ligados à perspectiva histórica.

A História, a Filosofia e a Sociologia da ciência, apesar de serem áreas distintas, nesta pesquisa, articulam-se de modo a promover uma epistemologia promissora à HL, em que o contexto histórico se evidencia como um ponto de intersecção para a análise das transformações pelas quais passa a ciência.

Toda a discussão supra proporciona a aferição de discussões no âmbito da História, da Filosofia e da Sociologia da ciência moderna, que possibilitam identificar epistemologias mais produtivas à HL. No caso desta tese, pretende-se produzir uma historiografia que leve em conta *aspectos internos e externos* e que forneça, em certa medida, um modelo adequado de aplicação ao estudo da história da HL.

Nesse sentido, o modelo de *continuidade e descontinuidade* (cf. KOERNER, 1989) se apresenta como aquele mais adequado por viabilizar a percepção de movimentos relacionados aos estudos historiográficos, uma vez que se busca averiguar a permanência ou a mudança no desenvolvimento do conhecimento historiográfico produzido no Brasil, no intuito de detectar os movimentos e os interesses científicos e/ou pessoais que possibilitaram o desenvolvimento e a consolidação da HL no país.

Além disso, mesmo levando em conta as críticas que se construíram em torno das ideias de Kuhn, parece razoável admitir, nesta tese, a contribuição de alguns de seus argumentos, principalmente no que se refere ao papel que a história passa a ter no interior das discussões científicas, bem como o reconhecimento de que a produção de conhecimento nas ciências não se dá só por acumulação.

Um autor como Murray (1994), por exemplo, contribui com sua discussão sobre os *grupos de especialidade*, enfocando a formação e as relações que se estabelecem entre diferentes *grupos de especialidade* ou, ainda, com a discussão sobre *liderança intelectual* e

liderança organizacional, que, segundo o autor, são condições indispensáveis para a formação de *grupos de especialidade* e para a sustentação de determinadas teorias.

Pode-se mencionar, ainda como contribuição à pesquisa, a perspectiva proposta por Fleck (2010 [1935]). Tal qual o autor, entende-se que o desenvolvimento do conhecimento linguístico implica o reconhecimento da dimensão social e de suas implicações. Suas ideias demonstram que a pesquisa científica deve ser de natureza coletiva e que a *verdade* científica não é mérito de um único pesquisador, mas o resultado dos esforços de vários indivíduos. Importante lembrar, ainda, a ideia de que um conhecimento linguístico não rompe, ao menos totalmente, com seu passado, mas evolui em relação a ele, visto que tende a se relacionar com outros conhecimentos. É essa rede de referências que possibilita o acesso à percepção de certos avanços ou de manutenção em relação ao conhecimento científico.

Na HL, é possível reconhecer certos *princípios* gerais que são aceitos pelos historiógrafos, desde os mais experientes até aqueles que se inseriram na área mais recentemente. Entretanto, ainda que se possa admitir a importância das proposições de determinados autores para uma reflexão de caráter mais epistemológico, filosófico ou sociológico, como parece ser o caso de Kuhn, por exemplo, autor amplamente divulgado na área, nesse caso não parece ser consenso entre os estudiosos a aceitação total de determinadas propostas. Isso porque a HL não dispõe ainda de uma única metodologia, ficando a cargo do historiógrafo a decisão por qual metodologia e epistemologia seguir. Dito de outra forma, é função do historiógrafo da Linguística estabelecer seus critérios metodológicos e explicitar para a comunidade científica quais fundamentações epistemológicas justificam suas escolhas e procedimentos.

Para finalizar essa discussão, remete-se novamente a Kuhn (2013 [1962]), especificamente quando afirma que “o fracasso em alcançar uma solução desacredita somente o cientista e não a teoria. A este caso, ainda, mais do que ao anterior, aplica-se o provérbio: ‘Quem culpa suas ferramentas é mau carpinteiro’” (KUHN, 2013 [1962], p. 163), ou seja, o arbítrio atribuído ao historiógrafo ou a falta de metodologia própria da área não pode ser justificativa para uma possível falha em um trabalho que se propõe historiográfico.

Tendo em vista a discussão apresentada, passa-se, de agora em diante, a discorrer sobre as categorias de análise que auxiliaram na organização e interpretação dos dados da pesquisa.

1.6 Historiografia analítica

Como linha de pesquisa, pretende-se desenvolver uma historiografia do tipo analítica, isto é, uma historiografia problematizadora, que mantém um olhar metodologicamente orientado para uma exposição clara dos fenômenos que são característicos, nesse caso, da história da HL no Brasil, e que busca lançar novos olhares para a narrativa historiográfica. Silva (2019), ao esclarecer a que se propõe uma historiografia do tipo analítica, afirma ser sua principal característica o fato de se buscar “formas diferenciadas de acessar o passado e compreender as possíveis experiências históricas atingidas pelas investigações das formas de continuidade e descontinuidade” (SILVA, 2019, p. 373). Nesse sentido, uma historiografia analítica procura analisar seu objeto focando não só na sua reconstituição histórica, mas também na reconstrução de um passado capaz de promover a compreensão de determinadas transformações em um recorte de tempo.

Um estudo como este passa, então, pela apropriação de alguns conceitos e termos técnicos que, aqui, foram tratados como *categorias analíticas* e que, nesta investigação historiográfica, ajudaram na estruturação, na organização, na interpretação e na reflexão dos dados, de modo a promover uma narrativa que tenciona ser descritiva, crítica e interpretativa.

Assim, optou-se pela utilização de quatro *categorias analíticas*, quais sejam: *tradição de pesquisa, continuidade e descontinuidade, tipo de retórica e influência*. A fim de esclarecer alguns conceitos e promover um diálogo mais produtivo e coerente com o objeto em questão, as características de cada *categoria* serão apresentadas nos subtópicos a seguir.

Antes de se fazer isso, torna-se oportuno aclarar o que de fato se compreende, aqui, por *categorias analíticas*. O manuseio com materiais da área da HL permite observar, muitas vezes, a falta de clareza e de uniformidade tanto no uso quanto na definição do que sejam essas “categorias”, por vezes, alcunhadas de “categorias analíticas”, “categorias interpretativas” ou, ainda, “categorias historiográficas de análise”. Para além dessa observação, diga-se mais “superficial”, é fundamental considerar, antes de tudo, as fontes que revelam/proporcionam diretamente esse tipo de observação, como artigos, capítulos de livros, e principalmente os textos acadêmicos, com destaque para dissertações e teses, as quais utilizam, pela própria natureza do trabalho, elementos que favorecem a compilação, organização, explicação e interpretação de uma quantidade de dados mais extensos. Um olhar pontual para esses materiais certificaria essa observação, no entanto, considerando os limites e objetivos desta proposta, a ideia é que, a partir da reflexão, estabeleçam-se critérios e definições que especifiquem o que são essas *categorias* que auxiliam nas análises quando se empreende uma pesquisa em HL.

De acordo com Bartelmebs (2013), “as categorias são processos analíticos que agrupam as unidades de um *corpus* de análise, isto é, dos dados coletados na pesquisa” (BARTELMEBS, 2013, p. 4). Seguindo esta ideia, por “categoria”, entende-se um meio de operar com os dados de modo a organizá-los, separá-los ou uni-los, classificá-los, bem como de auxiliar na descrição e, conseqüentemente, na interpretação das informações.

Contudo, para além dessa definição mais geral, há que se levar em conta o uso do termo “categoria” inspirado nas ideias de Swiggers (2004), o qual afirma que “o historiador não pode realizar sua tarefa historiográfica sem recorrer a categorias”⁴³ (SWIGGERS, 2004, p. 14) e para o qual, baseado nas ideias de Chaim Perelman (1969), as categorias podem ser entendidas como “unidades de classificação e como formas de comunicação com o leitor”⁴⁴ (*op. cit.*, p. 14). Nesse sentido, e seguindo a proposta de Swiggers (2004), as *categorias* empregadas por parte dos historiógrafos favorecerem a organização dos dados, possibilitando que sejam avaliados em uma perspectiva mais global.

Ao se discutir e propor domínios para a pesquisa, as escolhas teóricas e metodológicas colocam certos limites, para a pesquisa e para o pesquisador, os quais se apresentam como essenciais na construção de problemáticas e, conseqüentemente, de resultados aos quais se pretende chegar. Assim, buscou-se selecionar *categorias* que viabilizam a coleta, organização, análise e a interpretação dos dados, de modo que elas se constituam como um mecanismo metodológico que traga à tona elementos que sejam “peças-chave” na produção e análise de determinado conhecimento linguístico. Em outras palavras, as *categorias analíticas* buscam viabilizar que os dados possam ser analisados em conjunto e, como consequência disso, o pesquisador em HL pode estabelecer ilações passíveis de serem aplicáveis a determinados contextos analíticos.

Diante disso, propõe-se que as *categorias analíticas* sejam vistas, tal como propõe Swiggers (2004), como “unidades de classificação” (SWIGGERS, 2004, p. 14), que visam sistematizar as informações de modo a sobrelevar sua importância. Sobre as *categorias* empregadas em trabalhos na área da HL, Coelho, Nóbrega e Alves (2021) afirmam que as “categorias têm flutuações e rearranjos, a depender dos *corpora* ou dos problemas abordados, mas constituem uma espécie de núcleo descritivo-analítico de várias pesquisas [...] (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021, p. 14). Isto significa que as *categorias analíticas* são elementos

⁴³ Ver texto original: “*el historiador no puede alcanzar su tarea historiográfica sin el recurso a categorías*” (SWIGGERS, 2004, p. 14).

⁴⁴ Ver texto original: “*unidades de clasificación (y como formas de comunicación con el lector)*” (SWIGGERS, 2004, p. 14).

importantes em um trabalho historiográfico por sistematizarem conceitos, no entanto, não devem ser entendidas como unidades fixas, isso porque o estabelecimento dessas *categorias* está diretamente relacionado aos objetos e objetivos de cada pesquisa.

Isto posto, passa-se, de agora em diante, a tecer algumas considerações sobre as *categorias* selecionadas nesta pesquisa.

1.6.1 Tradição de pesquisa

O conceito de *tradição de pesquisa*, seguindo Alonso (2012), apresenta-se como uma noção desenvolvida a partir de uma dupla perspectiva de investigação historiográfica, a saber: uma tradição que insere um objeto cultural analisável e uma tradição que insere investigadores contemporâneos. A primeira concepção adquire sentido na construção de uma tradição na Linguística em que obras podem ser organizadas a partir de um modelo, de objetivos e finalidades comuns. A segunda se volta para uma tradição que reconhece os historiógrafos como investigadores contemporâneos, aptos a interpretar o passado a partir de uma perspectiva particular (cf. ALONSO, 2012).

Nesse sentido, tomar o termo “tradição”, como uma categoria analítica na HL, pode ajudar o historiógrafo a compor uma unidade coerente de investigação. De modo geral, essa definição se aplica bem à história da Linguística por considerar que cada obra passa a adquirir um valor na composição da história da disciplina e esses objetos culturais, salvaguardadas suas particularidades, podem se constituir como uma *tradição*.

Laudan (2011 [1978]), em trabalho que toma a reflexão sobre a natureza do conhecimento científico e sobre o progresso da ciência como umas das temáticas principais de sua análise, define o que poderia se entender por *tradição de pesquisa*. Para o autor, o termo se reportaria a “*um conjunto de suposições acerca das entidades e dos processos de uma área de estudo e dos métodos adequados a serem utilizados para investigar os problemas e construir teorias dessa área do saber*” (LAUDAN, 2011 [1978], p. 115, grifos do autor).

As *tradições de pesquisas* não poderiam, de acordo com o autor, ser avaliadas como tendências que se estabelecem rapidamente, ao contrário disso, devem ser consideradas movimentos historicamente consolidados, sobretudo quando há a adesão de diversos cientistas e quando as *tradições* se fortalecem no decorrer do tempo. De acordo com Laudan (2011 [1978]), “são criadas e articuladas dentro de determinado ambiente intelectual, ajudam na geração de teorias específicas e – como todas as instituições históricas – envelhecem e

desaparecem” (LAUDAN, 2011 [1978], p. 135). Essa ideia ajuda, de certo modo, a compreender as diretrizes por trás da formação de *tradições de pesquisa*, sua função, aliada à explicação de problemas empíricos de uma área, à constituição de métodos de investigação, além do seu domínio de atuação e do fato de que, como qualquer instrumento que serve à ciência, podem ser substituídas por outras, desde que sejam consideradas inapropriadas para o fomento do progresso da ciência.

Ainda sobre a noção de *tradição de pesquisa*, Laudan (2011 [1978]) aponta traços comuns e gerais a todas elas:

1. Têm muitas teorias específicas que a exemplificam e parcialmente a constituem – algumas contemporâneas, algumas sucessoras temporais de outras mais antigas.
2. Apresentam vínculos *metafísicos* e *metodológicos* que, em seu conjunto, a individualizam e a distinguem de outras.
3. Ao contrário das teorias específicas, passam por formulações diferentes e detalhadas (e não raro contraditórias) e, em geral, têm uma longa História que se estende por um significativo período de tempo. (Em contrapartida, as teorias frequentemente têm vida breve) (LAUDAN, 2011 [1978], p. 112, grifos do autor).

Nesse ponto de vista, uma *tradição de pesquisa* opera certos modos de como proceder, seja delimitando os modos de interação, seja legitimando métodos de investigação.

Já com Swiggers (2010b) a noção de *tradição*, para o uso em HL, pode ser entendida ou mesma usada, em termos de operacionalização, pelo menos de quatro maneiras distintas, a saber:

- 1) como uma tradição ‘nacional’ (ex. Noordegraaf [1990], que focaliza os países baixos), como uma tradição ‘étnica’ (cf. WALDMAN, 1975) ou como uma tradição ‘geograficamente definida’ (cf. MILLER, 1975); para uma ampla comparação de tradições étnico-areais da linguística, v. Itkonen (1991);
- 2) como uma tradição ligada a um paradigma científico ou a um tipo de investigação linguística (ex., a tradição da gramática histórico-comparativa); essa concepção de tradição pode, claro, ser combinada com um foco ‘nacional’ (cf. GÖBELS, 1999);
- 3) como uma tradição de ‘investimento linguístico’ em função de um alvo cultural, ideológico e/ou político; uma tradição complexa interessante de investimento linguístico vinculada a objetivos religiosos e políticos é a ‘linguística missionária’, uma tradição que se tornou um campo de pesquisa intensamente cultivado em anos recentes (cf. Zwartjes – Altman [eds. 2005]; Zwartjes – Hovdhaugen [eds. 2004]; Zwartjes – James – Ridruejo [eds. 2007]; e v. Ridruejo [2007] para uma apresentação sintética do campo e dos métodos da linguística missionária);
- 4) uma tradição, entendida de maneira muito ampla, que se define pelo foco em um subgênero da prática linguística (ex. a tradição da lexicografia

bilíngue/multilíngue) ou por um foco ‘tópico’ em uma língua particular (cf. HÜLLEN, 1999) (SWIGGERS, 2010b, p. 7).

Seguindo a interpretação de Swiggers (2010b), a noção de *tradição* que mais se aproxima desta proposta é a do tipo (2), por entender que uma *tradição* está relacionada a um tipo de investigação científica, o que, para os fins desta pesquisa, dialoga com a ideia de que a HL pode ser caracterizada como uma *tradição de pesquisa*, por se tratar de um conjunto de diretrizes que, ligada a um tipo de investigação, desenvolve uma teoria específica.

Feitas essas considerações, justifica-se essa brevíssima discussão sobre *tradição de pesquisa* porque, nos limites da tese, o termo foi tomado, tal como entende Alonso (2012), como um conceito que considera o objeto em seu contexto e busca identificar autores e obras com os quais os agentes selecionados para a pesquisa mantêm relação. A aplicação e uso do termo serão melhor visualizados quando a análise possibilitar estabelecer o objeto HL no eixo de um tempo em que seja possível reconstruir relações entre pesquisadores, grupos de especialidades, trabalhos produzidos na área, só para citar alguns, de modo que se possa denominá-la como uma *tradição* em HL ou, como propõe Swiggers (2010b), “uma tradição ligada a um paradigma científico ou a um tipo de investigação linguística” (SWIGGERS, 2010b, p. 7). Além disso, no que toca à explicação de Laudan (2011 [1978]), é preciso considerar a ideia por trás dos pressupostos (metodológico e epistemológico) necessários para a consolidação da referida categoria, a fim de legitimar certos modos de proceder do pesquisador.

Em suma, dada a diversidade de perspectivas que podem caracterizar o que seja uma *tradição de pesquisa*, a análise dos conteúdos que se pretende desenvolver neste trabalho, ao colocar em perspectiva a produção dos historiógrafos com base em suas obras (artigos, dissertações, teses, livros etc.) organizadas a partir de um modelo, de objetivos e de finalidades comuns, deve oportunizar a caracterização do que aqui chamaremos de *tradição de pesquisa* em Historiografia Linguística brasileira. As obras foram, portanto, estudadas a partir de suas redes de relações e interpretadas considerando uma perspectiva particular e fiel às suas fontes.

Realizada a apresentação dessa primeira categoria de *tradição de pesquisa*, passe-se, no subtópico a seguir, a discutir a constituição de saberes quando projetados no eixo do tempo.

1.6.2 Continuidade e descontinuidade

Antes de discutir especificamente sobre questões concernentes à constituição de saberes quando projetados no eixo do tempo, cumpre remeter o leitor à seção 1.5, na qual se apresenta uma síntese das ideias de Koerner (1989) sobre o modelo de *continuidade* e *descontinuidade*.

A abordagem historiográfica pode ser feita a partir de várias perspectivas, considerando uma história de *rupturas* e *descontinuidades* ou de *acumulação* e *continuidades*. Koerner (2014 [1995]), ao discutir alguns modelos particulares que guiarão a prática do historiógrafo da Linguística, apresenta algumas questões que podem ser objetos de problematização do historiógrafo, dentre elas: “a ideia da ‘influência’, o debate sobre a descontinuidade/continuidade ou a questão da ‘metalinguagem’ na historiografia linguística, para citar só alguns exemplos” (KOERNER, (2014 [1995], p. 56). Para o autor, é de suma importância a discussão sobre o tópico *continuidade/descontinuidade* na HL.

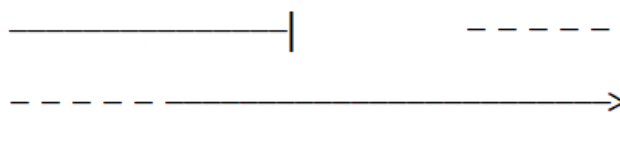
Batista (2015), sobre os eixos de *continuidades* e *descontinuidades* históricas, afirma que:

Um eixo de continuidades históricas se forma quando há adesão a saberes que já foram validados dentro de um campo e que têm reconhecimento de um grupo de pesquisadores; constrói-se, desse modo, uma tradição de pensamento. De maneira complementar, há também um eixo de descontinuidades históricas, no qual prevalecem a diferença, a oposição e a ruptura dentro de um campo de investigação científica (BATISTA, 2015, p. 121).

A HL considera que a história dos saberes sobre a linguagem humana é permeada por momentos de *continuidade* e/ou *descontinuidade*. Importante retomar, ainda, a ideia de que fica a cargo do historiógrafo decidir por uma ou por outra opção, como já se teve a oportunidade de discutir no tópico 1.5, desde que o pesquisador esteja consciente de suas tomadas de decisões.

Koerner (1989) apresenta uma imagem que pode servir de ilustração ao modelo de *descontinuidade* vs. *continuidade*, segue a figura:

Figura 3: Modelo de descontinuidade vs. continuidade



Fonte: Koerner (1989), p. 53⁴⁵

⁴⁵ A imagem foi reconstruída, pela autora desta pesquisa, a partir da figura apresentada por Koerner (1989), na página 53. A reconstrução da imagem se deu pelo fato de o arquivo do material, ao qual a pesquisadora teve acesso, não ter produzido uma imagem escaneada de boa qualidade, por esse fator, optou-se pela reconstrução.

O autor traz alguns exemplos encontrados na história da Linguística que indicam claramente a *continuidade* ou a *descontinuidade* de tradições particulares e, para ele, o historiógrafo deve ser consciente dessa realidade, de modo a ser capaz de identificar as razões que promovem a continuidade ou uma mudança geral de perspectiva de determinada tendência ou teoria. Do modelo proposto por Koerner (1989), interessa-nos, particularmente, a leitura que a imagem pode possibilitar. A representação do diagrama acima pode indicar que uma tendência dominante, por alguma razão que seja, pode vir a cair em descrédito, o que promoveria uma interrupção, ideia ilustrada pela ausência de traço na primeira linha. Essa mesma tendência, por ora rejeitada, pode, em algum momento, ser retomada (em algum grau), ideia representada pelas linhas pontilhadas. A segunda e a terceira linhas representam esse reavivamento do interesse por determinada *tradição* e, por conseguinte, a continuação de uma tendência que pode voltar a ser novamente dominante.

Esse modelo de Koerner se mostra relevante por trazer à baila aspectos que podem vir a fazer parte de uma interpretação para a história da Linguística, ou no caso desta tese, da história da HL. É preciso ter bastante consciência dos fatores extralinguísticos que promovem a produção de conhecimento, além, é claro, da ideia de que o conhecimento não se dá de forma linear e nem cumulativa (cf. KOERNER, 1989), isto é, o entendimento de que o passado auxilia nas descobertas do presente. À HL interessa, também, as historiografias que levem em conta as *descontinuidades*.

Neste trabalho, foi utilizada uma metodologia que oportunizou a observação, dentro do recorte de tempo estabelecido, de 1993 a 2020, dos materiais que deram suporte à análise. O objetivo era, a partir de uma visão retrospectiva, analisar as *continuidades* e/ou *descontinuidades* entre as obras, entre as obras e os autores, entre os autores e *seus grupos de especialidade* e entre eles e a proposta inicial de Koerner, à qual o autor se refere como um quarto tipo de história da Linguística, denominada por ele de HL.

Por fim, esse mapeamento historiográfico possibilitou uma análise interpretativa desses eventos em diversos momentos, de modo a poder avaliar se determinados saberes ou ideias foram adquiridos ou recusados e se esses saberes continuaram ou foram descartados e por quais motivos. Seguindo essa proposta, cumpre-se um dos objetivos da tese, que é identificar *continuidades* e/ou *descontinuidades* no desenvolvimento do conhecimento historiográfico produzido no Brasil, buscando detectar os movimentos e interesses científicos que possibilitaram o desenvolvimento e a consolidação da HL no país.

No próximo subtópico, será possível proceder a considerações sobre o discurso de intelectuais responsáveis pelo desenvolvimento da HL no território brasileiro como ponto principal de observação, buscando validar seus objetos de estudo, suas ideias e posicionamentos diante da propagação de conhecimentos em eixos históricos.

1.6.3 Tipo de retórica

O termo *retórica*, *grosso modo*, é entendido como a arte de persuadir, isto é, a capacidade de convencer alguém de alguma coisa, percepção que é difundida desde a Antiguidade Clássica. Neves (2012), sobre a essência da retórica, afirma: “Era a poderosa linguagem retórica, pessoal por definição, que visava à persuasão, e que, portanto, em último – ou em nenhum – lugar deixava a preocupação com a verdade, que era preocupação básica da filosofia” (NEVES, 2012, pp. 42-43).

Ducrot (2009), ao refletir sobre uma Teoria da Argumentação na língua, atesta haver um tipo de *argumentação retórica* e um tipo de *argumentação linguística*. Os dois tipos, para ele, são avaliados de modo que se contrapõem um ao outro e, no que se refere, especificamente, à definição de *argumentação retórica*, afirma o autor ser uma “atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa” (DUCROT, 2009, p. 20), ideia próxima à propagada desde a Antiguidade. Essa noção é, de fato, a mais difundida pelos estudos tradicionais e ganha notoriedade, neste estudo, por rememorar uma discussão que põe em questão uma atividade que pode servir aos estudos da história dos conhecimentos linguísticos, sobretudo por ser um termo que possibilita a observação e análise de manifestações argumentativas em textos que servem às investigações históricas.

Contudo, a apropriação do termo *retórica*, na HL, é redimensionada e, nesse caso, passa a considerar, como ponto central, não mais a ideia de convencer alguém de alguma coisa, mas a percepção dos modos de dizer de um pesquisador, no caso, de um linguista. Altman (1998), sobre isso, afirma que por retórica se entende as “estratégias de enunciação utilizadas pelo pesquisador para situar seu trabalho em relação ao trabalho de seus predecessores e/ou contemporâneos” (ALTMAN, 1998, p. 52). A autora, baseada em Murray (1994), distingue dois *tipos de retóricas*, uma revolucionária e uma continuísta.

De acordo com Murray (1994), os membros de um grupo podem optar por manter uma *retórica de continuidade*, ou seja, os pesquisadores compartilham as mesmas ideias, as mesmas hipóteses de *paradigmas* anteriores. Já quando se propõe uma *retórica de descontinuidade* ou

uma *retórica revolucionária*, nos termos do autor citado, os membros de um grupo reivindicam algumas novidades ou mesmo mudanças de paradigmas anteriores, discussão já explicitada anteriormente, na seção 1.5.

O termo *retórica*, quando conceituado na HL, também aparece como objeto de interesse das reflexões de Batista (2015). A esse respeito, o autor diz que:

São, enfim, esses modos de dizer, situados em práticas discursivas específicas, que definiremos aqui como *retórica* na pesquisa em Historiografia da Linguística. Procurando ampliar as considerações de Murray (1994), propomos essa noção como um dispositivo de análise que permitirá observar nas manifestações linguísticas, no âmbito do discurso científico em ciências da linguagem, posicionamentos de continuidade ou de ruptura na produção e divulgação de modos de descrição e análise de fenômenos linguísticos, pois, quando comunidades científicas se organizam em torno de uma retórica de ruptura ou de adesão a um paradigma, a suposta neutralidade do discurso científico coloca-se diante de um posicionamento que se quer legítimo e ocupa seu lugar social, uma vez que fala de um espaço específico e demarcado. Propomos, assim, considerar retórica como modos de dizer resultantes de práticas discursivas, originadas em campos específicos dos saberes (BATISTA, 2015, pp. 122-123, grifo do autor).

A *retórica*, para o autor citado, é entendida como uma categoria de análise que serve à HL como um meio de auxiliar na produção de uma narrativa historiográfica que busca entender como as proposições de alguns linguistas se estabelecem ou são avaliadas dentro de um eixo de *continuidade* ou *descontinuidade* na construção de saberes sobre as línguas ou a linguagem. A abordagem do estudo da retórica na HL está presente em diversos estudos historiográficos, a partir da noção de adoção de uma visão de “produção discursiva ancorada em processos de persuasão” (BATISTA, 2019, p. 82) e, conforme o mesmo autor, “relaciona-se aos discursos de cientistas e intelectuais que pretendem firmar uma posição por meio dos textos que elaboram ou proferem” (*op. cit.*, p. 82).

Isto posto, parte-se para a correlação entre as ideias apresentadas supra e o modo como o termo foi aplicado nesta pesquisa. O mapeamento da produção historiográfica brasileira permitiu perceber, a partir das fontes, as intenções persuasivas de um autor ou de um grupo ao situar seu trabalho. A análise dos argumentos e das escolhas discursivas dos pesquisadores possibilitou que se fizesse uma avaliação das estratégias retóricas usadas para convencer o outro da legitimidade de sua prática científica.

Tomando como ponto de partida a discussão sobre *tipos de retórica*, no tópico seguinte, procede-se a considerações sobre a importância da questão da *influência* na HL.

1.6.4 Influência

A questão da *influência* na HL se apresenta como um ponto relevante e que ganha destaque nas discussões de Koerner (2014 [1987]⁴⁶). Em artigo *O problema da ‘influência’ na historiografia linguística*, o autor tanto apresenta as incongruências relacionadas ao termo, quanto apresenta exemplos que esclarecem seu ponto de vista.

De acordo com Koerner (2014 [1987]), “a maior parte dos autores não chega a definir o termo ‘influência’, simplesmente o usa como se houvesse um acordo tácito acerca do significado do termo” (KOERNER, 2014 [1987], p. 91). No que toca a essa declaração, o autor ainda reforça a ideia de que, muitas vezes, a palavra *influência* é usada em trabalhos voltados para a história da Linguística como, “na melhor das hipóteses, um termo mal definido e, na pior das hipóteses, um argumento conveniente que pode apanhar um opositor desprevenido” (*op. cit.*, p. 91).

A má definição ou o uso inapropriado do vocábulo poderia acarretar problemas relacionados à veracidade de uma informação ou mesmo às distorções de ideias, posto que o uso do termo, em trabalhos historiográficos, na maioria das vezes, visa estabelecer certas conexões (entre ideias, autores, conceitos, teorias etc.), no intuito de produzir provas sobre um fato já estabelecido.

Em vista disso, há que se desenvolver critérios bem estabelecidos para uma aplicação adequada da palavra *influência*. Para isso, Koerner (2014 [1987]) faz algumas avaliações sobre o uso do termo e distingue uma *influência geral* ou relacionada ao contexto, em que as referências são explicitadas (pela comparação de textos ou considerando o clima de opinião da época), de uma *influência mais direta*, na qual haveria um diálogo efetivo entre os textos. Como ilustração, apresenta três exemplos, quais sejam: a questão da ‘influência’ de Herder sobre Humboldt; a suposta ‘influência’ de Darwin sobre Schleicher; e a chamada ‘influência’ de Durkheim sobre Saussure (cf. KOERNER, 2014 [1987])⁴⁷. Os três exemplos apresentados por Koerner elucidam bem a sua proposta pelo fato de: circunscreverem o problema, demonstrarem certas incoerências resultantes da falta de clareza no uso do termo, além de assinalarem formas mais seguras de identificação de certas influências. Ainda com Koerner (2014 [1987]):

⁴⁶ O artigo *On the Problem of ‘Influence’ in Linguistic Historiography* é datado de 1987. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Sônia Coelho, no livro *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados* (2014). Entretanto, antes dessa tradução, consta uma outra, datada de 1998, elaborada por Altman.

⁴⁷ Para uma visão geral e crítica dos exemplos apresentados por Koerner (2014, [1987]), ver Cavaliere (2020).

uma interpretação tão ampla de ‘influência’ pode não ser muito satisfatória e provavelmente não será muito significativa. Em consequência, faríamos bem em estabelecer uma definição mais clara deste termo demasiadamente utilizado, assim como em desenvolver critérios para a sua aplicação adequada (KOERNER, 2014 [1987], p. 101).

Sendo, pois, segundo Koerner, necessária uma definição mais genuína/objetiva para o termo, tem-se evidenciada a importância de discussões sobre a questão da *influência* e, no caso desta pesquisa, aproveita-se a exposição de argumentos de Cavaliere (2020), no que diz respeito a essa temática. Segundo o autor:

a investigação sobre o fenômeno da influência no corpo da sociedade contribui decisivamente para que entendamos por que certas crenças — religiosas, políticas, artísticas e científicas — ganham prestígio e perduram no decurso do tempo, ao passo que outras caem no esquecimento das coisas irrelevantes (CAVALIERE, 2020, p. 133).

Para o autor, uma investigação sobre o fenômeno da *influência* se faz legítima pela própria relação que é construída socialmente entre aquilo que já foi feito e aquilo que se pretende fazer. Nos casos em que essa *influência* se dá no plano da *investigação científica*, interesse particular deste trabalho, considera-se haver certa “consciência” no que diz respeito aos fatores que vinculam certas ideias, pesquisadores, grupos de pesquisa etc. Assim, nas palavras de Cavaliere (2020), “No plano da *investigação científica*, a *influência* é uma forma de intervir nas atitudes e opiniões dos outros através de ações intencionais (embora não necessariamente racionais), cujo efeito pode ou não ser o de mudar convicções ou impedir sua possível mudança” (CAVALIERE, 2020, p. 134, grifos do autor).

Seguindo as ideias de Cavaliere, sobretudo no estabelecimento de novas diretrizes para o entendimento e aplicação do termo, alguns tipos de *influências* podem ser identificados em HL, a saber: *influência científica*, *influência ideológica*, *influência direta*, *influência pessoal* e *influência acadêmica*. O reconhecimento desses vários tipos de *influência* não deve significar, no entanto, que é uma tarefa fácil para o historiógrafo da Linguística “caracterizar uma relação de influência” (*op. cit.*, p. 141), ou seja, que seja tarefa simples identificar se entre pesquisadores, por exemplo, a *influência* se deu por contato acadêmico ou por uma relação pessoal ou, ainda, se em uma fonte histórica há uma influência direta entre um autor e outro.

Parece claro, então, a necessidade de mais pesquisas sobre as *influências*, nesse caso, no escopo da HL, buscando análises mais detalhadas sobre os fatos historiografados.

No que tange a esta pesquisa, o termo *influência* é usado em sentido mais geral, atribuindo a ele o papel de noticiar a existência de outros agentes que, de uma forma ou de outra, contribuíram ou estavam envolvidos nos debates sobre as questões abordadas nos textos selecionados ou, ainda, como a situação política, social, econômica ou mesmo como fatores particulares e individuais de determinados pesquisadores da HL podem ter influenciado, de certo modo, na implementação da disciplina HL nas universidades brasileiras. Por fim, são analisadas como ocorreram as *influências* entre os grupos de pesquisas, entre os pesquisadores e seus orientandos e entre instituições que desenvolvem pesquisas na área da HL.

Interessa, ainda, uma última discussão acerca da metodologia da *História Serial* e da *História Quantitativa* no intuito de observar a contribuição dessa sistemática para o campo de trabalho da HL e, de modo específico, haja vista o interesse particular deste estudo, de avaliar as contribuições que ela pode trazer para a tese ao proporcionar o estabelecimento de uma fonte homogênea de dados capaz de organizar as informações da produção em análise, como será possível observar no próximo tópico.

1.7 O método da *História Serial* e da *História Quantitativa*

Antes de discutir especificamente algumas questões relacionadas à metodologia da *História Serial* (doravante, HS) e da *História Quantitativa* (doravante, HQ), cabe, em razão do objeto de estudo desta pesquisa, recuperar algumas informações de caráter contextual concernentes ao tema proposto neste tópico.

A HS e a HQ, de acordo com Barros (2012), compreendem um capítulo importante da história do movimento dos *Annales* e, de modo particularmente significativo, para a história da historiografia (cf. BARROS, 2012). As duas abordagens são avaliadas como modalidades distintas para a história e para a historiografia, apesar de poderem ser tomadas como modalidades articuladas entre si.

No que toca ao período inicial de desenvolvimento dessa nova abordagem, Barros (2012) apresenta um breve e ilustrativo cenário de emergência desses tipos de história, como se pode observar no seguinte comentário do autor:

Precisaremos, neste momento, recuar a um tempo anterior ao período áureo dos *Annales* de Fernand Braudel, que abordamos no item anterior. De certo modo, as realizações desta nova modalidade – a “história serial-quantitativa” – acabam quebrando a habitual cronologia do movimento dos *Annales*, pois temos aqui uma contribuição que é introduzida já nos primeiros *Annales*,

intensifica-se na segunda geração (a de Braudel), e segue um pouco adiante (nos terceiros *Annales*), até declinar sensivelmente, contudo sem nunca desaparecer totalmente (BARROS, 2012, pp. 282-283).

A história da HQ mostra que seu ponto alto coincide com a segunda geração dos *Annales*, que vai de 1946 a 1956, e que tem como líder Fernand Braudel. É nesse período que se tem a ascensão de algumas correntes teóricas ligadas às ciências sociais, como o Estruturalismo, por exemplo. Além disso, é o momento em que há a ampliação de debates com diversas dimensões sociais como a Antropologia, as Ciências Econômicas, a Cultura etc. O principal item desse programa era a promoção de um estudo histórico que colocasse no cerne da discussão a noção de uma *História total* ou *História de tudo*, entendida aqui como uma história que legitima o estudo de todos os objetos, ou, em outras palavras, o estudo de qualquer coisa, incluindo aqui todas as épocas (passado e presente). É, pois, nesse contexto em que se desenvolvem a HS e a HQ, um empreendimento construído de modo partilhado entre economistas e historiadores (BARROS, 2012).

Polachini (2018; 2020), tanto em sua tese de doutorado, publicada em 2018, quanto em artigo fruto do mesmo produto acadêmico, publicado em 2020, toma a HS como metodologia para a organização e o estudo de gramáticas publicadas durante o século XIX. Em ambos os trabalhos, seu objetivo geral visa a um mapeamento dessa produção gramatical a partir de dados coletados em diversas fontes que formam o que a autora denomina de “unidades de análise”. Os dados coletados e relacionados com tais unidades, por meio da metodologia da HS, oportunizaram um mapeamento descritivo e interpretativo de tal produção. Os estudos de Polachini demonstram a relevância e o lugar da metodologia para a área da HL, o que reforça a possibilidade de execução desta metodologia na aplicação e na organização de alguns dados relacionados a fontes selecionadas para a composição da tese.

Especificamente no que diz respeito a esta pesquisa, a metodologia da HS ganha forma na organização de alguns dados ligados às fontes eleitas, como: os dados relacionados à produção dos historiógrafos brasileiros da Linguística, dados esses coletados dos currículos *Lattes* de tais pesquisadores. As informações foram coletadas do texto inicial divulgado pelo próprio historiógrafo no seu *Lattes*, além dos tópicos: artigos completos publicados em periódicos, livros publicados, capítulos de livros publicados, orientações e supervisões em andamento (mestrado, doutorado, iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso) e orientações e supervisões concluídas (mestrado, doutorado, iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso), só para citar uma das aplicações da referida metodologia nesta tese.

Isso porque na HS os eventos são vistos a partir de “séries”, ou seja, as fontes devem ser de um mesmo tipo, homogêneas, comparáveis, ou parte de um mesmo tipo de fonte, de modo que formem uma série, tendo por objetivo uma análise capaz de “perceber tanto as permanências como as oscilações e variações (por exemplo, em uma determinada sequência de tempo)” (BARROS, 2012, p. 287).

Com essas observações sobre o que seja uma análise baseada na metodologia da HS, de agora em diante, faz-se imperativo esclarecer a diferença entre HS e HQ. A primeira compreende o uso de determinados tipos de fontes que permitam a serialização dos dados, isto é, o reconhecimento de elementos comuns que formem um padrão que seja capaz, inclusive, de apontar certas variações nos dados. Já a segunda se liga a um campo de observação de uma realidade voltada para números, quantidades e valores, podendo se utilizar de técnicas estatísticas baseadas em gráficos, curvas de variação etc. Segundo Barros:

A quantidade pressupõe a serialização, se não de fontes, ao menos de dados. O inverso é que não ocorre necessariamente, uma vez que é perfeitamente possível trabalhar com séries de fontes sem se estar necessariamente interessado no número. O historiador, neste caso, pode estar interessado em verificar recorrências, mas não quantidades (BARROS, 2012, p. 290).

Diante do exposto, há que se destacar o quão oportuno, em termos metodológicos, no que se refere ao tratamento de dados, pode ser o uso da HS e HQ. Para Polachini (2020), “a visão que as séries proporcionam não poderia ser vista a olho nu, ainda mais se olho estivesse focado apenas no evento singular” (POLACHINI, 2020, p. 70), e, para esta pesquisa, essa metodologia se apresenta como vantajosa por, a partir do recorte temporal de dada realidade histórica, proporcionar uma organização que oportunizou o cruzamento de dados que auxiliaram na descrição e interpretação da produção dos historiógrafos da Linguística brasileiros.

No próximo capítulo, será apresentada a metodologia que se seguiu na execução da tese.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, são explicitados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, evidenciando como a investigação foi conduzida. Para Swiggers (2009), o historiógrafo precisa ter plena consciência dos vários parâmetros que afetam seu trabalho, principalmente relacionado ao aspecto metodológico (SWIGGERS, 2009). De modo geral, segundo o autor, faz-se necessário estabelecer uma temática, delimitar a periodização e o espaço geográfico e social que cobrem a pesquisa. Além disso, é fundamental que os objetos de tratamento historiográfico sejam analisados interna e externamente, isto é, o trabalho tem que levar a cabo uma análise que engloba as ideias e as práticas linguísticas, mas que também promove uma historiografia que focaliza o contexto, nesse caso, favorecedor do surgimento de ideias e práticas. Como último ponto, é preciso considerar o tipo de historiografia que se pretende desenvolver, se uma mais concentrada na apresentação de dados, dos textos, das ideias etc.

Diante disso, intenta-se neste capítulo explicar, sucintamente, como se desenvolveu metodologicamente a pesquisa. Para isso, foram apresentados os meios e as motivações para a seleção das fontes que serviram de *corpora*, os caminhos norteadores, a sistemática adotada na composição do quadro de trabalho e dos procedimentos de análise dos dados que envolveram a construção da amostragem e os aspectos que circundaram a organização dos capítulos. Não foram, pois, apresentados aspectos relacionados à metodologia específica da área, tendo em vista que a discussão que envolve os princípios e procedimentos metodológicos gerais da HL foram detalhadamente apresentados no capítulo 1.

2.1 Procedimento metodológico

A seleção das fontes que serviram de *corpora* a esta pesquisa se deu em momentos distintos. A pesquisa teve início com um levantamento exaustivo dos pesquisadores que desenvolvem/desenvolveram trabalhos na área de HL. As buscas se basearam, primeiramente, em Oliveira (2017), que, em sua dissertação, apresenta 12 grupos de pesquisa no escopo da HL, já consolidados em universidades brasileiras, e seus respectivos líderes. Em seguida, a busca por pesquisadores na área da HL aconteceu no *site* oficial da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística⁴⁸, especificamente na aba destinada ao

⁴⁸ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. A associação existe desde 1984 e atua como entidade representativa dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Para mais informações, consultar: <https://anpoll.org.br/portal/pt/historia>.

grupo de trabalho em *Historiografia da Linguística Brasileira*⁴⁹, na seção *Membros*⁵⁰, espaço reservado para a apresentação dos principais nomes de estudiosos que desenvolvem pesquisas na área da HL no Brasil. No *site*, foram identificados 30 estudiosos da área. Na busca feita no *site* da ANPOLL, não constam os nomes de Carlos Alberto Faraco, Jean Cristtus Portela, Jarbas Vargas Nascimento, Maria Carlota Amaral Paixão Rosa e Margarete von Mühlen Poll. Chegou-se, portanto, aos nomes dos pesquisadores citados a partir de buscas feitas no *Google Acadêmico* e/ou pelo banco de teses e dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, quando se procurava por trabalhos na área da HL, até que se formou um grupo com 35 pesquisadores que autodeclararam desenvolver pesquisas em HL. Tem-se, apesar do esforço investido, consciência de que certamente existem pesquisadores que poderiam compor o rol dos investigados; no entanto, por não terem sido localizados, não fazem parte da pesquisa.

De posse dos nomes dos pesquisadores a serem analisados, a sistemática adotada foi a de, primeiramente, localizar, no *Lattes*, informações que, de certo modo, evidenciassem o interesse deles pelo desenvolvimento de pesquisas na área da HL ou, dito de outra forma, que ficasse evidente a autovinculação teórico-metodológica com a HL. Em seguida a isso, foram catalogados os dados referentes à produção de cada pesquisador, especificamente nos tópicos: i) “Artigos completos publicados em periódicos”; ii) “Capítulos de livros publicados”; iii) “Livros publicados/organizados ou edições” e iv) “Orientações”. Neste último tópico, em específico, avaliou-se os subtópicos: “Orientações e supervisões em andamento” e “Orientações e supervisões concluídas”, que incluem “Tese de doutorado”, “Dissertação de mestrado”, “Iniciação científica” e “Trabalho de conclusão de curso de graduação”. Realizada esta etapa, foram feitos levantamentos gerais de orientação quantitativa, dispostos em tabelas individuais por pesquisador e, na sequência, foram feitas especificações relativas aos dados descritos em quadros.

Após a composição do quadro de pesquisadores investigados, foram separados, em pastas, os currículos *Lattes* de cada um deles. O arquivo do *Lattes* utilizado na pesquisa levou em conta a periodização estabelecida como critério de análise, os anos de 1993 a 2020. Assim, buscando contemplar as informações mais atualizadas possíveis sobre toda a produção de 2020, os arquivos foram obtidos no dia 3 de janeiro de 2021.

⁴⁹ Ver mais informações em <http://anpoll.org.br/gt/historiografia-da-linguistica-brasileira/coordenacao/>.

⁵⁰ No *site* da ANPOLL, no período em que se realizou a busca (fevereiro de 2021), constava o nome de 30 pesquisadores da área. Na ocasião, o grupo era coordenado por Ronaldo de Oliveira Batista – Mackenzie (coordenador) e Nancy dos Santos Casagrande - PUC-SP (vice-coordenadora). Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/historiografia-da-linguistica-brasileira/coordenacao/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

A etapa posterior à identificação dos *corpora* exigiu um esforço de organizar os dados quantitativos, relacionados à produção dos historiógrafos, em quadros e tabelas, os quais estão devidamente apresentados no capítulo 3. Para compor as tabelas, fez-se um levantamento de todos os artigos publicados, capítulos de livros, livros, orientações em andamento e orientações concluídas, nas etapas de graduação, por meio de trabalhos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso e, nas etapas de pós-graduação, por meio de dissertações e teses. Procurou-se, nesse momento, ser o mais fiel possível aos dados, apresentando o que se tinha, de 1993 a 2020, em termos de materiais que se filiassem à HL. Pelo recorte temporal estabelecido, foram excluídos os materiais anteriores a 1993 e posteriores a 2020, critério utilizado em toda a pesquisa. Importante mencionar o critério utilizado para definir o trabalho como sendo em HL, qual seja: deveria haver, pelo menos, um termo que confirmasse a autovinculação com a área da HL. Os trabalhos que não cumpriram esse critério foram descartados.

A construção da amostragem quantitativa final levou cerca de um ano para ser totalizada. Após a identificação desse material, passou-se à escrita do capítulo 1, pelo qual se buscou esclarecer o aparato teórico e metodológico que guiaria a pesquisa. Nessa etapa, foram feitas leituras sobre a HL, sobre as disciplinas com as quais dialoga e sobre as categorias de análise que auxiliaram a pesquisa. Ao final das leituras, passou-se à escrita do capítulo.

Realizada essa etapa, procedeu-se, enfim, à análise dos textos, a qual consistiu na leitura integral dos artigos e capítulos de livros. Na etapa de leitura e análise dos textos, foram feitos fichamentos que identificavam se, no texto sob análise, o termo HL era apresentado nos títulos; se havia o uso dos princípios basilares propostos por Koerner (contextualização, imanência e adequação), e, caso houvesse, se era por meio de um uso explícito ou implícito; se havia o uso de categorias da área e se essas eram apresentadas de forma explícita ou implícita; se autores, identificados nesta tese como precursores da área (Altman, Koerner e Swiggers), eram citados e com que frequência; e, por fim, se havia definições ou conceitos relacionados à área da HL e quais se apresentavam nos textos. Essa etapa durou mais de um ano de pesquisa, tendo em vista que foram lidos 468 artigos e capítulos de livros.

Concomitante às leituras e análises, partiu-se para a escrita do capítulo 4, que consistia na sistematização da análise dos historiógrafos por grupos e por instituição, a qual resultou no capítulo “Análise da produção brasileira na área de HL”, que, por meio da metodologia da HS e da HQ, organizou em gráficos todos os resultados das pesquisas e possibilitou a construção de uma narrativa que levou em consideração as categorias mais usadas em artigos e em

capítulos de livros, as referências a autores precursores da área em artigos e capítulos de livros e as definições/explicações mais recorrentes em artigos e capítulos de livros. No capítulo 4, ainda foram apresentadas algumas reflexões sobre a produção historiográfica brasileira.

Passada essa etapa, foi desenvolvido o capítulo 5, o qual foi construído de modo a contemplar as informações relacionadas à recepção brasileira à HL. Para tanto, fez-se um levantamento sobre os primeiros momentos da HL no Brasil e o período de oficialização da disciplina/área de pesquisa no país. Os dados foram buscados em livros e *sites* oficiais das universidades. Ainda nesse capítulo, fez-se uma discussão, baseada em Murray (1994), sobre a formação de grupos de especialidade em HL e procedeu-se a um levantamento e posterior organização de um esquema que apresenta uma lista com o nome dos grupos em HL, ano de criação e informações sobre seus respectivos líderes/coordenadores. Segue-se, nesse capítulo, uma tentativa de organização da rede de influências que marcaram as pesquisas e os grupos em HL no Brasil. Nessa etapa, foram criadas figuras que sintetizam as informações sobre essas influências. O capítulo conta com um tópico que visou avaliar os impactos que a institucionalização da disciplina acarretou para os cursos de graduação e para os programas de pós-graduação. Para isso, identificou-se as disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras. Os dados foram, inicialmente, retirados do *Lattes* dos pesquisadores, confirmados nos *sites* oficiais das universidades onde atuam e, por fim, para aqueles que ainda restavam alguma dúvida, confirmados pelos próprios pesquisadores. As confirmações ocorreram via *e-mails*, nos quais, gentilmente, os pesquisadores confirmaram informações e enviaram arquivos para a proponente desta tese, dentre eles, arquivos com as ementas das disciplinas ministradas. Finalmente, foram feitos mapeamentos dos trabalhos orientados na graduação e na pós-graduação e, após o levantamento dos dados, as informações foram organizadas em quadros com todos os trabalhos identificados na graduação como sendo em HL, informações retiradas do *Lattes* dos pesquisadores, além de um mapeamento das temáticas ou objetos investigados nas dissertações e teses produzidas pelos orientandos dos 35 pesquisadores. Nessa etapa, foram avaliados os títulos, resumos e palavras-chaves dos textos e, quando não favoreciam a identificação, procedia-se a uma busca no corpo do texto ou, em último caso, às descrições presentes no “Catálogo de Teses e Dissertações” da CAPES⁵¹.

No capítulo 6, buscou-se desenvolver uma proposta de revisão das matrizes curriculares dos cursos de Letras para, com isso, apresentar uma proposta de disciplina a ser introduzida nos cursos de Letras do Brasil. Para tanto, foram discutidos alguns pontos sobre as matrizes

⁵¹ Ver mais informações em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> . Acesso em: 3 jan. 2021.

curriculares propostas para os cursos de Letras, regulamentadas pelo Parecer CNE/CES nº 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001, e estabelecidos pela Resolução CNE/CES nº 18, de 13 de março de 2002. As informações foram retiradas do *site* oficial do Ministério da Educação do Brasil.

Como última etapa, foram apresentadas algumas considerações sobre a narrativa construída na tese.

CAPÍTULO 3 - SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS *CORPORA* DA PESQUISA

Este capítulo visa à apresentação de um mapeamento dos materiais que serviram de *corpora* à pesquisa, no caso, aqueles produzidos e publicados por pesquisadores brasileiros que operam com a HL como orientação de pesquisa e se reconhecem como historiógrafos da Linguística.

Neste trabalho, a organização dessas informações adquire importância pela possibilidade de uniformização dos dados, tanto no que se refere aos estudiosos da área da HL, quanto à sua produção.

Como já anteriormente mencionado, foram selecionados trinta 35 pesquisadores. A organização dos dados exigiu a distribuição das informações em quadros e tabelas⁵², cujo intuito é constituir materiais informativos gerais. O primeiro quadro consiste na apresentação dos professores pesquisadores na área da HL e suas respectivas instituições de ensino, como consta no quadro abaixo:

Quadro 1: Levantamento dos pesquisadores brasileiros em HL⁵³

Pesquisador	Universidade de origem
Maria Cristina Fernandes Salles Altman	USP
Olga Ferreira Coelho Sansone	USP
Marli Quadros Leite	USP
Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos ⁵⁴	PUC-SP e UPM-SP
Dieli Vesaro Palma	PUC-SP
Maria Mercedes Saraiva Hackerott	PUC-SP
Marilena Zanon	PUC-SP
Nancy Aparecida Arakaki	PUC-SP
Nancy dos Santos Casagrande	PUC-SP
Jarbas Vargas Nascimento	PUC-SP
Alessandro Jocelito Beccari	UNESP
Jean Cristtus Portela	UNESP
Jorge Viana de Moraes	IFSP

⁵² De acordo com Rover e Mello (2020), o uso de quadros e tabelas, além de outros tipos de ilustrações, em um texto científico, ajuda a sintetizar os dados/informações de modo que o leitor perceba de maneira mais clara e objetiva importantes detalhes do texto. Os quadros apresentariam, portanto, “informações textuais de forma organizada para facilitar a compreensão do leitor” (ROVER; MELLO, 2020, p. 170), e as tabelas seriam compostas de “números e apresentam dados estatísticos que devem ser organizados de forma que possibilite o pleno entendimento” (ROVER; MELLO, 2020, p. 171). A apresentação dos dados levantados nesta pesquisa levou em conta a distinção entre quadro e tabela.

⁵³ O critério usado para a organização dos pesquisadores foi o da ordenação por região, considerando, para tanto, a informação de que os primeiros grupos em HL surgiram na região Sudeste. Na sequência, segue-se a apresentação dos pesquisadores das regiões Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte.

⁵⁴ A pesquisadora atua nas duas instituições de ensino.

Luciana Gimenes Parada dos Santos	UNICID-SP
Maurício Pedro da Silva	UNINOVE-SP
Regina Helena Pires de Brito	UPM-SP
Vera Lúcia Harabagi Hanna	UPM-SP
Ronaldo de Oliveira Batista	UPM-SP
Maria Carlota Amaral Paixão Rosa	UFRJ
Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio	UFRJ
Ruth Maria Fonini Monserrat	UFRJ
Ricardo Stavola Cavaliere	UFF-RJ
Leonardo Ferreira Kaltner	UFF-RJ
Lorenzo Teixeira Vitral	UFMG
Sebastião Elias Milani	UFG
José Borges Neto	UFPR
Carlos Alberto Faraco	UFPR
José Marcelo Freitas de Luna	UNIVALI-SC
Patrícia Silvestre Leite Di Iório	UNICSUL
Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos	UFPI
Francisco Eduardo Vieira da Silva	UFPB
Leonardo Gueiros da Silva	UFPB
Margarete von Mühlen Poll	UFPB
Sonia Maria Nogueira	UEMASUL
Maria Candida Drumond Mendes Barros	UFPA

Fonte: Elaborado pela autora

Nos próximos subtópicos, serão apresentados os dados obtidos a partir do levantamento efetuado no *Lattes* dos pesquisadores selecionados, além de informações coletadas em *sites* de busca⁵⁵. Tais informações serão assim dispostas: primeiramente, será indicado o nome do pesquisador seguido do ano de sua produção, que corresponde ao recorte estabelecido para esta tese. A proposta de demarcação de um período neste estudo, de 1993 a 2020, ocasionou a exclusão dos materiais produzidos antes do ano de 1993 e depois do ano de 2020. Desse modo, os títulos dos subtópicos e das tabelas trazem a informação sobre o ano que foi contabilizado para cada pesquisador. Em seguida, será apresentado como cada pesquisador se reconhece diante da sua produção acadêmica, mais especificamente se ele se reconhece ou se autointitula como um historiógrafo da Linguística.

Na sequência, será apresentada uma tabela com as informações coletadas no *Lattes* sobre as categorias selecionadas, que será acompanhada de uma breve descrição dos dados. E, por fim, dispõe-se de mais um quadro com algumas informações que demonstram a qualidade

⁵⁵ Esse recurso foi usado, principalmente, quando havia a necessidade de verificar a produção dos orientandos. Geralmente, as informações eram obtidas no *Lattes* dos orientandos, no *site* de busca “escavador” ou no mecanismo de pesquisa do *google*. A pesquisa no *google* era usada quando os *sites* mais específicos não traziam as informações pretendidas.

da produção dos pesquisadores⁵⁶, especificamente sobre a publicação de artigos. Buscou-se com a apresentação do *qualis* das revistas aferir, em alguma medida, a qualidade dos artigos produzidos pelos pesquisadores brasileiros, especificamente relacionados aos trabalhos em HL.

Os dados sobre a classificação em estratos indicativos da qualidade dos artigos foram retirados, inicialmente, da *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos*⁵⁷. A análise foi feita considerando o ano de publicação do artigo e o *qualis* que a revista apresentava na época de sua publicação. A *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos* apresenta duas possibilidades de consulta, quais sejam: classificações de periódicos triênio 2010 - 2012 e classificações de periódicos quadriênio 2013 - 2016. Em alguns casos, o *qualis* da revista muda de um intervalo de tempo para o outro. A avaliação depois do ano de 2016 segue a mesma do quadriênio 2013 - 2016, tendo em vista que esta é a informação que consta no *site*.

Ainda sobre a avaliação dos artigos, tentando atender as necessidades específicas desta pesquisa, foram utilizados critérios adicionais para classificar as revistas, que, por algum motivo, não foram possíveis definir os *qualis*, a partir do sistema de avaliação da CAPES. A fim de cumprir esse objetivo, foram avaliados: os artigos publicados em revistas ou casas editoriais internacionais que apresentam impacto e relevância para a área. Estes foram classificados como “internacionais”. O segundo caso avaliado se refere aos artigos que não apresentaram estratos na *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos*, em virtude do fator “ano de publicação”, o qual é levado em consideração pelo sistema da CAPES. Nestes casos, foi feita uma avaliação aproximada do *qualis* a partir dos dados fornecidos ou pela plataforma oficial do governo ou pelo *site* oficial da revista.

Em face do exposto, foram desenvolvidos critérios gerais do tipo A/B, B/C para indicar estratos de qualidade mais elevados a estratos de qualidade intermediários ou que não recebem pontuação. Dessa forma, se na classificação da revista aparecer A/B, por exemplo, certamente é uma revista que pertence ou pertenceu a um desses dois estratos ou de suas variações A1, A2, B1, B2, mas para a qual não foi possível definir, por falta de informação nas plataformas

⁵⁶ De acordo com as informações presentes na *Plataforma Sucupira* [s.d.], a “análise de qualidade *Qualis* afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise de qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos” (PLATAFORMA SUCUPIRA, [s.d.]). Tal processo atende as necessidades dos programas das universidades brasileiras e, por ser uma classificação realizada por comitês de consultores que seguem critérios previamente definidos pela área, a estratificação reflete a importância dos diferentes periódicos para uma determinada área e a qualidade das revistas brasileiras. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

⁵⁷ Para mais informações, ver a *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos*. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

consultadas, a posição do periódico na escala relacionada ao fator de impacto⁵⁸. Para melhor visualização do critério, tome-se como exemplo a publicação de Coelho, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, no ano de 2008. Como já mencionado, a *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos* não fornece uma classificação para as publicações anteriores a 2010. Entretanto, a revista citada, no triênio 2010 - 2012, obteve uma classificação A1, na área de avaliação *Linguística e Literatura*. Diante disso e seguindo o critério proposto, no *Quadro 3 - Artigos publicados por Coelho*, à revista foi conferida a classificação A/B.

Quanto à organização dos dados dos artigos, os quadros foram organizados a partir de dois objetivos: o primeiro era apresentar um levantamento da produção da área, especificando as revistas em que esses textos circulam, o ano de produção de cada um deles e o tipo de classificação que recebem pelos órgãos científicos brasileiros; o segundo era que a classificação por estratos, por ser realizada por comitês de consultores que seguem critérios previamente definidos pela área, muitas vezes em um sistema de pareceres às cegas em que autor e avaliador têm sua identidade omitida no intuito de garantir a lisura do processo de avaliação, tendo em vista que fatores externos à avaliação não são considerados, refletisse a importância dos diferentes periódicos para uma determinada área e a qualidade dos artigos e das revistas brasileiras, bem como das revistas internacionais.

Deve-se ressaltar que a produção dos orientandos passa a compor a produção dos pesquisadores pelo fato de que o orientador, na maioria das vezes, tem um papel fundamental na produção do aluno, tanto na graduação quanto na pós-graduação. O orientador direciona seu orientando a partir de intervenções, que podem se dar por meio de indicações de livros, sugestões de temas de pesquisa, revisões de textos etc., fatores que influenciam no resultado final do trabalho. Além disso, há que se mencionar que a produção dos alunos contribui para o fortalecimento de uma área de pesquisa em uma universidade.

Passa-se, agora, à descrição da produção dos historiógrafos brasileiros.

3.1 A produção historiográfica brasileira

3.1.1 A produção acadêmica de Altman, de 1994 a 2020

⁵⁸ De acordo com as informações apresentadas no *site* da *Plataforma Sucupira*, os veículos recebem classificações em estratos indicativos de qualidade A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - peso zero. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Altman, em texto informado em seu currículo *Lattes*, ao identificar sua área e subáreas de interesse de pesquisa, afirma que “tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Pragmática, e trabalha principalmente em torno dos seguintes temas: historiografia linguística, linguística brasileira, gramáticas coloniais sul-americanas, estruturalismo linguístico” (LATTES, 2020, p. 1)⁵⁹.

No que diz respeito a sua produção, seguem-se os seguintes números:

Tabela 1: Produção de Altman, de 1994 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro ⁶⁰	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 18 18 HL	Total: 19 10 ⁶¹ HL	Total: 8	Mestrado: 1 1 HL Doutorado: 4 4 HL	Mestrado: 15 ⁶³ 13 HL Doutorado: 10 10 HL	Total: 21 18HL	

⁵⁹ O trecho foi retirado do texto inicial informado pelo autor na plataforma *Lattes*. Esta observação vale para todos os pesquisadores descritos neste capítulo.

⁶⁰ No que se refere à categoria “livros”, esta pesquisa contabilizou os livros publicados, organizados e as edições. Esta observação vale para todos os pesquisadores que compõem os *corpora* desta tese.

⁶¹ 4 capítulos de livros não foram localizados. Segue a lista dos capítulos não localizados, os quais estão acompanhados dos números apresentados no *Lattes*: **14.** ALTMAN, Cristina. Artigos e pronomes na tradição linguística missionária da língua mais falada na costa do Brasil. In: Martina Schrader-Kniffki; Laura Morgenthaler García. (Org.). *La Romania en interacción: entre historia, contacto y política*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2007, v., p. 837-854; **15.** ALTMAN, Cristina. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: José Ribamar Bessa Freire; Maria Carlota Rosa. (Org.). *Línguas Gerais Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, v., p. 57-83; **17.** ALTMAN, Cristina. Fragmentos do século XX. Bibliografia cronológica e comentada sobre produção linguística brasileira. In: Eberhard Gärtner. (Org.). *Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil*. Frankfurt/Main; Madrid: Vervuert: Iberoamericana, 1997, v., p. 41-78; **19.** ALTMAN, Cristina. Linguistic Research In Brazil: 1968-1988. In: Kurt R. Jankowsky. (Org.). *Multiple perspectives on the historical dimensions of language*. Münster: Nodus Publikationen, 1996, v., p. 163-170.

Além disso, 5 dos títulos (n. 5, 6, 7, 8 e 9) são traduções presentes no livro *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*, publicado em 2014. Segue a lista dos capítulos: **5.** ALTMAN, Cristina. Questões que persistem em historiografia linguística. In: Rolf Kemmler; Cristina Altman. (Org.). E. F. K. Koerner. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1ed.Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, v. 11, p. 45-63; **6.** ALTMAN, Cristina; MOSCA, L. L. S.. Linguística e filologia: o eterno debate. In: Rolf Kemmler; Cristina Altman. (Org.). E. F. K. Koerner. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1ed.Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, v. 11, p. 65-73; **7.** ALTMAN, Cristina; SALLES, M.. O problema da metalinguagem na historiografia linguística. In: Rolf Kemmler; Cristina Altman. (Org.). E. F. K. Koerner. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1ed.Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, v. 11, p. 75-90; **8.** ALTMAN, Cristina. O problema da influência na historiografia linguística. In: Rolf Kemmler; Cristina Altman. (Org.). E. F. K. Koerner. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1ed.Vila real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, v. 11, p. 91-102; **9.** ALTMAN, Cristina. Georg von der Gabelentz Ferdinand de Saussure: o problema da influência. In: Rolf Kemmler; Cristina Altman. (Org.). E. F. K. Koerner. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1ed.Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, v. 11, p. 103-116.

⁶³ Os números 2 e 6 aparecem repetidos no *Lattes*. Trata-se de uma dissertação de mestrado, a qual foi cadastrada duas vezes, por esse motivo, foi contabilizada uma única vez.

		7 ⁶² HL				64
--	--	--------------------	--	--	--	----

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra o resultado do levantamento da produção da pesquisadora. Foram avaliados 96 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 81 reconhecem a HL como diretriz de pesquisa, como foi ilustrado na tabela supra. Altman apresenta no *Lattes* um total de 18 artigos publicados, destes todos tomam como base a HL.

Uma observação relevante nos trabalhos de Altman é que a autora não costuma fazer menção ao termo “Historiografia Linguística” nos títulos de seus textos, de modo que somente em 2 artigos, 1 capítulo de livro⁶⁵ e 3 livros fazem essa referência no título, comportamento que se afasta um pouco de quando são avaliados, por exemplo, os trabalhos de seus orientandos, uma vez que 10 trabalhos (7 doutorados e 3 mestrados) e 4 orientações de iniciação científica apresentam o termo HL no título⁶⁶.

⁶² Um livro não foi localizado, portanto, não foi possível fazer sua análise. O livro foi publicado pela *John Benjamins*. Dois materiais que compõem a seção “Livros publicados/organizados ou edições”, no *Lattes* da pesquisa, referem-se às Revistas *D.E.L.T.A.* e *Todas as Letras*, no entanto, os textos foram publicados nas versões impressas. O texto de 2004 foi publicado pela Editora EDUC – PUC/SP e o texto de 2012 faz parte do “Dossiê de Historiografia Linguística”, no formato impresso, publicado pela *Todas as Letras*, e conta com a organização de Cristina Altman e Ronaldo Batista.

⁶⁴ No *Lattes* da pesquisadora não aparece nenhuma orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pelo fato de a instituição da qual faz parte não exigir esse tipo de etapa para a conclusão do curso, no Departamento de Linguística da USP. O sistema prevê as seguintes etapas: contagem de créditos, atividades acadêmico-científico-culturais (AACCs) e atividades de estágio. Disponível em: <http://graduacao.flch.usp.br>. Acesso em: 19 nov. 2020.

⁶⁵ Os números 5, 7 e 8 do *Lattes*, apesar de trazerem o termo “historiografia linguística” no título, não foram contabilizados, por se tratar de traduções de textos originais de Koerner. Ver nota 61.

⁶⁶ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Patrícia Cardoso. Revista Letras da UFPR. Um estudo historiográfico da Institucionalização da linguística (Início: 2018); Roberta Henriques Cordeiro Ragi. Quatro séculos de gramaticografia quéchua: emergência e desenvolvimento da categoria de caso nominal em perspectiva historiográfica (2014); Ronaldo Batista. A recepção à Gramática Gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico (2007); Beatriz Protti Christino. A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa-hu-ni-ku~i em face da sul-americanística dos anos 1890-1929 (2007); Eliza Tashiro. Documentação missionária e tradição autóctone sobre a língua japonesa: padrões em língua e padrões em historiografia linguística (2003); Angela Maria Ribeiro França. Para uma historiografia de revolução de problemas: da ‘arte de dizer’ na fala carioca às descrições da variante oral do português brasileiro (1937-1960) (2003); Erani Stutz do Vallo Adamo. O projeto holandês no Brasil seiscentista - para uma historiografia da Linguística Brasileira (2003). **Mestrado** - Fernando Macena de Lima. Visão e representação nas gramáticas de língua Tupi (sécs. XVI-XIX). Historiografia da descrição dos sistemas de posse (2009); Luciana Gimenes. As formas de saber sobre as línguas do Brasil no século XVI. Uma contribuição para Historiografia Linguística do Brasil Colonial (1999); Olga Ferreira Coelho. Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a filologia brasileira. Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na formação de um paradigma (1998). **Iniciação científica** - Mariana Viel Nunes. Afasia como objeto de investigação na linguística brasileira (1970-2000): uma abordagem historiográfica (2014); Mariana Viel. Afasia como objeto de investigação na linguística brasileira (1970 - 2000): uma abordagem historiográfica (2013); Telma Bueno. Fontes para a historiografia linguística brasileira: século XIX (1996); Vânia Parada. Fontes para a historiografia linguística brasileira: século XVIII (1996).

Ainda no que diz respeito a essa produção, sobressai o fato de a maioria dos textos serem produções individuais⁶⁷. De um total de 35 materiais, apenas 3 são em parceria.

Os trabalhos que são resultado de orientações no âmbito do mestrado e do doutorado, portanto, orientações na pós-graduação, somam 28 orientações ao todo, incluindo as em andamento e as concluídas.

Outra característica que se destaca na produção de Altman é o fato de os artigos terem sido publicados em revistas nacionais e internacionais. Segue uma descrição desses dados:

Quadro 2: Artigos publicados por Altman

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Confluência</i>	2018	B1
<i>Revista de la Academia Nacional de Letras</i>	2017	Internacional ⁶⁸
<i>Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística</i>	2016	Internacional
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>ABRALIN (Curitiba)</i>	2013	B1
<i>Todas as Letras (São Paulo. Impreso)</i>	2012	A2
<i>Limite</i>	2012	B2
<i>Eutomia (Recife)</i>	2010	B1
<i>Revista Argentina de Historiografía Lingüística</i>	2009	Internacional
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada</i>	2004	A1
<i>Revista do GEL (Araraquara)</i>	2002	B/C
<i>Bulletin of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic ideas</i>	2002	Internacional
<i>Linguística (Madrid)</i>	1999	Internacional
<i>Historiographia Linguistica, Amsterdam</i>	1999	Internacional
<i>Historiographia Linguistica, Amsterdam</i>	1999	Internacional
<i>Revista da ANPOLL</i>	1996	A/B
<i>Languagues of The World, Munique</i>	1995	Internacional
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada</i>	1994	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.2 A produção acadêmica de Coelho, de 1995 a 2020

⁶⁷ Importante mencionar o fato de que a avaliação dos materiais foi feita considerando as informações apresentadas no *Lattes* dos pesquisadores, ou seja, se, por exemplo, o autor não mencionar na referência o fato de que um determinado livro se trata de uma organização de textos, aquela referência foi tomada como uma obra individual e não em parceria, como de fato é. Essas observações, pois, só serão feitas no capítulo destinado às análises das obras, já que este se trata de uma descrição dos dados, numa tentativa de ser o mais fiel possível na exposição das informações.

⁶⁸ Para revista internacionais, a *Plataforma Sucupira - Qualis Periódicos* não apresenta dados cadastrados no que se refere à avaliação por *Qualis*, assim, todas as vezes que se tratar de uma publicação em uma revista que não seja brasileira, a classificação será “internacional”. Em casos análogos, foi adotada a mesma sistemática.

Coelho, em texto publicado em seu *Lattes*, informa que coordenou o Grupo de Trabalho de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL, entre os anos de 2008 a 2012, informação que legitima seu interesse de pesquisa na subárea da HL, já que, por quatro anos, dedicou-se a coordenar os grupos de trabalhos da instituição.

No que diz respeito a sua produção em HL, seguem-se os seguintes números:

Tabela 2: Produção de Coelho, de 1995 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 16 16 HL	Total: 8 8 HL	Total: 5 4HL	Mestrado: 0 Doutorado: 4 4 HL	Mestrado: 5 5 HL Doutorado: 3 3 HL	Total: 20 17HL	Total: 16 ⁶⁹ 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

Como resultado da pesquisa da produção de Coelho, foram avaliados 77 produtos, entre artigos, capítulos de livro, livro e orientações. Destes, 57 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi discriminado na tabela supra.

Uma das características da produção de Coelho é não trazer o termo “Historiografia Linguística” nos títulos dos trabalhos, de modo que somente 4 artigos, 2 capítulos de livro, 2 livros, 3 trabalhos de orientação (mestrado e doutorado) e 3 orientações de iniciação científica apresentam essa particularidade. Com relação aos trabalhos dos orientandos, não é comum a filiação à HL nos títulos dos trabalhos, de modo que, das 29 orientações, 8⁷⁰ (1 doutorado, 2 mestrados e 5 iniciações científicas) apresentam essa especificidade.

⁶⁹ A maioria dos alunos que produziram TCC não está cadastrada na Plataforma *Lattes*, o que dificulta a análise. No entanto, os títulos, na maioria das vezes, trazem a teoria que embasa o trabalho. O número 8 “Fernando Macena de Lima. História social e fundamentos gramaticais do Nheengatu, a língua geral amazônica” chama atenção por ter sido orientado, um ano depois, no mestrado, por Altman, desenvolvendo, na ocasião, uma dissertação na área da HL. Outra observação importante é que a professora Coelho só orientou trabalho de TCC enquanto estava no Mackenzie. Isso se dá pelo fato de que na USP não há a etapa de apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para mais informações, consultar: <http://graduacao.fflch.usp.br>. Acesso em: 19 nov. 2020.

⁷⁰ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Rogério Augusto M Cardoso. A metalinguagem e as terminologias sintáticas nas gramáticas portuguesas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX: um escrutínio historiográfico (Início: 2018). **Mestrado** - Wellington Santos da Silva. A Linguística Histórica no Brasil (1950-1990): estudo historiográfico das continuidades e descontinuidades no tratamento da variação e da mudança linguística no português brasileiro (2016); Patrícia de Souza Borges. Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI) (2015). **Iniciação científica** - Bruno Fochesato Alves. Produção de conteúdos historiográficos para o *hotsite* comemorativo dos 50 anos do GEL (2019); Maryellen Aparecida Cruz. Produção de conteúdos historiográficos para o *hotsite* comemorativo dos 50 anos do GEL (2019); Patrícia de Souza Borges. Linguagem-objeto e metalinguagem. Estudo historiográfico sobre tradição e ruptura em Dias (1697) (2010); Mariana Carlos Maria Neto. Referências e influências do Verdadeiro método de estudar, de Verney:

No que diz respeito a trabalhos publicados em parceria ou individualmente, há uma equivalência. De um total de 26 textos, 13 são em parceria e 13 são produções individuais.

Destacam-se, também, os dados de orientações de trabalho para alunos da graduação, totalizando 17 orientações em iniciação científica. Os TCCs, por mais que apareçam como parte da produção de Coelho, não são na área da HL.

Outra característica que se destaca em sua produção é o fato de os artigos terem sido publicados em revistas nacionais. Segue uma descrição desses dados:

Quadro 3: Artigos publicados por Coelho

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2020	B2
<i>Liames</i>	2018	B2
<i>Confluência (Rio de Janeiro)</i>	2015	B1
<i>Confluência (Rio de Janeiro)</i>	2015	B1
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2012	A2
<i>LIMITE - Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonia (Online)</i>	2012	B2
<i>Linguagem em foco</i>	2010	C
<i>Revista do Instituto de Estudos Brasileiros</i>	2008	A/B
<i>Confluência (Rio de Janeiro)</i>	2005	A/B
<i>Boletim Historiografia Linguística</i>	2004	B/C
<i>Revista Letras (Curitiba)</i>	2003	A/B
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	1999	B/C
<i>Boletim Historiografia Linguística</i>	1999	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	1998	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	1996	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	1995	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.3 A produção acadêmica de Leite, de 1993⁷¹ a 2020

Leite não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas, nas palavras da pesquisadora: “Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história das ideias linguísticas, norma e uso linguísticos, discurso, texto, oralidade e escrita” (LATTES, 2020, p. 1). Contudo, no tópico “Linhas de pesquisa” - “História e historiografia do português”

reconstrução historiográfica a partir da análise da metalinguagem (2009); André Filipe Noronha da Silva. Para uma historiografia da tradução bíblica para línguas indígenas brasileiras (2006).

⁷¹ No *Lattes* da pesquisadora, há 4 artigos publicados nos anos de 1991 e 1992, os quais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

(LATTES, 2020, p. 4), a HL aparece pontualmente como objeto de interesse das pesquisas da pesquisadora, o que evidencia sua identificação com a área, além de o termo também constar no tópico “Área de atuação”, em que a HL aparece como especialidade de pesquisa.

Em relação à produção de Leite, veja-se a tabela a seguir:

Tabela 3: Produção de Leite, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 24 6 HL	Total: 48 2 HL	Total: 15 2 HL	Mestrado: 0 Doutorado: 6 2 HL	Mestrado: 12 2 HL Doutorado: 8 0 HL	Total: 11 0 HL	— ⁷²

Fonte: Elaborado pela autora

No cômputo geral, tem-se um total de 124 trabalhos avaliados, destes, sobressaem-se 14 em que a HL aparece como base teórico-metodológica. Não é comum, nos trabalhos da autora e nem de seus orientandos, o termo HL nos títulos dos textos.

É representativo, ainda, o fato de os textos de Leite na área da HL não contarem com a parceria de outros pesquisadores. De um total de 10, todos são produções individuais.

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 4 orientações em andamento ou concluídas. No caso das iniciações científicas, nenhuma das orientações se vincula à HL.

Ainda no que diz respeito à produção de Leite, ressalta-se o fato de os artigos terem sido publicados em revistas em âmbito nacional e internacional. Segue uma descrição desses dados:

Quadro 4: Artigos publicados por Leite

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista Linguística (Online)</i>	2014	Internacional
<i>Filologia e Linguística Portuguesa</i>	2011	A2
<i>Alfa</i>	2011	A1
<i>Histoire Épistémologie Langage (Imprimé) (2011)</i>	2011	A2
<i>Língua e Literatura (USP)</i>	2010	A2
<i>Filologia e Linguística Portuguesa</i>	2006	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

⁷² No Lattes da pesquisadora, não aparece nenhuma orientação de TCC, pelo fato de a instituição da qual faz parte não exigir esse tipo de etapa para a conclusão do curso no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.

3.1.4 A produção acadêmica de Bastos, de 1997⁷³ a 2020

Bastos, em texto publicado no currículo *Lattes*, informa os grupos dos quais faz parte e as linhas de pesquisas que particularmente a interessam. Assim, de acordo com a pesquisadora:

Foi coordenadora do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, de 2004 a 2008 [...] É coordenadora do Grupo de Pesquisa de Historiografia da Língua Portuguesa e vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa de Cultura e Identidade Linguística na Lusofonia, ambos cadastrados no CNPq [...] Atua na área de Letras, com ênfase em Historiografia Linguística e Discurso (LATTES, 2020, p. 1).

Em relação a sua produção, seguem os seguintes dados:

⁷³ A pesquisadora atua em duas instituições de ensino superior como historiógrafa, na PUC-SP e na UPM. Os dados foram avaliados em sua totalidade. No *Lattes* da pesquisadora, há 1 artigo publicado em 1984, o qual não foi contabilizado por não fazer parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Tabela 4: Produção de Bastos, de 1997 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 26 9 HL	Total: 83 ⁷⁴ 36 ⁷⁵ HL	Total: 33 ⁷⁶ 18 HL	Mestrado: 3 0 HL Doutorado: 6 0 HL	Mestrado: 102 14 ⁷⁷ HL Doutorado: 24 10 ⁷⁸ HL	Total: 4 1 ⁷⁹ HL	Total: 21 1 HL

Fonte: Elaborado pela autora

302 foi o total de materiais computados, dentre os quais 89 se inserem no bojo da HL. Uma das particularidades da produção de Bastos é a menção à HL nos títulos dos artigos e capítulos de livros. Assim, 6 artigos e 17 capítulos de livros trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos. No que se refere aos livros publicados pela autora, apenas um dos livros apresenta essa particularidade. No que diz respeito às orientações de pesquisa, os orientandos tendem a marcar a área de filiação no título, uma vez que, dos 26 trabalhos

⁷⁴ 10 capítulos de livros não foram localizados, portanto, a autora da pesquisa não fez avaliação de nenhuma ordem sobre os respectivos capítulos.

⁷⁵ Dos 36 capítulos de livros identificados como sendo HL, não foi possível fazer a avaliação de 6 capítulos, de modo que foram avaliados efetivamente 30 capítulos de livros. Segue a lista dos capítulos não avaliados: **10.** VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho; BASTOS, N. M. O. B.. Propostas de produção textual de Matos e Mesquita, na década de 1980: uma análise historiográfica. In: Bastos e Palma. (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 1, p. 69-88; **11.** BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Estudos em Historiografia Linguística: uma abordagem interdisciplinar. In: Bastos e Palma. (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 1, p. 17-32; **25.** BRITO, Regina Helena Pires de; Neusa Barbosa Bastos. Língua Portuguesa em Moçambique: questões historiográficas e culturais. In: Carlos Augusto Batista de ANDRADE; Guaraciaba MICHELETTI; Isabel Roboredo SEARA. (Org.). *Memória, discurso e tecnologia*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 143-154; **27.** BASTOS, N. M. O. B.; BATISTA, R. O.. Linguística e história: limites e interseções nas fronteiras da Historiografia Linguística. In: Diana Luz Pessoa de Barros; José Gaston Hilbert; Maria Helena de Moura Neves; Ronaldo de Oliveira Batista. (Org.). *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*. 1ed.São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, p. 19-38; **41.** BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. O contexto educacional e linguístico na década de 1950: legislação e conceitos. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 5: estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v. 1, p. 35-59; **81.** BASTOS, N. M. O. B.; NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Língua, homem e sociedade: uma viagem através da história da Língua Portuguesa - séculos XVI / XVII. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *Discutindo a prática docente em Língua Portuguesa*. São Paulo: IP-PUC/SP - EDUC, 2000, v. 1, p. 9-19.

⁷⁶ Os números 2 e 3 e 4 e 5 aparecem repetidos no *Lattes*. Assim, ao invés de serem contabilizados 35 livros, como aparece no *Lattes*, foram considerados 33. Além disso, no *Lattes* da pesquisadora não constam todos os números da coleção “História Entrelaçada”. O número 5, por exemplo, não é citado. Além disso, 4 livros não foram localizados.

⁷⁷ Os números 10 e 17; e 11 e 19 aparecem repetidos no *Lattes*, por essa razão, foram contabilizados uma vez cada um.

⁷⁸ Os números 3 e 9; e 12 e 16 aparecem repetidos no *Lattes*, por essa razão, foram contabilizados uma vez cada um.

⁷⁹ Os números 2 e 4 aparecem repetidos no *Lattes*, por essa razão, foram contabilizados uma vez cada um.

avaliados, 20⁸⁰ (6 doutorados, 12 mestrados, 1 iniciação científica e 1 trabalho de conclusão de curso) apresentam essa particularidade.

A produção de Bastos, na área da HL, conta com trabalhos em parceria com outros pesquisadores. De 57 trabalhos, 42 são em parceria.

Os dados de orientações de trabalhos também são representativos, somando um total de 28 orientações em HL, das quais 25 são orientações na pós-graduação (mestrado e doutorado) e 3 são orientações na graduação (iniciação científica e TCC).

No que se refere à produção de Bastos, ressaltam-se as publicações em revistas nacionais, como se pode ver na seguinte descrição desses dados:

Quadro 5: Artigos publicados por Bastos

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>VERBUM - Cadernos de Pós Graduação</i>	2019	B2
<i>Linguarum Arena</i>	2019	B3
<i>Confluência</i>	2017	B1
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>LIMITE - Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía</i>	2013	B1
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2012	A2

⁸⁰ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Wermylla de Jesus Almeida. *Sintaxe da Língua Portuguesa na segunda metade do século XIX: o complemento nominal sob uma abordagem historiográfica* (2019); Nelci Vieira de Lima. *Questões ortográficas no foco da Historiografia Linguística: continuidades e discontinuidades no pensamento linguístico manifestado no século XVI e no século XXI* (2016); Sônia Maria Nogueira. *Língua Portuguesa: o ensino primário em Portugal e Brasil, na segunda metade do século XIX, em uma pesquisa historiográfica* (2011); Jefferson Lucena dos Santos. *Análise de publicidade do ponto de vista historiográfico* (2009); Patrícia Silvestre Leite Di Iório. *O ensino de Língua Portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico* (2007); Nancy dos Santos Casagrande. *A implantação da Língua Portuguesa no Brasil do século XVI: um percurso historiográfico* (2001). **Mestrado** - Wemylla de Jesus Almeida. *Língua Portuguesa na segunda metade do século XIX: sintaxe do advérbio em uma perspectiva historiográfica* (2015); Víctor Matheus Victorino da Costa. *O ensino de produção textual: perspectivas historiográficas em dimensões linguísticas* (2015); Nelci Vieira de Lima. *Um diálogo historiográfico: as gramáticas de Língua Portuguesa do século XVI e o Projeto de Lei 1676/1999 do século XX* (2011); Marcelo da Silva. *Da escrita ideográfica aos emoticons: um estudo à luz da Historiografia Linguística* (2011); Cileide Nogueira Lopes Silva. *Aspectos da língua em uso nos relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955): uma reflexão à luz da historiografia linguística* (2010); Raisimar Arruda Silva. *Questões ortográficas: Rafael Bluteau e o Novo Acordo num percurso historiográfico* (2010); Sandra Alves da Silva. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: uma leitura historiográfica* (2007); Jefferson Lucena dos Santos. *Olhares sobre São Vicente: um estudo da historiografia linguística confrontando obras de Pero Lopes de Sousa e Benedito Calixto* (2007); Nancy Aparecida Arakaki. *O ensino de Língua Portuguesa em Moçambique de 1940 a 1960: uma visão historiográfica* (2006); Maria José Ribeiro Ramalho. *Fatores Contextuais de Manuais Didáticos da década de 70: um estudo historiográfico* (2006); Sônia Maria Nogueira. *Língua Portuguesa no Maranhão do século XIX sob o enfoque historiográfico* (2005); Almério Antônio Almeida. *A "Grammatica da Lingoagem Portuguesa" de Fernão de Oliveira: um estudo historiográfico* (2004). **Iniciação Científica** - Jéssica Schiavetto Linhares. *O livro didático em dois momentos: 1974-2006 - uma análise historiográfica* (2011). **Trabalho de conclusão de curso** - Danielle Chagas Alvarenga. *A gramática expositiva? curso elementar, de Eduardo Carlos Pereira: um estudo sob a perspectiva da Historiografia Linguística* (2006).

<i>Linha d'Água, São Paulo</i>	2005	A/B
<i>Revista de Letras (Fortaleza)</i>	2004	A/B
<i>Revista do GELNE (UFC)</i>	2002	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.5 A produção acadêmica de Palma, de 1993⁸¹ a 2020

Palma apresenta a seguinte informação no seu currículo *Lattes*, no que diz respeito às suas áreas de interesse de pesquisa:

Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Historiografia da Língua Portuguesa e Educação Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia linguística, argumentação, metáfora, ensino de língua e gramática e educação linguística (LATTES, 2020, p. 1).

Destaca-se, pois, do seu texto, a atenção dada à HL, como é possível ressaltar a partir da tabela abaixo:

Tabela 5: Produção de Palma, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 14 4 HL	Total: 30 ⁸² 16 HL	Total: 14 12 HL	Mestrado: 2 0 HL Doutorado: 5 2 HL	Mestrado: 36 8 HL Doutorado: 3 2 HL	—	Total: 2 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

Da produção da pesquisadora, foram contabilizados 106 produtos, sendo 44 na área da HL. Não é comum nesses trabalhos trazer o termo HL nos títulos de seus textos. Da análise feita, apenas 2 artigos apresentam o termo no título. Com relação aos trabalhos dos orientandos, essa particularidade parece ser mais recorrente, dado que 9⁸³ de 12 trabalhos (3 doutorados e 6 mestrados) apresentam o termo HL no título.

⁸¹ No *Lattes* da pesquisadora, há 1 artigo publicado em 1990, o qual não foi contabilizado por não fazer parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

⁸² 4 capítulos de livros não foram localizados.

⁸³ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Cassiano Butti. *Historiografia da Lexicologia Brasileira* (Início: 2019); Adriana de Souza. *Brasil e Portugal: questões ortográficas na perspectiva da Historiografia Linguística* (2013); Maria de Fátima Mendes. *Cartas Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga: um estudo historiográfico dos recursos linguísticos e argumentativos*

A produção de Palma, na área da HL, conta com trabalhos em parceria com outros pesquisadores. De 32 trabalhos, todos são em parceria.

No que se refere às orientações na área da HL, os dados comprovam que elas se restringem à pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado. No *Lattes*, não aparece o tópico relacionado à iniciação científica e nem constam orientações de TCCs na área da HL.

Sobre a produção de Palma, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, segue a descrição dos dados:

Quadro 6: Artigos publicados por Palma

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>VERBUM - Cadernos de Pós Graduação</i>	2019	B2
<i>Confluência</i>	2017	B1
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>Revista de Letras (Fortaleza)</i>	2004	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.6 A produção acadêmica de Hackerott, de 2002 a 2020

Em texto informado em seu *Lattes*, Hackerott afirma que “desenvolve pesquisas em Historiografia Linguística no GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL e no GT de Historiografia Linguística do IP-PUC/SP” (LATTES, 2020, p. 1).

Com relação a sua produção, têm-se os seguintes dados:

Tabela 6: Produção de Hackerott, de 2002 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 7 4 HL	Total: 10 9 ⁸⁴ HL	Total: 1 1 HL	—	—	—	—

(2010). **Mestrado** - Adriana de Souza. Brasil e Portugal: questões ortográficas na perspectiva da Historiografia Linguística (2013); Davi Silva Peixoto. A Construção da Argumentação no Sermão da Primeira Domingo do Advento: um estudo historiográfico (2008); Luno Volpato. A Argumentação na Obra O Abolicionismo de Joaquim Nabuco: uma perspectiva historiográfica (2007); Sheila Regina Pinheiro Moises Medeiros. Dois Momentos da Gramaticografia da Língua Portuguesa: "Nova Gramática do Português Contemporâneo" e "Gramática da Língua Portuguesa" - um estudo historiográfico (2007); Solange Maria Moraes Tenorio. Gramática, Ensino e Ideologia na década de 60 e 70: uma perspectiva historiográfica (2006); Maria de Fátima do Céu Mendes. A estruturação de frase no Português Brasileiro em Monteiro Lobato e Ruth Rocha: um estudo historiográfico (2004).

⁸⁴ O capítulo n. 7 do *Lattes* faz parte das publicações em HL, no entanto, não foi localizado. Segue a referência: 7. HACKEROTT, M. M. S.; SANTOS, J. L. dos; MESQUITA, R. M.. A Série de Leitura Graduada de Lourenço

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra o levantamento feito na produção de Hackerott. Foram avaliados 18 produtos, entre artigos, capítulos de livros e livros. Destes, 14 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi discriminado na tabela supra. Não é característico na produção da pesquisadora explicitar o termo “Historiografia Linguística” nos títulos dos materiais, sendo que 1 artigo e 2 capítulos de livro apresentam essa particularidade. A produção da pesquisadora, na área da HL, conta com trabalhos em parceria com outros pesquisadores. De 14 trabalhos, 9 são em parceria.

Além disso, no *Lattes*, não consta nenhum tópico relacionado à orientação.

Segue a descrição dos dados, no que se refere à produção de Hackerott, em revistas nacionais:

Quadro 7: Artigos publicados por Hackerott

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Estudos de Lingüística Galega</i>	2011	A2
<i>Revista do GEL</i>	2010	A2
<i>Historiografia da Lingüística Brasileira - BOLETIM VII</i>	2004	B/C
<i>Revista do GEL</i>	2002	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.7 A produção acadêmica de Zanon, de 1998 a 2020

Zanon apresenta no *Lattes* um texto em que explicita o tempo em que pesquisa na área da HL, como se pode ver na seguinte passagem:

Desde 1999 participa de dois grupos de pesquisa: Historiografia da Língua Portuguesa e Historiografia Linguística. Em suas atividades profissionais interagiu com 8 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Educação Linguística, Descrição, Ensino de Língua Portuguesa, História, Historiografia e Língua Portuguesa (LATTES, 2020, p. 1).

Filho: um suporte para as aulas de português no ensino primário. In: BASTOS, N.M.O.B.; PALMA, D.V.. (Org.). *História Entrelaçada 5: Estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v. 1, p. 60-84.

Segue, na tabela abaixo, o cômputo geral da produção da pesquisadora:

Tabela 7: Produção de Zanon, de 1998 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 4 ⁸⁵ 1 HL	Total: 7 6 ⁸⁶ HL	—	—	—	Total: 1 0 HL	—

Fonte: Elaborado pela autora

12 foi o total de materiais pesquisados, dentre os quais, 7 se inserem no escopo da HL. Não é comum, nessa produção, o uso o termo “Historiografia Linguística” no título dos trabalhos, o que se comprova pelo fato de que apenas 1 dos artigos apresenta essa característica.

Destaca-se, ainda, o fato de todos os capítulos de livros publicados na área da HL fazerem parte do projeto “História entrelaçada”, organizado por Palma e Bastos.

A produção de Zanon, na área da HL, conta com uma quantidade de trabalhos em parceria com outros pesquisadores. De 7 trabalhos, 6 são em parceria. Além disso, no *Lattes* da pesquisadora, não consta nenhuma orientação de mestrado ou doutorado, só uma orientação de iniciação científica, a qual não está filiada à HL.

Sobre a produção do artigo publicado em uma revista nacional, seguem os dados:

Quadro 8: Artigo publicado por Zanon

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>GeSec: Revista de Gestão e Secretariado</i>	2010	B2

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.8 A produção acadêmica de Arakaki, de 2011 a 2020

⁸⁵ 2 artigos não foram localizados de modo que não foi possível proceder com a análise. Seguem os títulos dos artigos e as respectivas revistas em que foram publicados: “Aspectos da Gramatização no Brasil”, Revista Arandu (Dourados), 2001 e “Sintaxe Histórica do Português”, Boletim Informativo da PUC-SP, 1998

⁸⁶ Os capítulos de n. 1 e 4 do *Lattes* fazem parte das publicações em HL, no entanto, não foram localizados. Seguem as referências: **1.** ZANON, M.; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. Domingos Paschoal Cegalla - Outro Aspecto. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 8: Língua Portuguesa na década de 1980: linguística, gramática, redação e educação*. 8ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 8, p. 200-220; **4.** ZANON, M.; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. Uma Reflexão Historiográfica: O Ensino Primário Fundamental Complementar e Português no Brasil, na Década de 1950 do Século XX. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 5 - Estudos sobre a Linguagem em Materiais Didáticos - Década de 1950*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v., p. 128-148.

Arakaki informa, em texto divulgado no *Lattes*, quais suas áreas de interesse de pesquisa:

É membro do GPeHLP do IP/PUC-SP "Sedes Sapientiae", onde realiza pesquisas na área de Historiografia Linguística com enfoque especial à lusofonia [...] Membro do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL [...] É autora de vários artigos acadêmicos e coautora em vários livros na área de Historiografia Linguística dentre eles História Entrelaçada 4, 6, 7 e 8 e coautora de capítulos sobre a variedade da língua portuguesa em Moçambique. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia linguística, história, descrição e ensino de Português, lusofonia e discurso (LATTES, 2020, p. 1).

Na tabela infra, seguem os dados extraídos de seu currículo *Lattes*:

Tabela 8: Produção de Arakaki, de 2011 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 4 2 HL	Total: 8 6 ⁸⁷ HL	—	—	—	—	—

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção da pesquisadora. Foram avaliados 12 produtos, sendo: 4 artigos e 8 capítulos de livros. Destes, 8 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi apresentado na tabela. Nenhum deles faz referência à HL no título do trabalho.

Nessa produção, destaca-se o fato de a maioria dos capítulos de livros, publicados na área da HL, fazer parte do projeto “História entrelaçada”, organizado por Palma e Bastos.

A produção de Arakaki, na área da HL, conta com a parceria de outros pesquisadores. De 32 trabalhos, todos são em parceria. Ademais, no *Lattes* da pesquisadora não consta orientação de nenhum tipo.

Sobre a produção de Arakaki, especialmente no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, seguem os dados:

⁸⁷ O capítulo n. 1 do *Lattes* faz parte das publicações em HL, no entanto, não foi localizado. Segue a referência: 1. ARAKAKI, N. A.; COSTA, V.. Estudos de língua portuguesa e Estudos de Redação, de Douglas Tufano: a gramática como ferramenta do ler e escrever bem. In: PALMA, Dieli V.; BASTOS, Neusa B.. (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua Portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota Editora, 2018, v. 1, p. 1-233.

Quadro 9: Artigos publicados por Arakaki

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Cadernos de Pós-Graduação em Letras (Online)</i>	2012	B3
<i>Revista acadêmica eletrônica Sumaré</i>	2011	C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.9 A produção acadêmica de Casagrande, de 1998 a 2020

Casagrande informa que “tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia linguística, gramática portuguesa, política linguística, discurso e linguagem jurídica” (LATTES, 2020, p. 1).

Com relação a sua produção, têm-se os seguintes números:

Tabela 9: Produção de Casagrande, de 1998 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 7 2 HL	Total: 26 16 ⁸⁸ HL	Total: 1 1 HL	—	—	Total: 10 2 HL	Total: 11 5 HL

Fonte: Elaborado pela autora

O total de materiais analisados foi de 55, sendo 26 na área da HL. Na produção de Casagrande, não é comum a menção à HL nos títulos dos artigos e capítulos de livros, apesar de 1 artigo, 3 capítulos de livro e 1 livro apresentarem essa característica. No que se refere à produção dos seus orientandos, é comum a filiação à HL nos títulos dos trabalhos, de modo que

⁸⁸ Os capítulos n. 8, 9 e 18 do *Lattes* fazem parte das publicações em HL, no entanto, não foram localizados. Seguem as referências: **8.** CASAGRANDE, N. S.; BRITO, R. H. P.. Um olhar historiográfico sobre Literatura, Gramática e Redação de Paschoalin e Spadotto. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 8: Língua Portuguesa na década de 80: Gramática, Redação e Educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 8, p. 117-127; **9.** DIORIO, P. S. L.; CASAGRANDE, N. S.. Magda Soares e o ensino de Redação em manuais didáticos. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 8: Língua Portuguesa na década de 80: Gramática, Redação e Educação*. 1ed.Sao Paulo: Terracota, 2018, v. 8, p. 147-160; **18.** CASAGRANDE, N. S.; NOGUEIRA JR.; ZANON, M.; Palma, Dieli; HANNA, V. L. H.; HACKEROTT, M. M.; DIORIO, P. S. L.; BRITO, R. H. P.; BASTOS, N. M. O. B.; ALMEIDA, M. E. Ensino Comercial Técnico: pontes possíveis entre a formação técnica e a global. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 5: Estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v. 5, p. 149-171.

os 7⁸⁹ trabalhos (2 iniciações científicas e 5 trabalhos de conclusão de curso) apresentam essa particularidade.

A produção da pesquisadora, na área da HL, conta com trabalhos em parceria com outros pesquisadores, sendo que, de 15 trabalhos, 12 são em parceria.

Além do mais, no *Lattes*, só constam orientações, na área da HL, na graduação, são elas: 2 iniciações científicas e 5 TCCs.

Sobre a produção de Casagrande, especialmente no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, têm-se os seguintes dados:

Quadro 10: Artigos publicados por Casagrande

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>Verbum</i>	2012	B5

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.10 A produção acadêmica de Nascimento, de 1994⁹⁰ a 2020

Nascimento não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas. No entanto, no tópico “Projetos de desenvolvimento”, há um projeto cadastrado na área. Além disso, consta em seu *Lattes* artigos, capítulos de livros e livros, cuja orientação teórico-metodológica é a HL.

Segue-se, pois, a organização dos dados relativos à produção do pesquisador:

⁸⁹ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Iniciação científica** - Cassia Stefanini Vieira. A aquisição da leitura/língua escrita: uma abordagem historiográfica das cartilhas (2007); Maria Paula do Rêgo. A Crônica no Jornalismo Literário: uma abordagem historiográfica e gramatical (2005). **Trabalho de conclusão de curso** - Ligia Blat. A Variação Linguística no Brasil e em Portugal: um percurso historiográfico (2014); Cleonice Alves. O Ensino de Leitura em materiais didáticos de Língua Portuguesa à luz da Historiografia Linguística (2012); Camilla Wooton Villela. O Jornalismo Literário: perspectivas historiográficas (2012); Mariana de Fátima Borges Guerriero. O Artigo nas Gramáticas do Séculos XVI e XVIII: uma abordagem historiográfica (2009); Daniela Alves Gomes Miguel. A Tradução de O gato Preto de Edgar Alan Poe numa perspectiva historiográfica e cultural (2008).

⁹⁰ No *Lattes* do pesquisador, há 1 livro publicado em 1991, o qual não foi contabilizado por não fazer parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Tabela 10: Produção de Nascimento, de 1994 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 40 5 ⁹¹ HL	Total: 33 5 HL	Total: 13 1 HL	Mestrado: 9 0 HL Doutorado: 4 0 HL	Mestrado: 66 17 ⁹² HL Doutorado: 26 6 HL	Total: 10 2 HL	Total: 7 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção do pesquisador. Foram avaliados 208 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 36 reconhecem a HL como orientação de pesquisa. É recorrente no trabalho de Nascimento o termo “Historiografia Linguística” aparecer nos títulos das obras. Dos trabalhos publicados na área 3 artigos, 2 capítulos e 1 livro apresentam essa característica. Já com relação às orientações não acontece o mesmo, dos 23 trabalhos em HL, 2⁹³ (1 doutorado e 1 mestrado) apresentam essa particularidade.

No que diz respeito à quantidade de trabalhos em parceria e/ou de produções individuais, de 9 trabalhos, 5 são em parceria.

Os dados de orientações de trabalhos também são representativos, somando um total de 29 orientações em HL. Destas 27 são orientações na pós-graduação (mestrado e doutorado) e 2 são orientações na graduação, especificamente, em trabalhos de iniciação científica. Apesar de o pesquisador orientar alguns TCCs, nenhum deles foi na área da HL.

Sobre a produção de Nascimento, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, segue a descrição dos dados:

Quadro 11: Artigos publicados por Nascimento

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – ABPN</i>	2011	B1
<i>Revista Acta</i>	2011	C
<i>Encontros de Vista</i>	2008	B3

⁹¹ O artigo de n. 31 no *Lattes*, publicado em 2011 na Revista Acta – Assis, não foi localizado. No *site* da Unesp de Assis não consta a Revista Acta.

⁹² Os números 26 e 41; e 53 e 57 aparecem repetidos no *Lattes*, por essa razão, foram contabilizados uma vez cada um.

⁹³ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Marly de Souza Almeida. *Historiografia lingüística, sátira e os poemas Pau-Brasil* (2003). **Mestrado** - Edson Luiz da Silveira. *As Cartas Chilenas sob a perspectiva da Historiografia Linguística* (2009).

<i>Miscelânea (Assis. Online)</i>	2008	B3
<i>Interletras (Dourados)</i>	2005	B5

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.11 A produção acadêmica de Beccari⁹⁴, de 2005 a 2020

Beccari, em texto informativo no seu currículo *Lattes*, informa que:

Atualmente desenvolve uma pesquisa de pós-doutorado junto ao Centro de Documentação em Historiografia Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL-USP), sob supervisão da Professora Doutora Olga Ferreira Coelho Sansone [...] Tem experiência em Língua e Literatura Latina, Estudos Clássicos, Língua Inglesa, Estudos Linguísticos, Historiografia Linguística e Língua Portuguesa (LATTES, 2020, p. 1).

Sobre a produção de Beccari, veja-se a tabela a seguir:

Tabela 11: Produção de Beccari, de 2005 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 18 8 HL	Total: 5 3 HL	Total: 3 1 HL	Mestrado: 0 Doutorado: 1 1 HL	Mestrado: 3 0 HL Doutorado: 0	Total: 17 5 HL	Total: 1 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

48 foi o total de materiais investigados. Destes, 18 têm a HL como base teórico-metodológica. Não é comum na produção de Beccari e nem na de seus orientandos a menção ao termo HL nos títulos dos artigos, capítulos de livros e livros.

Outra característica perceptível em sua produção é o fato de quase todos os seus trabalhos serem produções individuais. De 11 produtos, apenas 2 são em parceria.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, o pesquisador soma um total de 6 orientações em HL, sendo 1 na pós-graduação, em nível de doutorado, e 5 na graduação, no âmbito da na iniciação científica, não tendo, porém, nenhuma orientação de TCC.

Sobre a produção de Beccari, apresentam-se as informações sobre a publicação de artigos em revistas nacionais. Seguem os dados:

⁹⁴ Agradeço ao professor Beccari pelo envio de alguns arquivos com capítulos de livros que ajudaram na composição dos dados desta tese.

Quadro 12: Artigos publicados por Beccari

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2019	B2
<i>Caligrama (UFMG)</i>	2019	B1
<i>Línguas & Letras (Online)</i>	2018	B1
<i>SIGNUM – Revista da Abrem</i>	2018	B2
<i>Revista do GEL</i>	2017	B1
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2017	B2
<i>Estudos Linguísticos e Literários</i>	2016	B2
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2012	B2

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.12 A produção acadêmica de Portela, de 2000 a 2020

Portela não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas, no entanto, no tópico “Projetos de pesquisa”, há um projeto cadastrado na área.

Com relação à produção de Portela, têm-se os seguintes dados:

Tabela 12: Produção de Portela, de 2000 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 24 3 HL	Total: 15 0 HL	Total: 4 0 HL	Mestrado: 3 1 HL	Mestrado: 6 0 HL	Total: 24 0 HL	Total: 29 1 HL
			Doutorado: 3 1 HL	Doutorado: 6 3 HL		

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela apresenta os dados coletados da produção do pesquisador. Foram avaliados 114 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 9 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi discriminado na tabela. Não é comum na produção de Portela a menção ao termo HL nos títulos dos seus trabalhos. Essa particularidade é mais recorrente na produção dos seus orientandos, pois, de 6 trabalhos, 4⁹⁵ fazem referência à HL no título (2 doutorados, 1 mestrado e 1 trabalho de conclusão de curso).

⁹⁵ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Patricia Veronica Moreira. A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica (2019); Maria Goreti Silva Prado. A enunciação na semiótica discursiva: um estudo historiográfico (2018). **Mestrado** - Amanda Helena Granado. Semiótica e cultura de massa: um estudo historiográfico (Início:

Além disso, dos 3 artigos produzidos pelo pesquisador, todos são produções individuais. Não há nem capítulos de livros e nem livros produzidos por ele em que a HL seja base teórico-metodológica.

No que se refere às orientações, a maioria, 5 no total, são em nível de pós-graduação. Na graduação, por sua vez, só consta uma orientação de TCC.

Sobre a produção de Portela, especificamente, sobre os artigos publicados em revistas nacionais, têm-se os seguintes dados:

Quadro 13: Artigos publicados por Portela

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Estudos Semióticos (USP)</i>	2018	B1
<i>Signata - Annales des Sémiotiques</i>	2016	C
<i>Estudos Semióticos (USP)</i>	2013	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.13 A produção acadêmica de Moraes⁹⁶, de 2010 a 2020

Moraes informa, em texto divulgado no seu currículo *Lattes*, os grupos dos quais faz parte e as linhas de pesquisas que particularmente o interessam. Conforme o pesquisador: “É membro do Comitê Científico para a área de Historiografia Linguística da Associação Brasileira de Linguística Abralín [...] É membro do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL; Vice-líder do GT Gramáticas: história, descrição e discurso (USP-CNPq)” (LATTES, 2020, p. 1).

Com relação a sua produção, obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 13: Produção de Moraes, de 2010 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 7 3 HL	Total: 1 0 HL	Total: 1 0 HL	—	—	—	Total: 5 1 HL

Fonte: Elaborado pela autora

2019). **Trabalho de conclusão de curso** - Amanda Helena Granado. *Semiótica e cultura de massa: um estudo historiográfico* (2018).

⁹⁶ Agradeço ao professor Moraes pelo envio de um artigo que ajudou na composição dos dados desta tese.

14 foi o total de materiais investigados, sendo que, destes, 4 se inserem no bojo da HL. Na produção de Moraes, em um dos artigos há menção à área já no título do texto. Além disso, essa produção se restringe à publicação de artigos. Outra particularidade é o fato de seus artigos serem produções individuais.

No seu *Lattes*, não constam orientações na pós-graduação. Na graduação, orientou TCCs e, especificamente na HL, somente 1 trabalho, não aparecendo, portanto, orientações de iniciação científica.

Sobre a produção de Moraes, no que se refere à publicação de artigos em revistas nacionais, veja-se a descrição dos dados a seguir:

Quadro 14: Artigos publicados por Moraes

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista Metalinguagens</i>	2020	C
<i>Revista Língua e Instrumentos Linguísticos</i>	2019	B1
<i>Revista Ciências na Serra</i>	2010	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.14 A produção acadêmica de Gimenes, de 2000 a 2020

Gimenes se apresenta, em seu currículo *Lattes*, como uma pesquisadora interessada pela HL, conforme as suas palavras: “tem experiência em pesquisa na área de Linguística, na linha de Historiografia da Linguística, principalmente nos seguintes temas: Historiografia da Linguística brasileira, Historiografia da Linguística missionária, dicionários, tupinambá e guarani” (LATTES, 2020, p. 1).

Sua produção está descrita na tabela a seguir:

Tabela 14: Produção de Gimenes, de 2000 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 1 1 HL	Total: 4 2 HL	—	—	—	—	—

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção de Gimenes. Foram avaliados 5 produtos, entre artigos e capítulos de livros. Destes, 3 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como

foi retratado na tabela. Em um dos capítulos de livro publicado, a pesquisadora traz o termo HL no título da obra. Um dos trabalhos é em parceria com outros pesquisadores, os demais são produções individuais.

Além disso, no *Lattes*, não consta orientação de nenhum tipo.

Sobre a produção do artigo publicado em uma revista nacional, segue a descrição dos dados:

Quadro 15: Artigo publicado por Gimenes

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Todas as Letras (São Paulo)</i>	2006	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.15 A produção acadêmica de Silva, de 1993⁹⁷ a 2020

Silva traz as seguintes informações em seu currículo *Lattes*:

Membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC, da Associação de Professores de Língua e Literatura/APLL, da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística/ANPOLL - GT Historiografia da Linguística Brasileira [...] Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, língua portuguesa, gramaticografia, pré-modernismo, historiografia linguística e outros (LATTES, 2020, p. 1).

Como resultado do levantamento dos dados de sua produção, têm-se os seguintes números:

⁹⁷ No *Lattes* do pesquisador, há 4 artigos publicados antes de 1993 (1 artigo em 1990 e 3 artigos em 1992), além de 2 capítulos de livros publicados em 1992, os quais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Tabela 15: Produção de Silva, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 371 22 HL	Total: 96 ⁹⁸ 8 ⁹⁹ HL	Total: 38 ¹⁰⁰ 0 HL	Mestrado: 3 0 HL Doutorado: 4 0 HL	Mestrado: 14 0 HL Doutorado: 5 0 HL	Total: 25 0 HL	Total: 37 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

O pesquisador apresenta, no seu currículo *Lattes*, um total de 367 produções no tópico “Artigos completos publicados em periódicos”. Do total de 367, 22 números foram avaliados como textos publicados em que a HL é tomada como escopo teórico-metodológico. Faz-se imperativo, pois, explicitar de forma mais detida os dados apresentados por esse autor em seu currículo *Lattes*, especificamente sobre a produção de artigos. Os 22 textos, que correspondem às publicações na área da HL, contam com um total de 10 artigos que foram publicados uma única vez. 12 textos, no entanto, foram publicados em mais de uma revista, sendo que o mesmo texto, com o mesmo título, foi publicado em três revistas distintas, inclusive, em anos diferentes, é o caso dos números: 213, 269 e 270, intitulados “Reflexões acerca do Sentido da História na Historiografia Lingüística”, publicados nas revistas: *Recorte – UninCor* (2010), *IV*

⁹⁸ Há 15 repetições de títulos no *Lattes*. Dessas, 11 são exatamente iguais, ou seja, publicadas na mesma obra, com as mesmas informações. Para melhor visualização desta informação, conferir os exemplos a seguir, que correspondem aos números 59, 62 e 65 da seção *Capítulos de livros publicados*:

“59. SILVA, Maurício. Gramática da Língua Portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960). In: SILVA, José Pereira; NASCIMENTO, Luciana Marino do (org.). (Org.). Textos da memória? A memória dos textos: homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão. 01ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 01, p. 237-246.

62. SILVA, Maurício. Gramática da Língua Portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960). In: SILVA, José Pereira da; NASCIMENTO, Luciana Marino do. (Org.). Textos da memória - a memória dos textos. Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão. 01ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 01, p. 112-123.

65. SILVA, Maurício. Gramática da Língua Portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960). In: SILVA, José Pereira da; NASCIMENTO, Luciana Marino do (orgs.). (Org.). Textos da memória - a memória dos textos. Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão. 01ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 01, p. 112-123” (LATTES, p. 25).

⁹⁹ Os números 59, 63, 66 e 69 têm o mesmo título “*Gramática da Língua Portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960)*”. No entanto, o número 59 foi publicado no livro *Tradition and Innovation in the History of Linguistics*. Os números 63, 66 e 69 foram publicados no livro *Textos da memória - A memória dos textos: homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão*. A única diferença que aparece, entre os números 63 e 66, é o número das páginas cadastradas: n. 63 - p. 237-246 e o n. 66 - 112-123. Já entre os números 66 e 69, a referência é exatamente a mesma. Além disso, o mesmo texto, com o mesmo título, foi publicado na revista “*Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS*”, v. 18 n. 35 (2014). Outra observação relevante é que 3 capítulos, que tratam da HL, foram também publicados com o mesmo título em revistas. Por tudo isso, os números 66 e 69 foram contabilizados como um só produto e os números 59, 63 e 66 por apresentarem diferenças, por mais que sejam mínimas, foram contabilizados como produtos distintos.

¹⁰⁰ No *Lattes* do pesquisador, há 10 repetições de títulos de livros publicados.

Jornada Nacional de Filologia (2005) e *Portal do Curso de Letras - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas* (2005). Além disso, 5 artigos foram publicados por duas vezes em revistas distintas, quais sejam: os números 67 e 187¹⁰¹, intitulados “Júlio Ribeiro, leitor de Schleicher: linguística e positivismo no Brasil do final do século XIX”, publicados nas revistas *Caletrosópio* (2017) e *Diacrítica – Braga* (2012), respectivamente. Os números 138 e 180¹⁰², intitulados “Luta de línguas: panorama histórico-cultural da língua portuguesa no Brasil do século XVI”, foram publicados nos *Cadernos de Linguagem e Sociedade* (2014) e *Acta Scientiarum* (2012), respectivamente. Há uma repetição nos números 159 e 160, a referência é a mesma com relação ao título, à revista e ao ano de publicação. Os números 203 e 211¹⁰³, intitulados “Júlio Ribeiro polemista: um capítulo da História das querelas linguísticas no Brasil”, foram publicados nas revistas: *Confluência* (2011)¹⁰⁴ e *Polifonia (UFMT)* (2010), respectivamente. Os números 269 e 270, intitulados “Reflexões acerca do Sentido da História na Historiografia Lingüística”, foram publicados nas revistas *IV Jornada Nacional de Filologia* (2005) e *Portal do Curso de Letras - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas* (2005), respectivamente. E, por fim, os números 294 e 307, intitulados “Reforma ortográfica e nacionalismo lingüístico no Brasil: uma abordagem histórico-discursiva”, foram publicados nas revistas *Letras (Campinas)* (2001) e *Signo (Rio Grande do Sul)* (2000), respectivamente.

Foram avaliados, portanto, 593 materiais que correspondem à produção de Silva. Deste total, 30 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi detalhado na tabela 15. Especificamente no caso deste pesquisador, 123 títulos que se encontram no tópico “Artigos completos publicados em periódicos” são resenhas de livros e, por esse motivo, não entraram na contagem final, por não se tratar de artigos. Considerando o volume de materiais publicados por Silva, é possível afirmar que não é algo comum em seus trabalhos a menção ao termo HL nos títulos dos artigos ou capítulos de livros publicados por ele.

¹⁰¹ A análise dos dois textos permitiu observar que há algumas alterações de palavras na seção do resumo, entretanto, no que se refere ao corpo do artigo, trata-se do mesmo texto.

¹⁰² A análise dos dois textos permitiu observar que há algumas alterações na seção do resumo. O texto publicado na revista *Cadernos de Linguagem e Sociedade* apresenta um resumo maior, com mais informações, do que o artigo publicado na revista *Acta Scientiarum*. No entanto, no que se refere ao corpo do artigo, trata-se do mesmo texto.

¹⁰³ A análise dos 2 artigos permitiu observar que se trata do mesmo texto.

¹⁰⁴ No *Lattes*, o autor cadastra esse texto como sendo publicado na Revista *Confluência* no ano de 2011, no entanto, no *site* da revista, o texto aparece como tendo sido publicado no ano de 2010, nos números 39/40 - 2º semestre de 2010 e 1º semestre de 2011. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?cat=10>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Além disso, outra particularidade que se sobressai nessa produção é o fato de quase todos os trabalhos publicados na área da HL serem produções individuais, pois, de um total de 30, somente 2 são trabalhos em parceria.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, o pesquisador, apesar de ter orientações em nível de graduação e pós-graduação, não orientou nenhum trabalho na área da HL.

Sobre a produção de Silva, ressaltam-se as informações sobre os artigos publicados em revistas nacionais. Seguem os dados:

Quadro 16: Artigos publicados por Silva

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>EntreLetras (Online)</i>	2017	B2
<i>Revista Philologus</i>	2017	B3
<i>Caletroscópio</i>	2017	B2
<i>EntreLetras (Online)</i>	2016	B2
<i>Cadernos de Linguagem e Sociedade</i>	2014	A2
<i>Intersecções (Jundiaí)</i>	2014	B2
<i>Papéis (UFMS)</i>	2014	B3
<i>Acta Scientiarum</i>	2012	B2
<i>Diacrítica (Braga)</i>	2012	B5
<i>Intersecções (Jundiaí)</i>	2011	B1
<i>Confluência</i>	2011	A2
<i>Revista (con) textos linguísticos (UFES)</i>	2010	B1
<i>Polifonia (UFMT)</i>	2010	B1
<i>Recorte (UninCor)</i>	2010	B3
<i>Estudos da Língua(gem) (Impresso)</i>	2009	A/B
<i>Letra Magna (Online)</i>	2006	B/C
<i>Revista do GEL (Araraquara)</i>	2006	A/B
<i>Revista da ABRALIN</i>	2006	A/B
<i>IV Jornada Nacional de Filologia</i>	2005	B/C
<i>Portal do Curso de Letras. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas</i>	2005	B/C
<i>Letras (Campinas)</i>	2001	B4
<i>Signo (Rio Grande do Sul)</i>	2000	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.16 A produção acadêmica de Brito, de 1999 a 2020

Brito informa em seu currículo *Lattes* que é:

Membro da Comissão de Políticas Públicas da ABRALIN, Pesquisadora do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Pesquisadora Associada do Centro de Estudos das Literaturas de Expressão em Língua Portuguesa da USP, membro do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste, do Grupo de Historiografia Linguística do IP-PUC-SP e do GT de Historiografia da ANPOLL (LATTES, 2020, p. 1).

Segue, na tabela abaixo, o cômputo geral da produção da pesquisadora:

Tabela 16: Produção de Brito, de 1999 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 42 1 HL	Total: 80 ¹⁰⁵ 10 HL ¹⁰⁶	Total: 25 1 HL	Mestrado: 4 0 HL Doutorado: 5 0 HL	Mestrado: 34 0 HL Doutorado: 10 0 HL	Total: 13 0 HL	Total: 89 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

302 foi o total de materiais contabilizados, dentre os quais, 12 se inserem na área da HL. Brito geralmente não faz menção à HL nos títulos dos artigos, capítulos de livros ou livros. Entretanto, 2 capítulos de livros e 1 livro trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos.

Outra característica dessa produção é o fato de a maioria dos trabalhos, na área da HL, serem em parceria com outros pesquisadores. De um total de 12 produtos, 11 são em parceria.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, a pesquisadora, apesar de ter uma quantidade representativa de orientações, tanto na graduação quanto na pós-graduação, não apresenta nenhuma orientação de trabalho na área da HL.

Sobre a produção do artigo publicado em uma revista nacional, têm-se os seguintes dados:

¹⁰⁵ 2 capítulos de livros não foram localizados.

¹⁰⁶ Os capítulos n. 12, 20, 21 e 48 do *Lattes* fazem parte das publicações em HL, no entanto, não foram localizados. Seguem as referências: **12.** BRITO, Regina Helena Pires de; CASAGRANDE, Nancy dos Santos; CIRIACO, M. I. Um olhar historiográfico sobre Literatura, gramática e redação de Paschoalin e Spadoto. In: Palma, D.; Bastos, N. (Org.). *Língua Portuguesa na década de 1989: gramática, redação e educação - História Entrelaçada 8*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 8, p. 117-128; **20.** BRITO, R.H.P.; BASTOS, N. M. O. B.. Portuguese language in Mozambique: cultural and historiographical Issues. In: Andrade, C.A.; MICHELETTI, G.; SEARA, I.R.. (Org.). *Memory, discourse and tecnologia* (S. Soante - 2016). 1ed.São Paulo: Terracota, 2017, v. 1, p. 136-146; **21.** BRITO, R.H.P.; BASTOS, N. M. O. B.. Língua Portuguesa em Moçambique: questões historiográficas e culturais. In: ANDRADE, C.; MICHELETTI, G.; SEARA, I.R.. (Org.). *Memória, Discurso e Tecnologia* (Série Soante - 2016). 1ed.São Paulo: Ed. Terracota, 2017, v. 2, p. 143-154; **48.** Lima, N.V.; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; BRITO, R. H. P.. Língua portuguesa: o ensino secundário no Brasil - década de 1950. In: Neusa Bastos; Dieli Palma. (Org.). *História entrelaçada 5 - estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v., p. 172-185.

Quadro 17: Artigo publicado por Brito

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Confluência</i>	2015	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.17 A produção acadêmica de Hanna, de 1998 a 2020

Hanna traz as seguintes informações em seu currículo *Lattes*:

É doutora na Área de Historiografia Linguística do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com pesquisa sobre aspectos culturais e linguísticos da londonização do Brasil no século XIX [...] É Membro do GT Historiografia Linguística da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)” (LATTES, 2020, p. 1).

No que se refere a sua produção, segue-se a seguinte tabela:

Tabela 17: Produção de Hanna, de 1998 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 20 1 HL	Total: 31 ¹⁰⁷ 8 HL	Total: 5 ¹⁰⁸ 0 HL	Mestrado: 4 0 HL Doutorado: 2 0 HL	Mestrado: 17 0 HL Doutorado: 5 0 HL	Total: 3 1 HL	Total: 61 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção da pesquisadora. Foram avaliados 148 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 10 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi exposto na tabela. Não é comum no trabalho de Hanna a referência à HL nos títulos dos trabalhos. No caso da referida autora, apenas um artigo apresenta essa característica.

Além disso, outra particularidade que se sobressai nessa produção é o fato de todos os trabalhos publicados na área da HL serem produções em parceria com outros pesquisadores.

¹⁰⁷ Os números 2 e 3 têm a mesma referência no *Lattes* da pesquisadora. Por isso, ao invés de 32 produtos, foram contabilizados 31.

¹⁰⁸ Os números 1 e 2 têm a mesma referência no *Lattes* da pesquisadora. Por isso, ao invés de 6 produtos, foram contabilizados 5.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, a pesquisadora, apesar de ter orientações em nível de graduação e pós-graduação, orientou apenas 1 trabalho de iniciação científica na área da HL.

Sobre a produção de Hanna, especialmente no que se refere ao artigo publicado em uma revista nacional, segue a descrição dos dados:

Quadro 18: Artigo publicado por Hanna

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Confluência</i>	2015	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.18 A produção acadêmica de Batista, de 2002 a 2020

Batista, em texto apresentado em seu currículo *Lattes*, ao identificar suas áreas e subáreas de interesse de pesquisa, informa que é:

Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutor pela Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica) na área de Historiografia Linguística [...] É pesquisador associado do Laboratório de Historiografia da Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro [...] Em 2012-2013 e 2018-2019, foi Coordenador do Grupo Temático Historiografia da Linguística da Abralín. Coordenador do GT Historiografia da Linguística Brasileira da Anpoll nos biênios 2016-2018 e 2018-2020 (LATTES, 2020, p. 1).

Seguem as informações relacionadas à produção de Batista extraídas de seu currículo *Lattes*:

Tabela 18: Produção de Batista, de 2002 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 32 ¹⁰⁹ 26 HL	Total: 37 ¹¹⁰ 21 ¹¹¹ HL	Total: 16	Mestrado: 1 1 HL	Mestrado: 13 3 HL	Total: 16	Total: 40

¹⁰⁹ Os números 15, 19 e 22 do *Lattes*, apesar de aparecerem cadastrados no tópico *Artigos completos publicados em periódicos*, na Plataforma *Lattes*, não foram contabilizados como artigos pelo fato de serem apresentações de Editorial ou de Dossiê. Além disso, um artigo não foi localizado.

¹¹⁰ No *Lattes* do pesquisador, constam 39 produções na seção “Capítulos de livros publicados”. Observou-se, com a análise, que os números 2 - 3 e 13 - 14 estão repetidos, por essa razão, foram contabilizados uma vez cada um. Além disso, os números 4 - 11, 5 - 6, 7 - 8 e 9 - 10, apesar de serem capítulos repetidos, aparecem, nos números, 4, 6, 8 e 10, com a seguinte informação “versão em *ebook* do livro impresso”, dessa forma, optou-se por não avaliar duas vezes os capítulos. Por fim, há que se mencionar que 8 dos capítulos não foram localizados.

¹¹¹ Os capítulos n. 15, 16, 27 e 34 do *Lattes* fazem parte das publicações em HL, no entanto, não foram localizados. Seguem as referências: 15. BATISTA, R.O.; TOCAIA, L. M.. História, ensino de língua e material didático:

		7 ¹¹² HL	Doutorado: 4 3 HL	Doutorado: 0	3 HL	5 HL
--	--	---------------------	----------------------	--------------	------	------

Fonte: Elaborado pela autora

159 foi o total de materiais investigados, dentre os quais, 69 se inserem na área da HL. Uma das particularidades da produção de Batista é o fato de que alguns materiais fazem menção à HL nos títulos dos artigos, capítulos de livros e livros. Assim, 6 artigos, 15 capítulos de livros e 5 livros trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos. Relevante, ainda, é o fato de os textos publicados na área contarem com a parceria de outros pesquisadores. De um total de 54, 19 são produções em parceria.

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 18 orientações em andamento ou concluídas. No caso das iniciações científicas e dos TCCs, de um total de 56, 8 se vinculam à HL. No que diz respeito às orientações de pesquisa, os orientandos tendem a marcar a área de filiação no título, pois, das 15 orientações em HL, 12¹¹³ apresentam o termo no título (2 doutorados, 3 mestrados, 3 iniciações científicas e 4 trabalhos de conclusão de curso).

considerações para uma análise pela Historiografia da Linguística. In: Palma, D.V.; Bastos, N.M.B. (Org.). *História Entrelaçada 8: língua portuguesa na década de 1980 - linguística, gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 1, p. 29-40; **16.** TOCAIA, L. M.; BATISTA, R.O.. Dino Preti e o Português oral e escrito nos anos 1980: ensino de redação e circulação histórica de saberes. In: Palma, D.V.; Bastos, N.B.. (Org.). *História Entrelaçada 8: língua portuguesa na década de 1980 - linguística, gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 1, p. 215-227; **27.** BATISTA, R.O.; Bastos, N.. Linguística e história: limites e interseções nas fronteiras da Historiografia Linguística. In: Diana Luz Pessoa de Barros; José Gaston Hilgert; Maria Helena de Moura Neves; Ronaldo de Oliveira Batista. (Org.). *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*. 1ed.São Paulo: AnnaBlume, 2015, v. 1, p. 19-38; **34.** BATISTA, R.O.; Santana, B.. Das instruções metodológicas ao Português ginasial na década de 1950: Mansur Guérios e formas de ensino da língua portuguesa. In: Bastos, N.B.; Palma, D.. (Org.). *História entrelaçada 5: estudos sobre a linguagem em manuais didáticos - década de 1950*. Rio de Janeiro: Lucerna, Nova Fronteira, 2012, v., p. 105-127.

¹¹² 2 livros não foram localizados. O número 6 utiliza a HL como aporte teórico-metodológico. As informações sobre a vinculação com a HL foram retiradas de resenhas e de informações técnicas sobre o livro. Já sobre o número 10 do *Lattes* não foi possível fazer nenhum tipo de apreciação.

¹¹³ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Bruna Perrella Brito. Livros didáticos de literatura em perspectiva historiográfica e discursiva: uma análise de orientações para professores (Início: 2020); Jessica Maximo Garcia. O texto como objeto teórico no ensino de língua portuguesa no século XX: uma análise historiográfica (Início: 2019). **Mestrado** - Érico Caetano. Retóricas de ruptura na linguística do século XX: Chomsky e Halliday em uma análise pela historiografia da linguística (2018); Paulo Henrique Gonçalves. Ideias linguísticas no século XVI: o pensamento de João de Barros - uma análise pela Historiografia da Linguística (2017); Eliane V. Godoy. Uma análise historiográfica da metalinguagem em teorias linguísticas no contexto brasileiro (2015). **Iniciação científica** - Luciana Ribeiro de Souza. Análise historiográfica da produção gramatical brasileira no século XX (2011); Amanda Chiarelo. De Emilia a Eulalia: formas de abordar a gramática da língua portuguesa vistas sob uma perspectiva historiográfica (2008); Larissa Cândido. Da LDB de 1971 à LDB de 1996: confrontos e rupturas no ensino de língua portuguesa sob a ótica da Historiografia Linguística (2008). **Trabalho de conclusão de curso** - Luciana Ribeiro de Souza. Um estudo historiográfico da relação entre os dois termos essenciais da oração 92010); Raiza Max Ponticelli. O Patinho Feio em dois momentos: a contribuição da historiografia linguística para uma análise do fazer tradutório.

Sobre a produção de Batista, apresentam-se, no quadro a seguir, as informações sobre os artigos publicados em revistas nacionais. Seguem os dados:

Quadro 19: Artigos publicados por Batista

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Forma y función</i>	2020	A2
<i>Confluência</i>	2019	B1
<i>VERBUM</i>	2019	B2
<i>Linguarum Arena</i>	2019	B3
<i>Revista da ABRALIN</i>	2019	B1
<i>Revista Linha D'Água</i>	2019	B1
<i>ALFA: Revista de Linguística (UNESP. Online)</i>	2018	A1
<i>Revista Linguística (Online)</i>	2018	B1
<i>Línguas & Letras (Online)</i>	2018	B1
<i>Confluência</i>	2018	B1
<i>Confluência</i>	2017	B1
<i>Filologia e Linguística Portuguesa (Online)</i>	2016	B2
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>Revista Letras (Curitiba)</i>	2014	B1
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2014	B1
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)</i>	2012	A1
<i>Todas as Letras (São Paulo. Impresso)</i>	2011	A2
<i>Filologia e Linguística Portuguesa</i>	2011	A2
<i>Revista da ANPOLL (Impresso)</i>	2010	A1
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)</i>	2010	A1
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)</i>	2005	A/B
<i>Historiografia da Linguística Brasileira. Boletim VII</i>	2004	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	2004	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo)</i>	2003	B/C
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2002	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.19 A produção acadêmica de Rosa, de 1994¹¹⁴ a 2020

(2010); Tábata Martins R. Soares. Tratamento da virgulação em obras didáticas de diferentes épocas: uma visão historiográfica (2008); Amanda Chiarello. Gramática e ensino de língua em perspectiva historiográfica: uma leitura de Lobato (1934) e Bagno (1997) (2008).

¹¹⁴ No *Lattes* da pesquisadora, há 3 artigos publicados antes de 1993 (1 em 1984, 1 em 1985 e 1 em 1992). Além disso, há 3 capítulos de livros também publicados antes de 1993 (1 em 1986, 1 em 1990 e 1 em 1992). Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Rosa apresenta as seguintes informações em seu currículo *Lattes*:

Atua desde 1995 no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, com pesquisa nas áreas de Historiografia da Linguística, Morfologia e Leitura. Criou o Laboratório de Historiografia Linguística da UFRJ, sediado na Faculdade de Letras [...] Coordenador do Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL/ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (2000-2002 e 2002- 2004) (LATTES, 2020, p. 1).

Como resultado do levantamento dos dados da sua produção, têm-se os seguintes números:

Tabela 19: Produção de Rosa, de 1994 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 42 ¹¹⁵ 4 HL	Total: 18 1 HL	Total: 11 0 HL	—	Mestrado: 4 0 HL Doutorado: 2 0 HL	Total: 17 3 HL	Total: 2 1 HL

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela apresenta os dados da produção da pesquisadora. Foram avaliados 96 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 9 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi reproduzido na tabela. Não é característico no trabalho de Rosa e nem no de seus orientandos a referência à HL nos títulos dos trabalhos. Outra particularidade que se sobressai nessa produção é o fato de todos os trabalhos publicados na área da HL serem produções individuais.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, constam, em seu *Lattes*, orientações em nível de graduação e de pós-graduação. Na graduação, orientou 3 trabalhos na iniciação científica e 1 TCC, em que a HL aparece como base teórico-metodológica. Já na pós-graduação, não há trabalhos orientados na área.

Sobre a produção de Rosa, no que se refere aos artigos publicados em revistas de âmbito nacional e internacional, têm-se os seguintes dados:

¹¹⁵ 1 dos textos, o n. 38 do *Lattes*, é uma resenha de um livro publicado na área da HL, logo, não entrou na contagem final.

Quadro 20: Artigos publicados por Rosa

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Diadorim (Rio de Janeiro)</i>	2013	B2
<i>Revista Virtual de Estudos da Linguagem</i>	2010	B2
<i>Revista Internacional de História das Ciências da Linguagem (John Benjamins publishing company)</i>	2008	Internacional
<i>Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte</i>	1997	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.20 A produção acadêmica de Alfaro, de 1993 a 2020

Alfaro não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas, além disso, não há projetos ligados à HL no seu currículo. A área da HL, como diretriz teórico-metodológica, aparece contemplada em artigos, capítulos de livros e livros publicados.

Seguem, pois, na tabela abaixo, os dados coletados do currículo da pesquisadora.

Tabela 20: Produção de Alfaro, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 18 2 HL	Total: 8 ¹¹⁶ 2 HL	Total: 2 1 HL	—	Mestrado: 25 0 HL Doutorado: 18 0 ¹¹⁷ HL	—	— ¹¹⁸

Fonte: Elaborado pela autora

¹¹⁶ 1 capítulo de livro não foi localizado.

¹¹⁷ O número 16 (orientação de doutorado concluída), cujo título é “Tradição e inovação na teoria verbal da gramática de Andrés Bello”, 1998, não foi localizado. No entanto, a análise do *Lattes* da autora da pesquisa comprova que ela tem produção na área da HL.

¹¹⁸ No *site* da UFRJ a monografia final de curso aparece como etapa obrigatória do curso de Letras. De acordo com informações retiradas do Projeto Pedagógico e Organização Curricular do Curso de Licenciatura em Letras, “Todo estudante do curso de Licenciatura Letras deverá desenvolver trabalho monográfico sobre um tema relacionado às disciplinas referentes ao(s) departamento(s) responsável(is) por sua habilitação, tanto da Faculdade de Letras quanto da Faculdade de Educação, que oferecem fundamentação a todas as habilitações [...] Cada professor da Faculdade de Letras terá por obrigação aceitar a orientação de três monografias, por ano, cujos projetos se relacionem aos conteúdos programáticos das disciplinas referentes ao Setor em que atua.”(PROJETO PEDAGÓGICO, p. 10). Apesar de ser uma exigência da instituição, não consta nenhum dado no *Lattes* da pesquisadora sobre orientações de TCC. As informações sobre o Projeto Pedagógico estão disponíveis em: <http://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/portugues-literaturas.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Fez-se o levantamento de 71 materiais, dentre os quais 5 se ligam à HL. Dos 5 trabalhos, 2 apresentam o termo “Historiografia Linguística” nos títulos dos textos. Além disso, 3 foram produções individuais e 2 em parceria com outros pesquisadores.

Com relação aos materiais que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, apesar da quantidade, nenhum é na área da HL.

Ainda no que diz respeito à produção de Alfaro, apresentam-se as informações sobre os artigos publicados em revistas nacionais, segue a descrição desses dados:

Quadro 21: Artigos publicados por Alfaro

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)</i>	2014	A1
<i>Alea. Estudos Neolatinos</i>	2009	A1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.21 A produção acadêmica de Monserrat, de 1993¹¹⁹ a 2020

No currículo *Lattes*, Monserrat não apresenta a HL como base teórico-metodológica de seus projetos ou produções acadêmicas. Entretanto, a pesquisadora consta como membro do GT de Historiografia Linguística da ANPOLL.

Segue, na tabela a seguir, o resultado da catalogação de sua produção acadêmica.

Tabela 21: Produção de Monserrat, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 15 1 HL	Total: 12 1 HL	Total: 16 0 HL	—	Mestrado: 1 0 HL Doutorado: 0	—	—

Fonte: Elaborado pela autora

44 foi o total de materiais analisados, sendo 2 no âmbito da HL. Os textos não trazem a referência ao termo HL nos títulos, além de serem trabalhos em parceria.

No *Lattes* da pesquisadora, não constam orientações na área da HL.

¹¹⁹ No *Lattes* da pesquisadora há seis artigos publicados antes de 1993 (2 em 1983, 2 em 1986, 1 em 1989 e 1 em 1992). Além disso, há 2 capítulos de livros publicados antes de 1993 (1 em 1978 e 1 em 1987) e 9 livros publicados antes de 1993 (1 em 1974, 2 em 1977, 1 em 1984, 2 em 1986, 2 em 1987 e 1 em 1990). Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Sobre a produção de Monserrat, no que se refere ao artigo publicado em uma revista nacional, seguem os dados:

Quadro 22: Artigo publicado por Monserrat

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>TEMPO. Revista do Departamento de História da UFF</i>	2009	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.22 A produção acadêmica de Cavaliere, de 1994¹²⁰ a 2020

Cavaliere, em seu currículo *Lattes*, afirma que “tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em descrição do português e na historiografia dos estudos gramaticais” (LATTES, 2020, p. 1).

Na contagem geral, têm-se os seguintes dados relacionados à produção do pesquisador.

Tabela 22: Produção de Cavaliere, de 1994 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 44 20 HL ¹²¹	Total: 35 11 ¹²² HL	Total: 7 1 HL	Mestrado: 5 5 HL	Mestrado: 11	Total: 2	

¹²⁰ No *Lattes* do pesquisador, há quatro artigos publicados antes de 1993 (1 artigo em 1978, 1 em 1981, 1 em 1988 e 1 em 1991). Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

¹²¹ A análise feita a partir do *Lattes* do pesquisador permitiu chegar a um número de 48 artigos publicados. Destes, 20 se ligam à área da HL, sendo que 17 foram localizados. No entanto, algumas observações precisam ser registradas, quais sejam: os artigos publicados na “*Revista portuguesa de humanidades*” não foram localizados. A pesquisadora desta tese fez, inclusive, um cadastro na revista, em 19/08/2020, mas não conseguiu ter acesso aos textos, de modo que eles não entram no cômputo geral pelo fato de não se saber se podem ou não ser filiados à HL. Algumas das publicações do pesquisador foram feitas no “*Cadernos de Letras da UFF*”, entretanto, na internet, só é possível ter acesso às publicações a partir do volume 27. As anteriores a essa edição não puderam ser avaliadas (quatro artigos – v. 2; v. 12; v.16; v.21). Por fim, alguns dos artigos mais antigos não puderam ser avaliados por não estarem disponíveis na internet, no entanto, no *site* “Quem pesquisa o quê na UFF?”, constam as publicações do pesquisador, e algumas delas, principalmente as mais afastadas no tempo, trazem um tópico intitulado “*tags*”, em que o autor apresenta “etiquetas” sobre os textos e, em algumas delas, aparecem o termo “historiografia” (em 4 delas mais especificamente). Nem todos os textos, no *site* supramencionado, trazem as *tags* (15 no universo de 48). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=1583> e <http://pesquisadores.uff.br/researcher/ricardo-stavola-cavaliere>. Acesso em: 12 fev. 2021.

¹²² A produção do pesquisador, no que diz respeito a capítulos de livros, soma 35 produtos. Destes só foi possível analisar 24 títulos, sendo que 11 são produções em HL. Dessas 11 produções em HL, 3 não foram localizados por terem sido publicados em livros de outros países ou por se tratar de obras de difícil acesso. Seguem as referências: 8. CAVALIERE, Ricardo. On the concept of grammatical tradition and its application to linguistic studies in Brazil. In: Assunção, Carlos; Fernandes, Gonçalo; Kemmler, Rolf. (Org.). *Studies in the History of the Language*

			Doutorado: 4 ¹²³ 1 HL	4 ¹²⁴ HL Doutorado: 9 2 HL	0 ¹²⁵ HL	— ¹²⁶
--	--	--	-------------------------------------	---	---------------------	------------------

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção de Cavaliere. Foram avaliados 117 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 44 reconhecem a HL como orientação de pesquisa. Não é característica do trabalho de Cavaliere e de seus orientandos a referência à HL nos títulos dos trabalhos, apesar de 3 artigos de sua produção e de 2¹²⁷ trabalhos de orientandos (2 mestrados) apresentarem essa particularidade. Além disso, seus textos são resultado de produções individuais.

Os trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, portanto, orientações na pós-graduação, aparecem em um número significativo, sendo 12 orientações em andamento e concluídas. Não constam informações de orientação, na área da HL, na graduação.

Destacam-se na produção de Cavaliere os artigos publicados em revistas de âmbito nacional e internacional. Segue uma descrição desses dados¹²⁸:

Quadro 23: Artigos publicados por Cavaliere

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Linha d'água</i>	2019	B1
<i>Filologia e Linguística Portuguesa</i>	2018	B2
<i>Dossiers d'HEL SHESL</i>	2018	Internacional
<i>Confluência</i>	2018	B1
<i>Revista Argentina de Historiografía Lingüística</i>	2017	B2
<i>Revista todas as letras (MACKENZIE. Online)</i>	2017	B1

Sciences. 1ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016, v. 1, p. 17-30; **14**. CAVALIERE, R. S.. Ato linguístico e controle estatal. In: Maria Helena de Moura Neves. (Org.). As Interfaces da Gramática. Araraquara: Laboratório Editorial Unesp, 2011; **15**. CAVALIERE, R. S.. A Corrente Racionalista da Gramática Brasileira no Século XIX. In: Carlos Assunção, Gonçalo Fernandes, Marlene Loureiro. (Org.). Ideias linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX). 1ed. Münster: Nodus Publikationem, 2010, v. 1, p. 107-118.

¹²³ As informações sobre o trabalho de 3 orientandos não foram localizadas, no período da pesquisa, por não possuírem cadastro na plataforma *Lattes*.

¹²⁴ 4 dissertações não foram localizadas.

¹²⁵ As 2 iniciações científicas têm no título “breve história da gramática no Brasil”, sendo uma de 1993 e a outra de 2005, no entanto, não foi possível localizá-las.

¹²⁶ O TTC não é uma etapa obrigatória para o Curso de Letras da UFF. Para mais informações, ver a matriz curricular disponibilizada em: <https://app.uff.br/iduff/consultaMatrizCurricular.uff>.

¹²⁷ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Mestrado** - Sander Goulart. A obra Holmes para Brasileiros na Historiografia Gramatical Brasileira (Início: 2019); Daniele Filizola de Oliveira. Estudo historiográfico-descritivo das preposições portuguesas nas gramáticas brasileiras do período científico (2010).

¹²⁸ Sobre a quantidade de artigos que aparecem dispostos no quadro, ver nota 121.

<i>Idioma</i>	2015	C
<i>Web-Revista Sociodialeto</i>	2014	B2
<i>Revista Brasileira</i>	2013	B2
<i>DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)</i>	2013	A1
<i>Limite: revista de estudios portugueses y de la lusofonía,</i>	2012	B2
<i>Confluência</i>	2011	A2
<i>Revista Portuguesa de Humanidades</i>	2008	A/B
<i>Confluência</i>	2007	A/B
<i>Confluência</i>	2003	A/B
<i>Confluência</i>	2003	A/B
<i>Confluência</i>	2001	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.23 A produção acadêmica de Kaltner, de 2007 a 2020

Kaltner se apresenta, dentre outras funções, como “coordenador da comissão científica de Historiografia Linguística da Associação Brasileira de Linguística” (LATTES, 2020, p. 1), além de evidenciar sua “experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas, atuando principalmente nos seguintes temas: línguas clássicas, linguística, literaturas clássicas, historiografia da linguística e letras clássicas” (LATTES, 2020, p. 1).

Como resultado do levantamento dos dados de sua produção, têm-se os seguintes números:

Tabela 23: Produção de Kaltner, de 2007 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 39 18 HL	Total: 13 ¹²⁹ 7 HL	Total: 9 ¹³⁰ 2 HL	Mestrado: 3 1 HL Doutorado: 1 (a definir)	Mestrado: 6 4 HL Doutorado: 0	Total: 11 6 HL	Total: 5 2 HL

Fonte: Elaborado pela autora

87 foi o total de materiais investigados, dos quais, 40 se inserem na área da HL. Uma das particularidades da produção de Kaltner é a menção à HL nos títulos dos artigos, capítulos de livros e livro. Assim, 6 artigos, 4 capítulos de livros e 1 livro trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos. No que diz respeito às orientações de pesquisa,

¹²⁹ 2 capítulos de livros não foram localizados.

¹³⁰ 3 livros não foram localizados.

alguns de seus orientandos demarcam a área de filiação no título, sendo que, das 14 orientações em HL, 6¹³¹ (2 mestrados e 4 iniciações científicas) apresentam o termo no título. Além disso, a maioria dos trabalhos conta com produções individuais, haja vista que, de uma total de 26, 19 são trabalhos individuais e 6 são em parceria com outros pesquisadores.

No que se refere aos dados de orientações de trabalhos, constam, no *Lattes*, orientações em nível de graduação e de pós-graduação. Na graduação, orientou 9 trabalhos na área da HL, sendo 7 orientações na iniciação científica e 2 TCCs. Na pós-graduação, orientou 5 trabalhos em nível de mestrado na área da HL.

Sobre a produção de Kaltner, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais e em revista internacional, segue a descrição desses dados:

Quadro 24: Artigos publicados por Kaltner

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Revista da Abralin</i>	2020	B1
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Cadernos de Linguística</i>	2020	B1
<i>Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education</i>	2020	Internacional
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Revista Philologus</i>	2020	B3
<i>Confluência</i>	2019	B1
<i>Revista Philologus</i>	2019	B3
<i>Cadernos do CNLF (CIFEFIL)</i>	2019	B2
<i>Confluência</i>	2019	B1
<i>Revista Philologus</i>	2018	B3
<i>Filologia e Linguística Portuguesa (Online)</i>	2018	B2
<i>MATRAGA</i>	2017	B1
<i>Cadernos do CNLF (CIFEFIL)</i>	2017	B2

Fonte: Elaborado pela autora

¹³¹ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Mestrado** - Janaína Fernanda de Oliveira Lopes. As classes de gramática na Ratio Sudiorum (1599) à luz da Historiografia Linguística (2020); Barbara Poubel dos Santos. O Imperial Instituto de Meninos Cegos (1854): uma análise pela Historiografia Linguística (2020). Iniciação científica - Renata da Silveira Guimarães. A obra de Carl Fr. Ph. von Martius (1794-1868) à luz da Historiografia Linguística (2020); Stephanie Cunha Dos Santos da Silva. Carl F. P. Von Martius (1794-1868) e a Filologia: uma abordagem historiográfica (2019); Thaisa Regly de Moura Souza. Os Glossaria Linguarum Brasiliensium na Historiografia da Linguística (2018); Mariana de Almeida Gomes Rocha. Os Glossaria linguarum brasiliensium e a historiografia da linguística (2018).

3.1.24 A produção acadêmica de Vitral, de 1996 a 2020

Em seu currículo *Lattes*, Vitral se apresenta como um pesquisador que “tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Gramática Gerativa, atuando principalmente nas seguintes áreas: gramaticalização, gramática gerativa, historiografia linguística, epistemologia e ensino de gramática” (LATTES, 2020, p. 1).

Observe-se na tabela a seguir os dados coletados de sua produção acadêmica.

Tabela 24: Produção de Vitral, de 1996 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 20 1 HL	Total: 11 0 HL	Total: 3 0 HL	Mestrado: 0 Doutorado: 2 0 HL	Mestrado: 15 0 HL Doutorado: 6 0 HL	Total: 16 0 HL	Total: 1 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

74 foi o total de materiais analisados, dos quais, apenas 1 se insere no bojo da HL. No artigo publicado em que a HL aparece como base teórico-metodológica não há referência à área no título do texto, além de o trabalho ser uma produção individual.

No *Lattes* do pesquisador, não constam orientações na área da HL.

Sobre a produção de Vitral, no que se refere ao artigo publicado em uma revista nacional, têm-se os seguintes dados:

Quadro 25: Artigo publicado por Vitral

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista do GEL</i>	2010	A2

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.25 A produção acadêmica de Milani, de 2004 a 2020

Milani apresenta as seguintes informações em seu currículo *Lattes*:

[...] mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1994), subárea Historiografia Linguística, e doutorado em Semiótica e Linguística geral, subárea Historiografia Linguística, pela Universidade de São Paulo (2000) [...]

Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Historiografia-Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: na graduação em Letras, Linguística geral, Fonologia, Morfologia, Semântica, Linguística Diacrônica, Sociolinguística e Teoria Semiótica, e na pós-graduação em Linguística, Historiografia-Linguística. É líder do grupo de pesquisa em Historiografia-Linguística - IMAGO, da Rede de pesquisa LINGGO cadastrada na FAPEG e do LABOLINGGO - Laboratório da língua de Goiás (LATTES, 2020, p. 1).

No que se refere a sua produção, seguem as seguintes informações:

Tabela 25: Produção de Milani, de 2004 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 25 11 HL	Total: 1 0 HL	Total: 5 2 HL	Mestrado: 2 0 HL	Mestrado: 14 13 HL	Total: 11 3 HL	Total: 8 4 HL
			Doutorado: 1 1 HL	Doutorado: 5 5 HL		

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela apresenta o levantamento de dados da produção de Milani. Foram avaliados 72 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 39 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi apresentado na tabela. Uma das particularidades dessa produção é a menção à HL nos títulos dos artigos e livros. Constatou-se que 4 artigos e 2 livros apresentam essa característica. No que se refere à produção dos orientandos, em sua maioria, tendem a marcar a área de filiação no título dos seus trabalhos, haja vista que, das 26 orientações em HL, 14¹³² (2 doutorados, 9 mestrados, 1 iniciação científica e 2 trabalhos de conclusão de curso) apresentam o termo no título.

¹³² Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Rômulo da Silva Vargas Fernandes. Historiografia-Linguística de Emile Benveniste (2016); Raquel Peixoto Ferreira Vieira. Historiografia-linguística dos métodos de estudos sobre aférese no Brasil (2012). **Mestrado** - Vanessa Ghilardi. Estudo historiográfico-linguístico da obra de Gladstone Chaves de Melo (2017); Patrícia Verônica Moreira. Historiografia-linguística do Morfologia do Conto Maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp (2014); Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor. Historiografia-Linguística da Semântica Estrutural de Greimas (2012); Isac Teixeira de Assunção. Historiografia linguística do movimento antropofágico: por uma literatura popular para a afirmação da língua e da identidade brasileiras (2011); Janice Alves Gomes. O Percurso Historiográfico-linguístico das Paixões (2011); Helda Núbia Rosa. Historiografia Linguística da gramática brasileira: a estrutura linguística e a participação na sociedade (2011); Jonas Pereira Lima. A teoria glossemática de Louis Hjelmslev numa perspectiva historiográfico-linguística (2010); Jeremias de Paula. Processo Historiográfico Linguístico e caracteres da Enunciação dentro do Procedimento Operacional Padrão da Polícia Militar de Goiás (2010); Rômulo da Silva Vargas Rodrigues. A constituição dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica (2008). **Iniciação científica** - Flaviana Mesquita Amancio. Historiografia Linguística de Franz Boas: conceitos e métodos (2014). **Trabalho de conclusão** de curso - Elias Barbosa Ferreira. Os conceitos historiográficos linguística de Franz Boas (2011); Patrícia Verônica Moreira. Historiografia Linguística de Wladimir Propp (2009).

Com relação à produção do pesquisador na área da HL, a maioria dos artigos se refere a produções em parceria com outros pesquisadores, sendo 7 artigos de um total de 10. No caso dos dois livros, as publicações são individuais.

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 18 orientações, sendo 1 em andamento e 17 concluídas. Na graduação, orientou 7 trabalhos na área da HL, sendo 3 orientações na iniciação científica e 4 TCCs.

No que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, segue a descrição dos dados:

Quadro 26: Artigos publicados por Milani

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista de Letras Norte@mentos</i>	2018	B2
<i>Forproll</i>	2017	B4
<i>Signo (UNISC. Online)</i>	2015	B1
<i>Revista UFG (Impresso)</i>	2015	C
<i>Estudos da Língua(gem) (Online)</i>	2014	B1
<i>Linha d'Água</i>	2012	B2
<i>Intertexto (Uberaba)</i>	2012	B4
<i>Linha d'Água</i>	2011	B2
<i>Letras & Letras (Online)</i>	2009	A/B
<i>Extensão e Cultura (UFG)</i>	2008	B/C
<i>Linha d'Água</i>	2007	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.26 A produção acadêmica de Borges Neto, de 1993¹³³ a 2020

Borges Neto informa, em texto de abertura do seu currículo *Lattes*, que “tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Semântica, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia da linguística, historiografia linguística, semântica formal e gramáticas categoriais” (LATTES, 2020, p. 1).

Como resultado de sua produção, têm-se os dados dispostos na tabela abaixo:

¹³³ No *Lattes* do pesquisador, há 14 artigos publicados antes de 1993 (1 em 1978, 2 em 1980, 1 em 1984, 4 em 1985, 1 em 1986, 1 em 1987, 2 em 1989 e 1 em 1992). O pesquisador também publicou 1 capítulo de livro em 1985 e 1 livro em 1991. Além disso, orientou 5 dissertações de mestrado antes de 1993 (2 em 1988, 1 em 1989 e 2 em 1992). Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Tabela 26 - Produção de Borges Neto, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 29 4 HL	Total: 21 3 ¹³⁴ HL	Total: 1 0 HL	Mestrado: 1 1 HL Doutorado: 0	Mestrado: 25 0 HL Doutorado: 14 1 HL	Total: 3 0 HL	— ¹³⁵

Fonte: Elaborado pela autora

94 foi o total de materiais contabilizados, dos quais, 9 se inserem na área da HL. Não é característico na produção de Borges Neto a referência à HL nos títulos de seus trabalhos, de modo que apenas 1 de seus artigos apresenta essa particularidade. No que se refere à produção de trabalhos de orientandos, também não é comum a filiação à HL nos títulos dos trabalhos.

Além disso, a maioria dos textos do pesquisador são produções individuais, sendo que, dos 6 trabalhos na área da HL, apenas 1 foi produzido em parceria com outros pesquisadores.

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 2 orientações, 1 concluída e 1 em andamento. No caso das iniciações científicas, nenhuma das orientações se vincula à HL.

Sobre a produção de Borges Neto, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, segue a descrição dos dados:

Quadro 27: Artigos publicados por Borges Neto

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Todas as Letras</i>	2012	A2
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	2005	B/C
<i>Revista Letras (Curitiba)</i>	2000	A/B
<i>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</i>	1996	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

¹³⁴ 1 capítulo de livro, publicado no livro “Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)”, resultado do *Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, 7, Vila Real, 2009, não foi localizado.

¹³⁵ No site da UFPR, há a informação de que os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) recebem denominações diferentes de acordo com o currículo e a modalidade do Curso de Letras de modo que podem ser denominados de: Orientações Monográficas, Prática de Pesquisa em Educação ou Trabalho de Conclusão de Curso. Nessa instituição, portanto, o Trabalho de Conclusão de Curso é uma etapa prevista e obrigatória para os alunos. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/letrasgraduacao/acesso-rapido/grades/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

3.1.27 A produção acadêmica de Faraco, de 1993¹³⁶ a 2020

Faraco informa, em texto de abertura do seu currículo *Lattes*, que:

Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Bakhtin, discurso, dialogismo, ensino de português e linguística, história do pensamento linguístico. Está vinculado ao Grupo de Pesquisa HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq) (LATTES, 2020, p. 1).

Observe-se na tabela a seguir os dados coletados de sua produção acadêmica.

Tabela 27: Produção de Faraco, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 28 2 ¹³⁷ HL	Total: 35 0 HL	Total: 25 0 HL	—	Mestrado: 14 0 HL Doutorado: 5 0 HL	—	— ¹³⁸

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra a organização dos dados da produção de Faraco. Foram avaliados 107 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 2 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi detalhado na tabela. Nenhum dos textos apresenta o termo “Historiografia Linguística” no título e os dois são produções individuais.

No *Lattes* do pesquisador, não constam orientações na área da HL.

¹³⁶ No *Lattes* do pesquisador, há 2 artigos publicados antes de 1993 (1 em 1986 e 1 em 1989). O pesquisador também publicou 2 capítulos de livros (1 em 1984 e 1 em 1988) e 5 livros (1 em 1980, 1 em 1987, 1 em 1991 e 2 em 1992) antes de 1993 1991. Além disso, orientou 6 dissertações de mestrado antes de 1993 (1 em 1987, 3 em 1988, 1 em 1989 e 1 em 1990). Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

¹³⁷ Há 1 texto, em formato de artigo, divulgado pelo grupo HGEL, liderado por Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Faraco, que toma a HL como referente teórico-metodológico. Referência: FARACO, C. A. Por que precisamos de (novas) gramáticas normativas? Página do grupo de pesquisa “HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq). Postado em 13/05/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/HGEL-Historiografia-Gram%Altica-e-Ensino-de-L%C3%ADnguas-103863294664882>. O texto não foi publicado em uma revista em específico, logo, não será apresentado no “Quadro 28 - Artigo publicado por Faraco”, apesar de ter sido contabilizado como artigo. Acesso em: 24 nov. 2020.

¹³⁸ No *site* da UFPR, há a informação de que os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) recebem denominações diferentes de acordo com o currículo e a modalidade do Curso de Letras de modo que podem ser denominados de: Orientações Monográficas, Prática de Pesquisa em Educação ou Trabalho de Conclusão de Curso. Nessa instituição, portanto, o Trabalho de Conclusão de Curso é uma etapa prevista e obrigatória para os alunos. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/letrasgraduacao/acesso-rapido/grades/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

Sobre a produção de Faraco na área da HL, no que se refere ao artigo publicado em uma revista nacional, seguem os dados:

Quadro 28: Artigo publicado por Faraco

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Diadorim</i>	2018	B2

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.28 A produção acadêmica de Luna, de 1994¹³⁹ a 2020

Luna não apresenta, em texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área à qual se filia teórica e metodologicamente. Entretanto, além de seu doutorado ser na área da historiografia, a HL aparece em evidência nos tópicos “Linhas de pesquisa”, “Projetos de pesquisa”, “Áreas de atuação” e na produção de artigos, capítulos de livros e livros.

Segue-se, pois, a tabela com os dados coletados da produção do pesquisador.

Tabela 28: Produção de Luna, de 1994 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 59 18 ¹⁴⁰ HL	Total: 20 8 ¹⁴¹ HL	Total: 6 ¹⁴² 1 HL	Mestrado: 5 0 HL Doutorado: 2 0 HL	Mestrado: 28 2 HL Doutorado: 6 0 HL	—	Total: 1 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

127 foi o total de materiais pesquisados, dentre os quais, 29 se inserem na área da HL. A produção de Luna dispõe de textos em que o termo “Historiografia Linguística” aparece nos

¹³⁹ No *Lattes* do pesquisador, há 1 artigo publicado antes de 1993 (em 1991). O pesquisador também publicou 1 capítulo de livro em 1988. Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

¹⁴⁰ O artigo n. 51 do *Lattes* faz parte das publicações em HL, no entanto, não foi localizado. Segue a referência: **51.** LUNA, J. M. F.. Busca e catalogação do material didático e da memória do espanhol como língua estrangeira no Brasil: base para um percurso historiográfico. *Alcance* (UNIVALI), Itajai, v. Letras, n. IX, p. 81-87, 2002.

¹⁴¹ Os capítulos n. 6 e 10 do *Lattes* fazem parte das publicações em HL, no entanto, não foram localizados. Seguem as referências: **6.** LUNA, J. M. F.. Internacionalização do português: perspectivas historiográfica e intercultural. In: Alexandre do Amaral Ribeiro. (Org.). *Ensino de português do Brasil para estrangeiros - Internacionalização contextos e práticas*. 1ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2016, v. 1, p. 20-35; **10.** LUNA, J. M. F.. Uma historiografia do ensino do português: por uma perspectiva historiográfica na formação de professores de línguas no terceiro milênio. In: Diana Luz Pessoa de Barros. (Org.). *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, p. 55-76.

¹⁴² 2 livros não foram localizados.

títulos. Assim, 18 artigos, 8 capítulos de livros e 1 livro trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos. No que se refere à produção de trabalhos de orientandos, apenas 1¹⁴³ dos trabalhos (1 mestrado) apresenta essa particularidade.

Além disso, dos 27 trabalhos na área da HL, 21 são produções individuais.

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 2 orientações de mestrado concluídas. No caso das iniciações científicas, nenhuma das orientações se vincula à HL. Não constam, no *Lattes* do pesquisador, orientações de TCC ou de iniciação científica na área da HL.

Outra característica que se destaca na produção de Luna é o fato de os artigos terem sido publicados em revistas nacionais. Segue uma descrição desses dados:

Quadro 29: Artigos publicados por Luna

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista X</i>	2017	B2
<i>Entrelinhas (UNISINOS. Online)</i>	2017	B2
<i>SEDA</i>	2017	B3
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2016	B1
<i>Atos de pesquisa em educação (FURB)</i>	2016	B5
<i>Entrelinhas (UNISINOS. Online)</i>	2015	B2
<i>Signotica (UFG)</i>	2014	B1
<i>Calidoscópio (UNISINOS)</i>	2013	A2
<i>Hispania (University, Miss)</i>	2012	B2
<i>Revista Letras (Curitiba)</i>	2012	A2
<i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso)</i>	2011	A1
<i>Revista da ANPOLL</i>	2011	A1
<i>Teoria e Prática da Educação</i>	2011	B3
<i>Política e Gestão Educacional (Online)</i>	2009	B/C
<i>Revista de Letras (Curitiba. 1996)</i>	2008	A/B
<i>Revista da ANPOLL (Impresso)</i>	2004	A/B
<i>Alcance (UNIVALI)</i>	2002	B/C
<i>Revista da ANPOLL</i>	2000	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.29 A produção acadêmica de Iório, de 2003 a 2020

¹⁴³ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: Mestrado - Andressa Gotzinger. A representação do imigrante e de sua educação linguística na imprensa catarinense: um estudo historiográfico (2016).

Iório, em seu currículo *Lattes*, afirma que “tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso, ensino de língua portuguesa, historiografia da língua portuguesa, ensino e ethos” (LATTES, 2020, p. 1).

Seguem os dados da produção acadêmica da pesquisadora:

Tabela 29: Produção de Iório, de 2003 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total:10 3 HL	Total: 19 11 HL	Total: 2 0 HL	—	Mestrado: 13 0 HL Doutorado: 0	Total: 5 0 HL	—

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela apresenta o levantamento dos dados da produção de Iório. Foram avaliados 49 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 14 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi apresentado na tabela. Nessa produção, apenas 1 texto apresenta o termo HL no título. Além disso, uma particularidade de sua produção é o fato de todos os seus textos terem sido produzidos em parceria com outros pesquisadores.

No *Lattes*, não constam orientações na área da HL.

Sobre a produção de Iório na área da HL, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, têm-se os seguintes dados:

Quadro 30: Artigos publicados por Iório

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Revista Linha D'Água</i>	2019	B1
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2016	B1
<i>Confluência</i>	2015	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.30 A produção acadêmica de Anjos, de 2006 a 2020

Anjos traz, em texto informativo do currículo *Lattes*, a informação de que “atua, na graduação, com as seguintes disciplinas: Língua Latina, Formação e Evolução da Língua Portuguesa e Gramaticologia da Língua Portuguesa. Na pós-graduação, atua com as disciplinas: Teorias Linguísticas e Historiografia Linguística” (LATTES, 2020, p. 1).

Como resultado do levantamento dos dados de sua produção, têm-se os seguintes números:

Tabela 30: Produção de Anjos, de 2006 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 7 2 HL	Total: 8 0 HL	Total: 3 1 HL	Mestrado: 0 Doutorado: 3 3 HL	Mestrado: 8 5 HL Doutorado: 0	Total: 13 5 HL	Total: 4 1 HL

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela, constam os dados da produção de Anjos. Foram avaliados 46 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 17 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi descrito na tabela. Dos 3 trabalhos produzidos na área da HL, 2 fazem referência ao termo nos títulos. Além disso, os três produtos são trabalhos em parceria com outros pesquisadores.

No que se refere à produção de trabalhos de orientandos, é comum a filiação à HL nos títulos dos trabalhos, de modo que das 13 orientações, 11¹⁴⁴ apresentam essa particularidade (3 doutorados, 5 mestrados, 2 iniciações científicas e 1 trabalho de conclusão de curso).

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 8 orientações, sendo 3 em andamento e 5 concluídas. Na graduação, orientou 6 trabalhos na área da HL, sendo 5 orientações na iniciação científica e 1 TCC.

¹⁴⁴ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Doutorado** - Gláucia Castro Aguiar Pio. Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara: um percurso historiográfico (Início: 2020); Rodrigo Alves Silva. Os estudos linguísticos sobre língua de sinais no Brasil (1980 a 2019): uma análise historiográfica (Início: 2019); Meryane Sousa Oliveira. A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2020): um estudo acerca da recepção e da produção de pesquisas ao longo de três décadas de implantação da área (início: 2019). **Mestrado** - Maria de Jesus Medeiros Torres. Relações de contato entre as línguas africanas e o português falado no Brasil (1874-1933): um estudo historiográfico (2020); Raimunda da Conceição Silva. Os estudos linguísticos no Piauí (2004-2014): um olhar historiográfico sobre o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI (2020); Alceane Bezerra Feitosa. O tratamento dado à categoria de voz verbal em gramáticas brasileiras do século XIX: um estudo historiográfico (2018); Meryane Sousa Oliveira. A questão da história da língua portuguesa na Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, de Marcos Bagno: um estudo historiográfico (2017); Gláucia Castro Aguiar Pio. Estudo historiográfico do tratamento dado às categorias Gênero e Número dos substantivos simples na GHLP (2017). **Iniciação científica** - Giulia Viana Lima. O uso de partícula e índice na metalinguagem das gramáticas brasileiras: um rastreamento historiográfico (2019); Raimunda da Conceição Silva. Ideias linguísticas de Herbert Parentes Fortes em 'A questão da língua brasileira': um olhar historiográfico. (2016). **Trabalho de conclusão de curso** - Maria de Jesus Medeiros Torres. As línguas africanas e a formação do português brasileiro: um olhar historiográfico sobre os estudos de Raimundo (1933), Rodrigues (2010) e Mendonça (2012) (2016).

Outra característica que se destaca na produção de Anjos é o fato de os artigos terem sido publicados em revistas nacionais. Segue uma descrição desses dados:

Quadro 31: Artigos publicados por Anjos

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>Confluência</i>	2020	B1
<i>Revista do GEL</i>	2018	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.31 A produção acadêmica de Vieira, de 1999 a 2020

Em texto informado pelo pesquisador, Vieira afirma que “orienta pesquisas na graduação e na pós-graduação em Historiografia da Linguística e Linguística Aplicada. É líder do grupo de pesquisa HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (espelho do grupo no Diretório do CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6433198070413694)” (LATTES, 2020, p. 1).

No que se refere a sua produção, tem-se o seguinte resultado:

Tabela 31: Produção de Vieira, de 1999 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 18 4 HL	Total: 7 2 HL	Total: 6 2 HL	Mestrado: 5 5 HL Doutorado: 1 1 HL	Mestrado: 4 2 HL Doutorado: 1 1 HL	Total: 8 3 HL	Total: 18 4 HL

Fonte: Elaborado pela autora

68 foi o total de materiais analisados, dos quais, 24 se inserem na área da HL. Dos 8 trabalhos produzidos por Vieira na área da HL, 3 fazem referência ao termo “Historiografia Linguística” nos títulos. Além disso, 4 são trabalhos produzidos em parceria com outros pesquisadores e 4 são produções individuais.

No que se refere à produção de trabalhos de orientandos, não é comum a filiação à HL nos títulos dos trabalhos, de modo que 3¹⁴⁵ trabalhos apresentam essa característica (2 mestrados e 1 trabalho de conclusão de curso).

¹⁴⁵ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações:

Com relação aos trabalhos que são resultado de orientações de mestrado e doutorado, na área da HL, contabilizam-se 9 orientações, sendo 6 em andamento e 3 concluídas. Na graduação, orientou 7 trabalhos na área da HL, sendo 3 orientações na iniciação científica e 4 TCCs.

Ainda no que diz respeito à produção de Vieira, ressaltam-se suas publicações em revistas nacionais, segue a descrição desses dados:

Quadro 32: Artigos publicados por Vieira

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)</i>	2020	A1
<i>INVESTIGAÇÕES (ONLINE)</i>	2020	B1
<i>DLCV (UFPB)</i>	2019	B2
<i>Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)</i>	2018	B1

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.32 A produção acadêmica de Gueiros, de 2010 a 2020

Gueiros, em texto informativo do currículo *Lattes*, afirma que “integra o Grupo de Pesquisa Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (HGEL - UFPB). Tem experiência no campo da Linguística, com ênfase em Historiografia da Linguística” (LATTES, 2020, p. 1).

No que se refere a sua produção, tem-se o seguinte resultado:

Tabela 32: Produção de Gueiros, de 2010 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
—	Total: 3 1 HL	Total: 1 0 HL	—	—	Total:3 0 HL	—

Fonte: Elaborado pela autora

Mestrado - Tamires de Lima Santiago. O conceito de análise linguística após a publicação de O texto em sala de aula (1984): uma investigação historiográfica (Início: 2020); José Eric da Paixão Marinho. Considerações sobre a sintaxe brasileira em gramáticas do período científico (1880-1920): uma abordagem historiográfica (2020). **Trabalho de conclusão de curso** - Marciel da Luz Santos. Variação e mudança linguística em duas gramáticas de Celso Cunha (1970 e 1985): um estudo historiográfico (2018).

4 foi o total de materiais analisados, destes, 1 na área da HL. O capítulo de livro analisado traz a HL como referente teórico-metodológico no título do texto e se trata de uma produção em parceria com outro pesquisador.

No *Lattes* do pesquisador, não constam artigos publicados e nem orientações na área da HL.

3.1.33 A produção acadêmica de Poll, de 2005 a 2020

Poll não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas, nas palavras da pesquisadora: “Realiza pesquisas na área de ensino de língua portuguesa” (LATTES, 2020, p. 1). No entanto, no tópico “Linhas de pesquisa” aparece “Historiografia da Língua Portuguesa” (LATTES, 2020, p. 5) e no tópico “Projetos de pesquisa” constam 3 projetos na área da HL “Historiografia da Língua Portuguesa no Brasil”, “Historiografia da Língua portuguesa e seu ensino” e “Historiografia das políticas públicas para língua portuguesa no Brasil” nos quais aparece como coordenadora.

Em relação à produção de Poll, veja-se a tabela a seguir:

Tabela 33: Produção de Poll, de 2005 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 6 0 HL	Total: 1 0 HL	—	—	—	Total: 7 2 HL	Total: 12 0 HL

Fonte: Elaborado pela autora

26 foi o total de materiais analisados, destes, 2 na área da HL. Na produção de Poll constam 2 orientações de iniciação científica em andamento, as quais trazem nos títulos o termo HL.

No *Lattes* da pesquisadora, não constam artigos, capítulos de livros ou publicados e nem orientações de mestrado e doutorado na área da HL.

3.1.34 A produção acadêmica de Nogueira, de 1999 a 2020

Nogueira apresenta as seguintes informações em seu currículo *Lattes*:

Sócia-Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Historiografia da Língua Portuguesa (GPeHLP) do IP-PUC/SP. Pesquisadora Vice-líder do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA) da UEMASUL, atuando como Coordenadora da Linha de Pesquisa Historiografia Linguística e Ensino; e da Linha de Pesquisa Linguagem, Memória e Ensino [...] Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Historiografia linguística, Linguagem, Memória, Gramaticografia maranhense, Semântica e Ensino. Membro efetivo da Academia João-Lisboense de Letras - AJL no Maranhão (LATTES, 2020, p. 1).

No que diz respeito a sua produção, seguem as seguintes informações:

Tabela 34: Produção de Nogueira, de 1999 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 15 8 HL	Total: 15 14 HL	Total: 2 2 HL	Mestrado: 5 0 HL Doutorado: 0	—	Total: 17 9 HL	Total: 20 19 HL

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela ilustra os dados da produção de Nogueira. Foram avaliados 74 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 52 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como apresentado na tabela. Nessa produção, é significativo a quantidade de textos em que o termo HL aparece nos títulos. Assim, 2 artigos, 3 capítulos de livros e 2 livros trazem a HL como referente teórico-metodológico no título dos textos. No que se refere à produção de trabalhos de orientandos, é comum o uso desse recurso, de modo que, das 28 orientações, 21¹⁴⁶ apresentam o termo HL no título (2 iniciações científicas e 19 trabalhos de conclusão de curso).

¹⁴⁶ Com relação aos dados dos orientandos, que trazem o termo HL nos títulos dos seus trabalhos, segue a lista dos autores das pesquisas, seguida dos títulos dos trabalhos e dos anos de publicação/conclusão das orientações: **Iniciação científica** - Roniela Almeida Moreira. Fundamentos da Historiografia Linguística e ensino da língua portuguesa (2016); Thalia Rute Oliveira Vila Nova. Ortografia sônica no Maranhão do século XX em dimensão historiográfica. (2016). **Trabalho de conclusão de curso** - Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento. Noções de Grammatica Portuguesa, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade: Semântica em uma perspectiva historiográfica (2019); Larissa de Farias Silveira. A Semântica na Gramática ‘Estudinhos da Língua Portuguesa’, do maranhense José Augusto Corrêa (1883), sob uma perspectiva historiográfica (2019); Larissa Rodrigues Reis Sousa. Lusofonia: nacionalismo nas obras pedalinguísticas de Berta Valente de Almeida, de Portugal, e de Meneses Vieira, do Brasil, sob uma perspectiva historiográfica (2018); Verônica De Jesus Barbosa Santos Vieira. ‘Gramática e antologia nacional’, de José Mesquita de Carvalho (1939): estilística sob uma perspectiva historiográfica (2018); Silvana Oliveira do Nascimento. ‘Novo Manual de Língua Portuguesa’ (1915): substantivo em uma análise historiográfica (2017); Cristiane Araújo da Silva. Lições práticas de gramática portuguesa, de Gaspar de Freietas, ortografia em uma perspectiva historiográfica (2016); Deusilene Sousa Matos. Now, it's your turn, primeiro ano do ensino médio, de Missfran Magalhães Monteiro, de 2005: material didático da língua inglesa em uma perspectiva historiográfica (2016); Maria Elizete Melo de Oliveira. Lusofonia: ortografia nas obras do português A.A.Cortesão e do brasileiro Hemetério José dos Santos, de 1907, em uma abordagem historiográfica (2016); Aliny Cristina Pereira de Oliveira. Noções de Grammaticas, de Menezes Vieira (1897): semântica sob

Além disso, dos 24 trabalhos produzidos pela pesquisadora, 19 são em parceria com outros pesquisadores e 5 são produções individuais.

No *Lattes*, não constam orientações na área da HL na pós-graduação. Já na graduação, 28 trabalhos foram orientados na área, destes 9 são orientações na iniciação científica e 19 são TCCs.

Sobre a produção de Nogueira na área da HL, no que se refere aos artigos publicados em revistas nacionais, seguem os dados:

Quadro 33: Artigos publicados por Nogueira

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>VERBUM - Cadernos de Pós Graduação</i>	2020	B2
<i>VERBUM - Cadernos de Pós Graduação</i>	2019	B2
<i>Linha D'água</i>	2019	B1
<i>Revista A Palavrada</i>	2018	B5
<i>Revista Philologus</i>	2017	B3
<i>Revista todas as letras (MACKENZIE. Online)</i>	2016	B1
<i>Confluência</i>	2015	B1
<i>Cadernos do CNLF (CIFEFIL)</i>	2009	B/C

Fonte: Elaborado pela autora

3.1.35 A produção acadêmica de Barros, de 1993¹⁴⁷ a 2020

Barros não apresenta, no texto inicial de seu currículo *Lattes*, a HL como área de interesse de suas pesquisas, entretanto, há um projeto ligado à HL no seu currículo, cujo período de execução foi de 1987 – 1993.

uma perspectiva historiográfica (2016); Magda Lorranna Ribeiro Franco. Grammatica portuguesa, de Veríssimo Vieira, de 1922: semântica em perspectiva historiográfica (2016); Carolinne Dávyla da Silva Chagas e Ellia Nábila de Souza. Substantivo na obra "Noções de grammatica", de Menezes Vieira (1897), em dimensões historiográficas (2016); Débora Silva Bastos. "Compendio da grammatica portuguesa", do Padre Antonio da Costa Duarte (1829): uma análise historiográfica (2016); Alexandre da Silva Sousa, Marcilene Sousa Costa. Língua portuguesa: semântica, da segunda metade do século XX, sob a perspectiva da Historiografia Linguística (2015); Aline Silva de Matos; Francisca Jacyara Matos de Alencar. Lições práticas de grammatica portuguesa, de Gaspar de Freitas: Semântica em material didático em uma perspectiva historiográfica (2015); Daniela Jaqueline Tôres Barreto. Português para o ginásio, de José Cretella Júnior: semântica em uma abordagem historiográfica (2015); Amanda da Silva Galvão e Sara Rabelo da Silva. Selecta nacional, do Padre R. Alves da Fonseca (1873): em uma abordagem historiográfica (2015); Angélica Campos dos Santos. Estudinhos da Língua Portuguesa, de José Augusto Corrêa, de 1883: uma análise historiográfica (2014); Wemylla dos Santos de Jesus. Língua portuguesa: sintaxe em uma perspectiva historiográfica (2013); Kaliandra Costa Ribeiro e Thayonara Gadelha de Paula Moreira. Língua Portuguesa: sintaxe no 9º ano do Ensino Fundamental, em uma perspectiva historiográfica (2012).

¹⁴⁷ No *Lattes* da pesquisadora, há 3 artigos publicados antes de 1993 (1 em 1984, 1 em 1986 e 1 em 1990). O pesquisador também publicou 1 capítulo de livro em 1990. Os materiais não foram contabilizados por não fazerem parte do período estabelecido como recorte deste trabalho.

Segue, pois, na tabela a seguir, o resultado da catalogação de sua produção acadêmica.

Tabela 35: Produção de Barros, de 1993 a 2020

Artigo publicado	Capítulo de livro	Livro	Orientação (em andamento)	Orientação (concluída)	IC	TCC
Total: 35 ¹⁴⁸ 4 HL	Total: 15 ¹⁴⁹ 2 HL	Total: 2 0 HL	Mestrado: 1 0 HL Doutorado: 0	Mestrado: 1 0 HL Doutorado: 0	Total:3 0 HL	Total:3 1 HL

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela, são apresentados os dados da produção de Barros. Foram avaliados 60 produtos, entre artigos, capítulos de livros, livros e orientações. Destes, 7 reconhecem a HL como orientação de pesquisa, como foi apresentado na tabela. Não faz parte da prática da pesquisadora e de seus orientandos fazer menção ao termo HL no título de seus trabalhos. Além disso, 3 produtos são trabalhos em parceria com outros pesquisadores e 3 são produções individuais.

No *Lattes*, não constam orientações na área da HL na pós-graduação. Na graduação, consta uma orientação, um TCC.

Ainda no que diz respeito à produção de Barros, no que se refere aos artigos que foram publicados em revistas nacionais, segue a descrição dos dados:

Quadro 34: Artigos publicados por Barros

REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
<i>TEMPO. Revista do Departamento de História da UFF</i>	2009	A/B
<i>Revista Letras (Curitiba)</i>	2005	A/B
<i>Revista de Estudos da Linguagem</i>	2005	A/B
<i>Revista de Estudos da Linguagem</i>	2002	A/B

Fonte: Elaborado pela autora

3.2 Síntese da quantidade total de materiais produzidos por historiógrafos brasileiros

¹⁴⁸ Não foi possível avaliar 5 artigos pelo fato de terem sido publicados em revistas internacionais e serem de difícil acesso para a proponente desta pesquisa.

¹⁴⁹ 7 capítulos de livros não foram localizados.

Tabela 36: Síntese do material pesquisado

Artigos publicados	Capítulos de livro	Livro	Orientação na graduação	Orientação na Pós-Graduação	Total
234	229	67	125	176	831

Fonte: Elaborado pela autora

Foram contabilizados 831 produtos. Sendo 234 artigos publicados em revistas com *qualis* ou internacionais, 229 capítulos de livros e 67 livros. Além disso, em nível de graduação, foram identificados 125 trabalhos, entre iniciações científicas e trabalhos de conclusão de curso. Em nível de pós-graduação, foram localizados 176 produtos, entre dissertações e teses, em andamento ou concluídas.

3.3 Descrição dos dados por região do Brasil

Neste levantamento sobre a produção historiográfica brasileira, a comparação entre a quantidade de materiais produzidos por região do Brasil aponta a região Sudeste como aquela que concentra a maior quantidade de produtos na área da HL.

A região Sudeste reúne um total de 24 pesquisadores, distribuídos em 10 universidades (USP, PUC-SP, UNESP, IFSP, UNICID-SP, UNIFMU-SP, UPM-SP, UFRJ, UFF-RJ e UFMG). Os dados da região Sudeste são os seguintes: 178 artigos, 188 capítulos de livros, 59 livros, 74 orientações na graduação e 136 orientações na pós-graduação.

A região Nordeste reúne 5 pesquisadores, distribuídos em 3 universidades (UFPI, UFPB e UEMASUL). Os dados da região Nordeste são os seguintes: 14 artigos, 17 capítulos de livros, 5 livros, 43 orientações na graduação e 17 orientações na pós-graduação.

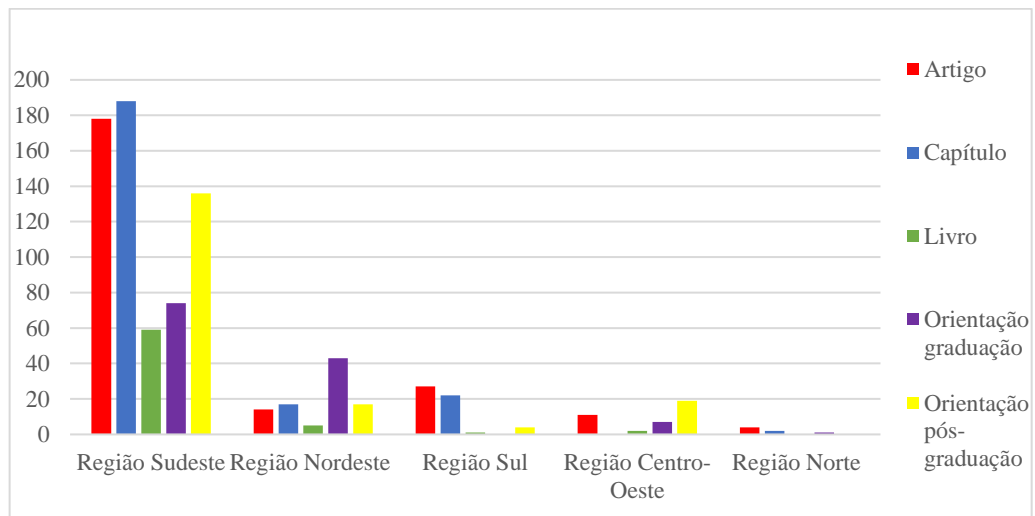
A região Sul reúne 4 pesquisadores, distribuídos em 3 universidades (UFPR, UNIVALI-SC e UNICSUL). Os dados da região Sul são os seguintes: 27 artigos, 22 capítulos de livros, 1 livro, 0 orientação na graduação e 4 orientações na pós-graduação.

A região Centro-Oeste conta com 1 pesquisador na área da HL (UFG). Os dados da região Centro-Oeste são os seguintes: 11 artigos, 0 capítulo de livro, 2 livros, 7 orientações na graduação e 19 orientações na pós-graduação.

A região Norte conta com 1 pesquisador na área da HL (UFPA). Os dados da região Norte são os seguintes: 4 artigos, 2 capítulos de livros, 0 livro, 1 orientação na graduação e 0 orientação na pós-graduação.

A quantidade da produção por região pode ser visualizada no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Produção historiográfica por região do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora

A partir do gráfico, é possível observar que a HL aparece como uma área de interesse de pesquisa presente em todas as regiões brasileiras.

Após a apresentação dos dados referentes à descrição da produção dos historiógrafos brasileiros, passa-se à análise da produção brasileira na área da HL, o que se fará no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA ÁREA DA HL

Neste capítulo, será feita uma análise voltada para o conteúdo presente nos materiais que serviram de *corpora* para esta pesquisa. Para tanto, optou-se, para uma melhor organização das informações, pelo uso da metodologia da *História Serial* (HS), por se apresentar como um mecanismo vantajoso no sentido de favorecer a organização dos *corpora* que envolve uma quantidade de informações bastante extensa. A análise será centrada na organização das informações sobre a HL no sentido de verificar como os conceitos fundamentais dessa área são postos em uso nos textos produzidos por historiógrafos da Linguística brasileira.

A análise consistirá, de modo geral, na avaliação da produção de cada um dos historiógrafos que compõe os *corpora* da pesquisa, especificamente dos textos pertencentes à categoria dos artigos e dos capítulos de livros publicados na área, procurando, com isso, a partir da produção de cada autor, buscar uma visão mais geral de todas as fontes tomadas em conjunto.

Quanto à estrutura dos textos, o procedimento de análise será o seguinte: observar, de modo pontual, se há e como se dá o uso de categorias de análise da área; se os autores fazem referências a autores precursores¹⁵⁰ da área da HL; se há nos textos definições sobre a HL ou, ainda, sobre algum conceito da área.

4.1 Análise serial dos objetos investigados

A HS, como metodologia, auxilia o historiógrafo na medida em que possibilita verificar certas recorrências e variações a partir de uma série de fontes ou de materiais relativamente homogêneos, como já discutido no capítulo 1, tópico 1.7. Adverte-nos, porém, Barros (2012) que a HS requerer uma prática que conduza o historiador/historiógrafo à percepção de um “padrão” que vise medir variações nas fontes analisadas. O foco, nesse caso, não deve ser os números ou as quantidades a serem medidas, mas o que a amostra traz de informações recorrentes para a condução da análise que se pretende empreender. O ideal, nesse caso, seria evitar o que o autor denomina de “fetichização do número” (BARROS, 2012, p. 208), isto é,

¹⁵⁰ Nesta pesquisa, foram considerados autores precursores Altman, Koerner e Swiggers. Vale ressaltar que a delimitação destes autores como “precursores” se dá pelo fato de serem considerados autores que iniciaram discussões contemporâneas na área da HL, tanto no que diz respeito a questões teóricas e metodológicas, quanto pela divulgação da área. Para uma discussão mais detalhada sobre autores e obras considerados os primeiros produtores e produtos em HL, ver o artigo de Altman (2012) “Histórias, estórias e Historiografia da Linguística Brasileira”.

quando o interesse do pesquisador se volta exclusivamente para o número em si, e buscar uma problematização maior para esses dados. Algo nesse sentido foi buscado quando se procedeu a uma análise individual da produção dos 35 pesquisadores que compõem os *corpora* desta tese, contudo, é nos tópicos seguintes que serão apresentados gráficos em que essas questões serão pontualmente observadas.

Em artigo fruto de sua tese de doutoramento, Polachini (2020) sugere ao pesquisador que deseja utilizar a metodologia da HS que, antes de mais nada, “estabeleça com clareza seu objeto, a série a ser pesquisada e, se possível, o que pretende descobrir” (POLACHINI, 2020, p. 58), recomendando, para tanto, o uso de questionários que orientem o pesquisador. Esse direcionamento foi empreendido em parte, isso porque, ao invés de um questionário, o material que serviu de base para organização e posterior observação das informações retiradas das obras foi um quadro de análise que visava à obtenção das seguintes informações, quadro que será parcialmente reproduzido no formato de perguntas a seguir:

1. *É recorrente o uso do termo HL nos títulos das obras?*
2. *Os autores utilizam os princípios gerais propostos por Koerner? Se sim, isso ocorre de forma implícita ou explícita?*
3. *Nos textos, há uso de categorias que auxiliam nas análises das obras? Quais?*
4. *Que autores (considerados precursores da área) e obras são mais citado(a)s?*
5. *Nos textos, há definições/explicações sobre a HL ou sobre algum conceito da área?*

A fim de evidenciar a pertinência de tal método e da utilização de determinados recursos para esta pesquisa, passa-se, de agora em diante, à apresentação dos dados por meio de gráficos. Antes, porém, faz-se oportuno esclarecer quais as informações que foram selecionadas para compor os gráficos. Optou-se por apresentar as categorias mais usadas em artigos e em capítulos de livros, as referências a autores precursores da área em artigos e capítulos de livros e as definições/explicações mais recorrentes em artigos e capítulos de livros¹⁵¹.

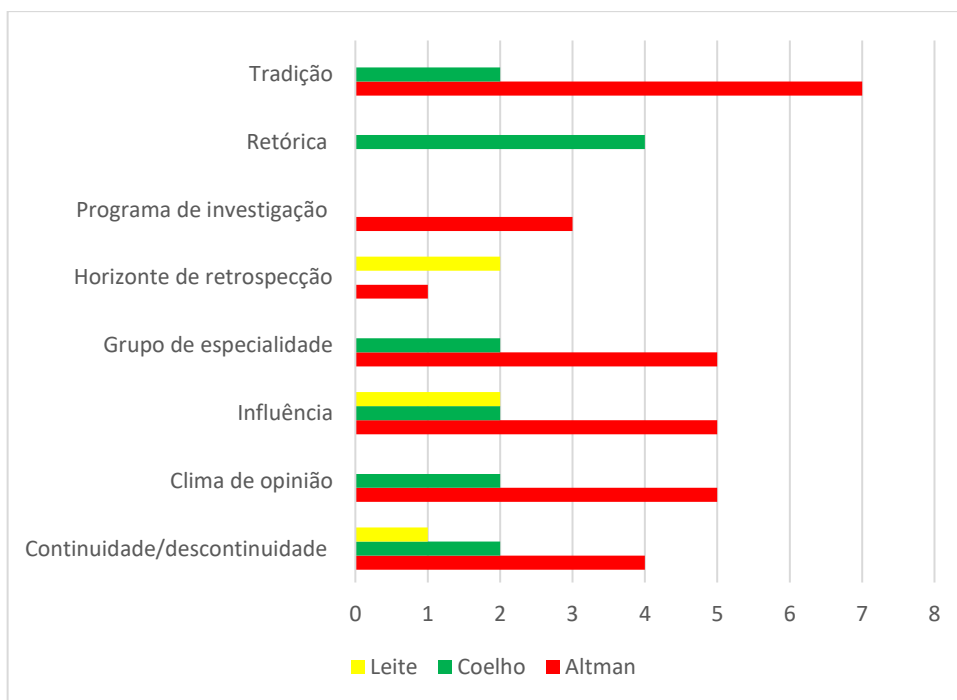
4.1.1 Produção em HL da USP

Nestes primeiros gráficos, buscou-se verificar quais as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadoras vinculadas à USP. Foram avaliados, no total, 40 artigos e 20 capítulos de livros. Essas análises

¹⁵¹ A análise baseou-se na produção dos historiógrafos selecionados para a pesquisa. A produção dos orientandos não foi analisada neste capítulo.

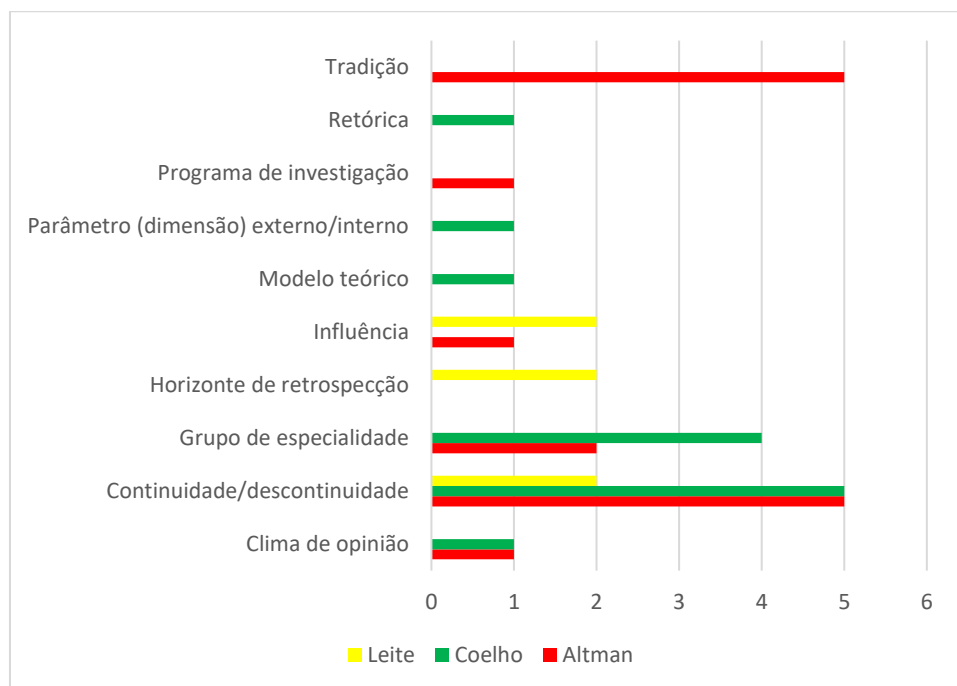
possibilitaram que se chegasse às categorias mais recorrentes na produção das pesquisadoras, as quais podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 2: Categorias mais usadas em artigos – USP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 3: Categorias mais usadas em capítulos de livros – USP



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto às categorias, observou-se que as comuns às três pesquisadoras são “continuidade/descontinuidade” e “influência” nos artigos, e “continuidade/descontinuidade” nos capítulos de livros. Se avaliadas de modo individual, a categoria mais recorrente na produção de Altman, tanto nos artigos quanto nos capítulos, é “tradição de pesquisa”. Em Coelho, a mais recorrente nos artigos é “retórica” e “continuidade/descontinuidade” em capítulos de livros. Já em Leite, nos artigos e nos capítulos, sobressaem as categorias “influência” e “horizonte de retrospecto”.

A análise dos objetos investigados permitiu verificar que a escolha por determinadas categorias pode estar alinhada aos objetos que servem de investigação a cada pesquisadora. Em Altman, as temáticas e objetos de investigação vão desde áreas de pesquisa ou disciplinas, associações, autores e suas respectivas obras, gramáticas brasileiras e missionárias até grupos de estudos, sendo um ponto comum entre os objetos citados a possibilidade de se observar uma “tradição de estudos” ou de pesquisas que se desenvolveram ao longo do tempo, incluindo a possibilidade de observação de movimentos de “continuidade/descontinuidade” quando se avalia o objeto inserido em uma tradição.

Antes, no entanto, vale recuperar algumas informações de cunho contextual que buscam compreender como se deram algumas escolhas da pesquisadora supracitada, incluindo escolhas por temáticas de pesquisa, que, de forma direta ou indireta, influenciaram na sua produção. Nesse sentido, é preciso fazer um breve retrospecto a respeito da inserção de Altman na HL.

No *Lattes* da pesquisadora, é possível extrair informações sobre a sua formação acadêmica. No período de 1989 a 1993, fez o doutorado sob orientação de Geraldina Porto Witter¹⁵², na USP, e sob coorientação de Pierre Swiggers, em um doutorado sanduíche com a Katholieke Universiteit Leuven. Sobre isso, cumpre mencionar que, em uma entrevista para o Canal do professor Dermeval da Hora, no *Youtube*, Altman esclarece que a proposta para seu doutorado surge de uma “inquietação” da pesquisadora, logo após o mestrado, de perceber certas “disputas teóricas” e certa “*polarização entre uma linguística europeia e uma linguística norte-americana*” (A GUERRA..., 2021)¹⁵³. Esse movimento acarretou a escrita de um projeto de tese que versava sobre a possibilidade de verificar teorias que se propunham diferentes. Desse interesse inicial, surge a busca pela orientação da professora Porto Witter. Segundo Altman, naquele momento, o clima no ambiente de trabalho na USP, denominado pela

¹⁵² Na descrição do *Lattes*, aparecem as seguintes informações: “É psicóloga e já atuou em órgãos de classe, diretorias de sociedades científicas”. Para mais informações, ver: <http://lattes.cnpq.br/4062861190113240>.

¹⁵³ As informações foram retiradas da entrevista para o canal do *Youtube* “Dermeval da Hora”, no dia 19/03/2021, às 17h. O trecho com as informações aparece aos 19m33s da entrevista. Para mais informações, acessar o link: https://www.youtube.com/watch?v=0xfzvg3_tsA. Acesso em: 12 jan. 2022.

pesquisadora de “sufocante”, avivou ainda mais sua disposição para a realização de um doutorado fora do país. É entre esses dois polos que se dá a sua inserção na área da HL. A ida a Leuven e o encontro com Swiggers possibilitaram a produção da tese “Unificação e Diversificação da Lingüística: pesquisa documental de produção lingüística brasileira contemporânea (1968-1988)”, que aliava seu interesse pelas teorias lingüísticas, sociais e, de modo pontual, pela HL, com a qual travou contato a partir das orientações de Swiggers.

Vê-se que a pesquisadora nutre, desde o início de seus trabalhos na área da HL, certo interesse acadêmico por questões que envolvem áreas de pesquisa, questões teóricas e metodológicas, autores que contribuíram para a composição de quadros teóricos e epistemológicos e, posteriormente, por associações, grupos de estudos e até obras como gramáticas brasileiras e missionárias. Levando-se em conta que, nos gráficos, as maiores quantidades relacionadas à produção da autora envolvem categorias como “tradição”, “continuidade/descontinuidade”, “clima de opinião”, “influência” e “grupo de especialidade”, é razoável presumir que seus interesses como pesquisadora tenham se mantido, se não os mesmos, mas muito alinhados ao momento inicial de sua carreira como historiógrafa e que, não à toa, a categoria mais evidente nessa produção seja “tradição de pesquisa”.

No que se refere aos dados relacionados à produção de Coelho, nos artigos, a pesquisadora utiliza, de forma recorrente, a categoria “retórica”. Os objetos ou temáticas que serviram de base para as suas pesquisas privilegiam autores e suas obras, mas também áreas de pesquisa, gramáticas brasileiras, grupos de estudos e tópicos de gramática.

Nos capítulos de livros, sobressai-se o uso da categoria “grupo de especialidade”, elemento passível de ser descrito e analisado quando os objetos investigados são grupos de estudos, revistas brasileiras e associações brasileiras.

No *Lattes* de Coelho, verificou-se que sua graduação em Letras foi na USP, no período de 1990 a 1994, período no qual Coelho foi orientanda de Altman em uma iniciação científica, na área da HL, intitulada “Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de lingüística textual e discursiva”, finalizada no ano de 1994¹⁵⁴. Um ano depois, ingressou no mestrado, que durou de 1995 a 1998, sob orientação de Altman, o que resultou em uma dissertação na área da HL intitulada “Serafim da Silva Neto (1917-1970) e a Filologia Brasileira: o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da linguagem”. No ano seguinte, em 1999, ingressou no doutorado, também sob orientação de Altman, e produziu a tese “A Anguzada

¹⁵⁴ Essa informação consta no *Lattes* de Altman. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/2850444759075260>. Acesso em: 03 jan. 2021.

lexicográfica luso-bundo-americana. Língua e identidade nacional na segunda metade do século XIX”, cujo ano de obtenção do título foi 2003.

De posse dessas informações, observou-se que, desde a graduação, Coelho desenvolve pesquisas na área da HL, tendo como mentora Altman, em uma relação de orientação que durou, no mínimo, 10 anos. No início da sua atividade como pesquisadora, ainda na graduação, seu interesse de pesquisa se voltava para a investigação de uma revista científica brasileira. No mestrado, seu foco mudou para uma pesquisa que envolvia um autor de grande projeção nos estudos filológicos brasileiros (Serafim da Silva Neto) e no doutorado sua pesquisa se voltou para um estudo que envolvia o português do Brasil. Essas informações, quando confrontadas com as temáticas que aparecem como interesse de pesquisa de Coelho em artigos e capítulos de livros (autores, áreas de pesquisa, gramáticas brasileiras, grupos de estudos e tópicos de gramática) e com as informações sobre as categorias mais utilizadas para se proceder com as análises dos materiais presentes nos gráficos 2 e 3, evidenciam a pertinência de se sobressaírem categorias como “continuidade/descontinuidade” e “escolha de retórica”.

Utilizar uma categoria como “escolha de retórica”, por exemplo, articula-se aos dados das pesquisas de Coelho tendo em vista que, nos quatro artigos em que essa categoria aparece, a autora traz para o centro da discussão ou um “debate” sobre a língua portuguesa ou as ideias de autores que publicaram gramáticas ou textos sobre questões gramaticais que foram interesse de discussão de determinado período, temáticas que favorecem avaliar, dentro das obras, o posicionamento retórico dos autores. Os excertos a seguir ilustram o uso dessa categoria nos artigos mencionados: “Em certas passagens, o tratamento de questões vocabulares converte-se em *guerra retórica*” (COELHO, 2008, p. 148, grifos nossos); “A razão decisiva para isso parece estar nas *características retóricas dessas obras*, que, ao fim e ao cabo, pareciam ter ambições bem maiores do que a de apenas consignar o vocabulário local” (COELHO, 2008, p. 158, grifos nossos); ou, ainda, “o contrário da *retórica de maior apelo* à história e à comparação no tratamento dos fatos linguísticos ‘positivos’, a postura em relação ao tratamento efetivo dos chamados ‘brasileirismos’ [...]” (COELHO; DANNA, 2015, p. 230, grifos nossos).

A mesma observação vale para a categoria “continuidade/descontinuidade” e para todas as outras utilizadas em suas pesquisas, em que, em artigo de 2012, por exemplo, Coelho busca reconstruir o pensamento de autor brasileiro e como resultado de sua pesquisa, nas palavras da autora, sua análise “aponta *certas linhas de continuidade* entre os estudos de Soares e certos problemas ainda hoje enfrentados por linguistas que estudam o PB” (COELHO, 2012, p. 199, grifos nossos).

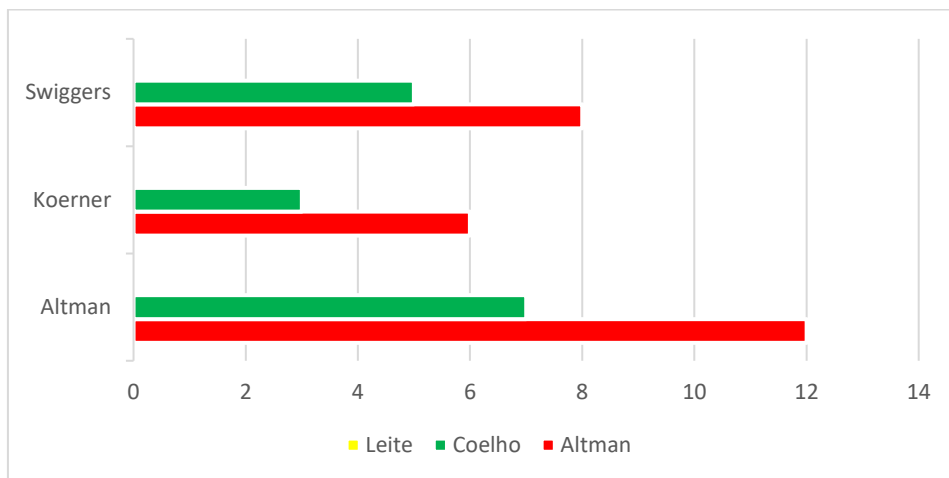
Leite, por sua vez, vale-se de poucas categorias analíticas em suas produções, de modo que, quando ocorrem, estão relacionadas à utilização de conceitos como “horizonte de retrospectação” e “influência”, que, segundo a própria autora: “O conceito de *horizonte de retrospectação* (HR) embora diferente, de certo ponto de vista, engloba os conceitos de *influência* e de *clima de opinião*” (LEITE, 2019, p. 166, grifos da autora). Leite, nesse aspecto, remete o conceito de “horizonte de retrospectação” a “(Auroux, 1987, 2006, 2007b)” (*op. cit.*, p. 166), tratando-o como um fundamento metodológico de pesquisa. A referida pesquisadora, apesar de se filiar à perspectiva teórica da HL, afirma não se vincular à “Historiografia tal como a teorizam Koerner e Pierre Swiggers” (LEITE, 2019, p. 171), mas, sim, a uma historiografia ligada às ideias de Auroux.

De acordo com as informações retiradas do *Lattes* da pesquisadora, nenhuma das etapas de formação acadêmica (especialização, mestrado e doutorado) foi na área de HL. No mestrado, desenvolvido no período de 1989 a 1992, sob orientação de Leonor Lopes Favero, pesquisou sobre operadores discursivos, mais especificamente sobre a relevância do “porquê” no texto conversacional. No doutorado, também sob orientação de Fávero, realizado entre 1992 e 1996, desenvolveu uma tese sobre o purismo linguístico e suas manifestações no Brasil.

Seu interesse inicial pela área, ou melhor, as informações técnicas registradas no currículo *Lattes* sobre a área da HL datam do ano 2000, ao desenvolver atividades no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, na Linha de Pesquisa “História e historiografia do português”. Em 2009, participou do “VII Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística” e, desde então, o *Lattes* registra participações em vários eventos na área, além da produção de artigos e capítulos de livros. Importante ressaltar que, caso a busca no *Lattes* da pesquisa seja pelo termo “História das Ideias Linguísticas”, aparecem mais informações como títulos de livre-docência, pós-doutorado, disciplinas ministradas, projetos de pesquisa, apresentações de trabalhos, capítulos de livros, participação em bancas de mestrado e participações em eventos.

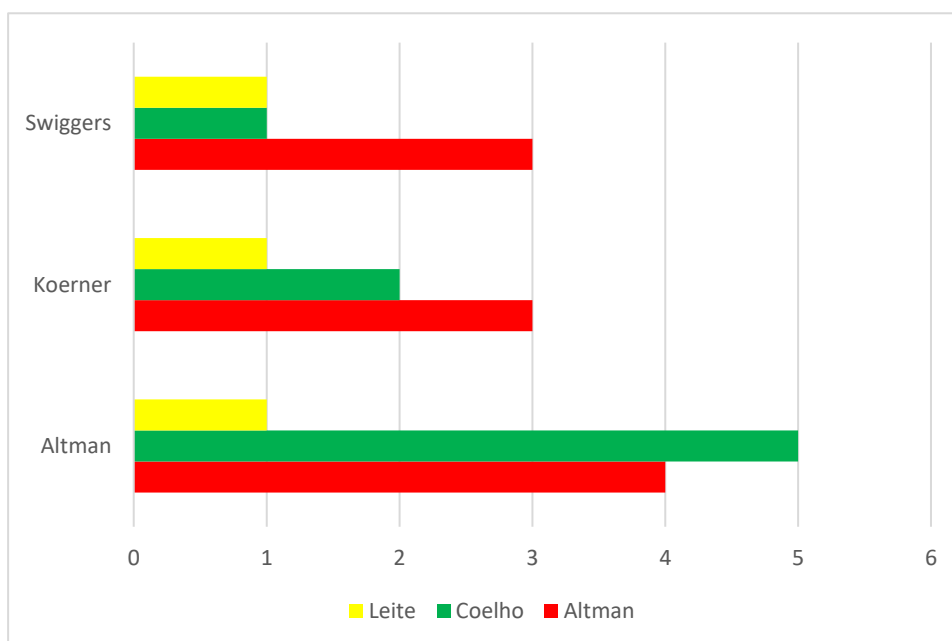
Outro ponto de interesse para a discussão diz respeito aos autores precursores da HL citados nos materiais produzidos pelas pesquisadoras da USP. Veja-se, para tanto, os gráficos a seguir:

Gráfico 4: Referência a autores precursores da HL em artigos – USP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 5: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – USP



Fonte: Elaborado pela autora

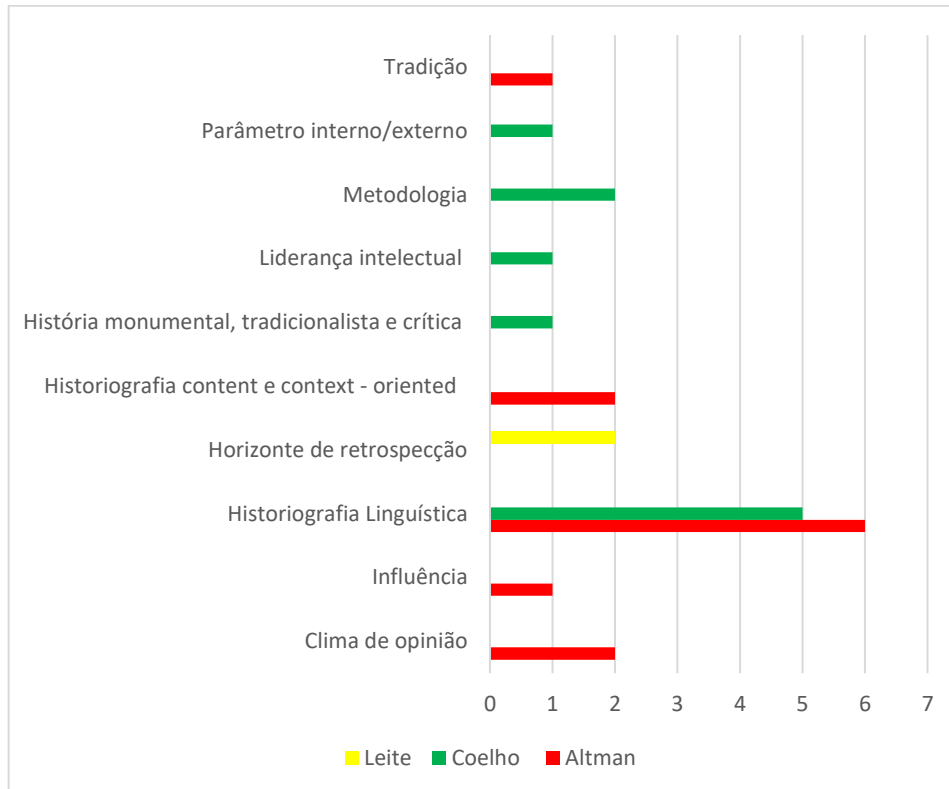
Nos artigos e nos capítulos de livros produzidos pelas pesquisadoras da USP, Altman é a autora mais citada por Altman e Coelho. Swiggers aparece como o segundo autor mais citado pelas duas pesquisadoras em artigos. No que se refere aos capítulos de livros, Koerner e Swiggers aparecem como referências nos textos de Altman. Coelho, nos capítulos, também faz referências a Koerner. Leite, por sua vez, não traz nenhuma referência a esses três autores nos artigos analisados. O mesmo não ocorre quando se trata de capítulos de livros, em que ocorrem

referências aos três autores. Ressalta-se, pois, que o texto publicado por Leite em que aparecem as referências aos três autores é um capítulo de livro cujo objeto de investigação é a própria HL.

Sem dúvidas, a relação de orientação entre Altman e Coelho, o fato de pertencerem ao mesmo grupo de pesquisa, além da disposição para a consolidação das ideias que constituem o grupo favorecem não só o contato direto entre as produções como, também, a possibilidade de as autoras serem referências uma para a outra. Além disso, há que se mencionar que Altman foi orientanda de Swiggers, o que sinaliza, de alguma forma, a “preferência” de referências ao autor. Leite, como não se reconhece participante da mesma linha teórica das outras duas autoras, no caso uma historiografia tal como teorizam Koerner e Swiggers, acaba por se distanciar teoricamente dessas produções e, no caso desta pesquisa em específico, esse fator implica diretamente no resultado dos dados catalogados.

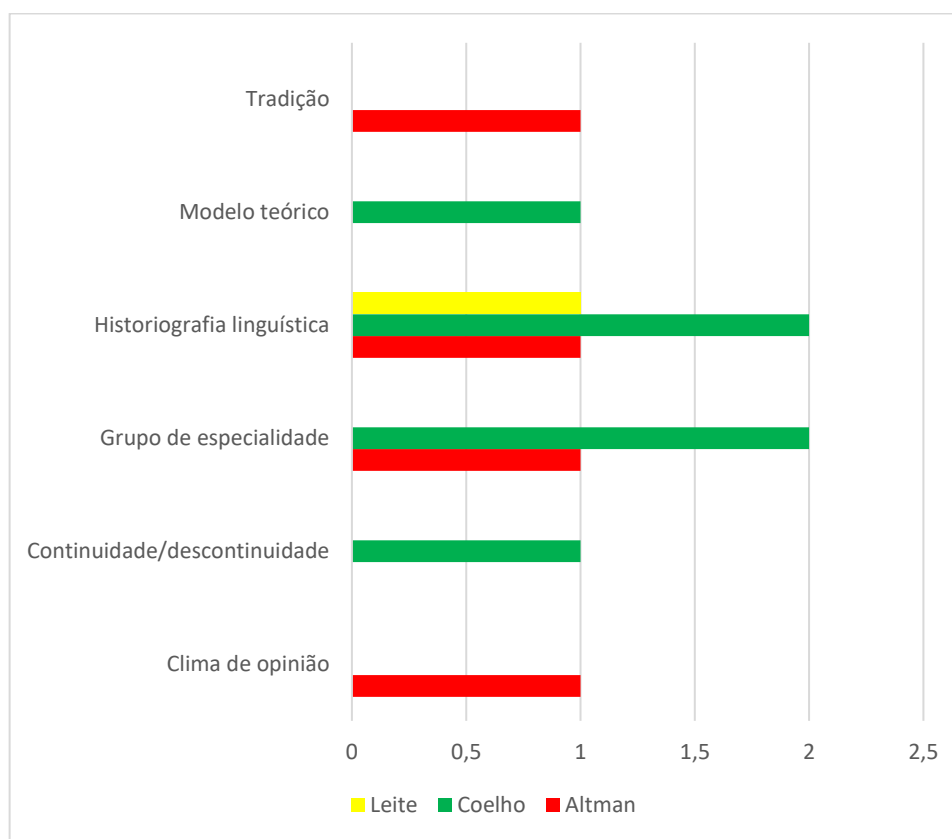
No que tange às definições ou explicações sobre a área da HL ou sobre as categorias mais utilizadas na área, é possível visualizar, nos gráficos que seguem, que autoras têm essa prática e quais as mais recorrentes:

Gráfico 6: Definições/explicações da área da HL em artigos - USP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 7: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – USP



Fonte: Elaborado pela autora

Os valores numéricos mais altos com relação a definições/explicações são sobre a própria HL, seguidas dos “grupos de especialidade”, da noção de “clima de opinião” e de questões relacionadas a metodologias, tanto em artigos quanto em capítulos de livros. Nos artigos, quantitativamente, é visível que há mais tipos de categorias que aparecem com algum tipo de explicação. Altman e Coelho costumam apresentar explicações sobre as categorias utilizadas nas suas análises. Leite, quando apresenta algum tipo de definição ou explicação, o faz para explicitar o que entende por “horizonte de retrospecção”, ocorrendo, ainda, em um dos capítulos analisados, explicações sobre a HL.

A análise da produção de Altman e Coelho permitiu observar que, apesar do estilo e das escolhas de cada autora, no que concerne aos objetos investigados, às categorias que orientam metodologicamente os textos etc., há um modo de se proceder com a teoria e com a metodologia da HL que aproxima as autoras. Pensando em outros termos, pode-se dizer que há um modo de se proceder com a historiografia que é seguido pelas duas e, conseqüentemente, pelo grupo ao qual elas pertencem.

Dessa maneira, além de questões sobre as escolhas de cada pesquisadora, a constituição e consolidação de uma área de pesquisa ou disciplina no Brasil, bem como uma produção historiográfica brasileira, tocam em pontos como a “questão das influências”. Quando considerados os elementos externos e internos nos textos, é possível afirmar que uma autora exerce influência sobre os trabalhos da outra. Inicialmente, essa influência se deu pela relação orientadora/orientanda entre Altman e Coelho. Como afirma Altman (2018), “De fato, é muito difícil mapear a rede de influências sobre as ideias de um autor sem esbarrar no conceito mais amplo de *clima de opinião, ou de clima intelectual*, (que aqui aproximo do *Zeitgeist* alemão) [...]” (ALTMAN, 2018, p. 166, grifos da autora). No entanto, a análise dos textos permitiu perceber as influências de uma sobre a outra, que geralmente estão relacionadas às temáticas abordadas, às categorias eleitas para se proceder com as análises, aos textos que servem de orientação teórica e às citações de uma em relação a outra. No que toca a esse ponto em específico, uma análise dos artigos, de forma mais pontual, permitiu observar que, de 15 artigos analisados da produção de Altman, em 7 deles aparecem referências a Coelho. A mesma análise, agora voltada para a produção de Coelho, permitiu observar que, dos 15 artigos analisados, 11 fazem referência a Altman.

Ainda sobre a questão da influência, Altman (2018) afirma que, ao invés de o foco ser em quem influenciou quem, o mais produtivo para a área seria “recolocar a questão das influências em termos de *diálogos* [...]” (*op. cit.*, p. 167, grifos da autora). Assim, é possível perceber que as pesquisadoras, apesar de suas particularidades, mantêm uma relação dialógica muito estreita entre si, o que pode ser observado, por exemplo, pelas referências diretas nos textos que produzem.

No que concerne à produção em HL na USP, Leite aparece como uma pesquisadora que produz na área da HL, no entanto, marca certos posicionamentos teórico-metodológicos distintos do que se faz no grupo coordenado por Altman e Coelho. A circunscrição na HL sempre é feita tendo como suporte as ideias de Auroux, transparecendo que as pesquisas desenvolvidas por Leite não comungam da mesma fonte que as de Altman e de Coelho, sendo, pois, tipos distintos de entender e de proceder com a prática historiográfica.

Se avaliada a questão da influência, não seria possível afirmar que as ideias desenvolvidas e difundidas pelo grupo inicialmente coordenado por Altman, considerando o fato de ter sido o primeiro a se autodenominar um grupo em HL no Brasil, tenham influenciado o grupo coordenado por Leite. Em alguns momentos de sua escrita, Leite explicita sua relação com a HL ao informar que “[...] a autora deste artigo começou a participar das reuniões e

apresentar trabalhos, *embora não nos aliemos a tal linha teórica*, o que tem sido muito produtivo” (LEITE, 2019, p. 171, grifos nossos). Neste trecho, referindo-se especificamente ao que ela, no parágrafo anterior, denomina de uma “Historiografia tal como teorizam Koerner e Pierre Swiggers” (*op. cit.*, p. 171). A pesquisadora, por vezes, vincula-se diretamente aos projetos que tomam por base epistemológica e metodológica as ideias difundidas por Auroux, como é possível ver quando menciona que o Grupo de Trabalho coordenado por ela “mantém uma rede direta de contatos internacionais com investigadores franceses da Université Paris 7, pelo Laboratoire d’Histoire et des Théories Linguistiques, com o qual temos desenvolvido projetos financiados pelo conglomerado francês Paris Cité [...]” (LEITE, 2019, p. 174), que “reúne investigadores (docentes e pós-graduandos) interessados na pesquisa da gramática como *instrumento linguístico* (Auroux, 1998a) [...]” (*op. cit.*, p. 174, grifos da autora). Além disso, na produção de Leite, quase não há referência aos trabalhos de Altman, Koerner e Swiggers. Essas referências diretas só ocorrem em um dos capítulos de livro, que trata da disciplina HL, em que os três pesquisadores são mencionados, e nos livros em que há uma referência a Swiggers.

No sentido de tornar mais clara a relação entre os grupos que desenvolvem pesquisas na área da HL, na USP, pode-se afirmar, a partir dos dados anteriormente mencionados, que essa universidade conta com dois grupos de trabalhos distintos, tendo em vista que, conforme as ideias de Murray (1994), um grupo ou, nos seus termos, um *cluster* se forma quando seus integrantes têm consciência que constituem um grupo, seus pares (outros grupos) reconhecem a existência daquele grupo e, por fim, quando este é institucionalizado, o que ocorre no caso dos dois grupos da USP. O primeiro, tendo como líderes intelectuais e organizacionais (nos termos de Murray, 1994)¹⁵⁵ Altman e Coelho, segue principalmente as propostas de Koerner e de Swiggers e trabalha com categorias de análise como: influência, grupos de especialidade, tradição, influência, continuidade/descontinuidade, clima de opinião, escolha de retórica etc. O segundo, tendo como líder intelectual e organizacional Leite, segue principalmente as propostas de Auroux e trabalha com categorias de análise como: horizonte de retrospectão, horizonte de projeção, instrumentos linguísticos, gramatização etc.

A partir do exposto, pode-se afirmar que Altman foi a responsável pela institucionalização da HL na USP, por ter criado o primeiro grupo de pesquisa da área na instituição, orientado pesquisas na linha de pesquisa HL, ministrado disciplinas (na graduação e na pós-graduação), promovido eventos na área etc.

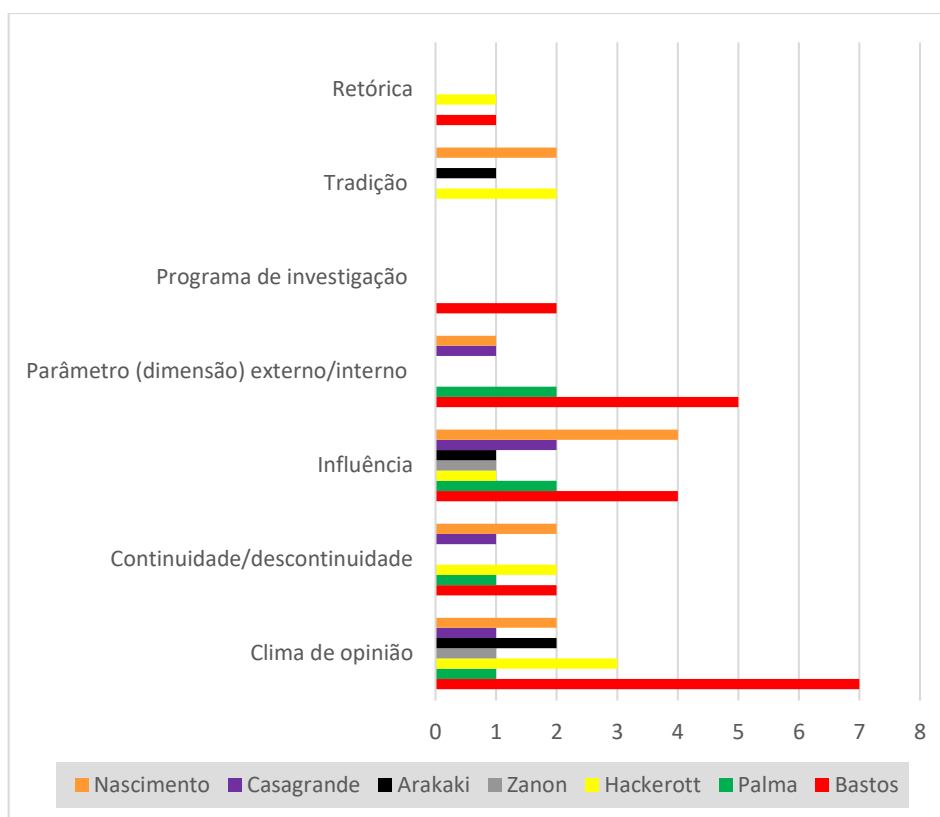
¹⁵⁵ Nesta tese, o uso dos termos *líder* ou *liderança intelectual* ou *organizacional* se refere à proposta de Murray (1994).

Por fim, ainda sobre os dois grupos da USP, observou-se ser característico nos trabalhos produzidos por eles a presença do princípio da contextualização, mesmo sem a explicitação do uso do termo. Os dois grupos produzem historiografias voltadas não só para os resultados em si ou para os dados, mas também, em suas produções, valorizam o contexto de produção em que os materiais foram formulados e desenvolvidos.

4.1.2 Produção em HL da PUC-SP

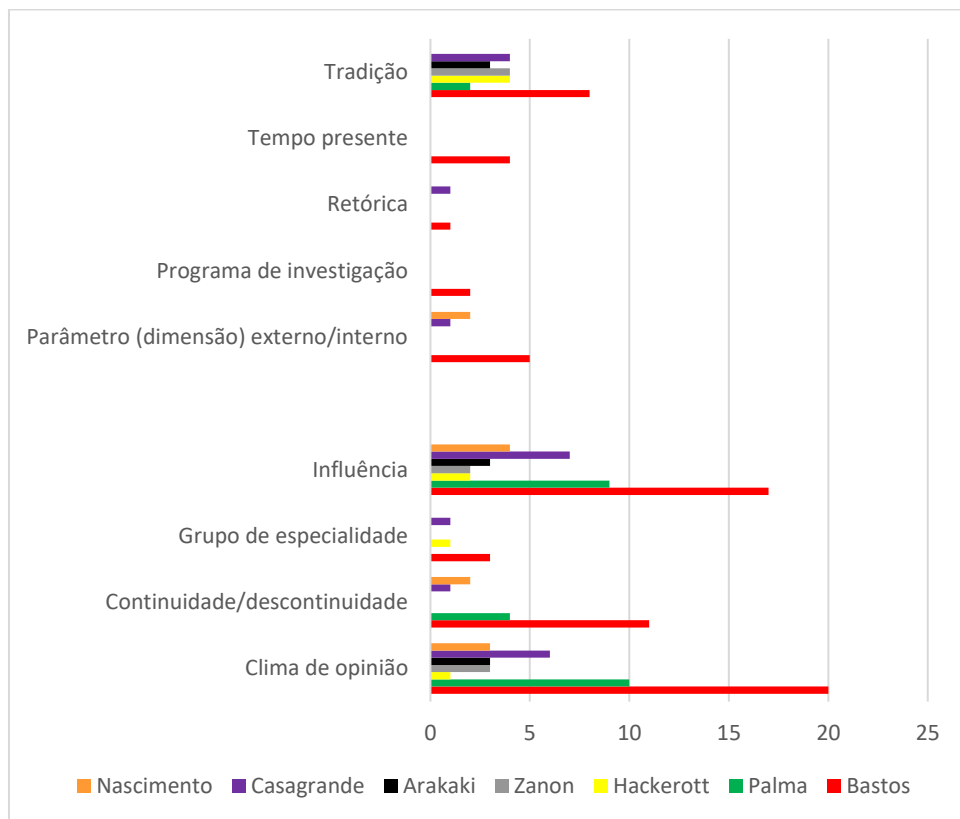
A PUC-SP reúne a produção de 7 pesquisadores. Primeiramente, nos gráficos a seguir, serão apresentadas as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e de capítulos de livros. No cômputo total, foram analisados 27 artigos e 94 capítulos de livros. As categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores da PUC-SP podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 8: Categorias mais usadas em artigos – PUC-SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 9: Categorias mais usadas em capítulos de livros – PUC-SP



Fonte: Elaborado pela autora

Interessante destacar, antes de mais nada, que a produção da PUC-SP, na área da HL, é significativa em termos quantitativos, mas chama a atenção, de início, a maior ocorrência ser na produção de capítulos de livros.

Acerca das categorias mais utilizadas em artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadores da PUC-SP, é possível tecer alguns comentários quanto às maiores ocorrências.

Nos dois gráficos, tanto em artigos quanto em capítulos de livros, as categorias mais recorrentes são “clima de opinião” e “influência”, utilizadas pela quase totalidade de pesquisadores que compõem os *corpora*. As outras categorias que aparecem com menor frequência, mas que são comuns aos pesquisadores, são “continuidade/descontinuidade” e “tradição”.

Uma análise individual evidencia as opções teóricas e metodológicas de cada um dos pesquisadores. Em Bastos, por exemplo, as categorias mais recorrentes são “clima de opinião” e “influência”. Palma, por sua vez, utiliza com mais frequência a categoria “influência”. Hackerott, nos artigos, vale-se da categoria de “clima de opinião” e, nos capítulos, de “tradição”. Em Zanon, nos artigos, predomina o uso de “clima de opinião” e, nos capítulos, de “tradição”. Em Arakaki, prevalece o uso de “clima de opinião”. Casagrande usa com mais

frequência “clima de opinião” nos artigos, e “influência” nos capítulos. Por fim, em Nascimento, predomina o uso da categoria “influência”, nos artigos, e nos capítulos, “clima de opinião”.

Seguindo o levantamento apresentado, Bastos é a pesquisadora da PUC-SP com maior produtividade, dentro do recorte da pesquisa, e que mais diversifica em termos de categorias utilizadas para se proceder com as análises de seus materiais. Nos artigos, a autora se vale de 6 categorias e, nos capítulos de livros, de 9 categorias. No que diz respeito à publicação de capítulos de livros, Bastos aparece como autora nas 9 obras que compõem a série de livros intitulada “História Entrelaçada”, materiais, na sua maioria, organizados por Bastos e Palma.

Esse levantamento de categorias mais recorrentes nos textos, quando confrontado com os objetos investigados, sinaliza o percurso percorrido e as seleções feitas pelos pesquisadores. Em Bastos, as temáticas ou objetos mais investigados são autores e suas respectivas obras, tanto nos artigos quanto nos capítulos de livros, geralmente, tratando-se de gramáticos e de gramáticas, que, de certa forma, marcaram determinada época. Também são objetos de interesse de investigação de Bastos disciplinas ou áreas de pesquisa, grupos de estudos, tópicos da língua portuguesa e manuais didáticos. Nesse caso, avaliar o “clima de opinião” em que determinadas obras foram produzidas e em que seus autores viveram, bem como as “influências” recebidas e exercidas, favorecem a construção de uma produtiva narrativa historiográfica.

Bastos informa em seu *Lattes* dados de sua formação acadêmica. Em 1972, concluiu sua graduação na PUC-SP. Fez algumas especializações, mas foi no mestrado, entre 1976 e 1981, sob orientação de Favero, que se efetiva seu interesse por questões históricas quando passa a investigar a história da gramática do século XVI. Nesse momento, é interessante observar que, nas palavras-chave da dissertação, consta o termo “Historiografia”. No doutorado, entre 1981 e 1987, permanece o interesse pela investigação histórica de gramáticas, direcionado para o século XVII, também sob orientação de Fávero. O termo “Historiografia Linguística” também aparece nas palavras-chave da tese.

Em apresentação para o canal da *Abralin* ao vivo, no *Youtube*, Bastos, ao comentar seu percurso na área da HL, afirma que desde o mestrado “a minha intenção sempre foi mexer com a questão da história” (NEUSA..., 2021)¹⁵⁶, informando que, por questões pessoais, apesar do entusiasmo, não foi possível cursar uma licenciatura na área da História. Há que se mencionar

¹⁵⁶ As informações foram retiradas da apresentação do *Youtube* “Abralin ao vivo” intitulada “Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. Historiografia Linguística no Brasil: interfaces”, no dia 21/06/2021, às 10h. O trecho com as informações aparece aos 15m54s da entrevista. Para mais informações, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=NvWzPLCwIS0>. Acesso em: 10 fev. 2022.

que, passado esse momento de formação e já atuando como professora pesquisadora, foi em 1996, com a criação do grupo da ANPOLL e com apoio de Altman, que se deu sua inserção pela HL brasileira, o que ocasionou, no mesmo ano, a criação do grupo GPeHLP¹⁵⁷. Sobre o grupo, Bastos, ainda na apresentação para o canal da *Abralin*, informa como se deu a formação inicial do grupo e, nas palavras da pesquisadora: “[...] o grupo que a gente fundou em 1996, junto com a Cristina Altman, ela me levou para a historiografia da linguística brasileira na Anpoll e eu, depois, montei um grupo e esse grupo funciona até hoje” (NEUSA..., 2021)¹⁵⁸.

Após esse momento, seguiram-se vinculações a grupos de pesquisa da área da HL, exercendo cargos como coordenadora e conselheira suplente da ANPOLL e membro da comissão de pesquisa da Alfal¹⁵⁹. Como professora e pesquisadora, ministrou aulas e orientou pesquisas na área da HL. De 2004 a 2005, Bastos faz um pós-doutorado na área da HL, na Universidade do Porto, em Portugal. O material resultado da pesquisa, intitulado “História Entrelaçada”, consistiu-se em um ponto de destaque na produção da autora, tendo em vista que a proposta seguiu uma produção que, até o ano de 2020, já produziu 9 volumes que trazem o termo “História Entrelaçada” nos títulos das obras.

A história e a língua portuguesa sempre estiveram no horizonte de investigação de Bastos e, de modo particular, a pesquisadora mantém interesse pelo estudo de gramáticas portuguesas e brasileiras, desde a década de 1980. A partir disso, presume-se que a prevalência dessas categorias está diretamente relacionada aos objetos investigados, o que favorece a observação, dado que se trata de uma pesquisa em HL, do momento de produção desses materiais, dos elementos externos (sociais, políticos etc.) que influenciaram a concepção das obras, além das influências que tais publicações exerceram e exercem até hoje. Outra observação geral, sobre a produção de Bastos, diz respeito ao uso de termos característicos da área da Análise do Discurso (doravante, AD), tais como: discurso, formação ideológica, interdiscursividade, sujeito-autor, formação discursiva, *ethos*, só para citar alguns. Esses termos ocorrem de forma mais pontual em 5 dos 9 artigos e em 12 dos capítulos analisados. Não por acaso, a autora tem uma produção significativa na área da AD, incluindo 5 artigos ligados à referida área.

¹⁵⁷ Sigla para “Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa”, cadastrado no CNPq. Endereço para acesso às informações do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7293527498554039.

¹⁵⁸ As informações foram retiradas da apresentação do *Youtube* “Abralin ao vivo” intitulada, “Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. Historiografia Linguística no Brasil: interfaces”, no dia 21/06/2021, às 10h. O trecho com as informações aparece aos 14m02s da entrevista. Para mais informações, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=NvWzPLCwIS0>. Acesso em: 10 fev. 2022.

¹⁵⁹ Alfal – Associação de Linguística e Filologia da América Latina.

Palma, por sua vez, é uma pesquisadora com uma produção expressiva na área da HL. A maior parte dos seus trabalhos é composta por capítulos de livros. Chama atenção o fato de a pesquisadora ter capítulos publicados nas 9 obras que compõem a série de livros “História Entrelaçada”, na qual também aparece junto com Bastos como organizadora das obras.

Na produção de Palma, tanto nos artigos quanto nos capítulos, há uma disposição pela investigação de gramáticas e de manuais didáticos. Buscou-se, então, no *Lattes* da pesquisadora, informações que sinalizassem os primeiros passos em direção à HL.

De acordo com as informações retiradas do *Lattes* da pesquisadora, nenhuma das etapas de formação acadêmica (especialização, mestrado e doutorado) foi na área de HL. A especialização realizada na PUC/SP, no ano de 1973, foi em Análises Sintática e Semântica. O mestrado e o doutorado foram desenvolvidos na PUC/SP, ambos sob orientação de Mara Sophia Zanotto de Paschoal. No mestrado, realizado de 1974 a 1979, desenvolveu a pesquisa intitulada “Desvios sintáticos e de Pontuação: sua função estilística” e, no doutorado, realizado de 1992 a 1998, produziu o trabalho intitulado “A Leitura do Poético e as figuras de Pensamento de Oposição: Caminhos e descaminhos de paradigmas na modernidade”.

No que diz respeito à área da HL, as primeiras informações registradas no currículo da pesquisadora datam de 1991, momento em que aparece como representante discente dos doutorandos nos “Conselhos, Comissões e Consultoria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação da PUC/SP, Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa”; e, posteriormente, desde 1996, momento em que se insere como uma das líderes do referido grupo. A partir de então, desenvolveu projetos, pesquisas, ministrou disciplinas, apresentou trabalhos, orientou pesquisas de mestrado e doutorado e publicou artigos, capítulos de livros e livros na área de HL.

As linhas de pesquisa propostas pela pesquisadora objetivam promover “Estudos descritivos e explicativos da Língua Portuguesa e/ou suas implicações no ensino, numa perspectiva histórica ou historiográfica, considerando-se a relação sistema e uso” (LATTES, p. 10)¹⁶⁰ e visam investigar gramáticas de língua portuguesa. Fato importante de se observar é que a pesquisadora também promove pesquisas na área de Educação Linguística e Formação de Professores e, segundo ela, “a pergunta que orienta esta investigação é como deve ser realizado o ensino da análise linguística na Educação Básica” (LATTES, p. 11). Os dois projetos de pesquisa dialogam, já que as pesquisas na área da HL, por focarem em gramáticas e manuais

¹⁶⁰ Essa informação consta no *Lattes* de Dieli Vesaro Palma. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/1645611025003910>. Acesso em: 03 jan. 2021.

didáticos, apresentam dados sobre materiais que estão diretamente relacionados às práticas dos professores e que ajudam a preparar os docentes para se tornarem capazes de promover a educação linguística. Assim, ser a categoria de “influência” a mais recorrente nessa produção se alinha com a proposta empreendida pela pesquisadora, tendo em vista, por exemplo, que, nos dois artigos em que essas ideias são apontadas, os objetivos são de analisar, em uma delas, as influências do contexto relacionado a obra de um autor em específico e, na outra, estabelecer relações de “aproximações e distanciamentos” (BASTOS; PALMA, 2004, p. 50), nas palavras das autoras, entre duas obras e dois autores selecionados para a pesquisa.

Na produção de Hackerott, predomina o uso das categorias “clima de opinião” e “tradição”, nos artigos e nos capítulos, respectivamente. Levando em consideração que os objetos investigados pela pesquisadora são, na maioria, autores e suas obras (gramáticos e gramáticas), dicionários, cartas, cartilhas e grupos de pesquisa, justifica-se o predomínio das categorias acima mencionadas, tendo em vista que gramáticas e dicionários, por exemplo, podem se constituir como materiais que fazem parte ou que se constituem como uma “tradição de pesquisa”, e, em contrapartida, avaliar o momento de produção, as motivações que promoveram o surgimento dessas obras, bem como outros fatores que favorecem a investigação do “clima” da época.

Hackerott, de 1978 a 1982, fez sua graduação na PUC-SP. No ano seguinte, ingressou no mestrado, na mesma instituição, e sob orientação de Laís Furquim de Azevedo, no ano de 1989, defendeu seu mestrado na área da HL, no qual trabalhou com compêndios tradicionais de gramática portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII. No *Lattes* da pesquisadora, consta como palavras-chave de sua dissertação os termos “historiografia lingüística; história da gramática; Português” (LATTES, p. 1). No mesmo ano, em 1989, começou a cursar o doutorado, na USP, sob orientação de Irenilde Pereira dos Santos, defendendo-o no ano de 1994, também na área e HL¹⁶¹ e tendo como objeto de investigação gramáticas portuguesas. As palavras-chave de sua pesquisa de doutorado são basicamente as mesmas apresentadas na dissertação de mestrado “historiografia lingüística; história da gramática; língua portuguesa” (LATTES, p. 1). Essas informações confirmam seu interesse em pesquisar, na área da HL, gramáticas. No currículo da pesquisadora, não há informações sobre projetos orientados, tampouco sobre orientações de pesquisas na área da HL.

¹⁶¹ O termo “Historiografia Linguística” aparece nas palavras-chave descritas no currículo *Lattes* da pesquisadora (LATTES, p. 1).

Segundo as informações do *Lattes*, a pesquisadora mantém seu vínculo institucional com a Universidade Paulista, UNIP, desde 2009, já tendo atuado como professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie. No *site* da ANPOLL, no GT de Historiografia da Linguística Brasileira, na seção membros, consta a vinculação da pesquisadora com a PUC-SP. A relação com essa instituição se evidencia por meio das produções, especialmente, de capítulos de livros. Dos 9 capítulos publicados na área da HL, 5 fazem parte da série “História Entrelaçada”, organizada por Bastos e Palma (PUC-SP), 3 foram publicados em livros também organizados por Bastos e Palma (PUC-SP) e 1 dos capítulos faz parte de uma produção organizada por professoras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Há uma correspondência entre as categorias mais utilizadas e os objetos investigados pela pesquisadora. As gramáticas foram e continuaram sendo o objeto de predileção dos estudos de Hackerott.

Com relação a Zanon, sua produção, na área da HL, é quantitativamente maior no que se refere à publicação de capítulos de livros, se comparado com a publicação de artigo. Predominam nessa produção as categorias de “clima de opinião”, no artigo, e de “tradição”, nos capítulos analisados. No artigo, os objetos de investigação são manuais de correspondências comerciais. Já nos capítulos de livros, predomina a investigação por autores e suas obras, o que pode estar relacionado ao fato de os capítulos fazerem parte de série “História Entrelaçada”, no caso os números 1, 2, 4, 5, 7 e 8.

É importante destacar que a pesquisadora tem formação na área de Secretariado Executivo, o que pode ter influenciado a escolha da temática do artigo. Zanon concluiu a graduação em 1995, na Universidade São Marcos, UNIMARCO. De 1997 a 1999, fez mestrado na PUC-SP, sob orientação de Bastos, investigando, na ocasião, a língua portuguesa do século XVIII. De 2002 a 2007, fez doutorado na mesma instituição, também sob orientação de Bastos, tomando como objeto de investigação manuais de correspondências comerciais.

A pesquisadora faz parte do *Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa*, da PUC-SP. Apesar de no seu *Lattes* não constar projetos na área da HL, a pesquisadora tem experiência na participação de bancas de conclusão de mestrado e doutorado na área da HL, compondo, na maioria das vezes, bancas de orientandos de Bastos. Além de participar com certa frequência de eventos da área.

Na produção de Arakaki, predomina o uso da categoria “clima de opinião” e, no caso dos objetos investigados, predomina a investigação de autores e suas obras, geralmente gramáticos e suas gramáticas. A pesquisadora tem vínculo institucional com a PUC-SP. No

Lattes, aparecem informações sobre o mestrado e o doutorado, ambos feitos na PUC-SP, sob orientação de Bastos, na área da HL. Tanto no mestrado, desenvolvido de 2003 a 2006, quanto no doutorado, realizado de 2010 a 2014, a pesquisadora estudou o português moçambicano. O pós-doutorado foi realizado na Universidade A Politécnica - Maputo/Moçambique, POLITEC, no entanto, na área de Linguística Aplicada.

A pesquisadora desenvolve projetos de pesquisa na área de língua portuguesa e lusofonia, a partir de uma abordagem historiográfica, tendo como objeto as produções lusófonas linguístico-gramaticais. Nos capítulos, os objetos investigados contemplam gramáticas produzidas por autores brasileiros e moçambicanos, além de autores da área da literatura.

No que concerne à produção de Casagrande, a pesquisadora publicou dois artigos na área da HL. Em contrapartida, possui uma quantidade significativa de capítulo de livros publicados na área da HL. Participou como autora dos 9¹⁶² livros da série “História Entrelaçada”. Os outros 7 capítulos fazem parte de obras organizadas por pesquisadoras da PUC-SP. Predominam, nessa produção, investigações por autores e suas respectivas obras, geralmente gramáticos e suas gramáticas, além das categorias analíticas “clima de opinião” e “influência”, categorias que se ajustam bem a investigações sobre autores e suas respectivas obras.

Casagrande se graduou pela PUC-SP em 1991. No ano seguinte, ingressou no mestrado, na PUC-SP, sob orientação de Bastos, e desenvolveu um trabalho na área da AD. Em 1997, iniciou o doutorado na área da HL, também sob orientação de Bastos, na PUC-SP. Nesse trabalho, investigou a implantação da língua portuguesa no Brasil do século XVI. Casagrande possui vínculo institucional com a PUC-SP desde 2007, ministrando disciplinas, desenvolvendo projetos de pesquisa e orientando alunos da graduação na área da HL.

Nascimento completa a lista de autores que compõem o quadro da PUC-SP. Sua produção, em relação a artigos e capítulos de livros publicados na área da HL, conta com uma diversidade de temáticas ou objetos investigados. Nos artigos, predomina o estudo de áreas de pesquisa, autor e obra literária, exemplares de jornal e polêmicas linguísticas, destacando-se a presença da categoria “influência”. Nos capítulos de livros, os objetos investigados são áreas de pesquisa, autores e obras e escrituras de compra e venda de escravos, destacando-se a presença da categoria de “clima de opinião”.

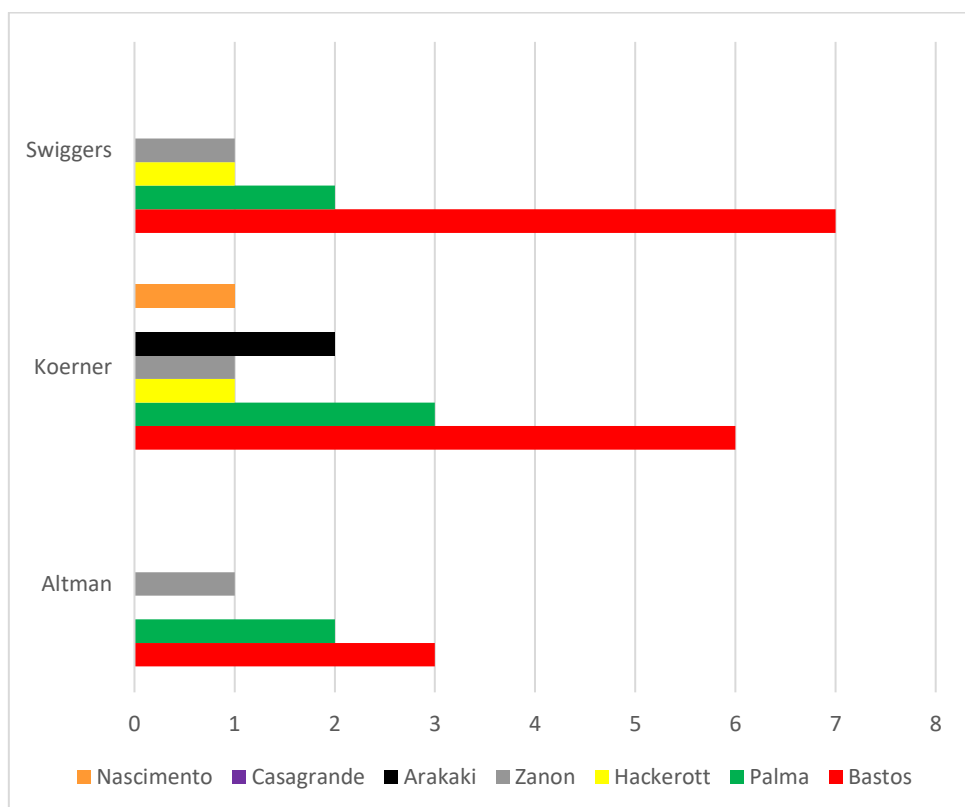
¹⁶² A referência à obra “História Entrelaçada 4: os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos” não consta no *Lattes* da pesquisadora, pelo menos não na versão que serviu de *corpus* para esta pesquisa. No entanto, a análise da obra permitiu que se constatasse a presença do capítulo 5 “*Cartilha Maternal ou A Arte da Leitura, um novo método de leitura*, do poeta português, João de Deus”, de autoria de Nancy Casagrande e Vera Lúcia Harabagi Hanna.

Consoante as informações retiradas do *Lattes* do pesquisador, nenhuma das etapas de formação acadêmica (especialização, mestrado e doutorado) foi na área de HL. No mestrado, realizado de 1987 a 1990, desenvolveu um trabalho na área da AD, com a orientação de Anna Maria Marques Cintra. No doutorado, sob orientação de Favero, realizado entre 1990 a 1994, produziu a tese intitulada “Lirismo e Religiosidade no Cancioneiro Marino de Afonso X, O Sábio. Organização do Texto Poético”.

Desde 2003, Nascimento participa de eventos, apresentando trabalhos na área da HL. Em 2007, começou a orientar pesquisas na área da HL com objetivo de examinar a língua portuguesa escrita no Brasil a partir do século XVI até a atualidade. Nascimento é o pesquisador da PUC-SP com a maior quantidade de orientações na pós-graduação, 23 no total.

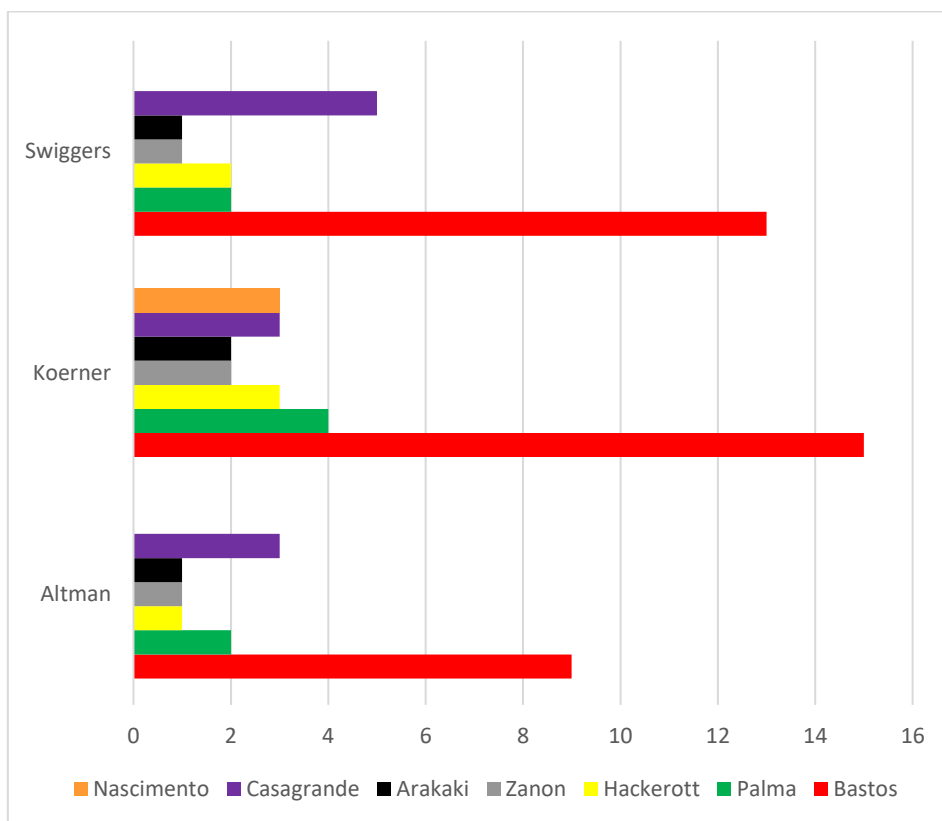
Ainda sobre os dados coletados da produção dos pesquisadores da PUC-SP, as ocorrências com relação aos autores precursores da HL mais citados nos textos podem ser visualizadas no gráfico abaixo:

Gráfico 10: Referência a autores precursores da HL em artigos – PUC/SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 11: Referência a autores precusores da HL em capítulos de livros – PUC/SP

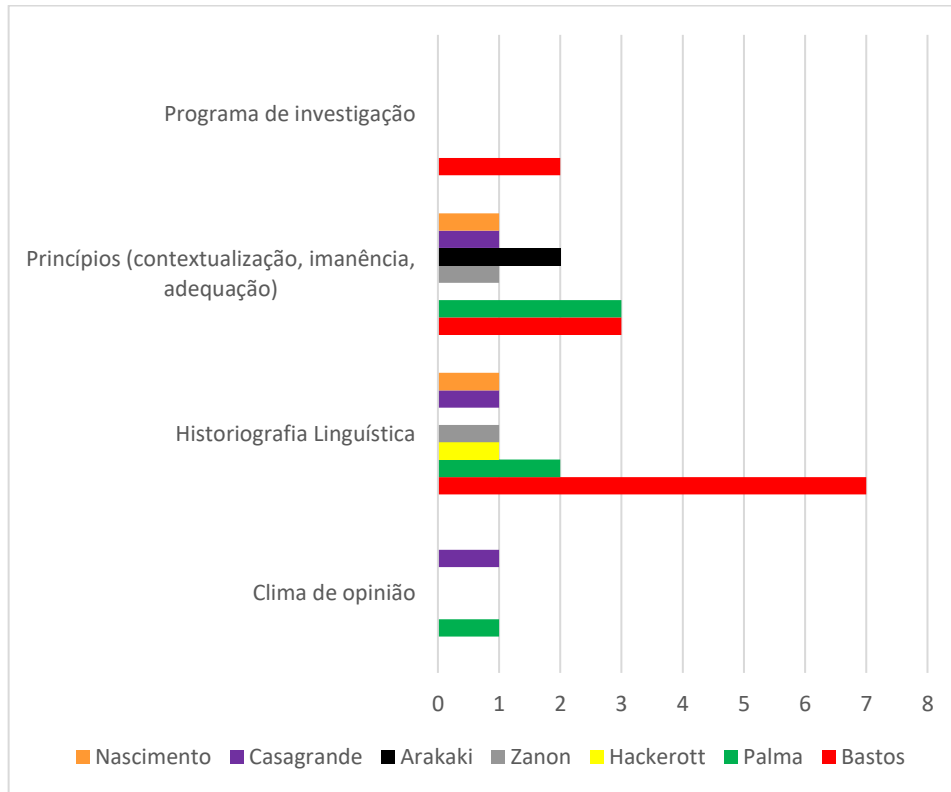


Fonte: Elaborado pela autora

Nos artigos e nos capítulos de livros produzidos pelos pesquisadores da PUC-SP, Koerner é o autor mais citado. Swiggers aparece como o segundo autor mais citado, seguido de Altman. As exceções, no que diz respeito às citações a Swiggers, são com relação à Bastos e à Casagrande. Bastos apresentando mais referências ao autor em artigos e a Casagrande em capítulos de livros. De modo geral, as referências a Koerner são mais recorrentes devido às escolhas teórico-metodológicas características das produções da PUC-SP. Chama a atenção, no caso específico dos capítulos de livros, a significativa quantidade de pesquisadores da PUC-SP que utilizam os princípios gerais da área (contextualização, imanência e adequação) para proceder às análises interpretativas, principalmente nos capítulos que compõem a série “História Entrelaçada”, em que há, na maioria dos textos analisados, o uso explícito dos princípios mencionados.

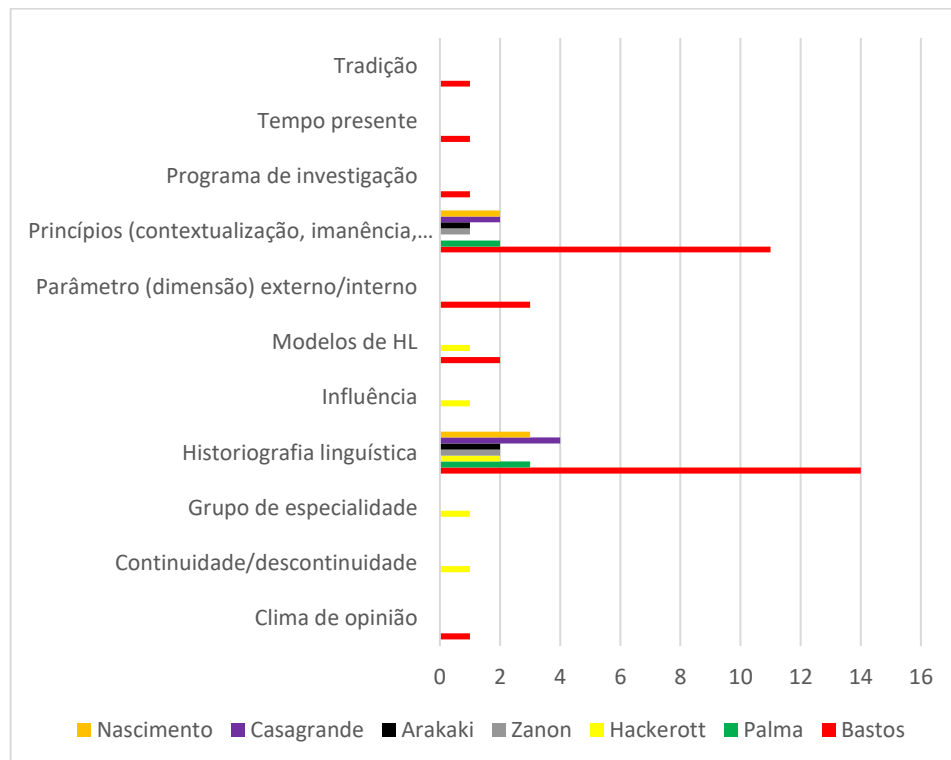
Observou-se, ainda, na produção da PUC-SP, quais as definições e/ou explicações mais frequentes nos textos. Para isso, veja-se os gráficos a seguir:

Gráfico 12: Definições/explicações da área da HL em artigos – PUC/SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 13: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – PUC/SP



Fonte: Elaborado pela autora

Quando analisados os dois gráficos, nota-se que o maior percentual de explicações nos textos, artigos e capítulos, está relacionado ao que se entende por HL. Os autores têm um interesse em definir ou explicar o que/como se deve entender ou o que seja a HL. O segundo maior percentual de definições/explicações se volta para os princípios gerais da área, isto é, os pesquisadores da PUC-SP, além de utilizarem os princípios propostos por Koerner, empenham-se em explicar para o leitor dos textos o que é ou como se aplicam os princípios da área. Explicações sobre as demais categorias ocorrem de modo pontual nos textos.

A análise da produção da PUC-SP possibilitou observar que, apesar do estilo e das escolhas individuais de cada autor, no que concerne aos objetos investigados, às categorias que orientam metodologicamente os textos etc., há um modo de proceder com a teoria e com a metodologia da HL que configura um modo ou um estilo de fazer historiografia característico da maioria dos pesquisadores da PUC-SP.

Ao que parece, segundo os dados apresentados nos gráficos, a escolha pela construção de uma narrativa historiográfica fundamentada nos princípios propostos por Koerner, autor recorrentemente citado nos textos, favorece a utilização de determinadas categorias como “clima de opinião” e “influência”, visto que, nos textos de Koerner, essas duas categorias são objetos de discussão. Além disso, ocasionalmente, os autores dão explicações ou definem as categorias utilizadas, o mais comum é a utilização das categorias como se o conhecimento sobre o que seja cada uma delas já fosse de domínio do leitor. A ressalva, nesse ponto, é para as explicações sobre a área da HL e sobre os princípios propostos por Koerner.

Bastos foi a responsável pelo estabelecimento e pela formação de um grupo de especialidade na PUC-SP, o que não significa que outros pesquisadores contemporâneos a ela ou mesmo anteriores ao momento em que iniciou sua produção não tenham desenvolvido pesquisas na área da HL, longe disso, os dados demonstram que ela foi responsável pela institucionalização da HL na universidade onde trabalhava e desenvolvia pesquisas, uma vez que mobilizou esforços para a formalização de um grupo, nas palavras de Murray (1994), um *cluster* que se autodeclarasse e se reconhecesse como um grupo em HL na PUC-SP.

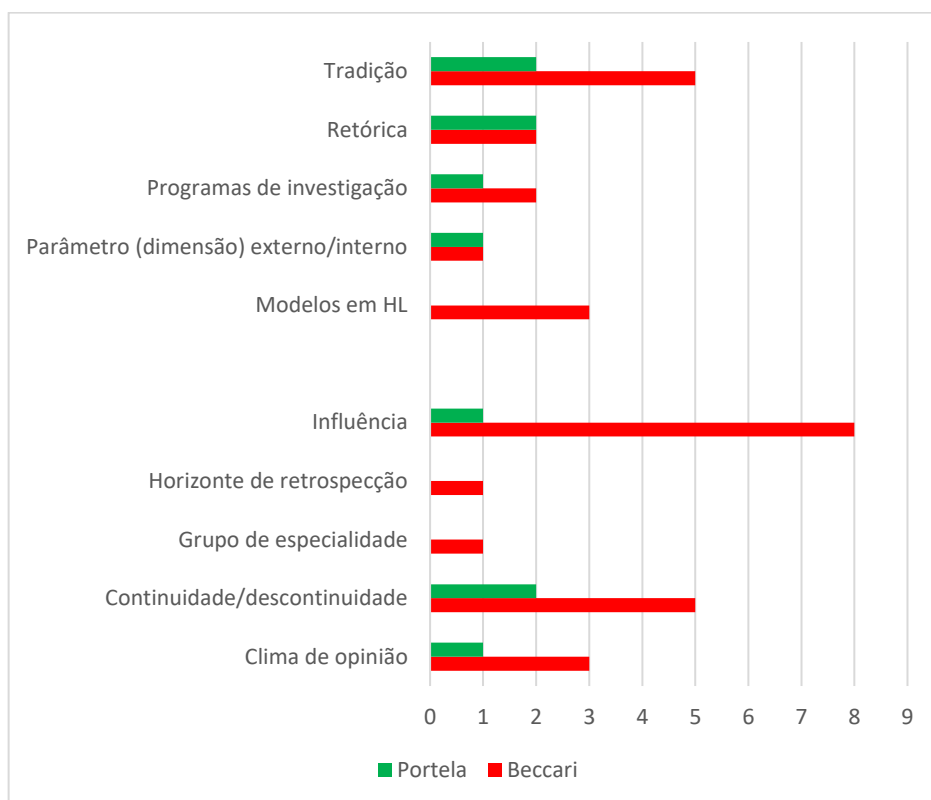
Nesse caso, ainda seguindo as ideias de Murray (1994), Bastos acabou tendo seu nome associado ao de um líder intelectual e organizacional por mobilizar novos pesquisadores, orientando seus, a seguir determinada forma de realizar pesquisas. Bastos defendeu seu doutorado em 1986, na área da HL, mas, efetivamente, institucionaliza o grupo em 1996. Dos autores que compõem o recorte desta pesquisa, Palma e Nascimento são professores

pesquisadores contemporâneos a Bastos. Hackerott, Zanon, Arakaki e Casagrande foram alunas da PUC-SP e todas, a exceção de Hackerott, orientandas de Bastos.

4.1.3 Produção em HL da UNESP

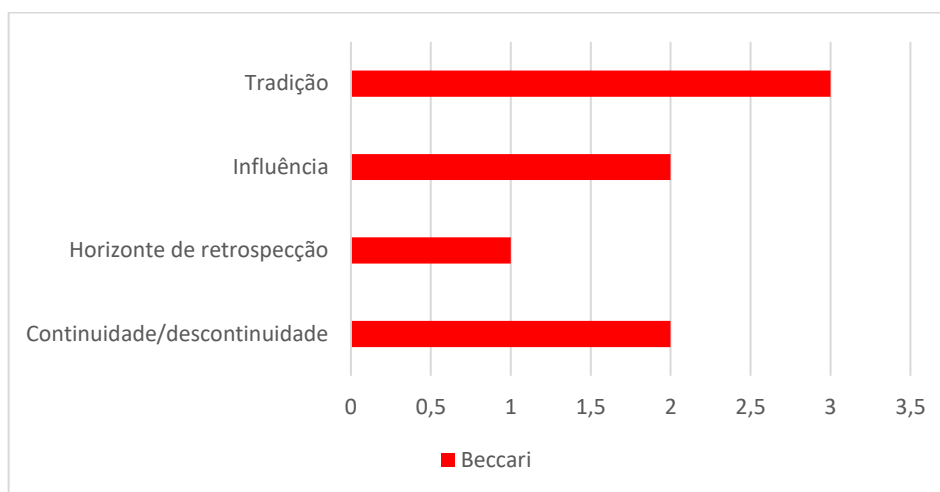
Na UNESP, 2 pesquisadores têm produção na área da HL. Nos gráficos a seguir, serão apresentadas as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e de capítulos de livros. No total, foram analisados 11 artigos e 3 capítulos de livros. Os dados podem ser visualizados a seguir:

Gráfico 14: Categorias mais usadas em artigos – UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 15: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto às categorias, Beccari utiliza com mais frequência “continuidade/descontinuidade”, “influência” e “tradição”, nos artigos e nos capítulos de livros. Portela, por seu turno, utiliza proporcionalmente, em seus artigos, as categorias de “continuidade/descontinuidade”, “retórica” e “tradição”, já que não consta em seu *Lattes* produção de capítulos de livros na área.

Em Beccari, as temáticas ou objetos mais investigados são autores e suas respectivas obras, gramáticos e gramáticas, cartas, gramáticas do período racionalista, línguas (grego e latim) e materiais medievais portugueses. Em vista disso e observando que sua produção, em sua maioria, trata de materiais cujas fontes são antigas, ou seja, textos escritos no medievo ou escritos em latim, no grego etc., tomar como parâmetro categorias que avaliem “influências” e “tradições de pesquisa” são coerentes com os interesses investigativos do pesquisador.

Beccari, de acordo com informações retiradas do *Lattes*, cursou a graduação, o mestrado e o doutorado na Universidade Federal do Paraná, UFPR. Na graduação, fez bacharelado em Letras Latim. No mestrado, no período de 2005 a 2007, orientado por José Borges Neto, desenvolveu a pesquisa intitulada “Uma abordagem da Gramática Especulativa de Thomas de Erfurt: antecedentes históricos, metalinguagem, classes do nome e do pronome, sintaxe”. No doutorado, no período de 2009 a 2013, desenvolveu uma pesquisa na área da HL, sob orientação de Borges Neto e coorientação de Altman. Iniciou, em 2019, uma pesquisa de pós-doutorado junto ao Centro de Documentação em Historiografia Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL-USP), sob supervisão da professora Olga Ferreira Coelho

Sansone. Como professor pesquisador, atua em duas linhas de pesquisa, “Ensino de línguas clássicas” (2014 - Atual) e “Historiografia Linguística” (2014 - Atual), e orienta projetos de pesquisas na área da HL, desde 2010, dentre eles: A Linguística Construtural: um capítulo da história da linguística no Brasil (2010 - 2014); A recepção das ideias sobre sintaxe das *Institutiones Grammaticae* de Prisciano (2014 - Atual); Para uma reflexão historicamente inserida a respeito da influência das concepções acerca das línguas e culturas da Antiguidade nas práticas de ensino e aprendizagem do português: descrição e análise do status do latim em gramáticas de Língua Portuguesa (2017 - Atual); e O *De constructione* de Prisciano: um estudo historiográfico de seu impacto na produção gramatical ibérica da Baixa Idade Média (2019 - Atual).

O interesse do pesquisador pelo estudo de línguas e de gramáticas antigas, por exemplo, é perceptível desde a graduação, inclusive pela sua formação em Latim, e perdura pelas outras etapas de formação. Os primeiros contatos com a HL também se deram na graduação. Em uma apresentação para o “I Workshop de Filosofia e História da Linguística”¹⁶³, pelo *Youtube*, Beccari afirma que seus primeiros contatos com os textos escritos por Altman ocorrem por meio de pesquisas casuais em bibliotecas e, por intermédio de seu orientador na iniciação científica, Borges Neto, amigo de Altman, seu interesse pela área da HL se intensificou, resultando em um doutorado, ocasião em que a referida professora contribuiu como coorientadora. “Tradição” e “influência” são as categorias que predominam na produção de Beccari, as mesmas que se sobressaem na produção de Altman.

No que diz respeito à produção de Portela, e considerando a periodização da pesquisa, no *Lattes*, só constam informações sobre a publicação de artigos na área da HL. As categorias que aparecem com regularidade na produção do pesquisador são “continuidade/descontinuidade” e “retórica”. Interessante destacar, a princípio, que o interesse de pesquisa mais estável de Portela é na área da Semiótica. Uma análise mais direcionada para os títulos dos artigos comprova isso. Dos 24 artigos que aparecem no *Lattes*, 17 trazem o termo “semiótica” nos títulos. Isso pode ser justificado pelo fato de que o mestrado e o doutorado de Portela foram realizados na área da Semiótica. O mestrado, de 2001 a 2003, desenvolvido sob orientação de Loredana Limoli, resultou na pesquisa “Semiótica do Haikai: Por uma Didática da Poesia”. No doutorado, desenvolvido de 2004 a 2008, sob orientação de Arnaldo Cortina,

¹⁶³ O evento faz parte do “I Workshop de Filosofia e História da Linguística (13/11 – Manhã)”, organizado pela pós-graduação em Letras da UFPR, com a mesa redonda intitulada “Retrospectivas e perspectivas em historiografia linguística”, que ocorreu no dia 13/11/2020. Para mais informações acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=5muPj0HuxtC&list=PLEVgJCOmQcyEVKdpFxdOakZOHzBcQzoH&index=2>. Acesso em: 17 mar. 2022.

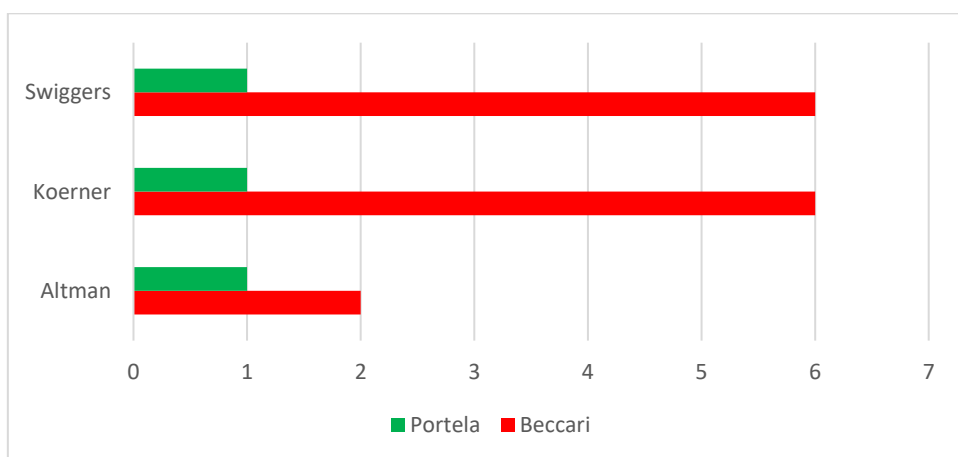
produziu o trabalho “Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana”.

Quando avaliados os objetos investigados nos textos em que a HL aparece como área que dá suporte teórico-metodológico para a pesquisa de Portela, observou-se que os estudos se direcionam para áreas de pesquisa (HL, HIL e Semiótica), histórias em quadrinhos e manuais de Linguística. Outro fator que chama atenção é o fato de a HL ser mobilizada para dar suporte a um trabalho em Semiótica, o que pode ser observado pelo uso de termos como “historiografia da semiótica do discurso” (PORTELA, 2018, p. 138) e “historiógrafo-semiótico” (PORTELA, 2016, p. 407), além do uso de termos como “discurso”, “sujeito” etc., que, de certa forma, alinham-se ao interesse de estudos que visem observar a retórica de autores em suas obras. A HL aparece como registro no currículo do pesquisador, além dos artigos publicados, no projeto de pesquisa “Semiótica discursiva: epistemologia e história” (2013-2017), no qual o pesquisador, ao descrever o aparato teórico que embasa o projeto, propõe-se a:

A partir de reflexões desenvolvidas no âmbito da historiografia linguística (S. Auroux, P. Swiggers, K. Koerner e R. Harris) e no quadro dos estudos históricos e conceituais da semiótica (J.-C. Coquet, M. Arrivé, A. Hénault, H. Parret, H.-G. Ruprecht, E. Landowski, C. Zilberberg, J. Fontanille, S. Badir, entre outros), *pretendemos empreender uma reflexão historiográfica sobre a semiótica discursiva que permita dimensionar e situar sua contribuição no contexto das ciências da linguagem*” (LATTES, p. 11¹⁶⁴, grifos nossos).

As referências aos autores precursores da HL podem ser visualizadas no gráfico abaixo:

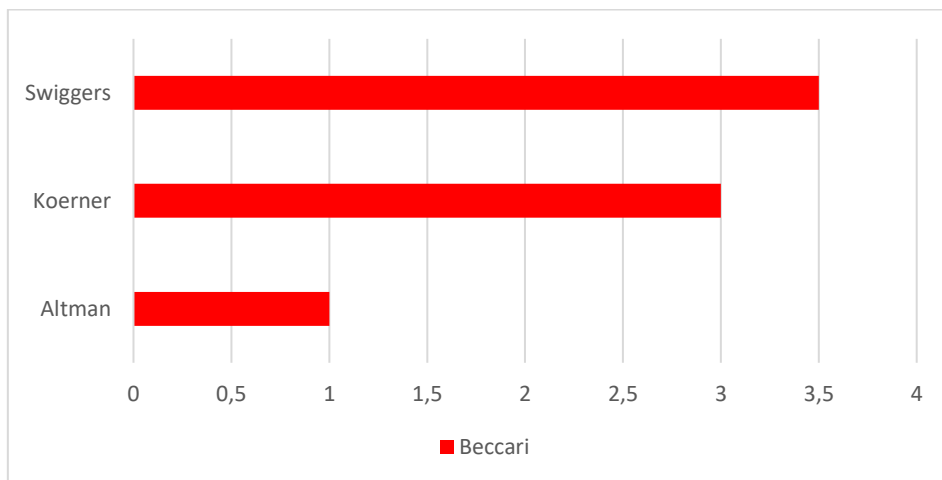
Gráfico 16: Referência a autores precursores da HL em artigos – UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁶⁴ Endereço para acessar o currículo *Lattes* do pesquisador: <http://lattes.cnpq.br/2837392641069264>. Acesso em: 7 ago. 2022.

Gráfico 17: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – UNESP

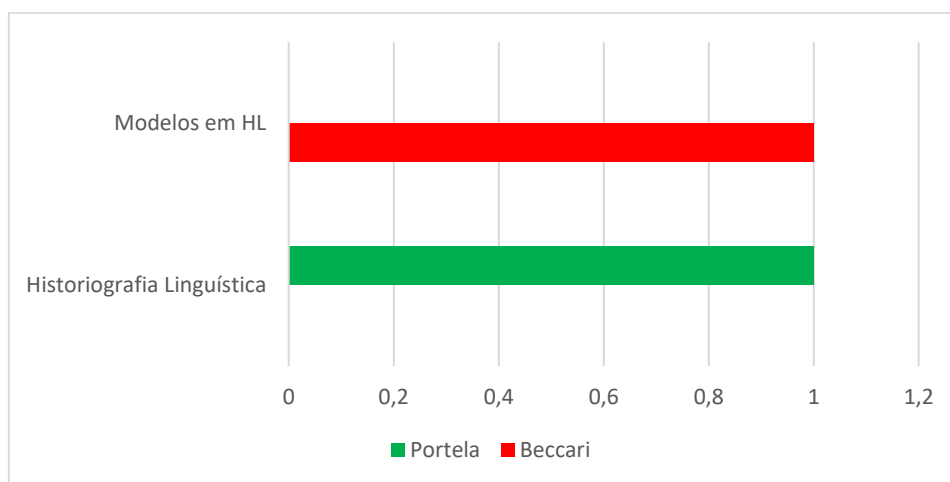


Fonte: Elaborado pela autora

Nos artigos e nos capítulos de livros, os três autores precursores da área são citados pelos dois pesquisadores da UNESP, no entanto, Beccari se apropria mais dos textos e das ideias de Koerner e Swiggers. Portela, por sua vez, cita os autores principalmente para referendar suas escolhas teóricas e metodológicas, como quando diz, por exemplo, “o que Konrad Koerner (1989), por exemplo, chama de imanência da teoria” (PORTELA, 2018, p. 140) ou, ainda, “é preciso recorrer ao discurso que configura cada ‘clima de opinião’, segundo o termo caro a Konrad Koerner” (*op. cit.*, p. 142).

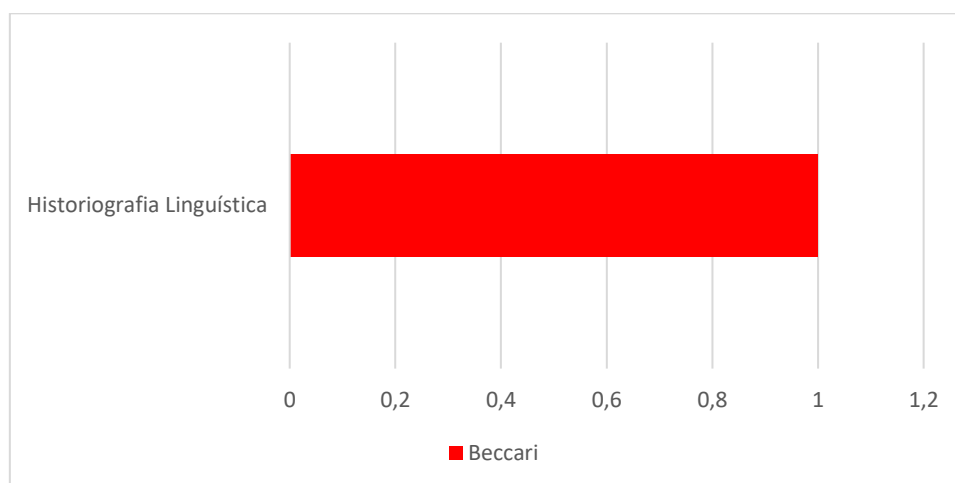
Outro ponto observado na produção da UNESP foi com relação às definições e/ou explicações mais frequentes nos textos. Para isso, veja-se os gráficos a seguir:

Gráfico 18: Definições/explicações da área da HL em artigos – UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 19: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

Observou-se na produção da UNESP uma baixa frequência na quantidade de explicações ou definições que aparecem nos textos. Nos textos, de modo geral, aparecem explicações sobre a HL e/ou sobre os modelos metodológicos utilizados na área. A observação levou a concluir que, na UNESP, parece não ser uma prática dos autores, nos textos, tecerem explicações relacionadas as suas escolhas teóricas e metodológicas, o que há é o uso de procedimentos, categorias, métodos etc., como se o leitor já fosse capaz de mobilizar todos esses conhecimentos no momento da leitura dos textos.

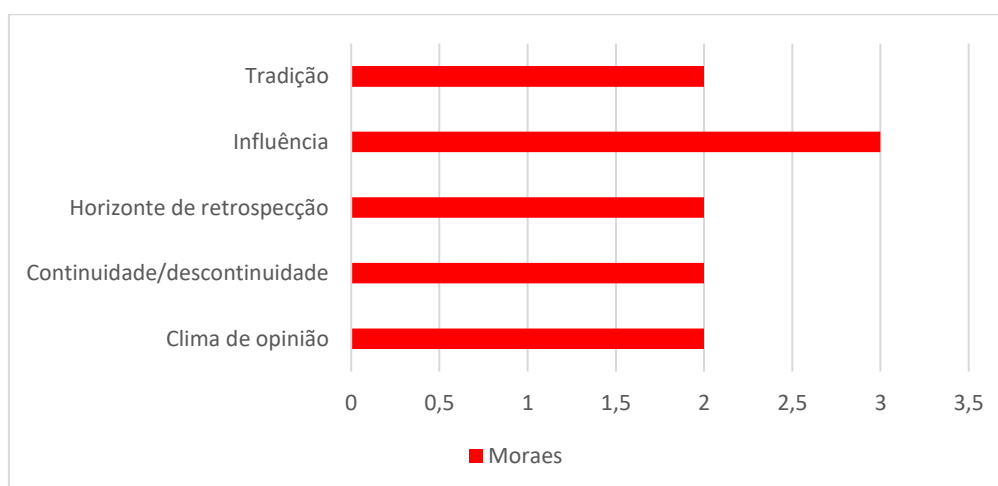
Os dois pesquisadores da UNESP têm formas distintas de proceder com a HL. Beccari, por ter tido Altman como coorientadora no doutorado, Coelho como orientadora do pós-doutorado e Borges Neto como referência desde a graduação, aproxima-se, em termos teóricos e metodológicos, de uma prática historiográfica empreendida na USP. Portela, por sua vez, propõe-se a efetuar uma abordagem historiográfica da Semiótica e, para isso, mobiliza noções de outras área além da HL, como a Semiótica, a HIL e a AD. Baseando-se, pois, nos dados apresentados, pode-se depreender que a UNESP tem dois grupos em HL com lideranças, objetos e objetivos distintos. O vínculo institucional de Portela com a UNESP é anterior ao de Beccari. Portela iniciou sua atuação na instituição como professor substituto em 2008, passando a professor assistente a partir de 2009. Beccari, por sua vez, atua como professor assistente desde 2014. Portela, além de líder do “Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-

Unesp)”, cadastrado no CNPq¹⁶⁵, desenvolve projetos de pesquisa na área da HL desde 2013. Beccari atua com a linha de pesquisa “Historiografia Linguística”, desde 2014. Destaca-se, pois, o fato de a HL ser uma disciplina institucionalizada na UNESP, contando, para tanto, com disciplinas ofertadas, projetos e linhas de pesquisas e eventos de grande divulgação como: o “I e II Workshop de Filosofia e Historiografia da Linguística”, “I, II e III Jornada de Historiografia Linguística da Unesp/Assis” e “I Webnário - PROFLETRAS, FCL-UNESP-ASSIS - Conferência: A Historiografia Linguística e o ensino da Linguística - Cristina Altman (USP)”, só para citar os divulgados em *sites*, programas e canais da internet.

4.1.4 Produção em HL do IFSP

Moraes foi o único pesquisador na área da HL do IFSP a compor o quadro desta pesquisa. Sua produção conta com 3 artigos publicados. Os dados relacionados às categorias mais recorrentes na produção do IFSP podem ser visualizados a seguir:

Gráfico 20: Categorias mais usadas em artigos – IFSP



Fonte: Elaborado pela autora

As categorias utilizadas por Moraes são diversificadas, se considerado o fato de que foram analisados 3 artigos. Chama atenção, porém, a categoria da “influência”, utilizada nos 3 artigos. Nos outros 2 artigos, há uma diversificação no uso de categorias (“clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade”, “horizonte de retrospecção” e “tradição”). Os objetos

¹⁶⁵ O grupo liderado pelo professor Dr. Jean Cristtus Portela, apesar de não ter o nome Historiografia Linguística no título, desenvolve pesquisas no âmbito da HL. Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2858188925053400>. Acesso em: 03 ago. 2022.

investigados por Moraes são autores e suas obras, incluindo uma gramática e duas obras de autores que marcaram época (Hugo Schuchardt e Serafim da Silva Neto), de modo que as influências sofridas pela época e o impacto das obras para outros autores e para a época se tornam objeto de investigação.

Cabe, pois, trazer à baila algumas informações contextuais sobre Moraes. De acordo com as informações do *Lattes* do pesquisador, sua graduação foi na Universidade Paulista, UNIP, e sua pós-graduação foi na USP. No mestrado, realizado de 2006 a 2008, e no doutorado, realizado de 2011 a 2015, ambos sob orientação de Leite, desenvolveu pesquisas sobre as ideias de Serafim da Silva Neto, tomando como suporte teórico a HL. Destaca-se o fato de que o doutorado contou com um período sanduíche na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com a coorientação de Carlos da Costa Assunção. Nas palavras-chave da dissertação de mestrado, aparecem os termos “Historiografia Linguística” e “Horizonte de retrospecção”, e nas palavras-chave da tese de doutorado, “História da Ideias Linguísticas” e “Horizonte de retrospecção”, não sem razão este último é contemplado nos trabalhos como uma categoria utilizada nos artigos.

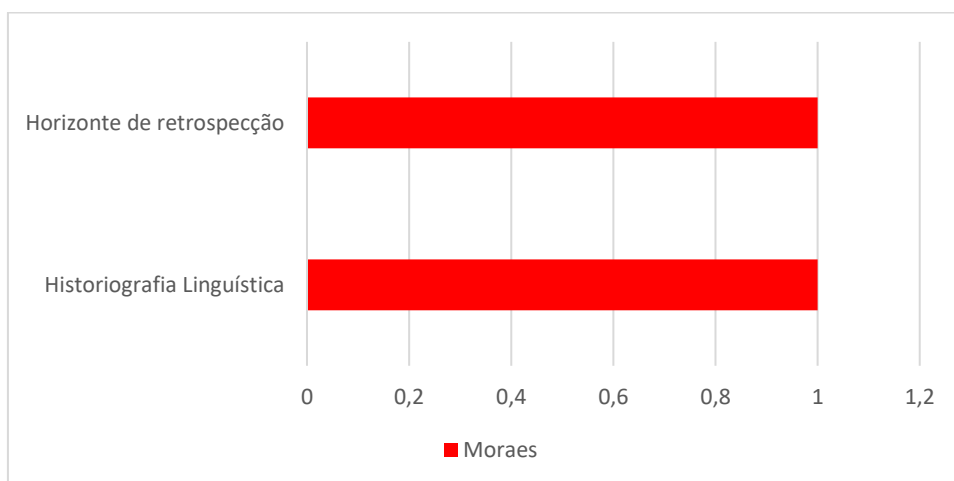
O pesquisador, além da produção e artigos na área, é membro do comitê científico para a área de Historiografia Linguística da Associação Brasileira de Linguística – Abralin, desde 2018, e membro do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL.

O modo de proceder com a HL nos trabalhos de Moraes se aproxima do modo que Leite desenvolve suas pesquisas. Algo bastante recorrente, nas duas produções, é a autovinculação com a HL e com a HIL ao mesmo tempo, como é possível ver nas palavras do próprio autor quando afirma que “O trabalho está teoricamente vinculado à História das Ideias Linguísticas e à Linguística Missionária, subárea da Historiografia Linguística [...]” (MORAES, 2020, p. 10). Sobre isso, cumpre mencionar que, tal como Leite, pelas escolhas teóricas e metodológicas, não costuma fazer referências a Altman, Koerner e Swiggers em seus trabalhos, o que ocorre apenas uma vez, no artigo de 2020, com uma referência a Koerner¹⁶⁶.

Especificamente sobre explicações ou definições nos artigos, segue o gráfico abaixo:

¹⁶⁶ Não foi apresentado o gráfico sobre os autores precursores da área pelo fato de ter havido apenas uma referência a Koerner, mencionada no texto.

Gráfico 21: Definições/explicações da área da HL em artigos – IFSP



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra que em dois artigos constam explicações ou definições características da área: em um deles, sobre a área da HL, e no outro, sobre a categoria “horizonte de retrospecção”, que, no texto em questão, recebe uma atenção maior por parte do autor, o qual explicita o que entende pelo termo. Como já apresentado no tópico 4.1.1, Leite procede de forma semelhante, quando apresenta alguma explicação ou definição, é sobre o que entende por “horizonte de retrospecção”.

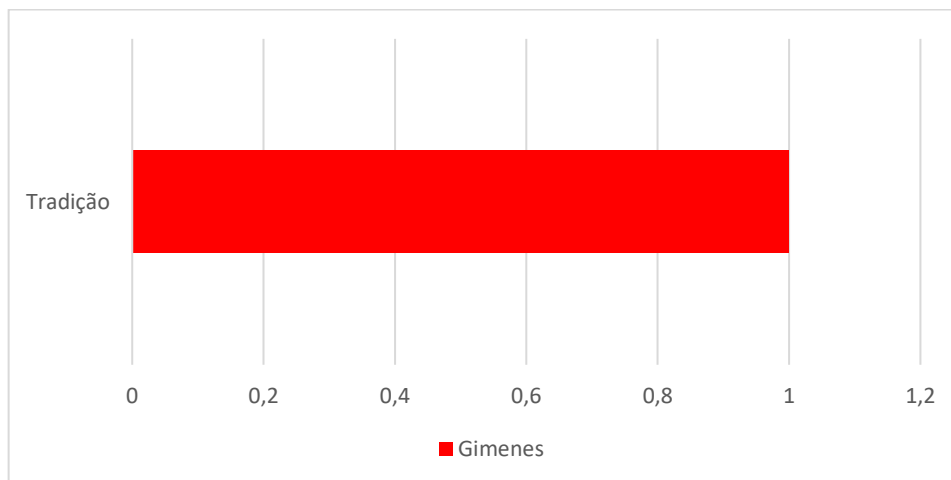
Moraes tem um estilo próprio no modo de conduzir suas pesquisas na área da HL, que certamente dialogam com os trabalhos realizadas por Leite. O pesquisador não aparece como líder de nenhum grupo na área da HL no IFSP. No *Lattes*, consta que Moraes é vice-líder do “Grupo de Trabalho - Gramáticas: história, descrição e discurso (USP/CNPq)”, no entanto, as informações presentes no *site*¹⁶⁷ comprovam que o grupo não se vincula à HL.

4.1.5 Produção em HL da UNICID-SP

Gimenes foi a única pesquisadora na área da HL da UNICID-SP a compor o quadro desta pesquisa. Sua produção conta com 1 artigo publicado e 2 capítulos de livros. As categorias identificadas na produção da UNICID-SP podem ser visualizadas a seguir:

¹⁶⁷ Para mais informações, ver: <https://dlcv.fflch.usp.br/es/gramaticas-historia-descricao-e-discurso> . Acesso em: 3 ago. 2022.

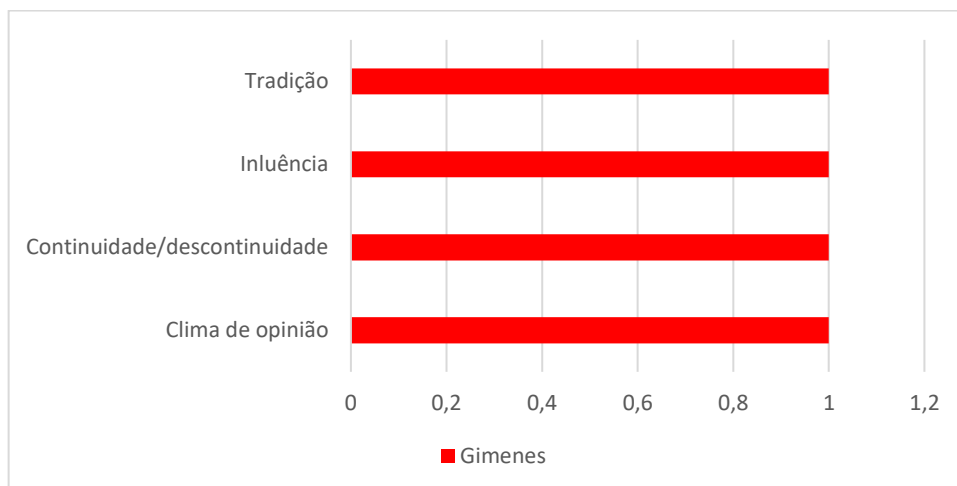
Gráfico 22: Categorias mais usadas em artigos – UNICID-SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gimenes produziu 1 artigo na área da HL, tendo como foco de investigação gramáticas missionárias. A autora, ao estudar a classe de “nomes” e dos “verbos”, vale-se da noção de tradição gramatical.

Gráfico 23: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNICID-SP



Fonte: Elaborado pela autora

Nos capítulos de livros produzidos pela pesquisadora, são utilizadas as categorias de “clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade”, ‘influência’ e “tradição” na mesma proporção. Os materiais se referem a estudos sobre textos e gramáticas descritos por missionários, temáticas que predominam na sua produção.

Gimenes concluiu a graduação na USP em 1993. De 1995 a 1999, fez mestrado na USP, sob orientação de Altman, no qual desenvolveu um trabalho na área da HL sobre linguística

missionária. No doutorado, que durou de 2000 a 2005, também com a orientação de Altman, na USP, manteve a mesma temática de interesse do mestrado, voltada para a linguística missionária. Apesar do seu interesse pela área, o que pode ser reforçado pelas disciplinas que ministrou, nenhuma delas tem no título “Historiografia Linguística”, mas apresentam títulos que sugerem uma pesquisa historiográfica: “Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa” e “Língua Portuguesa: História Interna e Externa” (LATTES, p. 2)¹⁶⁸. Não constam no *Lattes* da pesquisadora informações sobre orientações de pesquisa na área da HL.

No que se refere à referência a autores precursores da área, no capítulo analisado, não aparece nenhuma referência a Altman, Koerner ou Swiggers. O mesmo não ocorre nos capítulos de livros, nos quais aparecem uma referência a Koerner e duas a Swiggers, as quais não são registradas nas referências bibliográficas. Nos materiais analisados, não foi possível localizar nenhuma explicação ou definição sobre os termos ou categorias utilizadas pela autora. Os textos foram construídos considerando que o leitor seja capaz de mobilizar as informações necessárias para o entendimento dos textos como um todo.

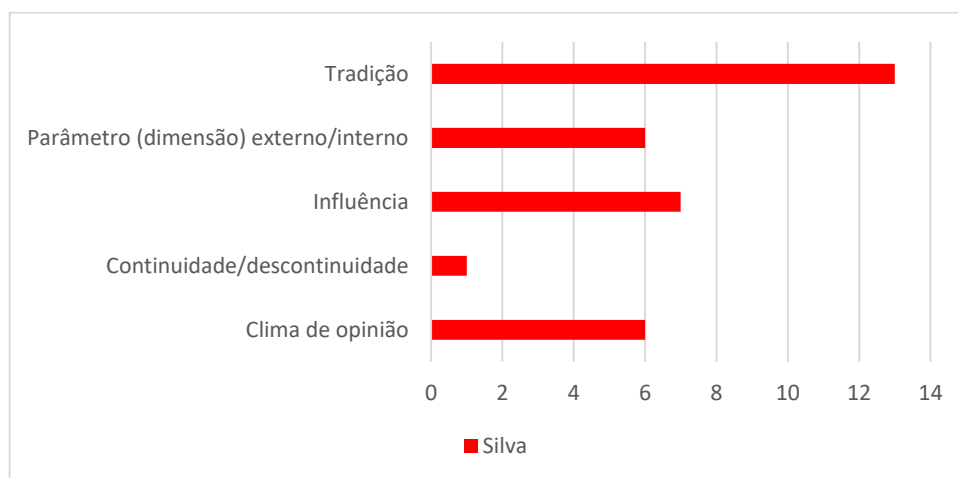
As pesquisas demonstram, ainda, que Gimenes não aparece como líder de nenhum grupo na área da HL. No *Lattes*, o vínculo com a UNICID-SP durou de 2006 a 2013, período em que ministrou disciplinas na graduação que podem, de certa forma, alinhar-se à área da HL, são elas: História das Idéias Lingüísticas, Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa e Língua Portuguesa: História Interna e Externa.

4.1.6 Produção em HL da UNINOVE-SP

Silva foi o único pesquisador na área da HL da UNINOVE-SP a compor o quadro desta pesquisa. Sua produção conta com 22 artigos publicados e 8 capítulos de livros. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da UNINOVE-SP podem ser visualizadas a seguir:

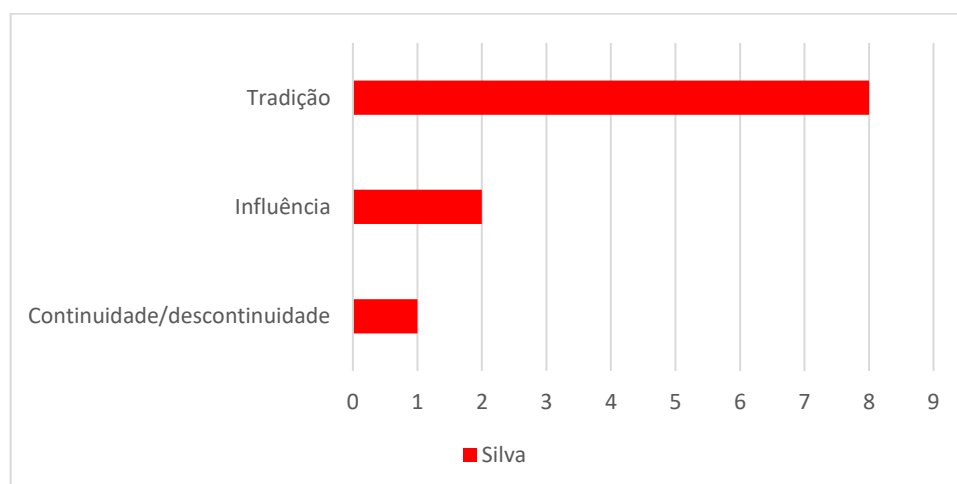
¹⁶⁸ Essa informação consta no *Lattes* de Luciana Gimenes Parada dos Santos. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3477361440344192>.

Gráfico 24: Categorias mais usadas em artigos – UNINOVE-SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 25: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UNINOVE-SP



Fonte: Elaborado pela autora

A produção de Silva conta com uma quantidade significativa de materiais produzidos na área da HL. De acordo com as informações dos gráficos, a categoria mais utilizada tanto em artigos quanto em capítulos de livros é “tradição”, seguida da segunda categoria mais recorrente “influência”. Essa categoria se sobressai em uma produção que investiga autores e suas obras, geralmente gramáticas, disciplinas ou áreas de pesquisas, questões relacionadas ao ensino ou, ainda, estudos sobre a língua portuguesa.

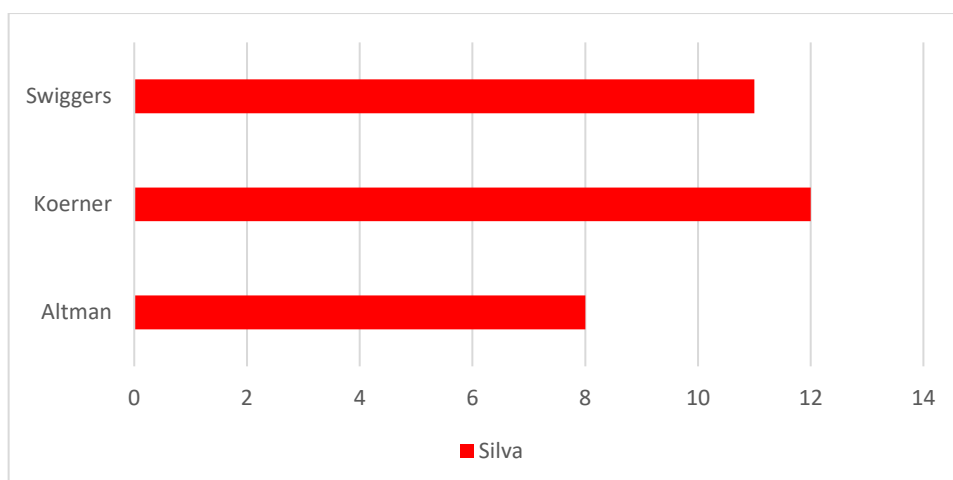
Antes, porém, de prosseguir com a análise da produção de Silva, vale recuperar algumas informações de cunho contextual no intuito de compreender como se deram algumas escolhas do pesquisador na área da HL.

Silva fez graduação, mestrado e doutorado na USP. No mestrado, desenvolvido de 1991 a 1995, sob orientação de Alcides de Oliveira Villaça, e, no doutorado, desenvolvido de 1996 a 2001, sob orientação de João Adolfo Hansen, produziu pesquisas na área da Literatura. Seu interesse pela área da HL, segundo informações do *Lattes* do pesquisador, começou em 1999 com a participação e apresentação de trabalhos em congressos cuja temática era a HL. De 2002 a 2010, participou como membro do Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa (NEHL), sediado na PUC-SP. É membro, desde 2001, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística/ANPOLL/GT Historiografia Linguística. O pesquisador já orientou trabalhos e já participou de diversas bancas de mestrado e doutorado na área da HL, inclusive de pesquisadores que compõem os *corpora* da pesquisa, tais como: Sônia Maria Nogueira e Marilena Zanon.

A partir das informações mencionadas, pode-se admitir que a proximidade no que diz respeito ao modo de se proceder com as pesquisas ou trabalhos em HL é com a PUC-SP, tendo em vista que as primeiras experiências com a área se deram na instituição mencionada, incluindo a participação, por 8 anos, do grupo em HL da PUC-SP.

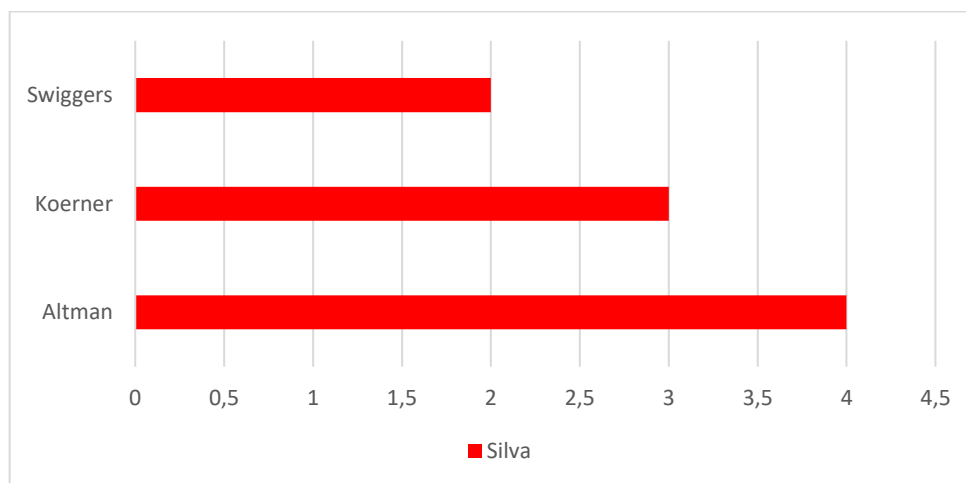
Ainda sobre isso, deve-se acrescentar que, tal como os pesquisadores da PUC-SP, quando avaliados os autores precursores da área mais citados nos artigos, Koerner figura como um autor recorrentemente citado e, diga-se de passagem, por meio da menção explícita aos princípios de contextualização, imanência e adequação. Abaixo, seguem os gráficos, nos quais aparecem informações sobre os autores mais citados por Silva.

Gráfico 26: Referência a autores precursores da HL em artigos – UNINOVE/SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 27: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – UNINOVE/SP

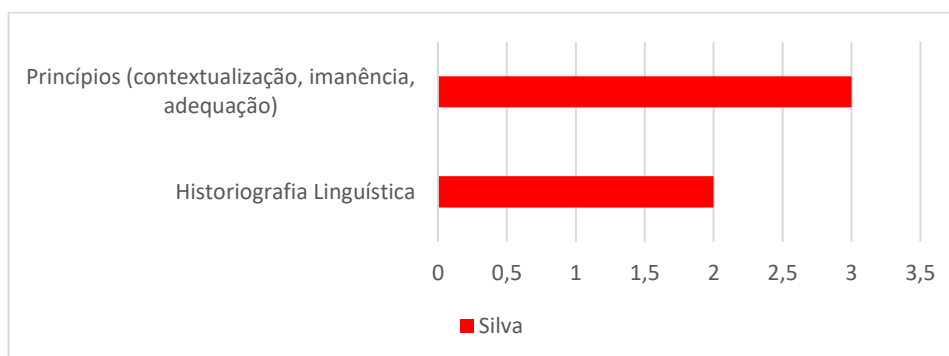


Fonte: Elaborado pela autora

Nos artigos, o autor mais citado é Koerner. Nos capítulos de livros, prevalece a referência aos trabalhos de Altman. Intentando obter uma visão mais geral, observou-se que há um certo equilíbrio na quantidade de vezes que Altman, Koerner e Swiggers são citados nos textos. Vale ressaltar que em apenas 1 dos capítulos analisados os três autores aparecem ao mesmo tempo nas referências. A prática, nessa produção em específico, é que um autor figure como referência em cada capítulo, de modo a fundamentar as escolhas teóricas e metodológicas do pesquisador.

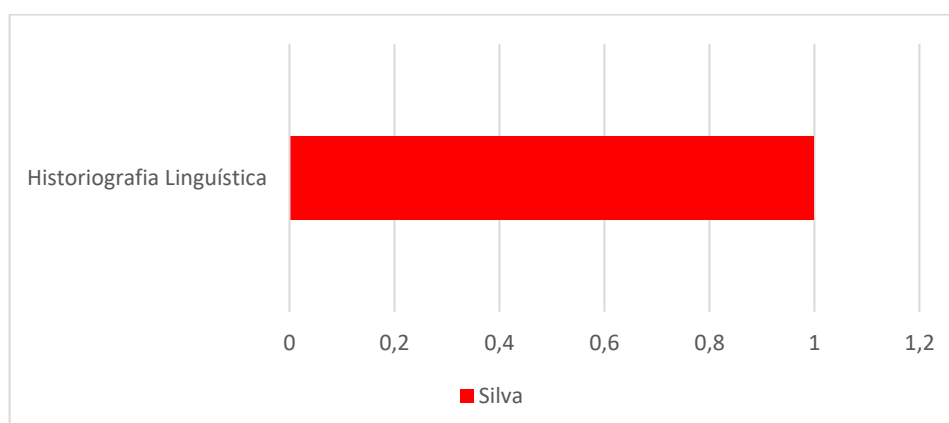
Quanto às definições ou explicações sobre as categorias eleitas ou utilizadas nas análises dos materiais, Silva, quando apresenta alguma explicação, o faz para elucidar o que se entende por HL ou, ainda, sobre os princípios gerais propostos pro Koerner, como é possível verificar nos gráficos que seguem:

Gráfico 28: Definições/explicações da área da HL em artigos – UNINOVE/SP



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 29: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros – UNINOVE/SP



Fonte: Elaborado pela autora

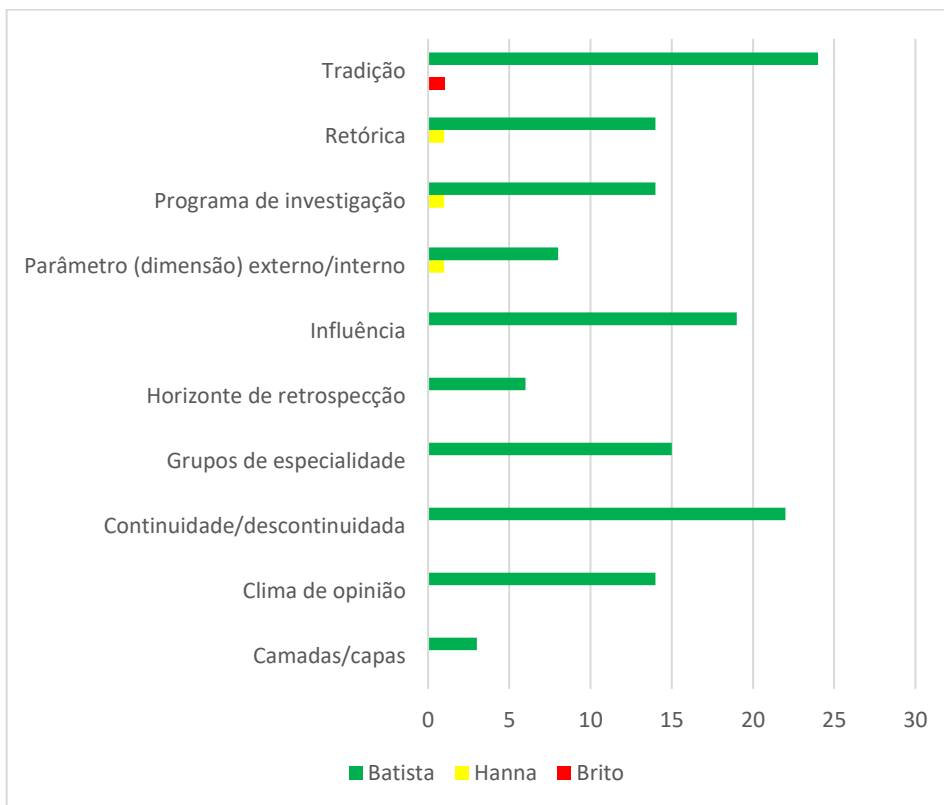
A análise da produção da UNINOVE/SP possibilitou que se observasse que o autor analisado, embora tenha um estilo próprio no modo como desenvolve pesquisas na área da HL, aproxima-se metodologicamente do grupo formado pelos pesquisadores da PUC-SP, inclusive por ter publicações em parceria com pesquisadores vinculados à instituição na série de publicações “História Entrelaçada”, especificamente nos volumes 2 e 3.

Silva não aparece como líder de nenhum grupo, bem como não consta nenhuma linha de pesquisa na área da HL na UNINOVE/SP. Conforme informações do *Lattes*, é líder de grupos que pesquisam em outras áreas, a saber: “Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural”, sediado no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, certificado pelo CNPq (2005-2006), e do “Grupo de Pesquisa Linguística e Literatura: Teorias e Práticas Discursivas”, sediado na Universidade Nove de Julho, certificado pelo CNPq (2005-2010).

4.1.7 Produção em HL do Mackenzie

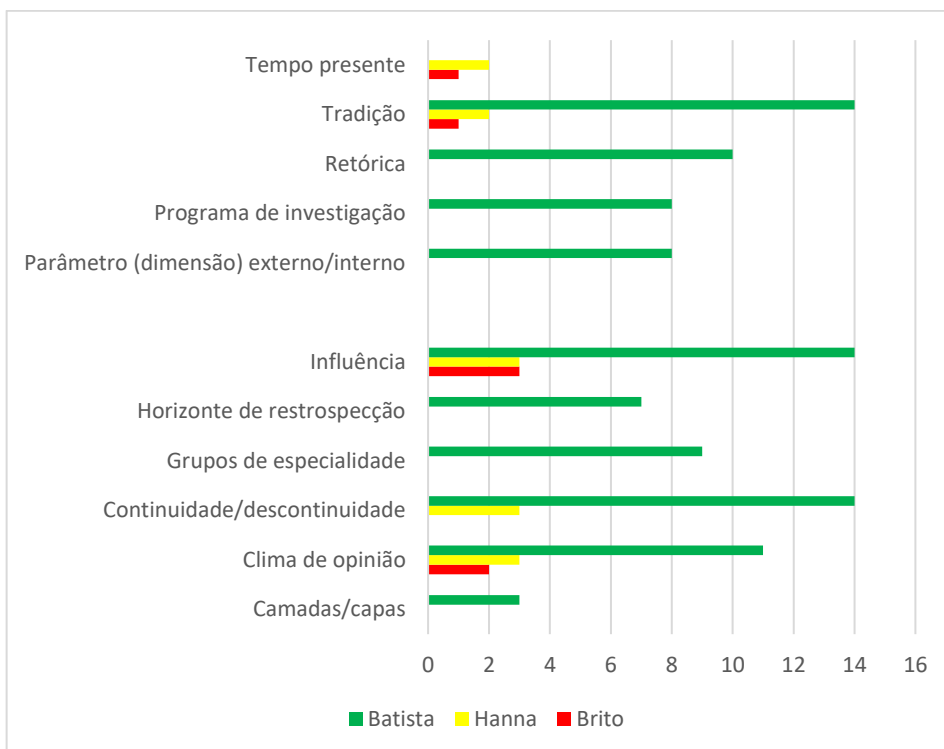
Nos gráficos a seguir, serão apresentadas as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadores vinculados ao Mackenzie. Foram avaliados, no total, 27 artigos e 39 capítulos de livros. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores do Mackenzie podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 30: Categorias mais usadas em artigos - Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 31: Categorias mais usadas em capítulos de livros – Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

Observou-se, a partir dos dados dos gráficos, uma diferença significativa entre a quantidade de materiais produzidos pelos pesquisadores analisados. No caso de Batista, por exemplo, dos 27 artigos que compõem o total de materiais produzidos por pesquisadores do Mackenzie, 25 foram publicados por ele, fator que deve ser levado em consideração nesta análise.

No caso da produção analisada individualmente, Brito utiliza a categoria de “tradição” para investigar diversidades linguísticas em países lusófonos, temática abordada por ela no artigo que publicou na área da HL. Nos capítulos de livros, encontra-se uma maior diversidade de categorias, predominando “influência”, “clima de opinião”, “tradição” e “tempo presente”. É preciso, pois, considerar que, nesse caso, foram 9 capítulos de livros analisados. Além disso, vale ressaltar que a maioria dos textos faz parte da série de livros organizados por pesquisadores da PUC-SP, “História Entrelaçada”, os quais, em geral, investigam autores e suas respectivas obras.

Em Hanna, são utilizadas categorias como “parâmetro (dimensão) externo/interno”, “programas de investigação” e “retórica”, nos artigos. Nos capítulos de livros, a maioria compõe a série de livros “História Entrelaçada”, predominam categorias como “influência”, “clima de opinião” e “continuidade/descontinuidade”, servindo de objeto de investigação, em geral, autores e suas respectivas obras.

Batista é o pesquisador que concentra a maior quantidade de produção na área da HL no Mackenzie. O pesquisador diversifica, em seus textos, as categorias que auxiliam nas análises dos materiais, no entanto, as mais usadas são “tradição”, “influência” e “continuidade/descontinuidade”. Os textos contam com uma diversidade de temáticas abordadas, dentre as quais: o estudo de gramáticas missionárias, polêmicas linguísticas, autores e suas obras, materiais didáticos, áreas de pesquisa e categorias de análise.

A análise dos objetos investigados permitiu verificar que a escolha por determinadas categorias pode estar alinhada aos objetos que servem de investigação a cada pesquisador. Em Brito e Hanna, por exemplo, prevalece a pesquisa por autores e suas obras, o que parece favorecer o uso de categorias como “tradição” e “influência”. Batista, por diversificar as temáticas e objetos investigados, acaba por mobilizar uma maior quantidade de categorias.

Para um melhor entendimento do percurso dos pesquisadores pela área da HL, cabe apresentar, mesmo que brevemente, algumas informações contextuais sobre a formação e atuação na área.

Brito fez a graduação, o mestrado e o doutorado na USP, contudo nenhuma dessas etapas de formação acadêmica foi na área de HL. O mestrado, desenvolvido no período de 1988 a 1993, foi na área da Sociolinguística e Dialetologia, sob orientação de Erasmo d’Almeida Magalhães. O doutorado, cursado no período de 1993 a 1998, na área da Linguística Aplicada, foi orientado por Antonio Suárez Abreu. A pesquisadora integra o grupo de pesquisa “Historiografia da Língua Portuguesa”, coordenado por Bastos, desde 1996. Desenvolve pesquisas na área, cujo foco é promover uma investigação historiográfica sobre os Estudos Lusófonos. Como já mencionado anteriormente, a maior parte de sua produção integra a série de livros “História Entrelaçada”, organizada por Bastos.

Hanna fez graduação e mestrado no Mackenzie. No mestrado, desenvolveu uma pesquisa sobre o ensino de línguas estrangeiras. De 2003 a 2006, fez doutorado na PUC-SP, sob orientação de Bastos, na área de HL, cujo objetivo era investigar a influência da língua e da cultura inglesa na língua e cultura nacional por meio da análise da produção de João do Rio. Na área da HL, desenvolve projetos de pesquisa seguindo a mesma linha “Interculturalismo no ensino de língua materna e estrangeira” (LATTES, p. 6)¹⁶⁹.

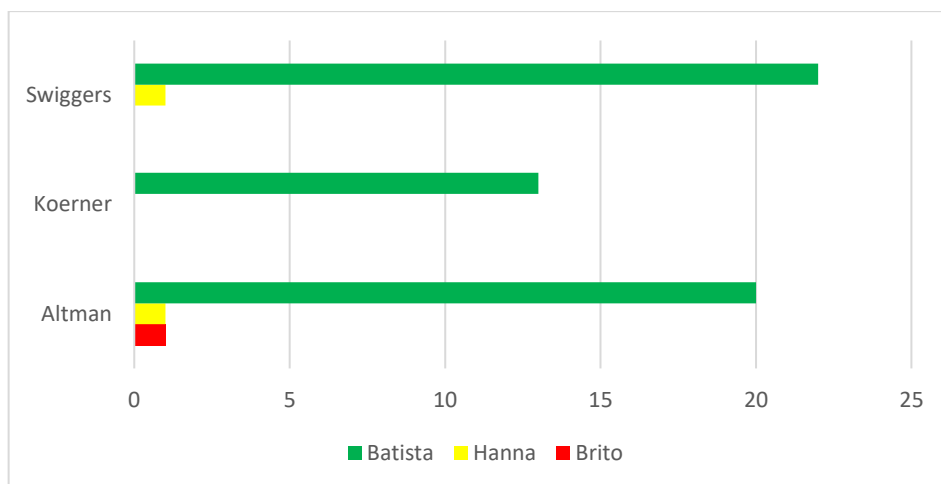
Batista fez graduação, mestrado e doutorado na USP. No mestrado, de 1999 a 2001, e doutorado, de 2002 a 2007, foi orientado por Altman, desenvolvendo as duas pesquisas na área da HL. Em 2016, fez pós-doutorado na Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica, com supervisão de Pierre Swiggers. Integrou, como pesquisador do CEDOCH-DL/USP, projetos de pesquisa coordenados por Altman. No Mackenzie, fez parte de projetos de pesquisa coordenados por Bastos e, no ano de 2008, começou a coordenar projetos de pesquisa na área da HL, que incluíam pesquisas sobre produções lusófonas linguístico-gramaticais novecentistas e propostas para o ensino na educação básica. No *Lattes* do pesquisador, também constam informações sobre projetos de pesquisa na área dos Estudos Discursivos e Textuais. Vale destacar, ainda, que, na produção de Batista, especificamente de capítulos de livros, uma quantidade considerável de materiais compõe livros produzidos e organizados por professores da PUC-SP, incluindo a série de livros “História Entrelaçada”, organizada por Bastos e Palma.

De posse dessas informações, observou-se que os três pesquisadores do Mackenzie mantêm relações com pesquisadores da PUC-SP. Brito, Hanna e Batista fizeram/fazem parte de grupos de pesquisas liderados por Bastos e desenvolveram/desenvolvem pesquisas cujas temáticas de investigação se aproximam dos interesses de investigação da pesquisadora.

¹⁶⁹ Essa informação consta no *Lattes* de Vera Lucia Harabagi Hanna. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/7378861073762519>. Acesso em: 3 jan. 2021.

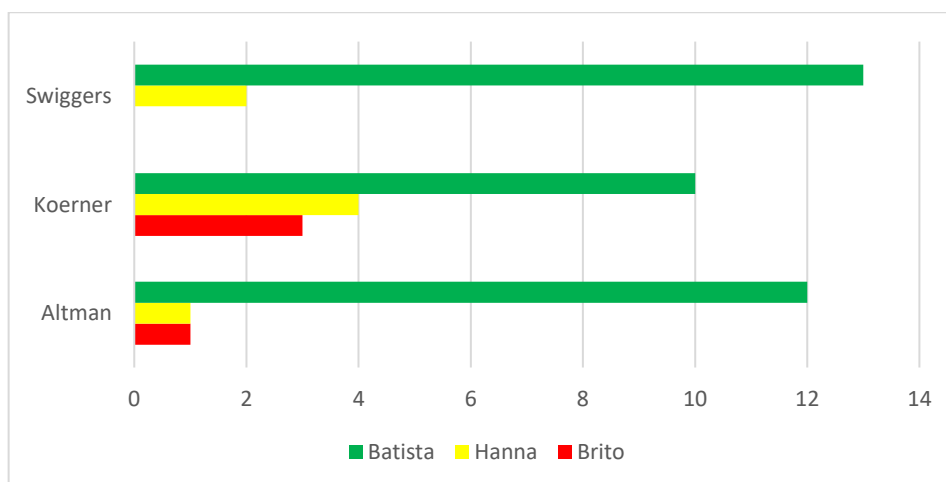
Os dados relacionados aos autores precursores da HL mais citados na produção do Mackenzie podem ser visualizados nos gráficos abaixo:

Gráfico 32: Referência a autores precursores da HL em artigos - Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 33: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - Mackenzie

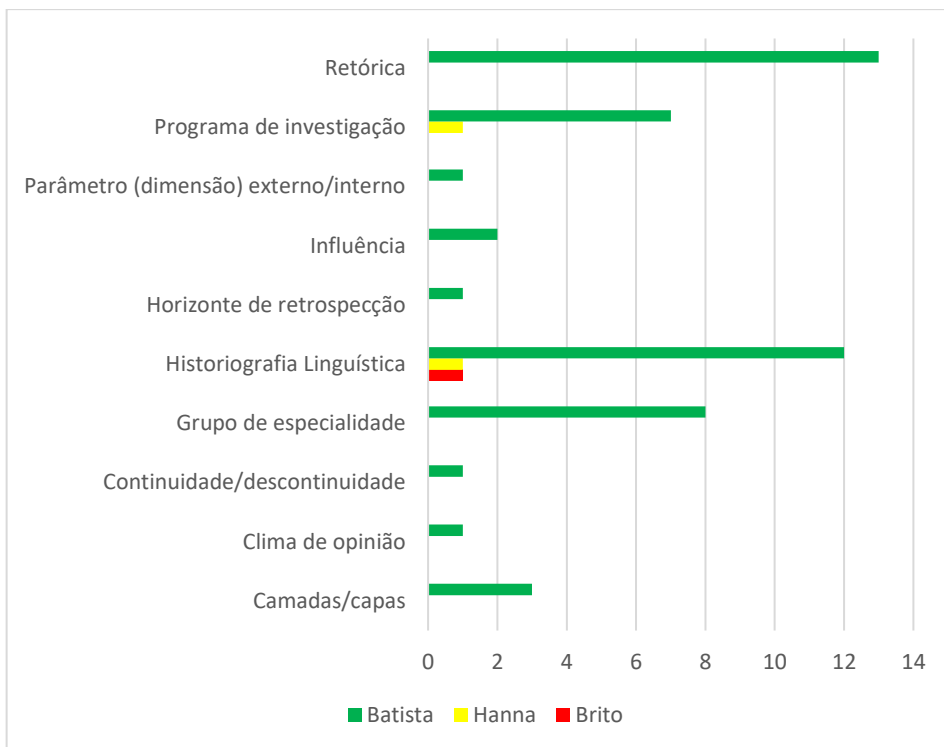


Fonte: Elaborado pela autora

Swiggers e Altman são os autores mais citados por Batista, em artigos e capítulos de livros. O fato de ter sido orientando de Altman e de Swiggers parece favorecer certas escolhas temáticas, teóricas e metodológicas e, conseqüentemente, a referência a esses trabalhos. Hanna e Brito, nos artigos, trazem como referências os trabalhos de Altman e de Swiggers, no entanto, nos capítulos de livros predominam as referências a Koerner, tal como ocorre nos dados da PUC-SP.

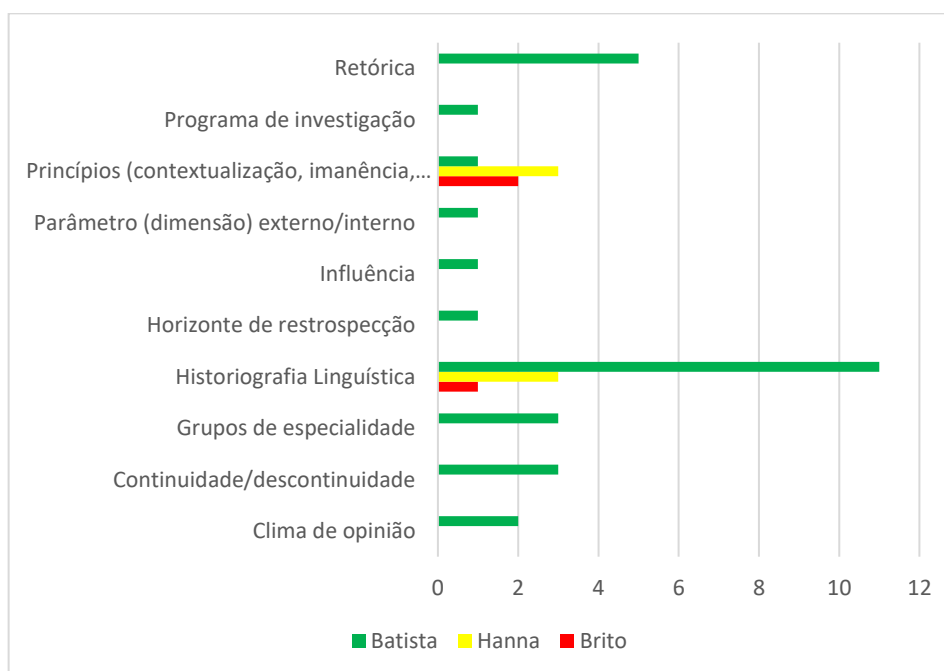
Outro ponto observado na produção do Mackenzie foi com relação às definições e/ou explicações mais frequentes nos textos. Para isso, veja-se os gráficos a seguir:

Gráfico 34: Definições/explicações da área da HL em artigos - Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 35: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados dos gráficos, Brito e Hanna, nos seus textos, não costumam apresentar definições ou explicações sobre termos ou categorias, ocorrendo, pontualmente, explicações sobre a HL ou sobre os princípios propostos por Koerner. Batista, diferentemente das outras duas pesquisadoras, recorrentemente apresenta explicações sobre os termos e as categorias usadas nos seus textos, prevalecendo explicações sobre a HL, principalmente em capítulos de livros, e sobre a categoria “retórica”, mais frequência em artigos.

A análise da produção do Mackenzie permitiu observar que, apesar do estilo e das escolhas de cada autor, há uma ligação ou relação dialógica que se aproxima do modo de proceder com a historiografia que é proposto por pesquisadores da PUC-SP. Em contrapartida, Batista se destaca como um pesquisador que inova em suas proposições, como é possível observar tanto em sua produção de artigos e capítulos de livros quanto no seu projeto de pesquisa mais recente, cujo título é “Ideias linguísticas e a retórica dos linguistas: *a proposição de um quadro sócio-retórico* de análise e uma interpretação histórica de debates científicos na linguística brasileira” (LATTES, p. 9, grifos nossos).

Uma análise comparativa entre o *Lattes* dos pesquisadores comprova que Batista possui vínculo institucional como professor no Mackenzie desde 2003, Brito desde 2008 e Hanna desde 2009. Hanna e Batista não lideram grupos de pesquisas na área da HL no Mackenzie, apesar de, desde 2008, Batista ministrar a disciplina “Historiografia Linguística”, na graduação, e, desde 2013, orientar pesquisas por meio de projetos na pós-graduação na referida instituição. Brito, por sua vez, é líder do grupo “Cultura e identidade linguística na lusofonia – CILL”¹⁷⁰, o qual, apesar de não trazer o termo HL no título, segundo informações cadastradas no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Plataforma *Lattes*, desenvolve pesquisas numa perspectiva historiográfico-discursiva. No *site* da universidade, consta, ainda, que Bastos atua na instituição desenvolvendo o projeto “Língua portuguesa: estudos da linguagem numa abordagem historiográfica”, na pós-graduação. Bastos, conforme informações do *Lattes*, é professora no Mackenzie desde 1978 até os dias atuais e, provavelmente, seu nome aparece como uma das responsáveis pelos primeiros estudos na área da HL na instituição.

Diante das informações, pode-se constatar que a Universidade Presbiteriana Mackenzie possui três pesquisadores adjuntos ou associados da instituição na área da HL, além de Bastos, professora titular. Os pesquisadores analisados, apesar de fazerem parte da mesma instituição,

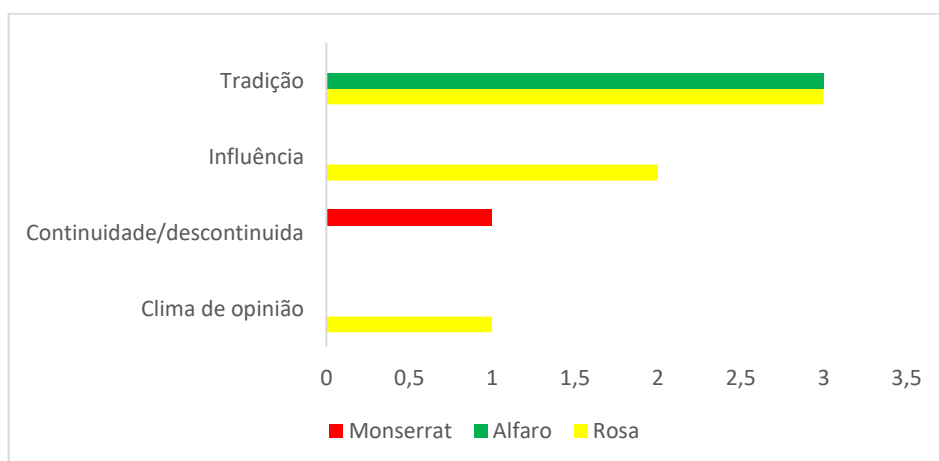
¹⁷⁰ Na descrição do grupo, cadastrado em 2003, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos aparece como a vice-líder. Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/689019121830308>. Acesso em: 04 ago. 2022.

de serem membros de grupos em comum e de terem textos publicados nas obras organizadas pelos professores da PUC-SP, mantêm interesses de pesquisas distintos uns dos outros. O Mackenzie, por todos os dados levantados, é uma instituição em que a HL é uma disciplina institucionalizada.

4.1.8 Produção em HL da UFRJ

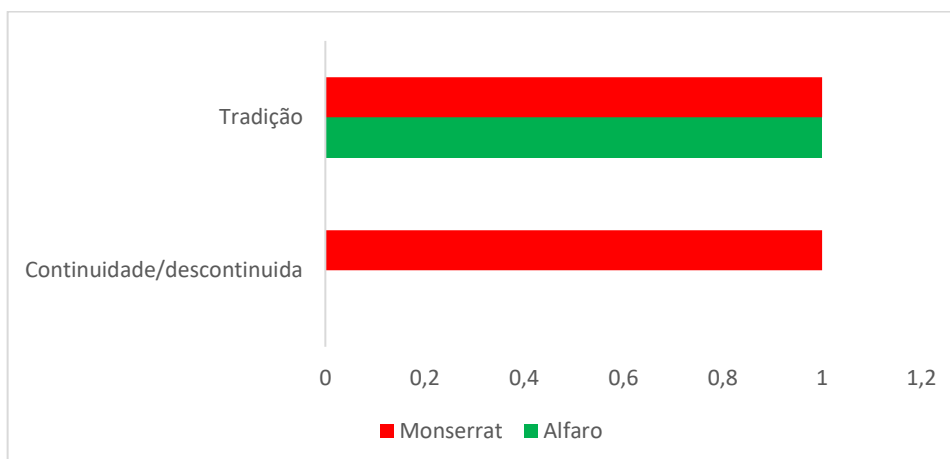
Nos gráficos a seguir, serão apresentadas as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadores vinculados à UFRJ. Foram avaliados, no total, 6 artigos e 2 capítulos de livros. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores da UFRJ podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 36: Categorias mais usadas em artigos - UFRJ



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 37: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UFRJ



Fonte: Elaborado pela autora

A partir das informações presentes nos dois gráficos, pode-se observar que as pesquisadoras não costumam diversificar quanto ao uso de categorias em suas produções, sendo “tradição” uma categoria presente na produção das três pesquisadoras, em artigos e em capítulos de livros. Se avaliadas individualmente, Rosa se vale das categorias de “clima de opinião”, “influência” e “tradição” nos artigos. Para os capítulos de livros, não foi possível verificar a informação, tendo em vista que o capítulo produzido por ela, na área da HL, não foi localizado. Alfaro, por sua vez, tanto em artigos quanto em capítulos de livros, utiliza, em suas pesquisas, a categoria de “tradição”. Monserrat, no artigo publicado, utiliza a categoria “continuidade/descontinuidade” e, no capítulo, as categorias “continuidade/descontinuidade” e “tradição”.

Chama a atenção, no caso da produção em HL das pesquisadoras da UFRJ, o período que circunda os objetos investigados, todos eles envolvendo gramáticas, textos, autores do período missionário, colonial, ou dos séculos XIX e XX, o que de certa forma favorece a escolha por categorias como “clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade”, “influência” e “tradição”. Em Rosa, os objetos investigados são autores ou gramáticas do período missionário. Em Alfaro, predomina a investigação de documentos, de dicionários, de textos do período colonial ou de autores dos séculos XIX e XX. Em Monserrat, prevalece o interesse pela investigação de textos missionários em língua indígena. Um ponto comum entre os objetos listados é a possibilidade de se observar uma “tradição de estudos” ou de pesquisas que se desenvolveram ao longo do tempo, sendo possível, ainda, observar, considerando essa “tradição”, o “clima intelectual” do período, certas “influências” e os movimentos de “continuidade/descontinuidade” com relação à produção dessas obras.

Nesse sentido, vale recuperar algumas informações contextuais sobre as pesquisadoras no intuito de compreender sua produção como um todo, buscando entender como se deram algumas de suas escolhas, incluindo temáticas de pesquisa ou objetos investigados. Segue, pois, um breve retrospecto a respeito da incursão de Rosa na HL.

Rosa fez graduação, mestrado e doutorado na UFRJ. De acordo com as informações retiradas do *Lattes* da pesquisadora, nenhuma das etapas de formação acadêmica (especialização, mestrado e doutorado) foi na área de HL¹⁷¹. O mestrado, na área da Morfologia, foi desenvolvido no período de 1978 a 1983, sob orientação de Margarida Maria de Paula

¹⁷¹ No *Lattes* da pesquisadora, na seção “Formação acadêmica/titulação”, especificamente nos dados sobre o doutorado, consta a seguinte informação relacionada à tese “Subárea: Historiografia Linguística”, no entanto, foi feita uma pesquisa na referida tese e nela não consta nenhuma referência à HL. A vinculação da pesquisa é com a Linguística Histórica. Diante disso, o dado não foi considerado nesta pesquisa. Para ter acesso à tese, buscar o *site* da UFRJ. Fonte: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4607>. Acesso em: 19 jun. de 2022.

Basílio. O doutorado, cursado de 1986 a 1994, foi desenvolvido na área da Linguística Histórica, orientado por Anthony Julius Naro e coorientado por Maria Cecília de Magalhães Mollica. O interesse inicial da pesquisadora pela área da HL, de acordo com as informações registradas no currículo *Lattes*, data de 1995, momento em que, além de iniciar vínculo com o GT de Historiografia da Linguística da ANPOLL, do qual anos depois foi coordenadora, começa a orientar na área da HL, como é possível ver no texto do *Lattes* informado pela própria autora: “Atua desde 1995 no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, com pesquisa nas áreas de Historiografia da Linguística, Morfologia e Leitura” (LATTES, p. 1)¹⁷². Em 1996, participou de uma palestra com o Prof. Konrad Koerner, na Universidade de Ottawa, intitulada "História da Linguística", desde então, o *Lattes* registra participações em vários eventos na área, bem como a participação como avaliadora em bancas de trabalhos de mestrado e doutorado, principalmente de trabalhos orientados por Altman.

Seu interesse pela área oportunizou, em 2018, a criação do “Laboratório de Historiografia Linguística da UFRJ (LabHisLing-UFRJ)”, sediado na Faculdade de Letras, o qual conta, como membros, com professores da própria instituição, a exemplo de Ruth Maria Fonini Monserrat e Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagório. Fazem parte do grupo, como membros associados, professores de outras instituições brasileiras como, Maria Candida Drumond Mendes Barros (UFPA), Cristina Altman (USP), Olga Ferreira Coelho Sansone (USP), Jorge Prata de Sousa (UNIVERSO), José Borges Neto (UFPR), José Ribamar Bessa Freire (UNI-RIO), Ricardo Cavaliere (UFF) e Ronaldo de Oliveira Batista (Mackenzie), além de professores de instituições estrangeiras, como Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora, UNEV, Portugal), Carlos Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Portugal), Gonçalo Fernandes (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Portugal), Paulo Osório (Universidade da Beira Interior - UBI, Portugal), Otto Zwartjes (Université Paris-Diderot – Paris VII, França), Roland Schmidt-Riese (Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt – KU, Alemanha) e Toru Maruyama (Nanzan University, Japão).

O LabHisLing-UFRJ, de acordo com o *site*¹⁷³, mantém como interesse o estudo da gramaticografia portuguesa e brasileira, com especial atenção à linguística missionária dos séculos XVII, XVIII e XIX. Essas informações reforçam o interesse da pesquisadora no que diz respeito a sua produção e, também, o interesse relacionado às orientações de pesquisas, as quais se voltam para materiais produzidos em séculos específicos.

¹⁷² Para mais informações, acessar endereço <http://lattes.cnpq.br/9144953844472433>.

¹⁷³ Ver mais informações no *site* <https://labhislingufrj.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

Outra informação importante é que Rosa também pesquisa nas áreas da Morfologia, área de interesse no mestrado e no doutorado, da Leitura e dos Estudos Clássicos. No caso dos Estudos Clássicos, Rosa é sócia-fundadora da “Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos-SBEC”, com a qual mantém vínculo desde de 1986.

Alfaro, conforme informações do *Lattes*, fez duas graduações e um doutorado¹⁷⁴ na Pontifícia Universidade Católica, PUC, do Peru. A primeira graduação, em Educação, foi realizada entre os anos de 1960 e 1964, e segunda, em Humanidades, no período de 1964 a 1968. No doutorado, cursado no período de 1968 a 1972, desenvolveu uma tese na área de Política linguística e Educação bilingue. O interesse pela HL inicialmente se dá nos anos 2000, quando ocupa o cargo de vice-coordenadora do GT de Historiografia da Linguística Brasileira. A partir disso, publicou artigos, capítulos de livros e livro na área, bem como participou de eventos e de bancas de trabalhos de mestrado e doutorado orientados por Altman. No *Lattes*, não constam informações sobre orientações na área da HL, prevalecendo orientações nas áreas de políticas linguísticas, formação de professores e ensino de língua estrangeira.

No *site* do LabHisLing-UFRJ, a pesquisadora aparece como membro do grupo que compõe os professores que formam o Laboratório. Levando-se em conta a primeira referência ao Laboratório, mormente o interesse pelos estudos da linguística missionária dos séculos XVII, XVIII e XIX, pode-se afirmar que o interesse da pesquisadora pela investigação de documentos, de dicionários, de textos do período colonial ou de autores dos séculos XIX e XX está alinhado às pesquisas desenvolvidas pelo grupo.

Monserrat, por sua vez, também compõe, juntamente com Rosa e Alfaro, o grupo de professoras que lideram o LabHisLing-UFRJ. No *Lattes* da pesquisadora, aparece a informação de que a sua graduação foi na área da Filosofia, cursada no período de 1958 a 1961, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. O mestrado foi na área da Linguística, especialidade de Descrição Linguística, na Patrice Lumumba People's Friendship University, Rússia, no período de 1964 a 1967, no qual desenvolveu uma pesquisa sobre línguas indígenas. No doutorado, cumprido na UFRJ, também na área da Linguística, na especialidade de Descrição Linguística, desenvolveu uma pesquisa sobre línguas indígenas, especificamente sobre a língua Minky. No currículo, não aparecem informações sobre projetos, disciplinas, eventos, orientações etc. na área da HL, constando tão somente um artigo e um capítulo de livro

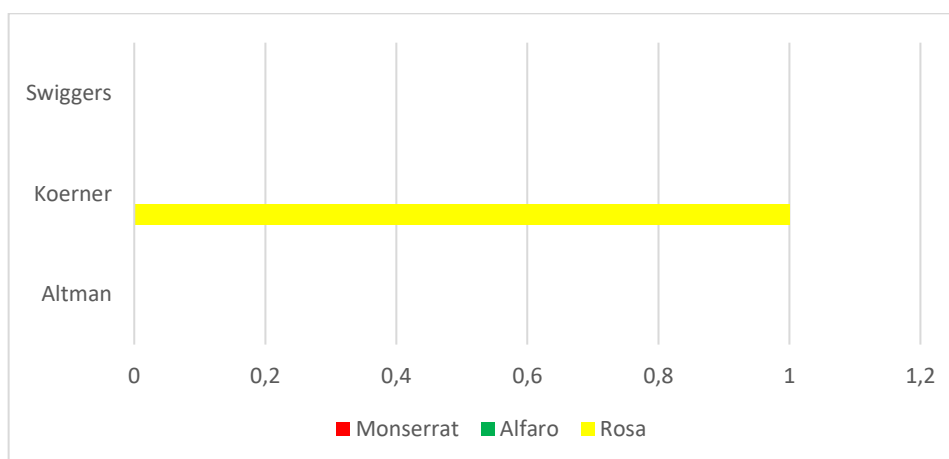
¹⁷⁴ Não consta nenhuma referência ao mestrado. Para mais informações, ver: <http://lattes.cnpq.br/1278128179315100>.

em que a HL é retomada. A temática indígena aparece como interesse de investigação da pesquisadora desde o mestrado.

A partir dessas informações, vê-se que as três pesquisadoras da UFRJ formam um *cluster* (cf. MURRAY, 1994); e, apesar dos interesses de pesquisa inerentes a cada uma, o grupo conserva traços que as aproximam, a saber: as pesquisadoras não se autodeclararam historiógrafas, não têm uma quantidade significativa de produção na área da HL, nutrem certa relação com as pesquisas desenvolvidas na USP, especialmente pelas pesquisas orientadas por Altman, compõem o mesmo grupo no qual lideram um Laboratório sobre estudos em HL na UFRJ e desenvolvem pesquisas cujas temáticas ou objetos investigados se aproximam uma dos interesses das outras.

Os dados relacionados aos autores precursores da HL mais citados na produção da UFRJ podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 38: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFRJ



Fonte: Elaborado pela autora

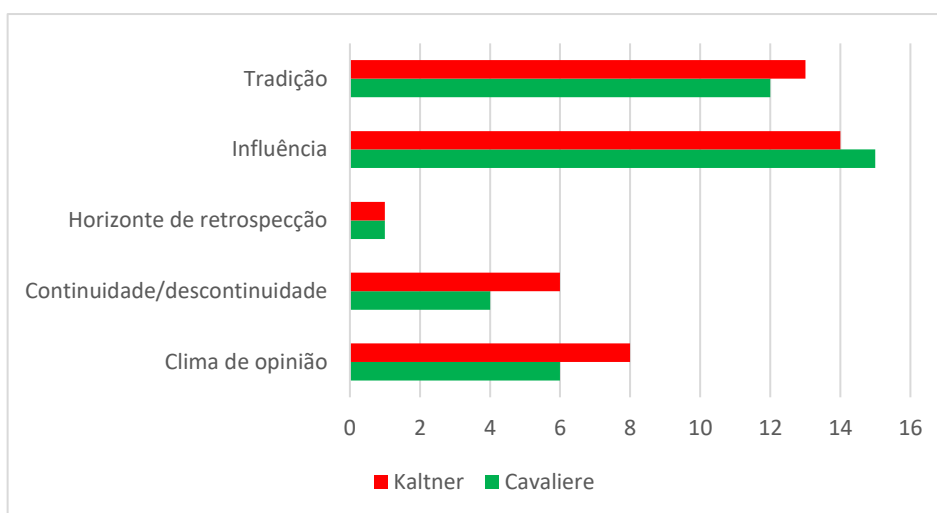
O gráfico mostra que o único autor citado por uma das pesquisadoras, Rosa, é Koerner, em um dos artigos analisados. Não é, portanto, uma prática na HL produzida pelas pesquisadoras da UFRJ citar autores precursores da área, nem, tampouco, apresentar qualquer tipo de explicação ou definição sobre a área ou sobre alguma categoria analítica utilizada.

Rosa, Alfaro e Monserrat foram as responsáveis pela institucionalização da HL na UFRJ, por terem criado um grupo da área na instituição, por terem orientado e desenvolvido pesquisas no campo da HL etc. Além disso, seguindo as ideias de Murray (1994), são líderes intelectuais e organizacionais do grupo do qual fazem parte e pelo qual divulgam ideias e pesquisas.

4.1.9 Produção em HL da UFF-RJ

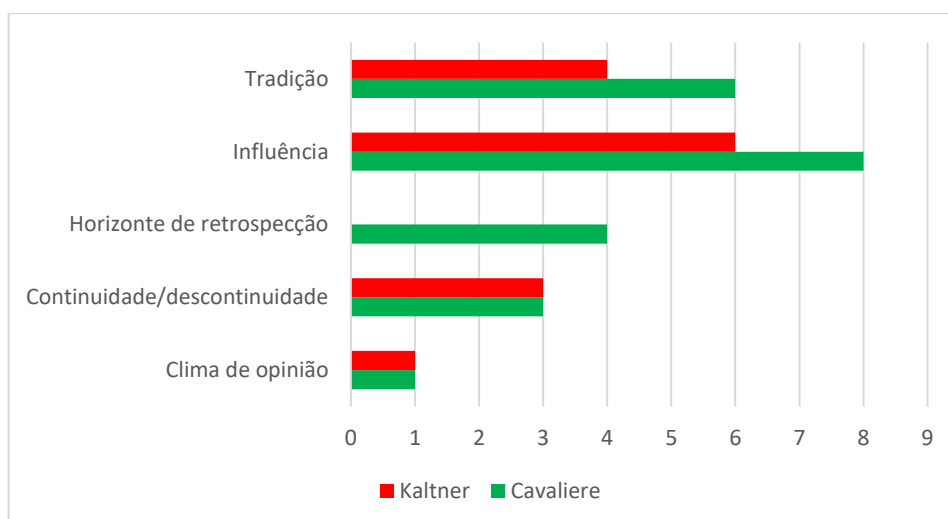
Seguem, nos gráficos, informações sobre as categorias de análise mais recorrentes na produção de artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadores vinculados à UFF. No total, foram avaliados 35 artigos e 15 capítulos de livros. As categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores da UFF podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 39: Categorias mais usadas em artigos – UFF



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 40: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UFF



Fonte: Elaborado pela autora

Os gráficos 39 e 40 explicitam as categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores da UFF. Nos dois casos, coincidentemente os dois pesquisadores utilizam

basicamente as mesmas categorias analíticas em artigos e em capítulos de livros, quais sejam: “clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade”, “horizonte de retrospectão”, “influência” e “tradição”, sendo as categorias que aparecem com maior frequência “influência” e “tradição”, tanto nos artigos quanto nos capítulos de livros. As categorias que aparecem com menor frequência são “horizonte de retrospectão” em artigos e “horizonte de retrospectão” e “clima de opinião” em capítulos de livros.

A análise dos materiais permitiu verificar que a escolha por determinadas categorias está relacionada às temáticas ou a objetos investigados pelos pesquisadores. Em Cavaliere e em Kaltner, prevalece o interesse pelo estudo de gramáticas, gramáticos (na maioria brasileiros), ou autores que contribuíram para debates sobre questões importantes para a gramaticografia brasileira ou aspectos da língua portuguesa. Os séculos XIX e XX apresentam-se como os períodos mais estudado por Cavaliere e o século XVI como o período de predileção dos estudos de Kaltner. Nesse sentido, investigar as “influências” exercidas entre autores e obras e observar que esses trabalhos se constituem, muitas vezes, como uma “tradição de estudos” ou de pesquisas que se desenvolveram ao longo do tempo favorece, inclusive, que se observe movimentos de “continuidade/descontinuidade” desses objetos investigados quando inseridos em uma “tradição” ou, ainda, que esses materiais sejam avaliados a partir de uma perspectiva retrospectiva.

Há que se mencionar que, apesar de pertencerem à mesma universidade, os dois pesquisadores lideram grupos distintos. Destaca-se, ainda, de acordo com informações do *Lattes*, que Cavaliere participa como membro avaliador das bancas de mestrado e de doutorado orientadas por Kaltner e vice-versa, na maioria de trabalhos ligados à HL.

Buscando compreender o percurso pela HL dos pesquisadores analisados, no que diz respeito às escolhas teóricas, às temáticas de predileção, às influências sofridas e exercidas etc., fez-se imperativo investigar aspectos contextuais que envolvem Cavaliere e Kaltner com a finalidade de compor, por meio dessas informações, um perfil pessoal/profissional que tenha favorecido as escolhas de ambos.

No *Lattes* de Cavaliere, verificou-se que sua graduação em Letras foi na UFRJ, no período de 1971 a 1975. Seu mestrado, realizado no período de 1987 a 1990, e seu doutorado, realizado de 1992 a 1997, foram cumpridos também na UFRJ, ambos orientados por José Carlos de Azeredo¹⁷⁵. No currículo do pesquisador, nas informações sobre o doutorado, consta um

¹⁷⁵ José Carlos de Azeredo é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Gramática da Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, argumentação, análise do discurso, língua literária e ensino de português. Informações retiradas

dado sobre uma das áreas de especialidade da pesquisa, no caso, “Historiografia dos Estudos Gramaticais”, informação que vincula sua pesquisa à historiografia, podendo ter sido, provavelmente, os momentos iniciais de contato com a HL ou pelo menos o momento em que são registradas as primeiras informações vinculadas à área. Os próximos registros sobre HL no *Lattes* do pesquisador datam de 1998, o primeiro com a participação no “II Encontro Setorial do GT de Historiografia da Linguística Brasileira. Arquivos e projetos coletivos: Projeto Primeira Pessoa do Singular” e o segundo com a orientação de pesquisa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na linha “Historiografia dos estudos gramaticais”.

Cavaliere foi coordenador do GT de Historiografia da Linguística da ANPOLL, de 2012 a 2014 e de 2014 a 2016. É o líder do Grupo de Pesquisa “Historiografia da Linguística no Brasil”, cadastrado no CNPq, o qual foi registrado no ano de 2004¹⁷⁶. Em 2005, cumpriu estágio de pós-doutorado em História da Gramática no Brasil, na UERJ, sob supervisão de Evanildo Bechara. A análise total dos seus trabalhos na área da HL evidencia que o interesse pelo estudo de gramáticas ou aspectos gramaticais acompanham o pesquisador desde sua formação inicial e permanecem na sua área de atuação como professor. Chama atenção, ainda, o fato de o orientador e o supervisor de suas pesquisas (José Carlos de Azeredo e Evanildo Bechara) serem gramáticos reconhecidos no contexto acadêmico, os quais certamente contribuíram ou reforçaram o interesse e a manutenção pelos estudos de gramáticas. Ainda sobre este ponto, o próprio Cavaliere (2018), em texto que homenageia os 90 anos de Bechara, confirma a relação pessoal e profissional que mantém com seu supervisor de pós-doutorado quando afirma: “[...] trabalhamos juntos há cerca de 26 anos na área da pesquisa e do ensino da língua portuguesa e nutrimos uma amizade que nos une fraternalmente em plano bem mais amplo do meramente profissional” (CAVALIERE, 2018, p. 7); e continua afirmando que há um “relacionamento afetivo que nos une” (*op. cit.*, p. 8).

No grupo cadastrado no CNPq, no qual Cavaliere aparece como líder, na seção “Recursos humanos”, aparece o nome de alguns pesquisadores vinculados à área da HL, com os quais o referido autor mantém uma relação mais próxima, a saber: Edila Vianna da Silva (UFRJ), Evanildo Cavalcante Bechara (UERJ), Leonardo Ferreira Kaltner (UFF), Maria Candida Drumond Mendes Barros (UFPA), Maria Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora), Maria Mercedes Saraiva Hackerott (PUC-SP), Marli Quadros Leite

do *Lattes* do pesquisador. Dentre outras obras, é autor da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. No currículo, não consta nenhuma referência à HL. Para mais informações, ver <http://lattes.cnpq.br/6832862656902243>. Acesso em: 10 jul. 2022.

¹⁷⁶ Para mais informações sobre o grupo liderado por Cavaliere, ver <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/14240>. Acesso em: 8 jul. 2022.

(USP), Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos (PUC-SP), Regina Helena Pires de Brito (UPM-SP) e Ronaldo de Oliveira Batista (UPM-SP). Dentre os pesquisadores listados, destacam-se os nomes de Bechara, como componente de um grupo na área da HL, e Kaltner, como membro do grupo liderado por Cavaliere. No caso de Bechara, no *Lattes* do pesquisador¹⁷⁷, não há nenhuma menção à HL, entretanto, há que se levar em conta o fato de que o currículo *Lattes* de Bechara foi atualizado pela última vez no ano de 2004, ano de cadastro do grupo de Cavaleire no CNPq.

Kaltner, por sua vez, não desenvolveu trabalhos na área da HL nas etapas de formação acadêmica (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado). A graduação, cursada na UERJ, no período de 2001 a 2005, foi na área de Português-Latim. No mestrado, desenvolveu uma dissertação na área dos Estudos Culturais e Línguas Clássicas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, sob orientação de Carlos Antônio Kalil Tannus, durante o período de 2006 a 2007. O doutorado, também na área de Estudos Culturais e Línguas Clássicas, na UFRJ, foi orientado por Edison Lourenço Molinari, no período de 2007 a 2009.

Seu interesse inicial pela área da HL, conforme informações do currículo, datam do ano 2013, ano em que ministra as disciplinas “Historiografia da Linguística (Introdução à Gramaticografia e à Linguística Missionária)” e “Historiografia da Linguística (O Humanismo renascentista)”, no programa de pós-graduação da UFF. Desde 2014, é líder do grupo “Filologia, Línguas Clássicas e Línguas formadoras da cultura nacional – FILIC/UFF”, que tem como principal objetivo desenvolver projetos na área de Filologia (Crítica Textual e Tradução), Historiografia da Linguística, Linguística Missionária e Gramaticografia¹⁷⁸. Ademais, o pesquisador também é coordenador da Comissão Científica e Estratégica de Historiografia Linguística (HL) da Abralin, desde 2020, e membro do GT da ANPOLL de Historiografia da Linguística Brasileira, desde 2019.

Na área da HL, a maioria dos trabalhos de Kaltner contempla o estudo de gramáticas e autores do século XVI, especialmente as obras de José de Anchieta, autor estudado no mestrado e no doutorado. Nestas duas etapas de formação, o pesquisador estudou os poemas épicos de Anchieta. Destaca-se, ainda, a manutenção pelos estudos clássicos relacionados à literatura clássica, temática presente em trabalhos (artigos e capítulos de livros) que explicitam a HL como arcabouço teórico-metodológico.

¹⁷⁷ Para mais informações sobre o pesquisador, ver <http://lattes.cnpq.br/9760572939772146>. Acesso em: 13 jul. 2022.

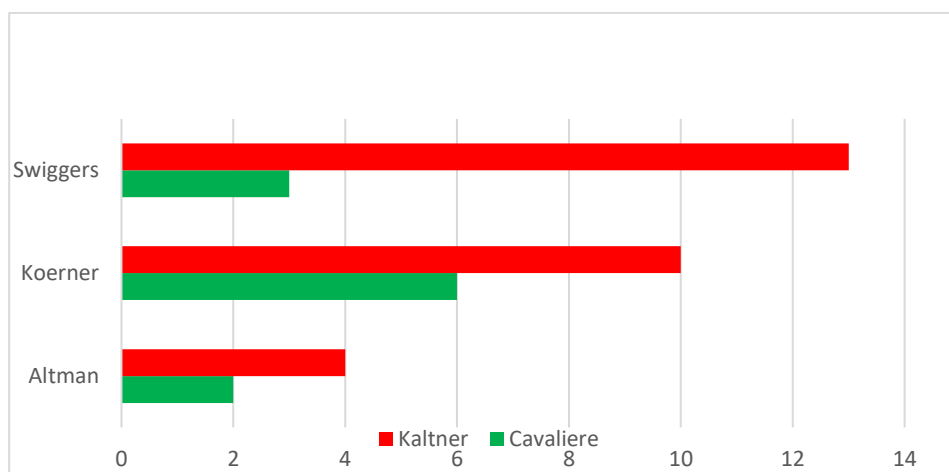
¹⁷⁸ Para mais informações sobre o grupo liderado por Kaltner, ver <https://filologia.uff.br/2020/04/14/sobre-nos/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

O grupo liderado por Kaltner mantém um vínculo teórico-metodológico com as ideias de Altman, Koerner e Swiggers, e com o grupo de pesquisa brasileiro CEDOCH-DL-USP, o que pode ser ratificado pelas citações a esses autores nos trabalhos (artigos e capítulos de livros) investigados nesta pesquisa, mas também pelo texto publicado na página do grupo FILIC (CNPq-UFF), como se pode ver a seguir:

O Círculo de Leituras: Introdução à Historiografia Linguística (PROEX/UFF) consiste em um projeto de extensão vinculado ao Grupo de Pesquisas: Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (CNPq/UFF). O objetivo geral da proposta é se organizar como um encontro semanal para a leitura e debate de textos teóricos da área de Historiografia Linguística, com o intuito de difundir esse campo de conhecimento para os interessados. A área de Historiografia Linguística, campo de conhecimento nos Estudos de Linguagem, tem por principais teóricos Pierre Swiggers e Konrad Koerner, já no Brasil, o GT da Anpoll de Historiografia da Linguística Brasileira congrega os principais acadêmicos da área, sendo também referência o Centro de Documentação em Historiografia da Linguística da Universidade de São Paulo (Cedoch/USP), coordenado por Cristina Altman (FILIC-UFF, 2022¹⁷⁹).

Tomando como ponto de partida as informações acima mencionadas, observa-se a partir de agora os dados relacionados aos autores precursores da HL mais citados na produção da UFF, que serão visualizados nos gráficos abaixo:

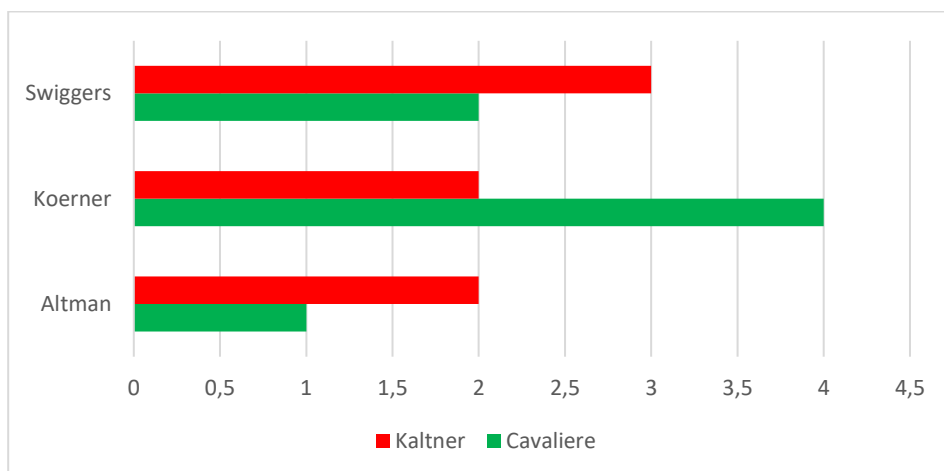
Gráfico 41: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFF



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁷⁹ A informação foi retirada do *site* FILIC (CNPq-UFF), vinculado à UFF, na seção “Projetos” na aba “Círculo de Leituras de HL (remoto/presencial)”. Para mais informações ver <https://filologia.uff.br/filic-uff/>.

Gráfico 42: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFF

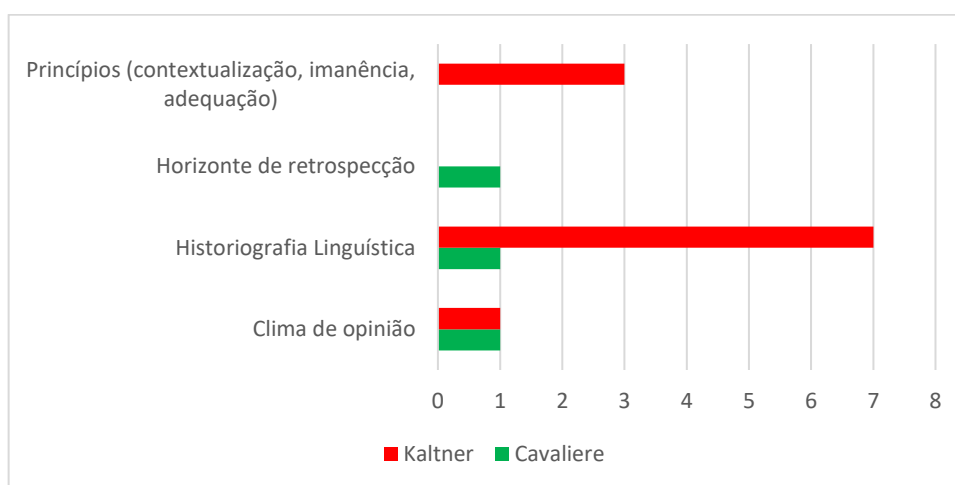


Fonte: Elaborado pela autora

Koerner é o autor mais citados por Cavaliere, em artigos e capítulos de livros. Vale registrar, porém, que a maioria dos artigos publicados por Cavaliere não traz referência alguma aos três autores tratados nesta pesquisa como precursores da área de HL. Dos 17 artigos analisados, em 10 não há nenhuma referência a Altman, Koerner ou Swiggers. O mesmo não ocorre nos capítulos de livros em que somente em 2 dos capítulos analisados não aparecem essas referências. Já Kaltner costuma fazer menção aos autores, sendo, pois, Swiggers o autor mais citado, em artigos e capítulos de livros.

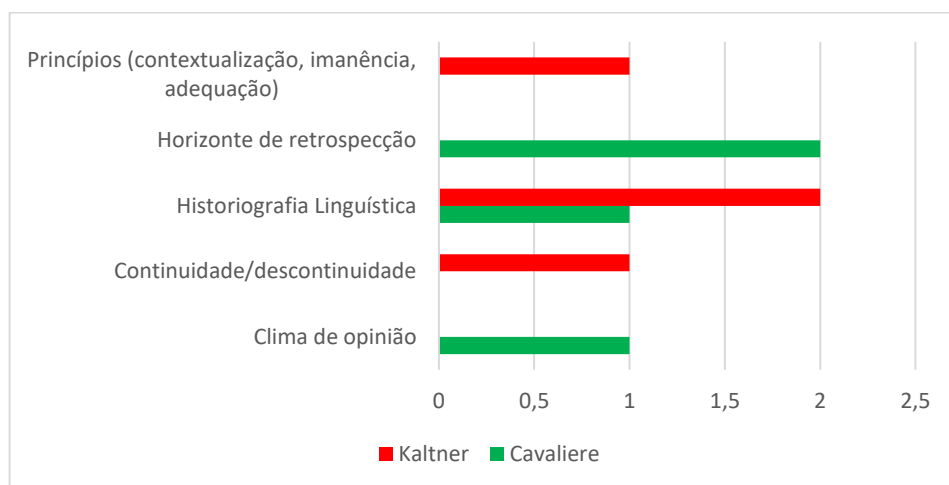
É interessante observar na produção da UFF as definições e/ou explicações mais frequentes nos textos dos dois pesquisadores. Para isso, veja-se os gráficos a seguir:

Gráfico 43: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFF



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 44: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UFF



Fonte: Elaborado pela autora

Os gráficos mostram que Cavaliere não costuma apresentar definições ou explicações sobre termos da área da HL e, quando o faz, é de modo circunstancial em algum artigo ou capítulo de livro. Ainda de acordo com os dados do gráfico, nos artigos publicados por Cavaliere, há definições pontuais sobre “clima de opinião”, “HL” e “horizonte de retrospectção”. Nos capítulos, a situação quase se repete, com a exceção da categoria “horizonte de retrospectção”, que aparece definida em duas obras. Kaltner apresenta mais definições/explicações em artigos e, em número maior, concentram-se as definições sobre a área da HL. Nos capítulos, também ocorrem definições sobre a HL, no entanto, em menor quantidade.

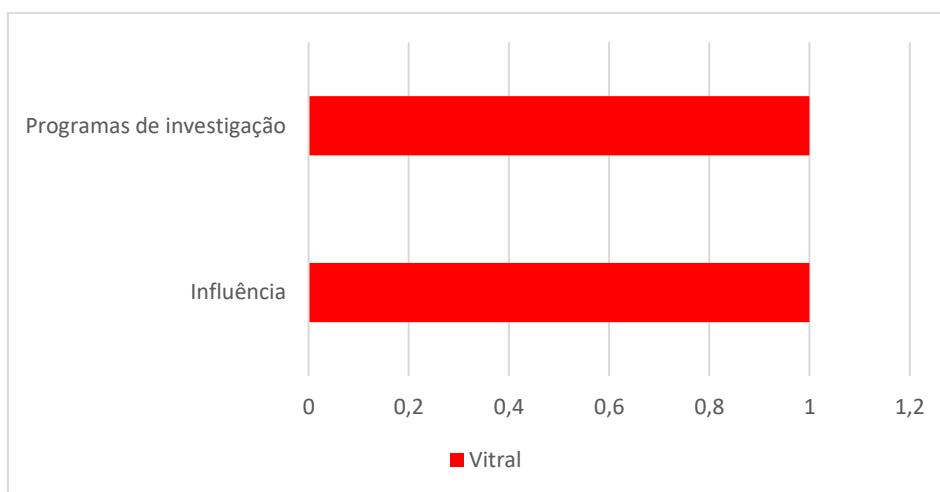
A análise da produção da UFF favorece que se faça uma leitura no sentido de que, apesar de os dois autores pertencerem à mesma instituição, cada um tem um estilo de conceber e produzir na área da HL. Pode-se argumentar a favor da ideia de que a instituição possui dois grupos (*cluster*) na área da HL. O primeiro, coordenado por Cavaliere, o qual se destaca como líder intelectual e organizacional (nos termos de Murray, 1994). O segundo, dirigido por Kaltner, líder intelectual e organizacional do grupo. Entretanto, há que se levar em conta o fato de que Cavaliere foi o responsável pela institucionalização da HL na UFF¹⁸⁰, por ter sido o pesquisador que primeiro ministrou disciplinas, formou grupo de pesquisa e orientou trabalhos na área da HL.

¹⁸⁰ No *site* oficial da UFF, na aba destinada ao grupo FILIC, ao divulgar o histórico da HL no Programa, encontra-se a seguinte informação “Na Universidade Federal Fluminense, o prof. Dr. Ricardo Cavaliere desenvolveu a área no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem”. Para mais informações ver: <https://filologia.uff.br/historiografia-da-linguistica/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

4.1.10 Produção em HL da UFMG

Vitral foi o único pesquisador na área da HL da UFMG a compor o quadro desta pesquisa. Sua produção conta com 1 artigo publicado. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da UFMG podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 45: Categorias mais usadas em artigos - UFMG



Fonte: Elaborado pela autora

Vitral produziu 1 artigo na área da HL, tendo como temática central o estudo de noções/conceitos de um autor. No texto em questão, o pesquisador, ao propor uma discussão sobre a formulação da antinomia saussuriana sincronia/diacronia, utiliza as categorias de “influência” e “programas de investigação”.

No *site* da ANPOLL, o pesquisador aparece como membro do Grupo de Trabalho “Historiografia da Linguística Brasileira”. A análise do seu *Lattes* permitiu verificar que o pesquisador mantém interesse de pesquisa pela área da HL, informação publicada em texto divulgado no currículo quando afirma que “Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Gramática Gerativa, atuando principalmente nas seguintes áreas: gramaticalização, gramática gerativa, historiografia linguística, epistemologia e ensino de gramática” (LATTES, 2020, p. 1).

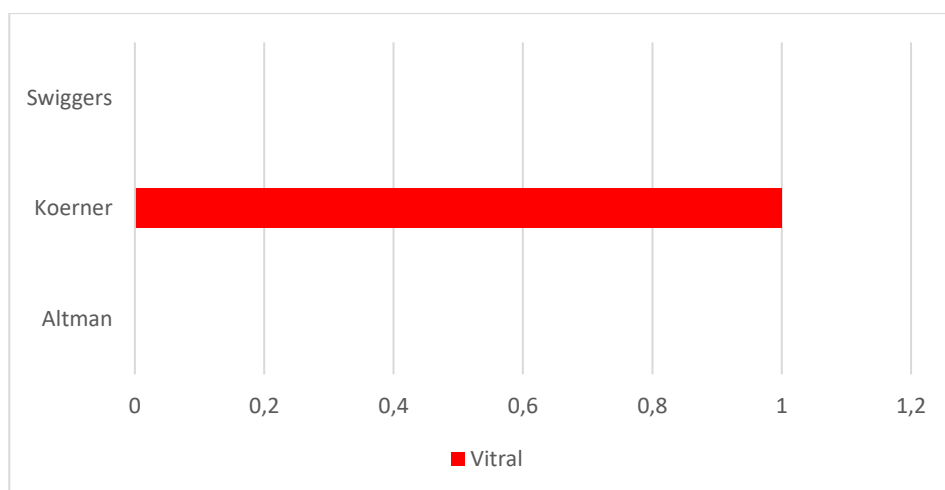
Vitral não fez sua graduação na área de Letras. Cursou Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-Minas, de 1977 a 1981. Em seguida, ingressou no mestrado, na área de Estudos Linguísticos, na UFMG, no período de 1983 a 1987. No mesmo ano, fez outro mestrado, na Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, finalizando-o no ano de 1988. O doutorado, que se estendeu do ano de 1988 a 1992, também foi feito na Université

Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis. De acordo com as informações do *Lattes*, tanto os dois mestrados quanto o doutorado se vinculam à área da Gramática Gerativa (doravante, GG), envolvendo a teoria da regência e vinculação. O interesse pela área da GG, sintaxe, sintaxe gerativa, gramaticalização etc. abrange a maior parte dos trabalhos desenvolvidos por Vitral (artigo, capítulo de livro, livro), além de disciplinas ministradas na universidade, projetos de pesquisa e orientações de pesquisa (IC, TCC, especialização, mestrado e doutorado).

Na produção de Vitral, a HL ocupa um lugar de menor destaque, contando com 1 artigo publicado na área e com a participação no evento da área, o “V MiniEnapol de Historiografia e Linguística (DL/USP)”, no ano de 2010.

Com relação à referência aos autores precursores da área, o pesquisador apresenta apenas uma citação a Koerner, como é possível confirmar a partir do gráfico abaixo.

Gráfico 46: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFMG



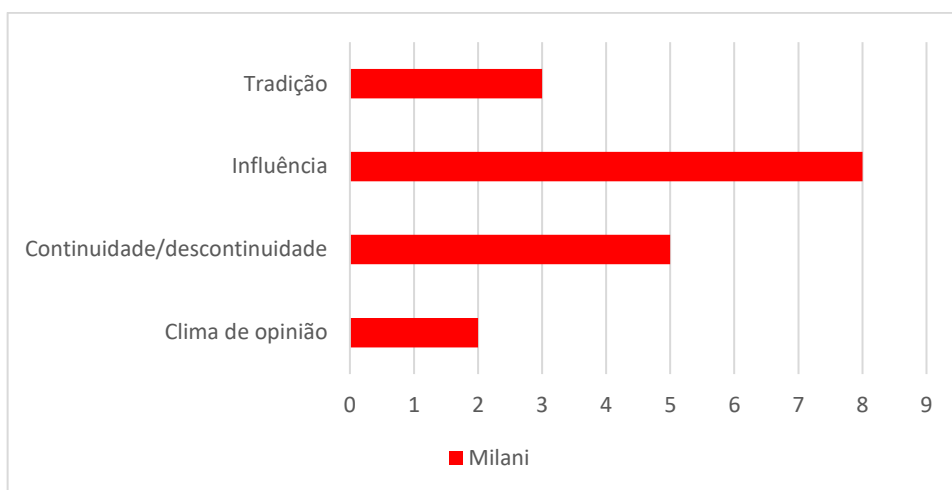
Fonte: Elaborado pela autora

A referência a Koerner ocorre por meio de um texto que mantém relação com a temática ou objeto investigado no artigo. No material analisado, investiga-se a formulação da antinomia saussuriana sincronia/diacronia, e a referência a Koerner se dá por meio do texto “Ferdinand de Saussure. Génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental”, publicado em 1982. Para além dessas informações, no artigo, não foi possível localizar nenhuma explicação ou definição sobre os termos ou categorias utilizadas pelo autor. O texto foi construído considerando que o leitor seja capaz de mobilizar as informações necessárias para o entendimento do texto como um todo. O pesquisador não aparece como líder de nenhum grupo na área da HL.

4.1.11 Produção em HL da UFG

Na UFG, fez-se uma análise da produção de Milani, a qual conta com 11 artigos publicados na área da HL¹⁸¹. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da UFG podem ser visualizadas a seguir:

Gráfico 47: Categorias mais usadas em artigos - UFG



Fonte: Elaborado pela autora

Acerca das categorias mais utilizadas nos artigos produzidos por Milani, destacam-se, com maior frequência de uso, a categoria “influência”, recorrente em quase todos os artigos, seguida das categorias de “continuidade/descontinuidade”, “tradição” e, em menor ocorrência, “clima de opinião”. A explicação para a alta frequência da noção de “influência” pode estar relacionada ao fato de Milani, nos artigos na área da HL, construir narrativas sobre autores de destaque na Linguística, tais como: John Lock, Humboldt, Saussure, Bakhtin, Labov, Meillet e Whitney. É comum na sua produção a presença de uma contextualização sobre os autores selecionados como objeto de investigação, bem como a relação e as “influências” sofridas e exercidas entre um autor e outro. Para além das “influências”, o pesquisador se vale do aparato metodológico da HL para averiguar as “continuidades e/ou descontinuidades” entre o pensamento de um autor e outro, por vezes situando-os em “tradições de estudos” ou de pesquisas.

¹⁸¹ Nesta pesquisa, optou-se pela investigação da produção dos pesquisadores no que se refere aos artigos e aos capítulos de livros publicados. No *Lattes* de Milani, não consta nenhum capítulo de livro na área da HL, no entanto, constam dois livros publicados na área. Estes não compõem o material investigado nesta tese.

Uma análise do *Lattes* do pesquisador coloca em evidência suas opções teóricas e metodológicas. Milani fez graduação em Letras – Português e Francês – na Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis, UNESP, no período de 1986 a 1989. Seu mestrado e doutorado foram realizados na USP, ambos na área da Semiótica e sob orientação do professor Carlos Alberto da Fonseca. O mestrado, realizado no período de 1991 a 1994, teve como resultado a pesquisa intitulada “As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt”. O doutorado, desenvolvido no período de 1995 a 2000, resultou na pesquisa intitulada “Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Lingüística”. Sobre estas duas etapas de formação profissional, o próprio pesquisador as vincula à HL¹⁸², em texto inicial do seu currículo ao afirmar que possui “mestrado em Lingüística pela Universidade de São Paulo (1994), subárea Historiografia Lingüística, e doutorado em Semiótica e Lingüística geral, subárea Historiografia Lingüística, pela Universidade de São Paulo (2000)” (LATTES, 2020, p. 1). Ainda sobre a autovinculação com a HL, no período do mestrado e doutorado, em um minicurso intitulado “Exercício metodológico da historiografia linguística”, pelo *Youtube*, informa Milani¹⁸³:

“Quando eu comecei a estudar lá na USP, lá nos anos 90, em 91 especificamente, não existia uma metodologia clara para a historiografia e a Altman ainda era doutoranda, então, também não tinha. O que nós tínhamos era a nossa imaginação e coisas que a gente lia do Peter Burke, do Konrad Koerner, que era jovem na época também e ainda não tinha produzido os textos que a gente lê atualmente. Então, era muito usar a imaginação e como fazer. Os professores que faziam historiografia na USP, na época, eram o Blikstein, a Leonor Lopes Favero e o Carlos Alberto da Fonseca, que eram os que se dedicavam, de fato, a fazer historiografia linguística [...]” (SEBASTIÃO..., 2021¹⁸⁴).

¹⁸² O pesquisador vincula sua dissertação e tese à área da HL. Na dissertação, o termo “Historiografia Linguística” aparece uma única vez, na página 160, na seção “Alguma Conclusão”, como pode ser visto no trecho transcrito: “Quando se afirma em manual de historiografia lingüística que Humboldt é o marco inicial da lingüística moderna, está-se revelando que muito do que foi feito depois de Humboldt passa em algum ponto pela obra dele” (MILANI, 1994, p. 160). Na tese, o termo “historiografia” aparece na seção “Bibliografia”, na página 152, na referência a Peter Burke, a qual será transcrita: “BURKE, Peter. A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia. São Paulo, EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália” (MILANI, 2000, p. 152).

¹⁸³ Nesta pesquisa, as transcrições de falas ou de depoimentos retirados de plataformas da internet (*Youtube*, por exemplo) serão indicados em itálico e sem recuo, fonte 11, no corpo do texto, seguido da primeira palavra indicada no título do vídeo e do ano de publicação, como orienta a ANBT. Nos casos de exemplos que visem destacar informações sobre a produção de um pesquisador, as informações serão indicadas em fonte 11, entre aspas, no corpo do texto, seguido do nome do pesquisador, ano de publicação e página de onde a informação foi retirada. Para casos análogos serão utilizados os mesmos critérios.

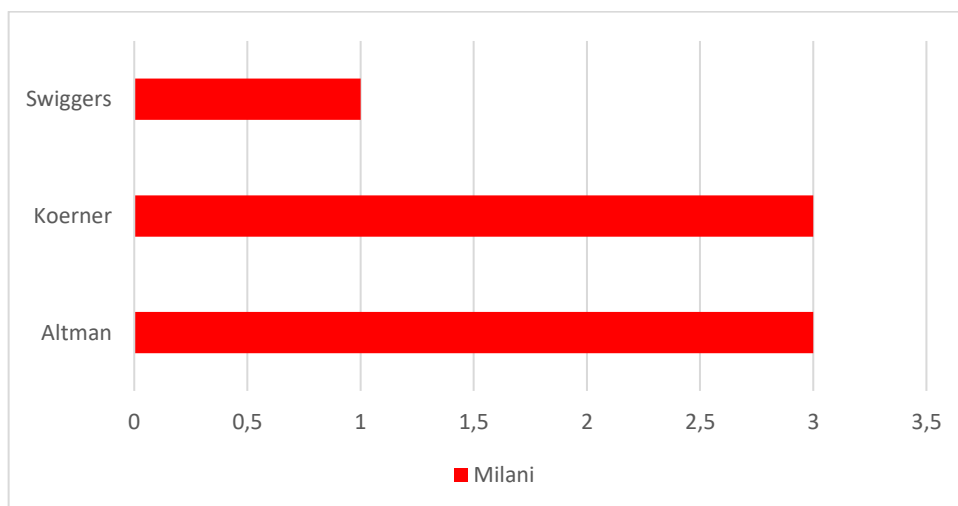
¹⁸⁴ O evento, intitulado “Sebastião Elias Milani - Minicurso: Exercício metodológico da historiografia linguística (Dia 1)”, foi apresentado por Sebastião Elias Milani e organizado pela Unesp, especificamente pelo Seminário de Semiótica da Unesp, que ocorreu no dia 8/10/2021. O trecho com as informações aparece aos 16m30s da apresentação. Para mais informações, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=Qyog1rI05kE>. Acesso em: 15 jul. 2022.

A fala de Milani e os dados apresentados no *Lattes* confirmam o interesse do pesquisador pela HL desde o início da implementação da área no Brasil, no início da década de 1990, e apresenta dados relevantes sobre o clima da época em que as ideias circulavam nas universidades brasileiras, bem como sobre os professores, no caso específico da USP, que orientavam pesquisas na área. Esse cenário apresenta Milani como um pesquisador contemporâneo a Altman. Entretanto, há que fazer referência ao fato de que Altman defendeu seu doutorado no ano de 1993, período em que Milani estava finalizando seu mestrado, e este ano, não por acaso, é o marco da institucionalização do primeiro grupo em HL no Brasil, liderado por Altman.

No que toca à formação de grupos, Milani forma seu grupo de pesquisa na área da HL no ano de 2006, conforme informação retirada do *site*¹⁸⁵ do grupo IMAGO - Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem. Na mesma fonte, consta a informação de sua experiência no grupo MELL – Mostragem de Estudos Lingüísticos e Literários, vinculado à Universidade Federal do Tocantins, UFT, onde trabalhou e atuou como líder intelectual (cf. MURRAY, 1994) do grupo e no qual desenvolveu e orientou pesquisas na área da HL.

Serão observados, a partir de agora, os dados relacionados aos autores designados nesta tese como “precursores da HL” que aparecem citados na produção da UFG.

Gráfico 48: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFG



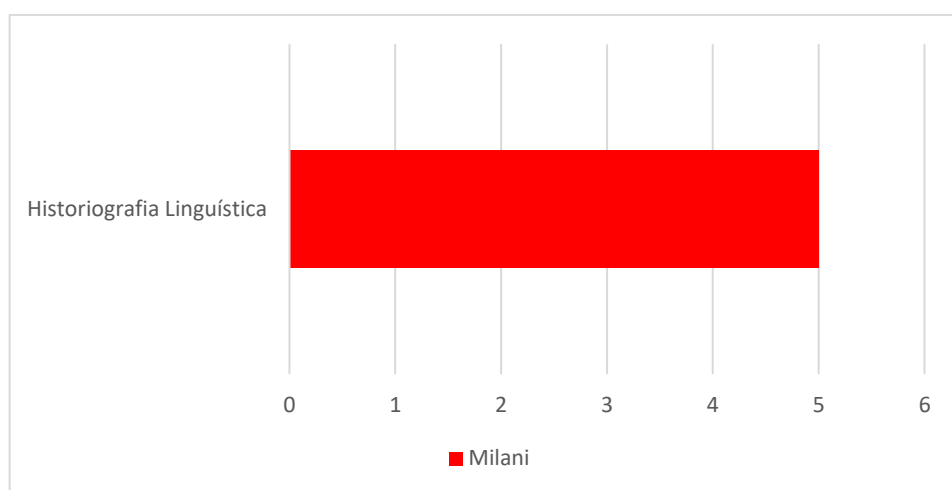
Fonte: Elaborado pela autora

¹⁸⁵ O grupo IMAGO foi criado pelo professor Dr. Sebastião Elias Milani, quando chegou à Faculdade de Letras (UFG) para ocupar uma cadeira de Linguística, em 2006. Para mais informações, ver: <https://imago.letas.ufg.br/n/26502-grupo-de-pesquisa-imago>. Acesso em: 16 jul. 2022.

Altman e Koerner são os autores mais citados por Milani, Swiggers aparece como referência em um dos artigos do pesquisador. Contudo, dos 11 artigos publicados, em 6 não há menção a nenhum dos três autores designados de precursores por esta pesquisa, ou seja, há mais textos sem referências a Altman, Koerner e Swiggers do que o contrário. No caso das citações a Altman, elas estão diretamente relacionadas a alguma explicação/definição sobre a área da HL e, no caso de Koerner, as citações ocorrem por meio de textos que são referências para as discussões levantadas, no caso, textos produzidos sobre Saussure, Meillet, Martinet etc.

Observou-se, ainda, com relação à produção da UFG, que o autor apresenta algumas definições e/ou explicações nos textos, sendo todas elas relacionadas à área da HL, como é possível verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 49: Definições/explicações da área da HL em artigos – UFG



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra que Milani se limita a apresentar explicações ou definições relacionadas à HL, de modo que o leitor é orientado a ter uma compreensão sobre a área de pesquisa em questão, geralmente sobre aspectos teóricos e metodológicos, como se pode ver no exemplo retirado do artigo publicado no ano de 2012:

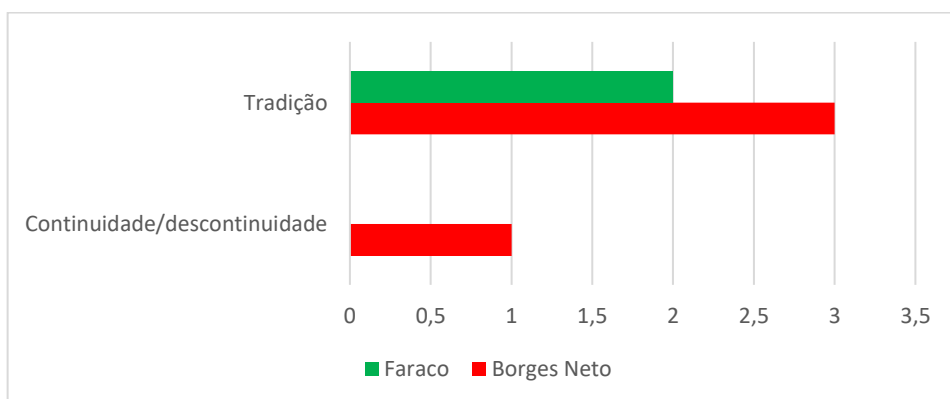
As discussões que compõem este artigo se orientam pelo método da Historiografia Linguística. Esse campo de conhecimento linguístico foi definido por Cristina Altman (1998) como tendo objetivos de “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (p. 25) (MARRA; MILANI, 2012, p. 70).

A partir do exposto, observou-se que Milani segue a perspectiva epistemológica e metodológica difundida e compartilhada por seu grupo de pesquisa em HL. Milani foi o responsável pela institucionalização da HL na UFG e, seguindo as ideias de Murray (1994), é o líder intelectual e organizacional do grupo IMAGO, responsável por divulgar ideias e pesquisas, estabelecer o quadro de trabalho do grupo, conduzir e promover a produção científica, bem como por mobilizar novos pesquisadores para a área da HL na instituição em que atua.

4.1.12 Produção em HL da UFPR

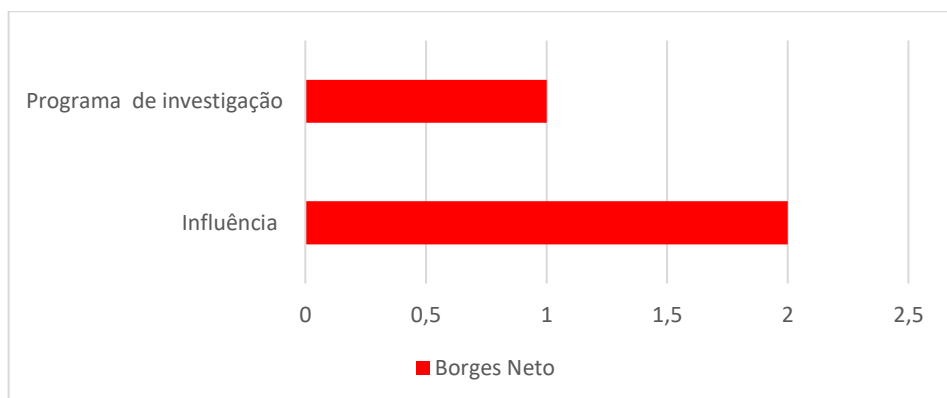
A UFPR conta com a produção de dois pesquisadores na área da HL, que somam um total de 8 materiais, 6 artigos e 2 capítulos de livros. No que se refere às categorias mais utilizadas nos textos da UFPR, seguem os dados a seguir:

Gráfico 50: Categorias mais usadas em artigos - UFPR



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 51: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UFPR



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme as informações presentes nos gráficos, Borges Neto aparece como autor de artigos e capítulos de livros na área da HL, enquanto Faraco, até o período que cobre o recorte desta pesquisa, conta apenas com a produção de artigos na área. Nos dois autores, se considerada a produção de artigos, é possível perceber a não variabilidade no uso de categorias analíticas, prevalecendo o uso da categoria “tradição”. Borges Neto, nos capítulos de livros, não se vale desta categoria em seus textos, constando informações relacionadas à “influência” e, em um dos textos, aos “programas de investigação”.

Quando analisadas as temáticas ou objetos investigados pelos autores, no caso de Borges Neto, nos artigos e nos capítulos de livros, percebe-se uma diversidade de temáticas que envolvem desde o estudo de gramáticas, autores, livros, até textos que tratam de disciplinas, o que favorece a investigação de uma “tradição”, de um tipo de interpretação, se “continuista” ou “descontinuista”, da história de uma disciplina, das “influências” sofridas e exercidas entre autores e gramáticos de um determinado período ou, ainda, do uso de “programas de investigação” como metodologia de pesquisa.

Os artigos de Faraco, por sua vez, focam em pesquisas que envolvem as gramáticas tradicionais (ou normativas – termos usados pelo autor) aliadas à questão do ensino, o que favorece o estudo de uma “tradição” pautada no ensino de gramáticas.

Discorrer sobre os pesquisadores em questão favorece que se apresentem considerações sobre as escolhas pessoais de cada um deles e sobre suas trajetórias na HL.

Borges Neto se graduou em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, no ano de 1972. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. No mestrado, de 1977 a 1979, na área de Semântica e sob orientação de Carlos Franchi, buscou investigar a semântica dos adjetivos. No doutorado, de 1983 a 1991, sob orientação de Rodolfo Ilari, desenvolveu uma pesquisa sobre a Gramática Gerativa Transformacional aliada à Filosofia da Linguística. Sobre estas etapas de formação, Borges Neto, em entrevista concedida a Dermeval da Hora para o canal “Dermeval da Hora”, no *Youtube*, esclarece que seu interesse inicial de pesquisa foi pela Fonologia e pela Morfologia e, depois de algum tempo, pela Semântica, o que se pode comprovar nas próprias palavras do pesquisador, quando faz a seguinte afirmação: “*Eu sempre gostei muito de trabalhar com as coisas ‘mais concretas’. Eu trabalhava com Fonologia e Morfologia. Depois, ainda na*

Católica, mas mais tarde, eu trabalhei um tempo com Semântica [...]”¹⁸⁶ (DA FILOSOFIA..., 2021).

Segundo Borges Neto, o aprofundamento pelo campo da Filosofia da Ciência se deveu à convivência com Marcelo Dascal, e sua tese, já naquele período, caracterizava-se pelo interesse pela história, mais especificamente pela história de uma teoria, entretanto, o pesquisador ressalta o tipo de história que o interessava, conforme se vê nas palavras reproduzidas do entrevistado:

“É uma história, mas é uma história interna, ela não é uma história externa. Eu não estou muito preocupado com o que o Marcelo Dascal chamava de ‘fofoca externalista’. Eu não estou interessado com as discussões, os debates, a não ser o que que dava certo e não dava certo no modelo e por que que mudava, por que que ele abandona transformações generalizadas, por que que ele propõe teoria X barra, enfim, quais as razões para ele fazer isso” (DA FILOSOFIA..., 2021)¹⁸⁷.

Como já mencionado, a conclusão do doutorado ocorreu no ano de 1991 e, no *Lattes*, a primeira referência à HL data de 1994, ano em que apresentou o trabalho intitulado “Processamento de língua natural: relato de uma experiência.”, no “Encontro do GT Historiografia da Linguística”, em João Pessoa/PB. Na sequência, o pesquisador produziu artigos, publicou resumos em anais de congressos, prestou assessorias e consultorias na área, participou de bancas de mestrado e doutorado (como orientador e como avaliador) e desenvolveu projetos de pesquisa em HL.

Faraco também fez sua graduação na PUC/PR. Borges Neto e Faraco foram colegas de curso na PUC-PR, de 1969 a 1972. Faraco cumpriu o mestrado na UNICAMP, no período de 1976 a 1978, na área da Sintaxe, sob orientação de Frank R. Brendon. O doutorado foi desenvolvido na University of Salford, Inglaterra, no período de 1979 a 1982, sob orientação de Martin B. Harris, na área da Linguística Histórica.

O interesse pela história se apresenta desde o doutorado, mas a HL ocupa um espaço mais recente na produção do pesquisador. De acordo com informações do *Lattes*, a primeira menção à HL ocorre por meio da participação de uma banca de doutorado no ano de 2004. Não há muitas referências à HL no currículo do pesquisador, além desta, há o registro de um artigo, no ano de 2018, a participação em uma banca de mestrado, no ano de 2020, e a participação no

¹⁸⁶ A entrevista, intitulada "Da Filosofia à Linguística: um especialista em generalidade", foi concedida no dia 09 de fevereiro de 2021. As informações aparecem aos 26m26s. Para mais informações, ver <https://www.youtube.com/watch?v=JkUjSao4-c>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁸⁷ O trecho com as informações aparece aos 43m57s da entrevista.

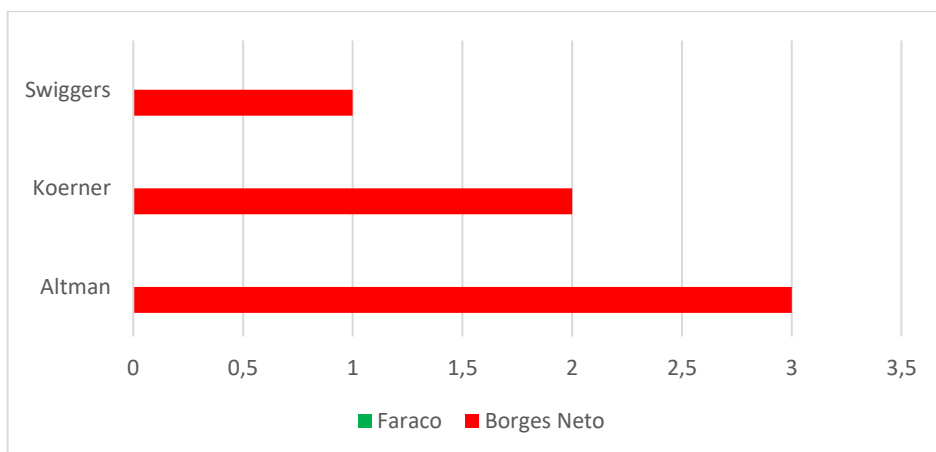
evento “I Workshop de Filosofia e Historiografia Linguística. O pensamento linguístico no século XVIII”, também no ano de 2020.

Em entrevista concedida ao canal do *Youtube* de Dermeval da Hora, Faraco apresenta a HL como a área com a qual tem trabalhado de forma mais detida nos últimos anos, informando, inclusive, o período em que se inicia na área, como é possível observar quando o pesquisador afirma “*Eu não tenho mais trabalhado com a Linguística Histórica stricto sensu. Eu estou muito voltado, hoje, para a historiografia [...] já desde 2015*”¹⁸⁸ (LÍNGUA..., 2021).

Além da produção na área da HL, Faraco é membro do grupo “HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas”, liderado por Vieira (UFPB).

Uma vez compreendida a relação dos pesquisadores com a área da HL, passe-se, mais detidamente, à análise dos autores precursores da área mais citados nos artigos e capítulos de livros analisados. Observou-se, pois, que Faraco não faz menção aos trabalhos de Altman, Koerner e Swiggers, diferentemente de Borges Neto, como será visualizado nos gráficos a seguir:

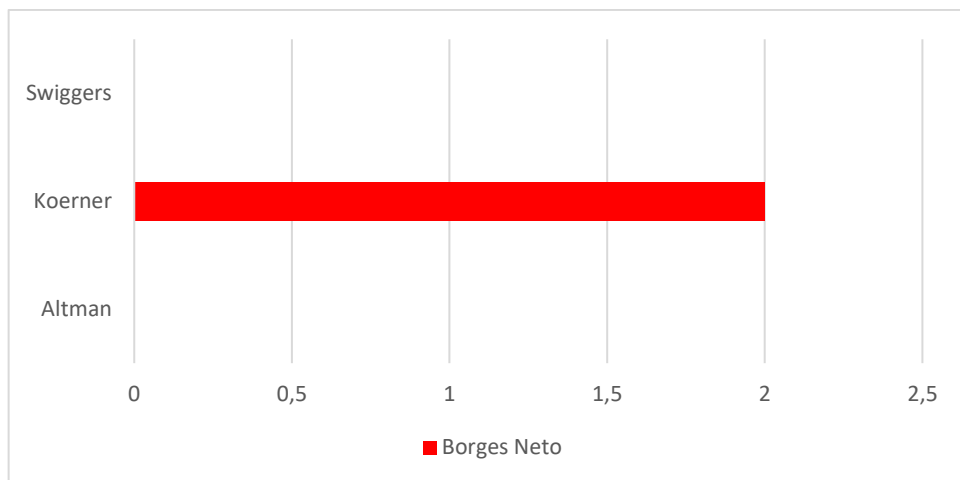
Gráfico 52: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFPR



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁸⁸ A entrevista intitulada "Língua, Diversidade e Ensino" foi concedida no dia 02 de março de 2021. As informações aparecem às 2h02m58s. Para mais informações, ver <https://www.youtube.com/watch?v=DispKCIttxE>. Acesso em: 21 jul. 2022.

Gráfico 53: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFPR

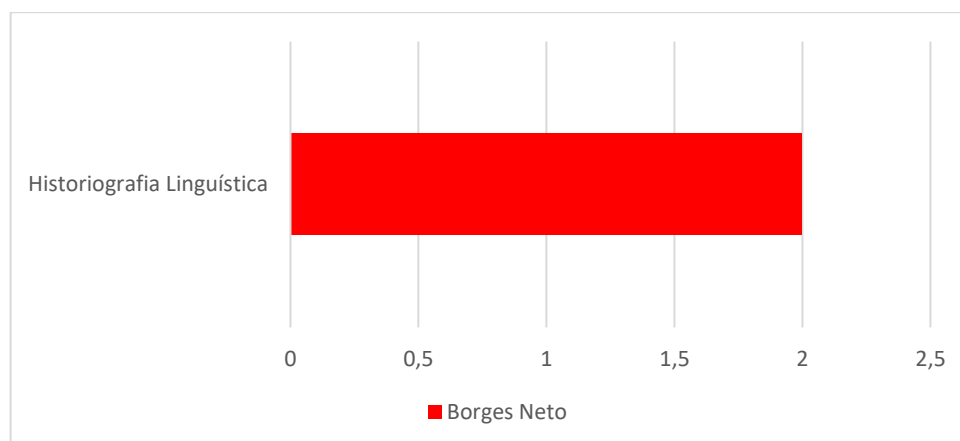


Fonte: Elaborado pela autora

A partir destes dois gráficos, foi possível detectar o número de referências aos autores tratados nesta tese como precursores dos estudos historiográficos. Como já mencionado, Faraco não traz referências a eles e Borges Neto, em um dos artigos, também não cita nenhum dos três autores. Nos outros três artigos de Borges Neto, a autora mais citada é Altman, pesquisadora com a qual, inclusive, Borges Neto divide a autoria do artigo de 1996. Koerner é citado em dois artigos e Swiggers aparece como referência em um deles. Nos dois capítulos de livros analisados, Koerner é o único dos três autores a aparecer como referência.

A análise dos materiais propiciou, ainda, que se observasse as definições e/ou explicações sobre termos da área presentes nos textos.

Gráfico 54: Definições/explicações da área da HL em artigos – UFPR



Fonte: Elaborado pela autora

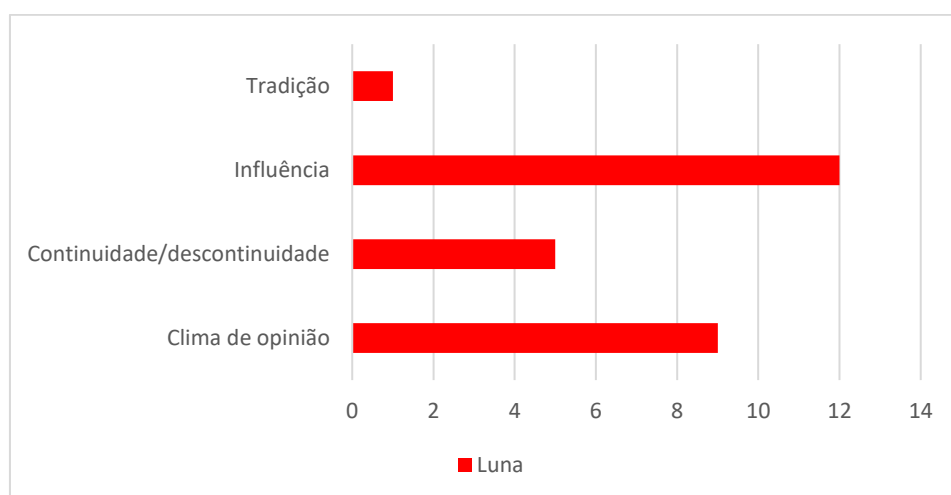
Percebe-se, por meio das informações dispostas no gráfico acima, a baixa frequência de explicações e/ou definições sobre termos da área, de modo que, quando ocorrem, em dois dos artigos analisados, são explicações sobre a área da HL. Nos capítulos de livros, não se verificou nenhuma explicação ou definição sobre a área.

Por fim, observou-se, ainda, que na UFPR, até o período que corresponde ao recorte desta pesquisa, não havia registro de nenhum grupo cadastrado na instituição na área da HL. Borges Neto não se filia a nenhum grupo de HL em específico, enquanto Faraco se vincula ao grupo da UFPB, conforme informação presente no *Lattes*¹⁸⁹ do pesquisador, como se pode ver: “Está vinculado ao Grupo de Pesquisa HGEL-Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq)”. A análise da produção da UFPR permitiu observar que os dois pesquisadores têm formas distintas de proceder com a HL.

4.1.13 Produção em HL da UNIVALI-SC

Luna foi o único pesquisador na área da HL da UNIVALI-SC a compor o quadro desta pesquisa. Sua produção conta com 17 artigos publicados e 6 capítulos de livros. As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da UNIVALI-SC podem ser visualizadas a seguir:

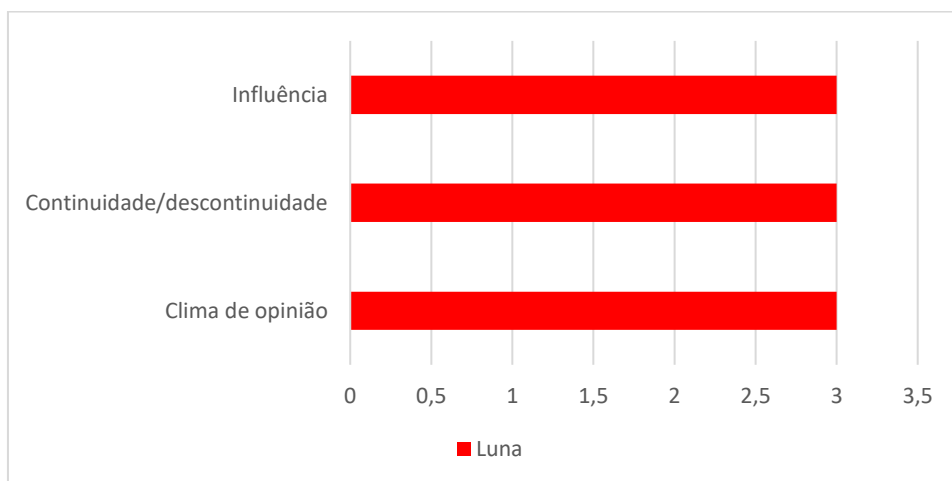
Gráfico 55: Categorias mais usadas em artigos - UNIVALI/SC



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁸⁹ As informações foram retiradas do *Lattes* do pesquisador no ano de 2020, cuja última atualização datava de 18/12/2020. Para mais informações, ver: <http://lattes.cnpq.br/1449863044828465>.

Gráfico 56: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UNIVALI/SC



Fonte: Elaborado pela autora

A produção de Luna é quantitativamente significativa na área da HL. Conforme as informações dos gráficos, as categorias utilizadas em artigos e em capítulos de livros são basicamente as mesmas, quais sejam: “clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade” e “influência”, as quais estão alinhadas às discussões promovidas pelos textos que investigam, na sua maioria, temáticas relacionadas à educação linguística voltada para imigrantes alemães no Brasil ou ao ensino de português nos Estados Unidos¹⁹⁰. Luna também se dedica à pesquisa que envolve o estudo de autores, de programas ou de reformas de ensino, de materiais didáticos e de formação de professores, todos com um ponto em comum, envolvem línguas estrangeiras. Para além disso, contam com fontes jornalísticas da região de Santa Catarina e analisam materiais com recortes temporais específicos (década de 1940, 1950, 1960, só para exemplificar).

Antes de passar a uma breve contextualização sobre Luna e seu interesse inicial pela HL, cumpre, ainda, discutir alguns pontos acerca da utilização das categorias nos textos. A “influência”, nesse sentido, é utilizada para avaliar a influência entre um contexto e um determinado conhecimento, podendo, ainda, ser utilizada, para marcar certa relação entre um modelo e outro ou entre um autor e outro, de modo que se busca avaliar se um exerce certa interferência sobre o outro, como é possível ver na seguinte passagem: “As *influências da*

¹⁹⁰ Na produção de Luna, dos 17 artigos, 4 são sobre educação linguística para imigrantes alemães e 8 são sobre ensino de português nos EUA. Os outros 5 são sobre estudos de autores, de programas ou de reformas de ensino, de materiais didáticos e de formação de professores. Na produção de capítulos de livros, dos 6 capítulos analisados, 3 são sobre ensino de português nos EUA, 2 são sobre a formação de professores ou de historiógrafos e 1 é sobre uma autora.

Psicologia sobre os princípios do Movimento de Reforma foram produzidas essencialmente pela teoria do associacionismo” (LUNA; BATISTA, 2016, p. 160, grifos nossos).

A categoria “continuidade/descontinuidade” é mobilizada quando o autor procura, no estudo, utilizá-la de modo que possa, a partir de um olhar retrospectivo, identificar a permanência de correntes, pensamentos e ideias no decorrer do recorte temporal estabelecido pela pesquisa ou, ainda, identificar se, em determinados momentos, há suspensões, intervalos ou “rupturas” que possam promover mudanças ou novas formas de perceber determinadas tendências.

A categoria “clima de opinião” é utilizada quando, na pesquisa, este passa a ser o ponto investigado, como é possível observar no trecho “O fato de ter sido escrito e utilizado no sistema escolar teuto-brasileiro, sob um *clima de opinião desfavorável à aceitação*, já distingue Büchler (1914)” (LUNA, 2016, p. 792, grifos nossos), ou seja, a investigação se organiza no intuito de identificar se isso se aplica ou se é perceptível de identificar o referido “clima” na pesquisa.

Após essa breve caracterização de como as categorias foram identificadas e aparecem nos textos, passa-se à apresentação da trajetória de Luna na HL.

De acordo com o *Lattes*, Luna se graduou em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, no período de 1982 a 1985. Em texto publicado em 2015, o próprio autor especifica ter cursado “Letras – Português e Inglês” (LUNA, 2015, p. 79), informação importante tendo em vista que a maioria dos seus trabalhos, incluindo os publicados na área da HL, conta com o estudo que compreende a educação bilingue. O mestrado em inglês, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, no período de 1987 a 1990, foi na área da Linguística Aplicada, com estágio sanduíche na Universidade de Birmingham (Inglaterra). O doutorado, na área da HL, foi desenvolvido no período de 1995 a 1999, na USP, com período sanduíche em Cambridge University, sob orientação de Irenilde Pereira dos Santos (Brasil) e Vivien Ann Law (Inglaterra).

Segundo Luna, a sua inserção na área da HL ocorreu a partir do curso “Historiografia da Linguística Brasileira”, ministrado por Altman no ano de 1995. A professora, além preceptora, ainda foi a responsável por colocá-lo em contato com pesquisas e pesquisadores de outros centros, como se vê no relato de Luna:

Cheguei a Cambridge para ser orientado por Dra. Law entre 1996 e 1997, pelas mãos sempre encorajadoras da Dra. Cristina Altman. Ao me revelar interessado na HL, a partir do seu curso Historiografia da Linguística Brasileira, ministrado em 1995, na USP, a professora Cristina tratou de me ajudar a atingir o objetivo de ampliar meus conhecimentos teóricos para a

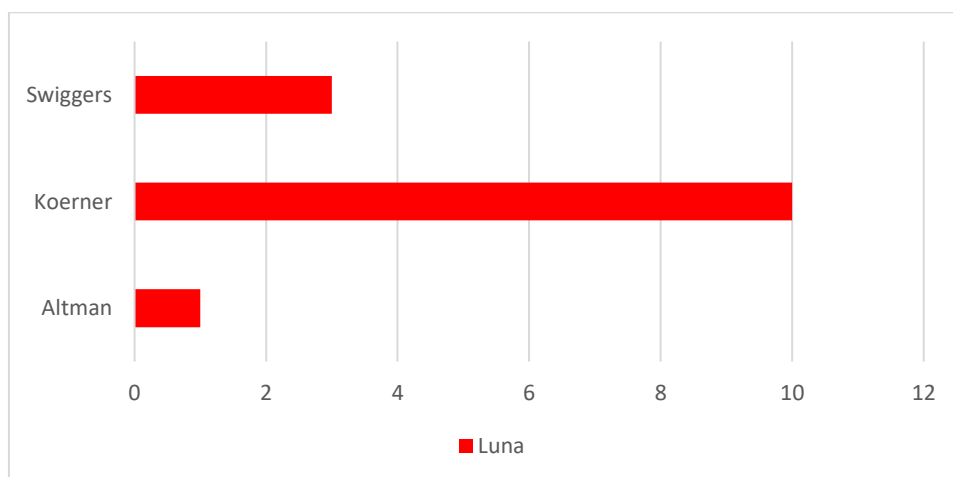
investigação pretendida. Foi Konrad Koerner que recomendou um contato com a Dra. Law (LUNA, 2006, p. 229).

Ademais, a HL ocupa um espaço considerável na produção do pesquisador, que, além dos artigos e dos capítulos de livros já apresentados, conta com projetos de pesquisa, disciplinas ministradas, participação de eventos, orientações e participação de bancas da área. Luna é líder do grupo “Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo”, que apesar de não trazer a HL no título, produz pesquisas na área, como se pode observar pela descrição apresentada pelo autor ao afirmar que:

O Grupo de Pesquisa erige-se a partir de duas motivações fundamentais e inter-relacionadas, quais sejam, reconhecer os compromissos da ciência da linguagem com a educação e desenvolver estudos sobre a internacionalização curricular. Ocupa-se, assim, de identificar, *sob uma perspectiva historiográfica*, as contribuições das teorias linguísticas para o ensino em geral e para a pedagogia de línguas em particular. Ocupa-se, também, de desenvolver, sob a perspectiva da educação intercultural, um arcabouço teórico-metodológico para a internacionalização do currículo da educação básica e superior (CNPQ, 2022, p. 1, grifos nossos)¹⁹¹.

De posse dessas informações, passa-se a observar os autores mais citados na produção de Luna:

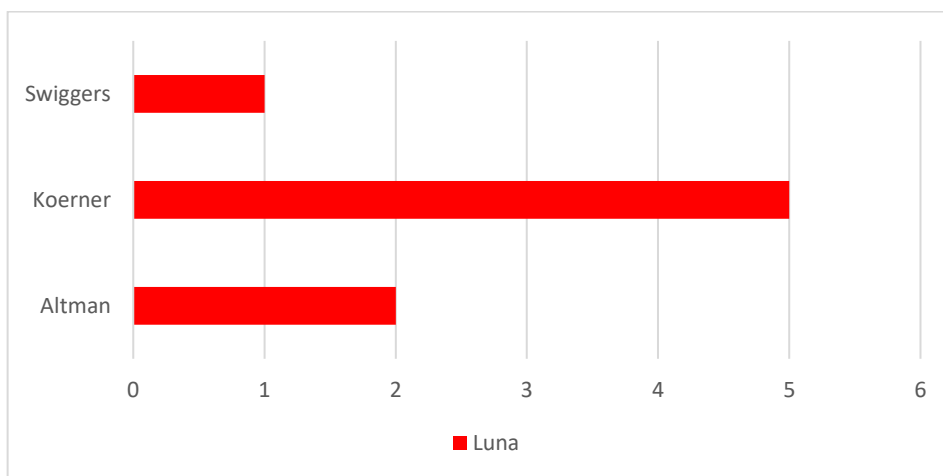
Gráfico 57: Referência a autores precursores da HL em artigos - UNIVALI/SC



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁹¹ A informação foi retirada do *site* do Grupo de pesquisa “Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo”, formado no ano 2000 e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Plataforma *Lattes* em 2014. Endereço para acessar o espelho do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8765872661675561. Acesso em: 5 ago. 2022.

Gráfico 58: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UNIVALI/SC



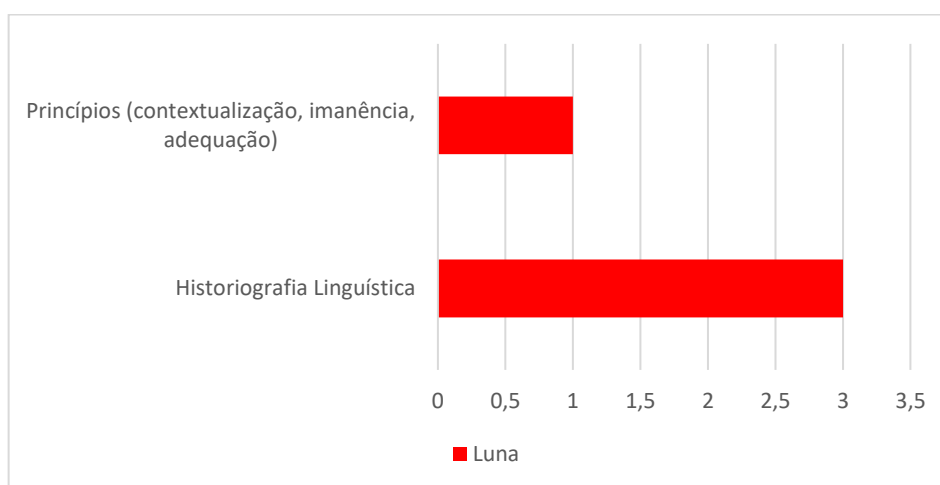
Fonte: Elaborado pela autora

Koerner é o autor mais citado nos trabalhos de Luna. Tanto em artigos quanto em capítulos de livros, ele aparece como referência em mais da metade dos textos produzidos na área. Nos artigos, Swiggers é o segundo autor mais citado e, nos capítulos de livros, Altman é a segunda autora mais citada. O levantamento dos dados possibilitou que se avaliasse que em 7 artigos e em 1 capítulo de livro não há menção a Altman, a Koerner ou a Swiggers.

Ainda sobre a alta incidência de referência a Koerner, chamou atenção o fato de uma ideia do autor ser recorrentemente mencionada, qual seja: “Segundo Koerner (1989), o conhecimento histórico acerca de sua disciplina é o que caracteriza um ‘verdadeiro cientista’” (LUNA, 2012, p. 62). Apresentada em forma de paráfrase, a informação é citada em 8 dos 10 artigos e em 4 dos 6 capítulos de livros em que Koerner aparece como referência. A reprodução desta informação está diretamente relacionada ao fato de Koerner ser o autor mais citado dentre os três investigados (Altman, Koerner e Swiggers).

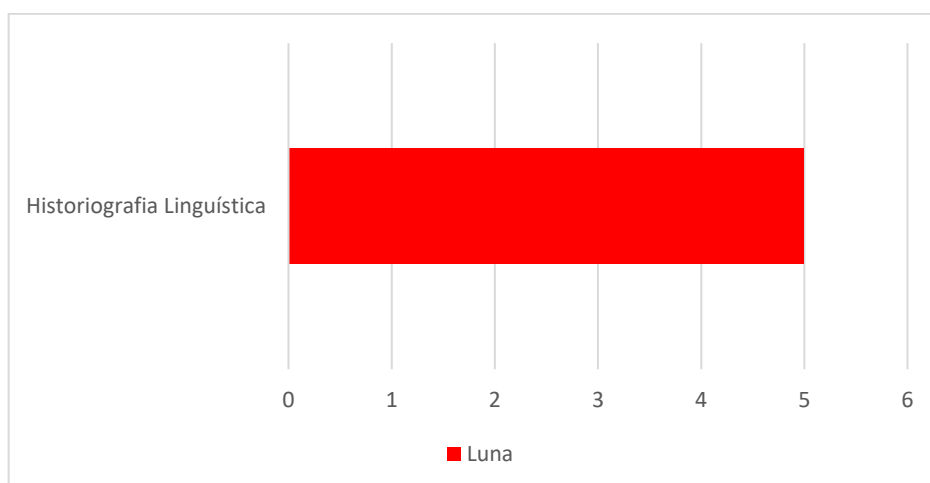
A fim de verificar as definições ou explicações sobre termos da área presente na produção de Luna, foram produzidos os gráficos a seguir:

Gráfico 59: Definições/explicações da área da HL em artigos - UNIVALI/SC



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 60: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UNIVALI/SC



Fonte: Elaborado pela autora

No que toca às explicações sobre termos da área da HL, observou-se não ser uma prática do autor definir ou explicar termos, conceitos, uso de categorias etc. As explicações, quando ocorrem, estão relacionadas à definição sobre a área da HL, sendo quase totalidade nos capítulos de livros, considerando o fato de que foram analisados 6 materiais e, em 5 deles, aparece uma definição sobre a área. Nos artigos, ocorre o contrário, de um total de 17, só em 3 aparece alguma explicação sobre a área da HL e, em um artigo, consta uma explicação sobre os três princípios propostos por Koerner (contextualização, imanência e adequação).

Luna tem um estilo próprio no modo de conduzir suas pesquisas na área e, pelos dados levantados, pode-se endossar o fato de ter institucionalizado a HL na UNIVALI/SC, tendo em

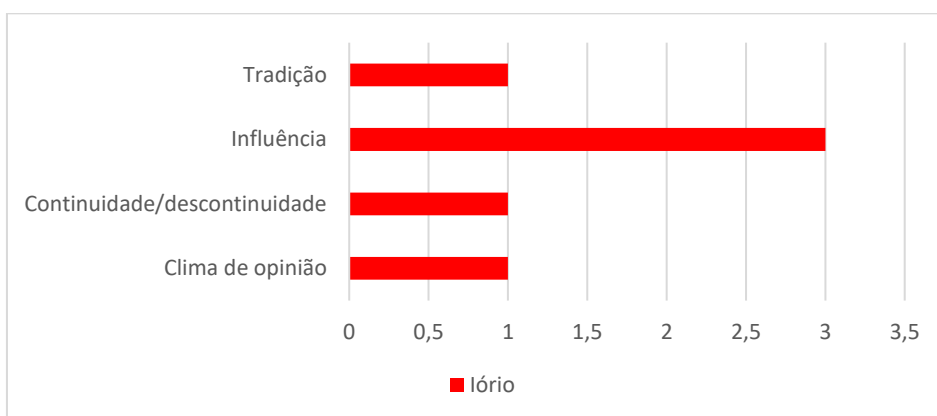
vista que o pesquisador divulga ideias, pesquisas, promove a produção científica por meio de um grupo, do qual é líder, e que segue a linha de pesquisa da HL.

Além disso, seguindo a proposta de Murray (1994), é o líder intelectual e organizacional do grupo “Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo”, que, apesar de não fazer referência à HL no seu título, de acordo com as informações no *site* do CNPq, associa-se à perspectiva teórica e metodológica da HL.

4.1.14 Produção em HL da UNICSUL

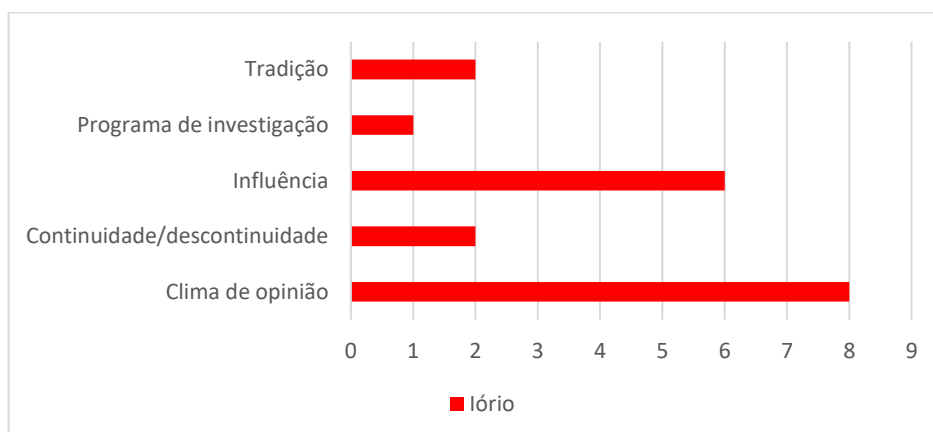
Na UNICSUL, foi feita a análise de 3 artigos e 9 capítulos publicados na área da HL, cuja autoria é de Iório. Segue, no gráfico a seguir, as informações relacionadas às categorias mais recorrentes na produção da UNICSUL.

Gráfico 61: Categorias mais usadas em artigos - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 62: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

A produção da UNICSUL, na área da HL, é significativa em termos quantitativos, destacando-se uma maior ocorrência na produção de capítulos de livros. De acordo com os dados dos gráficos, nos artigos, prevalece o uso da categoria “influência” e, nos capítulos de livros, sobressaem as categorias “clima de opinião” e “influência”. Dos 12 textos analisados, 10 são pesquisas desenvolvidas sobre autores e suas respectivas obras, a maioria gramáticas. Os textos são organizados de modo que, por meio de uma contextualização, muitas vezes separadas em seções específicas, busca-se dar um tratamento particular para o “clima de opinião” que envolvia os autores ou materiais pesquisados, no intuito de identificar elementos que favoreceram ou interferiram na produção de determinados autores e suas respectivas obras. A categoria de “influência”, por sua vez, é mobilizada para monitorar ou identificar influências sofridas e exercidas entre autores, entre autores e um contexto de produção, entre teorias etc.

Antes da apresentação dos autores mais citados nesses textos, faz-se imperativo tecer algumas considerações sobre a trajetória de Iório na HL, visando apreender especificidades de sua formação e de sua prática na HL que, de certo modo, fundamentam as escolhas teóricas e metodológicas como historiógrafa.

Iório fez sua graduação em Letras na Universidade Braz Cubas, UBC, no período de 1988 a 1992. O mestrado e o doutorado foram cursados na PUC/SP, sob orientação de Bastos. No mestrado, desenvolvido no período de 1994 a 1997, estudou sobre o saber metalinguístico “verbo” e, no doutorado, desenvolvido no período de 2003 a 2007, produziu uma tese na área da HL, mais especificamente sobre o ensino de língua portuguesa em São Paulo, no século XX.

A pesquisadora integra o grupo liderado por Bastos na PUC-SP. Ao se identificar, nas suas produções, Iório faz menção ao referido grupo, sendo assim apresentada: “Patrícia Leite Di Iório (UNICSUL – IP - PUC/SP)” (PALMA; BASTOS, 2016, p. 6). Os 9 capítulos de livros analisados, todos em parceria com outros pesquisadores do grupo da PUC/SP, compõem livros organizados por Bastos, sendo o maior número relacionado à coleção “História Entrelaçada”. Os 3 artigos analisados são produções em parceria com outros pesquisadores da PUC/SP.

Para além da produção examinada, o *Lattes* apresenta uma série de trabalhos, de eventos, de cursos, de minicursos e de participação em bancas na área da HL.

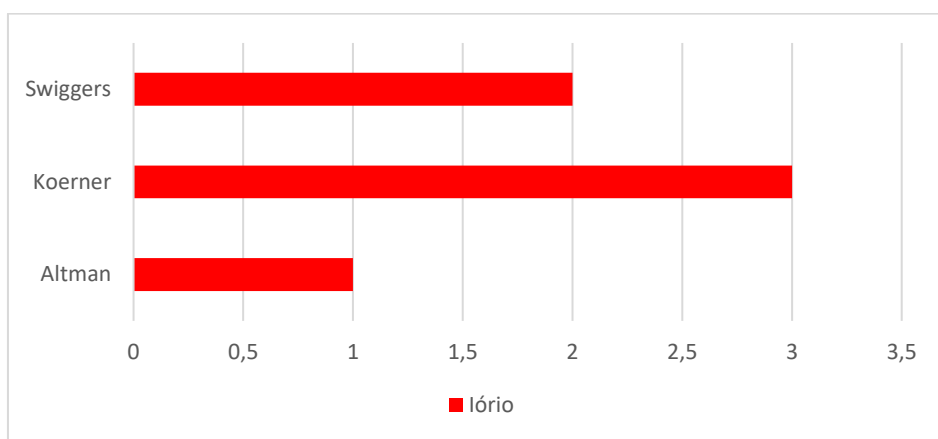
Uma observação geral e que chama atenção na produção de Iório diz respeito à quantidade de trabalhos associados à área da AD. Nos artigos, por exemplo, dos 10 textos informados no currículo, 6 são na área da AD e, com relação aos capítulos de livros, dos 19 textos informados, 5 apresentam a AD como suporte teórico. A autora, inclusive, em um dos

artigos, interrelaciona as duas áreas (HL e AD) de modo a fundamentar teoricamente sua pesquisa, como se vê na afirmação que segue:

Para estabelecer essas relações é necessário buscar fundamentos nos conceitos de Koerner (1996). Ainda por se tratar de ato de comunicação em uma cena política, buscamos, sob o olhar do discurso político (CHARAUDEAU, 2006), observar as estratégias de influência para a constituição do discurso político-linguístico de Celso Cunha (NOGUEIRA; IÓRIO; ALMEIDA, 2019, p. 169).

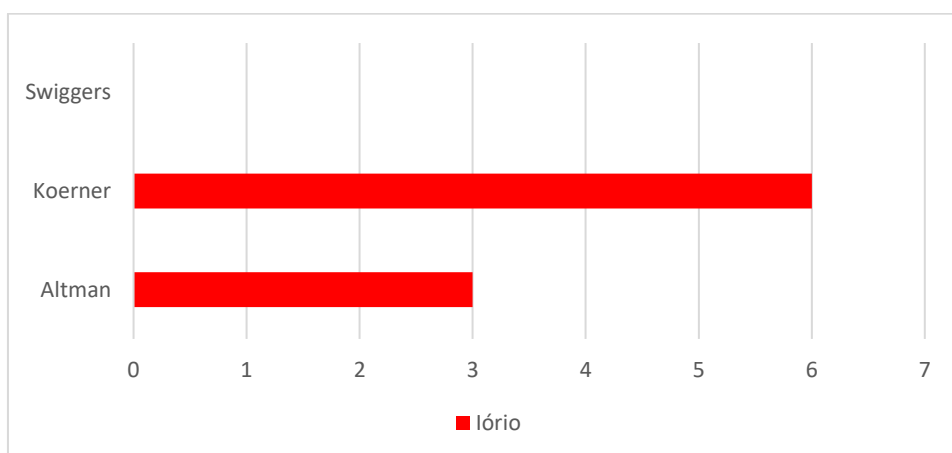
Após essa breve retrospectiva sobre a formação da pesquisadora na área da HL, serão demonstrados, nos gráficos que seguem, a presença e a frequência das referências a autores precursores da área da HL.

Gráfico 63: Referência a autores precursores da HL em artigos - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

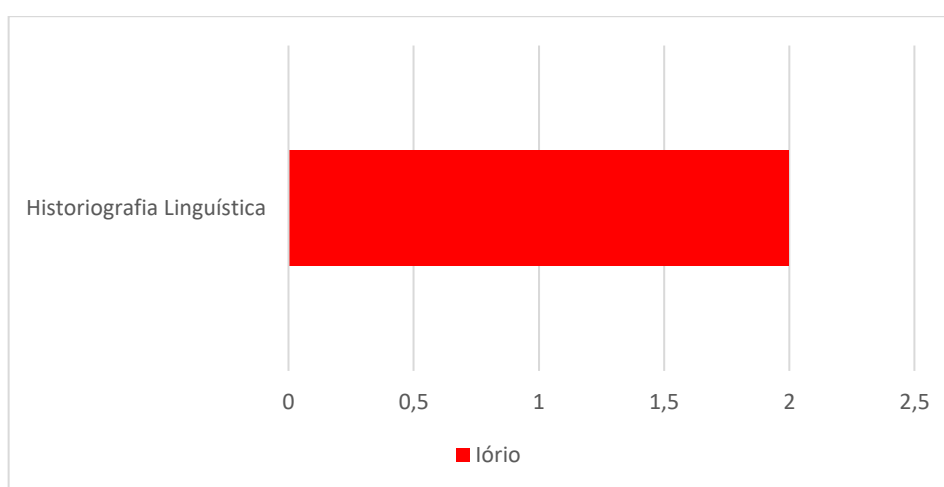
Gráfico 64: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

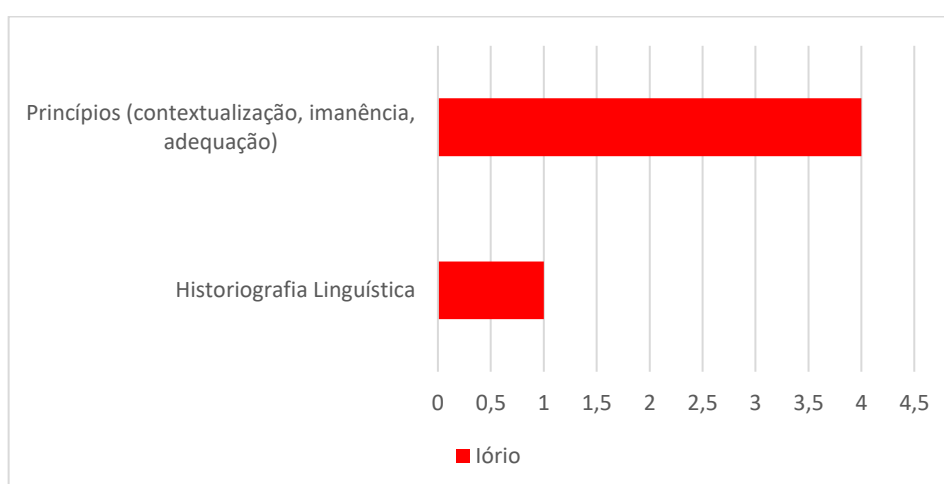
Koerner é o autor mais citado nos trabalhos de Iório. Tanto em artigos quanto em capítulos de livros, ele aparece como referência em mais da metade dos textos produzidos na área. Nos artigos, Swiggers é o segundo autor mais citado e, nos capítulos de livros, Altman é a segunda autora mais citada. A partir do levantamento, observou-se que não há citações a Swiggers nos capítulos de livros e que a referência a Koerner pode estar relacionada ao uso e aplicação dos princípios propostos por ele (contextualização, imanência, adequação). Sobre isto, pode-se verificar mais atentamente nos gráficos que seguem:

Gráfico 65: Definições/explicações da área da HL em artigos - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 66: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UNICSUL



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados dos gráficos, pode-se observar que, nos artigos, as explicações ou definições mais recorrentes são sobre área da HL. Nos capítulos de livros, predominam

explicações sobre os princípios propostos por Koerner (contextualização, imanência e adequação), que, como visto anteriormente, aparece como o autor mais citado nos textos. Além das explicações, os referidos princípios podem ser visualizados nos nomes das seções, como é ver nos exemplos a seguir:

“O contexto político-educacional” (IÓRIO; FRANCO, 2006, p.123).

“Estabelecendo a adequação” (BASTOS; IÓRIO; NOGUEIRA, 2008, p. 178).

“*Gramática Portuguesa* – espírito da época” (IÓRIO; NOGUEIRA, 2010, p. 175).

“Em busca da adequação” (IÓRIO; NOGUEIRA; ALMEIDA, 2016, p. 133).

Consta, além das explicações sobre os princípios propostos por Koerner, uma explicação sobre a HL, que visa apresentar a área e os seus principais objetivos.

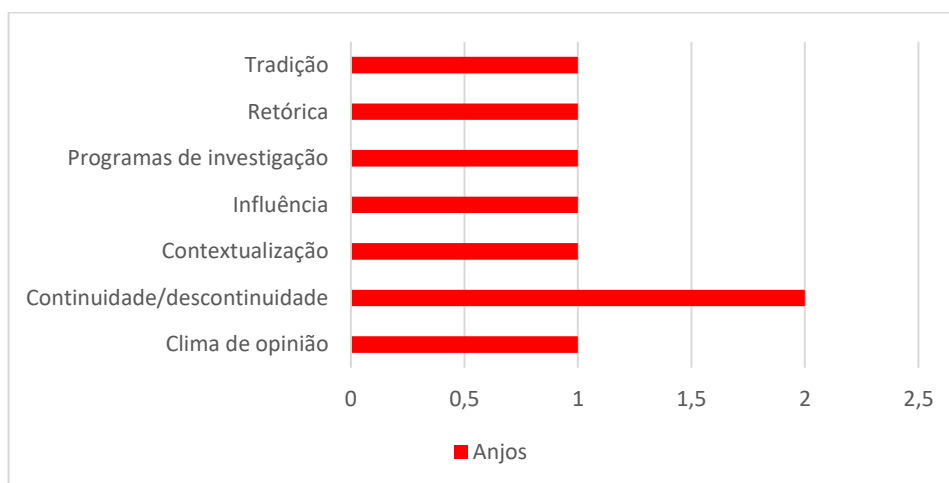
A análise da produção de Iório possibilita aproximar o seu modo de operar com a HL com a produção dos pesquisadores da PUC-SP e com a produção de Nogueira (UEMASUL), pesquisadora com a qual publicou 8 trabalhos em parceria, todos eles ligados ao grupo da PUC-SP. Pode-se, pelo exposto, constatar que a pesquisadora institucionalizou a área da HL na UNICSUL, tendo em vista que atua na instituição desde 1995, produzindo trabalhos por meio da linha de pesquisa “História e Descrição da Língua Portuguesa”, cujo objetivo, dentre outros, é promover estudos descritivos e histórico-historiográficos da língua portuguesa, além de, desde 2013, manter o projeto de pesquisa “Língua Portuguesa estudos da linguagem numa abordagem historiográfica”.

4.1.15 Produção em HL da UFPI

Na UFPI, fez-se uma análise da produção de Anjos, a qual conta com 2 artigos publicados na área da HL¹⁹². As quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da UFPI podem ser visualizadas a seguir:

¹⁹² Nesta pesquisa, optou-se pela investigação da produção dos pesquisadores no que se refere aos artigos e aos capítulos de livros publicados. No *Lattes* de Anjos, não consta nenhum capítulo de livro na área da HL, no entanto, consta um livro organizado em que a maioria dos capítulos trata da HL, no entanto, os dois capítulos dos quais o pesquisador é coautor dos textos se referem a estudos sobre o *ALiB* - Atlas Linguístico do Brasil. Estes não compõem o material investigado nesta tese.

Gráfico 67: Categorias mais usadas em artigos - UFPI



Fonte: Elaborado pela autora

Anjos, em sua produção, mobiliza uma quantidade significativa de categorias analíticas, sete no total. A categoria comum aos dois artigos é “continuidade/descontinuidade”, a qual se alinha às propostas dos textos. O primeiro, por se propor a investigar a institucionalização de uma teoria em uma universidade, buscou, considerando o fato de que o conhecimento linguístico se dá por “continuidades e descontinuidades” teóricas, entender os movimentos a partir das análises de documentos. O segundo, por investigar a concepção de um autor sobre um determinado tema, buscou investigar se predominavam “continuidades ou descontinuidades” no que diz respeito à proposta do autor com relação a uma “tradição de estudos” consolidada. Nos artigos, os dois em parceria com outros pesquisadores da UFPI, são mobilizadas outras categorias que contribuem para a construção da narrativa historiográfica empreendida nos textos, quais sejam: “tradição”, “retórica”, “programas de investigação”, “influência”, “contextualização” e “clima de opinião”.

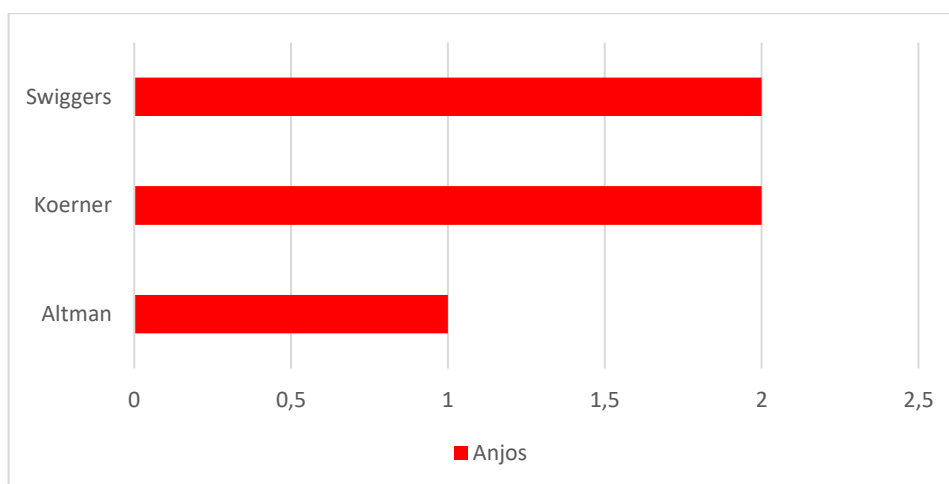
Antes, porém, de se prosseguir com o estudo da produção da UFPI, faz-se oportuno apresentar algumas informações de cunho contextual, relacionadas a Anjos, que promovam o entendimento do lugar que a HL ocupa na sua produção.

De acordo com as informações retiradas do *Lattes* do pesquisador, nenhuma das etapas de formação acadêmica (mestrado e doutorado) foi na área de HL. O mestrado, desenvolvido na Universidade Federal do Piauí, UFPI, no período de 2004 a 2006, na área da Etimologia, sob orientação de Josenir Alcântara de Oliveira, estudou a homonímia e a polissemia no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. O doutorado, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, no período de 2008 a 2012, sob orientação de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na área da Onomástica, estudou hidrônimos do Piauí.

O interesse inicial pela HL, ou melhor, as informações técnicas registradas no currículo *Lattes* sobre a área datam do ano 2015, ano de registro do Projeto de pesquisa e do grupo “Historiografia Linguística no Brasil: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas”. O *Lattes*, a partir do referido ano, registrou a participação em eventos, a apresentação de trabalhos na área da HL, a publicação de artigos, a organização de livro, orientações de trabalhos de iniciação científica, de conclusão de curso, de mestrado e de doutorado, além da vinculação do pesquisador, como “Membro da Comissão de Historiografia Linguística”, na Abralin.

Outro ponto de interesse para a discussão diz respeito aos autores precursores da HL citados nos artigos produzidos pelo pesquisador da UFPI. Veja-se, para tanto, o gráfico a seguir:

Gráfico 68: Referência a autores precursores da HL em artigos – UFPI

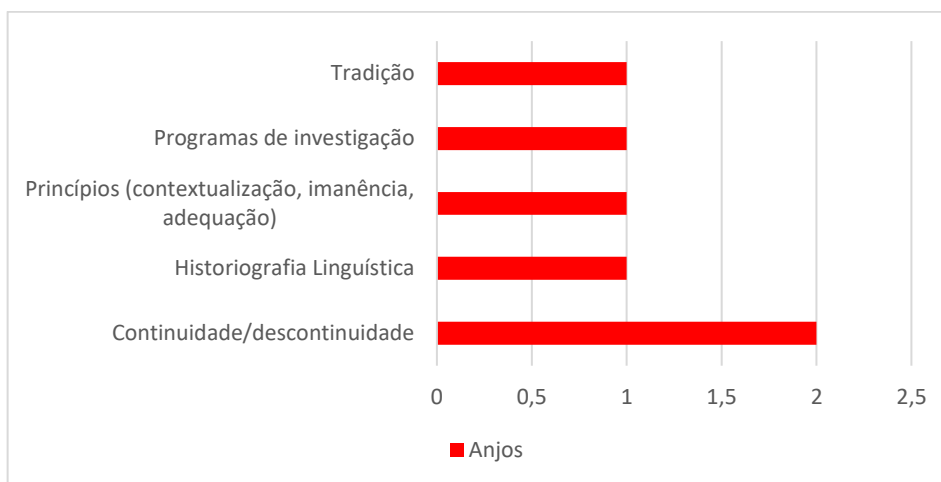


Fonte: Elaborado pela autora

Koerner e Swiggers aparecem como referências nos dois artigos publicados por Anjos. Altman consta como referência em um dos artigos. A menção a Koerner está ligada ao uso dos princípios propostos por ele, especificamente ao princípio da contextualização, que, nos dois casos, visa reconstruir o contexto que favoreceu a produção ou recepção de determinado conhecimento linguístico ou o desenvolvimento de ideias ou de concepções de um determinado autor. Swiggers, por sua vez, é mencionado, em um dos artigos, apenas na seção de Referências. A outra referência ao autor é por meio dos “programas de investigação”, discutidos e conceituados por ele. Altman é citada por meio de trabalhos produzidos sobre a Linguística no Brasil.

A análise dos artigos propiciou, ainda, que se observasse as definições e/ou explicações sobre termos da área presentes nos textos, as quais podem se visualizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 69: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFPI



Fonte: Elaborado pela autora

Chama atenção na produção de Anjos a preocupação em explicar/conceituar tanto as categorias utilizadas nos textos, quanto apresentar explicações sobre a própria área da HL. A categoria, comum aos dois artigos, “continuidade/descontinuidade”, bem como “programas de investigação” e “tradição” aparecem acompanhadas de explicações sobre como são entendidas e utilizadas nos textos. Os princípios (contextualização, imanência e adequação) são acompanhados das respectivas definições propostas por Koerner e a HL é apresentada como uma disciplina e, a partir disso, definida por meio dos seus interesses e objetivos.

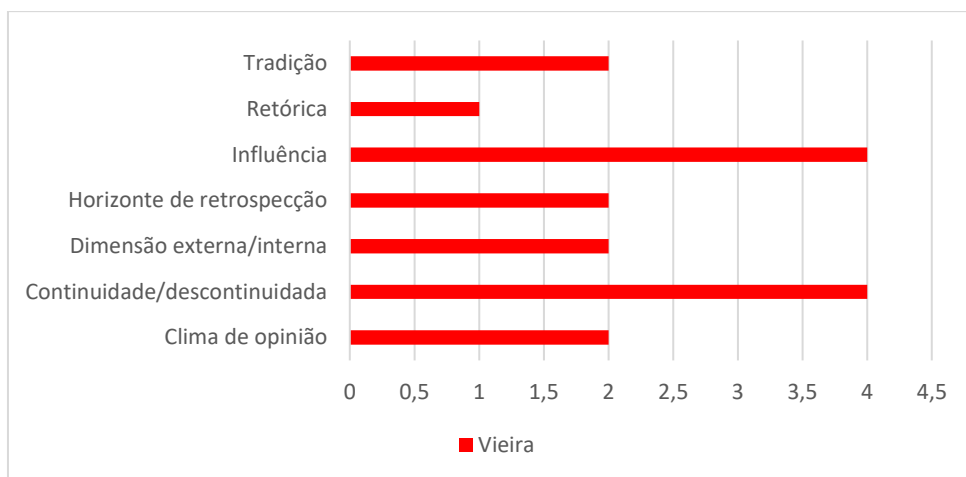
No caso da produção da UFPI, sobressai-se o fato de a produção de Anjos, na área da HL, ser em parceria com outros pesquisadores e de os trabalhos não marcarem vínculo com outros grupos de pesquisas. Além disso, a partir do exposto, depreende-se que Anjos foi o responsável pela institucionalização da HL na UFPI, levando em conta que ele foi o pesquisador a implementar o primeiro grupo de pesquisa na área da HL na instituição, ser o responsável por ministrar disciplinas, promover eventos etc., e, seguindo Murray (1994), é o líder intelectual e organizacional do grupo, responsável pela produção e divulgação de pesquisas na instituição onde atua.

4.1.16 Produção em HL da UFPB

A UFPB possui 3 pesquisadores que desenvolvem pesquisas na área da HL, a saber: Vieira, Gueiros e Poll. Entretanto, até o período que corresponde ao recorte temporal desta pesquisa, somente Vieira e Gueiros apresentaram, no *Lattes*, informações sobre trabalhos na

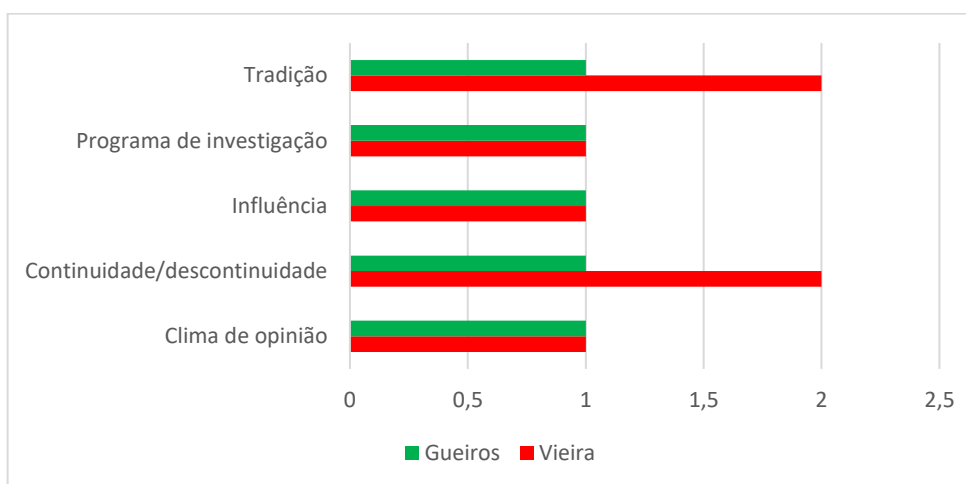
área da HL. No total, foram avaliados 4 artigos e 3 capítulos de livros. Nos gráficos, seguem as quantidades e as categorias mais recorrentes na produção dos pesquisadores da UFPB.

Gráfico 70: Categorias mais usadas em artigos - UFPB



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 71: Categorias mais usadas em capítulos de livros – UFPB



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com as informações presentes nos gráficos, Vieira aparece como autor de artigos e de capítulos de livros na área da HL e Gueiros conta apenas com a produção de um capítulo de livro na área. Vale ressaltar, ainda, que a publicação de Gueiros é em parceria com Vieira. Nos dois autores, percebe-se uma variabilidade quanto ao uso de categorias analíticas. Especificamente sobre a produção de Vieira, é possível observar que a categoria “continuidade/descontinuidade” é a mais recorrentes em artigos e capítulos de livros, seguidas das categorias “influência”, em artigos, e “tradição”, em capítulos. Nos artigos, o pesquisador

estudou desde uma área de pesquisa, a Sintaxe, passando por materiais didáticos de espanhol, até autores e suas respectivas gramáticas. No caso dos capítulos, prevaleceu o interesse pelo estudo de gramáticas tradicionais. Na produção como um todo, a construção de uma narrativa historiográfica parece favorecer, além de outros fatores, a utilização da categoria “continuidade/descontinuidade”, tendo em vista que o autor promove estudos que visam, em um recorte temporal considerável, identificar a manutenção ou não de ideias, conceitos e/ou noções no interior das gramáticas eleitas para os estudos. Esta última observação pode ser aproveitada para a produção de Gueiros, que, além disso, leva em consideração o momento em que tais gramáticas foram produzidas, avaliando o “clima de opinião”; utiliza a noção de “programas de investigação”, os quais favorecem a organização das informações mobilizadas pela pesquisa; investiga as “influências” que essas gramáticas exercem na produção gramatical até os dias de hoje e a “tradição” que ampara a produção dos materiais.

Antes de prosseguir com a análise da produção da UFPB, vale apresentar algumas informações de cunho contextual, no intuito de compreender a relação existente entre os pesquisadores e como se deram algumas de suas escolhas relacionadas à HL.

Vieira, conforme informações do *Lattes*, fez graduação, mestrado e doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Durante a graduação, desenvolveu pesquisas sob orientação de Luiz Antônio Marcuschi, na área da Linguística Textual, com um estudo sobre gêneros da mídia virtual. O mestrado, desenvolvido no período de 2004 a 2006, sob orientação de Marcuschi, na área da Linguística Textual, também envolveu o estudo de gêneros da mídia virtual. No doutorado, realizado no período de 2012 a 2015, desenvolveu uma pesquisa no campo da Linguística Aplicada, a qual se valeu dos pressupostos teórico-metodológicos da HL, sob orientação de Elizabeth Marcuschi e coorientação de Orlene Lucia de Saboia Carvalho.

O pesquisador, além da produção de artigos, capítulos de livros e livros na área da HL, desenvolve e orienta pesquisas por meio dos projetos “Historiografia da Sintaxe no Brasil (HSB): teoria, norma e ensino” (desde 2018) e “Gramatização brasileira do português no século XXI: subsídios para o estabelecimento de uma norma linguística” (desde 2017), este último, de acordo com o próprio autor, busca desenvolver pesquisas “inseridas no cruzamento entre a Historiografia da Linguística e a Linguística Aplicada” (LATTES, p. 6)¹⁹³. Consta, ainda, no *Lattes* do pesquisador, diversas apresentações de trabalhos, participação em eventos e em bancas de mestrado e doutorado, bem como orientações de iniciação científica, trabalhos de

¹⁹³ As informações foram retiradas do *Lattes* do pesquisador no ano de 2020, cuja última atualização datava de 30/12/2020. Para mais informações, ver: <http://lattes.cnpq.br/3416265080264249>.

conclusão de curso, mestrado e doutorado. Além disso, o pesquisador é líder do grupo “HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas”, cadastrado no CNPq¹⁹⁴ no ano de 2017, grupo no qual Gueiros aparece como vice-líder.

Sobre a área da HL, Vieira, em apresentação para o canal da Abralin, no *Youtube*, manifesta seu modo de conceber a importância que a HL tem para as pesquisas que desenvolve, assim o pesquisador afirma que:

“Eu entendo que é nesse cenário programático, no cenário da Historiografia da Linguística, que a gente tem como poder receber algumas contribuições para a nossa compreensão crítica das teorias gramaticais e das propostas de ensino de gramática que conhecemos hoje. Além disso, a Historiografia da Linguística nos permite formular/reformular algumas questões sobre ensino de gramática, que ainda esperam por respostas satisfatórias e também a propor intervenções pedagógicas concretas” (FRANCISCO..., 2020¹⁹⁵).

Gueiros, por sua vez, integra o grupo “HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas”, liderado por Vieira. Sua graduação, mestrado e doutorado foram realizados na UFPE. O mestrado, realizado no período de 2012 a 2014, orientado por Evandra Grigoletto, foi desenvolvido na área da AD de linha francesa. O doutorado, cumprido no período de 2016 a 2019, foi desenvolvido na área da HL, sob orientação de Siane Gois Cavalcanti Rodrigues e coorientação de Vieira. Além da tese na área da HL, no *Lattes* do pesquisador, aparecem informações relacionadas à participação em eventos, desde o ano de 2017, e à participação em bancas de trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, além da participação, como membro, de bancas de qualificação de mestrado. No *Lattes*, consta ainda que o pesquisador é membro do “Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira” da ANPOLL.

Interessante observar, no percurso acadêmico dos dois pesquisadores mencionados, que ambos se graduaram e se pós graduaram na UFPE e que ambos atuam como professores na UFPB, instituição onde atuam também como membros do grupo e compartilham os mesmos interesses de pesquisa.

Para além do grupo “HGEL - Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas”, a UFPB conta, ainda, com o grupo “Historiografia da Língua Portuguesa no Brasil”¹⁹⁶, cadastrado no CNPq no ano de 2019, o qual conta com a liderança da professora Margarete von Mühlen Poll.

¹⁹⁴ Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6433198070413694. Acesso em: 29 jul. 2022.

¹⁹⁵ A apresentação, intitulada " Gramática: História, Epistemologia e Ensino", foi concedida no dia 19 de junho de 2020. As informações aparecem aos 7m39s. Para mais informações, ver <https://www.youtube.com/watch?v=m6nQm3Zceq8>. Acesso em: 29 jul. 2022.

¹⁹⁶ Para mais informações, acessar o espelho do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1385453925376814. Acesso em: 29 jul. 2022.

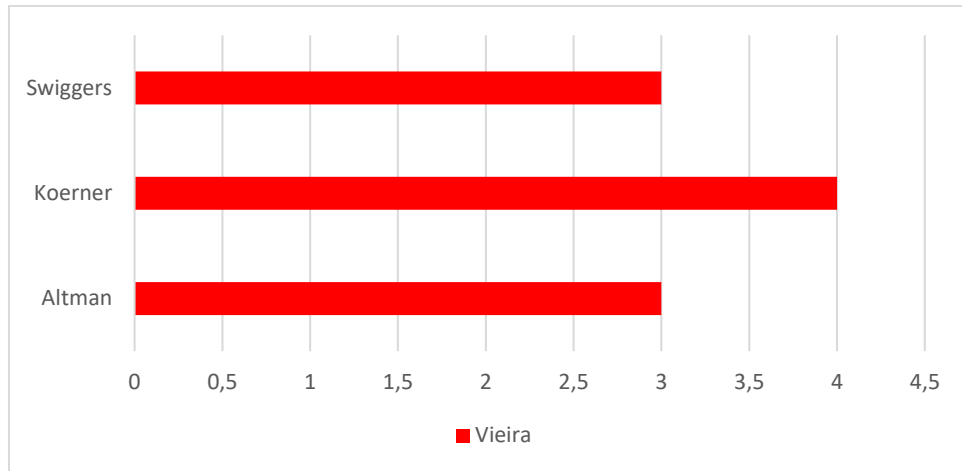
Até o ano da consulta para esta pesquisa, não constava no *Lattes* da pesquisadora nenhum trabalho desenvolvido na área da HL (artigos, capítulo de livros ou livros). Em *e-mail* resposta destinado à pesquisadora desta tese, datado de 12 de julho de 2021, a professora Poll informou que o grupo ainda era bastante recente e que, até o momento, não havia se filiado a nenhuma perspectiva em específico, no entanto, as pesquisas orientadas por ela e desenvolvidas por seu grupo seguiam a linha de Swiggers e Koerner¹⁹⁷.

De acordo com o *Lattes* da pesquisadora, Poll fez graduação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, em Letras - Português / Alemão, no período de 1993 a 1997. No mestrado, desenvolvido na UFSC, sob orientação de Werner Heidermann, na área da Teoria da Tradução, traduziu a obra de Friedrich Schleiermacher. O doutorado foi desenvolvido na UFMG, durante o período de 2005 a 2008, sob orientação de Luiz Carlos de Assis Rocha, na área da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada, tendo como eixo de investigação o ensino da norma-padrão. Observou-se, pois, que nenhuma das etapas de formação da pesquisadora (mestrado e doutorado) foi na área da HL, a qual aparece como primeiro registro no currículo no ano de 2011, por meio da linha de pesquisa “Historiografia da Língua Portuguesa”. Além dessa informação, constam três projetos de pesquisa cadastrados, a saber: “Historiografia da Língua Portuguesa no Brasil”, de 2019 – atual; “Historiografia da Língua portuguesa e seu ensino”, de 2019 a 2020; “Historiografia das políticas públicas para língua portuguesa no Brasil”, de 2020 – atual; além de duas orientações de iniciação científica em andamento.

Apresentadas essas informações de cunho contextual, volta-se, a partir de agora, para os textos analisados na produção da UFPB. Vieira e Gueiros, para além da utilização de categorias analíticas, costumam, em seus textos, fazer referência aos autores precursores da área da HL, como se vê nos gráficos a seguir:

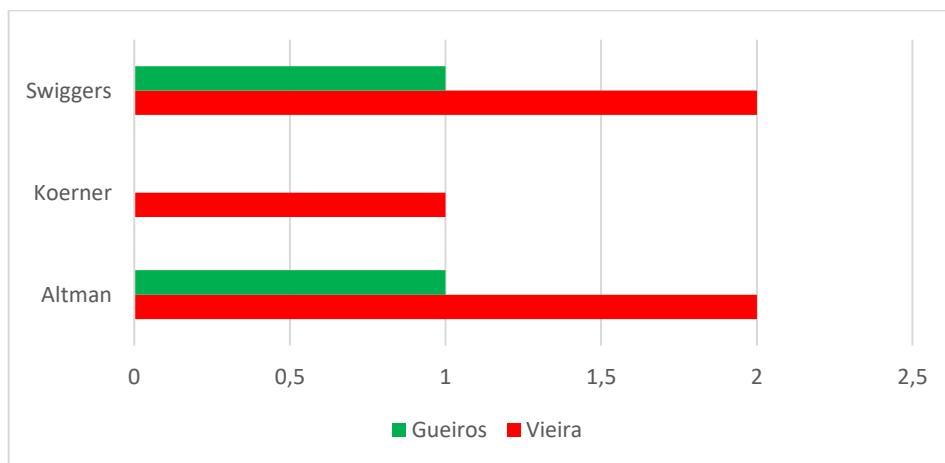
¹⁹⁷ POLL, Margarete. Re: Informações sobre o Grupo Historiografia da Língua Portuguesa no Brasil [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <https://mail.yahoo.com/> em 12 jul. 2021. 1 mensagem eletrônica.

Gráfico 72: Referência a autores precursores da HL em artigos - UFPB



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 73: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros - UFPB

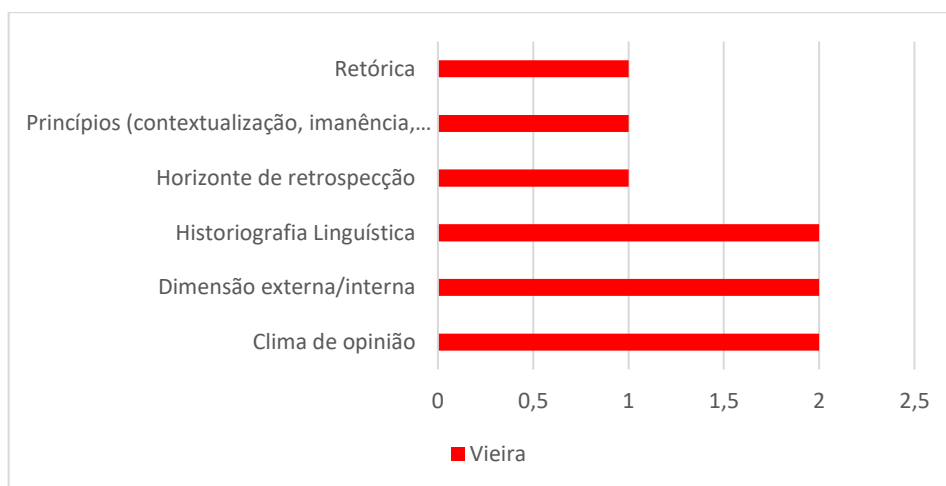


Fonte: Elaborado pela autora

Vieira, nos artigos, costuma fazer referência aos três autores precursores da área da HL, de modo que em apenas um dos artigos isso não ocorre. A citação aos autores se dá como meio de explicação sobre a área da HL, recorrendo, para isso, a Altman ou a Swiggers, e a Koerner, quando se trata de explicações sobre os princípios gerais da área. O mesmo ocorre nos capítulos de livros tanto de Vieira quando de Gueiros. Vale registrar, como já anteriormente mencionado, que o capítulo publicado por Gueiros foi produzido em parceria com Vieira, assim, a observação apresentada, neste caso, vale para os dois pesquisadores, com a ressalva de que a referência a Swiggers, no capítulo de Gueiros e Vieira, ocorre para promover uma explicação sobre os “programas de investigação”.

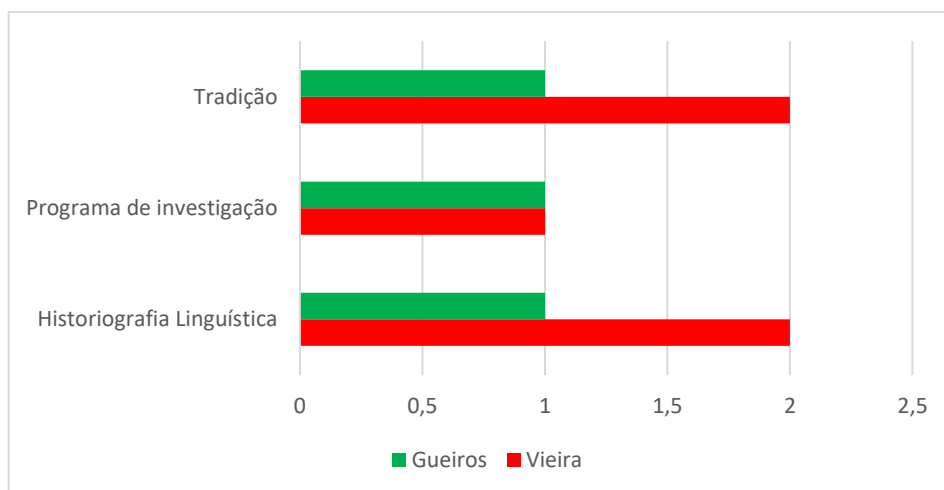
Sobre as explicações e as definições presentes nos textos, é importante destacar que os autores têm como prática esclarecer o modo como entendem cada categoria e como as utilizam nos textos, bem como dão atenção para a circunscrição da HL como disciplina, evidenciando do que trata e quais seus objetivos. Os gráficos a seguir ilustram as definições e as explicações mais recorrentes nos textos dos pesquisadores da UFPB.

Gráfico 74: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFPB



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 75: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UFPB



Fonte: Elaborado pela autora

Os gráficos demonstram que os dois autores, além do uso de categorias como “clima de opinião”, “dimensão externa/interna”, “horizonte de retrospectiva”, “retórica”, “programas de investigação” e “tradição” e de noções relacionadas aos “princípios (contextualização, imanência, adequação)” e a própria HL, têm como procedimento explicar como entendem e

utilizam as categorias mobilizadas nas publicações, de modo a direcionar o entendimento do leitor no interior dos textos.

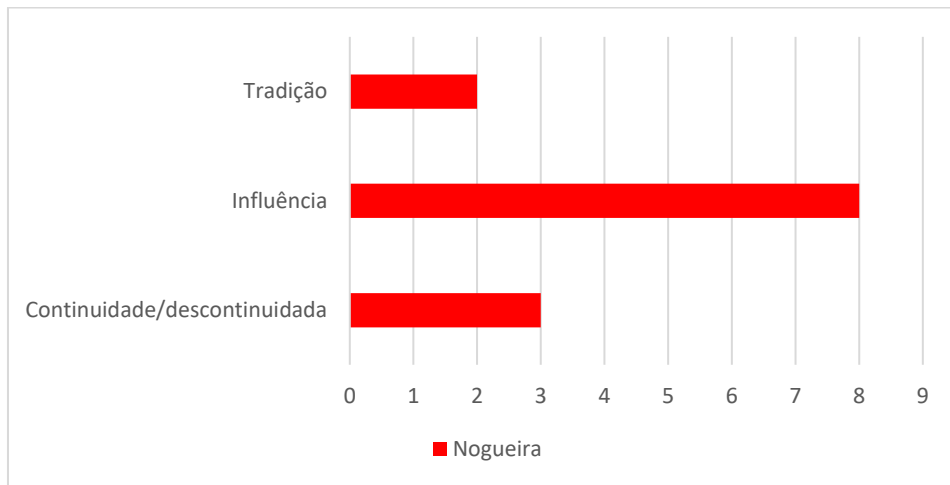
Na UFPB, formaram-se dois grupos distintos na área da HL, um liderado por Vieira e Gueiros e o outro liderado por Poll. Os grupos contam com lideranças, objetos e objetivos diferentes um do outro. O grupo liderado por Vieira, no qual Gueiros é vice-líder, mantém vínculo com os trabalhos desenvolvidos por Faraco, na UFPR. Pela ausência de material, não foi possível averiguar se o grupo liderado por Poll se vincula a outros grupos de pesquisa em HL. A partir dos dados analisados, pode-se afirmar que Vieira foi o responsável pela institucionalização da HL na UFPB, considerando que o pesquisador efetivou a formação do primeiro grupo de pesquisa na área da HL na instituição, além de ter produzido e divulgado pesquisas, orientado trabalhos na área, promovido eventos etc. Os dados mostram, ainda, que Vieira, Gueiros e Poll, nos termos de Murray (1994), são os líderes intelectuais e organizacionais da HL na instituição onde atuam, responsáveis pela produção e divulgação de pesquisas na área da HL.

4.1.17 Produção em HL da UEMASUL

Na UEMASUL, Nogueira foi a única pesquisadora na área da HL a compor o quadro desta pesquisa. Para tanto, foram analisados 8 artigos e 11 capítulos de livros¹⁹⁸ de sua produção. Segue, nos gráficos abaixo, algumas informações sobre as categorias mais recorrentes em artigos e em capítulos de livros.

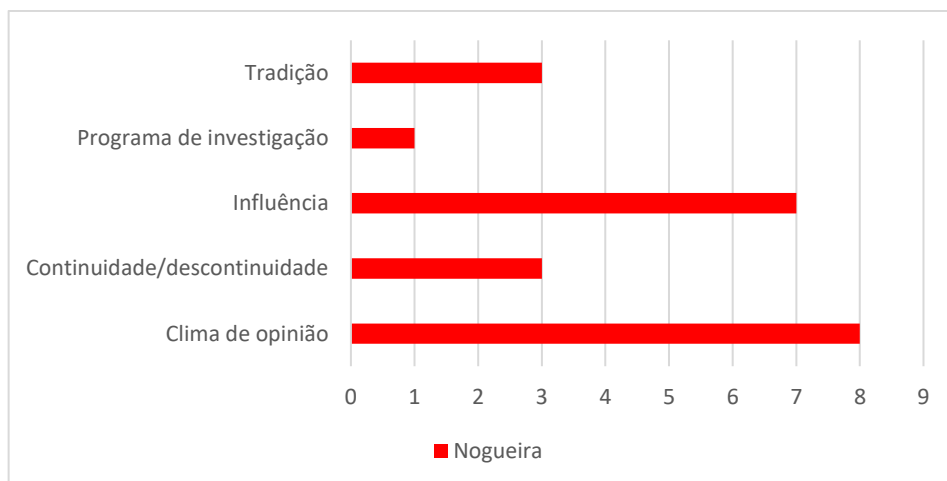
¹⁹⁸ A produção de Nogueira, no que se refere à publicação de capítulos de livros, conta com um total de 14 textos, entretanto, não foi possível ter acesso a 3 capítulos desta produção.

Gráfico 76: Categorias mais usadas em artigos - UEMASUL



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 77: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UEMASUL



Fonte: Elaborado pela autora

A produção da UEMASUL, na área da HL, em termos quantitativos, é maior na produção de capítulos de livros. Destaca-se, neste caso, o fato de as publicações serem, na sua totalidade, capítulos que compõem obras organizadas pelo grupo da PUC-SP, cuja principal responsável pela organização das obras é Bastos. Dos 14 capítulos, 8 são publicações no projeto “História Entrelaçada”. De acordo com os dados dos gráficos, nos capítulos, predomina o uso da categoria “clima de opinião” e, nos artigos, sobressai a categoria “influência”.

Os artigos produzidos por Nogueira se propõem a investigar autores e suas respectivas obras. Para uma melhor visualização da produção, segue uma breve listagem dos objetos estudados pela pesquisadora:

“Manual didático ‘Português Linguagem’, de Cereja e Cochar” (2015), (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2020);

“‘Gramática prática da língua Portuguesa’, de Mário Duarte de Vasconcelos, de 1928, e ‘Grammatica Portugueza’, de João Ribeiro, de 1920” (NOGUEIRA, 2019);

“‘Uma política do idioma’ (1964), de Celso Cunha” (NOGUEIRA; IÓRIO; ALMEIDA, 2019);

“Manual didático ‘Português Linguagem’, de Cereja e Cochar (2015)” (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018);

“‘Postillas de Grammatica Geral, Applicada á Lingua Portugueza pela Analyse dos Classicos, ou Guia para a Construcção Portuguesa’, ‘Grammatica Portugueza Accommodada aos principios Geraes da Palavra Seguidos de Immediata Applicação Pratica’, de Francisco Sotero dos Reis (1870; 1871); ‘Selecta Nacional’, do Padre Raimundo Alves da Fonseca (1873), e ‘Grammatica Elementar da Lingua Portugueza’, de Filippe Benicio de Oliveira Condurú (1888)” (NOGUEIRA; MOREIRA, 2017);

“‘Grammatica Portugueza Elementar’ (DIAS, 1884) e ‘Grammatica Portugueza, accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica’” (REIS, 1866). (IÓRIO; NOGUEIRA, 2016);

“‘Grammatica Elementar da Lingua Portugueza’, de Filippe B. O. Condurú (1888); ‘Caderno de ensino e aprendizagem: Língua Portuguesa 4 e 5’ e ‘Caderno do Educador: Língua Portuguesa’, de Selma A. P. W. Dias (2010)” (IÓRIO; NOGUEIRA, 2015);

“‘Grammatica Elementar da Lingua Portugueza’, 1850, de Filipe Benício de Oliveira Condurú; e ‘Grammatica Portugueza, accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica’, 1866, de Francisco Sotero dos Reis” (NOGUEIRA, 2009).

Observou-se, pois, que Nogueira, ao estudar os respectivos autores e suas obras, geralmente manuais didáticos ou gramáticas, propõe-se a investigar as “influências” recebidas e exercidas tanto entre um autor e outro, quanto em relação ao período e local de publicação de uma determinada obra o que, para além disso, favorece que elas sejam alocadas em uma “tradição” que propicia, inclusive, a verificação se essas obras se mantêm em “continuidade/descontinuidade” com relação a outras do seu tempo.

No que diz respeito à produção de capítulos de livros, também predomina a investigação de autores e suas respectivas obras. Com a exceção de um capítulo, todos os textos são publicados em parceria com outros autores da PUC-SP. Especificamente nos capítulos de livros, prevalece a categoria “clima de opinião”, o que pode estar diretamente associado ao fato de a autora mobilizar, como suporte teórico, os princípios propostos por Koerner (contextualização, imanência e adequação), e, a partir disso, busca investigar o “clima intelectual” que circunscrevia o momento de produção das obras. A aplicação dos princípios se marca, inclusive, nos títulos de algumas seções dos textos, como é possível ver a seguir:

“Texto e Contexto: contextualização” (NOGUEIRA; NOGUEIRA JR., 2006, p. 18).

“Contexto e autor” (NOGUEIRA; NOGUEIRA JR., 2006, p. 20).

“Aspectos da *Grammatica Elementar da Língua Portugueza*: imanência” (NOGUEIRA; NOGUEIRA JR., 2006, p. 23).

“A *Grammatica elementar* e a *Moderna Gramática Portuguesa*: adequação” (NOGUEIRA; NOGUEIRA JR., 2006, p. 34).

“Educação linguística e gramática: o contexto histórico” (SILVA; NOGUEIRA, 2008, p. 123).

“Estabelecendo a adequação” (BASTOS; IÓRIO; NOGUEIRA, 2008, p. 178).

“*Gramática Portuguesa* – espírito de uma época” (IÓRIO; NOGUEIRA, 2010, p. 175).

“Em busca de adequação” (IÓRIO; NOGUEIRA, ALMEIDA, 2016).

Como última observação nessas obras, Nogueira, ao se identificar, faz menção ao grupo da PUC-SP, sendo assim apresentada: “Sônia Maria Nogueira (UEMA – IP - PUC/SP)” (PALMA; BASTOS, 2016, p. 6).

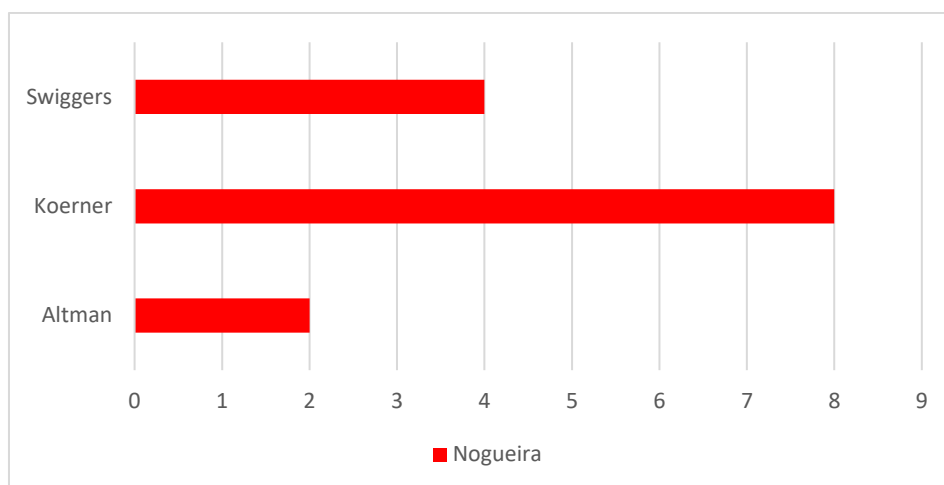
Antes, porém, da apresentação dos autores mais citados nesses textos, serão apresentadas algumas informações sobre a formação da pesquisadora e a sua inserção na HL, no intuito de entender particularidades de sua formação e de sua prática na área, que, de certo modo, fundamentam as escolhas teóricas e metodológicas como historiógrafa.

Nogueira possui duas graduações. A primeira, em Letras, foi realizada no período de 1978 a 1980, na Faculdade Riopretense de Filosofia, Ciências e Letras de S. J. do Rio Preto, FARFI. A segunda, em História, foi realizada na Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, no período de 1992 a 2001. Concomitantemente ao curso em História, a pesquisadora fez mestrado em Ciências da educação, na UEMA, sob orientação de Benito Almaguer Luaiaza. No período de 2004 a 2005, concluiu seu segundo mestrado, pela PUC/SP, sob orientação de Bastos, na área da HL. E, no período de 2006 a 2011, desenvolveu um doutorado na área da HL, também sob orientação de Bastos.

De acordo com as informações do *Lattes*, os primeiros registros na área da HL datam de 2004, ano em que iniciou o mestrado na PUC-SP. Além disso, 2004 também é o ano em que constam as primeiras informações sobre apresentação de trabalhos e seminários, bem como a participação de eventos na área da HL, o que indica, provavelmente, que os primeiros contatos com a HL se deram durante a realização do mestrado na PUC-SP. Nogueira participa como vice-líder do “Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão – GELMA”, no qual atua na linha de pesquisa “Historiografia Linguística e Ensino”, desde o ano de 2012, e já desenvolveu diversos projetos de pesquisa em que a HL é o suporte teórico-metodológico. A pesquisadora orientou diversos trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica na área da HL e faz parte, como membro, do “Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira” da ANPOLL.

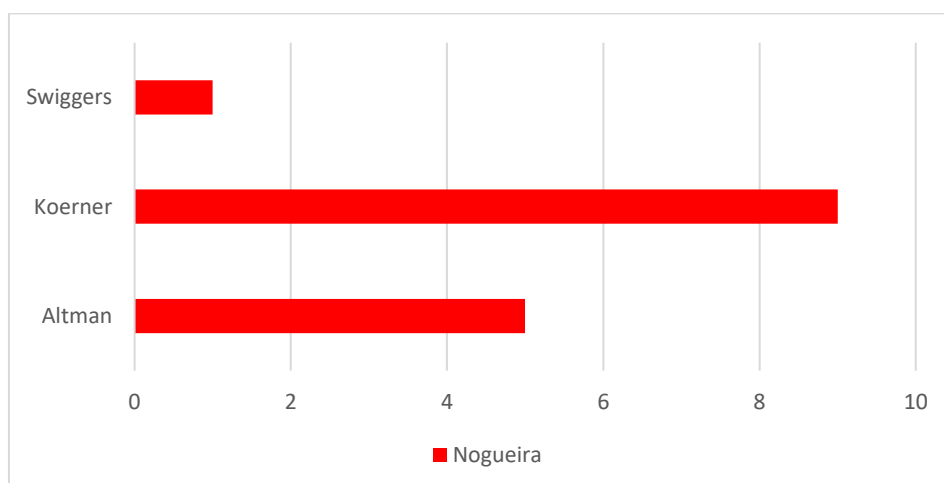
Após as considerações de caráter pessoal, feitas acima, passa-se à análise das referências aos autores precursores da área da HL, como se vê nos gráficos a seguir:

Gráfico 78: Referência a autores precursores da HL em artigos – UEMASUL



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 79: Referência a autores precursores da HL em capítulos de livros – UEMASUL



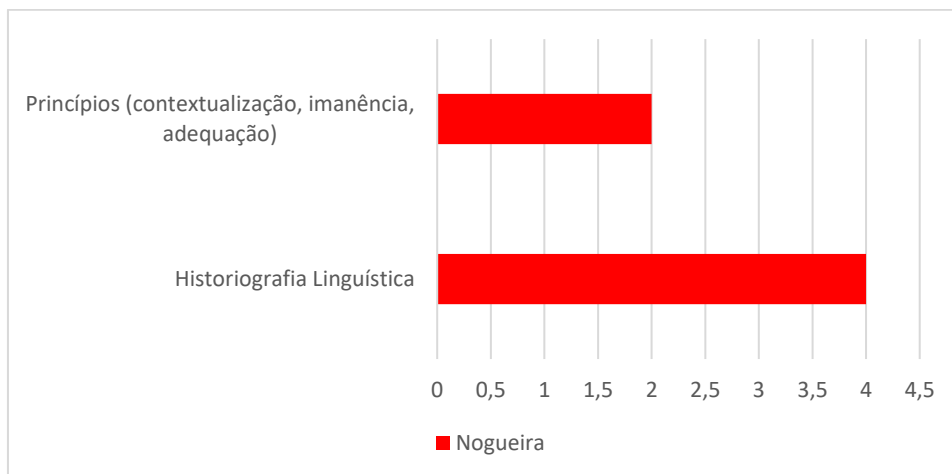
Fonte: Elaborado pela autora

Koerner é o autor mais citado nos artigos e nos capítulos de livros publicados por Nogueira. Swiggers é o segundo autor mais citado em artigos, e Altman é a segunda autora mais citada em capítulos de livros. A referência a Koerner está relacionada ao uso dos princípios propostos por ele, como se pode observar pelos títulos das seções de capítulos anteriormente mencionados. Observou-se ainda que os princípios são usados com vistas a reconstruir o contexto que favoreceu a produção das obras analisadas, a análise das obras em si e, em alguns casos, com a tentativa de aproximar ideias entre textos de épocas distintas. Altman e Swiggers aparecem como referência para reforçar explicações ou definições sobre a área da HL.

Corroborando a última afirmação, a análise dos materiais propiciou observar, ainda, que, quando apresentadas definições e/ou explicações nos textos, estas são ou sobre a HL, em uma

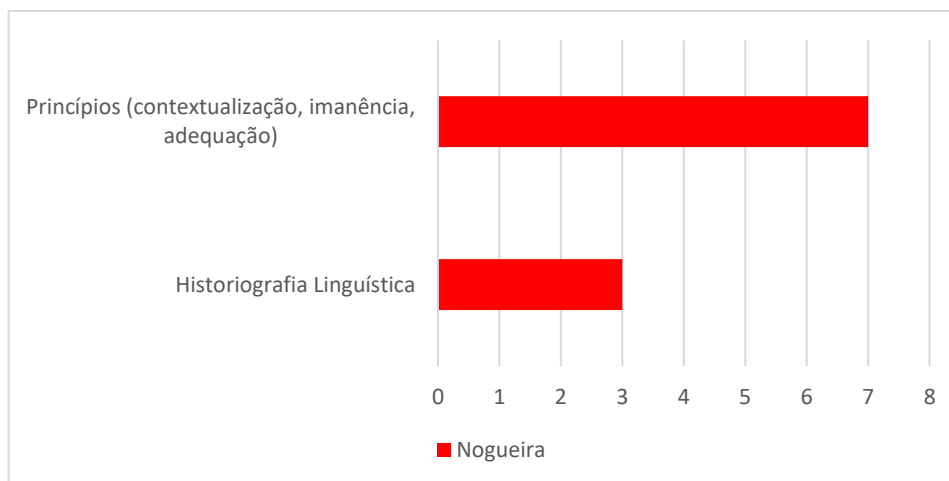
tentativa de delimitar os objetos e objetivos da área, ou sobre os princípios propostos por Koerner, no intuito de determinar os suportes teórico-metodológicos da pesquisa. Os gráficos, a seguir, apresentam quantitativamente as informações mencionadas.

Gráfico 80: Definições/explicações da área da HL em artigos – UEMASUL



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 81: Definições/explicações da área da HL em capítulos de livros - UEMASUL



Fonte: Elaborado pela autora

A produção de Nogueira, a partir das considerações apresentadas, mantém um vínculo teórico e metodológico com a produção dos pesquisadores que formam o grupo da PUC-SP, principalmente com Iório (UNICSUL), pesquisadora com a qual publicou 8 trabalhos em parceria.

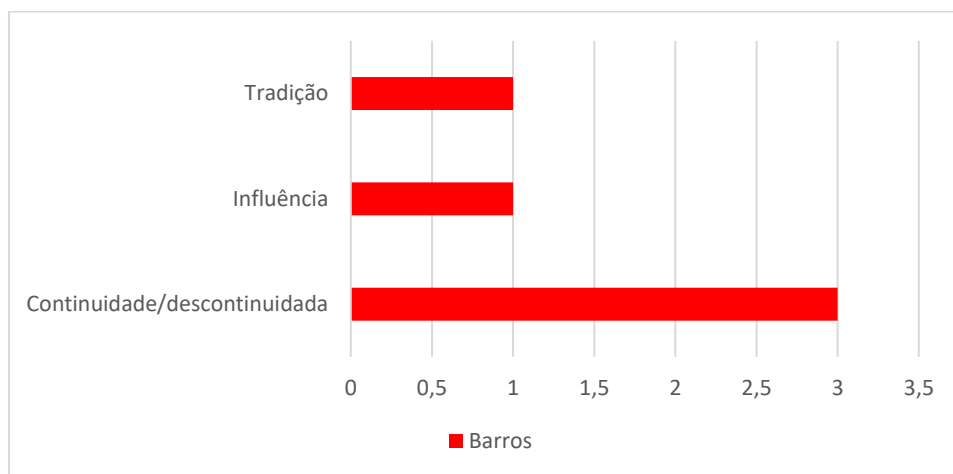
A análise da produção de Nogueira e da instituição na qual atua indica que ela foi a pesquisadora responsável por institucionalizar os estudos em HL na UEMASUL, tendo em vista

que iniciou, no grupo do qual participa, estudos na linha de pesquisa da HL, além de divulgar a área por meio de pesquisas e orientações de trabalhos.

4.1.18 Produção em HL da UFPA

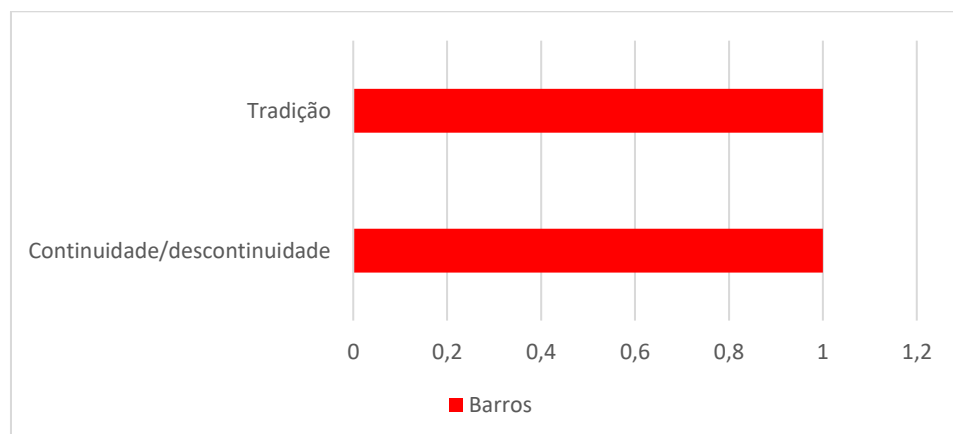
A UFPA¹⁹⁹ possui 1 pesquisadora na área da HL que compõe os *corpora* desta pesquisa. No total, foram avaliados 4 artigos e 2 capítulos de livros. Nos gráficos, seguem as quantidades e as categorias mais recorrentes na produção da pesquisadora da UFPA.

Gráfico 82: Categorias mais usadas em artigos - UFPA



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 83: Categorias mais usadas em capítulos de livros - UFPA



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁹⁹ A informação sobre o vínculo de Barros com a UFPA foi retirada do *site* do GT Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL. No *Lattes* da pesquisadora, até o período do recorte desta pesquisa, o ano de 2020, na seção “Atuação Profissional” constam apenas dois vínculos, quais sejam: John Carter Brown Library, JCBL, Estados Unidos (2019 - 2019) e Museu Paraense Emílio Goeldi, MPEG, Brasil (1984 - Atual).

De acordo com as informações presentes nos gráficos, a categoria mais recorrente nos textos de Barros é “continuidade/descontinuidade”, a qual está alinhada às pesquisas desenvolvidas por ela, tendo em vista que, nos seus trabalhos, prevalece o estudo com textos missionários em línguas indígenas, nos quais a autora busca, por meio da HL, averiguar a “continuidade” ou não das políticas linguísticas implementadas nos séculos XVI, XVII e XVIII. Além disso, a pesquisadora, também, investiga “influências” de autores em determinados materiais, como é possível verificar na seção de um artigo intitulada “Influências de Bento Pereira nos dicionários tupi” (BARROS; LESSA, 2005, p. 82).

Barros não costuma se valer de diferentes categorias analíticas, seus textos reconhecem a HL como abordagem que dá suporte às análises, mas, às vezes, a HL é relacionada à outra abordagem, como é possível ver nas palavras da própria autora: “A análise dos manuscritos setecentistas tupi reunirá recursos da sociolinguística e da historiografia linguística” (BARROS, 2005, p. 126). Para além disso, a contextualização é algo bastante presente nas obras, em títulos de seções, como é possível verificar nos exemplo: “André Thevet no contexto da França Antártica (SÉCULO XVI)” (BARROS, 2002, p. 144) e “Contextualização do manuscrito tupi de 1751” (BARROS; MONSERRAT; MOTA, 2009, p. 165); ou por meio de informações no corpo dos textos, como: “Antes de verificar a postura do catecismo de 1740 em relação à forma de negação, é necessária uma contextualização deste texto” (BARROS, 2003, p. 144).

Interessante destacar, antes de dar continuidade à análise dos materiais, aspectos e informações sobre a formação da pesquisadora.

Barros, conforme informações do *Lattes*, fez graduação na Escola de Comunicação, na UFRJ, no período de 1971 a 1975. O mestrado em Linguística foi realizado na Escuela Nacional de Antropología e Historia, ENAH, México, sob orientação de Hector Muñoz, durante dos anos de 1978 a 1982. Sobre o mestrado, não foi possível identificar a área de concentração do trabalho, entretanto, as palavras-chave cadastradas são: História da Linguística; Jesuítas; Língua Geral; Linguística Indígena; Missões; Política de Linguagem. O doutorado foi realizado na UNICAMP, sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira, no período de 1987 a 1993. A respeito do doutorado, também não foi possível precisar em qual área se concentra a pesquisa de modo que as palavras-chave são: Educação Bilingue; Educação Indígena; Entrevista Linguística; História da Linguística; Missionários; Summer Institute of Linguistics. Um comparativo entre as pesquisas desenvolvidas no mestrado e no doutorado, apesar de terem sido realizadas em universidades distintas e sob diferentes orientações, mostra que as pesquisas

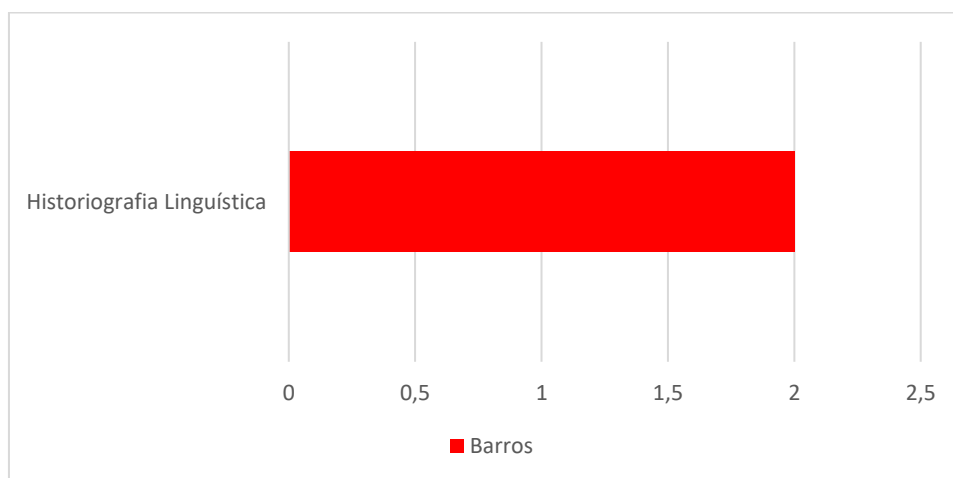
mantêm relações entre si, visto que envolvem a Linguística missionária, temática, inclusive, desenvolvida em artigos e em capítulos de livros escritos pela autora, os quais se filiam à HL.

Uma pesquisa no *Lattes* de Barros, por meio do filtro “historiografia”, confirma a presença de dois registros no currículo com relação ao termo. A primeira ocorrência aparece na seção “Projetos de pesquisa”, na qual é indicado um projeto datado de 1987 a 1993, cuja descrição traz a seguinte proposta “Estudo sobre *historiografia linguística* sobre o uso da Linguística na prática da *missão evangélica Summer Institute of Linguistics*” (LATTES, p. 5, grifos nossos). A segunda ocorrência aparece na seção “Outras produções bibliográficas”, na qual se vê a seguinte referência: “Esboço de uma história dos catecismos em línguas indígenas do Brasil, séculos XVI e XVII. São Paulo: Boletim do GT de Historiografia Linguística Brasileira da ANPOLL. Boletim. V, 2000 (ARTIGO)” (LATTES, p. 10).

Se observado, com a atenção devida, o título da tese da pesquisadora “Linguística Missionária: Summer Institute of Linguistics”, produzida no período de 1987 a 1993, e o título do projeto “Estudo da Linguística Missionária do Summer Institute of Linguistics”, desenvolvido de 1987 a 1993, do qual Barros se denomina coordenadora, e que, na descrição, filia-se à HL, pode-se admitir que eles mantêm mais do que coincidências relacionadas à temática ou ao período de desenvolvimento, de modo que, a partir disso, é possível conjecturar que sua tese tome a HL como suporte teórico-metodológico. Ainda sobre as informações relacionadas à HL, o currículo da pesquisadora traz artigos e capítulos de livros na área, publicados a partir do ano 2000. Além do mais, a pesquisadora também consta como membro do “Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira” da ANPOLL.

A análise dos materiais mostra que, na produção de Barros, não há nenhuma referência a Altman, a Koerner ou a Swiggers nos artigos ou capítulos analisados. Quanto a definições ou explicação nos textos, só aparecem em dois artigos explicações sobre a tarefa da HL e de modo bem adequado à proposta empreendida pela pesquisadora.

Gráfico 84: Definições/explicações da área da HL em artigos - UFPA



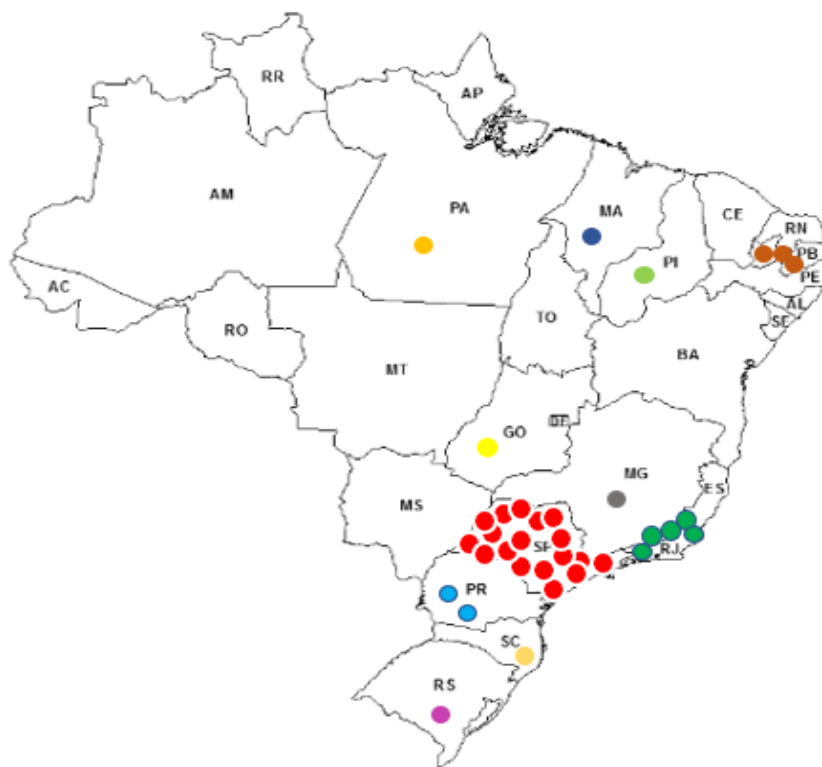
Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos dados levantados, observou-se que Barros não se vincula com outros grupos de pesquisas, apesar de um dos artigos ser uma produção em parceria com Ruth Maria Fonini Monserrat, da UFRJ, com a qual, além das categorias mobilizadas nos textos, compartilha interesse por temática de investigação, uma quantidade significativa de artigos, capítulos de livros e livros publicados em parceria, bem como a participação em projetos de pesquisa em que Monserrat é coordenadora. Não consta no *Lattes* informações sobre grupos de pesquisa em HL.

4.2 Últimas anotações sobre a produção historiográfica brasileira

O quadro geral da produção historiográfica brasileira parece sobrelevar o dado de que a HL está presente nas universidades como uma disciplina já institucionalizada, em alguns casos, e, em outros, em vias de institucionalização. No mapa abaixo, é possível visualizar as regiões em que a HL, como disciplina autônoma, é materializada por meio da produção de artigos, de capítulos de livros, de livros, da consolidação de projetos e de grupos de pesquisa etc. Em contrapartida, por meio do mapa, também é possível visualizar onde essa materialização ainda não se deu. Por óbvio, é preciso considerar que as informações contemplam o período que cobre o recorte desta pesquisa (1993 - 2020), e, a partir disso, o fato de que não foram identificados, nas regiões em que as marcações não aparecem no mapa, pesquisadores que tenham produzido materiais ou pesquisas em que a HL é reconhecida como suporte teórico-metodológico. Assim sendo, segue o mapa com as informações por estado.

Mapa 1: Mapa do Brasil – quantidade de pesquisadores em HL por estado²⁰⁰



Fonte: Elaborado pela autora

Como constatação geral, em relação à produção historiográfica brasileira, e levando em conta as informações presentes no mapa, verifica-se que as pesquisas se concentram em maior volume na região Sudeste, com destaque para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, dado que pode estar relacionado ao fato de estas serem as regiões em que atuam/atuaram os primeiros pesquisadores, líderes intelectuais da área, responsáveis pelas primeiras publicações, pela organização dos primeiros quadros de trabalho e grupos de pesquisas, pelas primeiras orientações e pela oferta de disciplinas a nível de graduação e pós-graduação, sem deixar de mencionar as primeiras associações e os primeiros grupos de trabalhos nacionais da área, e que, por essa razão, concentram, nesses primeiros anos, mais pesquisadores; ou, ainda, como segunda hipótese, pode estar relacionado ao fato de que a HL permaneceu, por algum tempo, como uma disciplina pouco conhecida ou mesmo pouco divulgada nas universidades brasileiras, o que não significa dizer que pesquisadores de instituições fora do eixo São Paulo - Rio já não conhecessem ou mesmo tivessem desenvolvido trabalhos na área. Conforme é

²⁰⁰ O mapa que serviu de base para a constituição da imagem foi retirado do *site* “Mapas para colorir”. A autora desta pesquisa acrescentou as marcações presentes na imagem. Para mais consultas, ver: <https://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-brasil.php>. Acesso em: 8 ago. 2022.

apresentado no mapa, as universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, juntas, concentram mais pesquisadores que o somatório do restante do Brasil. Para além disso, o mapa evidencia que, em estados como Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e o Distrito Federal, até o momento, e considerando o levantamento feito por esta tese, não haviam sido localizados pesquisadores com produção na área da HL. O mapa também demonstra que a HL, salvaguardadas as devidas proporções, está presente nas cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Após a apresentação e análise da produção em HL por pesquisadores e por instituição, segue, no próximo capítulo as análises feitas sobre a recepção brasileira à HL.

CAPÍTULO 5 – A RECEPÇÃO BRASILEIRA À HL

Neste capítulo, serão apresentadas algumas reflexões relacionadas à recepção das primeiras ideias da HL no Brasil, à institucionalização da área nas universidades brasileiras e, conseqüentemente, à formação de grupos de especialidade em HL, buscando, nesse ínterim, averiguar a rede de influências entre pesquisadores e instituições para, por fim, tentar traçar um panorama dos impactos que a implantação da HL trouxe para os cursos de graduação e programas de pós-graduação no Brasil. Para o desenvolvimento dessa historiografia, há que se considerar a história que possibilitou que a HL brasileira se apresentasse como é nos dias de hoje.

5.1 Os anos de 1990: a institucionalização e a recepção dos primeiros momentos da HL no Brasil

A institucionalização está relacionada ao processo que atribui caráter institucional ou oficial a um estabelecimento de ensino ou a um grupo social. Segundo Castellanos Pfeiffer²⁰¹(2008), em trabalho intitulado “Linguística e institucionalização no espaço brasileiro”, a institucionalização de algumas associações ou espaços está relacionada ao “modo de compreender como o saber linguístico circula e se estabiliza no Brasil” (CASTELLANOS PFEIFFER, 2008, p. 1), assim, para a autora, seria preciso considerar, nesse processo, as condições institucionais em que o trabalho de pesquisa se desenvolve. Nesse sentido e para os fins desta tese, entende-se que o processo de institucionalização se efetiva quando um conjunto de ideias, noções, valores, princípios etc. passa a ser compartilhado por um grupo em uma instituição.

A HL brasileira se institucionalizou durante os anos de 1990, mais especificamente, a partir de 1993, quando os primeiros trabalhos, cujo suporte teórico-metodológico era a HL, foram defendidos e quando o primeiro grupo de especialidade²⁰² foi implementado em uma universidade pública do Brasil. O percurso inicial da área se baseou, principalmente, nas ideias

²⁰¹ No *Lattes* da pesquisadora aparecem duas formas de citação, a saber: CASTELLANOS PFEIFFER, C. R e PFEIFFER, Claudia Regina Castellanos.

²⁰² O primeiro grupo reconhecido na área da HL se formou, conforme Swiggers (2018), em 1993, na USP, sob orientação de Altman. O grupo, de acordo com informações publicadas no *site* oficial da FFLCH-USP, se autodenominava informalmente 'Grupo de Estudos em Historiografia Linguística'. Oficialmente, o grupo coordenado pela professora Altman é nomeado 'Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH)' e instaurado junto ao Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo no ano de 1994. Para mais informações, ver: <https://cedoch.fflch.usp.br/historico>. Acesso em: 16 ago. 2022.

difundidas por Koerner e Swiggers, seja por meio dos princípios gerais (contextualização, imanência e adequação) ou das questões metodológicas que envolvem a disciplina. Contudo, Aurox se apresenta como um autor frequentemente mencionado em trabalhos em que a HL é tomada como suporte teórico-metodológico, apesar de, no Brasil, sua recepção estar mais alinhada ao campo de pesquisa relacionado à proposta da HIL.

O fato de se estabelecer um marco temporal, o ano de 1993, que legitima e reconhece a HL como uma disciplina autônoma no Brasil, não significa que antes desse período, ou mesmo concomitante a ele, nenhum trabalho, texto, etc. pudesse ser considerado historiografia. Pelo contrário, levando em conta que a institucionalização tenha ocorrido a partir da implementação e da oficialização do primeiro grupo de pesquisa, além da publicação e divulgação dos primeiros trabalhos que reconheciam a HL como suporte teórico-metodológico, reconhece-se, nesse caso, além do esforço individual de alguns especialistas, que ideias circulavam nas universidades, que havia um “clima intelectual” favorecedor não só da divulgação dessas ideias, mas da produção de textos, do desenvolvimento de pesquisas e da divulgação da área. Tendo em vista que o produto final, como artigo, dissertação e tese, é resultado de um percurso intelectual que envolve a seleção de um objeto de estudo, o aprofundamento nas ideias que embasam o campo ou área de pesquisa, bem como as orientações ou “trocas” com pesquisadores mais experientes na área, é preciso reconhecer que tal processo leva um tempo para ser desenvolvido até que possa ser divulgado, o que implica a admissão de que a HL, no Brasil, não se desenvolveu independentemente das outras correntes intelectuais do período em que se estabilizou no país (cf. KOERNER 2014 [1995]) e que trabalhos anteriores poderiam ser classificados como historiografias.

A respeito disso, Ataliba T. de Castilho (1936 -), em prefácio à obra “A pesquisa linguística no Brasil (1968 - 1988)”, de autoria de Altman, após breve apresentação da autora, afirma que o livro, resultado da tese de doutoramento, defendida em 1993, “Trata-se do primeiro trabalho extenso de Historiografia da Linguística Brasileira, num minucioso mapeamento que cobre o período de 1968 a 1988, em que a disciplina – *instalada no país na década anterior* – conheceu um desenvolvimento notável” (CASTILHO, 1998, p. 13, grifos nossos). As palavras do eminente professor legitimam o fato de que, em algumas universidades brasileiras, já haviam sido “instaladas” noções, princípios, diretrizes, discussões e mesmo trabalhos na área da HL desde a década de 1980, pelo menos. Porém, é pelas palavras de Castilho que há também o reconhecimento de que o trabalho apresentado se tratava de um “*primeiro trabalho extenso de Historiografia da Linguística Brasileira*” (*op. cit.*, 1998, p. 13,

grifos nossos), ou seja, a tese, a partir daquele momento, poderia ser considerada um marco para a produção nacional.

Ademais, atividades, anteriores à tese de 1993, são registradas no *Lattes* dos pesquisadores que compõem os *corpora* desta pesquisa. Do grupo de São Paulo, Bastos, por exemplo, como já enfatizado no capítulo 4, vincula, por meio das palavras-chave “historiografia” e “Historiografia Linguística”, apresentadas nas informações do mestrado (obtido em 1981) e do doutorado (obtido em 1987), respectivamente, suas pesquisas à área da HL, ambos os trabalhos desenvolvidos e defendidos na década de 1980 e orientados por Favero. Sobre a produção de Favero, vale registrar que, segundo as informações presentes no *Lattes* da pesquisadora, só constam duas orientações na área da HL, no caso, as pesquisas de mestrado e doutorado de Bastos. Uma análise mais pormenorizada do currículo aponta que a sua produção, além de trabalhos na área da AD, da Linguística Textual e de pesquisas que envolvem o português falado, insere-se na área da HIL. Tomando como amostra a produção de artigos, no intuito de ilustrar a autovinculação com a área da HIL, de um total de 46 artigos, 23 apontam a HIL como suporte teórico-metodológico dos trabalhos. Na produção de capítulos de livros, de livros, bem como nas orientações em andamento e concluídas, a quantidade de textos amparados na HIL é superior às demais produções. Os dados legitimam que, por mais que houvesse interesse por orientações na área da HL, a produção de Favero não promoveu a institucionalização da HL na USP. Além disso, a pesquisadora é membro do IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, sediado na UNICAMP, mais especificamente, ligada ao Projeto História das Ideias Linguísticas, coordenado por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi²⁰³.

Palma, por sua vez, também informa no *Lattes* que nos anos de 1991 e 1992 participou de “Conselhos, Comissões e Consultoria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação da PUC/SP, Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa” (LATTES, p. 6), isto é, a pesquisadora desde 1991 participa de eventos como membro de um grupo de pesquisa em HL, o qual só foi efetivamente institucionalizado em 1996. Hackerott, pesquisadora da PUC-SP, vincula-se à HL por meio das palavras-chave “historiografia linguística” na dissertação (obtida 1989) e na tese

²⁰³ De acordo com o *site* do grupo IEL, o Programa de História das Ideias Linguísticas se formou a partir de conhecimento produzido em projetos desenvolvidos na década de 1980. A linha de pesquisa favoreceu um “convênio estabelecido entre o IEL-Unicamp e a Universidade de Paris VII. Esta cooperação levou à constituição de um projeto conjunto franco-brasileiro, ‘História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalingüístico e a Constituição da Língua Nacional’, coordenado por Eni Orlandi no Brasil e Sylvain Auroux na França e que teve o apoio CAPES/COFECUB. Ele tinha como objetivo específico produzir conhecimento sobre a história da língua e a história do conhecimento sobre a língua. A produção deste primeiro projeto e seus resultados levou a um segundo, também com apoio CAPES/COFECUB: ‘História das Ideias Linguísticas no Brasil: Ética e Política de Línguas’”. Para mais informações, ver: <https://www.unicamp.br/iel/hil/historico.html> . Acesso em: 12 ago. 2022.

(obtida em 1994), ou seja, desde meados dos anos de 1980, a pesquisadora desenvolve trabalhos e divulga a área da HL. Milani também afirma ter ingressado na HL durante o mestrado desenvolvido na USP, de 1991 a 1994, sob orientação de Carlos Alberto da Fonseca. No *Lattes* de Fonseca, a busca por trabalhos na área da HL confirma apenas as orientações de Milani (mestrado e doutorado). A maioria dos trabalhos do pesquisador está relacionada às Literaturas Clássicas.

Para completar o rol dos pesquisadores de universidades paulistas, apresenta-se Barros, ao informar no *Lattes* que desenvolveu uma pesquisa na UNICAMP, no período de 1987 a 1993, sobre um estudo da *Linguística Missionária do Summer Institute of Linguistics*, cuja descrição informa que se trata de um “Estudo sobre historiografia linguística sobre o uso da Linguística na prática da missão evangélica *Summer Institute of Linguistics*” (LATTES, p. 5).

Por fim, dos pesquisadores que autodeclararam ter desenvolvido pesquisas antes do ano de 1993 na área da HL, no Rio de Janeiro, identifica-se Cavaliere. O pesquisador, ao informar sobre o doutorado, desenvolvido de 1992 a 1997, apresenta, dentre as palavras-chave, “historiografia da lingüística e da gramática”. A pesquisa foi orientada por José Carlos de Azeredo. Uma consulta no *Lattes* de Azeredo comprova que, além da orientação de Cavaliere, o pesquisador participou apenas de uma banca de doutorado, no ano 2007, orientada por Cavaliere, cujo trabalho se amparava na HL.

Em suma, os dados parecem mesmo sobrelevar a ideia de que pesquisas, orientações e talvez até grupos se autovinculavam à HL, entretanto, não havia oficialização da área nas instituições. O primeiro grupo de especialistas que se percebe e se autodenomina “historiógrafos da Linguística” formou-se em 1993, liderado por Altman, na USP.

Os primeiros trabalhos, desenvolvidos na década de 1980, a partir do exposto, parecem ser iniciativas individuais de alguns pesquisadores que, amparados pela orientação dos professores que compunham o quadro profissional das instituições, desenvolviam suas pesquisas na área.

A primeira geração de historiógrafos se organizou em torno da divulgação da área e das pesquisas (principalmente dissertações e teses) de modo a garantir o estabelecimento da HL no Brasil. Os pesquisadores que lideraram esse movimento logo trataram de formar uma associação nacional à parte, o que resultou, ainda nos anos de 1990, na fundação do primeiro Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira, criado em 1996, associado à

ANPOLL²⁰⁴. O GT foi inicialmente idealizado e coordenado, entre 1996 e 2000, por Cristina Altman (USP) e contou com José Borges Neto (UFPR) como vice-coordenador. Entre os anos de 2000 e 2004, foi coordenado por Maria Carlota A. Paixão Rosa (UFRJ) e teve como vice-coordenadora Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio (UFRJ). Neusa Maria Barbosa Bastos (PUC-SP e UPM) foi coordenadora na gestão de 2004 a 2008, tendo como vice-coordenadora Maria Mercedes Saraiva Hackerott (PUC-SP). Entre 2008 e 2010, Olga Ferreira Coelho (USP) foi coordenadora, e Sebastião Elias Milani (UFG) foi vice-coordenador. No período de 2010 a 2012, Olga Ferreira Coelho (USP) coordenou, e Ricardo Cavaliere (UFF-RJ) foi o vice-coordenador. Entre 2012 e 2016, Ricardo Cavaliere (UFF-RJ) foi o coordenador, e Dieli Vesaro Palma (PUC-SP) foi a vice²⁰⁵. Ronaldo de Oliveira Batista (UPM) foi coordenador de 2018 a 2020, e Nancy dos Santos Casagrande (PUC-SP) foi a vice-coordenadora. A atual coordenação, que cumprirá o período de 2021 a 2023, é formada pelas professoras Marli Quadros Leite (USP) como coordenadora e Maria Mercedes Saraiva Hackerott (PUC-SP) como vice-coordenadora.

Cabe mencionar, ainda, que os trabalhos no campo da HL, desde sua constituição, mantêm diálogo com outras metadisciplinas, tais como a Sociologia da Ciência, Filosofia da Ciência, História da Ciência etc., como enfatizado no capítulo 1, e com a HL produzida no Brasil não é diferente. A proposta de HL brasileira se pauta no modo de proceder dos pesquisadores e dos centros que iniciaram a área. Sobre essa discussão, Altman (1998), ao refletir sobre as características da Linguística brasileira e baseando sua discussão em Coseriu (1976), afirma que a Linguística originada e produzida no Brasil é de recepção, concluindo que se trata de uma Linguística eminentemente receptiva e que “De fato, a especificidade da Linguística Brasileira se daria pelo objeto, não pelo método” (ALTMAN, 1998, p. 287); isso significa que as universidades brasileiras, desde os primeiros trabalhos em Linguística e até os dias de hoje, não desenvolveram teorias linguísticas, elas importaram as teorias produzidas por outros centros de pesquisas. Aproximando essa realidade para a HL, apesar da dificuldade em caracterizar o que de fato seja a HL brasileira, mas se valendo da ideia discutida por Altman (1998), pode-se presumir que, com a HL brasileira, o cenário não foi diferente, isso porque os pesquisadores, até o momento, não obtiveram autonomia para construção de teorias ou metodologias de trabalho para a HL, de modo que os textos, as pesquisas etc., são produzidos

²⁰⁴ A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL, conforme informações do *site* do grupo de HL, foi fundada nos dias 21 e 22 de maio de 1984, por professores das áreas de Letras e Linguística, reunidos em Brasília, na sala 104 da FUNCEP. Para mais informações, ver: <https://anpoll.org.br/gt/historiografia-da-linguistica-brasileira/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

²⁰⁵ No *site* do GT de HL da ANPOLL, não constam as informações sobre as coordenações relacionadas ao período de 2016 a 2018.

a partir de concepções e de metodologias desenvolvidas, principalmente, por pesquisadores vinculados a centros de pesquisas europeus.

Após esse breve comentário sobre os primeiros momentos da HL no Brasil, busca-se, no próximo tópico, apresentar dados sobre a formação dos grupos de especialidades em HL.

5.2 A formação de grupos de especialidade em HL

Uma questão importante para a efetiva consolidação da área da HL no Brasil passa pela formação de grupos de especialidade. Segundo Murray (1994), os grupos de especialidade consistem em grupos formados por profissionais que produzem ciência em universidades e que têm como centro de interesse uma especialidade de pesquisa.

Para o autor, o estabelecimento de um grupo de especialidade pressupõe o cumprimento de alguns processos que vão desde a identificação de estágios ideais para a formação dos grupos até a consideração de algumas variáveis intrínsecas aos cientistas. O termo “ideal”, presente na expressão “estágios ideais”, não deve ser entendido como um modelo fechado, que tem que ser seguido de forma sequencial, sem flexibilidade, mas, sim, como afirma Batista (2007): “É mais um modelo de observação a respeito do estabelecimento de grupos de especialidade em determinado universo intelectual” (BATISTA, 2007, p. 28), em outras palavras, os estágios seriam etapas a serem consideradas no processo de formação de grupos de especialidade.

Murray (1994), no seu modelo, propõe pelo menos quatro estágios considerados ideais no processo de formação dos grupos. O primeiro estágio ou “estágio normal” se caracteriza como uma etapa de poucas trocas ou relações sociais entre os pesquisadores, os quais geralmente se encontram em universidades distantes umas das outras. É nesse estágio em que se reconhece a existência de um trabalho que identifique e estabeleça determinadas ideias, entretanto, o que se observa é que os trabalhos dificilmente acontecem em coautorias, além do fato de que não há recorrência de trabalhos coletivos.

O segundo estágio é marcado pelo reconhecimento de uma liderança, o “líder intelectual” e/ou o “líder organizacional”. Nessa etapa, os líderes são responsáveis pela formação do quadro de estudantes e do recrutamento de pesquisadores mais experientes que devem ser convencidos pelos líderes de que algo novo precisa ser feito ou pesquisado. Segundo

Murray (1994), apoiado em Mullins (1972), esses líderes geralmente são carismáticos²⁰⁶ já que o contato em um primeiro momento é baseado em promessas e na boa vontade dos participantes.

O terceiro estágio ou estágio do “sucesso” é caracterizado pela expansão, além do reconhecimento social e intelectual, das ideias de um novo grupo que está em formação. Nesse estágio, os pesquisadores se reconhecem como pertencentes a um grupo ou, nos termos de Murray (1994), “dentro do grupo”, o que acarreta mais motivação e comprometimento. A relação professor-aluno fica mais próxima e os estudantes formados pelos líderes intelectuais, ao alcançarem reconhecimento acadêmico, passam a formar novas gerações. O sucesso do grupo amplia a rede de relações com outros grupos, novos estudantes/pesquisadores são recrutados, o que fortalece a autoimagem do grupo.

No quarto e último estágio, há o reconhecimento acadêmico do grupo. Os pesquisadores têm consciência de que fazem parte de um grupo, produzem trabalhos seguindo uma tradição de pesquisa e é nessa fase em que se tem uma maior produção de trabalhos em coautoria. Um fator relevante para a consolidação do grupo está relacionado à institucionalização²⁰⁷, uma vez que o reconhecimento de uma instituição de ensino e o suporte financeiro concedido por ela são fatores importantes para o fortalecimento do grupo de especialidade.

Essa forma de caracterizar a formação de um grupo de especialidade fornece subsídios para entendê-la como um processo subordinado às etapas acima previstas, o que implica o reconhecimento de que é necessário que inicialmente uma ideia comece a ser amadurecida por pesquisadores, que haja o reconhecimento das lideranças (intelectual e organizacional), pesquisadores aptos a promoverem boas ideias capazes de serem desenvolvidas e executadas, até que se efetive a formação, mesmo embrionária, de um grupo que passa a ser reconhecido entre os pares. A efetivação do grupo ocorre quando há o reconhecimento de seus participantes como pertencentes a um grupo institucionalizado e que desenvolve determinada tradição de pesquisa. É nessa fase que o grupo de especialidade já formado começa a influenciar a formação de novos grupos.

²⁰⁶ No que se refere ao carisma que o líder deve ter, Murray (1994) afirma que “O carisma é um meio para alcançar a liderança, mas não é uma forma muito eficiente de administração” (MURRAY, 1994, p.17, tradução nossa), isso porque coordenar muitas pessoas demanda uma série de obrigações, de tomadas de decisões que culminam na criação de uma rotina e, com o tempo, os líderes tendem a ser tradicionalizados. Tradução nossa, do original em inglês: “Charisma is a means to attaining leadership, but not a very efficient form of administration” (MURRAY, 1994, p. 17).

²⁰⁷ A noção de institucionalização desenvolvida em Murray (1994) se relaciona à ideia de um grupo que está ligado a uma instituição de ensino superior ou que adquire um caráter de instituição. Para mais detalhes, ver Murray (1994).

Ainda com Murray (1994), a formação de grupos de especialidade é uma das condições para o sucesso de uma teoria e, seguindo essa perspectiva, um grupo, além de coerente, deve ser qualificado o suficiente para convencer a comunidade da relevância da teoria que defende. Murray (1994), baseado em Mullins e Griffith (1972), estabelece, ainda, alguns pré-requisitos para a consolidação de um grupo científico: boas ideias, liderança intelectual e liderança organizacional, discussão presente no capítulo 1, tópico 1.5.1.

Com relação à HL é difícil estabelecer especificamente como se deram os primeiros contatos com textos de base historiográfica, quais pesquisadores leram e o que leram sobre a área. A ideia aqui defendida é de que as primeiras leituras ocorreram em universidades paulistas, USP e PUC-SP, por pesquisadores que estavam em etapas de formação acadêmica, desenvolvimento de mestrado ou de doutorado, mas, mais precisamente, só se pode falar em um grupo acadêmico de historiógrafos a partir da década de 1990.

O grupo paulista liderado por Altman, por exemplo, preenche os critérios previstos por Murray. Altman inicialmente manteve diálogo com Swiggers, da Universidade de Leuven. Sobre esses contatos iniciais com a HL e com Swiggers, em entrevista ao canal do *Youtube* “Dermeval da Hora”, a pesquisadora relata, em detalhes, como se deu esse percurso:

“Tinha um professor que era convidado não só da UNICAMP, mas também da Universidade de São Paulo, um professor belga, da Universidade Católica de Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), da Leuven flamenga, e o professor Herman Parret era filósofo, era epistemólogo, principalmente das ciências da linguagem. Eu fiquei absolutamente maravilhada, encantada com o que ele dizia, eu falei ‘É isso!’ e logo conversei com ele sobre a possibilidade de eu ir estudar com ele em Leuven. Por alguma razão ou por várias razões, ele, de fato, me recebe em Leuven, num estágio inicial, isso já foi em 1989 e, nesse estágio, ele faz o que eu jamais imaginei que se pudesse fazer na vida acadêmica que era colocar uma doutoranda no meio de uma roda de professores mais experientes da universidade e que eu narraria meu projeto e todos fariam uma brainstorming em cima dele. Isso foi a experiência mais marcante na minha carreira toda. Saber que isso existia, que isso era possível e que o conhecimento era o produto de várias cabeças. Um dos professores que ele tinha convidado para essa brainstorming não pode ir para essa reunião, mas me recebeu mais tarde no seu gabinete, na própria universidade, que era o professor Pierre Swiggers, também da Católica de Leuven. Swiggers é outra figura muito importante na minha carreira, na minha formação, que foi quem acabou sendo efetivamente meu orientador de doutorado. Embora também filósofo, filósofo da Linguística e epistemólogo, ele é historiógrafo. A parte forte do trabalho dele foi a historiografia” (A GUERRA..., 2021²⁰⁸).

Os primeiros contatos e toda a orientação que recebeu durante o doutorado favoreceram que a pesquisadora reconhecesse a existência da HL e iniciasse sua produção na área. A defesa da tese e o conseqüente retorno às atividades como professora na USP possibilitaram que

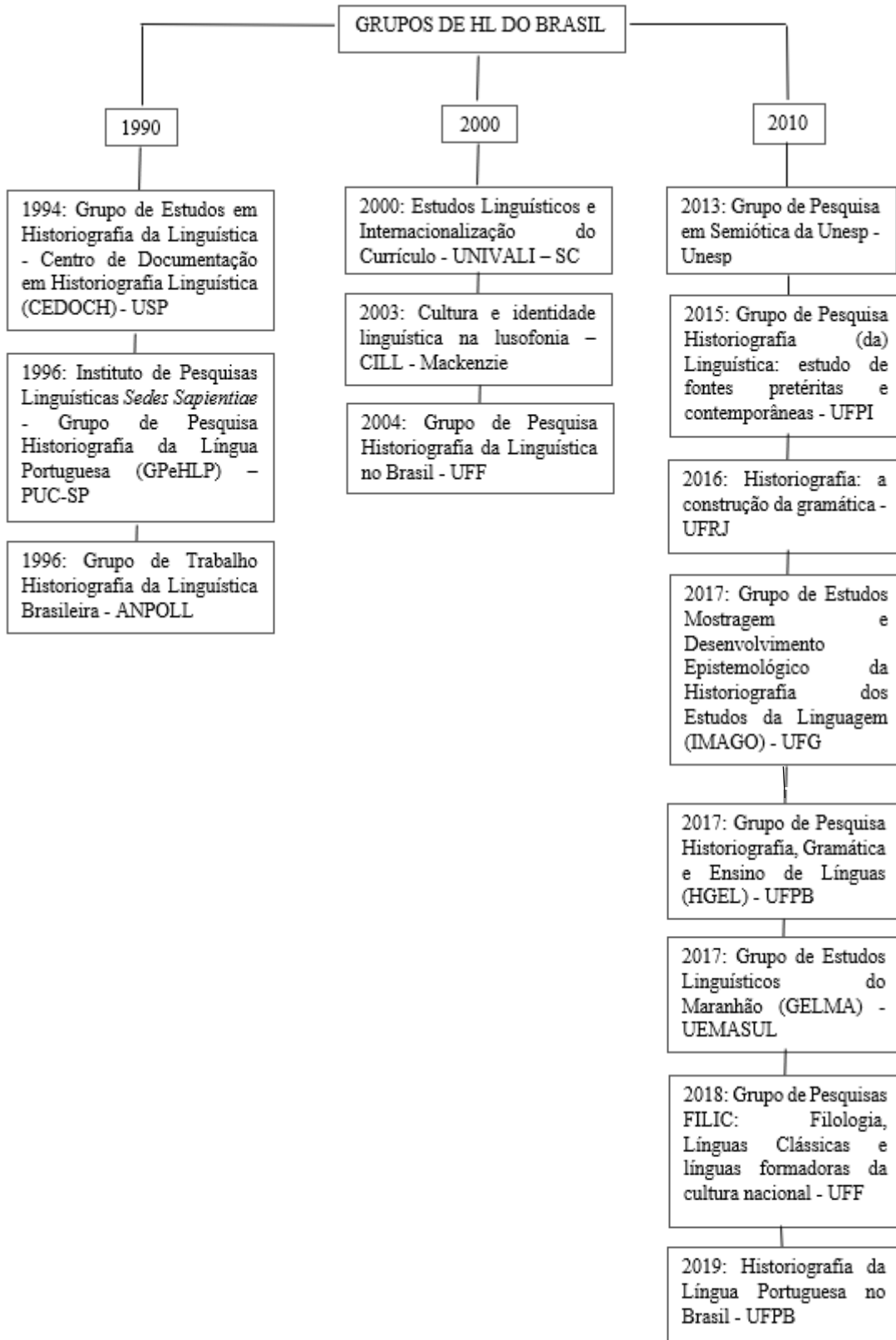
²⁰⁸ As informações foram retiradas da entrevista para o canal do *Youtube* “Dermeval da Hora”, no dia 19/03/2021, às 17h. O trecho com as informações aparece aos 29m08s da entrevista. Para mais informações, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=0xfzvg3>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Altman fosse reconhecida entre os pares pela liderança intelectual que exercia com seus orientandos, sendo responsável pela formação de um quadro de trabalho e pelo recrutamento de pesquisadores para que algo novo fosse pesquisado. Passada a fase inicial, o grupo avançaria para estágio do “sucesso”, momento de expansão das ideias, de reconhecimento social e intelectual e da ampliação da rede de relações com outros grupos, principalmente pelo recrutamento de novos estudantes/pesquisadores, o que fortaleceu a autoimagem do grupo. No último estágio, também, alcançado pelo grupo da USP, os pesquisadores já tinham consciência de que faziam parte de um grupo já institucionalizado, que recebia, inclusive, incentivos financeiros como bolsas de iniciação científica, bolsas de mestrado e doutorado, auxílio para compra de equipamentos etc.

Na década de 1990, também é formado o *Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa*, da PUC-SP, liderado por Bastos, e o *Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira*, ligado à ANPOLL, os quais, até a consolidação e reconhecimento entre os pares, também passaram pelos estágios previstos por Murray (1994).

A partir dos anos 2000, no Brasil, a formação de grupos em HL ocorreu de forma gradual e contínua e, no cenário atual, é possível reconhecer a existência de pelo menos 14 grupos que se dedicam a divulgar ideias e trabalhos, cujo aporte teórico-metodológico é a HL, como é possível ver na figura a seguir:

Figura 4: Grupos de pesquisa em HL



Fonte: Elaborado pela autora

Um olhar retrospectivo favorece a construção de um panorama sobre o cenário atual no que diz respeito à formação dos grupos de especialidade em HL. A princípio, três grupos se formaram durante a década de 1990, USP, PUC-SP e ANPOLL (Associação Nacional). Na próxima década, de 2000 a 2010, surgiram mais três grupos UNIVALI – SC, Mackenzie e UFF. No período que compreende os anos de 2010 a 2020, formaram-se oito grupos, UNESP, UFPI, UFRJ, UFG, UFPB, UEMASUL, UFF e UFPB, sendo o ano de 2017 aquele em que mais grupos foram cadastrados em plataformas oficiais, como o Diretório de Grupos de Pesquisa – Plataforma *Lattes* – CNPq. Observou-se, ainda, que a maioria dos grupos em HL se formaram nas universidades públicas, com exceção da PUC-SP, do Mackenzie e da UNIVALI – SC. Segue uma lista dos grupos com seus respectivos líderes/coordenadores²⁰⁹:

Grupo da USP – Maria Cristina Fernandes Salles Altman e Olga Ferreira Coelho Sansone.
Grupo da PUC-SP – Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e Nancy dos Santos Casagrande.
Grupo da ANPOLL – por ser uma Associação Nacional, possui uma coordenação por períodos, a qual se dá entre os principais pesquisadores brasileiros da área de HL.
Grupo da UNIVALI-SC – José Marcelo Freitas de Luna.
Grupo do Mackenzie – Regina Helena Pires de Brito e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.
Grupos da UFF – a instituição possui dois grupos de pesquisa em HL: um liderado/coordenado por Ricardo Stavola Cavaliere; o outro liderado/coordenado por Leonardo Ferreira Kaltner e Eduardo Tuffani Monteiro.
Grupo da UNESP – Jean Cristtus Portela.
Grupo da UFPI – Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos.
Grupo da UFRJ – Maria Carlota Amaral Paixão Rosa.
Grupo da UFG – Sebastião Elias Milani.
Grupos da UFPB – a instituição possui dois grupos de pesquisa em HL: um liderado/coordenado por Francisco Eduardo Vieira da Silva e Leonardo Gueiros da Silva; o outro liderado/coordenado por Margarete von Mühlen Poll.
Grupo da UEMASUL – Maria da Guia Taveiro Silva e Sonia Maria Nogueira.

Diante do exposto, além das considerações sobre os grupos que se formaram no Brasil e o tempo que levaram para que isso acontecesse, na tentativa de construir uma narrativa sobre o surgimento e consolidação de uma disciplina/área de pesquisa, no caso a HL, é preciso tocar na questão das influências relacionadas à produção historiográfica brasileira, o que se fará no próximo tópico.

5.3 Redes de influências

²⁰⁹ Nos casos de exemplos que visem destacar informações sobre dados relacionados à produção de um pesquisador, as informações serão indicadas em fonte 11, no corpo do texto, seguida do nome do pesquisador. Para casos análogos serão utilizados os mesmos critérios.

A abertura de novos espaços institucionais para a divulgação da área da HL propiciou a sistematização da produção de pesquisas junto aos cursos de Letras/Linguística no país, inicialmente, com pesquisas desenvolvidas na pós-graduação (dissertações e teses) e, posteriormente, com a divulgação de artigos, capítulos de livros e livros, resultados da produção dos pesquisadores da área.

Nesses primeiros anos de estabelecimento da área, destaca-se o papel das universidades paulistas, principalmente da USP e da PUC-SP, por terem reunido um número considerável de pesquisadores experientes que se reconheciam como historiógrafos e que alicerçavam suas produções em teorias, metodologias e modelos advindos de autores estrangeiros, mais especificamente, europeus. Vale destacar que, posteriormente à publicação da tese de Altman, muitas pesquisas passaram a tomá-la como um modelo de pesquisa em historiografia.

Embora o quadro de referência construído tenha tido como eixo, do ponto de vista dos primeiros anos, a produção da USP e da PUC-SP, é preciso, a partir disso, traçar um panorama da produção nacional, levando em conta, para tanto, as redes de influências que foram se construindo, primeiramente, entre os pesquisadores e os autores que embasavam suas pesquisas, em seguida, entre os pesquisadores brasileiros e, por fim, as possíveis influências entre grupos.

No que respeita aos autores que favoreceram a implantação da área de pesquisa no Brasil, verificou-se que, ao longo do período analisado, predominou a referência a autores europeus, pontualmente, Koerner e Swiggers (e, em alguns casos, Auroux), e, conseqüentemente, a suas teorias, métodos e modelos. Dos 234 artigos e 229 capítulos de livros que compõem a amostra desta tese, Koerner foi citado em 193 textos, e Swiggers foi citado em 156 textos²¹⁰. A maior parte dos trabalhos que compõem a produção brasileira embasa suas pesquisas nos dois autores mencionados, além de tecerem referências a Altman, citada em 140 textos. Observou-se, ainda, um considerável número de artigos ou de capítulos em que nenhum dos autores supracitados eram mencionados, sobressaindo-se, nesses casos, o que parece ser uma tentativa, por parte dos pesquisadores, de produzir uma historiografia mais descomprometida ou desvinculada com os princípios ou métodos divulgados por algum autor em específico, apesar de, em todos os casos, o texto estar vinculado à HL.

A influência recebida e reproduzida nos trabalhos dos primeiros pesquisadores da área acabou passando e influenciando outras gerações de pesquisadores orientandos ou de novos

²¹⁰ As referências a Auroux, por mais que aparecessem com certa frequência em alguns textos, não foram contabilizadas nesta pesquisa.

pesquisadores que, de certa forma, vinculavam-se aos grupos já consolidados. Pesquisadores dedicados às questões historiográficas constituíram grupos cada vez mais estáveis. Tome-se, como primeiro exemplo, os grupos liderados por Altman e por Leite, na USP, os quais serão retratados na figura 5, buscando, com isso, estabelecer as principais relações e influências averiguadas internamente e entre os grupos de HL no Brasil.

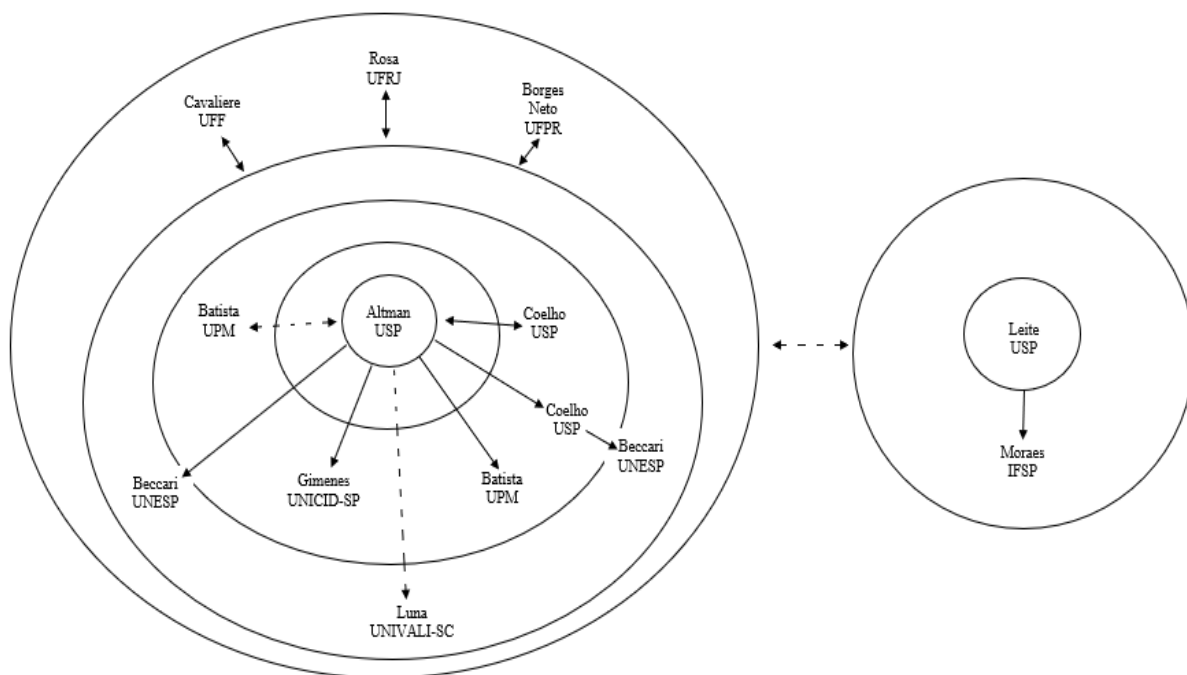
Em linhas gerais, nas figuras, são apresentadas referências aos profissionais que estiveram/estão, de certa forma, no “centro” dos primeiros movimentos de implantação e divulgação da área da HL nas instituições às quais se vincularam/vinculam e que se caracterizaram/caracterizam pela figura de lideranças intelectuais e organizacionais de grupos ao longo do desenvolvimento dos programas no cenário acadêmico brasileiro. É possível, também, vislumbrar as relações construídas entre pesquisadores de uma mesma ou de diferentes instituições, bem como a quantidade de grupos em HL que se formaram em cada universidade.

No caso da USP, por exemplo, formaram-se dois grandes grupos, um inicialmente liderado por Altman (atualmente, liderado por Coelho) e outro liderado por Leite. Os nomes que constam gravitando em torno do elemento central podem ser considerados a segunda geração de pesquisadores da HL brasileira de cada grupo. Especificamente sobre a constituição da figura apresentada neste tópico, é importante frisar, como se verá mais adiante, que o desenvolvimento da HL se deu de forma particular em cada grupo e em cada instituição, logo, a disposição das informações nas figuras não será a mesma para todos os grupos analisados e, diferentemente dos grupos da USP, se porventura as informações sobre os pesquisadores e seus respectivos grupos estiverem todas no mesmo plano, a intenção, nesses casos, foi de demonstrar algum tipo de vinculação entre os pesquisadores, por meio da qual foi possível identificar uma influência direta entre um e outro. Nas instituições em que foram apresentadas duas figuras separadas uma da outra, objetivou-se destacar dois grupos distintos. As figuras também são compostas por setas que têm a finalidade de explicitar o tipo de relação entre os pesquisadores. As setas simples de única direção e contínuas indicam uma relação mais direta de influência entre um e outro pesquisador. As setas de dupla direção indicam que a influência ocorre nos dois sentidos, isto é, ao passo que um pesquisador exerce influência sobre o outro, ele também é influenciado. Nesse caso, as setas de dupla direção (contínua ou pontilhada) podem, ainda, marcar algum tipo de relação entre grupos de pesquisa em HL que pertençam a uma mesma ou a diferentes instituições. Por fim, as setas simples e totalmente pontilhadas marcam a influência de um pesquisador sobre outro, mas elas não evidenciam uma continuidade na relação ou nas

trocas intelectuais entre eles. A fim de não tornar a discussão repetitiva, o modo de interpretar as figuras deve ser aproveitado para todas as imagens presentes nesta seção.

Intentando visualizar as redes de influências que se construíram entre as principais lideranças da USP e outros pesquisadores em HL, veja-se a figura abaixo:

Figura 5: Redes de influências da USP



Fonte: Elaborado pela autora

A figura 5 é composta por duas imagens que simbolizam os dois grupos que desenvolvem pesquisas e divulgam a área da HL na USP. A primeira imagem representa o grupo liderado por Altman e a segunda imagem representa o grupo liderado por Leite.

A primeira imagem da figura 5 projeta a relação entre os pesquisadores que mantiveram/mantêm relação com o grupo da USP, liderado por Altman. A referida pesquisadora aparece em destaque como uma figura central por ter sido e ainda ser, como dito no tópico 5.1 deste capítulo e como apresentado no capítulo 4 desta tese, uma líder intelectual e organizacional do grupo. As setas que saem de Altman para Coelho, por exemplo, marcam dois momentos da relação entre as pesquisadoras. O primeiro, ilustrado pela seta simples contínua e de única direção, está relacionado à influência direta que Altman exerceu sobre Coelho, possível de ser reivindicada quando considerados os anos de orientações de uma em relação à outra.

Koerner (2014[1995]) explicita a importância de se observar o “argumento da influência” na HL e, ao falar sobre o “eterno problema da influência”, afirma que as influências diretas podem ser observáveis a partir de “referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, e assim por diante” (KOERNER, (2014[1995], p. 60). Assim sendo, observou-se que Altman orientou Coelho na iniciação científica, no mestrado e no doutorado e essa influência aparece devidamente documentada na seção de “Agradecimentos” da dissertação e da tese de Coelho, ocasião em que agradece, na dissertação, “À Cristina Altman, pela orientação bastante próxima e constante e pelas oportunidades frequentes de aperfeiçoamento que tem proporcionado, a mim e às demais participantes do Grupo de Estudos em Historiografia da Linguística Brasileira da USP, desde a sua criação, em 1993” (COELHO, 1998, p. 4); e, na tese, agradece “À Profa. Dra. Cristina Altman, pelo aprendizado profissional que seu exemplo me proporcionou ao longo de dez anos” (COELHO, 2003, p. 6).

Na esteira dessas influências diretas observáveis a partir da produção das duas pesquisadoras, foi possível verificar uma influência atrelada ao plano das ideias científicas. A tese de Altman na área da HL influenciou toda uma geração de pesquisadores, inclusive Coelho. A partir de uma análise da produção das duas pesquisadoras, verificou-se que Altman, em seu primeiro trabalho na área da HL, sua tese de doutorado, utilizou as ideias de Murray (1994), especialmente, as noções que envolvem a formação e as relações que se estabelecem entre diferentes grupos de especialidade, valendo-se, para tanto, dos processos de formação dos grupos de cientistas (os estágios ideais), noções relacionadas à retórica adotada por um grupo (continuidade ou revolucionária) e noções relacionadas à distinção de um líder intelectual e organizacional de um grupo, de modo a acomodar, na sua pesquisa, uma discussão sociológica. Além disso, marca-se como característica desse primeiro produto de Altman as discussões que envolvem as ideias de Swiggers relacionadas às dimensões teórica e/ou metodológica da disciplina, como os “programas de investigação” e as proposições de Kuhn sobre as etapas de evolução de uma ciência. Essas concepções inicialmente divulgadas na tese mencionada foram não só validadas por Coelho, em sua dissertação e tese, como também foram amplamente divulgadas em outros textos (artigos e capítulos de livros), de modo que a presença dessas discussões nos materiais investigados revela uma influência marcada não só pelo contato entre as pesquisadoras, mas também pela apropriação teórica de Coelho com relação ao modo de proceder em HL divulgado por Altman. Convém apresentar alguns exemplos que, de certa forma, contribuem para validar as influências observadas. Para tanto, serão apresentados

trechos em que Coelho faz referência ao trabalho de Murray (1994)²¹¹, primeiramente retirados da dissertação e da tese, e, na sequência, retirados de artigos publicados pela pesquisadora.

No Capítulo 1, Circunscrição do Problema: a Formação de Comunidades Paradigmáticas, delimito o quadro teórico em que se insere este texto — com ênfase nos trabalhos de Kuhn (1987 [1962]) e Murray (1994 [1983]), que mais fortemente o caracterizam —, assim como o seu ‘problema’ específico (COELHO, 1998, p. 13).

Partimos, para a determinação desses parâmetros, do pressuposto de que mais do que a genialidade e o esforço de indivíduos talentosos, o que conduz a produção de conhecimento são grupos de especialidade, mais ou menos coesos (cf. MURRAY, 1994; GRIFFITH E MULLINS, 1972) (COELHO, 2003, p. 28).

Segundo Murray (1994), um grupo científico firma-se como elite acadêmica de um período quando consegue aliar às suas ‘boas ideias’ dois outros elementos essenciais, que são ‘liderança intelectual’ e ‘liderança organizacional’ (COELHO, 1998, p. 574).

Os dois tipos de análise, tiveram, por um lado, o propósito de caracterizar sua função de *liderança intelectual*, isto é, de provedor e defensor de ideias, e de *liderança organizacional*, ou seja, de facilitador da difusão dessas ideias entre os membros da comunidade científica (Murray 1994) [...] (COELHO, 1999, p. 443, grifos da autora).

Stephen Murray, em obra de 1994 em que analisa os processos sócio-políticos envolvidos na formação e no desenvolvimento de grupos científicos, defende a variável ‘acesso a reconhecimento’ como um dos fatores decisivos para a ‘escolha de retórica’ (COELHO, 2005, p. 99).

Os mesmos pressupostos gerais, ao menos no nível ‘retórico’ (cf. MURRAY, 1994), os levam a assumir que as línguas estão em um constante e natural processo de mudança, operado pelas classes populares, que as aprenderiam mal (nos diversificados contatos propiciados pela formação da jovem nação) ou que preservariam alguns de seus traços mais antigos (sobretudo em ambientes rurais e isolados), já alterados e depurados na linguagem dos mais ilustrados (COELHO; DANNA, 2015, p. 218).

As tarefas em relação à instrução escolar, por um lado, e, por outro lado, a formação, ainda que incipiente, de um grupo (cf. MURRAY, 1994) de especialistas em questões linguísticas configura-se, assim, como mais um fator a favorecer flutuações e ambiguidades nos modos de lidar com o PB das gramáticas do século XIX (COELHO; DANNA; POLACHINI, 2014, p. 135).

Cavaliere (2020), em texto intitulado “O tema da influência em Historiografia da Linguística”, ao refletir sobre a temática da influência nos estudos historiográficos, reconhece

²¹¹ Optou-se pela exemplificação de apenas um dos elementos apresentados, no caso Murray (1994), no intuito de não tornar a descrição cansativa para o leitor.

a dificuldade de conceituar o termo e as várias possibilidades de entendimento que o envolvem na sociedade contemporânea. Apesar disso, o autor discorre sobre alguns tipos de influência em HL, sendo uma delas a “influência pessoal”, na qual, segundo o autor, “dado investigador efetivamente se deixe influenciar pelas ideias de outrem em face da relação amistosa que entre eles se construiu no curso da vida, sobretudo na esfera da atividade profissional” (CAVALIERE, 2020, pp. 140-141). Para Cavaliere (2020), muitas vezes é difícil caracterizar se uma relação de influência se deu via contato acadêmico ou pela relação pessoal existente entre os estudiosos. Levando em conta as palavras de Cavaliere (2020), apesar da dificuldade de qualificar o tipo de relação que se sobressaiu entre Altman e Coelho, os dados da pesquisa podem conduzir a algumas considerações, dentre elas, as já anteriormente relatadas.

O segundo momento que envolve a concepção de influência perceptível entre a produção de Altman e de Coelho pode ser ilustrado pelas setas de dupla direção na figura. A representação visa marcar o que se reconhece, nesta pesquisa, como uma influência mútua entre Altman e Coelho e que pode ser percebida por meio das experiências compartilhadas entre as pesquisadoras. Os quase 30 anos de trocas intelectuais, as produções relacionadas a artigos, a capítulos de livros etc., os projetos desenvolvidos e os coordenados em parceria, os trabalhos apresentados em congressos, os eventos organizados e as participações em bancas de orientandos se apresentam como elementos comprobatórios de que a relação entre as pesquisadoras, com o passar dos anos e do ponto de vista institucional, no que respeita às trocas intelectuais, deu-se nas duas direções, de modo que parece apropriado falar em uma influência de Altman sobre Coelho e vice-versa. Essas influências aparecem documentadas e podem ser observadas nas referências explícitas presentes nos textos publicados pelas pesquisadoras.

Decerto é possível perceber que há uma relação intrínseca entre as temáticas abordadas, as categorias eleitas para se proceder com as análises, os textos que servem de orientação teórica e as citações de uma em relação a outra. No capítulo 4 desta tese, especificamente no tópico 4.1.1, percebeu-se, a partir da análise dos artigos das pesquisadoras mencionadas, que, de 15 artigos analisados da produção de Altman, em 7 deles aparecem referências a Coelho. A mesma análise voltada para a produção de Coelho permitiu observar que, dos 15 artigos analisados, 11 fazem referências a Altman. Para além da quantidade de vezes que uma pesquisadora cita a outra, observou-se que, além de declarações explícitas, como os “Agradecimentos”, é possível verificar que a visão sobre a área ou as escolhas científicas de uma pesquisadora acabaram influenciando a outra. Nesse caso, serve como exemplo as declarações explícitas, localizadas

em notas de rodapé, retiradas dos artigos publicados por Altman e Coelho, como se pode ver a seguir:

Agradeço a Olga Coelho, Angela França e Beatriz Christino, pós-graduandas e pesquisadoras do Cedoch-DL/USP, o fato de terem chamado minha atenção para várias dessas referências (ALTMAN, 2012b, p. 16).

Este texto resulta da edição de uma entrevista concedida por Lucy Seki ao *Projeto Primeira Pessoa do Singular*, do Centro de Documentação em Historiografia Linguística do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (CEDOCH – DL – USP). A entrevista, gravada, foi realizada na casa da pesquisadora em Campinas, em 2000, por Aline da Cruz; Olga Coelho e Edna Maria de Almeida. A presente edição, seguindo diretrizes do projeto, procurou manter a espontaneidade e o conteúdo do depoimento da entrevistada, mas omite perguntas, altera a ordem de certas informações, evita repetições e digressões próprias da fala. As fitas e as transcrições da entrevista foram agregadas ao acervo do CEDOCH. Agradecemos a Cristina Altman, idealizadora e coordenadora do *Projeto Primeira Pessoa do Singular*, pelo incentivo para que, nós, então jovens pesquisadoras do CEDOCH, realizássemos a entrevista; e a Lucy Seki, pela generosidade com que nos recebeu em sua casa e pela atenção em rever este material, dez anos após aquele encontro. Os erros e omissões são de responsabilidade das editoras, Aline da Cruz e Olga Coelho (CRUZ; COELHO, 2018, p. 414).

Os materiais de análise e o quadro temporal de trabalho são aqueles definidos pelo *Documenta Grammaticae et Historiae. Projeto de Documentação Linguística e Historiográfica* (Altman & Coelho 2006, coords.), desenvolvido pelos pesquisadores e alunos do *Centro de Documentação em Historiografia Linguística* (CEDOCH) da Universidade de São Paulo (ALTMAN, 2012a, p. 12).

Considerando a delimitação estabelecida para o conceito de influência e os exemplos apresentados, pode-se entender como as relações entre Altman e Coelho foram construídas e como se estabeleceram ao longo de quase três décadas de desenvolvimento de estudos historiográficos no Brasil. Primeiramente, entendendo que o contato pessoal e acadêmico entre as duas pesquisadoras foi imprescindível para o estabelecimento das pesquisas na área e para o modo como essa relação de influência se iniciou, em uma direção unilateral, e como o tempo e as relações institucionais favoreceram que uma pesquisadora, ao passo que exercia influência sobre a outra, fosse também influenciada por ela, seja pela visão em relação à área, pelas temáticas trabalhadas em pesquisas, metodologias escolhidas etc.

Batista aparece como o segundo pesquisador analisado na rede de influências da USP. O pesquisador foi orientado por Altman na iniciação científica, no mestrado e no doutorado. Na figura, o elemento apresentado para demonstrar a relação entre Altman e Batista foi a seta simples contínua e de única direção, a qual busca captar a relação construída entre os dois.

Batista reconhece a importância e a influência que Altman exerceu em sua formação como historiógrafo. Na seção de “Agradecimentos” da sua tese de doutorado, é possível visualizar a relação entre os pesquisadores:

Também não posso deixar de me referir ao papel da Profa. Dra. Cristina Altman. Ela foi minha orientadora desde o início da Iniciação Científica, depois no Mestrado e agora no Doutorado. Devo, de fato, a ela as bases de minha formação como docente e pesquisador. Sempre fui admirador de seu estilo de dar aulas e de conduzir orientações e se o trabalho aqui apresentado não tem uma qualidade melhor a responsabilidade é totalmente minha, pois a professora Cristina mais uma vez revelou-se amiga e companheira no processo (BATISTA, 2007, p. 2).

Diga-se, ainda, que a investigação da relação entre Altman e Batista possibilitou averiguar, por meio de uma análise mais acurada, que as influências de um pesquisador com relação ao outro ultrapassam o plano das experiências compartilhadas e se efetivam na presença de ideias inicialmente divulgadas por Altman, que são identificadas nas concepções teórico-metodológicas divulgadas por Batista. Tal como observado na produção de Coelho, na tese de Batista, a base teórico-metodológica do trabalho envolve as ideias de Swiggers, especialmente no que diz respeito aos “programas de investigação”, as proposições de Kuhn sobre as etapas de evolução de uma ciência, e a proposta de Murray relacionada aos “grupos de especialidade”, o que pode ser visualizado nos exemplos a seguir:

Tendo em vista esse auxílio, recorro esse vasto campo e opto por Stephen Murray, como já tradicional na HL, e seu conceito de **grupos de especialidade**, como forma de analisar aspectos externos do objeto de análise (BATISTA, 2007, p. 27, grifos do autor).

Para a HL, as propostas de Kuhn, Lakatos e Laudan parecem ser as mais produtivas, exatamente por serem as epistemologias que articulam uma lógica científica e a formação de métodos à corrente histórica, às alterações ao longo dos tempos (BATISTA, 2007, p. 31).

Procuro articular o conceito de **tradição de pesquisa** ao de **programas de investigação**, de Swiggers, caracterizando ambos como um conjunto de direções teórico-práticas tomadas por determinados **grupos de especialidade** (BATISTA, 2007, pp. 36-37, grifos do autor).

Como é possível ver a partir dos exemplos, Batista, em sua tese, baseia-se nas ideias divulgadas por Murray, Kuhn e Swiggers, autores que, como já mencionado, compõem o quadro teórico-metodológico de trabalho de Altman e que, provavelmente, são autores que chegaram, no início de sua trajetória acadêmica, ao conhecimento de Batista por meio de

orientações ou do contato que teve com outros membro do grupo da USP, liderado por Altman, principalmente durante o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, período em que Batista participou mais ativamente como membro do grupo. Vale lembrar, ainda, os dados apresentados no capítulo 4, tópico 4.1.7, que apresentam a informação de que Swiggers é autor mais citado por Batista, aparecendo como referência em 22 artigos e em 13 capítulos de livros, e que o pesquisador, além de orientando de Altman, em 2016, cumpriu estágio pós-doutoral em Leuven, sob supervisão de Pierre Swiggers²¹².

A segunda referência a Batista, na imagem, é feita por meio de uma seta de dupla direção pontilhada que visa demonstrar que a convivência entre os pesquisadores certamente favoreceu algumas trocas intelectuais entre eles, apesar de o pontilhado marcar a não regularidade ou continuidade dessas trocas. Batista participou, entre 2000 e 2007, de projetos de pesquisa orientados por Altman, ligados ao CEDOCH-DL/USP. Ministrou uma disciplina, coordenada por Altman, em curso de extensão no departamento de Linguística da USP. Além disso, em parceria com Altman, foram os responsáveis pela organização do Dossiê Historiografia da Linguística, publicado pela Revista Todas as Letras, no ano de 2012. As informações corroboram a relação entre os pesquisadores, talvez com trocas mais tímidas durante os anos em que participou como membro do grupo CEDOCH, nos primeiros anos de orientação, como na iniciação científica e mestrado ou, ainda, no período que envolveu a organização e a realização da atividade relacionada ao curso de extensão, dada a etapa inicial em que se encontrava o pesquisador na ocasião em que as atividades foram desenvolvidas, mas certamente com trocas intelectuais mais significativas no período da elaboração da tese e, anos depois, no período em que organizaram o Dossiê na área da HL, no qual ambos ocupavam a posição de organizadores e de professores de instituições de ensino superior.

A terceira pesquisadora a compor a figura relacionada ao grupo da USP, liderado por Altman, é Gimenes. O vínculo institucional da pesquisadora mencionada é com a UNICID-SP e, juntamente com Coelho, Batista e outros pesquisadores da USP, compuseram o que talvez se possa chamar de “primeiro grupo de orientandos de Altman”. A seta que representa a relação entre Altman e Gimenes, na figura 5, é simples, contínua e de única direção. O símbolo não capta as trocas que certamente existiram entre as pesquisadoras, se considerados os anos de convivência das duas, entretanto, ele aponta para algumas leituras possíveis de serem feitas a partir dos dados levantados pela pesquisa. O primeiro dado que se destaca se refere aos anos de

²¹² A informação foi retirada do artigo “A Historiografia da Linguística e a retórica dos linguistas: a força das palavras e seu valor histórico”, publicado pela Revista Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 18, n. 2, p. 301-317, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/111990>. Acesso em: 18 ago. 2022.

convivência produtiva entre as duas pesquisadoras, que compreende o período de 1994, estabelecido com a iniciação científica, até 2005, ano de defesa da tese de doutorado. Depois desses anos de produção acadêmica, não consta nenhum registro no *Lattes* de Altman ou de Gimenes que certifique que as pesquisadoras mantiveram uma produção em parceria ou mesmo vínculo com algum grupo em HL. Os anos de 1994 a 2005, no que diz respeito à produção acadêmica das pesquisadoras, marcaram-se pela produção, em parceria, de artigos, de editoração de periódicos, como os Boletins do GT de Historiografia da Linguística Brasileira, apresentação de trabalhos em eventos, resumos publicados em anais de congressos, além da participação de projetos coordenados por Altman. No período mencionado, a relação entre as pesquisadoras era de orientadora e orientanda, dado que endossaria a escolha para representar a influência de uma sobre a outra, pela seta simples, contínua e de única direção. Ademais, pela impossibilidade de acesso à dissertação e à tese de Gimenes, só foi possível avaliar artigos e capítulos de livros publicados na área da HL, os quais não registram menção aos trabalhos de Altman, mas apresentam referências aos trabalhos de Koerner e Swiggers, leituras possivelmente indicadas pela orientação de Altman, já que Gimenes fez parte do grupo de primeiros orientandos, os que com suas pesquisas ajudaram a divulgar a área da HL no Brasil.

Ainda sobre a influência que a atuação de Altman exerceu sobre alguns pesquisadores na área da HL, há que se mencionar Luna, atualmente ligado à UNIVALI-SC. Ao que tudo indica, a produção do pesquisador é bastante influenciada pelos trabalhos de Koerner, principalmente no que diz respeito ao uso dos princípios propostos pelo autor, bem como ao uso da noção de “clima de opinião”. Koerner é o autor mais citado por Luna. Swiggers e Altman também aparecem como referências em seus textos. Entretanto, sua produção conta com uma expressiva quantidade de textos em que não há referência a nenhum dos autores tratados nesta tese como precursores da área. O pesquisador também foi influenciado pelas ideias e propostas de Altman. Luna fez doutorado na USP, no período de 1995 a 1999, com período sanduíche na Cambridge University, sob orientação de Irenilde Pereira dos Santos (Brasil) e Vivien Ann Law (Inglaterra); e, segundo ele, Altman teve interferência direta no seu interesse pela área da HL, despertado a partir do curso “Historiografia da Linguística Brasileira”, ministrado pela referida professora no ano de 1995. Altman, além de responsável por estimular o interesse pela HL, colocou Luna em contato com pesquisas e pesquisadores de outros centros e, conforme relato de Luna, “Foi Konrad Koerner que recomendou um contato com a Dra. Law” (LUNA, 2006, p. 229), sua futura orientadora. As influências do pesquisador são explicitadas e legitimadas em sua produção, entretanto, no que diz respeito a Altman, parecem não ultrapassar o

reconhecimento de que a pesquisadora foi importante no primeiro momento de contato com a área da HL, principalmente com relação às primeiras leituras, reflexões e, posteriormente, por colocá-lo em contato com outros pesquisadores de renome da área, por isso, na imagem 5, a seta que representa a relação entre Altman e Luna é de única direção e pontilhada, visando, com isso, demonstrar que, apesar de se reconhecer alguma influência de um sobre o outro, a relação entre os dois pesquisadores não é marcada pela convivência ou mesmo por significativas trocas intelectuais, capazes de serem apreendidas pelos textos produzidos por ambos. A não identificação de uma influência direta entre os pesquisadores também se comprova pela quantidade de vezes que Altman aparece como referência nos artigos e capítulos de livros publicados pelo pesquisador, visto que Altman é citada em um único artigo, com uma citação sobre a contribuição do trabalho historiográfico, e duas vezes, em dois capítulos de livros, aparecendo, em um deles, meramente como um registro sobre a ajuda inicial que favoreceu e reforçou o interesse de Luna pela área da HL.

Beccari é o último nome a compor a figura 5. A seta que representa a relação entre Altman e Beccari é simples, contínua e de única direção. A análise do material possibilitou que se verificasse que o pesquisador experimentou uma coorientação no doutorado com Altman. Importante mencionar que as orientações de doutorado e de mestrado se deram sob a supervisão de Borges Neto, professor e pesquisador ligado à UFPR, amigo e parceiro de Altman em publicações na área da HL. Como já mencionado no capítulo 4, tópico 4.1.3, Beccari afirma que seus primeiros contatos com os textos escritos por Altman ocorrem por meio de pesquisas casuais em bibliotecas e, posteriormente, por intermédio de seu orientador, Borges Neto, ainda no período da iniciação científica. Na tese de doutorado, na seção de “Agradecimentos”, o pesquisador reconhece a contribuição de Altman como coorientadora ao escrever que agradece à “Dr^a. Cristina Altman, por sua atenção, generosidade e exemplo” (BECCARI, 2013, p. 6). Um dado que chama atenção é o fato de que, apesar de a sua dissertação de mestrado não se filiar explicitamente à HL, também consta um agradecimento à professora Altman: “Dr^a. Cristina Altman, por sua atenção e disponibilidade” (BECCARI, 2007, p. 2), a qual certamente contribuiu com indicações de livros, leituras de versões da tese etc.

A seta simples, contínua e de única direção tenta captar que a relação entre os pesquisadores se pautou pela relação de coorientação. No *Lattes* de Beccari, por exemplo, a referência a Altman aparece como registro na sua banca de doutorado, em 2013, e como membro avaliadora de uma dissertação de mestrado orientada por Borges Neto, no ano de 2014, da qual Beccari também participou como membro avaliador. Considerando essas informações,

propôs-se a seta simples, contínua e de única direção para representar como se deram essas influências, tendo em vista que a coorientação reverberou significativamente no modo de produzir em HL. Essa influência pode, de certa forma, ser confirmada pelo seguinte trecho, retirado do “Resumo” da tese:

Os principais modelos teóricos utilizados na busca por essas respostas foram a Historiografia Linguística (HL) de Konrad Koerner (1989), a teoria sociológica e histórica para a formação de grupos de pesquisadores de Stephen Murray (1998) e a História e Filosofia da Linguística (HFL) de Pierre Swiggers (2004) (BECCARI, 2013, p. 9).

Nessa citação, é possível verificar a presença de autores que compõem o quadro de trabalho de Altman, a exemplo de Koerner, Murray e Swiggers, além de Kuhn, citado em outras partes do texto. A presença dessas discussões, na tese, se não direta, mas indiretamente foi influenciada por Altman.

Ainda no que diz respeito à relação estabelecida com a USP, Beccari, em texto inicial no currículo *Lattes*, informa que:

Atualmente desenvolve uma pesquisa de pós-doutorado junto ao Centro de Documentação em Historiografia Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL-USP), sob supervisão da Professora Doutora Olga Ferreira Coelho Sansone; a pesquisa tem como objetivos a tradução, interpretação e análise do Livro XVII, o tratado Sobre a Construção, das Instituições Gramaticais de Prisciano Cesariense (séc. VI) e uma abordagem do impacto dessa obra em textos gramaticais utilizados para o ensino do Latim em Portugal no final da Idade Média (LATTES, p. 1).

A relação com a USP se estreitou ainda mais pelo desenvolvimento do pós-doutorado na área da HL, sob supervisão de Coelho e, em razão disso, optou-se pela representação, na figura 5, de uma seta que sai de Coelho para Beccari, objetivando, com isso, explicitar a repercussão que as orientações de Coelho promoveram²¹³ no trabalho final de pós-doutorado.

Por fim, aparecem, na parte superior da figura 5, referências aos pesquisadores Cavaliere, da UFF, Rosa, da UFRJ e Borges Neto, da UFPR, acompanhadas de setas de dupla direção contínuas, demonstrando os diálogos existentes entre a USP e outras universidades brasileiras, que serão mais bem analisados nas figuras que representarem as instituições mencionadas.

²¹³ Pelo recorte temporal estabelecido como periodização desta pesquisa e, considerando o período em que esta tese será defendida, supõe-se que o estágio pós-doutoral já deva ter sido concluído.

Isto posto, parte-se, então, para a análise do segundo grupo em HL da USP. Leite se destaca como outra liderança na área da HL, representada pela imagem à direita da figura 5. A pesquisadora também orientou vários trabalhos em que a HL é apresentada como suporte teórico-metodológico. Como exemplo dessas orientações, destaca-se o nome de Moraes, do IFSP, pesquisador que com sua produção compõe os *corpora* desta pesquisa. A relação de influência entre os pesquisadores é expressa, na figura 5, por uma seta simples, contínua e de única direção, a qual visa marcar uma influência mais direta, cuja referência é Leite.

Conforme Cavaliere (2020), uma relação de influência pode se dar pela “relação pessoal” (CAVALIERE, 2020, p. 141), que, no caso analisado, aparece documentada na seção de “Agradecimentos” da dissertação e da tese de Moraes. Na dissertação, tece o seguinte agradecimento: “À querida Prof^a. Dr^a. Marli Quadros Leite, por me oferecer mais que uma orientação segura, ofereceu-me amizade, incentivo e apoio necessário para que eu pudesse realizar esse trabalho” (MORAES, 2008, p. 4); e, na tese, reforça os agradecimentos “À Prof^a. Dr^a. Marli Quadros Leite, pela orientação segura, pelos anos de convivência em que muito me ensinou, contribuiu e apoiou para o meu crescimento científico e intelectual” (MORAES, 2016, p. 6).

Ainda segundo Cavaliere (2020), uma relação de influência também pode se dar pelo “contato acadêmico” (CAVALIERE, 2020, p. 141), e, quanto a isso, observou-se que o contato acadêmico entre Leite e Moraes favoreceu algumas trocas que se evidenciam no plano das ideias científicas. A referida pesquisadora declaradamente produz uma historiografia baseada nos pressupostos de Auroux²¹⁴, autor mais citado em seus textos, valendo-se, para tanto, de forma mais recorrente, à categoria “horizonte de retrospectão”. Ademais, Leite coordena o GT “*Gramática: descrição, história e discurso*”, o qual, segundo suas próprias palavras, “mantém uma rede direta de contatos internacionais com investigadores franceses da Université Paris 7, pelo Laboratoire d’Histoire et des Théories Linguistiques, com o qual temos desenvolvido projetos financiados pelo conglomerado francês Paris Cité [...]” (LEITE, 2019, p. 174). A análise da produção de Leite possibilitou que se observasse, ainda, que o grupo coordenado por ela não mantém filiação com outros grupos da área da HL no Brasil.

Na produção de Moraes, percebe-se a influência advinda da orientação e do contato com a produção de Leite, da USP. Observou-se, nesse caso, que o autor, ao se filiar à HL, o faz geralmente em correlação com a HIL, e que sua autovinculação teórica e metodológica, tal

²¹⁴ Apesar de Auroux não compor o quadro de autores estudados nesta tese, no caso de Leite, pela recorrência de citações e pela filiação teórica da autora, fez-se necessária a referência ao autor. O mesmo ocorre em Moraes e Portela.

como em Leite, é mais condizente com a HIL, tomando como base para a produção das pesquisas os pressupostos e as ideias veiculadas por Auroux. Tais indicações podem ser melhor visualizadas nos excertos a seguir, retirados da dissertação, da tese e de um artigo produzido por Moraes:

Nesse sentido, seguiu-se a proposta teórico-metodológica de Auroux (2006), para quem, ser um historiador da ciência é poder *construir relações causais* (MORAES, 2008, p. 6, grifos do autor).

Com isso, procuramos explorar, na medida do possível, o *horizonte de retrospecção* de Silva Neto [...] (MORAES, 2016, p. 8, grifos do autor).

Discutem-se alguns conceitos linguísticos e gramaticais, analisados na perspectiva da dimensão temporal, isto é, na longa duração do tempo, o que se inscreve no contexto da História das Ideias Linguísticas, segundo o modelo de Sylvain Auroux (1992, 1998, 2006, 2008); Colombat (2007) e Colombat, Fournier e Puech (2010) (MORAES, 2016, p. 8).

O trabalho está teoricamente vinculado à História das Ideias Linguísticas e à Linguística Missionária, subárea da Historiografia Linguística, para tanto está fundamentado em Rosa (2013), Colombat, Fournier e Puech (2010), Zimmermann (2004), Moraes (2015, 2017a, 2017b) e Auroux (2008) (MORAES, 2020, p. 10).

Como último ponto a ser analisado nas relações construídas pelos grupos de HL da USP, a figura 5 evidencia a existência de dois grupos distintos, com propostas e objetivos que se diferem um do outro, entretanto, o fato de pertencerem a mesma instituição, de certa forma, favorece que algum tipo de vínculo se configure entre eles. Um dos pontos que pode contribuir para o reconhecimento de que diálogos são possíveis e existem entre os grupos é a participação das pesquisadoras como membros avaliadores de bancas de mestrado e doutorado de grupos liderados por outras pesquisadoras da área de HL. Um segundo ponto a ser considerado é o fato de pesquisadoras de grupos distintos ministrarem cursos em parceria, como é o caso específico de Altman e Leite, que juntas organizaram e ministraram um curso de curta duração, que contou ainda com a participação da professora Maria Carlota Amaral Paixão Rosa, da UFRJ. No interior desse cenário, e como forma de comprovar essas relações, foram reproduzidas as informações em forma de tópicos, retiradas do *Lattes* das pesquisadoras, como é possível ver a seguir²¹⁵:

²¹⁵ Ver nota 208.

1. Curso de curta duração ministrado por Cristina Altman, Maria Carlota Amaral Paixão Rosa e Marli Quadros Leite, intitulado “Técnicas de elaboração de projetos em historiografia linguística”, no ano de 2014.

2. Participação de Altman em banca de doutorado de orientando de Leite:

LEITE, M. Q.; ALTMAN, C.; ASSUNÇÃO, C. C.; URBANO, H; HACKEROTT, M. M.. Participação em banca de Jorge Viana de Moraes. Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídio para a construção de uma teoria da variação linguística. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

3. Participação de Leite em banca de mestrado de orientando de Altman:

ALTMAN, Cristina; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; LEITE, M. Q.. Participação em banca de Silvana Gurgel Teixeira. O período dos estudos linguísticos brasileiros dito científico na questão da colocação pronominal (1880-1920). 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

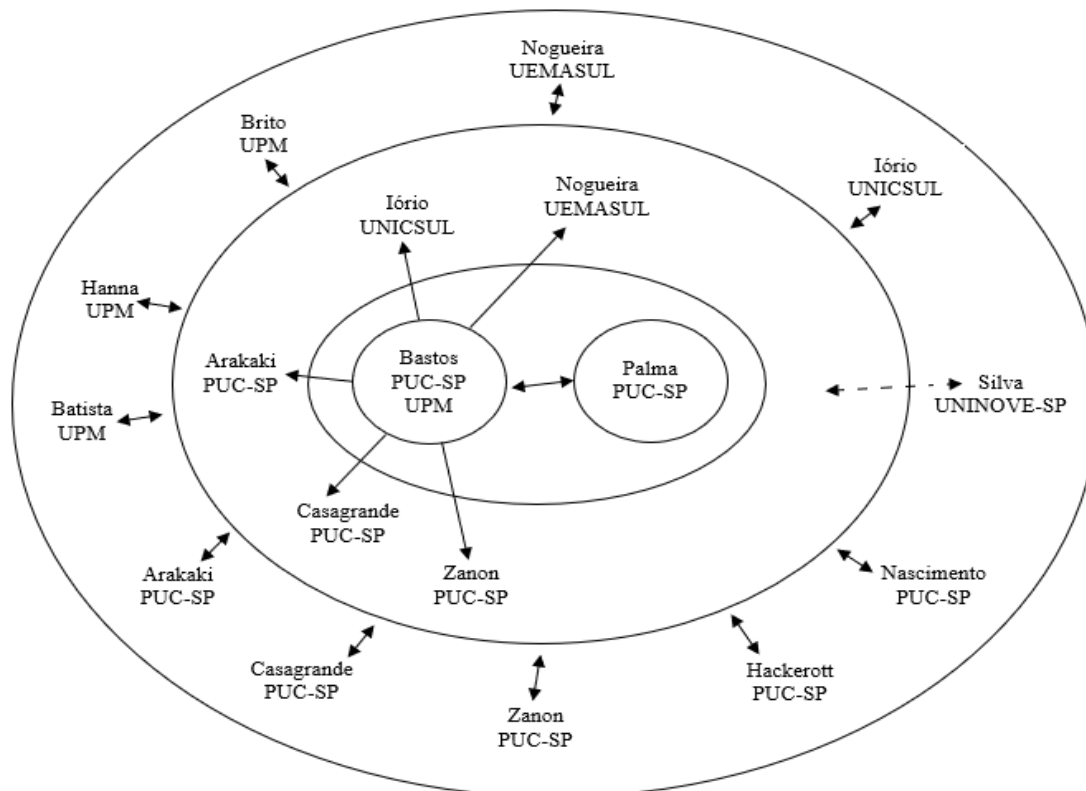
4. Participação de Altman e de Leite em banca de doutorado de orientando de Coelho:

SANSONE, O. F. C.; ALTMAN, M. C.; NETTO, J. B.; LEITE, M. Q.. Participação em banca de José Bento Cardoso Vidal Neto. A formação do pensamento linguístico brasileiro: entre a gramática e novas possibilidades de tratamento da língua (1900-1940). 2020. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

Após as considerações feitas acima sobre os grupos de pesquisa em HL da USP, passa-se à apresentação das relações de influências construídas entre os grupos da PUC-SP e do Mackenzie²¹⁶ e grupos de outras instituições brasileiras. Por meio da figura 6, infra, será possível observar algumas dessas relações.

²¹⁶ Optou-se por apresentar a rede de influências da PUC-SP e do Mackenzie na mesma figura pelo fato de Bastos ser um ponto comum e uma referência na área da HL nas duas instituições. Além disso, a análise da produção dos pesquisadores das duas instituições comprova a relação existente entre elas, no que se refere à área da HL.

Figura 6: Redes de influências da PUC-SP e do Mackenzie



Fonte: Elaborado pela autora

Na produção da PUC-SP e do Mackenzie, Bastos e Palma se destacam como lideranças na área da HL. As duas pesquisadoras foram as principais responsáveis pela organização de um projeto desenvolvido em parceria por professores das duas instituições mencionadas, informação que pode ser evidenciada pelas palavras das próprias pesquisadoras, as quais foram registradas nas “Considerações iniciais” do primeiro volume da série de livros “História Entrelaçada”:

Há que se mencionar neste momento que este trabalho faz parte de um projeto mais amplo, desenvolvido por professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, pesquisadores do no IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” para estudos de Português da PUC/SP) [...] Atualmente, conta com muitos professores interessados neste tipo de pesquisa; no entanto o Grupo, desde o início deste trabalho, compunha-se dos seguintes membros: Professoras Doutoradas: Dieli Vesaro Palma, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos (líderes do Grupo) [...] (BASTOS; PALMA, 2004, p. 10).

Os trabalhos em HL, nessas duas instituições, começaram a ser desenvolvidos em meados década de 1990, após a criação do grupo de HL, em 1996, por Bastos. No entanto, é

nos anos 2000 que uma significativa produção na área ganha forma nas instituições. Como exemplo dessa produção, tomou-se a coleção “História entrelaçada”, a qual apresenta Bastos e Palma como organizadoras de todos os volumes produzidos, como se pode ver na lista a seguir:

1. BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna, 2004.
2. BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História entrelaçada 2 - a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
3. BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada 3 - a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Lucerna, 2008.
4. BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada 4: os discursos da produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
5. BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada 5 - Estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
6. BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
7. BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História entrelaçada 7 - Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. 1. ed. São Paulo: Terracota, 2016.
8. BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1. ed. São Paulo: Terracota, 2018.
9. BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada: Língua Portuguesa na década de 1990: linguística, gramática, redação e educação*. 1. ed. São Paulo: Pá de palavra, 2020.

O livro intitulado “História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX” corresponde ao primeiro de nove trabalhos que marcariam a produção da PUC-SP e do Mackenzie e, conseqüentemente, das idealizadoras e organizadoras da proposta. Inicialmente, o primeiro volume foi organizado em 5 capítulos, assim distribuídos: 1 capítulo escrito pelas líderes do grupo e os outros 4 capítulos escritos por professores pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie, tendo um deles a participação de uma doutoranda da PUC-SP. As demais produções da série “História entrelaçada” foram reunindo, além dos autores que compuseram o primeiro volume, textos de pesquisadores majoritariamente da PUC-SP e do Mackenzie. A partir do volume 2 da série, observou-se também a presença de textos de autores que pertenciam a outras instituições, entretanto, nesses casos, verificou-se que os pesquisadores/autores de capítulos, mesmo pertencendo a outras instituições, mantinham algum

vínculo com as organizadoras das obras, geralmente orientandos de mestrado ou de doutorado de Bastos ou de Palma. Essas informações receberam destaque, neste capítulo, por se poder estabelecer essa série de livros “História entrelaçada” não como um marco da produção em HL dessas instituições, mas como um ponto de partida que orientou a organização de outras obras e que certamente serviu de referência para a produção na área da HL nas referidas instituições.

Considerando a quantidade de livros produzidos sob o título de “História entrelaçada”, como se pode observar na lista apresentada supra, a relevância para a área da HL, na PUC-SP e no Mackenzie, e a constância das publicações, inclusive com a perspectiva de que outras obras sejam produzidas, dando continuidade às já existentes, talvez seja possível afirmar que essa coleção seja o ponto comum que aproxima os pesquisadores dessas duas instituições e de outras que, com o tempo, foram se ligando a elas, como é o caso da UEMASUL, UNICSUL e UNINOVE-SP. A produção da PUC-SP e do Mackenzie, na área da HL, conta com uma quantidade significativa de artigos, capítulos de livro e livros publicados, como pode ser verificado no capítulo 4, tópico 4.1.2. De todo material analisado nas duas instituições, sobressai-se o dado de que, na maioria dos livros na área da HL, Bastos aparece como uma das organizadoras, sendo relevante também a quantidade de publicações de artigos em parceria com pesquisadores das duas instituições mencionadas.

Voltando ao caso da coleção “História Entrelaçada”, observou-se ainda que as obras preservam, entre si, pelo menos dois traços que caracterizam essa produção, a saber: o primeiro se refere aos autores que compõem os capítulos das obras, chamando atenção a frequência com que os pesquisadores aparecem como autores dos capítulos e o fato de que a maioria dos autores são professores da PUC-SP ou do Mackenzie. O segundo traço comum é a forma como os capítulos são organizados, os quais, geralmente, iniciam com uma contextualização da obra ou do autor analisado, em seguida é feita uma análise interna da obra e, por fim, o texto apresenta algumas considerações gerais sobre a análise empreendida.

Ainda sobre esse segundo traço, comum às 9 obras que compõem a coleção, ele está diretamente relacionado às escolhas teórico-metodológicas que embasam a proposta, no caso, os três princípios propostos por Koerner (contextualização, imanência e adequação), como se pode observar nas “Considerações iniciais” presente no primeiro livro:

Gostaríamos, agora, de expor cinco pontos fundamentais vistos como procedimentos metodológicos na elaboração do livro.

Primeiro ponto: *princípios básicos*. O historiógrafo, como qualquer outro cientista, não trabalha sem princípios que o norteiem, visando à credibilidade de sua pesquisa. Em nosso caso, três são eles: a) a contextualização; b) a

imanência e c) a adequação (BASTOS; PALMA, 2004, p. 11, grifos das autoras).

A abordagem historiográfica empreendida por Bastos e Palma, baseadas nos princípios propostos por Koerner e denominados por elas de “básicos”, influenciou toda uma geração de pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie, que desenvolviam ou que passaram a desenvolver pesquisas na área da HL. Os dados apresentados no capítulo 4, tópico 4.1.2, comprovam essa tendência não só em livros e capítulos de livros, mas, também, em artigos, visto que Koerner é o autor da área mais citado pelos pesquisadores dessas duas instituições e, às vezes, o único citado. Obviamente que não se está ignorando o fato de que os trabalhos contam com as importantes contribuições de Swiggers e de Altman, mas, como já mencionado, em menor destaque.

O objetivo desta discussão não é restringir a produção da PUC-SP e do Mackenzie à coleção “História entrelaçada”, pelo contrário, como já informado no capítulo 4, a produção das duas instituições é significativa para a área da HL. Pretendeu-se tão somente tomar a coleção como exemplo dessa produção, tendo sido a escolha baseada no fato de a “História entrelaçada” ser um dos primeiros produtos coletivos na área da HL no Brasil, além de ser destaque na produção das instituições e dos pesquisadores apresentados.

Seguindo a proposta de Cavaliere (2020), a influência de Bastos e Palma em relação a outros pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie se deu via contato acadêmico e também pela relação pessoal existente entre os estudiosos. Dos autores que compõem os *corpora* da pesquisa, Palma, Nascimento e Hackerott são professores pesquisadores contemporâneos a Bastos. Hackerott, Zanon, Arakaki e Casagrande foram alunas da PUC-SP e todas, a exceção de Hackerott, orientandas de Bastos. Para além dos pesquisadores mencionados, Iório, da UNICSUL, e Nogueira, da UEMASUL, compõem o rol dos pesquisadores em que foi possível visualizar a influência de Bastos, ambas tendo sido também orientandas de mestrado e de doutorado, na PUC/SP, e partícipes do grupo liderado por Bastos.

Ainda ligado ao grupo da PUC-SP, destaca-se Silva, pesquisador que, por anos, participou como membro do Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa (NEHL), sediado na PUC-SP. Na figura 6, o nome de Silva se liga ao grupo da PUC-SP por uma seta dupla e pontilhada, mais afastada do centro dos nomes, evidenciando, nesse caso, que, apesar dos anos de convivência e da produção de 2 capítulos de livros com os pesquisadores da PUC-SP, período que certamente rendeu algumas trocas intelectuais, não há evidências dessas influências nos textos do pesquisador, a não ser pela utilização dos princípios gerais propostos

por Koerner em textos publicados na série “História entrelaçada”, como é característico dessa produção.

No Mackenzie, Bastos também é um nome de liderança na área da HL. Análogo ao que acontece na PUC-SP, é perceptível a influência da pesquisadora na produção de Brito e Hanna, especialmente pela predominância das referências a Koerner e aos princípios propostos por ele. Batista, que compõe o grupo de pesquisadores vinculados ao Mackenzie, apesar da ligação e das várias produções com o grupo da PUC-SP, apresenta-se como um pesquisador mais influenciado pelas propostas de Swiggers, como já anteriormente mencionado. Vale lembrar que Batista, em 2016, cumpriu estágio pós-doutoral em Leuven, sob supervisão de Pierre Swiggers, o que, além do contato inicial com a produção do autor recebido via orientação de Altman, valida as influências recebidas pelo contato direto de orientação.

A figura 6 se configura como uma tentativa de tentar reproduzir as relações construídas entre os pesquisadores que pertencem às instituições mencionadas na imagem. Em destaque, aparecem os nomes de Bastos e Palma centralizados, visando destacar a posição de liderança que ocupam nas universidades onde atuam. Entre os nomes, consta uma seta de dupla direção contínua expressando que a relação entre elas se baseou/baseia em trocas intelectuais e em uma influência mútua, atestada por meio das experiências compartilhadas e pela produção que abrange as duas pesquisadoras.

Sobre as setas simples, contínuas e de única direção que saem de Bastos em direção a Nogueira, Iório, Arakaki, Casagrande e Zanon, cumpre mencionar as influências diretas observáveis a partir da relação de orientação de mestrado e de doutorado entre Bastos e as pesquisadoras apresentadas. Na seção de “Agradecimentos” das dissertações e teses de Arakaki, Iório, Nogueira e Zanon, é possível avaliar a influência que Bastos exerceu na trajetória acadêmica e pessoal de cada uma delas, como é possível ver a seguir:

E, finalmente, a responsável por essa aventura lusófona, minha orientadora amiga crítica e severa, cuja dedicação e incentivo à pesquisa ultrapassaram os limites profissionais, Professora Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos (ARAKAKI, 2006, p. 4).

À Profa. Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, por suas orientações ao longo dos anos de Mestrado e Doutorado, por sua paciência, pelas críticas e sugestões construtivas e por sua preocupação com os professores, uma das motivações para a realização deste trabalho... (IÓRIO, 2007, p. 6).

À Professora e Orientadora Dr^a Neusa Maria de Oliveira Barbosa Bastos, pela valiosa orientação, pelo constante incentivo nos momentos mais difíceis e pela amizade (NOGUEIRA, 2011, p. 5).

À professora doutora Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, pela paciente orientação e minuciosa correção do trabalho, fundamentais para a conclusão desta Tese (ZANON, 2007, p. 3).

Além das influências acima mencionadas, cumpre fazer referência àquelas relacionadas ao plano das ideias científicas, que, no caso da PUC-SP e do Mackenzie, colocam Bastos e Palma no centro dessas influências, tendo em vista que elas foram as responsáveis, não só pela implementação e divulgação de um grupo em HL, mas também pela consolidação de um estilo próprio da PUC-SP e do Mackenzie de proceder com as pesquisas historiográficas, as quais se pautam, principalmente, nos 3 princípios propostos por Koerner.

Essas concepções inicialmente divulgadas nos primeiros materiais da área, a exemplo da “História entrelaçada 1”, foram não só validadas pelos pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie, em suas dissertações e teses, mas também e, principalmente, nos capítulos de livros, que representam a maior parte das publicações das instituições. Cumpre apresentar alguns exemplos que contribuem para validar as influências observadas. Para isso, serão apresentados os títulos das seções dos capítulos de livros publicados pelos pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie, que apresentam ou demarcam a filiação teórico-metodológica com os princípios propostos por Koerner²¹⁷.

1. Títulos de seções de capítulos de livros publicados por Bastos:

- “Para traçar o espírito da época” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 61).
- “Para observar a imanência” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 69).
- “Para aventurarmo-nos na adequação” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 77).
- “Traçando a contextualização” (BASTOS; BRITO; SILVA, 2008, p. 74).
- “Procedendo à adequação” (BASTOS; BRITO; SILVA, 2008, p. 87).
- “Estabelecendo a adequação” (BASTOS; DI IÓRIO; NOGUEIRA, 2008, p. 178).
- “Timor-leste – contextualizando” (BRITO; BASTOS; COSTA; ARAÚJO, 2010, p. 61).
- “Para delinear o espírito da época: a reconstrução do clima de opinião” (BASTOS; PALMA, 2010, p. 135).
- “Diálogos presumíveis entre Historiografia Linguística e Estudos Culturais: cultura, texto, contexto” (BASTOS; HANNA, 2014, p. 22).

2. Títulos de seções de capítulos de livros publicados por Palma:

- “A contextualização” (PALMA; MENDES, 2008, p. 157).
- “A análise da gramática: o princípio da imanência” (PALMA; MENDES, 2008, p. 163).
- “Para delinear o espírito da época: a reconstrução do clima de opinião” (BASTOS; PALMA, 2010, p. 135).

²¹⁷ Conforme já mencionado na nota de rodapé 183, nos casos de exemplos que visem destacar informações sobre a produção de um pesquisador, as informações serão indicadas em fonte 11, entre aspas, no corpo do texto, seguido do nome do pesquisador, ano de publicação e página de onde a informação foi retirada. Para casos análogos serão utilizados os mesmos critérios.

- “Contexto histórico e nota biográfica” (BASTOS; PALMA, 2010, p. 206).
- “Questões historiográficas: Contextualização” (PALMA; FRANCO, 2014, p. 109).
- “O princípio da imanência” (PALMA; FRANCO, 2014, p. 112).
- “O princípio da adequação teórica” (PALMA; FRANCO, 2014, p. 118).
- “Contextualização: aspectos legais e a disciplina de Língua Portuguesa” (PALMA; FRANCO, 2016, p. 50).
- “A década de 1990: reconstrução do clima de opinião” (PALMA; ZILIO-PASSERINI, 2020, p. 82).
- “Contextualização da década de 1990: questões político-econômicas e linguísticas” (PALMA; FRANCO, 2020, p. 14).
- “Contextualização da década de 1990: questões educacionais” (PALMA; FRANCO, 2020, p. 20).

3. Título de seção de capítulo de livro publicado por Zanon:

- “Contexto educacional brasileiro na década de 1970” (CASAGRANDE; ZANON; BRITO, 2016, p. 190).

4. Título de seção de capítulo de livro publicado por Arakaki:

- “Contexto sociocultural e político – anotações representativas” (MEDEIROS; ARAKAKI; COSTA, 2014, p. 89).

5. Títulos de seções de capítulos de livros publicados por Casagrande:

- “Traçando a contextualização” (FACCINA; CASAGRANDE; HANNA, 2008, p. 139).
- “Infância” (ZANON; CASAGRANDE; BRITO, 2014, p. 130).
- “Vida acadêmica” (ZANON; CASAGRANDE; BRITO, 2014, p. 131).
- “Vida política” (ZANON; CASAGRANDE; BRITO, 2014, p. 132).
- “Contexto educacional brasileiro na década de 1970” (ZANON; CASAGRANDE; BRITO, 2016, p. 190).
- “Os princípios metodológicos de Koerner” (PALMA; CASAGRANDE, 2020, p. 82).
- “Princípio de Contextualização” (PALMA; CASAGRANDE, 2020, p. 83).
- “Princípio de Imanência” (PALMA; CASAGRANDE, 2020, p. 84).
- “Princípio de Adequação” (PALMA; CASAGRANDE, 2020, p. 84).
- “Alp e o clima de opinião da década de 1990” (CASAGRANDE; DI IÓRIO, 2020, p. 124).

6. Títulos de seções de capítulos de livros publicados por Brito:

- “Para traçar o espírito da época” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 61).
- “Para observar a imanência” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 69).
- “Para aventurarmo-nos na adequação” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 77).

7. Títulos de seções de capítulos de livros publicados por Hanna:

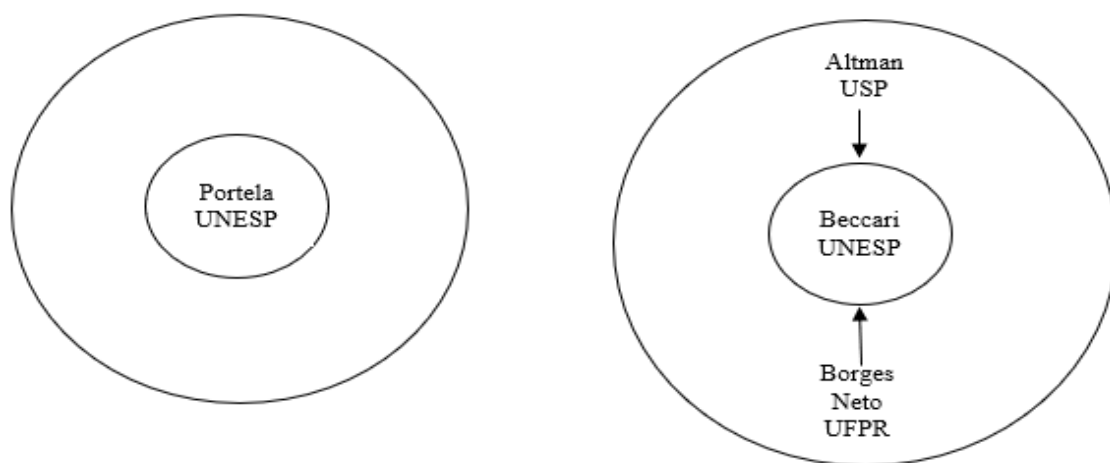
- “Para traçar o espírito da época” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 61).
- “Para observar a imanência” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 69).
- “Para aventurarmo-nos na adequação” (BASTOS; BRITO; HANNA, 2006, p. 77).
- “Contextualização: o surgimento da cartilha” (CASAGRANDE; HANNA, 2010, p. 114).

Observa-se, pois, a partir dos exemplos acima, que algo em comum perpassa a produção desses pesquisadores da PUC-SP e do Mackenzie, materializado pela filiação teórico-metodológica e pelo modo de conduzir as pesquisas em HL.

Na imagem 6, é possível, por meio dos níveis ou estratos representados pelas grandes circunferências que abarcam os nomes dos pesquisadores em camadas, verificar a relação existente entre os pesquisadores, as instituições e as pesquisadoras identificadas como líderes dos grupos, as quais ocupam esse espaço pelo pioneirismo nas pesquisas em HL na PUC-SP e no Mackenzie. Especificamente no que se refere à terceira e última camada, mais externa à circunferência, a figura mostra as trocas intelectuais que foram se estabelecendo com o passar dos anos e da consolidação da área e das pesquisas nessas instituições. Entre os pesquisadores apresentados e o centro da figura foram dispostas setas duplas e contínuas de modo a retratar os processos de influências entre esses pesquisadores, que se deram em sentido duplo. Essa leitura pode ser validada pela quantidade de produções em parceria que, com os anos, foram se estabelecendo entre os pesquisadores, mas também pela manutenção de parcerias internas ao grupo, só que com diferenças quanto à posição que alguns pesquisadores passaram a ocupar dentro dos grupos da PUC-SP e do Mackenzie, não mais como orientandos, mas como orientadores e, conseqüentemente, proponentes de pesquisas, reforçando que o movimento das setas indica as possíveis trocas intelectuais entre os pesquisadores.

A próxima instituição em que se buscou observar os tipos de influências que marcaram os grupos em HL foi a UNESP. Na instituição, destacam-se os nomes de dois pesquisadores, que aparecem como líderes de grupos que desenvolvem pesquisas na área da HL, a saber: Beccari e Portela. A figura a seguir demonstra a posição dos grupos em relação a outros grupos e pesquisadores.

Figura 7: Redes de influências da UNESP



Fonte: Elaborado pela autora

A disposição dos grupos na imagem sugere que entre eles não se estabelece nenhum vínculo, a não ser o fato de ambos pertencerem à mesma instituição. No *Lattes* dos dois pesquisadores, não consta nenhuma referência que vincule os pesquisadores ou os grupos nos quais desenvolvem pesquisas. Assim, também se pode observar que Portela não se filia a nenhum grupo de HL. O modo de proceder com a HL não se aproxima do modo como outros grupos investigam na área, isso se dá pelo fato de que, nos seus textos, o pesquisador mobiliza a HL para dar suporte a trabalhos em Semiótica. Além disso, são apresentadas, nos materiais analisados, referências a Auroux e a Koerner. Chama atenção, no artigo publicado em 2018, a inclinação teórica que o autor explicita pelo projeto “História das ideias linguísticas”, verificada nas suas próprias palavras quando afirma que: “O projeto ‘História das ideias linguísticas’, dirigido por Sylvain Auroux, que aqui nos interessa especialmente, foi iniciado em 1982, segundo o próprio Auroux, por sugestão de Michel Meyer” (PORTELA, 2018, p. 139). Koerner também aparece como referência nos textos de Portela, como é possível ver no trecho: “o que Konrad Koerner (1989), por exemplo, chama de imanência da teoria” (PORTELA, 2018, p. 140) ou, ainda, “é preciso recorrer ao discurso que configura cada ‘clima de opinião’, segundo o termo caro a Konrad Koerner” (*op. cit.*, p. 142).

Com relação a Beccari, na figura 5 deste capítulo, pode-se observar as relações de influências estabelecidas com a USP, bem como será possível também observar, por meio da figura 12, a rede de influência estabelecida com Borges Neto, seu orientador na graduação, mestrado e doutorado.

Na figura 7, portanto, só foram apresentadas setas contínuas e de única direção na imagem que representa o grupo liderado por Beccari, isso se deu em razão de se ter percebido influências diretas recebidas da coorientação de Altman, no doutorado, e das orientações de Borges Neto, no período do mestrado e doutorado, e certamente influências recebidas da supervisão de Coelho, durante o pós-doutorado. Os agradecimentos públicos presentes na dissertação e na tese de Beccari podem, como bem reconhece Koerner (2014[1995]), reforçar a relevância que os orientadores tiveram no modo de desenvolver pesquisas na área da HL, como é possível constatar nos excertos a seguir:

Aos professores: Dr. José Borges Neto, que me orientou nos momentos cruciais (BECCARI, 2007, p. 2).

Dr^a. Cristina Altman, por sua atenção e disponibilidade (BECCARI, 2007, p. 2).

Dr. José Borges Neto, por sua orientação certa nos momentos cruciais, pelas conversas, sempre enriquecedoras, pelo entusiasmo contagiante com relação às ideias, personagens e histórias da linguística (BECCARI, 2013, p. 6).

Dr^a. Cristina Altman, por sua atenção, generosidade e exemplo (BECCARI, 2013, p. 6).

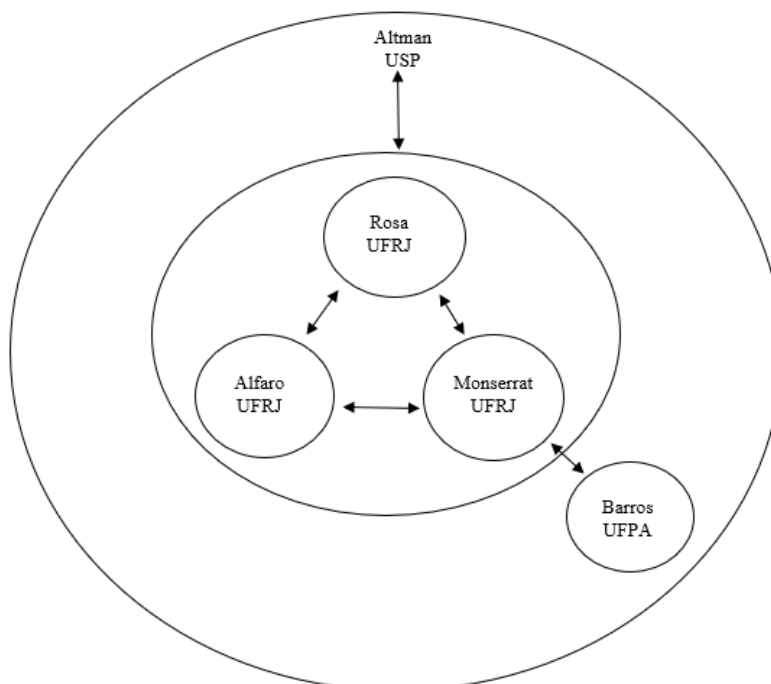
Como já apresentado na rede de influências da USP, percebeu-se que Altman e Borges Neto influenciaram Beccari no campo das ideias, mais especificamente no que diz respeito aos autores que contribuíram para a composição do quadro de trabalho de suas pesquisas. O trecho a seguir, retirado do “Resumo” da tese de Beccari, confirma essas influências:

Os principais modelos teóricos utilizados na busca por essas respostas foram a Historiografia Linguística (HL) de Konrad Koerner (1989), a teoria sociológica e histórica para a formação de grupos de pesquisadores de Stephen Murray (1998) e a História e Filosofia da Linguística (HFL) de Pierre Swiggers (2004)” (BECCARI, 2013, p. 9).

Nessa citação, é possível verificar a presença de autores que compõem o quadro de trabalho de Altman, a exemplo de Koerner, Murray e Swiggers, além de Kuhn, citado em outras partes do texto. Além disso, percebe-se também a influência de Borges Neto, pela referência à História e Filosofia da Linguística, área na qual o pesquisador atua e desenvolve pesquisas, bem como pelas citações diretas a trabalhos de Borges Neto encontradas ao longo do texto da tese. A presença dessas discussões certificaria a influência direta de Altman e Borges Neto em relação a Beccari.

Observadas as redes de influências construídas entre os pesquisadores da UNESP, passa-se às relações observadas na UFRJ. Rosa, Monserrat e Alfaro não costumam fazer referências a outros pesquisadores da área da HL, não se valem de tantas categorias ao proceder com suas análises e, geralmente, pesquisam textos de períodos específicos, os séculos XVI, XVII e XVIII. A historiografia produzida pela UFRJ, ao que tudo indica, parece não se comprometer com a aplicação de métodos ou princípios característicos da área, e esse modo de proceder com a HL acabou influenciando a produção de outros pesquisadores de outras instituições ligadas ao grupo. A concepção de historiografia partilhada entre as pesquisadoras da UFRJ parece também ser compartilhada por Barros, da UFPA, cujo modo de atuar com a HL se aproxima, e muito, do que é produzido pelo UFRJ, especialmente da produção de Monserrat, pesquisadora com a qual tem uma produção em parceria significativa. Na figura abaixo, é possível visualizar as relações construídas entre as pesquisadoras da UFRJ e da UFPA.

Figura 8: Redes de influências da UFRJ e UFPA



Fonte: Elaborado pela autora

Na figura 8, as setas de dupla direção e contínuas que interligam as pesquisadoras Rosa, Monserrat e Alfaro indicam o tipo de relação construída pelo grupo da UFRJ. As pesquisadoras mantêm linhas de pesquisas alinhadas entre si e, conjuntamente, são responsáveis pela manutenção do Laboratório em HL da universidade onde atuam. Nenhuma delas desenvolveu suas pesquisas de mestrado ou doutorado na área da HL, no entanto, todas, desde meados da década de 1990, estão envolvidas com a expansão da área no Brasil, desenvolvendo pesquisas, orientando trabalhos ou coordenando grupos de trabalhos nacionais na área, como o GT de HL da ANPOLL.

Configura-se como característica dos materiais produzidos pelas pesquisadoras da UFRJ o fato de não citarem em seus textos autores precursores da área, não apresentarem explicações sobre a área ou sobre alguma categoria analítica utilizada e de nutrirem certa relação com as pesquisas desenvolvidas na USP, especialmente pelas pesquisas orientadas por Altman, com participação em bancas e em eventos como os listados a seguir:

1. Participação de Rosa em bancas de mestrado e de doutorado de orientandos de Altman:

ALTMAN, M. C.; FERREIRA, M.; ROSA, M. C.. Participação em banca de Ronaldo de Oliveira Batista. *As linguas difficultosas e os linguas peritos: artes de gramática jesuíticas no Brasil colonial dos séculos XVI e XVII (USP)* - Orientador: Maria Cristina Altman. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

ROSA, M. C.; ALTMAN, M. C.. Participação em banca de Angela Maria Ribeiro França. Texto e contexto nos escritos de Mattoso Camara: 1938-1954 (USP) - Orientador: Maria Cristina Altman. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

ALTMAN, M. C.; BORGES NETO, J.; SOUZA, P. C.; SANTOS FILHO, G. M.; ROSA, M.C.. Participação em banca de Angela Maria Ribeiro França. Para uma historiografia de resolução de problemas: da 'arte de dizer' na fala carioca às descrições da variante oral do português brasileiro (USP) - Orientador: Maria Cristina Altman. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

2. Participação de Alfaro em bancas de mestrado e de doutorado de orientandos de Altman:

ALTMAN, M. C.; ALFARO, M. A. C. L.. Participação em banca de Roberta Henriques Ragi Cordeiro. Dominicanos e jesuítas na emergência da tradição linguística Quéchua- Século XVI. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

ALTMAN, M. C.; ALFARO, M. A. C. L.. Participação em banca de Luciana Gimenes Parada dos Santos. Fronteiras entre léxico e gramática na descrição do tupinambá e do guarani nos séculos XVI e XVII. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

A relação e as trocas com a USP são representadas na imagem pela seta de dupla direção contínua. Além da participação em bancas de orientandos de Altman, Rosa também já prestou assessoria ao XII Minienapol de Historiografia Linguística, no ano de 2019, como consta no *Lattes* da pesquisadora.

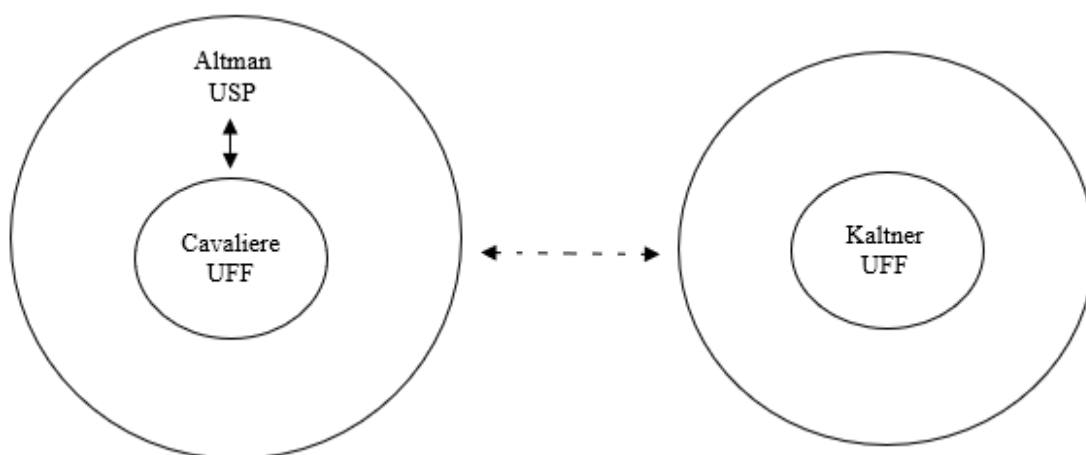
Por fim, a última relação analisada a partir da figura 8 é a influência mútua entre Monserrat e Barros. Como já mencionado, as pesquisadoras não costumam se autodeclararem historiógrafas, também não costumam delimitar explicitamente a HL como suporte teórico-metodológicos dos trabalhos, característica observável em 1 artigo e 1 capítulo de livro de Monserrat, e em 4 artigos e 2 capítulos de livros de Barros. No *Lattes* da Barros, por exemplo, a referência a Monserrat aparece mais de 40 vezes, entre artigos, capítulos de livros, participação em eventos, apresentação de trabalhos em parceria, só para citar alguns. Assim, a relação e as trocas intelectuais entre as duas pesquisadoras são marcadas, na figura 8, pela seta de dupla direção contínua. Acredita-se que o número de pesquisas que envolvem a HL, para as duas pesquisadoras, poderia ser maior, caso não fosse levado em consideração o critério estabelecido para esta pesquisa da autovinculação com a área, dado evidenciado pelas temáticas dos trabalhos, que se aproximam dos interesses declarados no Laboratório de HL. Essa informação reforçaria ainda mais a influência mútua entre as pesquisadoras, entretanto, seguindo os critérios estabelecidos, apesar da quantidade, é possível verificar que o modo como as pesquisadoras desenvolvem pesquisas da área da HL se aproxima, como já declarado em outro momento do texto.

Visualizadas as influências entre os grupos da UFRJ e da UFPA, passa-se às redes de influências da UFF.

Na produção da UFF, tanto em Cavaliere como em Kaltner predominam referências a Koerner e, em menor quantidade, a Swiggers. No entanto, a referência a Koerner, nos textos de Cavaliere, volta-se mais para o uso da noção de “clima de opinião”, destacando-se, ainda, a aplicação da concepção de “horizonte de retrospectão”, mais usual na área da HIL. Já Kaltner tende a produzir historiografias em que os princípios propostos por Koerner aparecem com certa recorrência. No caso da UFF, é difícil avaliar se os pesquisadores mantêm vínculo com outros grupos de HL e quais seriam eles, tendo em vista que, no caso de Cavaliere, não há referências a outros grupos de pesquisa ou pesquisadores. Contudo, a análise do *Lattes* comprova que Cavaliere já participou como membro de comitês científicos e como professor debatedor de eventos organizados pelo grupo CEDOCH, da USP, além de contar com a presença de Altman em bancas de doutorado orientadas por ele. Kaltner, por sua vez, apesar da não filiação a outros grupos de HL, na descrição do grupo que lidera em HL, reconhece o grupo CEDOCH-DL-USP como uma referência para a produção nacional, mas não explicita nenhuma associação.

As relações entre os grupos e os pesquisadores da UFF podem ser visualizadas a seguir:

Figura 9: Redes de influências da UFF



Fonte: Elaborado pela autora

Na UFF, os grupos em HL liderados por Cavaliere e Kaltner, conforme os dados levantados pela pesquisa, não mantêm entre si vínculos teórico-metodológicos e se constituem como grupos distintos, todavia, por pertencerem a mesma instituição e atuarem na mesma área

de pesquisa, verificou-se certa recorrência dos pesquisadores compondo bancas de mestrado e doutorado de orientandos um do outro, o que justificaria, na imagem 9, a presença da seta dupla pontilhada entre os grupos, a qual visa marcar que, apesar das características individuais de cada grupo, trocas intelectuais ocorrem em momentos específicos entre os dois grupos, o pontilhado marca a não frequência ou continuidade dessas trocas. Para melhor visualização dessas informações, veja-se as bancas registradas no *Lattes* dos pesquisadores analisados:

1. Participação de Cavaliere em bancas de mestrado de orientandos de Kaltner:

CAVALIERE, RICARDO; KALTNER, L.; FLORENCIO, F. A.. Participação em banca de Janaína Fernanda de Oliveira Lopes. As classes de gramática na *Ratio Studiorum* (1599) à luz da Historiografia da Linguística. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense.

KALTNER, L. F.; CAVALIERE, R. S.; FLORENCIO, F. de A.. Participação em banca de Janaína Fernanda de Oliveira Lopes. O ensino de línguas na *Ratio Studiorum* (1599) e no Brasil quinhentista. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

2. Participação de Kaltner em bancas de mestrado e de doutorado de orientandos de Cavaliere:

CAVALIERE, R. S.; KALTNER, L.; CASTRO, G. T. I.. Participação em banca de Bárbara Franco Cardoso. ANTENOR NASCENTES e a língua espanhola no BRASIL do século XX: um passeio historiográfico pelo ensino do idioma na educação básica. 2020. Dissertação (Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; SILVA, E. V.; SCHLEE, M. B.; KALTNER, L. F.. Participação em banca de Karoline Angelici. Percurso da noção de sujeito na gramaticografia do português. 2019. Dissertação (Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense

CAVALIERE, R. S.; SILVA, E. V.; PAULIUKONIS, M. A. L.; VALENTE, A. C.; BARBOSA, F. A.; HENRIQUES, C. C.; KALTNER, L. F.. Participação em banca de Roberta Vecchi Prates. O uso de conectores e articuladores de coesão na construção do texto à luz da Semântica Argumentativa. 2019. Tese (Doutorado em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

KALTNER, L. F.; CAVALIERE, R. S.; BARBOSA, A. G.. Participação em banca de Giselle Trajano Ignácio Castro. Gramáticas de Língua Inglesa do século XIX: estudo historiográfico. 2017. Exame de qualificação (Doutorando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; KALTNER, L. F.; MOLINA, M. A. G.. Participação em banca de Sander Goulart. Transferência de tecnologias gramaticais: análise linguístico-historiográfica de gramáticas da infância do século XIX. 2020. Exame de qualificação (Mestrando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; VEREZA, S. C.; HANNA, V. L. H.; PEREIRA, M. G. D.; WIEDEMER, M. L.; KALTNER, L. F.; BARBOSA, F. A.. Participação em banca de Giselle Trajano Ignacio Castro. Gramática de língua inglesa no Brasil oitocentista: descrição e análise. 2019. Tese (Doutorado em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; BARBOSA, F.; KALTNER, L. F.. Participação em banca de Anderson Rodrigues Marins. A gramática brasileira contemporânea como gênero textual. 2019. Exame de qualificação (Doutorando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; KALTNER, L. F.; CORREA, P.. Participação em banca de Bárbara Franco Cardoso. Antenor Nascentes e a Língua Espanhola no Brasil do século XX: um passeio historiográfico pelo ensino do idioma na educação básica. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

CAVALIERE, R. S.; LAGARES, X. C.; KALTNER, L. F.. Participação em banca de Mônica Maciel da Silva. O ensino de língua espanhola no Brasil: percurso histórico no século XX. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em ESTUDOS DE LINGUAGEM) - Universidade Federal Fluminense.

A seta de dupla direção contínua presente no grupo liderado por Cavaliere simboliza as trocas intelectuais entre os grupos da UFF e da USP, comprovadas pela participação em comitês científicos de eventos organizados pelo grupo CEDOCH, da USP, como já mencionado, e pela presença de Altman como avaliadora de trabalhos orientados por Cavaliere, como se pode ver a seguir.

1. Participação de Altman em banca de doutorado de orientando de Cavaliere:

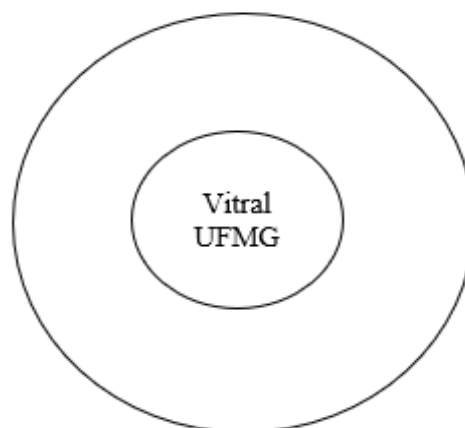
CAVALIERE, R. S.; GAVAZZI, Sigrid Castro; ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles; BECHARA, Evanildo Cavalcante; AZEREDO, José Carlos Santos de. Participação em banca de Maria Bernadete Carvalho da Rocha. O Pensamento Lingüístico de Manuel Pacheco da Silva Júnior. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense.

Apresentadas as relações entre os grupos da UFF, vê-se, agora, as informações coletadas sobre o grupo da UFMG.

No que diz respeito à UFMG, pela quantidade de materiais analisados, 1 artigo, é complexo rastrear as esferas de influência de Vitral, sendo possível, a partir das informações presentes no artigo avaliado, observar que ele utiliza os programas de investigação para dar suporte a suas análises e apresenta uma referência a Koerner no texto. O pesquisador não faz menção a outros grupos de pesquisas em sua produção. No seu *Lattes*, consta apenas uma participação no V MiniEnapol de Historiografia Linguística, promovido pelo CEDOCH, do Departamento de Letras da USP, em 2010, ano da publicação do artigo na área, pela Revista do Gel – São Paulo, o qual foi objeto de investigação para esta pesquisa.

O grupo da UFMG não mantém vínculo explícito com outros grupos de pesquisa, e a figura, a seguir, ilustra essa posição em relação a outros grupos e pesquisadores.

Figura 10: Redes de influências da UFMG

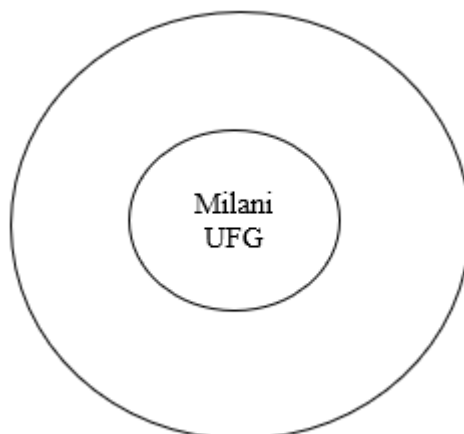


Fonte: Elaborado pela autora

Como se pode ver, a imagem é construída em torno do nome de Vital, líder do único grupo de HL da UFMG analisado nesta tese, que se encontra em destaque e sem referência a outros grupos. Com essa rápida discussão sobre o grupo da UFMG, passa-se, de agora em diante, a discorrer, sobre o grupo da UFG.

Na UFG, Milani, apesar de sua base inicial na área da HL ter se dado na USP, no período do mestrado e doutorado, ainda no início dos anos de 1990, não se filia aos grupos da USP. O modo de proceder com a HL não parece se aproximar do modo como outros grupos investigam na área. Na produção do referido pesquisador, por exemplo, os autores mais citados são Koerner, particularmente referenciado a partir de textos sobre os autores/objetos investigados nas pesquisas (Saussure, Humboldt, Meillet etc.), e Altman, referência na definição e conceituação da área da HL. Uma influência percebida, a partir dos textos de Koerner, é quanto ao uso, muitas vezes desvinculado de referências, de termos e de noções como “clima geral de opinião” e “espírito da época”, presentes nos artigos de 2008, 2011 e 2018. A figura 10, a seguir, corrobora a posição do grupo da UFG em relação a outros grupos e pesquisadores.

Figura 11: Redes de influências da UFG



Fonte: Elaborado pela autora

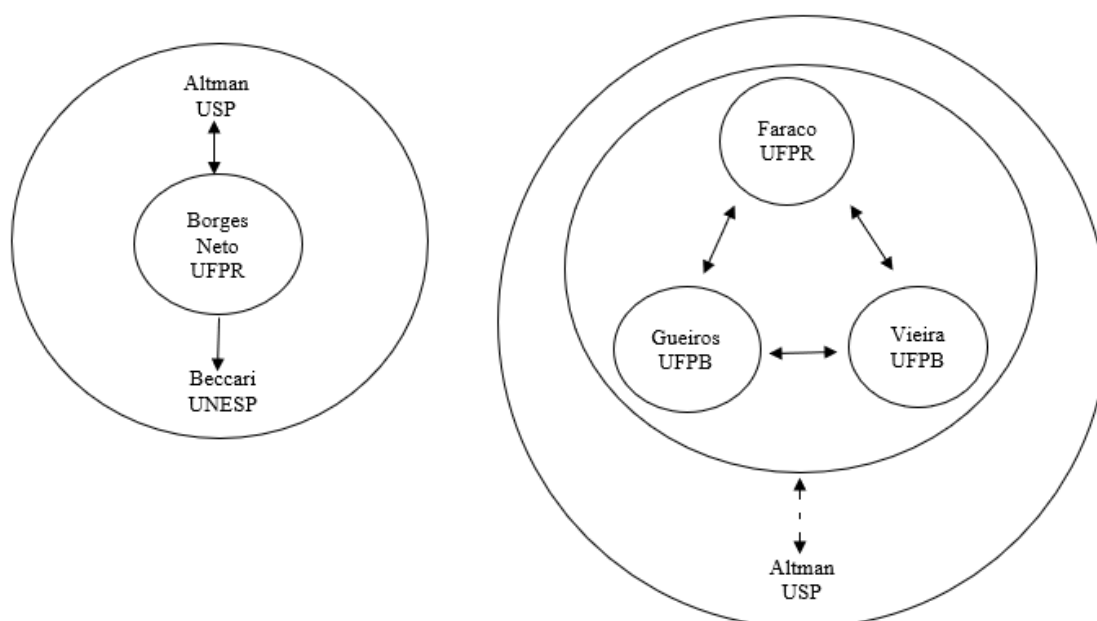
Como já mencionado, nas figuras que apresentam os líderes em destaque e sem referência a outros grupos, como é o caso da figura 11, não foi possível estabelecer as influências ou a rede de relações com outros grupos, o que pode, como é o caso da UFG, estar relacionado à quantidade de materiais analisados, que, por sua vez, pode estar relacionado ao tempo de existência do grupo ou ao recorte estabelecido pela pesquisa. Assim, após essas observações sobre o grupo da UFG, passa-se à apresentação das relações construídas entre os grupos da UFPR.

Na UFPR, Borges Neto e Faraco são os pesquisadores representantes da área da HL. Os autores mais citados por Borges Neto são Altman e Koerner. Borges Neto mantém interesse pela área desde 1996, ocasião em que, juntamente com Altman, da USP, compuseram a primeira dupla de coordenador e vice-coordenador do GT de “Historiografia da Linguística Brasileira” da ANPOLL. A partir desse período, são registradas trocas intelectuais entre os pesquisadores que resultaram na publicação de um artigo, em 1996, e na participação, tanto de Borges Neto quanto de Altman, em bancas de qualificações de mestrado e doutorado de seus orientandos, incluindo, dentre eles, Beccari. Apesar de não se filiar explicitamente a nenhum grupo de HL, é marcante a presença em eventos da área, inclusive como membro de alguns comitês, como o Comitê Científico do XI MiniEnapol de Historiografia Linguística, organizado pelo CEDOCH-USP, no ano de 2018.

Faraco mantém interesse pela HL desde 2015 e foi a partir do convite de Vieira, na ocasião da criação do grupo HGEL, em 2017, que passou a compor o grupo sediado na UFPB. Pelo fato de a produção de Faraco, para esta pesquisa, ser composta por 2 artigos, torna-se difícil rastrear certas influências nos textos do pesquisador, além disso, soma-se o fato de, nos

artigos, não haver referências a autores ou a categorias próprios da área, prevalecendo a menção à HL como teoria ou metodologia que embasa os textos. No entanto, Faraco mantém interesse pela área não só pelas produções ou pelo grupo que integra, mas também pela participação em eventos específicos da HL, inclusive ministrando minicursos, como registra o *site* do CEDOCH, no ano de 2019, ocasião em que junto com Vieira ministraram um minicurso no XII MiniEnapol, ligado ao DL-USP. Seguem, abaixo, as figuras que representam os pesquisadores e os grupos da UFPR.

Figura 12: Redes de influências da UFPR



Fonte: Elaborado pela autora

Nas figuras acima, é possível avaliar a relação entre os grupos da UFPR. A imagem é composta pelo nome do pesquisador ao centro, representando a liderança do grupo, e por uma seta simples, contínua e de única direção, a qual, além de estabelecer uma relação direta entre Borges Neto e Beccari, validada pelas orientações na iniciação científica, mestrado e doutorado, também busca indicar o tipo de influência que se consolidou entre os pesquisadores. A relação de Borges Neto e Beccari, por anos, pautou-se pelas orientações, que, como já apresentado em outros momentos do texto, podem ser confirmadas tanto pelos agradecimentos públicos quanto pelas influências relacionadas às perspectivas teóricas e/ou metodológicas adotadas por um pesquisador a partir do contato com as ideias e propostas do outro. Nesse caso, essas influências ligadas ao campo das ideias podem ser visualizadas nos textos produzidos nas etapas de

mestrado e de doutorado, quando o autor apresenta o quadro teórico que embasa sua pesquisa, como se vê a seguir:

Os principais modelos teóricos utilizados na busca por essas respostas foram a Historiografia Linguística (HL) de Konrad Koerner (1989), a teoria sociológica e histórica para a formação de grupos de pesquisadores de Stephen Murray (1998) e a História e Filosofia da Linguística (HFL) de Pierre Swiggers (2004) (BECCARI, 2013, p. 9).

A escolha pela História e Filosofia da Linguística se deve muito provavelmente às orientações e aos anos de convivência com Borges Neto, tendo em vista que esta é a principal área na qual o pesquisador atua e desenvolve pesquisas. Além disso, no texto da tese, por exemplo, aparecem muitas citações diretas aos trabalhos de Borges Neto:

O que será aqui chamado de a concepção quintiliânica da gramática ou programa quintiliânico para os estudos da linguagem corresponde à versão romana da opção filológica de gramáticos alexandrinos como Dionísio da Trácia (fl. séc. II a. C.) e Apolônio Díscolo (séc. II d.C.) para a gramática, que, para a língua grega, seria “uma gramática do grego de caráter normativo-descritivo” (BORGES NETO; DASCAL, 2004, p. 44-51) (BECCARI, 2013, p. 37).

[...] há uma clara tentativa de preservação das formas linguísticas e da cultura de um passado monumental (BORGES NETO; DASCAL 2004, p. 45) (BECCARI, 2013, p. 84).

Ao que tudo indica, essa é uma das ocorrências favoritas e originais de Tomás de Erfurt (BURSILL-HALL, 1971, 1972, 1995; COVINGTON, 1984; BORGES NETO; DASCAL, 2004) (BECCARI, 2013, p. 116).

Essas três respostas representaram as três correntes gerais de pensamento ontológico na Idade Média: o realismo, o nominalismo e o realismo moderado (BORGES NETO; DASCAL, 2004, p. 39) (BECCARI, 2013, p. 158).

Os exemplos acima se configuram apenas como uma amostra da apropriação teórica das ideias de Borges por parte de Beccari, demonstrando, como isso, as influências diretas de um sobre o outro.

Ainda sobre a imagem à esquerda da figura, a seta de dupla direção contínua, que sai de Borges para Altman, da USP, visa reforçar as trocas intelectuais que certamente ocorreram, dados os anos de convivência entre os pesquisadores das duas universidades.

No que se refere ao grupo apresentado à direita, Faraco é o pesquisador ligado à UFPR. Na figura, além do referido pesquisador, aparecem os nomes de Vieira e Gueiros, os dois últimos pesquisadores da UFPB. O grupo, do qual fazem parte os autores mencionados, é

sediado na UFPB, coordenado por Vieira e conta também com a coordenação de Gueiros e Faraco, por isso a seta de dupla direção contínua entre os representantes. Apesar de não ser possível avaliar uma influência direta ou trocas entre o grupo composto pelos pesquisadores da UFPB e da UFPR com relação a outros grupos, notou-se, no que diz respeito ao grupo da USP, liderado por Altman, que há algumas aproximações no que tange ao quadro de trabalho teórico-metodológico. Primeiramente, observou-se a filiação de Vieira, em sua tese de doutorado, com a HL, especificamente com as propostas de Koerner e de Altman, a qual se pode confirmar pelas palavras do autor:

Altman (1998) delega grande importância a considerações metodológicas na HL. Segundo a autora, a atividade historiográfica em Linguística não pode se resumir à mera compilação de datas, fatos, títulos e nomes relacionados ao estudo das línguas e da linguagem, devendo considerar, sobretudo, o processo de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação de fatos relevantes e contextualizados. O foco recai não só sobre a dimensão cognitiva, mas também sobre os fatores sócio-históricos que estão em jogo no processo de desenvolvimentos da Linguística brasileira. Como ilustra Koerner (1996, p. 51), um dos teóricos mais expressivos da HL, “o que torna a argumentação de Dante, ou a definição de São Tomás sem sentido para nós, não é má lógica ou falta de inteligência, mas o clima de opinião medieval [...] que impuseram a Dante ou a São Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica”. Ou seja, para uma melhor compreensão do contexto intelectual geral em que teorias particulares se desenvolveram, outros fatores mais amplos também precisam ser considerados, como a visão de mundo da época (VIEIRA, 2015, pp. 53-54).

Altman e Koerner aparecem como autores que embasam as discussões da tese proposta e desenvolvida por Vieira.

Em Gueiros, também na tese, é possível observar uma filiação ainda maior com a proposta de Altman. Tal filiação se confirma pela quantidade de vezes que a autora é citada no texto, mais de 60 referências, e também pelos autores que embasam as discussões teóricas e metodológicas, os quais fazem parte do quadro de trabalho de Altman, a saber: Koerner, Swiggers, Murray e Hymes. Intentando conferir mais credibilidade à informação, segue um trecho retirado da tese: “A abordagem que segue se ancora, sobretudo, nos postulados de Swiggers (1981, 1990, 2010, 2013), Koerner (1996, 1999, 2014), Altman (2004, 2012), Hymes (1983) Murray (1994), nomes cujas reflexões são de reconhecida importância para o campo da HL” (GUEIROS, 2019, p. 33).

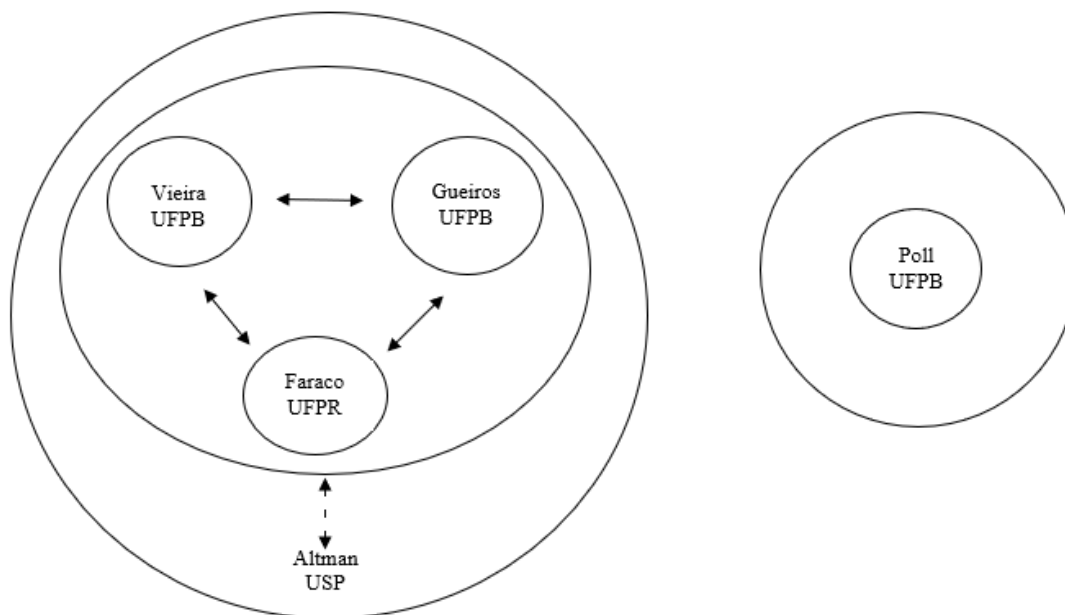
Os trechos apontam as escolhas dos pesquisadores no momento do desenvolvimento da tese, o que pode caracterizar algum tipo de influência relacionada ao modo de desenvolver as pesquisas em HL, pelo menos no período de desenvolvimento do trabalho. Entretanto, partindo

de uma avaliação do grupo, optou-se pela representação da seta de dupla direção pontilhada, que, por mais que evidencie certas influências, não se pode afirmar que elas tenham permanecido na produção dos autores analisados. Essa análise deve ser aproveitada, na sequência, quando forem considerados os grupos em HL da UFPB.

Na UFPB, Vieira, Gueiros e Poll são os pesquisadores representantes da área da HL. Poll, até o momento que serviu de recorte a esta pesquisa, não havia publicado nenhum trabalho em HL, logo, não foi possível fazer qualquer consideração sobre sua rede de influências. O que se pode depreender, fundamentado nos dados apresentados, e retratados na figura 13, infra, é que não há, pelo menos explicitamente, influência do grupo liderado por Vieira e Gueiros sobre o grupo liderado por Poll e vice-versa, além do fato de que nenhum dos grupos faz menção a outros grupos em HL no Brasil. Vieira, entretanto, desde 2017, ano de consolidação do grupo HGEL no CNPq, participa de eventos organizados pelo grupo da USP, como exemplo, o X MiniEnapol de Historiografia Linguística, tendo em 2019, junto com Faraco, ministrado um minicurso no XII MiniEnapol de Historiografia Linguística. Além disso, participou de outros encontros nacionais como: XXVII Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários (GELNE) - Historiografia das Ideias Linguísticas, em 2018; XI Congresso Internacional da Abralin. Historiografia da sintaxe no Brasil: teoria, norma e ensino, em 2019; II Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba - II ELLIN-PB. Historiografia, sintaxe e ensino: propostas de pesquisa, em 2019; Abralin ao Vivo - *Linguists Online*. Gramática: história, epistemologia e ensino, em 2020; e mais recentemente participou de reuniões ligadas ao grupo da PUC-SP, em 2020, na Reunião do Grupo de Pesquisa "Historiografia da Língua Portuguesa" (GPeHLP). Contribuições da Historiografia da Linguística para o ensino de gramática.

Gueiros, por sua vez, também já participou de eventos promovidos pelo grupo da USP, o X MiniEnapol de Historiografia Linguística, em 2017. Para melhor visualização dessas relações construídas entre os pesquisadores e os grupos da UFPB, ver a figura abaixo:

Figura 13: Redes de influências da UFPB

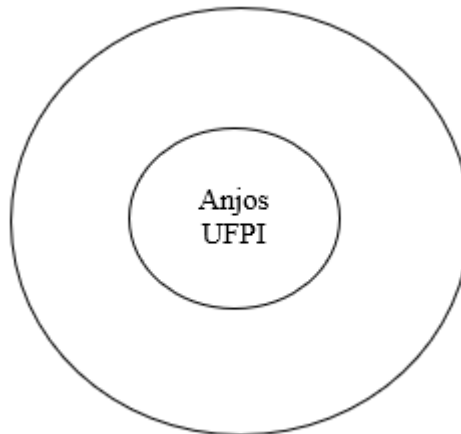


Fonte: Elaborado pela autora

Feitas as considerações sobre o grupo da UFPB, passa-se, de agora em diante, à análise da rede de influência da UFPI.

Na UFPI, a produção em HL está relacionada ao grupo liderado por Anjos. Considerando a quantidade de materiais analisados, 2 artigos, é difícil avaliar as esferas de influência do pesquisador. Altman, Koerner e Swiggers aparecem como referências nos trabalhos avaliados. Pela análise dos materiais, destacam-se as citações a Koerner, por meio dos princípios gerais da área ou da noção de “clima de opinião”, a Swiggers, por meio dos programas de investigação, e a Altman por meio de concepções gerais da área. Na produção de Anjos, não há vínculo explícito com outros grupos de pesquisa. Porém, o pesquisador já participou de eventos nacionais ligados à HL, no Grupo de Trabalho da “Historiografia da Linguística Brasileira”, no XXXV Encontro Nacional da ANPOLL – ENANPOLL, no ano de 2020, e participou do “Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras”, na UFF, no ano de 2020. A figura 14 ilustra, até o momento, a posição do grupo da UFPI em relação a outros grupos e pesquisadores.

Figura 14: Redes de influências da UFPI



Fonte: Elaborado pela autora

Como já indicado, nas figuras que apresentam apenas os líderes dos grupos em destaque no centro das figuras, sem que sejam estabelecidas referências a outros grupos de pesquisa, como é o caso das figuras 10, 11 e 14, não foi possível estabelecer as influências ou a rede de relações com outros grupos, o que pode, como é o caso da UFPI, estar relacionado à quantidade de materiais analisados, 2 artigos, ao tempo de existência do grupo, registrado no CNPq em 2015, ou mesmo ao recorte estabelecido pela pesquisa, o ano de 2020.

Após as considerações de caráter individual dos grupos em HL do Brasil, faz-se oportuno reiterar os objetivos da discussão apresentada e apresentar algumas considerações de natureza mais geral sobre a questão das influências.

A descrição dos dados mencionados não objetivou propor uma divisão da HL brasileira por grupos ou por universidades, mas a proposição de uma visão mais global da produção nacional e a interpretação de que alguns pesquisadores mais experientes influenciaram outras gerações a partir do modo como produzem na área.

A USP e a PUC-SP foram centros de formação de importantes nomes da área da HL e, além da quantidade de pesquisadores que formaram, ainda estabeleceram diálogo entre si e com outros importantes centros de pesquisa fora do país, sem contar com as trocas que os pesquisadores mais experientes mantiveram e mantêm com outros pesquisadores de diversos programas de universidades brasileiras.

A tarefa de tentar rastrear por meio de registros as influências entre pesquisadores e grupos, além de complexa, torna-se inconclusa, na medida em que se trata de uma experiência interpretável a partir de dados e não vivida por quem se propôs a reconstruir

historiograficamente, no caso desta tese, como uma determinada área de pesquisa se desenvolveu, foi divulgada e recebida pelos pesquisadores e instituições brasileiras. A incompletude é validada ao se reconhecer que a interpretação feita é baseada em um olhar para o passado a partir de outras experiências e de outras interpretações e que muitas informações importantes, inclusive por falta de um registro formal, perdem-se no tempo. De todo modo, resta ao historiógrafo se contentar com a interpretação feita e com os significados construídos por ele a partir dos dados levantados.

De fato não foi possível mapear, em detalhes, as influências entre pesquisadores e grupos de pesquisa em HL no Brasil, com efeito, o que se pode perceber é que o reconhecimento de determinados grupos mais centrais permitiu e estimulou, entre pesquisadores de uma mesma universidade ou de universidades distintas, trocas de informações, trocas intelectuais e, em alguns casos, consolidou um *modus operandi* de como proceder ou fazer trabalhos em HL, o que, como consequência, fortaleceu os grupos de especialidade, favoreceu a expansão da HL por diversas regiões do Brasil, reunindo cada vez mais adeptos e criando uma imagem de um grupo tão coeso e coerente que passou, inclusive, a ser reconhecido e respeitado por pesquisadores de outras áreas de especialidades.

De agora em diante, faz-se oportuno mencionar os impactos que a institucionalização da área e da disciplina HL acarretou para os cursos de graduação e os programas de pós-graduação no Brasil.

5.4 Impacto da institucionalização da disciplina nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação

A chegada da HL ao contexto acadêmico brasileiro não pode ser desvinculada da esfera social que lhe deu suporte, tendo em vista que todo progresso científico perpassa por uma organização e é desenvolvido por indivíduos que colocam ideias em práticas, no decorrer de um tempo e em um lugar. Desse modo, uma tentativa de recompor as primeiras atividades institucionais em HL no Brasil deve considerar os elementos internos e externos caracterizadores do programa que se iniciava. A HL se instaura no Brasil, no início dos anos de 1990, em um período em que a Linguística já era considerada uma disciplina institucionalizada de fato. Sugiyama Junior (2020), em sua tese de doutorado sobre o ensino de Linguística no Brasil, reconhece se poder afirmar que a Linguística, como disciplina autônoma, já é legitimada

desde a criação dos primeiros cursos de Letras no Brasil²¹⁸, durante a década de 1930. Entretanto, segundo o autor, é a partir da década de 1960, por meio da criação de instituições e instrumentos para sistematizar as normas de funcionamento do ensino superior no Brasil, como a implantação do *currículo mínimo do curso de Letras*, em 1962, que se efetiva a implantação da disciplina “Linguística” nas instituições brasileiras.

De fato, reconhecer que desde a década de 1960 havia um movimento de normatização e avaliação dos cursos de graduação, cujo objetivo era a formação de um corpo docente qualificado para, posteriormente, implementar cursos de pós-graduação nas instituições de ensino superior, o que ocorreu, conforme Sugiyama Junior (2020), a partir da metade da década de 1970, favorece que se tenha uma compreensão de que 20 ou 30 anos depois, após sucessivos passos que levaram à regulamentação dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação no país, a HL se desenvolvesse em um ambiente institucional favorável à ampliação e aceitação de novas disciplinas ou linhas de pesquisa.

Os primeiros trabalhos em HL demonstram que inicialmente o interesse dos pesquisadores se deu pelos estudos das tradições linguísticas, estudos de gramáticas, estudos de autores renomados da Linguística, só para citar alguns. A HL se destacou nos estudos linguísticos por colocar para discussão questões fundamentais relacionadas ao lugar da história nas pesquisas linguísticas, suscitar novos debates, apresentar novos métodos de análises e, por meio disso, expandir novos horizontes de investigação nas universidades brasileiras.

Considerando a repercussão da teoria recebida, observou-se que o impacto inicial maior da HL foi nos programas de pós-graduação. No final da década de 1980 e no decorrer da década de 1990, os primeiros pesquisadores brasileiros ainda estavam desenvolvendo suas pesquisas de mestrado e de doutorado na área da HL. Da amostra da tese, dos 35, 12 pesquisadores iniciaram ou concluíram suas dissertações ou teses até 1999, são eles: Altman, Coelho, Bastos, Hackerott, Zanon, Casagrande, Gimenes, Batista, Cavaliere, Milani, Luna e Barros. Desses 12, apenas Cavaliere não desenvolveu pesquisas em universidades paulistas.

Com alguns desses pesquisadores, ainda na década de 1990, já ativos como professores de universidades, as primeiras orientações de trabalhos ocorreram na pós-graduação, a exceção de Altman que, desde 1994, já orientava pesquisas em HL na IC²¹⁹. Pode-se postular, então,

²¹⁸ De acordo com Sugiyama Junior (2020), “Pode-se afirmar que a Linguística já estava presente desde o momento de criação dos primeiros cursos de Letras no Brasil. Um exemplo pode ser encontrado no decreto 6. 283 de 25 de janeiro de 1934, responsável pela criação da USP, que previa a Linguística como uma das nove cadeiras da seção de Letras [...]” (SUGIYAMA JUNIOR, 2020, p. 90).

²¹⁹ A lista com as primeiras orientações de Altman em IC será apresentada no subtópico 5.4.1.

que a HL circulou mais entre os estudantes e professores da pós-graduação, enquanto que, na graduação, ela só chegou efetivamente depois de 2010.

Os números coletados nesta pesquisa, de certa forma, reforçariam o argumento de que a HL predominou como uma área de investigação mais ligada aos programas de pós-graduação. Avaliando o total de materiais levantados, tem-se 176 orientações na pós-graduação e 125 na graduação. Quantitativamente a diferença entre o total de trabalhos na pós-graduação e na graduação é de 51 produtos, o que, em números, já é considerado algo representativo, principalmente se levados em consideração a natureza dos textos. Todavia, para além dos números, é preciso considerar as diferenças estruturais e o tempo investido em trabalhos que correspondem às etapas de graduação e pós-graduação. Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) ou de Iniciação Científica (IC) resultam de um processo de investigação de um problema específico, requerem um grau de reflexão adequado à etapa de formação do pesquisador e são executados, geralmente, em um prazo que não ultrapassa um ano de pesquisa. A produção de uma dissertação, a qual se destina à obtenção de um grau acadêmico de mestre, requer do aluno uma habilidade de realizar pesquisas científicas baseadas em uma área específica, geralmente, são pesquisas desenvolvidas em dois anos de curso, que, dentre outras habilidades, exigem do aluno o cumprimento de etapas como: cursar disciplinas, qualificar e defender o trabalho por meio de uma banca avaliadora formada por professores experientes. A produção de uma tese, a qual se destina à obtenção de um grau acadêmico de doutor, diferentemente da dissertação, exige do aluno um trabalho “original”, no sentido de uma contribuição inédita para o conhecimento de determinada área de estudos, configurando-se como um texto a ser desenvolvido em um tempo mínimo de dois, três ou até quatro anos, período em que o pesquisador, além de cursar disciplinas, deve qualificar e defender o trabalho por meio de uma banca avaliadora formada por professores experientes.

As diferenças apresentadas visam reforçar a ideia de que, não sem motivos, a HL encontrou nos programas de pós-graduação, no Brasil, o local ideal para seu desenvolvimento, aspecto que pode estar relacionado ao fato de, nessa etapa de formação acadêmica, os cursos contarem com alunos experientes, visto que a conclusão da graduação é condição essencial para o ingresso na pós, e por se tratar de um grupo mais reduzido de pesquisadores que buscam uma formação mais especializada em determinada área de pesquisa, o que, de certo modo, favoreceria o investimento e o desenvolvimento de “novas” teorias e metodologias como a HL.

Esse direcionamento da área também pode ser visualizado quando observadas as disciplinas voltadas para as discussões historiográficas ministradas nas universidades

brasileiras. Observe-se, a título de exemplo, o quadro a seguir, em que foram organizadas informações por universidade, professor proponente ou ministrante da disciplina, título ou inscrição, nível de ensino e ano em que as disciplinas foram ministradas.

Quadro 35²²⁰: Disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras

Universidade	Ministrante	Disciplina	Nível de ensino	Ano
USP	Altman	1. Historiografia Linguística	graduação	2015-atual
		2. História e Historiografia da Linguística Brasileira	pós-graduação	2000-atual
		3. Historiografia da Linguística: a formação da Linguística Brasileira	pós-graduação	1995-1998
USP	Coelho	1. Historiografia Linguística	graduação	2018-atual
Mackenzie	Coelho	1. Linguística III (Historiografia Linguística)	graduação	— ²²¹
PUC-SP	Bastos	1. Origem e evolução do português: estudos historiográficos	graduação	2000 a 2006
		2. Língua Portuguesa e o fazer historiográfico	pós-graduação	2019 2016 2011 2009
		3. Origem e evolução do português: estudos historiográficos	pós-graduação	2018 2012
		4. Língua Portuguesa: a Lusofonia numa perspectiva historiográfica	pós-graduação	2015 2014
		5. Língua portuguesa - pesquisa historiográfica: considerações teórico-metodológicas	pós-graduação	2013
		6. Pesquisa historiografia em Língua Portuguesa: as fontes documentais e sua importância	pós-graduação	2006
Mackenzie	Bastos	1. Língua Portuguesa IV - História e Historiografia da Língua Portuguesa	graduação	2011
		2. Seminários avançados – Lusofonia e Historiografia	pós-graduação	2017
PUC-SP	Palma	1. A língua portuguesa e o português brasileiro: um percurso histórico e historiográfico	pós-graduação	2020

²²⁰ Um quadro com as disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras foi divulgado em artigo relacionado a esta tese, publicado pela Revista da ABRALIN, no ano de 2021. No artigo, constam 29 disciplinas e, nesta tese, foram acrescentados outros títulos, totalizando 46 disciplinas ministradas em HL.

²²¹ No *Lattes* da pesquisadora, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 2001 e 2006, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

PUC-SP ²²²	Hackerott	1. História e Historiografia das Gramáticas de Língua Portuguesa e do Ensino de Português	graduação	2010-2015
PUC-SP	Casagrande	1. História e Historiografia de Gramáticas Portuguesas	especialização	— ²²³
		2. História e Historiografia da Língua e Gramáticas Portuguesas	especialização	—
		3. História e Historiografia da Língua Portuguesa	graduação	—
Mackenzie	Batista	1. Historiografia Linguística	graduação	2010 2009 2007
		2. A língua, as estruturas e os falantes: ideias linguísticas e sua história ²²⁴	pós-graduação	2020 2019 2017
UFRJ	Rosa	1. Historiografia Linguística: panorama histórico da tradição greco-latina	pós-graduação	— ²²⁵
		2. Tópicos avançados em Historiografia da Linguística: o estabelecimento da teoria das partes da oração	pós-graduação	—
		3. Tópicos avançados em Historiografia da Linguística – Documentação sobre línguas faladas no Brasil: gramáticas jesuíticas dos séculos XVI e XVII	pós-graduação	—
UFF-RJ	Cavaliere	1. Estudos historiográficos	pós-graduação	— ²²⁶
		2. Historiografia dos estudos linguísticos e filológicos de língua portuguesa	pós-graduação	— ²²⁷
UFF-RJ	Kaltner	1. Historiografia da Linguística - Introdução à Gramaticografia e à Linguística Missionária	pós-graduação	2020
		2. Historiografia da Linguística - História da linguística no Brasil em três momentos	pós-graduação	2020

²²² A professora Hackerott, nesta tese, aparece vinculada à PUC-SP. No entanto, a disciplina foi ministrada no Mackenzie.

²²³ No *Lattes* da pesquisadora, constam 3 disciplinas ministradas em HL, no entanto, em nenhuma delas fica claro o ano em que foram ministradas, isso porque elas foram descritas juntamente com outras disciplinas.

²²⁴ As disciplinas intituladas “A língua, as estruturas e os falantes: ideias linguísticas e sua história”, apesar de não trazerem o termo HL no título, constam no quadro por terem como base a HL. As informações foram confirmadas pelo próprio ministrante, professor Ronaldo de Oliveira Batista, em *e-mail* resposta destinado à proponente desta tese, datado de 31 de agosto de 2022. No referido *e-mail*, consta, ainda, a informação de que outra disciplina “Seminários avançados em estudos linguísticos (historiografia linguística)”, na área da HL, foi ministrada na pós-graduação, no ano 2022, no entanto, por não cobrir o recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, não aparece como informação no quadro. BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Re: Confirmação de informações sobre disciplinas ministradas em HL [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <https://mail.yahoo.com/> em 31 ago. 2022. 1 mensagem eletrônica.

²²⁵ No *Lattes* da pesquisadora, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1996 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

²²⁶ No *Lattes* do pesquisador, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1997 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

²²⁷ A informação foi repassada pelo próprio ministrante da disciplina. No entanto, sem a confirmação do ano em que a disciplina foi ministrada.

		3. Historiografia da Linguística - Humanismo renascentista	pós-graduação	2019 ²²⁸
UFG	Milani	1. Historiografia Linguística: o signo, o indivíduo e o sujeito	pós-graduação	2017
		2. Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure	pós-graduação	2016
		3. Historiografia Linguística: fundamentos e aplicações	pós-graduação	2009
		4. Teoria Semiótica: historiografia, fundamentos e aplicações	pós-graduação	2009
		5. Historiografia Linguística: Humboldt e o século XIX	pós-graduação	2007
UNIVALI-SC	Luna	1. Historiografia do Ensino de Línguas	pós-graduação	— ²²⁹
UFPI	Anjos	1. Historiografia Linguística: pressupostos teórico-metodológicos	pós-graduação	2018
UFPB ²³⁰	Vieira	1. Fundamentos em Historiografia da Linguística	pós-graduação	2020 2019

Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se dizer, a partir das informações apresentadas no quadro, que há diferença em termos de predominância entre as etapas de graduação e pós-graduação consideradas. Os dados demonstram que, no mínimo, 46 disciplinas²³¹ já foram ofertadas com a designação de HL ou com a HL como suporte teórico-metodológico, isso significa que, nas universidades identificadas, desde 1995, há espaço para reflexões acerca da HL nas instituições de ensino superior brasileiras, sobressaindo-se, nesses casos, a prevalência de disciplinas ministradas na pós-graduação (34 ocorrências, o que equivale a 74%); seguido de disciplinas ministradas na

²²⁸ No *Lattes* do pesquisador, além dessas duas disciplinas datadas, aparecem mais duas informações sobre disciplinas ministradas na área da HL. As outras duas informações têm os mesmos títulos *Historiografia da Linguística - Introdução à Gramaticografia e à Linguística Missionária* e *Historiografia da Linguística - Humanismo renascentista*, no entanto, estas aparecem juntamente com uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 2013 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

²²⁹ No *Lattes* do pesquisador, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1999 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

²³⁰ O sistema da UFPB (SIGAA-UFPB) informa que o docente Leonardo Gueiros da Silva, ligado CCHLA - Departamento de Língua Portuguesa e Linguística, ministrou na graduação duas disciplinas intituladas “Historiografia Linguística”, nos períodos de 2021.2 e 2022.1, ambas com carga-horária de 60h. Apesar de não cumprirem o critério estabelecido para esta tese, o ano de 2020, avaliou-se ser importante constarem essas informações.

²³¹ A contagem das disciplinas levou em consideração os dados dispostos por ano no quadro 35. No caso, por exemplo, das universidades em que não fica especificado o ano em que a disciplina foi ministrada, a contagem foi feita apenas uma vez, pelo fato de não ser possível afirmar, de fato, quantas vezes cada disciplina foi ministrada no intervalo de tempo apontado. Os dados evidenciam, portanto, um mínimo de 46 disciplinas já ministradas em HL, porém, pelos próprios dados, esse número é maior que 46.

graduação (10 ocorrências, o que equivale a 21,7%) e de disciplinas ministradas em especializações (2 ocorrências, o que equivale a 4,3%).

Em suma, o quadro supra parece mesmo destacar a percepção de que houve e há, até hoje, o predomínio de disciplinas cuja ementa se volta para a HL, ministradas nos programas de pós-graduação. Na graduação, de acordo com os dados levantados, as disciplinas só foram ofertadas em universidades de São Paulo, a saber: USP, PUC-SP, Mackenzie²³².

Partindo da concepção de que a oferta de disciplinas nas universidades promove discussões e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma área de pesquisa, o contrário também é uma realidade. As pesquisas na pós-graduação, geralmente, resultam em produtos que favorecem a divulgação de uma área, por meio da produção de dissertações, teses, artigos científicos etc., tendo em vista que são exigências nessas etapas da formação acadêmica. Por outro lado, a falta de oferta ou a pouca divulgação de determinadas disciplinas, em qualquer etapa de formação, não favorece o estudante e, voltando-se especificamente para a base de formação dos alunos que deveria ser o curso de graduação, de certa forma, inviabiliza que mais alunos conheçam determinadas áreas ou se interessem por desenvolver pesquisas desde os anos iniciais do curso, como, por exemplo, envolvendo-se em iniciações científicas, em grupos ou projetos de pesquisas, ou, ainda, privando os estudantes de terem uma formação mais abrangente e, por conseguinte, para aqueles que não seguem nas etapas de formação depois da graduação, muitas vezes, formem-se sem sequer ter ouvido falar de determinada área de pesquisa.

Embora o alvo maior das pesquisas em HL tenha sido a produção de artigos, capítulos de livros e livros, não se pode desconsiderar a produção em desenvolvimento das novas gerações na área da HL, orientandos de graduação e pós-graduação que concluíram ou que estão por concluir pesquisas na área. Diante disso, nos próximos subtópicos, serão apresentados mapeamentos dos trabalhos de orientandos de pesquisadores já consagrados na área da HL, no intuito de apresentar um panorama acerca dos estudos que se constituem como resultado de anos de dedicação dos historiógrafos brasileiros na tentativa de implantar e divulgar a área.

5.4.1 Mapeamento dos trabalhos orientados na graduação

O curso de graduação, de modo geral, é o primeiro nível de formação em uma universidade e é por meio dele que os alunos têm acesso aos conhecimentos básicos e

²³² A exceção é na UFPB que, desde 2021, oferta a disciplina a nível de graduação.

necessários para o exercício de uma profissão. É ainda nessa etapa que os estudantes travam contato com o mundo acadêmico e científico, por meio da leitura de textos técnicos das suas áreas de concentração ou por meio da produção de pesquisas, de caráter não obrigatório, como, por exemplo, por meio das ICs, que consistem, de acordo com o CNPq (2020), em um estudo sobre uma área de conhecimento que visa “contribuir para a formação de jovens para as carreiras de ciência e tecnologia bem como contribuir para a formação científica de profissionais aptos a enfrentarem os desafios da sociedade” (CNPQ, 2020)²³³, ou, ainda, em etapas de caráter obrigatório, para alguns cursos, como os TCCs, que consistem em um instrumento de avaliação final para a conclusão do curso superior.

A HL, como disciplina ou área de pesquisa, conforme os dados apresentados anteriormente, não foi amplamente divulgada nas instituições brasileiras, principalmente, nos cursos de graduação, o que resultou em muitas universidades, até hoje, não terem, em seus programas, linhas, projetos de pesquisa ou, ainda, ofertas em suas matrizes curriculares da HL como uma disciplina obrigatória ou optativa. Entretanto, os dados também demonstram que a HL está ganhando cada vez mais espaço nas instituições de ensino superior, inclusive na graduação, dado comprovável pela quantidade de trabalhos, 125 no mínimo, de IC ou de TCC, desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento até o ano de 2020, recorte desta pesquisa. Outro dado que reforçaria a representatividade que a área já adquiriu no Brasil, nos cursos de graduação, está relacionada ao fato de, na USP, a HL ser uma disciplina obrigatória na grade curricular do Curso de Linguística, desde 2012²³⁴. A professora Olga Coelho, da USP, em *e-mail* resposta²³⁵ à autora desta tese, datado de 25 de agosto de 2022, informou que, nos finais dos anos de 1990, a HL já contava como disciplina ofertada pela professora Cristina Altman, na graduação em Linguística, “de modo informal”, por meio da disciplina “Seminários de Linguística I”. A partir de 2006, a disciplina passou a ser oferecida como optativa e, de acordo com os dados do sistema Júpiter, da graduação da USP, foi ativada em 01/01/2006 e desativada em 31/12/2014, nomeada “Historiografia Linguística”, com carga horária total de 30h e tendo como professora responsável Maria Cristina Fernandes Salles Altman. A disciplina, sob a mesma designação, a partir de 01/01/2012, torna-se obrigatória no curso de Linguística da USP,

²³³ As informações foram retiradas do *site* oficial do CNPq. Para mais informações, ver <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict>. Acesso em: 24 ago. 2022.

²³⁴ De acordo com as informações da Grade Curricular do Curso de Letras – Habilitação em Linguística da USP, a disciplina “Historiografia Linguística” tem carga horária total de 60h, ideal para ser cursada no 7º período.

²³⁵ Agradeço especialmente à professora Olga Coelho pela atenção e pelas informações repassadas. COELHO, Olga Ferreira. Re: Confirmação de informação sobre a Historiografia Linguística [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <https://mail.yahoo.com/> em 25 ago. 2022. 1 mensagem eletrônica.

registrada sob a responsabilidade de Maria Cristina Fernandes Salles Altman e Olga Ferreira Coelho Sansone, somando uma carga horária total 60h.

Sem pretensão de ser exaustiva, mas objetivando registrar os trabalhos historiográficos desenvolvidos por alunos da graduação, segue, no quadro, um levantamento dos títulos, autoria e orientação dessas pesquisas, esperando que possam ser de alguma utilidade para jovens pesquisadores que desejem se inserir na área ou mesmo conhecer o que já existe de produção em HL.

Quadro 36: Trabalhos orientados na graduação

Universidade	Orientador(a)	Título/autoria	Tipo de trabalho	Ano
USP	Maria Cristina Fernandes Salles Altman	Título: Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de lingüística textual e discursiva Autor(a): Olga Ferreira Coelho	IC	1994
		Título: Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de léxico. Autor(a): Luciana Gimenes	IC	1994
		Título: Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de sintaxe Autor(a): Angela Maria Ribeiro França	IC	1994
		Título: Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de fonética e fonologia Autor(a): Valéria Leite	IC	1994
		Título: Mapeamento da produção lingüística do GEL: estudos de morfologia Autor(a): Rita de Cássia Oliveira	IC	1994
		Título: O Estruturalismo no Brasil mapeamento da produção monográfica e periódica. Autor(a): Luciana Marquez Cunha	IC	1995
		Título: Fontes para a historiografia lingüística brasileira: século XVIII. Autor(a): Vânia Parada	IC	1996
		Título: Fontes para a historiografia lingüística brasileira: século XIX. Autor(a): Telma Bueno	IC	1996
		Título: As línguas da América do Sul no século XVIII. Catálogo, Vocabulário e Saggio de Lorenzo Hervás Autor(a): Vânia Parada	IC	1997

		Título: A construção do significante linguístico nos gramáticos do português e do Tupi dos séculos XVI e XVII Autor(a): Ronaldo Batista.	IC	1998
		Título: Percepção e representação das línguas do Brasil no Brasil Holandês (1630-1654) Autor(a): Erani Stutz	IC	1998
		Título: Primeira Pessoa do Singular: diversidade lingüística como especialidade acadêmica (1970-2000) Autor(a): Aline da Cruz	IC	2001
		Título: Primeira pessoa do singular: línguas indígenas. Presença e ausência na lingüística brasileira Autor(a): Aline da Cruz	IC	2002
		Título: O tratamento da Lingüística na Lingüística Brasileira (1960-1980) Autor (a): Lyvia Felix	IC	2006
		Título: Mapeamento e análise das referências explícitas a autores, teoria e métodos os textos publicados de Benjamin Lee Whorf (1897-1941). Autor (a): Jéssica Gomes de Luiz	IC	2012
		Título: Mariana Viel. Afasia como objeto de investigação na linguística brasileira (1970 - 2000): uma abordagem historiográfica Autor (a): Mariana Viel	IC	2013
		Título: Afasia como objeto de investigação na Linguística brasileira (1970-2000): uma abordagem historiográfica Autor (a): Mariana Viel Nunes	IC	2014
		Título: Mapeamento e análise das referências explícitas a outros autores, teorias e métodos nos textos publicados de Benjamin Lee Whorf (1897 – 1941) Autor (a): Jessica de Luiz	IC	2014
USP	Olga Ferreira Coelho Sansone	Título: Para uma historiografia da tradução bíblica para línguas indígenas brasileiras Autor (a): André Filipe Noronha da Silva	IC	2006
		Título: Descrição gramatical e política lingüística. Funções da	IC	2007

		gramática de Reis Lobato durante o Período Pombalino Autor (a): Julia de Crudis Rodrigues		
		Título: A Arte de Reis Lobato e a tradição precedente ao Período Pombalino (1759-1808) Autor (a): Julia de Crudis Rodrigues	IC	2008
		Título: Referências e influências do Verdadeiro método de estudar, de Verney: reconstrução historiográfica a partir da análise da metalinguagem Autor (a): Mariana Carlos Maria Neto	IC	2009
		Título: Dicionários gramaticais do século XIX: o tratamento da metalinguagem no período de formação da gramaticografia brasileira. 2009 Autor (a): Mariana Araújo Braga	IC	2009
		Título: Tradição e ruptura na emergência do conceito de artigo, de Nebrija (1492) às gramáticas de línguas brasileiras (séculos XVI - XIX). Autor (a): Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna	IC	2009
		Título: Metalinguagem e descrição de línguas ágrafas no Brasil do século XVII - As gramáticas de Pedro Dias (1697) e Mamiani (1699) Autor (a): Patrícia de Souza Borges	IC	2009
		Título: Questões ortográficas nas primeiras obras descritoras da língua portuguesa: uma análise da metalinguagem em Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Nunes de Leão (1576) Autor (a): Julia de Crudis Rodrigues	IC	2010
		Título: Linguagem-objeto e metalinguagem. Estudo historiográfico sobre tradição e ruptura em Dias (1697) Autor (a): Patrícia de Souza Borges.	IC	2010
		Título: O tratamento da metalinguagem referente a partes do discurso em Dias 1697 e Mamiani 1699	IC	2010

		Autor (a): Patricia de Souza Borges		
		Título: Três gramáticas portuguesas e a questão da sua influência na formação de uma gramaticografia brasileira Autor (a): Rebecca Tawata Tamachiro	IC	2011
		Título: A linguística histórico-comparativa em dicionários de gramática brasileiros da segunda metade do século XIX. Autor (a): Mariana Araujo Braga	IC	2011
		Título: Práticas de tratamento da palavra em Três gramáticas portuguesas do séc. XIX e seu possível impacto sobre a questão da sua influência na formação de uma gramaticografia brasileira Autor (a): Rebecca Tawata Tamachiro	IC	2012
		Título: O estudo da palavra em três gramáticas portuguesas do século XIX Autor (a): Rebecca Tawata Tamachiro	IC	2013
		Título: Uma história para o GEL a partir da perspectiva de seus presidentes (1969-2019) Autor (a): Isadora Moreira Cavalcanti Vaz	IC	2019
		Título: Produção de conteúdos historiográficos para o hotsite comemorativo dos 50 anos do GEL Autor (a): Maryellen Aparecida Cruz	IC	2019
		Título: Produção de conteúdos historiográficos para o hotsite comemorativo dos 50 anos do GEL Autor (a): Bruno Fochesato Alves	IC	2019
Mackenzie	Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos	Título: O livro didático em dois momentos: 1974 - 2006 - uma análise historiográfica Autor (a): Jéssica Schiavetto Linhares	IC	2011
		Título: A gramática expositiva curso elementar, de Eduardo Carlos Pereira: um estudo sob a perspectiva da Historiografia Lingüística.	TCC	2006

		Autor (a): Danielle Chagas Alvarenga		
PUC-SP	Nancy dos Santos Casagrande	Título: A Crônica no Jornalismo Literário: uma abordagem historiográfica e gramatical Autor (a): Maria Paula do Rêgo	IC	2005
		Título: A aquisição da leitura/língua escrita: uma abordagem historiográfica das cartilhas Autor (a): Cassia Stefanini Vieira	IC	2007
		Título: A Tradução de O gato Preto de Edgar Alan Poe numa perspectiva historiográfica e cultural Autor (a): Daniela Alves Gomes Miguel	TCC	2008
		Título: O Artigo nas Gramáticas do Séculos XVI e XVIII: uma abordagem historiográfica. Autor (a): Mariana de Fátima Borges Guerriero	TCC	2009
		Título: O Jornalismo Literário: perspectivas historiográficas Autor (a): Camilla Wooton Villela	TCC	2012
		Título: O Ensino de Leitura em materiais didáticos de Língua Portuguesa à luz da Historiografia Linguística Autor (a): Cleonice Alves	TCC	2012
		Título: A Variação Linguística no Brasil e em Portugal: um percurso historiográfico Autor (a): Ligia Blat	TCC	2014
PUC-SP	Jarbas Vargas Nascimento	Título: A crônica em dois tempos: o papel das representações linguístico-temporais em crônicas de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade Autor (a): Diego Marsalla Toscano.	IC	2005
		Título: Cartas Espirituais de Frei Antonio das Chagas: a língua portuguesa e a prosa religiosa escrita no barroco português. Autor (a): Leonardo Vinícius Tavares	IC	2011
UNESP	Alessandro Jocelito Beccari	Título: Uma abordagem da sintaxe do livro XVII das "Institutiones Grammaticae" de Prisciano de Cesareia (séc. VII): seleção,	IC	2016

		tradução e comentário de excertos mais representativos Autor (a): Pedro Chiqueto Garcia		
		Título: As ideias linguísticas de José van den Besselaar: o tempo na proposição infinitiva -- tempo absoluto e tempo relativo Autor(a): Tanya Anneliese Carrero de Castro	IC	2018
		Título: Para uma tradução e análise comentada de excertos das cartas da missão jesuítica no Japão: contexto intelectual, educação, aspectos linguísticos Autor(a): Amanda Mimoso Rodrigues Coelho	IC	2018
		Título: Uma abordagem historiográfica do livro-texto Os gregos e seu idioma: manual prático de língua grega clássica e de cultura helênica, para uso dos cursos universitários de letras, de Guida Nedda Barata Parreiras Horta Autor(a): Wesley Stavarengo	IC	2019
		Título: Para um repertório das publicações nas áreas de grego e latim presentes no acervo da Biblioteca da FCL-UNESP/Assis Autor(a): Suellen de Oliveira Souza	IC	2019
UNESP	Jean Cristtus Portela	Título: Semiótica e cultura de massa: um estudo historiográfico Autor(a): Amanda Helena Granado	TCC	2018
IFSP	Jorge Viana de Moraes	Título: A Nova Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): David Santos Sousa, Luiza da Silva Cunha Franceschi	TCC	2011
Mackenzie	Vera Lucia Harabagi Hanna	Título: Descrição e metalinguagem na formação de uma tradição gramatical brasileira: a obra de Julio Ribeiro Autor(a): Ana Maria Tomasevicius	IC	2007
Mackenzie		Título: Da LDB de 1971 à LDB de 1996: confrontos e rupturas no	IC	2008

	Ronaldo de Oliveira Batista	ensino de língua portuguesa sob a ótica da Historiografia Lingüística Autor(a): Larissa Cândido		
		Título: De Emilia a Eulalia: formas de abordar a gramática da língua portuguesa vistas sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): Amanda Chiarelo	IC	2008
		Título: Análise historiográfica da produção gramatical brasileira no século XX Autor(a): Luciana Ribeiro de Souza	IC	2011
		Título: Gramática e ensino de língua em perspectiva historiográfica: uma leitura de Lobato (1934) e Bagno (1997) Autor(a): Amanda Chiarello	TCC	2008
		Título: Da LDB de 1971 a LDB de 1996: confrontos e rupturas no ensino de língua portuguesa Autor(a): Larissa de Cassia Candido	TCC	2008
		Título: Tratamento da virgulação em obras didáticas de diferentes épocas: uma visão historiográfica Autor(a): Tábata Martins R. Soares	TCC	2008
		Título: O Patinho Feio em dois momentos: a contribuição da historiografia linguística para uma análise do fazer tradutório Autor(a): Raiza Max Ponticelli	TCC	2010
		Título: Um estudo historiográfico da relação entre os dois termos essenciais da oração Autor(a): Luciana Ribeiro de Souza	TCC	2010
UFRJ	Maria Carlota Amaral Paixão Rosa	Título: Edição de Colleção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense (BNRJ, Obras Raras, 097, 03, 25) Autor(a): Catarina Lobo Gonçalves	IC	2014
		Título: O Estudo das "Observações" de Cannecattim Autor(a): Catarina Lobo Gonçalves	IC	2016
		Título: As observações de Cannecattim Autor(a): Catarina Lobo Gonçalves	IC	2018

		Título: Um estudo sobre a Collecção de Observações Grammaticaes de Fr. Bernardo Maria de Canecattim, O. F. M. Autor(a): Catarina Lobo Gonçalves	TCC	2018
UFF	Leonardo Ferreira Kaltner	Título: A Epistula quamplurimarum rerum naturalium Autor(a): Melyssa Cardozo Silva dos Santos	IC	2016
		Título: O Latim Científico de Carl F. P. von Martius. Autor(a): Thaisa Regly de Moura Souza	IC	2016
		Título: Os Glossaria linguarum brasiliensium e a historiografia da linguística Autor(a): Mariana de Almeida Gomes Rocha	IC	2018
		Título: Os Glossaria Linguarum Brasiliensium na Historiografia da Linguística Autor(a): Thaisa Regly de Moura Souza	IC	2018
		Título: Carl F. P. VonMartius (1794-1868) e a Filologia: uma abordagem historiográfica Autor(a): Stephanie Cunha Dos Santos da Silva	IC	2019
		Título: A obra de Carl Fr. Ph. von Martius (1794-1868) à luz da Historiografia Linguística Autor(a): Renata da Silveira Guimarães	IC	2020
		Título: Gaspar da Gama o língua converso na expansão marítima portuguesa - séculos XV - XVI Autor(a): Viviane Lourenço Teixeira	TCC	2018
		Título: A (quase) criação de uma universidade no Brasil colonial Autor(a): Thaisa Regly de Moura Souza	TCC	2018
UFG	Sebastiao Elias Milani.	Título: Historiografia-Linguística dos conceitos linguísticos de Labov Autor(a): Daniel Marra da Silva	IC	2006
		Título: O conto maravilhoso sob o olhar de v. Propp Autor(a): Patrícia Verônica Moreira	IC	2008

		Título: Historiografia Linguística de Franz Boas: conceitos e métodos. Autor(a): Flaviana Mesquita Amancio	IC	2014
		Título: Historiografia Linguística de Wladimir Propp Autor(a): Patrícia Verônica Moreira	TCC	2009
		Título: Os avanços técnicos na obra de Edward Sapir Autor(a): Raquel Queiroz de Almeida	TCC	2009
		Título: Os conceitos historiográficos linguística de Franz Boas. 2011 Autor(a): Elias Barbosa Ferreira	TCC	2011
		Título: A arquitetura em fotografia numa visão semiótica Autor(a): Bruna Hanielly Alves Gonçalves	TCC	2015
UFPI	Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos	Título: As Ideias Linguísticas em "A língua que falamos", de Herbert Parentes Fortes Autor(a): Raimunda da Conceição Silva	IC	2015
		Título: Ideias linguísticas de Herbert Parentes Fortes em 'A questão da língua brasileira': um olhar historiográfico. Autor(a): Raimunda da Conceição Silva	IC	2016
		Título: O uso de partícula e índice na metalinguagem das gramáticas brasileiras: um rastreamento historiográfico Autor(a): Giulia Viana Lima	IC	2019
		Título: A tradição gramatical na Gramática Inteligente do Português do Brasil: permanências e inovações Autor(a): Kelly Maria da Costa Sousa	IC	2019
		Título: A Grammatica Portuguesa (1ª edição de 1887), de João Ribeiro: análise comparativa de edições Autor(a): Joaquina Maria Pereira Cardoso	IC	2020
		Título: As línguas africanas e a formação do português brasileiro: um olhar historiográfico sobre os estudos de Raimundo (1933),	TCC	2016

		Rodrigues (2010) e Mendonça (2012) Autor(a): Maria de Jesus Medeiros Torres		
UFPB	Francisco Eduardo Vieira da Silva	Título: Sintaxe de colocação dos críticos nas gramáticas brasileiras contemporâneas do português Autor(a): Emily Gonçalves de Medeiros	IC	2018
		Título: Sintaxe de concordância em instrumentos linguísticos do século XXI: sistematização e implicações pedagógicas Autor(a): Thiago Nascimento Dantas	IC	2019
		Título: Sintaxe de regência em instrumentos linguísticos do século XXI: sistematização e implicações pedagógicas Autor(a): Thiago Nascimento Dantas	IC	2020
		Título: A abordagem da colocação pronominal em duas edições da Moderna Gramática Portuguesa, de E. Bechara (1961 e 1999): relações de (des)continuidade com a tradição gramatical do século XX. Autor(a): Emily Gonçalves de Medeiros	TCC	2018
		Título: A emergência de saberes da Linguística moderna em livros didáticos de português dos anos 1970 Autor(a): Lúcia Maria Gomes da Silva	TCC	2018
		Título: Variação e mudança linguística em duas gramáticas de Celso Cunha (1970 e 1985): um estudo historiográfico. Autor(a): Marciel da Luz Santos	TCC	2018
		Título: Norma linguística em gramáticas brasileiras do século XXI: a abordagem da concordância verbal. Autor(a): Thiago Nascimento Dantas	TCC	2020
UFPB	Margarete von Mühlen Poll	Título: Historiografia das políticas públicas para língua portuguesa no Brasil Autor(a): Kaline Jerônimo Lopes	IC	2020

		Título: Historiografia das políticas públicas para língua portuguesa no Brasil Autor(a): Lullyana Bezerra Silva	IC	2020
UEMASUL	Sonia Maria Nogueira	Título: Ortografia sônica no Maranhão do século XX em dimensão historiográfica Autor(a): Thalia Rute Oliveira Vila Nova	IC	2016
		Título: Fundamentos da Historiografia Linguística e ensino da língua portuguesa Autor(a): Roniela Almeida Moreira	IC	2016
		Título: Verificação do movimento nacionalista nas obras pedalinguísticas brasileiras, particularmente maranhenses, no século XIX Autor(a): Yasmine Sthefane Louro da Silva	IC	2016
		Título: Fundamentos da gramaticografia e o ensino da língua portuguesa no Maranhão na segunda metade do século XIX Autor(a): Roniela Almeida Moreira	IC	2017
		Título: Verificação do discurso dos gramáticos nos manuais didáticos de ensino de língua portuguesa, adotados em Açailândia/MA no século XXI Autor(a): Marcelo de Jesus de Oliveira	IC	2017
		Título: Verificação do discurso dos gramáticos nos manuais didáticos de ensino de língua portuguesa, adotados em Açailândia/MA no século XX Autor(a): Josicleia de Oliveira Silva	IC	2017
		Título: Catalogação de obras pedalinguísticas de língua portuguesa do Maranhão do século XIX Autor(a): Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento	IC	2017
		Título: Verificação de movimento nacionalista nas obras pedalinguísticas de língua portuguesa do Brasil do século XIX Autor(a): Luciane Barros da Silva	IC	2017

		Título: Verificação de movimento nacionalista nas obras pedalinguísticas de língua portuguesa do Maranhão do século XIX Autor(a): Larissa de Farias Silveira	IC	2017
		Título: Língua Portuguesa: sintaxe no 9º ano do Ensino Fundamental, em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Kaliandra Costa Ribeiro e Thayonara Gadelha de Paula Moreira	TCC	2012
		Título: Língua portuguesa: sintaxe em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Wemylla dos Santos de Jesus	TCC	2013
		Título: Estudinhos da Língua Portuguesa, de José Augusto Corrêa, de 1883: uma análise historiográfica Autor(a): Angélica Campos dos Santos	TCC	2014
		Título: Selecta nacional, do Padre R. Alves da Fonseca (1873): em uma abordagem historiográfica Autor(a): Amanda da Silva Galvão e Sara Rabelo da Silva	TCC	2015
		Título: Português para o ginásio, de José Cretella Júnior: semântica em uma abordagem historiográfica Autor(a): Daniela Jaqueline Tôres Barreto	TCC	2015
		Título: Lições práticas de Grammatica Portuguesa, de Gaspar de Freitas: Semântica em material didático em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Aline Silva de Matos; Francisca Jacyara Matos de Alencar	TCC	2015
		Título: Língua portuguesa: semântica, da segunda metade do século XX, sob a perspectiva da Historiografia Linguística. Autor(a): Alexandre da Silva Sousa; Marcilene Sousa Costa	TCC	2015
		Título: "Compendio da grammatica portugueza", do Padre Antonio da Costa Duarte (1829): uma análise historiográfica Autor(a): Débora Silva Bastos	TCC	2016

		Título: Substantivo na obra "Noções de grammatica", de Menezes Vieira (1897), em dimensões historiográficas Autor(a): Carolinne Dávyla da Silva Chagas; Ellia Nábila de Souza	TCC	2016
		Título: Grammatica portuguesa, de Veríssimo Vieira, de 1922: semântica em perspectiva historiográfica Autor(a): Magda Lorranna Ribeiro Franco	TCC	2016
		Título: Noções de Grammaticas, de Menezes Vieira (1897): semântica sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): Aliny Cristina Pereira de Oliveira	TCC	2016
		Título: Lusofonia: ortografia nas obras do português A. A. Cortesão e do brasileiro Hemetério José dos Santos, de 1907, em uma abordagem historiográfica Autor(a): Maria Elizete Melo de Oliveira	TCC	2016
		Título: Now, it's your turn, primeiro ano do ensino médio, de Missfran Magalhães Monteiro, de 2005: material didático da língua inglesa em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Deusilene Sousa Matos	TCC	2016
		Título: Lições práticas de grammatica portuguesa, de Gaspar de Freietas, ortografia em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Cristiane Araújo da Silva	TCC	2016
		Título: Novo Manual de Língua Portuguesa (1915): substantivo em uma análise historiográfica Autor(a): Silvana Oliveira do Nascimento.	TCC	2017
		Título: Gramática e antologia nacional, de José Mesquita de Carvalho (1939): estilística sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): Verônica De Jesus Barbosa Santos Vieira	TCC	2018
		Título: Lusofonia: nacionalismo nas obras pedalinguísticas de Berta Valente de Almeida, de Portugal, e	TCC	2018

		de Meneses Vieira, do Brasil, sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): Larissa Rodrigues Reis Sousa		
		Título: A Semântica na Gramática Estudinhos da Língua Portuguesa, do maranhense José Augusto Corrêa (1883), sob uma perspectiva historiográfica Autor(a): Larissa de Farias Silveira.	TCC	2019
		Título: Noções de Grammatica Portuguesa, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade: Semântica em uma perspectiva historiográfica Autor(a): Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento		2019

Fonte: Elaborado pela autora

As repercussões provocadas pela HL em alguns programas foi certamente significativa. Os trabalhos na graduação se concentraram mais na IC, com um total de 76 pesquisas, em contraponto com 49 pesquisas voltadas para TCCs. Quantitativamente, o destaque nas ICs é para a USP, representando 46% do total, e, nos TCCs, para a UEMASUL, a qual representa 39% do total. O tempo também é um fator a ser considerado nesses dois casos, tendo em vista que a USP desenvolve pesquisas de IC na área desde 1994, enquanto que na UEMASUL as orientações iniciam a partir de 2012. Observou-se, também, por meio dos dados apresentados que a região Sudeste concentra os maiores números em relação às ICs na área, somando um total de 58 pesquisas, ao passo que a região Nordeste ocupa a segunda posição com 19 pesquisas em ICs. No que diz respeito aos TCCs, a região Nordeste se destaca por concentrar 24 trabalhos de final de curso produzidos em HL, à medida que a região Sudeste produziu 16 trabalhos nessa etapa da graduação. Importante frisar, ainda, que os TCCs não são etapas obrigatórias em todas as universidades brasileiras.

Passa-se, de agora em diante, aos comentários acerca dos trabalhos orientados na pós-graduação brasileira.

5.4.2 Mapeamento dos trabalhos orientados na pós-graduação por região, universidade e temática

A pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado etc.) é um ambiente em que se desenvolvem especialidades de pesquisas. Tem um papel social importante nas universidades por favorecer que alunos tenham acesso a um aprofundamento maior em determinada área de pesquisa e que, uma vez capacitados, possam ocupar funções que exijam determinado nível de conhecimento, como é o caso, por exemplo, dos professores de instituições de ensino superior. Para as instituições, a produção dos orientandos é de suma importância por reforçarem todo conhecimento desenvolvido, além de promoverem as universidades.

Na pesquisa, foram investigadas também as produções dos orientandos de cada pesquisador que compõe os *corpora* desta tese, isso porque se entende, como já enfatizado no capítulo 3, que o orientador tem um papel importante na produção do aluno, pelas intervenções que faz no texto, nas pesquisas, pelas indicações de livros, sugestões de temas de pesquisa, revisões de textos etc., fatores que influenciam diretamente no resultado final do trabalho, sem mencionar o fato de que a produção dos alunos contribui para o fortalecimento de uma área de pesquisa em uma universidade. Diante disso, fez-se um mapeamento das dissertações e teses produzidas pelos orientandos dos 35 pesquisadores analisados nesta pesquisa no intuito de vislumbrar que objetos são mais investigados ou, melhor dizendo, que objetos ou temáticas de estudos têm despertado mais interesse por parte de novos pesquisadores em HL.

Tabela 37: Região Sudeste/PUC-SP

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total	Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
39	Autor	1	18	Autor-obra	7
	Autor-obra	6		Autor-obra literária	1
	Autor-obra literária	6		Cartas	1
	Acordo ortográfico	1		Cartilha	1
	Crônicas	1		Documentos oficiais	1
	Documentos da imprensa	1		Editorial	1
	Emoticons	1		Gramáticas de autores portugueses	1
	Escrituras públicas de compra e venda	1		Polêmica linguística	1
	Gramáticas de autores brasileiros	3		Propagandas brasileiras	1
	Gramáticas de autores portugueses	1		Sátiras	1

	Intolerância linguística	1		Subordinação linguística e social	1
	Letras de música	1		Tópico de gramática	
	Linguística missionária	1			
	Manuais de ensino	1			
	Origem do português	1			
	Polêmica linguística	1			
	Proposta curricular	1			
	Regimento	1			
	Relatório	1			
	Sátiras	1			
	Seção de revista	2			
	Sermão	1			
	Testamento	1			
	Tópico de gramática	3			

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 38: Região Sudeste/USP

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total	Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
20	Autor	4	13	Autor-obra	3
	Autor-obra	5		Gramáticas de autores brasileiros	2
	Área de pesquisa	1		Gramáticas de língua indígena	1
	Gramáticas de autores brasileiros	1		Língua espanhola	1
	Gramáticas de autores portugueses	1		Língua indígena	1
	Gramáticas de língua indígena	2		Língua japonesa	2
	Gramaticografia de línguas ibéricas	1		Linguística brasileira	1
	Língua africana	1		Recepção de ideias linguísticas	1
	Língua indígena	2		Textos lexicográficos	1
	Tópico de gramática	2			

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 39: Região Centro-Oeste/ UFG

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total	Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
13	Autor	2	5	Autor	2
	Autor-obra	3		Conceito	1
	Conceito	2		Métodos de estudo linguístico	1
	Gramáticas de autores brasileiros	1		Texto humorístico	1
	Manifesto literário	1			
	Obra	1			
	Recepção de ideias linguísticas	1			
	Teoria	1			
	Tópico de linguagem	1			

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 40: Região Sudeste/ UFF-RJ

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total	Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
8	Autor-obra	2	2	Autor-obra	1
	Educação linguística para cegos	1		Manuais de língua inglesa	1
	Obra	1			
	Tópico de gramática	4			

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 41: Região Nordeste/ UFPI

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total
5	Contato entre línguas	1
	Origem do português	1
	Programa de pós-graduação	1
	Tópico de gramática	2

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 42: Região Nordeste/ UFPB

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total	Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
3	Gramáticas de autores brasileiros	1	1	Tradição sociodiscursiva	1
	Gramáticas de linguistas	1			

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 43: Região Sudeste/UNESP

Teses	Descrição por temática/objeto investigado	Total
3	Teoria	3

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 44: Região Sudeste/ UPM-SP

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total
3	Autor	1
	Autor-obra	1
	Artigos programáticos	1

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 45: Região Sul/ UNIVALI-SC

Dissertações	Descrição por temática/objeto investigado	Total
2	Documentos da imprensa	1
	Provas de vestibulares	1

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 46: Região Sul/ UFPR

Tese	Descrição por temática/objeto investigado	Total
1	Autor-obra	1

Fonte: Elaborada pela autora

O levantamento mostra a multiplicidade de objetos que podem ser investigados pela HL, além de evidenciar as preferências por temáticas não só dos orientandos, mas também dos orientadores, visto que a orientação se dá por meio da anuência de um professor que, na maioria das vezes, está ligado a uma linha de pesquisa. Observou-se, ainda, a partir dos dados fornecidos pelas tabelas, que, dos 136 trabalhos avaliados, 48 têm como temática ou objeto investigado

autores, obras ou autores/obras, perfazendo um total de 35%, o que sinaliza, de certa forma, quais os principais interesses de investigação na área da HL dos pesquisadores brasileiros em etapas de pós-graduação.

Diante de tudo que foi exposto até o momento e considerando a relevância que a disciplina adquiriu frente às universidades e aos pesquisadores brasileiros nas últimas três décadas, além do fato de que a HL ainda não se encontra, nas instituições brasileiras, como uma disciplina que compõe as matrizes curriculares dos cursos, no próximo capítulo, será apresentada uma proposta de disciplina a ser introduzida nas matrizes curriculares dos cursos de Letras do Brasil.

CAPÍTULO 6 - PROPOSTA DE REVISÃO DAS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE LETRAS

As universidades e faculdades são instâncias detentoras e produtoras de conhecimentos que visam atender às necessidades da sociedade. De acordo com os documentos legais do Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Educação, “a Universidade não pode ser vista apenas como instância reflexa da sociedade e do mundo do trabalho. Ela deve ser um espaço de cultura e de imaginação criativa, capaz de intervir na sociedade, transformando-a em termos éticos” (BRASIL, 2001, p. 29)²³⁶, assim, para além da formação técnica, que visa o mercado de trabalho e a habilitação das condições de exercício profissional, as universidades e faculdades têm que ser espaços de transformação social.

A área de Letras, amparada pelas ciências humanas, conforme as diretrizes propostas para os cursos de Letras, “põe em relevo a relação dialética entre o pragmatismo da sociedade moderna e o cultivo dos valores humanistas” (BRASIL, 2001, p. 29), ou seja, além de suprir as demandas sociais do mercado de trabalho, tem um compromisso com a formação humana e com suas posturas éticas e morais.

Ainda segundo as diretrizes curriculares para os cursos de Letras, de 2001, os cursos de graduação deverão ter estruturas flexíveis que:

- facultem ao profissional a ser formado opções de conhecimento e de atuação no mercado de trabalho;
- criem oportunidade para o desenvolvimento de habilidades necessárias para se atingir a competência desejada no desempenho profissional;
- dêem prioridade à abordagem pedagógica centrada no desenvolvimento da autonomia do aluno;
- promovam articulação constante entre ensino, pesquisa e extensão, além de articulação direta com a pós-graduação;
- propiciem o exercício da autonomia universitária, ficando a cargo da Instituição de Ensino Superior definições como perfil profissional, carga horária, atividades curriculares básicas, complementares e de estágio (BRASIL, 2001, p. 29).

A definição de diretrizes curriculares norteia as instituições de ensino de modo que, por meio delas, é possível organizar minimamente um currículo para os cursos, prevendo o objetivo

²³⁶ BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001*, Ministério da Educação – MEC e Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CES0492.pdf?query=Nome%20Social%20de%20Travestis%20e%20Transexuais. Acesso em: 31 ago. 2022.

do curso, as competências e as habilidades a serem desenvolvidas, os conteúdos curriculares, a estruturação do curso e a avaliação.

No entanto, as diretrizes curriculares propostas para os cursos de Letras, regulamentadas pelo Parecer CNE/CES nº 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001, e estabelecidos pela Resolução CNE/CES nº 18, de 13 de março de 2002, considerando os diversos profissionais que o curso de Letras pode formar, no que se refere aos “Conteúdos curriculares”, estabelece que:

os conteúdos caracterizadores básicos devem estar ligados à área dos **Estudos Lingüísticos e Literários**, contemplando o desenvolvimento de competências e habilidades específicas. Os estudos lingüísticos e literários devem fundar-se na percepção da língua e da literatura como prática social e como forma mais elaborada das manifestações culturais. Devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática – essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade (BRASIL, 2001, p. 31, grifos do autor).

Pode-se, pelo trecho em destaque, observar que as diretrizes oferecem direcionamentos muito gerais para as instituições de ensino com relação aos conteúdos básicos, não havendo uma previsão mínima, por exemplo, de que disciplinas seriam basilares na composição de uma matriz curricular para a área de Letras. Essa posição certamente está relacionada ao fato de as instituições terem certa autonomia para definir um perfil profissional, carga horária, atividades curriculares básicas, complementares e estágios, e de ser um princípio norteador do documento a flexibilidade na organização dos cursos de Letras.

Por outro lado, a falta de um documento oficial que direcione de forma mais detalhada os conteúdos que devem compor a base de um curso pode ocasionar, entre as instituições, dentre outras coisas, diferenças na formação do profissional de Letras.

Tomando como parâmetro a disciplina HL, um levantamento feito em todas as universidades federais das capitais brasileiras²³⁷ comprovou que a HL não consta como

²³⁷ Nesta etapa, foram avaliadas as matrizes curriculares das seguintes universidades federais: Universidade Federal do Ceará - UFC, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Universidade Federal de Sergipe - UFS, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Universidade Federal do Piauí - UFPI, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Universidade Federal de Roraima - UFRR, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade Federal do Acre - UFAC, Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade Federal do Tocantins - UFT, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal

disciplina obrigatória nos cursos de Letras e, em raros casos, aparece como disciplina optativa. A única instituição em que a HL aparece como disciplina obrigatória na matriz curricular do curso de Letras/Linguística é a USP, uma universidade estadual. Nas instituições federais, quando avaliadas as matrizes curriculares da graduação, a HL consta como disciplina eletiva na UFAL e como disciplina optativa na UFPI e na UFPB. Na pós-graduação, consta como disciplina na UFPB, na UFPI, na UFRJ e na UFG.

Nas instituições que compõem os *corpora* da pesquisa, nas quais atuam historiógrafos da Linguística, a HL aparece como disciplina, na graduação e/ou pós-graduação, na UEMASUL, na USP, no Mackenzie, na PUC-SP, na UFF e na UNIVALI-SC²³⁸.

A pesquisa comprovou que, apesar dos avanços e da relevância que a área adquiriu nos últimos anos, ainda há pouca oferta, nas instituições brasileiras, de disciplinas cuja ementa favoreça discussões em HL, dado que não acompanha a quantidade de pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado em andamento ou já concluídos na área. Isso sem contar as instituições em que a HL parece ser uma disciplina totalmente desconhecida.

Diante disso e considerando os dados apresentados ao longo do trabalho, buscou-se, neste capítulo, a proposição de uma revisão nas matrizes curriculares para que a HL passe a compor o rol de disciplinas ofertadas nos cursos de Letras nas universidades brasileiras, minimamente como uma disciplina optativa.

Chama a atenção na pesquisa dois dados, o primeiro relacionado ao fato de que a HL é ofertada como disciplina nas instituições em que, no corpo docente, há pelo menos um pesquisador que na formação (mestrado e doutorado) produziu pesquisas na área ou professores que, no seu percurso acadêmico, passaram a desenvolver pesquisas na área, sem necessariamente ter uma formação em HL. O segundo dado que se destaca se refere à UFAL, universidade que não conta com nenhum professor que se autodenomina historiógrafo ou pesquisador na área da historiografia e onde não foram localizados trabalhos em HL, mas que, na matriz curricular do curso de Letras, na seção “Disciplinas Eletivas”, apresenta a disciplina “Historiografia Linguística”, cujo código é LETL216, e a carga horária é de 60h.

Como se disse, anteriormente, faz-se importante propor uma disciplina em HL que passe a compor as matrizes curriculares dos cursos de Letras, porém, antes de mais nada, foi preciso

do Rio Grande do Sul – UFRGS e a Universidade de Brasília – UNB. A UFF, apesar de ser uma instituição federal, não foi apresentada, neste levantamento, pelo critério de que seria avaliada uma universidade federal de cada estado brasileiro.

²³⁸ Ver quadro 35: Disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras.

averiguar, nas instituições que ofertam as disciplinas na graduação e na pós-graduação, qual o nome que a disciplina recebe, sua carga horária e qual o período ideal para cursá-la.

Na graduação, constatou-se que, na quase totalidade, a disciplina recebe o nome de “Historiografia Linguística”. Na pós-graduação, os títulos trazem o termo HL, mas acompanhados de informações sobre a temática de interesse de cada pesquisador²³⁹.

Pelo fato de esta tese estar propondo que a HL seja uma disciplina prevista para a graduação, só foi possível proceder com a análise da disciplina ministrada USP, única universidade a ofertar a HL como disciplina obrigatória e a disponibilizar os dados da ementa. A disciplina tem carga-horária de 60h, é proposta para ser cursada no sétimo período e tem como pré-requisito a exigência de se ter cursado a disciplina “Elementos de Linguística I”.

Nas demais instituições em que a HL foi ministrada da graduação, foi possível averiguar que se trata de uma disciplina optativa, não havendo período ideal para ser cursada e nem pré-requisitos. As cargas-horárias variam entre disciplinas de 45 e de 60 horas, nunca menos que isso.

Vale destacar que se teve acesso às ementas das disciplinas da pós-graduação. Por serem em maior número que as da graduação e mais frequentemente ofertadas, algumas são disponibilizadas nos próprios programas de pós, além disso, os historiógrafos analisados na pesquisa, por meio da solicitação da proponente desta pesquisa, enviaram as ementas de algumas disciplinas ministradas na pós-graduação²⁴⁰. As disciplinas da pós, como devem ser, são oferecidas para um público mais especializado, que busca discussões mais avançadas na área, não cabendo, pois, como parâmetro para a proposta que se pretende.

Diante disso, como resultado de todas as pesquisas feitas, avaliando que o profissional de Letras deveria, como formação básica, ter acesso a várias áreas do conhecimento em linguagens, segue uma proposta de disciplina de “Introdução à HL”, voltada para o público da graduação nas universidades brasileiras.

²³⁹ Ver quadro 35: Disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras.

²⁴⁰ Agradeço gentilmente aos professores Neusa Bastos, Dieli Palma, Mercedes Hackerott, Nancy Casagrande, Ronaldo Batista, Ricardo Cavaliere, Leonardo Kaltner, Leonardo Gueiros e Marcelo Luna, que me enviaram as ementas de disciplinas ministradas em HL.

Disciplina: Introdução à Historiografia Linguística

Carga horária total: 60h

Pré-requisitos: Sem pré-requisitos

Modalidade: Optativa

Ementa: Introdução à disciplina Historiografia Linguística (HL). Objeto e objetivos. Princípios. Historiador *vs.* historiógrafo. As fontes. Periodização. Parâmetros internos e externos. Questões metodológicas em HL.

Objetivos: Desenvolver junto aos alunos a reflexão acerca da HL como especialidade de pesquisa, com ênfase nas suas bases teórico-metodológicas. Proporcionar que sejam capazes de reconhecer o objeto e os objetivos da área, bem como a função e o papel do historiógrafo. Além disso, os alunos deverão saber proceder com as fontes e com a periodização, ter conhecimento sobre aspectos metodológicos, estimulando, com isso, a formação de uma visão crítica da natureza do conhecimento linguístico de modo a se tornar mais consciente, como aluno e futuro professor, sobre os processos intelectuais, institucionais e sociais que envolvem as pesquisas linguísticas e historiográficas.

Metodologia: Conforme orientação de cada instituição.

Avaliação: Conforme orientação de cada instituição.

Bibliografia básica

ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 1a ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, v. 1, n. 2, 2009.

COELHO, O.; HACKEROTT, M. M. S. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, Adair V.; GÓIS, Marcos Lúcio S. (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 381-407.

KOERNER, E. F. K.. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014a.

KOERNER, E. F. K. *História da Linguística*. Confluência, Rio de Janeiro, n. 46, jan-jun. 2014b. p. 9-22.

BATISTA, R. de O. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas em la historiografia de la linguística. *Nuevas Aportaciones a la historiografia linguística*. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. 2004, p. 113-146.

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. [Trad. Aline Cruz] In Hüllen, Werner. ed. SWIGGERS, Pierre. 1990. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. [Trad. Aline Cruz] In Hüllen, Werner. ed. 1990. Understanding the historiography of Linguistics. Problems and Projects. Symposium at Essen, 23-25 november 1989, 21-34. Münster: Nodus, 1990.

Fonte: Elaborada pela autora

Não se tentou com esta proposta de disciplina determinar como as diretrizes curriculares devem ser compostas, pelo contrário, reconhece-se, aqui, a importância e as lutas que foram travadas pelas instituições brasileiras para que o respeito às particularidades institucionais de

cada região fosse garantido (corpo docente, condições físicas e estruturais, recursos etc.). Pretende-se, tendo em conta tudo que foi apresentado, que a HL também ocupe as discussões e reflexões dos profissionais de Letras. Por ser uma disciplina que conquistou representatividade em algumas regiões, mas em outras se mantém inexplorada, intentou-se, mesmo de forma introdutória, como disciplina optativa, que os alunos tenham experiências com essa área do conhecimento, objetivando, com isso, além de fortalecer os currículos, buscar oferecer ao futuro profissional de Letras uma ampla formação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se estabelecer o início de uma reflexão acerca da recepção da HL, do seu desenvolvimento e da produção no cenário brasileiro. Para tanto, trabalhou-se com vários *corpora*, dentre eles: a produção de 35 pesquisadores, mais especificamente, 234 artigos e 229 capítulos de livros analisados, além de um levantamento de 67 livros, 301 orientações (graduação e pós-graduação) e 46 disciplinas em HL.

A fim de cumprir o objetivo geral da pesquisa de “Construir uma narrativa historiográfica do momento de recepção das ideias e de produção de materiais ligados à Historiografia Linguística no Brasil”, foram estabelecidos objetivos específicos, os quais possibilitaram que se construísse a exposição apresentada nas páginas que antecedem este capítulo final.

Um panorama foi traçado e, por meio dele, foi possível vislumbrar aspectos importantes relacionados ao início dos estudos em HL no Brasil, especificamente sobre a institucionalização da disciplina nas universidades, formação de grupos de especialidade em HL, bem como características próprias da HL praticada no Brasil, dentre as quais se destacam a propagação da disciplina, a quantidade de pesquisadores e de grupos de pesquisa já consolidados, as regiões que mais concentram pesquisadores em HL, a quantidade de materiais que foram produzidos nessas quase três décadas de pesquisa na área, além das temáticas mais abordadas em trabalhos acadêmicos e das disciplinas ministradas que divulgam cada vez mais a HL no Brasil.

A narrativa construída favoreceu que se reconheça a HL como uma disciplina autêntica, autônoma e reconhecida pelas instituições e pelos pesquisadores brasileiros.

Em relação aos pesquisadores com perfil de liderança, capazes de executar boas ideias, de recrutar e formar novos especialistas em torno de uma teoria relevante, pode-se afirmar serem esses os responsáveis pela formação dos grupos de especialidade em HL e pelo reconhecimento que a área adquiriu nas instituições brasileiras.

No que toca às categorias empreendidas nesta pesquisa, pode-se constatar já ser possível identificar uma “tradição de pesquisa” em HL brasileira, tendo em vista que a análise da produção dos historiógrafos, artigos e capítulos de livros, e a análise dos materiais de alguns orientandos se organizam a partir de um modelo, de objetivos e finalidades comuns.

Uma visão panorâmica, organizada a partir dos resultados das pesquisas, analisou as “continuidades” e as “descontinuidades” existentes entre as obras, entre as obras e os autores, entre os autores e seus grupos de especialidade. Nesse caso, toma-se como exemplo o fato de

os pesquisadores responsáveis pela divulgação das primeiras ideias e pelas primeiras orientações, a seu modo e a partir da sua prática com a HL, terem reproduzido e continuado, por meio de metodologias, leituras fundamentais, temáticas etc., um *modus operandi* em relação à HL. Em outras palavras, no contexto brasileiro, apesar de os grupos de especialidade que aqui se formaram não se configurarem por suas oposições, o curso de cada um deles é marcado por características próprias dos líderes e das instituições onde se instalaram ao longo desses quase trinta anos e por meio dos quais se observou entre os grupos certa variabilidade quanto as suas propostas, o que, em certa medida, caracteriza formas diversas de praticar HL.

Na narrativa historiográfica construída, examinou-se como as proposições de alguns linguistas se estabeleceram de modo que, por meio da análise dos textos, pode-se observar uma posição em que se assenta o tipo de retórica adotada por cada grupo, uma vez que a ideia por trás do uso de determinada metalinguagem, escolha por temáticas, preferências pela citação de determinados autores e obras etc., colocam em destaque modelos e introduzem maneiras de empreender um tipo de alteração nas práticas ou modelos vigentes. De fato, não se pode afirmar que os historiógrafos tenham se marcado por retóricas de rupturas entre os grupos ou com autores precursores da área, entretanto, essa “descontinuidade” pode ser observada quando um ou outro historiógrafo marca sua escrita adequando-a a outros quadros de trabalho, a exemplo de Leite, Moraes, Portela, só para citar alguns. Tal observação leva a outro ponto importante deste trabalho relacionado às “influências” percebidas entre os grupos de pesquisas, entre os pesquisadores e seus orientandos e entre instituições que desenvolvem pesquisas na área da HL. A tentativa de situar o surgimento de uma disciplina, conforme Altman (1998), passa pela questão das influências e, nesta pesquisa, não foi diferente. Verificou-se, então, as influências existentes entre pesquisadores e grupos de pesquisa em HL no Brasil, de modo que o reconhecimento de determinados grupos mais centrais favoreceu, entre pesquisadores de uma mesma universidade ou de universidades distintas, trocas de informações, trocas intelectuais e estabeleceu um modo de fazer HL que acabou influenciando novos pesquisadores e novos grupos.

A HL brasileira, quando avaliada a produção dos principais pesquisadores da área, ratifica o dado de que a HL está presente nas instituições brasileiras como uma disciplina já institucionalizada, em alguns casos, e, em outros, em vias de institucionalização, tendo uma produção concentrada em maior volume na região Sudeste, com destaque para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 16 estados brasileiros, até o momento da pesquisa, não foram localizados pesquisadores com produção na área da HL. O mapeamento, em síntese, demonstra

a presença da HL nas cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, mas com diferenças numéricas significativas entre elas.

Quanto à recepção das primeiras ideias, a análise empreendida constatou que a institucionalização da disciplina se deu durante os anos de 1990, mais especificamente a partir de 1993, quando os primeiros trabalhos, cujo suporte teórico-metodológico era a HL, foram defendidos, e quando o primeiro grupo de especialidade foi oficialmente implementado em uma universidade brasileira. Também foi por meio das análises que se observou que a HL, no contexto brasileiro, operou-se como uma disciplina ou área de pesquisa de recepção, partindo, para tanto, do ponto central de que as principais discussões e reflexões da área se construíram por meio de teorias e metodologias advindas de centros de pesquisas estrangeiros.

Por fim, o mapeamento apresentado, principalmente dos trabalhos orientados na graduação e na pós-graduação, apontou que, embora o alvo maior de divulgação e de circulação da HL tenha sido nos programas de pós-graduação, a HL está ocupando, com o passar dos anos, mais espaço nas instituições de ensino superior e, dada sua relevância, faz-se imperativo que ela, cada vez mais, conquiste esses espaços. O trabalho também levantou questões relacionadas aos efeitos positivos de se travar contato com a HL desde os primeiros anos do curso de Letras, o que resultou na proposição de uma disciplina a ser introduzida nas matrizes curriculares dos cursos de Letras do Brasil.

Diante desse contexto, a HL ainda tem um longo percurso a trilhar no Brasil, mas está claro que um caminho já foi percorrido e, certamente, como disciplina e como especialidade de pesquisa, tem muito a contribuir para aqueles que se dedicam a estudar e a desenvolver pesquisas na área de Letras e Linguística.

Apesar de todo o levantamento que esta tese se propôs a fazer e de sua escrita, em quase quatro anos de pesquisa, tem-se consciência de que este trabalho é apenas um início da reflexão sobre a HL no Brasil e, com sorte, por meio dele, abriu-se mais uma porta para que outros trabalhos que envolvam a temática sejam desenvolvidos. A sensação, tal como a percebida nas palavras do filósofo Austin (1990), é de que “Como de costume, não me sobrou tempo suficiente para mostrar qual o interesse de tudo isso que acabo de dizer” (AUSTIN, 1990, p. 131).

REFERÊNCIAS

- A GUERRA fria Estruturalista. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3h). Publicado pelo canal Dermeval da Hora. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0xfzvg3_tsA . Acesso em: 12 jan. 2022.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia* [tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi]. 5 ed. São Paulo: Martins Pontes, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. [Tradução Vinícius Nicastro Honesko]. ARGOS: Editora da Unachapecó, 2009.
- ALONSO, Miguel C. Multidimensionalidad, Complejidad y Dinamismo en la historiografía lingüística y en su definición del concepto tradición. *Todas as letras*. v.14. n. 1. 2012, p. 71-86. Disponível em: <[http:// editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/.../3495](http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/.../3495)>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- ALTMAN, Cristina. A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Lingüística*, v. 1, n. 2, 2009.
- ALTMAN, Cristina. História, Estória e Historiografia da Linguística Brasileira. *Todas as Letras* (São Paulo. Impresso), v. 14, p. 14-378, 2012.
- ALTMAN, Cristina. Zeitgeist Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos. *Confluência*. n. 55. 2º semestre, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i55.276>.
- ALTMAN, Cristina. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- ARAKAKI, Nancy Aparecida. 2006. O ensino de língua portuguesa em Moçambique no período colonial de 1940 a 1960: uma visão historiográfica. *Dissertação de Mestrado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. [Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, 136p.
- BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (orgs.). História Entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na segunda metade do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BARROS, Maria Candida Drumond Mendes. A origem intelectual das orações em tupi de André Thevet e Yves d'Evreux (séculos XVI-XVII): algumas hipóteses. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 139-187, 2002.

- BARROS, Maria Candida Drumond Mendes. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política lingüística jesuítica no século XVIII na Amazônia. In: *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, p. 125-152, 2003.
- BARROS, M. C. D. M.; LESSA, A. L. S. Estudo preliminar de um dicionário português-tupi do período pombalino. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n.2, p. 73-94, 2005.
- BARROS, Maria Candida Drumond Mendes; MONSERRAT, Ruth; MOTA Jaqueline. Uma proposta de tradução do sexto mandamento de Deus em um confessionário Tupi da Amazônia de 1751. *TEMPO. REVISTA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFF*, v. 13, p. 160-176, 2009.
- BARROS, José D'Assunção. A História Serial e História Quantitativa no movimento dos Annales. *História Revista*. Goiânia, v. 17, n. 1, 2012, p. 203-222.
- BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. Analisando os dados na pesquisa qualitativa. In: *Metodologias de Estudos e Pesquisas em Educação III*. 2013.
- BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Elos Portugal e Brasil: João de Barros e Anchieta. *Revista de Letras* (Fortaleza), Fortaleza, v. 1/2, p. 50-56, 2004.
- BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa; IÓRIO, Patricia Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria. Auxiliando o docente: Guias de estudo de Línguas e de Linguagem. In: *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967- 1983): um estudo historiográfico*. 2007. 190f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2007.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- BATISTA, R. de O. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. História e Historiografia da Linguística: um mapa de orientação. In: *Questões em historiografia da linguística* [recurso eletrônico]: homenagem a Cristina Altman / [Pierre Swiggers ... [et al.]; organização Ronaldo de Oliveira Batista, Neusa Barbosa Bastos. - 1. ed. - São Paulo: Pá de Palavra, 2020.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Retórica de ruptura e descontinuidade nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia da linguística. *Confluência*. Rio de Janeiro. n. 48. 2º semestre. 2015. p. 119-141.
<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/100/78>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 219-229.

BECCARI, Alessandro Jocelito. 2007. Uma abordagem da Gramática Especulativa de Thomas de Erfurt: antecedentes históricos, metalinguagem, classes do nome e do pronome, sintaxe. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

BECCARI, Alessandro Jocelito. 2013. Uma tradução da *Grammatica Speculativa* de Tomás de Erfurt para o português: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001*, Ministério da Educação – MEC e Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CES0492.pdf?query=Nome%20Social%20de%20Travestis%20e%20Transexuais. Acesso em: 31 ago. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 18, de 13 de março de 2002*, Ministério da Educação – MEC e Conselho Nacional de Educação, 2002. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CES0492.pdf?query=Nome%20Social%20de%20Travestis%20e%20Transexuais. Acesso em: 31 ago. 2022.

BORGES NETO, José. *O que é Filosofia da Linguística?* (tradução e adaptação da introdução "What is the Philosophy of Science?" de Hitchcock, C. (ed) *Contemporary debates in Philosophy of Science*, Malden, MA: Blackwell, 2004), 2008, p. 1-21.

BORGES NETO, José. Gramática tradicional e Linguística contemporânea: continuidade ou ruptura?. *Todas as letras – Revista de Língua e Literatura*. São Paulo, v.14. n.1, p. 87-98, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4549/3529>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CASTELLANOS PFEIFFER, C. R.. *Linguística e Institucionalização no espaço brasileiro*. (Apresentação de Trabalho/Congresso). 2008.

CASTILHO, Ataliba T.. Prefácio. In: *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

CAVALIERE, Ricardo. As fontes orais e sua relevância nos estudos linguístico-historiográficos. *D.E.L.T.A.*, 29:2, 2013, p. 363-377.

CAVALIERE, Ricardo. Em louvor a Evanildo Bechara. In: *Confluência*. n. 55. Rio de Janeiro, 2018.

CAVALIERE, Ricardo. O tema da influência em Historiografia da Linguística. In: *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. São Paulo: Pá de palavra, 2020.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 215-218.

COELHO, Olga Ferreira. 1998. Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira. Um Ensaio Historiográfico sobre o Papel da Liderança na Articulação de um Paradigma em Ciência da Linguagem. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo.

COELHO, Olga Ferreira. 2003. A anguzada lexicográfica luso-bundo-americana: língua e identidade nacional na segunda metade do século XIX. *Tese de Doutorado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo.

COELHO, O. F.. Os nomes da língua: configuração e desdobramentos do debate sobre a língua brasileira no século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 47, p. 139-160, 2008.

COELHO, O.; HACKEROTT, M. M. S. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, Adair V.; GÓIS, Marcos Lúcio S. (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 381-407.

COELHO, Olga Ferreira; DANNA, Stela Maris Detregiacchi Gabriel. História da língua portuguesa e historiografia linguística no Brasil em cinco gramáticas do século XIX. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 215-235, 2015.

COELHO, Olga; NÓBREGRA, Rogério; ALVES, Bruno Fochesato. A técnica de mapeamento de produção linguística: exemplificação em um estudo de caso. In: *Fontes para a Historiografia Linguística: caminhos para a pesquisa documental*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

CHOMSKY, Noam. Knowledge of History and Theory Construction in Modern Linguistics. In: *D.E.L.T.A.* v. 13, n. especial, 1997, p. 103-122.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. Apresentação. In: Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012, p.7-10.

DA FILOSOFIA à Linguística: um especialista em generalidade. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2h). Publicado pelo canal Dermeval da Hora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJkUjSao4-c> . Acesso em: 20 jul. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*. v. 2, nº 4, 2013, p. 19-34.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 44, n.1, 2009, p. 20-25.

FEHR, Johannes. Fleck, sua vida, sua obra. In: *Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012, p.35-50.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].

FRANCISCO Eduardo Vieira. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Abralín. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m6nQm3Zceq8> . Acesso em 29 jul. 2022.

GUEIROS, Leonardo da Silva. 2019. Da emergência à consolidação da tradição sociodiscursiva na pesquisa linguística brasileira e suas implicações para a reflexão sobre ensino de língua portuguesa (1970-1999). *Tese de doutorado*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

HYMES, D. Introduction: traditions and paradigms. In: *Studies in the History of Linguistics: traditions and paradigms*. ed. by Dell Hymes. Bloomington and London: Indiana University Press. 1974, p. 1-40.

IÓRIO, Patricia Leite Di. 2007. O ensino de língua portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico. *Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

IÓRIO, Patricia Leite Di; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. Napoleão Mendes de Almeida e a Gramática Metódica da Língua Portuguesa. In: *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

IÓRIO, Patricia Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria. O ensino de língua em Portugal na visão de Francisco Torrinha. In: *História entrelaçada, 4: os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

IÓRIO, Patrícia Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria. Ensino mútuo (séc. XIX) x multisseriado (séc. XXI): perspectivas da disciplina Língua Portuguesa no Nordeste. In: *Confluência*. Rio de Janeiro, n. 49 – 2.º semestre de 2015.

IÓRIO, Patrícia Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria. Pertença identitária no ensino de Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil no século XIX. In: *TODAS AS LETRAS*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 175-186, set./dez. 2016.

IÓRIO, Patricia Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria; ALMEIDA, Wemylla de Jesus; MESQUITA, Roberto Melo. “Estudo Dirigido de Português”, de Reinaldo Mathias Ferreira, Marco Inicial do Modelo de Livro Didático Atual. In: *Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. São Paulo: Terracota Editora, 2016. (Coleção entrelaçada, 7).

I WORKSHOP de Filosofia e História da Linguística (13/11 - Manhã). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (3h). Publicado pelo canal Pós-Graduação em Letras UFPR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5muPj0Huxtc&list=PLEVgJCQmQcyEVKdpFxdOakZO hZaBcQzoH&index=2> . Acesso em: 17 mar. 2022.

- KOERNER, E. F. K. Models in Linguistic Historiography. *In: Practicing Linguistic Historiography: selected essays*. Amsterdam: Philadelphia: Jonh Benjamins. 1989, p. 47-59.
- KOERNER, E. F. K. O problema da ‘influência’ na historiografia linguística. *In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1987]. p. 91-102.
- KOERNER, E. F. K. Historiografia Linguística. *In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1994]. p. 17-28.
- KOERNER, E. F. K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. *In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1995]. p. 45-63.
- KOERNER, E. F. K. Linguística e revolução: com especial referência à ‘revolução chomskyana’. *In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [2004]. p. 117-220.
- KOERNER, E. F. K.. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014a.
- KOERNER, E. F. K. História da Linguística. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 46, jan-jun. 2014b. p. 9-22.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1962].
- LAUDAN, Lerry. *O progresso e seus problemas: rumo a uma teoria do crescimento científico* [tradução Roberto Leal Ferreira]. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1978].
- LEITE, M. Q. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: Ronaldo Oliveira Batista. (Org.). *Historiografia da Linguística*. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 139-182.
- LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* [tradução Nícia Adan Bonatti]. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LÍNGUA, Diversidade e Ensino. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3h). Publicado pelo canal Dermeval da Hora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DispKCIItxE> . Acesso em: 21 jul. 2022.
- LUNA, José Marcelo Freitas. A contribuição de Vivien Law para a historiografia do ensino de línguas. In: *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. Org. Neusa Barbosa Bastos. São Paulo: EDUC, 2006.

LUNA, José Marcelo Freitas. Por uma historiografia da formação de professores de português como língua estrangeira. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, jul./dez. 2012, p. 61-79. Acesso em: 23 jul. 2022.

LUNA, José Marcelo Freitas. Uma historiografia do ensino de português: por uma perspectiva historiográfica na formação de professores de línguas. In: *Letras no terceiro milênio: diálogos multidisciplinares*. Vera Lucia Harabagi Hanna, organizadora. 1ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015.

LUNA, José Marcelo Freitas; BATISTA, Leonardo Machado. O Movimento de Reforma do Ensino de Línguas e as Metas Curriculares de Português – 130 anos que se relacionam. In: *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 158-174, set./dez. 2016. Acesso em: 23 jul. 2022.

LUNA, José Marcelo Freitas. Pelos 100 anos de um marco para o ensino de português como língua segunda/estrangeira. In: *Atos de Pesquisa em Educação*. Blumenau – vol. 11, n. 3, set./dez. 2016, p.779-794. Acesso em: 24 jul. 2022.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. In: *Linha d'Água*, n. 25 (2), 2012, p. 67-90.

MASTERMAN, Margaret. A natureza do paradigma. In: *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 72-108.

MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 179. 1994.

MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 159. 2000.

MORAES, Jorge Viana de. 2008. Língua, cultura e civilização: um estudo das ideias lingüísticas de Serafim da Silva Neto. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo.

MORAES, Jorge Viana de. 2016. Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a constituição de uma teoria da variação linguística. *Tese de Doutorado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo.

MORAES, J. V. Aspectos da variação linguística na Arte da Lingva de Angola de Pedro Dias de 1697 e na Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola de Héli Chatelain (1888/89). *REVISTA METALINGUAGENS*, v. Vol. 6, p. 10-37, 2020.

MURRAY, Stephen O. Theory Groups in Science. In: *Theory Groups and The Study of Language in North America*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia. 1994. p. 1-26.

NEUSA Maria Oliveira Barbosa Bastos. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2h). Publicado pelo canal Abralin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NVWzPLCwIS0> . Acesso em: 10 fev. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NOGUEIRA, Sônia Maria; NOGUEIRA JR., José Everaldo. Gramática e ensino de Português no Maranhão do século XIX: Grammatica Elementar da Língua Portuguesa, de Filipe Benicio de Oliveira Condurú. In: *História entrelaçada 2: a construção de gramática e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Neusa Barbosa Bastos, Dieli Vesaro Palma (orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

NOGUEIRA, Sônia Maria. Estudos historiográficos e o ensino de Língua Portuguesa. *CADERNOS DO CNLF (CIFEFIL)*, v. 4, p. 582-598, 2009.

NOGUEIRA, Sônia Maria. 2011. Língua portuguesa: o ensino primário em Portugal e Brasil, na segunda metade do século XIX, em uma perspectiva historiográfica. *Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

NOGUEIRA, Sônia Maria; MOREIRA, Roniela Almeida. Análise do discurso e historiografia linguística: materiais didáticos de língua portuguesa. In: *Revista Philologus*, Ano 23, Nº 69. Rio de Janeiro: CIFEFiL, set./dez. 2017.

NOGUEIRA, Sônia Maria. IÓRIO, Patrícia Leite Di; ALMEIDA, Wemylla de Jesus. Consciência lusófona em “uma política do idioma”, de Celso Cunha: uma análise historiográfica. In: *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 32, n. 2, p. 169-187, maio-ago. 2019.

NOGUEIRA, Sônia Maria. Nacionalismo nas obras do português Mário Duarte de Vasconcelos e do brasileiro João Ribeiro na década de 1920. In: *VERBUM*, v. 8, n. 1, p. 40-58, abr. 2019.

OLIVEIRA, Marcelo Jesus; NOGUEIRA, Sônia Maria. Análise do discurso no manual didático Português Linguagem, de Cereja e Cochar (2015) adotado em Açailândia-MA. In: *Revista A Palavrada*. N 14, V 01, ago-dez 2018.

OLIVEIRA, Marcelo Jesus; NOGUEIRA, Sônia Maria. Análise do discurso em manual didático de língua portuguesa do ensino fundamental em Açailândia/Ma. In: *VERBUM*, v. 9, n. 1, p. 324-338, mai. 2020.

OLIVEIRA, Meryane Sousa. A questão da história da língua portuguesa na Gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno: um estudo historiográfico. *Dissertação de mestrado*. UFPI. 2017, 111f.

OLIVEIRA, M. S.; ANJOS, M. A. L. As quase três décadas de produção em Historiografia Linguística brasileira: um panorama acerca da produção nacional. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 3, p. 0, 2021.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa (Orgs.). *Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. São Paulo: Terracota Editora (Coleção história entrelaçada, 7), 2016.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 211-214.

PLATAFORMA SUCUPIRA. *Qualis-periodicos* [s.d]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> . Acesso em: 13 jun. 2022.

POLACHINI, Bruna. Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa. *Tese de Doutorado*. FFLCH/USP, 2018, 458f.

POLACHINI, Bruna. A história serial como método para a história dos conhecimentos linguísticos. *Revista Porto das Letras*. v. 6. n. 5, 2020, p. 55-86.

PORTELA, J. C.. Sémiotique de la bande dessinée: regards sur la théorie franco-belge. *Signata - Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics*, v. 7, p. 391-407, 2016.

PORTELA, J. C. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *ESTUDOS SEMIÓTICOS (USP)*, v. 14, p. 138- 143, 2018.

REIS, José Carlos. História e verdade: posições. *Síntese-Rev. de Filosofia*. v.27. n. 89, 2000, p. 321-348.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 203-209.

ROVER, Ardinete; MELLO, Regina Oneda. *Normas da ABNT: orientações para a produção científica*. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHÄFER, Lothar; SCHENELLE, Thomas. Introdução: fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência. In: *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

SEBASTIÃO Elias Milani - Minicurso: Exercício metodológico da historiografia linguística (Dia 1). [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3h). Publicado pelo canal Seminário de Semiótica da Unesp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qyog1rlO5kE>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SILVA, Maurício; NOGUEIRA, Sônia Maria. Percurso gramaticográfico de Celso Cunha: da Gramática do português contemporâneo à Nova gramática do português contemporâneo. In:

História entrelaçada, 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX. Neusa Barbosa Bastos, Dieli Vesaro Palma (orgs.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Rodrigo Machado da. História da historiografia analítica e sentimental: proposições sobre distância histórica, nostalgia e visões da modernidade brasileira nos oitocentos. *Almanack*. Guarulhos, n. 23, 2019, p. 366-410.

SUGIYAMA JUNIOR, Enio. O ensino de linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística. *Tese de Doutorado*. FFLCH/USP, 2020, 279f.

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. [Trad. Aline Cruz] In Hüllen, Werner. ed. SWIGGERS, Pierre. 1990. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. [Trad. Aline Cruz] In Hüllen, Werner. ed. 1990. Understanding the historiography of Linguistics. Problems and Projects. Symposium at Essen, 23-25 november 1989, 21-34. Münster: Nodus, 1990.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas em la historiografía de la lingüística. *Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística*. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. 2004, p. 113-146.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*. I, 1, 2009, p. 67-76.

SWIGGERS, Pierre. Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminografie linguistiques. *Revista do Gel*. v.7, n.2, 2010a, p. 9-29.

SWIGGERS, Pierre. História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações. *Revista Eutomia* [tradução de Cristina Altman (USP)]. Ano III, v. 2. 2010b, p. 1-17.

SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: Objeto, Objetivos, Organização [trad. de Ricardo Cavaliere]. *Revista Confluência*. n. 44/45, 2013, p. 39-50.

SWIGGERS, Pierre. Entre Lovaina e São Paulo, através dos cinco sentidos da história. In: A historiografia lingüística no Brasil (1993-2018): Memórias, Estudos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

VIEIRA, Francisco Eduardo da Silva. 2015. Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização. *Tese de doutorado*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

ZANON, Marilena. 2007. Os manuais de correspondências comerciais (1950-2000): uma interpretação à luz da historiografia lingüística. *Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

REFERÊNCIAS DOS *CORPORA* ANALISADOS (ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVROS)²⁴¹

ALFARO, M. A. C. L.. El pensamiento lingüístico de Couto de Magalhães (1837-1898). *De Historiografía lingüística e historia de las lenguas*. 1ed. Cidade do México: Siglo XXI - Universidad Autónoma de México, 2004, v. 1, p. 247-269.

ALFARO, M. A. C. L.. Léxico, dicionários e tradução no período colonial hispânico. *Alea. Estudos Neolatinos*, v. 11, p. 309-320, 2009.

ALFARO, M. A. C. L.. Usos e funções das línguas na área andina: o Terceiro Concílio Limense. In: Alfaro, M.A.C.L; Maria Carlota Rosa; José Ribamar Bessa Freire. (Org.). *Políticas de Línguas no Novo Mundo*. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. 1, p. 41- 54.

ALFARO, M. A. C. L.; FREIRE, J. R. B.. Aryon Rodrigues e as Línguas Gerais na historiografia linguística. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)*, v. 30, p. 571-589, 2014.

ALTMAN, Cristina; CASTILHO, A. T.. Para a história da Associação Brasileira de Lingüística. *ABRALIN (Curitiba)*, Salvador, n.16, p. 21-37, 1994.

ALTMAN, Cristina. Trinta Anos de Lingüística Brasileira. Movimentos de Afirmação e autoafirmação Profissional. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)*, SAO PAULO, v. 10, n.2, p. 389-408, 1994.

ALTMAN, Cristina. Memórias da Lingüística na Lingüística Brasileira. *Revista da ANPOLL*, SAO PAULO, n.2, p. 173-189, 1996.

ALTMAN, Cristina. Da Insula Vera Crux a Terra Brasiliensis. Continuidades e descontinuidades na produção lingüística brasileira. *Linguistica (Madrid), Campinas*, v. 11, p. 13-25, 1999.

ALTMAN, Cristina. The Brazilian connection in the history of North American linguistics: The notebooks of Joaquim Mattoso Câmara (1943-1944). *Historiographia Linguistica*, Amsterdam, v. 26, n.3, p. 355-382, 1999.

ALTMAN, Cristina. Meeting Vivien Law. *Bulletin of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic ideas*, v. 39, p. 17-18, 2002.

ALTMAN, Cristina; HACHEROTT, Mercedes. Gel & Franchi: 30 anos juntos. *Revista do GEL (Araraquara)*, São Paulo, p. 11-14, 2002.

²⁴¹ As referências apresentadas correspondem a todos os materiais analisados nesta tese. Optou-se por apresentar as referências da produção por pesquisador, isso implica, em alguns casos, na repetição de algumas obras escritas em parceria. Além disso, registra-se o fato de que só constam listadas as obras a que se teve acesso e que foram efetivamente avaliadas.

ALTMAN, Cristina. A Conexão Americana: Mattoso Câmara e o Círculo Lingüístico de Nova Iorque. *DELTA*. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 20, p. 129-158, 2004.

ALTMAN, Cristina. Os eternos gramáticos -- algumas considerações sobre norma e prescrição lingüística. In: Dieli Vesaró Palma; Maria Mercedes Saraiva Hackerott; Neusa Barbosa Bastos; Rosemeire Leão Silva Faccina. (Org.). *80 anos. Homenagem a Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v., p. 69-84.

ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e Perspectivas da Historiografia Lingüística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Lingüística*, v. 1, p. 115-136, 2009.

ALTMAN, Cristina; COELHO, Olga. Por ocasião dos 40 anos da ABRALIN. In: Dermeval da Hora; Eliane Ferraz Alves; Lucienne C. Espíndola. (Org.). *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009, v., p. 261-283.

ALTMAN, Cristina. Colonialismo, Expedições Científicas e Linguística no Brasil do século XIX. *Eutomia* (Recife), v. 2, p. 1, 2010.

ALTMAN, Cristina. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá/Nheengatu. *Limite*, v. 6, p. 11-51, 2012a.

ALTMAN, Cristina. História, Estória e Historiografia da Linguística Brasileira. *Todas as Letras* (São Paulo. Impreso), v. 14, p. 14-378, 2012b.

ALTMAN, Cristina. A herança missionária na tradição gramatical do tupinambá: notícias de um projeto. In: Lagorio, Consuelo Alfaro; Rosa, Maria Carlota; Freire, José Ribamar Bessa. (Org.). *Políticas de Línguas no Novo Mundo*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012c, v., p. 179-215.

ALTMAN, Cristina. A descrição das línguas 'exóticas' e a tarefa de escrever a história da lingüística. *ABRALIN* (Curitiba), v. eletrônica, p. 209-230, 2013.

ALTMAN, Cristina. Sobre Mitos e História: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral. In: José Luiz Fiorin; Valdir do Nascimento Flores; Leci Borges Barbisan. (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013, v., p. 21-32.

ALTMAN, Cristina. A correspondência Jakobson-Mattoso Câmara (1945-1968). *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, v. 49, p. 9-42, 2015.

ALTMAN, Cristina. Saussure e o (Des)encontro de duas Gerações Acadêmicas no Brasil. *Signo y Señal - Revista del Instituto de Lingüística*, v. 30, p. 3-21, 2016.

ALTMAN, Cristina. Saussure, the Historian of Linguistics. In: Waldir Beividas; Ivã Carlos Lopes; Sémir Badir. (Org.). Cem anos com Saussure. *Textos de Congresso internacional*. Tomo II. 1ed. São Paulo: Annablume, 2016, v. II, p. 17-31.

ALTMAN, Cristina. Eugenio Coseriu entre a Filologia e a Linguística Brasileira (1950-1963). *Revista de la Academia Nacional de Letras*, v. 13, p. 97-117, 2017.

ALTMAN, Cristina. Zeitgeist. Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos. *CONFLUÊNCIA*, v. 55, p. 164- 182, 2018.

ALTMAN, Cristina. Filologia e Linguística brasileiras, mais uma vez. In: Sansone, Olga Coelho. (Org.). *A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2018)*. Memória, Estudos. 1ed. São Paulo: Pontes, 2018, v. 1, p. 43-64.

ALTMAN, Cristina. História, Estórias e Historiografia da Linguística Brasileira. In: Ronaldo de Oliveira Batista. (Org.). *Historiografia da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2019, v., p. 9-43.

ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos; OLIVEIRA, M. S.. Por que o português não veio do latim?: Uma análise historiográfica da gramática pedagógica do português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 15, p. 61-84, 2018.

ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos; OLIVEIRA, Meryane Sousa; SILVA, Raimunda da Conceição. O ensino de gramática a partir da análise da proposta pedagógica de Luiz Carlos Travaglia. *Revista do GEL* (Araraquara), v. 17, p. 36-60, 2020.

ARAKAKI, N. A.; SILVA, Mauricio. Bechara linguista: alguns fundamentos linguísticos da teoria gramatical de Evanildo Bechara. In: Dieli Vesaro Palma, Maria Mercedes S. Hackerott, Neusa Barbosa Bastos, Rosemeire Leão Silva Faccina. (Org.). *Homenagem: Evanildo Bechara 80 anos*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v. 1, p. 141-157.

ARAKAKI, N. A.; ZANON, M.. O ensino de Língua Portuguesa em Moçambique e a construção do império: a gramática de José Maria Relvas. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 4: os discursos das produções linguísticas gramaticais dos países lusófonos*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 1, p. 19-43.

ARAKAKI, N. A.; SANTOS, I.. Caçadas de Pedrinho: o discurso atualizado das tendências éticas brasileiras. *REVISTA ACADÊMICA ELETRÔNICA SUMARÉ*, v. 1, p. 1-8, 2011.

ARAKAKI, N. A.; DINIZ, Raquel. A tradição histórico-cultural e linguística da especialidade culinária da receita 'canja de galinha' em Portugal, Brasil e Moçambique. *CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS* (ONLINE), v. 11, p. 1-18, 2012.

ARAKAKI, N. A.; MESQUITA, Roberto; ALMEIDA, M. E. Gramática do Zé: nova perspectiva para o estudo da Gramática de Texto. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa B. Bastos. (Org.). *MADRE OLIVIA: uma linguista à frente do seu tempo*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 103-121.

ARAKAKI, N. A.; COSTA, Victor V.M.; MEDEIROS, M. A. S.. Língua Pátria de Maximiano Augusto Gonçalves: representatividade de construção cívica no material didático. In: Neusa Bastos e Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 6: Língua Portuguesa na década de 1960: língua, gramática e educação*. 1ed. Bonsucesso - Rio de Janeiro: Nova Fronteira Part SA, 2014, v. 1, p. 139-165.

ARAKAKI, N. A.; COSTA, VICTOR. Domicio Proença Filho: O Mestre da Pedagogia da Literatura. In: PALMA, Dieli; BASTOS, Neusa M. O.. (Org.). *História Entrelaçada 7 - Língua*

Portuguesa na década de setenta: Linguística, Gramática e Educação. 1ed.São Paulo: Terracota Editora, 2016, v. 1, p. 139-165.

ARAKAKI, N. A.; COSTA, V.. Estudos de língua portuguesa e Estudos de Redação, de Douglas Tufano: a gramática como ferramenta do ler e escrever bem. In: PALMA, Dieli V.; BASTOS, Neusa B.. (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua Portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota Editora, 2018, v. 1, p. 1-233.

BARROS, Cândida. A origem intelectual das orações em tupi de André Thevet e Yves d'Evreux (séculos XVI-XVII): algumas hipóteses. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 139-187, 2002.

BARROS, Cândida; LESSA, A. L. S.. Estudo preliminar de um dicionário português-tupi do período pombalino. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n.2, p. 73-94, 2005.

BARROS, Cândida. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política lingüística jesuítica no século XVIII na Amazônia. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, p. 125-152, 2005.

BARROS, Cândida; MONSERRAT, Ruth; MOTA, Jaqueline. Uma proposta de tradução do sexto mandamento de Deus em um confessionário Tupi da Amazônia de 1751. *TEMPO*. Revista do departamento de História da UFF, v. 13, p. 160-176, 2009.

BARROS, Cândida. O confessionário colonial como um gênero textual substituto do intérprete na confissão. In: Assunção, Fernandes e Loureiro. (Org.). *Ideias lingüísticas na Península Ibérica (séc.XIV a séc XIX): Projeção da Linguística Iberica na América Latina* (no prelo). Munster: Nodus-Verlag, 2010, v., p. 33-42.

BARROS, Cândida; MONSERRAT, Ruth. Notas sobre um catecismo manuscrito na língua geral vulgar da Amazônia (século XVIII). In: Alfaro, Consuelo; Rosa, Maria Carlota; Bessa Freire, José. (Org.). *Políticas de línguas no novo mundo*. 1ed.Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012, v., p. 1-275.

BASTOS, N. M. O. B.. Resgatando a Língua Portuguesa em textos de Mário de Andrade. *Revista do GELNE* (UFC), Fortaleza, v. 4, n.1/2, p. 146-149, 2002.

BASTOS, N. M. O. B.; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. Ensino de língua portuguesa e políticas lingüísticas: séculos XVI e XVII. In: Neusa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. 1ed.São Paulo: EDUC, 2002, v., p. 53-62.

BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Elos Portugal e Brasil: João de Barros e Anchieta. *Revista de Letras* (Fortaleza), Fortaleza, v. 1/2, p. 50-56, 2004.

BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Porta de línguas: gramáticas e ensino numa visão plurilíngue. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. 1ed.Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, v. 1, p. 45-74.

- BASTOS, N. M. O. B.. O fazer historiográfico em Língua Portuguesa. In: Neusa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa em calidoscópio*. 1ed.São Paulo - SP: EDUC / FAPESP, 2004, v. 1, p. 73-83.
- BASTOS, N. M. O. B.; NOGUEIRA, Sônia Maria. Língua Portuguesa no Maranhão: um percurso historiográfico. *Linha d'Água*, São Paulo, v. 1, p. 49-64, 2005.
- BASTOS, N. M. O. B.; IORIO, Patrícia Silvestre Leite Di; NOGUEIRA, Sônia Maria. Língua Portuguesa e Ensino (Século XIX e XX): Perspectivas Historiográficas. In: In HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília (orgs.). (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed Europa, 2005, v., p. 124-135.
- BASTOS, N. M. O. B.; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros: no caminho da lusofonia. In: Neusa Barbosa Bastos; Nancy dos Santos Casagrande. (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC - IPPUCSP, 2006, v. 1, p. 97-106.
- BASTOS, N. M. O. B.; BRITO, Regina Helena Pires de; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Gramaticografia novecentista: raízes maximinianas. In: Neusa Barbosa Bastos e Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História entrelaçada 2 - a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, v. 1, p. 61-81.
- BASTOS, N. M. O. B.. Gramaticografia portuguesa: séculos XVI e XIX. In: Leonor Lopes Favero, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Sueli Cristina Marquesi. (Org.). *Língua Portuguesa: pesquisa e ensino*. volume I. São Paulo: EDUC, 2007, v. 1, p. 141- 152.
- BASTOS, N. M. O. B.; BRITO, Regina Helena Pires de; SILVA, S. A.. O gramático Gladstone Chaves de Melo: um homem plural. In: Regina Helena Pires de Brito e Vera Lúcia Harabagi Hanna. (Org.). *História Entrelaçada 3 - a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Lucerna - IP-PUC/SP, 2008, v., p. 73-93.
- BASTOS, N. M. O. B.; IORIO, Patrícia Silvestre Leite Di; NOGUEIRA, S. M.. Auxiliando o docente: Guias de Estudo de Língua e Linguagem. In: Dieli Vesaro Palma, Maria Mercedes Hackerott, Neusa Barbosa Bastos, Rosemeire Faccina. (Org.). *Homenagem a Evanildo Bechara - 80 anos*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Lucerna, 2008, v. 1, p. 159-182.
- BASTOS, N. M. O. B.; FACCINA, Rosemeire Leão da Silva; PALMA, Dieli Vesaro. O grande professor eterno. In: Dieli Vesaro Palma, Maria Mercedes Hackerott, Neusa Barbosa Bastos, Rosemeire Faccina. (Org.). *Homenagem a Evanildo Bechara*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Lucerna, 2008, v. 1, p. 101-110.
- BASTOS, N. M. O. B.. Historiografia linguística: princípios e procedimentos. In: MARQUESI, Sueli Cristina e ANDRADE, Carlos Augusto Baptista de. (Org.). *Abordagens da linguística: caminhos para pesquisa*. São Paulo: Terracota, 2009, v., p. 69-84.
- BASTOS, N. M. O. B.. Uma reflexão sobre a ortografia - séculos XVI a XXI. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus e BOCCHESI, Jocelyne da Cunha. (Org.). *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: questões para além da escrita*. 1ed.Porto Alegre: PUCRS, 2009, v. 1, p. 47-62.

BASTOS, N. M. O. B.; BRITO, Regina Helena Pires de; COSTA, Luís; ARAÚJO, Carmen. O português em Timor-Leste, que futuro. In: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 4 - os discursos da produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v., p. 58-73.

BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Estudos de língua portuguesa novecentista: os discursos pedalinguísticos em Portugal e no Brasil - 1900 a 1920. In: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 4 - os discursos da produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 1, p. 20-41.

BASTOS, N. M. O. B.. Português do Brasil: historiografia linguística octocentista. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 5, p. 195-207, 2012.

BASTOS, N. M. O. B.. Revisitando a Gramatiquinha de Mário de Andrade. In: PRETOV et alli (Eds.). (Org.). *Avanços em Ciências da Linguagem*. 1ed.Faro/Pt: AIL/Através Editora, 2012, v. 1, p. 13-26.

BASTOS, N. M. O. B.. Língua Portuguesa: globalização e lusofonia. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. 1ed.SãoPaulo: EDUC - IPPUCSP, 2012, v. 1, p. 301-310.

BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, Sueli Cristina. Sintaxe-semântica e análise textual dos discursos: uma relação possível. In: Neusa Barbosa Bastos, Dieli Vesaro Palma. (Org.). *Madre Olívia - uma linguista à frente de seu tempo*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 85-102.

BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Madre Olívia: o perfil de uma professora em uma construção polifônica. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *Madre Olívia - uma linguista à frente de seu tempo*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 29-44.

BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. O contexto educacional e linguístico na década de 1950: legislação e conceitos. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 5: estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, v. 1, p. 35-59.

BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. História do presente e historiografia linguística: implicações. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 5: estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. 1ed.São Paulo: Nova Fronteira, 2012, v. 1, p. 17-34.

BASTOS, N. M. O. B.. Classes gramaticais: um tratamento historiográfico - século XX. Limite. *Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, v. 6, p. 237-258, 2013.

BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Historiografia Linguística e Estudos Culturais: outras implicações. In: Dieli Palma e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v. p. 3463-3812.

- BASTOS, N. M. O. B. NOGUEIRA JUNIOR, J. E.. Língua Portuguesa na década de 1960: um manual didático de curso colegial. In: Dieli Palma e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v., p. 368-615.
- BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. Capítulo de Apresentação. In: Dieli Palma e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v., p. 124-351.
- BASTOS, N. M. O. B.; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. O ensino de Língua Portuguesa em Portugal sob a égide de Salazar. In: Dieli Palma e Jeni Turazza. (Org.). *Educação Linguística e o ensino de Língua Portuguesa: algumas questões fundamentais*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2014, v., p. 137-150.
- BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Historiografia Linguística, História Cultural, Estudos Culturais: desafios teórico-metodológicos. *CONFLUÊNCIA (RIO DE JANEIRO)*, v. 49, p. 201-215, 2015.
- BASTOS, N. M. O. B.; BATISTA, R. O.. Linguística e história: limites e interseções nas fronteiras da Historiografia Linguística. In: Diana Luz Pessoa de Barros; José Gaston Hilbert; Maria Helena de Moura Neves; Ronaldo de Oliveira Batista. (Org.). *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*. 1ed.São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, p. 19-38.
- BASTOS, N. M. O. B.; BATISTA, R. O.. "Entre a história e a ciência: a constituição da historiografia da linguística como área de pesquisa e ensino nos estudos sobre a linguagem". In: Lucrécio Araújo Sá Júnior e Marco Antonio Martins. (Org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. 1ed.São Paulo: Blucher, 2016, v., p. 57-72.
- BASTOS, N. M. O. B.. Regina Pagliuchi em primeira pessoa. In: Turazza, Jeni e BUTTI, Cassiano. (Org.). *Estudos de Português Língua Estrangeira: homenagem à Prof^a Dr^a Regina Célia Pagliughì da Silveira*. 1ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. 1, p. 13- 26.
- BASTOS, N. M. O. B.; VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho. Língua Portuguesa na década de setenta: Compêndio Didático de Português ou de Comunicação e Expressão. In: Dieli Palma e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 7 - Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 77-100.
- BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. História, cultura e memória: fontes subsidiárias para estudos de Historiografia Linguística. In: Dieli Palma e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 7 - Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 17-32.
- BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. As ideias linguísticas de Duarte Nunes do Leão: contribuições à gramaticografia em língua portuguesa. *CONFLUÊNCIA*, v. 2, p. 35-34, 2017.

- BASTOS, N. M. O. B.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Estudos em Historiografia Linguística: uma abordagem interdisciplinar. In: Bastos e Palma. (Org.). *História entrelaçada 8 - Língua portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2018, v. 1, p. 17-32.
- BASTOS, N. B.; BATISTA, R. O.. Para uma história da didática do ensino de línguas pela perspectiva da Historiografia linguística. *Linguarum Arena*, v. 10, p. 57-70, 2019.
- BASTOS, Neusa Barbosa. PALMA, Dieli Vesaro. Historiografia Linguística: um percurso. *VERBUM - Cadernos de Pós Graduação*, v. 8, p. 6-18, 2019.
- BASTOS, N. B.. Letras: historiografia linguística e lusofonia em um percurso. In: Regina Brito Ana Lucia Pellegrino. (Org.). *Estudos textuais e discursivos em múltiplas perspectivas*. 1ed.São Paulo: Editora Mackenzie, 2019, v. 1, p. 223-239.
- BASTOS, N. B.; BATISTA, R. O.. Historiografia da Linguística e o ensino de língua como objeto de análise: considerações metodológicas. In: Ronaldo de Oliveira Batista e Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed.São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 53-76.
- BASTOS, N. B.. O fazer historiográfico: dimensões/parâmetros externos e internos. *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed.São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 97-117.
- BATISTA, R. O.. A 'língua de preto' e os métodos de descrição na Arte da Língua de Angola, de 1697. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), São Paulo, v. XXXI, p. 1-5, 2002.
- BATISTA, R. O.. O uso basta em artes de gramática jesuíticas do Brasil colonial. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Taubaté, 2003.
- BATISTA, R. O.. Regras gerais e comparações na Syntaxe da Arte da Língua de Angola. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Campinas, 2004.
- BATISTA, R. O.. Línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil Colonial. *Historiografia da Linguística Brasileira. Boletim VII*, São Paulo, p. 13-39, 2004.
- BATISTA, R. O.. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), São Paulo, v. 21, n.1, p. 1, 2005.
- BATISTA, R. O.. Formas da gramática renascentista: percepção e abordagem da diversidade linguística em Fernão de Oliveira. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 26, p. 345-364, 2010.
- BATISTA, R. O.. Em busca de uma história a ser contada: a recepção brasileira à Gramática Gerativa. *Revista da ANPOLL* (Impresso), v. 29, p. 1-34, 2010.
- BATISTA, R. O.. A gramática histórica no Brasil da década de 1930: uma análise em torno do argumento da influência. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13, p. 1-20, 2011.

- BATISTA, R. O.. Uma história dos estudos sobre a linguagem no Brasil: gramáticas coloniais, diversidade linguística e processos histórico-sociais. *Todas as Letras* (São Paulo. Impresso), v. 13, p. 114-129, 2011.
- BATISTA, R. O.. 'Manual de Linguística': homonímia ou polissemia na história. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 28, p. 129-160, 2012.
- BATISTA, R. O.. Língua, gramática e história: o ponto de vista diacrônico na gramaticografia brasileira do século XX. In: Bastos, N. B.. (Org.). *Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: EDUC, 2012, v., p. 121-135.
- BATISTA, R. O.; Santana, B.. Ensaio sobre a "Nova análise semântica" de Madre Olívia. In: Bastos, N. B.; Palma, D.. (Org.). *Madre Olívia: uma linguista à frente do seu tempo*. São Paulo: Terracota, 2012, v., p. 45-61.
- BATISTA, R. O.. Ruptura, Ironia e Negação: Uma Obra Não Canônica e Descontinuidades na História da Gramática. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 16, p. 90-105, 2014.
- BATISTA, R. O.. Uma técnica, um grupo e uma retórica: a Gramática Construtural na história da linguística brasileira. *Revista Letras* (Curitiba), v. 87, p. 39-66, 2014.
- BATISTA, R. O.; Tocaia, L. M.. Vozes oficiais do ensino: a didática da língua portuguesa como diretriz para professores na década de 1960. In: Neusa Bastos; Dieli Palma. (Org.). *História entrelaçada 6: língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v. 1, p. 100-120.
- BATISTA, R. O.. "Grammatica" é o talento de quem não tem talento: o methodo confuso de Mendes Fradique na década de 1920. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia*. 1ed. São Paulo: EDUC IP PUC SP, 2014, v. 1, p. 199- 216.
- BATISTA, R. O.. Retórica de ruptura e descontinuidade nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia da linguística. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 119-141, 2015.
- BATISTA, R. O.. A Historiografia da Linguística e a retórica dos linguistas: a força das palavras e seu valor histórico. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), v. 18, p. 301, 2016.
- BATISTA, R. O.. "Língua é estoque e estilo": o projeto da gramática construtural. In: Marco Antonio Martins et al.. (Org.). *Estudos Linguísticos: textos selecionados / Abralín - 2013*. 1ed.João Pessoa: Ideia, 2016, v. 1, p. 1548-1563.
- BATISTA, R.O.; Tocaia, L. M.. A dimensão comunicativa da linguagem no ensino de língua portuguesa: uma análise pela historiografia da linguística. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 7: língua portuguesa na década de 70 - linguística, gramática e educação*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 101-112.

BATISTA, R. O.. Forma vs. função na história da linguística brasileira: debates e retórica de ruptura uma interpretação pela historiografia da linguística. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 52, p. 9-32, 2017.

BATISTA, R. O.; VASCONCELOS, M. L.. O professor e o educador em Rubem Alves: história e ethos na educação brasileira. In: Batista, R.O.; Vasconcelos, M.L.M.C.; Bonito, H. (org.). (Org.). *Estudos linguísticos: língua, história, ensino*. 1ed. São Paulo: Mackenzie, 2017, v. 1, p. 235-248.

BATISTA, R. O.. Ideias linguísticas e sua história: modos de interpretar o conhecimento sobre a linguagem. In: Batista, R. O.; Vasconcelos, M.L.M.C.; Bonito, H. (org.). (Org.). *Estudos linguísticos: língua, história, ensino*. 1ed. São Paulo: Mackenzie, 2017, v. 1, p. 175-184.

BATISTA, R. O.. Bechara historiógrafo das ideias linguísticas: a revisão de uma tradição gramatical. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 55, p. 218-229, 2018.

BATISTA, R. O.. Semântica vs. Pragmática na história da linguística brasileira: debate e retórica de ruptura. *LÍNGUAS & LETRAS* (ONLINE), v. 19, p. 20-39, 2018.

BATISTA, R. O.. História da linguística e retórica revolucionária. *Revista Linguística* (Online), v. 34, p. 1-21, 2018.

BATISTA, R. O.. 'A cada um convém uma coisa': debate e polêmica em torno da sociolinguística paramétrica na história da linguística brasileira. *ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA* (UNESP. ONLINE), v. 62, p. 255-276, 2018.

BATISTA, R. O.. Modos de ensinar ciência da linguagem no Brasil: livros e ideias linguísticas no século XX. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa: história, memória e interseções lusófonas*. 1ed. São Paulo: Educ, 2018, v. 1, p. 249-284.

BATISTA, R. O. Ensino de língua, livros didáticos e história. *Revista Linha D'Água*, v. 32, p. 155- 174, 2019.

BATISTA, R. O.. As tarefas da linguística brasileira: ciência, história e identidade social. *Revista da ABRALIN*, v. 18, p. 1- 34, 2019.

BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B.. Para uma história da didática do ensino de línguas pela perspectiva da Historiografia Linguística. *Linguarum Arena*, v. 10, p. 57-70, 2019.

BATISTA, R. O.. A construção polêmica da ciência: debates e retórica de ruptura na história da linguística brasileira. *VERBUM - Cadernos de Pós Graduação*, v. 8, p. 19-39, 2019.

BATISTA, R. O.; SILVA, E. C.. Halliday e sua retórica: posicionamentos teóricos na linguística moderna. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 56, p. 133-154, 2019.

BATISTA, R. O.. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: Ronaldo de Oliveira Batista. (Org.). *Historiografia da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2019, v. 1, p. 81-114.

BATISTA, R. O.. Historiografia da linguística: o estudo da história do conhecimento sobre a linguagem (versão eletrônica de capítulo publicado em volume impresso). In: Brito, R.H.P.; Trevisan, A.L.; Nepomuceno, M.. (Org.). *Estudos textuais e discursivos em múltiplas perspectivas*. 1ed.São Paulo: Mackenzie - Capes/Proex, 2019, v., p. 261-282.

BATISTA, R. O. Retóricas revolucionárias na linguística: recepção de teorias e novidade científica. *Forma y función*, v. 33, p. 41-61, 2020.

BATISTA, R. O.. Historiografia da Linguística e Sociologia da Ciência. In: Batista, Ronaldo de Oliveira; Bastos, Neusa Barbosa. (Org.). *Questões em Historiografia da Linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed.São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 119-127.

BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B.. Historiografia da Linguística e o ensino de língua como objeto de análise: considerações metodológicas. In: Batista, Ronaldo de Oliveira; Bastos, Neusa Barbosa. (Org.). *Questões em Historiografia da Linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed. São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 42-59.

BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B.. Historiografia da Linguística e Cristina Altman (versão em ebook de livro impresso). In: Batista, Ronaldo de Oliveira; Bastos, Neusa Barbosa. (Org.). *Questões em Historiografia da Linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed. São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 3-9.

BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B.. História e Historiografia da Linguística: um mapa de orientação (versão em ebook do livro impresso). In: Batista, Ronaldo de Oliveira; Bastos, Neusa Barbosa. (Org.). *Questões em Historiografia da Linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed.São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 24-41.

BATISTA, R. O; TOCAIA, L. M.. Ensino de língua portuguesa e um diálogo com a semiótica discursiva na década de 1990: Leitura do mundo, de Norma Discini e Lúcia Teixeira. In: Palma, Dieli Vesaro; Bastos, Neusa Maria Barbosa. (Org.). *História entrelaçada 9: língua portuguesa na década de 1990: linguística, gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Pá de palavra, 2020, v. 1, p. 65-80.

BECCARI, A. J.. A teoria do caso de Tomás de Erfurt (c.1310): um exemplo de progresso relativo na história dos estudos da linguagem. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 41, p. 572-587, 2012.

BECCARI, A. J.; LEAL, E. S.. Uma breve revisão dos antecedentes históricos da pressuposição de dois níveis da linguagem na sintaxe das gramáticas racionalistas portuguesas do final do século XVIII. In: Polachini, B.; Crudis, J.; Borges, P.; Danna, S. M.. (Org.). *Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH*. 1ed.São Paulo: 2015, v. 1, p. 54-70.

BECCARI, A. J.. A eloquência do vernáculo na aurora do humanismo. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 55, p. 250-259, 2016.

BECCARI, A. J.. Os estudos da linguagem na Idade Média: as ideias sobre sintaxe do Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS* (SÃO PAULO. 1978), v. 46, p. 172-186, 2017.

BECCARI, A. J.. A ontologia do fonema na linguística construtural de Mattos (1931-2014) e Back (1923-2003). *Revista do GEL*, v. 14, p. 133, 2017.

BECCARI, A. J.. Noções fundamentais da sintaxe lógico-metafísica do Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa. *SIGNUM - REVISTA DA ABREM*, v. 19, p. 107-127, 2018.

BECCARI, A. J.. Retórica E Gramática Especulativa: Método Escolástico e Discurso Gramatical. *LÍNGUAS & LETRAS (ONLINE)*, v. 19, p. 59-76, 2018.

BECCARI, A. J.; BINATO, C. V. P.. A importância do latim e do grego clássico para o professor de língua portuguesa. In: FERREIRA, E. A. G. R.; CARVALHO, K. C. H. P. (Org.). *Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa: diálogo entre a escola e a língua portuguesa*. 1ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2018, v., p. 143-154.

BECCARI, A. J.; COELHO, A. M. R.; MORAES, C. E. M.. Epistolae Iapanicae: cartas dos primeiros jesuítas no Japão. *CALIGRAMA (UFMG)*, v. 24, p. 67-84, 2019.

BECCARI, A. J.. Uma tradução em andamento das cartas da missão jesuítica no Japão. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)*, v. 48, p. 23-39, 2019.

BECCARI, A. J.. Historiografia dos fundamentos da gramática tradicional: uma primeira abordagem de três textos medievais portugueses. In: FERREIRA, Eliane A. G. R.; RAMOS, K. A. H. P.; Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho (Org.). *Novas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa: diálogos entre escola e universidade*. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v., p. 157-171.

BORGES NETO, J.; ALTMAN, M. C. F. S.; FRANCA, A. M. R.; SANTOS, L. G. P.; SOUZA FILHO, D.M.; COELHO, O. F. História, Histórias e Historiografia da Linguística Brasileira. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 25, p. 74-83, 1996.

BORGES NETO, J.. Para uma história da lingüística no Brasil. *Revista Letras (Curitiba)*, Curitiba, v. 51, p. 133-139, 2000.

BORGES NETO, J.. Um capítulo da história da lingüística: a semântica gerativa. In: Ligia Negri; Maria José Foltran; Roberta Pires de Oliveira. (Org.). *Sentido e Significação*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2004, v. 1, p. 181-216.

BORGES NETO, J.. História da Lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, São Paulo, v. XXXIV, p. 4-13, 2005.

BORGES NETO, J.. A teoria da linguagem de Fernão Oliveira. In: Abaurre, M.B.; Pfeiffer, C.; Avelar, J.. (Org.). *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas - SP: Pontes, 2009, v., p. 43-51.

BORGES NETO, J.. Gramática Tradicional e Linguística Contemporânea: continuidade ou ruptura?. *Todas as Letras*, v. 14, p. 87-98, 2012.

BRITO, R. H. P.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Gramaticografia novecentista: raízes maximinianas. In: Neusa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada II*. 1ed.São Paulo: Editora Lucerna, 2006, v. 1, p. 61-81.

BRITO, R. H. P.; BASTOS, N. M. O. B.; COSTA, L.; ARAUJO, C.. O português em Timor-Leste, que futuro. In: Neusa Bastos; Dieli Palma. (Org.). *História entrelaçada 4*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 4, p. 61-78.

BRITO, R. H. P.; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Gramática? Língua? Cultura? Reconhecendo a opressão. Optando pela liberdade. In: BASTOS, N. M.; PALMA, D. V.; FACCINA, R.L.S.; HACKEROTT, M. M. S.. (Org.). *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v. 1, p. 111-123.

BRITO, R. H. P.; CASAGRANDE, N. S.; ZANON, M. Jânio Quadros e o Curso prático de língua portuguesa e sua literatura. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Palma. (Org.). *História Entrelaçada 6*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v., p. 97-112.

BRITO, R. H. P.; VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. Olhares sobre a língua nacional no Brasil independente. *Confluência*, v. 48, p. 153-165, 2015.

BRITO, R. H. P.. Contributos historiográficos para uma ideia de lusofonia. In: Assunção; Fernandes; Kemmler. (Org.). *Tradition and innovation in the History of Linguistics*. 1ed. Münster: Nodus Publikationen, 2016, v., p. 40-49.

BRITO, Regina Helena Pires de; CIRIACO, M. I.; Padovani, M.. A palavra é português: uma proposta de ensino de LP. In: Palma, D. ç Bastos, N. (Org.). *História Entrelaçada 9 - Linguística, gramática, redação e ensino*. 1ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, v. 1, p. 183-201.

CASAGRANDE, N. S.; BASTOS, N. M. O. B.. Ensino de Língua Portuguesa e políticas lingüísticas: século XVI e XVII. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. 1ed.São Paulo: EDUC, 2002, v., p. 53-62.

CASAGRANDE, N. S.. A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira: desvelando a relação entre gramática e ensino no século XVI. In: Bastos, Neusa B.; Palma, Dieli V. (Org.). *História Entrelaçada: A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa do Século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004, v., p. 25-43.

CASAGRANDE, N. S.; BASTOS, N. M. O. B.. Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros: no caminho da Lusofonia. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa - Reflexões Lusófonas*. São Paulo: Editora PUC/SP-EDUC, 2006, v., p. 97-105.

CASAGRANDE, N. S.; FACCINA, Rosemeire. A Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira: uma abordagem historiográfica. In: Neusa Barbosa Bastos e Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada II: A construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do séc. XX*. Rio de Janeiro: Lucerna Editora, 2006, v. 02, p. 82-101.

CASAGRANDE, N. S.; PALMA, Dieli; BASTOS, N. M. O. B.; FACCINA, Rosemeire; HACKEROTT, M. M.. Evanildo Bechara: o professor-gramático em sala de aula. In: BASTOS, Neusa Barbosa; FACCINA, Rosemeire Leão Silva; HACKEROTT, Maria

Mercedes Saraiva; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *80 anos - homenagem: Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, v., p. 183-197.

CASAGRANDE, N. S.; FACCINA, Rosemeire; HANNA, V. L. H.. Evanildo Bechara e a Moderna Gramática Portuguesa: uma abordagem historiográfica. In: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 3 - A construção das Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, v. 3, p. 139-156.

CASAGRANDE, N. S.. A política educacional no estado novo em Portugal: reflexos no ensino da língua portuguesa. *Verbum* (UnP), v. 1, p. 4-13, 2012.

CASAGRANDE, N. S.; BASTOS, N. M. O. B.. A política educacional no estado novo em Portugal: reflexos no ensino de língua portuguesa. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: EDUC - IP-PUC/SP, 2012, v., p. 187-198.

CASAGRANDE, N. S.; FRANCO, M. I. S. M.; HACKEROTT, M. M.; NOGUEIRA JR., JOSÉ EVERALDO; CONTIN, Valdete; GEBARA, Ivone; Palma, Dieli; BASTOS, N. M. O. B.. Madre Olívia por ela mesma: seus poemas. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Madre Olívia: Uma linguista à frente do seu tempo*. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 9-16.

CASAGRANDE, N. S.; BASTOS, N. M. O. B.; NOGUEIRA JR. ; Palma, Dieli; TURAZZA, J. S.; VASCONCELOS, M. L. M. C. ; MOREIRA, V. . O Ensino de Língua Portuguesa em Portugal sob a égide de Salazar. In: Dieli Vesaro Palma; Jeni Silva Turazza. (Org.). *Educação Linguística e o Ensino de Língua Portuguesa: algumas questões fundamentais*. 1ªed. São Paulo: Terracota, 2014, v., p. 137-150.

CASAGRANDE, N. S.; BRITO, R. H. P.; ZANON, M.; PALMA, Dieli; BASTOS, N. M. O. B.; SANTOS, J. L.; DIORIO, P. S. L.. Jânio Quadros e o "Curso Prático de Língua Portuguesa e sua literatura". In: BASTOS, N.; PALMA, D. (Org.). *História Entrelaçada 6 - Língua Portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e Educação*. 1ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Ebook, 2014, v., p. 97-112.

CASAGRANDE, N. S.; PALMA, Dieli. Fatos da Língua Portuguesa, de Mário Barreto: uma perspectiva historiográfica. *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, v. 48, p. 124-151, 2015.

CASAGRANDE, N. S.; BRITO, R. H. P.; ZANON, M.. Dino Preti e sua obra na década de 1970: Aprendendo Português - Lições de Língua, Comunicação e Expressão. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 7: Língua Portuguesa na década de 70: Linguística, Gramática e Educação*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2016, v. 7, p. 183-195.

CASAGRANDE, N. S.; PALMA, Dieli; BATISTA, Ronaldo; BASTOS, N. M. O. B.. Os princípios da análise historiográfica e a contribuição de Cristina Altman para a Historiografia da Linguística no Brasil. *Questões em Historiografia da Linguística - homenagem a Cristina Altman*. 1ed. São Paulo: Parábola Editora, 2020, v. 1, p. 77-96.

- CASAGRANDE, N. S.; BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli; ARAKAKI, N.; DIORIO, P. S. L.. Análise, linguagem e pensamento: uma proposta inovadora ou uma antologia renovada?. *Língua portuguesa na década de 1990: Linguística, gramática, redação e educação*. 1ed.São Paulo: Parábola Editora, 2020, v. 9, p. 123-142.
- CAVALIERE, R. S.. Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros. *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 43-55, 2001.
- CAVALIERE, R. S.. O epítome de Antonio Moraes Silva da Historiografia Gramatical Brasileira. *Confluência (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 25-26, p. 215-223, 2003.
- CAVALIERE, R. S.. Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. *Confluência (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 42-65, 2003.
- CAVALIERE, R. S.. Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. In: Cláudio Cezar Henriques. (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003, v., p. 322-339.
- CAVALIERE, R. S.. Antonio de Moraes Silva e os Estudos gramaticais do Século XVIII. In: Werner Thielemann. (Org.). *Século das Luzes: Portugal e espanha, o Brasil e a Região do rio de Prata*. Frankfurt am Main: TFM - Teo oFerrer de Mesquita, 2006, v., p. 537-540.
- CAVALIERE, R. S.. Os estudos historiográficos de Antenor Nascentes. *Confluência (Rio de Janeiro)*, v. 32, p. 65-72, 2007.
- CAVALIERE, R. S.. O corpus de língua literária na tradição gramatical. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 12-1, p. 173- 181, 2008.
- CAVALIERE, R. S.. Os primeiros ensaios de Evanildo Bechara. In: PALMA, Dieli Vesaro; HACKEROTT; Maria Mercedes Saraiva; BASTOS, Neusa Barbosa; FACCINA, Rosemeire Leão Silva. (Org.). *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, v., p. 85-100.
- CAVALIERE, R. S.. A metalinguagem ortográfica na tradição gramatical brasileira. In: SILVA, Maurício da. (Org.). *Ortografia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, v., p. 149-164.
- CAVALIERE, R. S.. A linguística e a filologia em Evanildo Bechara. *Confluência (Rio de Janeiro)*, v. 35/36, p. 193-199, 2011.
- CAVALIERE, R. S.. A gramaticografia no Brasil: tradição e inovação. *Limite: revista de estudios portugueses y de la lusofonía*, v. 6, p. 217-236, 2012.
- CAVALIERE, R. S.. As fontes orais e sua relevância nos estudos linguístico-historiográficos. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)*, v. 29, p. 363-377, 2013.
- CAVALIERE, R. S.. O gramático, o linguista e o falante. *Revista Brasileira*, v. 2, p. 61-76, 2013.

- CAVALIERE, R. S.. Vertentes da sociolinguística no Brasil. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 4, p. 612, 2014.
- CAVALIERE, R. S.. Um passo da descrição do verbo em Júlio Ribeiro. *Idioma*, v. 28, p. 70-81, 2015.
- CAVALIERE, R. S.. Um texto gramatical anônimo do início do século XX. In: Neusa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia: História, Cultura e Sociedade*. 1ed. São Paulo: EDUC, 2016, v. 1, p. 45-65.
- CAVALIERE, R. S.. O passo inaugural da linguística teórica no Brasil. *Revista todas as letras* (MACKENZIE. Online), v. esp., p. 95-110, 2017.
- CAVALIERE, R. S.. O conceito de gramática no percurso da gramaticografia brasileira do século XX. *Revista Argentina de Historiografía Linguística*, v. 7, p. 115-125, 2017.
- CAVALIERE, R. S.. Em louvor a Evanildo Bechara. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 1, p. 7-16, 2018.
- CAVALIERE, R. S.. Notes on the Description of the Verb in Five 19th Century Brazilian Grammars. *Dossiers d'HEL SHESL*, v. 12, p. 57-68, 2018.
- CAVALIERE, R. S.. A Noção de conectivo nas gramáticas brasileiras do século XIX. *FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA PORTUGUESA*, v. 20, p. 9-30, 2018.
- CAVALIERE, R. S.. O estruturalismo chega ao Brasil: Manuel Said Ali e Joaquim Mattoso Câmara Jr.. In: BASTOS, Neusa Barbosa. (Org.). *Língua portuguesa: história, memória e intersecções lusófonas*. 1ed. São Paulo: EDUC IP-PUC-SP, 2018, v. 1, p. 103-120.
- CAVALIERE, R. S.. As partes do discurso na Gramática Elementar Portuguesa, de Antônio Estevão da Costa e Cunha. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BATISTA, Ronaldo de Oliveira; PEREIRA, Helena Bonito. (Org.). *Estudos linguísticos: língua, história, ensino*. 1ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018, v. 1, p. 185-204.
- CAVALIERE, RICARDO. O nome da língua no Brasil oitocentista. *LINHA D'AGUA*, v. 32, p. 81-106, 2019.
- CAVALIERE, R. S.. O horizonte de retrospectiva em Evanildo Bechara. In: SANTOS, Denise Salim; BARBOSA, Flávio de Aguiar; HUE, Sheila. (Org.). *O sentimento da língua: homenagem a Evanildo Bechara - 90 anos*. 1ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020, v. 1, p. 211-219.
- COELHO, O. F.; FRANCA, A.; ALTMAN, C.; GIMENES, L.. Mapeamento Historiográfico da Produção Lingüística nos 25 do GEL. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), São Paulo, v. 1, n.1, p. 50-57, 1995.
- COELHO, O. F.; ALTMAN, M. C. F. S.; FRANCA, A. M. R.; SANTOS, L. G. P.; SOUZA FILHO, D. M.; BORGES NETO, J.. História, Histórias e Historiografia da Linguística Brasileira. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 25, p. 74-83, 1996.

COELHO, O. F.. Como se fazia uma Tese. A Execução do Trabalho Acadêmico com a Linguagem, segundo Silva Neto em Rumos Filológicos (1942). *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 1, n.1, p. 574-579, 1998.

COELHO, O. F.. Produção Científica e Profissionalização do Especialista em Estudos da Linguagem no Brasil (1910-1960). *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 1, n.1, p. 443-448, 1999.

COELHO, O. F.. Léxico, ideologia e a historiografia lingüística do século das identidades. *Revista Letras* (Curitiba), Curitiba, v. 1, n. especial, p. 153-166, 2003.

COELHO, O. F.. Nuances do Etnocentrismo em Descrições do Português do Brasil. *Boletim Historiografia Lingüística*, São Paulo, v. VII, n.1, 2004.

COELHO, O. F.. Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da lingüística sincrônica no Brasil (1940-1960). *Confluência* (Rio de Janeiro), RJ, Liceu Literário Português, v. 1, n.27 e 28, p. 95-104, 2005.

COELHO, O. F.. Os nomes da língua: configuração e desdobramentos do debate sobre a língua brasileira no século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 47, p. 139-160, 2008.

COELHO, O. F.. Uma pequena notável: os primeiros anos da Revista do GEL. In: Brunelli, Anna Flora; Komesu, Fabiana Cristina; Bastos, Sandra Denise; Gonçalves, Sebastião Carlos. (Org.). *GEL: 40 anos de História na Linguística Brasileira*. 1ed. São Paulo: Paulistana, 2009, v. 1, p. 65-73.

COELHO, O. F.; ALTMAN, C.. Por ocasião dos 40 anos da Abralin. In: Dermeval da Hora; Eliane Ferraz Alves; Lucienne Espíndola. (Org.). *Abralin 40 anos em Cena*. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, v. 1, p. 261-283.

COELHO, O. F.; DANNA, S.. A questão do artigo em gramáticas iberoamericanas do Período Colonial. *Linguagem em Foco*, v. 2, p. 169-180, 2010.

COELHO, O. F.. Metalinguagem e descrição lingüística: breve análise de uma gramática do português. In: Assunção, Carlos; Fernandes, Gonçalo; Loureiro, Marlene. (Org.). *Ideias lingüísticas na Península Ibérica*. 1ed. Münster: Nodus Publikationen, 2010, v. 1, p. 119-127.

COELHO, O. F.. O Português do Brasil em Macedo Soares (1938-1905). *LIMITE - REVISTA DE ESTUDIOS PORTUGUESES Y DE LA LUSOFONIA* (ONLINE), v. 6, p. 199-215, 2012.

COELHO, O. F.; BORGES, P.. O metatermo caso em duas gramáticas brasileiras do Período Colonial. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 14, p. 167-175, 2012.

COELHO, O. F.; HACKEROTT, M. M.. Historiografia Lingüística. In: Adail Vieira Gonçalves e Marcos Lúcio de Souza Góis. (Org.). *Ciências da linguagem. O fazer científico?*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 381-.

COELHO, O. F.; DANNA, Stela Maris Detregiacchi Gabriel. História da língua portuguesa e historiografia linguística no Brasil em cinco gramáticas do século XIX. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 1, p. 215-235, 2015.

COELHO, O. F.; DANNA, S.; POLACHINI, Bruna. O português do Brasil em gramáticas brasileiras do século XIX. *CONFLUÊNCIA* (RIO DE JANEIRO), v. 1, p. 115-141, 2015.

COELHO, O. F.; CRUZ, A.. Lucy Seki (1939-2017) em primeira pessoa do singular. *LIAMES*, v. 18, p. 414-428, 2018.

COELHO, O. F.. Filologia, Linguística e Historiografia Linguística. In: Olga Coelho. (Org.). *A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2018)*. Memória, Estudos. 1ed. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 65-79.

COELHO, O. F.; SILVA, W. S.. Páginas de história da terminologia relativa ao português brasileiro. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *História do português brasileiro, Vol. 1: O Português brasileiro em seu contexto histórico*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2018, v. I, p. 72-96.

COELHO, Olga Ferreira. 50 anos do GEL: caminhos da linguística no Brasil. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS* (SÃO PAULO. 1978), v. 49, p. 22-35, 2020.

FARACO, C. A.. Gramática e ensino. *DIADORIM* (RIO DE JANEIRO), v. 19.2, p. 11-26, 2018.

FARACO, C. A. Por que precisamos de (novas) gramáticas normativas? *Página do grupo de pesquisa "HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq)*. Postado em 13/05/2020.

GIMENES, Luciana. Categorização gramatical e lexical do nome em descrições do tupinambá e do Guarani dos séculos XVI e XVII. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 8, p. 103-109, 2006.

GIMENES, Luciana; CRISTINO, B.; ALTMAN, C.; TASHIRO, E. A.; STUTZ, E.; COELHO, O.; BATISTA, R.; PARADA, V.. O Tratamento da Diversidade Linguística. In: Ligia Maria Campos Imaguire. (Org.). *As Línguas do Brasil - tipos, variedades regionais e modalidades discursivas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001, v., p. -.

GIMENES, Luciana. Fontes para a historiografia linguística do Brasil quinhentista: materiais de análise. In: José Ribamar Bessa Freire; Maria Carlota Rosa. (Org.). *Línguas Gerais. Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, v., p. 25-41.

GUEIROS, L.; VIEIRA, F. E.. Historiografia da Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: da gramática tradicional à tradição sociodiscursiva. In: Ronaldo de Oliveira Batista, Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. 1ed. São Paulo: Pé de Palavra, 2020, v., p. 215-255.

HACKEROTT, M. M. S.; ALTMAN, C.. GEL & Carlos Franchi: 30 anos juntos. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 1, p. 11-21, 2002.

HACKEROTT, M. M. S.. Divergências entre os dicionários portugueses do século XVI ao início do século XIX. *Historiografia da Lingüística Brasileira - BOLETIM VII*, São Paulo, v. 7, p. 147-163, 2004.

HACKEROTT, M. M. S.. As lições de Said Ali (1861-1953): uma abordagem historiográfica. In: BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, D. V.. (Org.). *História entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v., p. 19-45.

HACKEROTT, M. M. S.. A ortografia de Verney (1746): um detalhe relevante. *Revista do GEL*, v. 7, p. 71-89, 2010.

HACKEROTT, M. M. S.; SANTOS, J. L. dos. Carrossel de cartilhas. In: BASTOS, N. M. O. B. ; PALMA, D.V.. (Org.). *História Entrelaçada 4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 1, p. -.

HACKEROTT, M. M. S.. Said Ali e a acentuação: primórdios da Linguística no Brasil. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 3, p. 51-64, 2011.

HACKEROTT, M. M. S.. Reflexões sobre a linguagem em sermões e cartas do padre Antônio Vieira. In: LAGORIO, M. C. A.; ROSA, M. C.; FREIRE, J. R. B. (Org.). *Políticas de línguas no novo mundo*. 1ed.Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, v. 1, p. 87-125.

HACKEROTT, M. M. S.; COELHO, O. F.. Historiografia Linguística. In: Adair Vieira Gonçalves; Marcos Lúcio de Sousa Góis. (Org.). *Ciências da Linguagem: O Fazer Científico?*. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 381-407.

HACKEROTT, M. M. S.; FRANCO, M. I. M.. Rede entre professores de português: um veículo para a renovação do ensino. In: Neusa Bastos; Dieli Palma. (Org.). *Madre Olívia uma linguista à frente de seu tempo*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 143-154.

HACKEROTT, M. M. S.; NOGUEIRA JUNIOR, J. E.. Madre Olívia: primeiro, a pessoa. In: Neusa Maria Bastos; Dieli Palma. (Org.). *Madre Olívia: uma linguista à frente do seu tempo*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 17-24.

HACKEROTT, M. M. S.; ALMEIDA, M. E.. Mattoso Camara: da gramática do Curso da língua pátria ao Manual de expressão oral e escrita. In: BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, D.V.. (Org.). *História entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v., p. 65-.

HACKEROTT, M. M. S.; CATALANO, C.V.. A Novíssima Gramática da Língua Portuguesa sob a influência da LDB/1971. In: PALMA, D. V ; BASTOS, N.M.O.B.. (Org.). *Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação (Coleção história entrelaçada 7)*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 33-47.

HANNA, V. L. Harabagi; BARBOSA, Bastos Neusa; PIRES, Brito Regina Helena. Gramaticografia novecentista: raízes maximinianas. In: Bastos, Neusa Barbosa; Palma, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 2 - A Construção de Gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do Século XX*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006, v. 1, p. 61-81.

HANNA, V. L. Harabagi; FACCINA, Rosemeire da Silva Leão; CASAGRANDE, N. S.. Evanildo Bechara e a Moderna Gramática Portuguesa: uma abordagem historiográfica. In: Neusa Maria de Oliveira Bastos, Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 3 - A construção da gramática ee o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v. 1, p. 139-156.

HANNA, V. L. Harabagi; BRITO, Regina Helena Pires de. Gramática? Língua? Cultura? Reconhecendo a opressão. Optando pela liberdade. In: Neusa Barbosa Bastos et. alii. (Org.). *Homenagem: 80 Anos de Evanildo Bechara*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v. 1, p. 111-122

HANNA, V. L. Harabagi; CASAGRANDE, N. S.. Cartilha Maternal ou A Arte de Leitura, um novo método de leitura, do poeta português, João de Deus. In: BASTOS Neusa Barbosa e PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 4 - os discursos da produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, v. 1, p. 114-132.

HANNA, V. L. Harabagi; BASTOS, Neusa M. Oliveira. Historiografia Linguística e Estudos Culturais: outras implicações. In: Neusa Barbosa Bastos e Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 6 Língua Portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v. 1, p. 1-13.

HANNA, V. L. Harabagi; BASTOS, Neusa Maria O. B.. Historiografia linguística, história cultural, estudos culturais: desafios teórico-metodológicos. *Confluência*, v. 49, p. 201-214, 2015.

HANNA, V. L. Harabagi; BASTOS, Neusa M. Oliveira Barbosa. História, Cultura e Memória: fontes subsidiárias para estudos em Historiografia Linguística. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 7 - Língua Portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. 1ed. São Paulo: Terracota Editora, 2016, v. 1, p. 17- 31.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.; BASTOS, N. M. O. B.. Língua Portuguesa e ensino (século XIX e XX): Perspectivas Historiográficas. In: Cláudio Cezar Henrique e Darcília Simões. (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. 1ed. Rio de Janeiro: Europa, 2005, v., p. 124-135.

IÓRIO, P. L.; FRANCO, M. I. S. M.. Napoleão Mendes de Almeida e a Gramática Metódica da Língua Portuguesa. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa na 1ª metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, v. p. 118-141.

IÓRIO, P. L.; BASTOS, N. M. O. B.; NOGUEIRA, S. M.. Auxiliando o docente: guias de estudo de língua e de linguagem. In: BASTOS, N. M. O. B.; HACKEROTT, M. M. S.; FACCINA, Rosemeire Leão Silva; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *Homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 159-181.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.; ZANON, M.; FRANCO, M. I. S. M.. Manuais didáticos da década de 1970: produções do autor-professor Evanildo Bechara. In: BASTOS, N. M. O.

B.; HACKEROTT, M. M. S; FACCINA, Rosemeire Leão da Silva; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *Homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 123-139.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA JUNIOR, J. E.. Celso Pedro Luft e a Gramática Resumida. In: BASTOS, N. M. O. B.; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 3 - a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira - Lucerna, 2008, v., p. 20-35.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.. O ensino de língua em Portugal na visão de Francisco Torrinha. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 4: os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. São Paulo: EDUC, 2010, v., p. 166-185.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.. Série Prática de Português: “a prática ensina melhor que a teoria”. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Madre Olívia: uma linguista à frente do seu tempo*. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 123-141.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.; MESQUITA, R. M.. Entrelaçando ensino de português e ensino de como ensinar português: uma análise de Português através de textos, de Magda Soares. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 6 - Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.. Ensino mútuo (séc. XIX) x multisseriado (séc. XXI): perspectivas da disciplina língua portuguesa no Nordeste. *CONFLUÊNCIA*, v. 49, p. 255-270, 2015.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.. Pertença identitária no ensino de língua portuguesa em Portugal e Brasil no século XIX. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 18, p. 175-186, 2016.

IÓRIO, P. L.; NOGUEIRA, S. M.; ALMEIDA, W. J.; MESQUITA, R. M.. 'Estudo Dirigido de Português', de Reinaldo Mathias Ferreira, Marco Inicial do Modelo de Livro Didático Atual. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 7 - Língua Portuguesa na Década de Setenta: Linguística Gramática e Educação*. 1ed. São Paulo: TERRACOTA, 2016, v., p. 113-137.

IÓRIO, P. L.; ALMEIDA, Wemylla de Jesus; NOGUEIRA, Sônia Maria. Consciência lusófona em “Uma política do idioma”, de Celso Cunha: uma análise historiográfica. *Revista Linha D'Água*, v. 32, p. 169-187, 2019.

KALTNER, L. F.. Os Glossaria Linguarum Brasiliensium (1863) na Historiografia da Linguística. *CADERNOS DO CNLF (CIFEFIL)*, v. XXI, p. 1128-1133, 2017.

KALTNER, L. F.. Topônimos latinizados na Flora Brasiliensis: o relato de 1818 da Missão Austro-Alemã. *MATRAGA*, v. 24, p. 115-134, 2017.

KALTNER, L. F.. Monumenta Anchieta, latinidade e o trabalho filológico de Armando Cardoso. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)*, v. 20, p. 135-151, 2018.

KALTNER, L. F.. As fontes do De Gestis Mendi de Saa e o trabalho filológico de Armando Cardoso. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 70, p. 28-42, 2018.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L.. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *CONFLUÊNCIA*, v. 57, p. 9-35, 2019.

KALTNER, L. F.. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *CONFLUÊNCIA*, v. 56, p. 197-217, 2019.

KALTNER, L. F.. Armando Cardoso e a obra de Anchieta à luz da Historiografia Linguística. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 73, p. 215-225, 2019.

KALTNER, L. F.. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *CADERNOS DO CNLF (CIFEFIL)*, v. 23, p. 424- 439, 2019.

KALTNER, Leonardo. As fontes do De Gestis Mendi de Saa e o trabalho filológico de Armando Cardoso. In: Angela Maria Gomes. (Org.). *Fenômenos Linguísticos e Fatos de Linguagem*. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, v., p. 58-70

KALTNER, Leonardo Ferreira. O Brasil quinhentista e a historiografia linguística: interfaces. In: *Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 4*. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, v., p. 85-98.

KALTNER, Leonardo F.. Monumenta Anchieta, latinidade e o trabalho filológico de Armando Cardoso. In: Ivan Vale de Sousa. (Org.). *Grandes Temas da Educação Nacional 4*. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, v. 4, p. 202- 219.

KALTNER, L. F.; SILVA, S. C. S.. Gramaticografia latina: o conceito de gramática donatiano presente em um códice medieval português. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 26, p. 1732-1739, 2020.

KALTNER, L. F.. O conceito de gramática na obra de João de Barros (1540) à luz da Historiografia Linguística. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 26, p. 2195-2204, 2020.

KALTNER, L. F.. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597). *Global Journal of HUMAN-SOCIAL SCIENCE: G Linguistics & Education*, v. 20, p. 37-44, 2020.

KALTNER, L. F.. Monumenta Anchieta à luz da historiografia linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística*, v. 1, p. 01-15, 2020.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S. . Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 76supl, p. 750-759, 2020.

KALTNER, L. F.. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 76supl, p. 717-731, 2020.

KALTNER, L. F.. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *REVISTA DA ABRALIN*, v. 19, p. 1-25, 2020.

KALTNER, L. F.; SOUZA, T. R. M.. A tentativa de fundação de uma universidade no Brasil oitocentista e o ensino de línguas. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 75, p. 649-659, 2020.

KALTNER, L. F.; SILVA, S. C. S.. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 75, p. 1564-1572, 2020.

KALTNER, L. F.. O pensamento linguístico de Carl Fr. Ph. von Martius (1794-1868) e o idioma nacional no Brasil oitocentista. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 75, p. 2256-2266, 2020.

KALTNER, L. F.. O *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum* de Jerónimo Cardoso (1508-1569) à luz da Historiografia Linguística. In: Renata Barbosa Vicente; Cristina Lopomo Defendi. (Org.). *Estudos de linguagem em perspectiva: caminhos da interculturalidade*. 1ed. Recife/PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2020, v. 1, p. 6729-6735.

KALTNER, L. F.; SANTOS, B. P.. O Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854): uma análise pela perspectiva da historiografia linguística. In: Ivo da Costa do Rosário; Leonardo Ferreira Kaltner. (Org.). *Linguagem em diálogo com a sociedade: História, Política e Contato Linguístico*. 1ed. São Carlos/SP: Pedro & João, 2020, v. 1, p. 104-116.

KALTNER, L. F.. Os cursos de Letras no Brasil quinhentista e os Monumenta Anchieta: uma análise à luz da Historiografia da Linguística. In: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos; Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. (Org.). *Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos [recurso eletrônico]*. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, v. 1, p. 1-16.

KALTNER, L. F.. Topônimos latinizados na flora brasiliensis: o ano de 1819 da missão austro-alemã no Brasil. In: Ivan Vale de Souza. (Org.). *Linguística, Letras e Artes: Culturas e Identidades*. 1ed. Ponta Grossa: Atena, 2020, v. 1, p. 63-72.

LEITE, M. Q.. A Nova Gramática do Português Contemporâneo: tradição e modernidade. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8, p. 23-50, 2006.

LEITE, M. Q.. Alencar e a formação do pensamento crítico sobre o português do Brasil. *Língua e Literatura (USP)*, v. 27, p. 83- 120, 2010.

LEITE, M. Q.. Du portugais au latin: la place de la traduction dans *O Methodo Grammatical para todas as Linguas*, d'Amaro de Roboredo (1619). *Histoire Épistémologie Langage (Imprimé)*, v. XXXIII, p. 145-166, 2011.

LEITE, M. Q.. A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 55, p. 665-684, 2011.

LEITE, M. Q.. Considerações sobre uso e Norma na Gramática Portuguesa - *O Methodo Grammatical para todas as Linguas* (1619), de Amaro de Roboredo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13, p. 337-368, 2011.

LEITE, M. Q.. Constitución del portugués de brasil: aspectos socio-históricos. *Revista Linguística (Online)*, v. 30, p. 199-223, 2014.

- LEITE, M. Q.. Reflexos do contexto político brasileiro na fixação da norma linguística: a atuação de João Ribeiro. In: Valente, André. (Org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. 1ed. São Paulo: Parábola, 2015, v. 1, p. 197-212.
- LEITE, M. Q.. Historiografia da Linguística e História das Ideias Linguísticas: aproximação e distanciamento. In: Ronaldo Oliveira Batista. (Org.). *Historiografia da Linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2019, v., p. 139-182.
- LUNA, J. M. F.. A Política Governamental para o Ensino de Português a Imigrantes Alemães no Brasil: Geradora e Destruidora da Experiência da Escola Teuto-Brasileira. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 8, p. 59-86, 2000.
- LUNA, J. M. F.. Um capítulo da história recente desses 500 anos de língua portuguesa: as ações do governo brasileiro para educação de imigrantes alemães e o ensino de português nos sistema escolar teuto-brasileiro. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: EDUC, 2002, v., p. 63-77.
- LUNA, J. M. F.. Sobre o Movimento de Reforma e por uma Historiografia do Ensino de Línguas. *Revista da ANPOLL* (Impresso), São Paulo, v. 17, p. 177-200, 2004.
- LUNA, J. M. F.. Reflexões sobre a formação do historiógrafo da Linguística. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa em Calidoscópio*. São Paulo: EDUC, 2004, v., p. 39-47.
- LUNA, J. M. F.. A contribuição de Vivien Law para a historiografia do ensino de línguas. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua Portuguesa reflexões lusófonas*. 1ed. São Paulo: Editora PUC-SP: EDUC, 2006, v., p. 227-232.
- LUNA, J. M. F.. Observações sobre os princípios e práticas do Movimento de Reforma do Ensino de Línguas no século XIX. *Revista de Letras* (Curitiba. 1996), v. 10, p. 99-112, 2008.
- LUNA, J. M. F.. A Escola Nova Alemã de Blumenau e o seu Programa de Português. *Política e Gestão Educacional* (Online), v. 07, p. 01-16, 2009.
- LUNA, J. M. F.. Influência da segunda guerra no ensino de português como língua estrangeira no Brasil e nos Estados Unidos: por uma historiografia da educação linguística. *Teoria e Prática da Educação*, v. 14, p. 139- 149, 2011.
- LUNA, J. M. F.. A Influência da Segunda Guerra Mundial no Português do Brasil nos Estados Unidos. *Revista da ANPOLL* (Impresso), v. 1, p. 112-131, 2011.
- LUNA, J. M. F.. O *Army Method* e o desenvolvimento da linguística aplicada nos Estados Unidos. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (Impresso), v. 12, p. 15-30, 2011.
- LUNA, J. M. F.. Por uma historiografia da formação de professores de português como língua estrangeira. *Revista Letras* (Curitiba), v. 86, p. 61-79, 2012.
- LUNA, J. M. F.. O português do Brasil nos Estados Unidos dos anos de 1940. *Hispania* (University, Miss), v. 95, p. 734-748, 2012.

LUNA, J. M. F.. Por uma historiografia da formação de professores de português como língua estrangeira nos Estados Unidos. In: José Marcelo Freitas de Luna. (Org.). *Ensino de Português nos Estados Unidos história, desenvolvimento, perspectivas*. 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, v., p. 21-41.

LUNA, J. M. F.; Soares, S ; Machado, D. T ; SILVA, W. S. . Considerações sobre a docência de Português como Língua Estrangeira. *Calidoscópico* (UNISINOS), v. 11, p. 14-20, 2013.

LUNA, J. M. F.. A presença (expansão atual) do português brasileiro nos EUA. *Signotica* (UFG), v. 26, p. 183-196, 2014.

LUNA, J. M. F.; Machado, D. T.; PINTO, V.. Uma historiografia da educação linguística de surdos. *Entrelinhas* (UNISINOS. Online), v. 9, p. 137-154, 2015.

LUNA, J. M. F.. Uma perspectiva historiográfica à presença do Português Brasileiro nos EUA. In: Vânia Cristina Casseb Galvão. (Org.). *Políticas de promoção e de ensino da Língua Portuguesa ao redor do Mundo*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2015, v. 1, p. 190-205.

LUNA, J. M. F.. Uma historiografia do ensino do português: por uma perspectiva historiográfica na formação dos professores de línguas. In: Vera Lucia Harabagi Hanna. (Org.). *Letras no terceiro Milênio: diálogos transdisciplinares*. 1ed. São Paulo: Mackenzie, 2015, v. 1, p. 79-96.

LUNA, J. M. F.. Pelos 100 anos de um marco para o ensino de português como língua segunda/estrangeira. *ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO* (FURB), v. 48, p. 166-180, 2016.

LUNA, J. M. F.; BATISTA, L. M.. O Movimento de Reforma do Ensino de Línguas e as Metas Curriculares de Português - 130 anos que se relacionam. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 18, p. 158-174, 2016.

LUNA, J. M. F.; GOTZINGER, A. B.. A representação de imigrante e de sua representação de educação linguística na imprensa catarinense: um estudo historiográfico. *SEDA - Revista de Letras da Rural*, v. 2, p. 28-54, 2017.

LUNA, J. M. F.; GOTZINGER, A. B.. A representação de imigrantes no Brasil pela imprensa do país ao longo do período de 1900 a 2015. *ENTRELINHAS* (UNISINOS. ONLINE), v. 11, p. 171-186, 2017.

LUNA, J. M. F.; GOTZINGER, A. B.. A representação de educação linguística de imigrantes no Brasil. *REVISTA X*, v. 12, p. 90-106, 2017.

MILANI, S. E.. Historiografia dos estudos de Willian D. Whitney: a lei do menor esforço. *Linha d'Água*, v. 20, p. 37-47, 2007.

MILANI, S. E.. Historiografia Lingüística: língua e linguagem. *Extensão e Cultura* (UFG), v. 1, p. 123-129, 2008.

- MILANI, S. E.. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras* (Online), v. V. 25, p. 55-71, 2009.
- MILANI, S. E.; SILVA, D. M.. A gênese historiográfica linguístico-científica de Labov. *Linha d'Água*, v. 24, p. 127-146, 2011.
- MILANI, S. E.; SILVA, D. M.. O *locus* da langue como um sistema e como um fato social no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *Intertexto* (Uberaba), v. 5, p. 1-20-20, 2012.
- MILANI, S. E.; SILVA, D. M.. Uma teoria social da lingua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. *Linha d'Água*, v. 02, p. 01-24, 2012.
- MILANI, S. E.; SILVA, D. M.. O *locus* da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov (The locus of language: metatheoretical reflections on the notion of language as a social fact in William Labov). *Estudos da Língua(gem)* (Online), v. 12, p. 51-71, 2014.
- MILANI, S. E.. Locke: as palavras são sinais sensíveis para as ideias. *Revista UFG* (Impresso), v. 14, p. 255-266, 2015.
- MILANI, S. E.. O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin. *Signo* (UNISC. Online), v. 40, p. 55-65-65, 2015.
- MILANI, S. E.; ROSA, H. N.. Ensaio sobre o pensamento humano. *Forproll*, v. 01, p. 115-123, 2017.
- MILANI, S. E.; REGO, J.. Estudos sobre línguas e linguagem antes do nascimento da linguística moderna. *REVISTA DE LETRAS NORTE@MENTOS*, v. 11, p. 1-18, 2018.
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini; BARROS, Candida; MOTA, Jaqueline. Uma proposta de tradução do Sexto Mandamento de Deus em um confessionário tupi da Amazônia de 1751. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. v. 29, p. 160-176, 2009.
- MONSERRAT, RUTH.; BARROS, Cândida. Notas sobre um catecismo manuscrito na língua geral. In: Consuelo Alfaro Lagorio; Maria Carlota Rosa; José Ribamar Bessa Freire. (Org.). *Políticas de línguas no Novo Mundo*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, v., p. 127-148.
- MORAES, J. V.. Visão antropológica e etnográfica em Serafim da Silva Neto: relações entre ciências da linguagem e antropologia. *Revista Ciências na Serra*, v. 1, p. 59-66, 2010.
- MORAES, J. V.. Hugo Schuchardt, os neogramáticos e as leis fonéticas: um debate de interesse historiográfico. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. I, p. 115-136, 2019.
- MORAES, J. V.. Aspectos da variação linguística na Arte da Lingva de Angola de Pedro Dias de 1697 e na Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola de Héli Chatelain (1888/89). *REVISTA METALINGUAGENS*, Vol. 6, p. 10-37, 2020.
- NASCIMENTO, J. V.. Concepção e princípios da historiografia linguística. *Interletras* (Dourados), Dourados, 2005.

NASCIMENTO, J. V.. Fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Lingüística. In: Jarbas Vargas Nascimento. (Org.). *A Historiografia lingüística: rumos possíveis*. São Paulo: Edições Pulsar, Terras do Sonhar, 2005, v., p. 11-30.

NASCIMENTO, J. V.. Norma e usos lingüísticos na história e no ensino de língua portuguesa. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua portuguesa - reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC, 2006, v., p. 277-284.

NASCIMENTO, J. V.. A sintaxe de elementos circunstanciadores da sentença na Grammatica Portuguesa, de Júlio Ribeiro. In: Leonor Lopes Favero, Neusa Barbosa Bastos, Sueli Cristina Marquesi. (Org.). *Língua Portuguesa - pesquisa e ensino*. 1ed. São Paulo: EDUC, 2007, v. 1, p. 63-72.

NASCIMENTO, J. V.; SIQUEIRA, João Hilton S; NARDOCCI, Izilda Maria. Compra e Venda de homens negros: uma prática cartorial do século XIX. In: Ana Cristina Carmelino, Juscelino Pernambuco, Luiz Antinio Ferreira. (Org.). *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. 1ed. Franca: editora Unifran, 2007, v. 2, p. 63-76.

NASCIMENTO, J. V.; TOSCANO, Diego Marsalla. A crônica "19 de maio de 1888", de Machado de Assis: marcas e mecanismos histórico-lingüísticos. *Miscelânea* (Assis. Online), v. 4, p. 10-25, 2008.

NASCIMENTO, J. V.; XAVIER, Wendell Lessa. As funções do pronome SE: entre Othoniel Motta e Said Ali. *Encontros de Vista*, v. 2, p. 67-76, 2008.

NASCIMENTO, J. V.; NOGUEIRA JÚNIOR, José Everaldo. Historiografia Lingüística e ensino de Língua Portuguesa. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Língua portuguesa - lusofonia memória e diversidade cultural*. 1ed. São Paulo: EDUC, 2008, v., p. 93- 108.

NASCIMENTO, J. V.; SILVA, L. S.. A Imprensa Negra no início do Século XX em São Paulo: uma perspectiva historiográfica. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN*, v. 2, p. 7-21, 2011.

NOGUEIRA, Sônia Maria; BASTOS, Neusa Barbosa; IÓRIO, Patrícia S. L. Di. Língua Portuguesa e ensino (séculos XIX e XX): perspectivas historiográficas. In: Cláudio Cesar Henriques; Darcília Simões. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005, v. único, p. 124-135.

NOGUEIRA, Sônia Maria; NOGUEIRA JÚNIOR, José Everaldo. Gramática e ensino de Português no Maranhão do século XIX *Grammatica Elementar da Língua Portuguesa* de Filipe Benicio de Oliveira Condurú. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada II*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, v. único, p. 17-40.

NOGUEIRA, Sônia Maria; SILVA, Maurício. Percurso Gramaticográfico de Celso Cunha: da Gramática do Português Contemporâneo à Nova Gramática do Português Contemporâneo. In: BASTOS, Neusa Maria; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História Entrelaçada 3*. 1ed. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2008, v. 1, p. 122-138.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Silvestre Di; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. Auxiliando o docente: guias de estudo de língua e de linguagem. In: Neusa Maria

Oliveira Barbosa Bastos et alii. (Org.). *Homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 159-181.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Silvestre Di; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello; ZANON, Marilena. Manuais didáticos da década de 1970: produções do autor-professor Evanildo Bechara. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos et alii. (Org.). *Homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara*. 1ed. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 123-139.

NOGUEIRA, Sônia Maria. Estudos historiográficos e o ensino de Língua Portuguesa. *CADERNOS DO CNLF (CIFEFIL)*, v. 4, p. 582-598, 2009.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Silvestre Di. O ensino de língua em Portugal na visão de Francisco Torrinha. In: BASTOS, Neusa Maria; PALMA, Dieli (Orgs.). *História Entrelaçada 4: os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1ed. Rio de Janeiro/RJ: Lucerna, 2010, v. único, p. 166-185.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Silvestre Di. Série prática de português: “a prática ensina melhor que a teoria”. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Madre Olívia: uma linguista à frente do seu tempo*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2012, v. 1, p. 123-141.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Silvestre Di; MESQUITA, R. M.. Entrelaçando ensino de português e ensino de como ensinar português: uma análise de "Português através de textos", de Magda Soares. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 6: língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v. 1.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia S. L. Di. Ensino mútuo (séc. XIX) x multisseriado (séc. XXI): perspectivas da disciplina Língua Portuguesa no Nordeste. *CONFLUÊNCIA*, v. 1, p. 255, 2015.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia S. L. Di. Pertença identitária no ensino de Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil no século XIX. *Revista todas as letras (MACKENZIE. Online)*, v. 18, p. 175-186, 2016.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia S L Di; ALMEIDA, Wemylla de Jesus; MESQUITA, R. M.. Estudo dirigido de português, de Reinaldo Mathias Ferreira, marco inicial do modelo de livro didático atual. In: Dieli Vesaro Palma e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação (Coleção história entrelaçada 7)*. 1ed.São Paulo/SP: Terracota, 2016, v. 1, p. 113-137.

NOGUEIRA, Sônia Maria; BASTOS, Débora Silva. Análise historiográfica da obra Compendio da grammatica portugueza, do maranhense Padre Antonio da Costa Duarte. In: Fabrício Nascimento de Moura. (Org.). *O poder do imaginário: diálogos com a antiguidade, o medievo e outras temporalidades*. 1ed. Imperatriz: ETHOS, 2016, v. 1, p. 549-568.

NOGUEIRA, Sônia Maria; MOREIRA, R. A.. Análise do discurso e historiografia linguística: materiais didáticos de língua portuguesa. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 1, p. 450-473, 2017.

NOGUEIRA, Sônia Maria; OLIVEIRA, M. J.. Análise do discurso no manual didático Português Linguagem, de Cereja e Cochar (2015) adotado em Açailândia-MA. *Revista A Palavrada*, v. 01, p. 1-14, 2018.

NOGUEIRA, Sônia Maria; IÓRIO, Patrícia Leite Di; ALMEIDA, Wemylla de Jesus. Consciência lusófona em *Uma política do idioma*, de Celso Cunha. *LINHA D'AGUA*, v. 32, p. 169-187, 2019.

NOGUEIRA, Sônia Maria. Nacionalismo nas obras do português Mário Duarte de Vasconcelos e do brasileiro João Ribeiro na década de 1920. *VERBUM - Cadernos de Pós-Graduação*, v. 1, p. 40-58, 2019.

NOGUEIRA, Sônia Maria; CARVALHO, Débora Silva Bastos; MACEDO, Isabel Delice Gomes. Livros didáticos lusófonos: a semântica no sexto ano de Cabo Verde e do Brasil. *VERBUM - Cadernos de Pós-Graduação em Letras (online)*, v. 20, p. 91-103, 2020.

NOGUEIRA, Sônia Maria; ALMEIDA, W. J.. Entre palavras, de Mauro Ferreira: o ensino de língua portuguesa do livro didático (5ª a 8ª séries) no Maranhão na década de 1990. In: PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Barbosa. (Org.). *História entrelaçada 9: língua portuguesa na década de 1990: linguística, gramática, redação e educação*. 1ed. São Paulo/SP: Pá de Palavra, 2020, v. 1, p. 161-181.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, N. M. O. B.. Elos Portugal e Brasil: João de Barros e Anchieta. *Revista de Letras (Fortaleza)*, v. 1/2, p. 50-56, 2004.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. Porta de línguas: gramáticas e ensino numa visão plurilingue. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004, v., p. 45-74.

PALMA, Dieli Vesaro; MENDES, M. F. C.. A Gramática Normativa da Língua Portuguesa de Rocha Lima: a continuidade nos estudos gramaticais. In: Neusa Barbosa Bastos e Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 2*. Rio de Janeiro, 2006, v. único, p. 08-165.

PALMA, Dieli Vesaro. Gêneros textuais e sua relação com o passado e o presente. In: Bastos, N. M. B. O. (Org.). *Língua Portuguesa - Reflexões lusófonas*. São Paulo: Editora PUCSP-EDUC, 2006, v., p. 09-394.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Barbosa; FACCINA, Rosemeire Leão da Silva. O Grande professor eterno. In: Dieli Vesaro Palma; Maria Mercedes Saraiva Hackerott; Neusa Barbosa Bastos; Rosemeire Silva Faccina. (Org.). *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 07-197.

PALMA, Dieli Vesaro; MENDES, M. F. C.. A Moderna gramática portuguesa de Evanildo Bechara: uma proposta para o século XXI. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 3 - A construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa*

na segunda metade do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2008, v., p. 07-191.

PALMA, Dieli Vesaro; ALMEIDA, M. E.; ALVES, S.. A Seleta em Prosa e Verso e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. In: Neusa Barbosa Bastos - Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 4 - Os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, v. único, p. 07-229.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. Estudos de Língua Portuguesa novecentista: os discursos pedalinguísticos em Portugal e no Brasil - 1900 a 1920. In: Neusa Barbosa Bastos - Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 4 - Os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, v. único, p. 07-229.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Barbosa. Madre Olívia: o perfil de uma professora em uma construção polifônica. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Madre Olívia: uma linguista à frente do seu tempo*. 1ed. São Paulo: Terracota Editora, 2012, v., p. 29-43.

PALMA, Dieli Vesaro; FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. Flor do Lácio: a prática da redação imitativa e o ensino da produção escrita. *História Entrelaçada 6: Língua Portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, v. 01, p. 02-395.

PALMA, Dieli Vesaro; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. Fatos da Língua Portuguesa, de Mario Barreto: uma perspectiva historiográfica. *CONFLUÊNCIA*, v. único, p. 124, 2015.

PALMA, Dieli Vesaro; FRANCO, M. I. S. M.. O Ensino de Redação na Década 1970 sob múltiplo enfoque: um estudo na perspectiva da Historiografia Linguística. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 7 - Língua Portuguesa na Década de Setenta: Linguística, Gramática e Educação*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2016, v. único, p. 07-203

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, N. B.. As ideias linguísticas de Duarte Nunes do Leão: contribuições à gramaticografia portuguesa. *CONFLUÊNCIA*, v. único, p. 35-56, 2017.

PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Barbosa. Historiografia Linguística: um percurso. *VERBUM - Cadernos de Pós Graduação*, v. 8, p. 6-18, 2019.

PALMA, Dieli Vesaro; ZILIO-PASSERINI, T.. As Lições de Gramática de Luiz Antônio Ferreira: a proposta de uma gramática para o dia a dia. In: Dieli Vesaro Palma / Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *História Entrelaçada 9 - Língua Portuguesa na Década de 1990: linguística, gramática, redação e educação*. 1ªed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, v. único, p. 81-106.

PALMA, Dieli Vesaro; FRANCO, M. I. S. M.. A década de 1990: a reconstrução do espírito de época. *História Entrelaçada 9 - Língua Portuguesa na década de 1990: linguística, gramática, redação e educação*. 1ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, v. único, p. 11-31.

PORTELA, Jean Cristtus. A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil. *ESTUDOS SEMIÓTICOS* (USP), v. 9, p. 15-21, 2013.

PORTELA, J. C.. Sémiotique de la bande dessinée: regards sur la théorie franco-belge. *Signata - Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics*, v. 7, p. 391-407, 2016.

PORTELA, J. C.. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *ESTUDOS SEMIÓTICOS* (USP), v. 14, p. 138- 143, 2018.

ROSA, Maria Carlota. As línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no ensino de línguas estrangeiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n.2, p. 97-149, 1997.

ROSA, Maria Carlota. Às voltas com o estabelecimento de um corpus para traçar um panorama da tradição gramatical greco-latina. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 08, p. 1-15, 2010.

ROSA, Maria Carlota. Era uma vez uma gramática que não tinha morfologia. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. especial, p. 25-38, 2013.

SILVA, Maurício. Reforma Ortográfica e Nacionalismo Lingüístico no Brasil: Uma Abordagem Histórico-Discursiva. *Signo, Rio Grande do Sul*, v. 25, n.39 jul/dez, p. 07-29, 2000.

SILVA, Maurício. Reforma Ortográfica e Nacionalismo Lingüístico no Brasil: Uma Abordagem Histórico-Discursiva. *Letras*, Campinas, v. 20, n.1/2, p. 99-122, 2001.

SILVA, Maurício. Reflexões acerca do Sentido da História na Historiografia Lingüística. *Portal do Curso de Letras*. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas., São Paulo/SP, 2005.

SILVA, Maurício. Reflexões acerca do Sentido da História na Historiografia Lingüística. *IV Jornada Nacional de Filologia*. A Filologia de Ontem, de Hoje e de Amanhã, São Paulo/SP, 2005.

SILVA, Maurício. Princípios metodológicos e fundamentação teórica da gramaticografia: por uma história cultural da gramática portuguesa. *Revista da ABRALIN*, v. 05, p. 61-81, 2006.

SILVA, Maurício. Gramática e Historiografia Lingüística: reflexões acerca de alguns princípios metodológicos. *Revista do GEL* (Araraquara), v. 03, p. 59-66, 2006.

SILVA, Maurício. A gramática brasileira novecentista: uma história. *Letra Magna* (Online), v. 03, p. 01-09, 2006.

SILVA, Maurício. Fundamentos do Discurso Gramatical Brasileiro: A Gramática Portuguesa (1887) de João Ribeiro. In: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 2: A Construção de Gramáticas e o Ensino da Língua Portuguesa na Primeira Metade do Século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, v.

SILVA, Maurício; ARAKAKI, Nancy. Bechara Linguista: alguns fundamentos linguísticos da teoria gramatical de Evanildo Bechara. In: BASTOS, Neusa Bastos; PALMA, Dieli Vesaro; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva; FACCINA, Rosemeire Leão Silva. (Org.). *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 141-157.

SILVA, Maurício; NOGUEIRA, Sônia. Percurso gramaticográfico de Celso Cunha: da Gramática do Português Contemporâneo à Nova Gramática do Português Contemporâneo. In: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Org.). *História Entrelaçada 3 - A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na Segunda Metade do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, v. p. 122-138.

SILVA, Maurício. Gramática e história cultural: alguns fundamentos teóricos. *Estudos da Língua(gem) (Impresso)*, v. 07, p. 119-130, 2009.

SILVA, Maurício. Reflexões acerca do sentido da história na historiografia lingüística. *Recorte (UninCor)*, v. 07, p. 01-10, 2010.

SILVA, Maurício. Júlio Ribeiro polemista: um capítulo da história das querelas linguísticas no Brasil. *Polifonia (UFMT)*, v. 22, p. 109-124, 2010.

SILVA, Maurício. A nossa gramática: algumas reflexões teóricas acerca da constituição da identidade gramatical brasileira. *Revista (con) textos linguísticos (UFES)*, v. 01, p. 99-110, 2010.

SILVA, Maurício. Júlio Ribeiro Polemista: Um capítulo da história das querelas linguísticas no Brasil. *Confluência (Rio de Janeiro)*, v. 01, p. 283-295, 2011.

SILVA, Maurício. Entre o uso e a norma: uma introdução à gramaticografia da língua portuguesa no Brasil da passagem do século (1880-1920). *Intersecções (Jundiaí)*, v. 04, p. 238-247, 2011.

SILVA, Maurício. Educação e linguagem: algumas considerações sobre o ensino de gramática da língua portuguesa no Brasil. In: DIAS, Elaine T. Dal Mas; LORIERI, Marcos Antônio. (Org.). *Educação hoje: vários olhares*. 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, v. 01, p. 107-117.

SILVA, Maurício. Júlio Ribeiro, leitor de Schleicher: linguística e positivismo no Brasil do final do século XIX. *Diacrítica (Braga)*, v. 01, p. 247-267, 2012.

SILVA, Maurício. Luta de línguas: panorama histórico-cultural da língua portuguesa no Brasil do século XVI. *Acta Scientiarum. Language and Culture (Online)*, v. 34, p. 277-285, 2012.

SILVA, Maurício. Gramática da língua portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960). *PAPÉIS (UFMS)*, v. 18, p. 154-168, 2014.

SILVA, Maurício. Educação e linguagem: algumas considerações sobre e ensino de gramática da língua portuguesa no Brasil. *Intersecções (Jundiaí)*, v. 07, p. 63-73, 2014.

SILVA, Maurício. Luta de Línguas: panorama histórico-cultural da língua portuguesa no Brasil do século XVI. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, p. 36-49, 2014.

SILVA, Maurício. Gramática da Língua Portuguesa no Brasil: um estudo da gramaticografia brasileira pré-NGB (1930-1960). In: SILVA, José Pereira da; NASCIMENTO, Luciana Marino do (Org.). *Textos da memória - a memória dos textos. Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 01, p. 112-123.

SILVA, Maurício. Entre a linguística e a literatura: percursos interdisciplinares. *EntreLetras (Online)*, v. 06, p. 161-174, 2016.

SILVA, Maurício. Júlio Ribeiro, leitor de Schleicher: linguística e positivismo no Brasil do final do século XIX. *CALETROSCÓPIO*, v. 05, p. 26-44, 2017.

SILVA, Maurício. A língua portuguesa e o acordo ortográfico de 1986/1990: retratos de uma polêmica anunciada. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 23, p. 26-38, 2017.

SILVA, Maurício. Fundamentos do discurso gramatical brasileiro: a Grammatica Portugueza (1887) de João Ribeiro. *EntreLetras (Online)*, v. 08, p. 172-192, 2017.

VIEIRA, F. E.. Demandas e propósitos de duas gramáticas brasileiras contemporâneas do português. *Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)*, v. 20, p. 12-29, 2018.

VIEIRA, F. E.; MEDEIROS, E. G.. Colocação pronominal na Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara: comparando as abordagens das 1ª e 37ª edições. *DLCV (UFPB)*, v. 15, p. 143-173, 2019.

VIEIRA, F. E.; ALEXANDRE, D. J. A.. O elemento gramatical 'lo' em publicações didáticas brasileiras da década de 1940: Historiografia da Linguística e ensino de espanhol. *INVESTIGAÇÕES (ONLINE)*, v. 33, p. 1-22, 2020.

VIEIRA, F. E.. A sintaxe no Brasil: notas historiográficas e eixos temáticos de investigação. *ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA (UNESP. ONLINE)*, v. 64, p. 1-29, 2020.

VIEIRA, F. E.; GUEIROS, L.. Historiografia da Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: da gramática tradicional à tradição sociodiscursiva. In: Ronaldo de Oliveira Batista; Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Questões em historiografia da linguística - Homenagem a Cristina Altman*. 1ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, p. 208-255.

VIEIRA, F. E.. Tradição gramatical: história, epistemologia e ensino. In: Francisco Eduardo Vieira; Marcos Bagno. (Org.). *História das línguas, histórias da Linguística: homenagem a Carlos Alberto Faraco*. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020, p. 85-125.

VITRAL, L. T.. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. *Revista do GEL*, v. 7, p. 53-99, 2010.

ZANON, M.; FACCINA, Rosemeire da Silva. A Arte da Gramática da Língua Portuguesa, de Reis Lobato, e sua contribuição para o ensino de Português no Brasil do século XVIII. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada. A Construção de*

Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa do Século XVI ao XIX. 1ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 75-89.

ZANON, M.; ALMEIDA, Miguel Eugênio. A Gramática Portuguesa de Mário Pereira de Souza Lima. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 2. A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do século XX*. 1ed. São Paulo: Lucerna, 2006, v. 2, p. 102-117

ZANON, M.. Os Manuais de Correspondências Comerciais (1950-2000): Uma Interpretação à Luz da Historiografia Linguística. *GeSec: Revista de Gestão e Secretariado*, v. 1, p. 139-163, 2010.

ZANON, M.; ARAKAKI, N. A.. O ensino de língua portuguesa em Moçambique na construção do império português: a gramática de José Maria Relvas. In: Neusa Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma. (Org.). *História Entrelaçada 4 - os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 19-43.

ZANON, M.; CASAGRANDE, Nancy dos Santos; BRITO, R. P.. Dino Preti e sua obra da década de 1970: Aprendendo Português - lições de língua, comunicação e expressão. In: Dieli Vesaro Palma; Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *História entrelaçada 7 - Língua Portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. 1ed. São Paulo: Terracota, 2016, v. 7, p. 183-196.